



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Estranhos domínios:

Objetos voadores não identificados na História política do Brasil (1945-1969).

JOÃO FRANCISCO SCHRAMM

BRASÍLIA

2022

JOÃO FRANCISCO SCHRAMM

Estranhos domínios:

Objetos voadores não identificados na História política do Brasil (1945-1969).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História

Linha de pesquisa: Política, Instituições e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

BRASÍLIA

2022

JOÃO FRANCISCO SCHRAMM

Estranhos domínios

Objetos voadores não identificados na História política do Brasil (1945-1969).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História. A tese foi avaliada pela comissão avaliadora abaixo assinada.

**Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes**

Departamento de História – UnB  
(Orientador)

**Prof. Dr. Carlos Alberto Machado**

Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro

**Prof. Dr. Hugo Studart**

Universidade Católica de Brasília - UCB

**Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria**

Departamento de História – UnB

**Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal**

Departamento de História – UnB  
(Suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Universidade de Brasília

Brasília, setembro de 2022

Schramm, João Francisco.

Estranhos domínios: Objetos voadores não identificados na História política do Brasil (1945-1969).

367f.

Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História.

1 Óvnis. 2 Guerra Fria. 3 Forças Armadas. 4 Guerra Cultural. 5 Hipótese Extraterrestre. 6 Hipótese Multidimensional. 7 Multinaturalismo. 8 Ontologia Alienígena.

## **Resumo:**

Esta tese tem como tema investigar como que óvnis (objetos voadores não identificados) mobilizaram as Forças Armadas, o Estado e a sociedade brasileira. No intuito de melhor esclarecer a proposta da pesquisa, apresentaremos um balanço do atual estado da arte das pesquisas acadêmicas relativas ao tema, com o fito de ressaltar uma proposta epistemológica integradora. Além disso, na forma de uma pesquisa temática e introdutória, apresentaremos uma pesquisa cronológica das fontes da Força Aérea Brasileira presentes no “fundo óvni” do Arquivo Nacional, ao destacar, numa perspectiva de longa duração, os aspectos centrais de uma história política institucional. Concomitante, apresentaremos também o debate presente na literatura especializada da área, destacando as inflexões teóricas próprias do campo ao longo das décadas. Dando prosseguimento a esses estudos introdutórios, ressaltaremos, de forma mais detalhada, as primeiras fontes militares sobre óvnis que ocorreram durante a Segunda Grande Guerra, abrindo espaço, em seguida, para uma investigação do contexto histórico da “primeira onda de discos voadores” de 1947 nos EUA. Por outro lado, no Brasil, discutiremos como que a imprensa, o Estado e as Forças Armadas lidaram com os relatos sobre óvnis mais relevantes da década de 1950, em notícias que mobilizaram toda a sociedade nacional. Ainda na década de 1950, discutiremos como que durante os primeiros anos da corrida espacial e no auge dos testes atômicos, eventos relacionados a óvnis passaram a incluir situações díspares, como a abdução e as experiências de contato, indo muito além de meras observações de óvnis nos céus. Por conseguinte, a pesquisa ressaltará a história de um escritor que durante o regime militar liderou uma seita que associava discos voadores com eventos bíblicos e com a Guerra Fria. Nesse caso, destacaremos a história do “primeiro contatado brasileiro” e sua especial relação como informante do governo, além de executor de atípicas operações de guerra psicológica, na forma de atentados terroristas de falsa bandeira, no conturbado período que antecedeu a efetivação do regime ditatorial, em 13 dezembro de 1968. Por fim, a pesquisa abrirá espaço para reflexões entre os eventos investigados nos capítulos, sob o prisma de conceitos como “manipulação cultural”, “criação de falsos cenários”, “guerra psicológica” etc., inseridos numa reflexão abrangente, a contar com contribuições teóricas do atual estado da arte da pesquisa especializada sobre o tema, tendo em vistas as possíveis contribuições que esse estudo tem a oferecer à História e às ciências humanas no geral.

**Palavras chave:** Óvnis, Guerra Fria, Forças Armadas, Guerra Cultural, Hipótese Extraterrestre, Hipótese Multidimensional, Multinaturalismo, Ontologia Alienígena.

**Abstract:**

The theme of this thesis is to investigate how UFOs (unidentified flying objects) mobilized the Armed Forces, the State and Brazilian society. In order to better clarify the research proposal, we will present an overview of the current state of the art of academic research on the subject, with the aim of highlighting an integrative epistemological proposal. In addition, in the form of a thematic and introductory research, we will present a chronological research of the Brazilian Air Force sources present in the "UFO fund" of the National Archive, by highlighting, in a long-term perspective, the central aspects of an institutional political history. Continuing with these introductory studies, we will highlight, in more detail, the first military sources about UFOs that occurred during World War II, opening space for an investigation of the immediate context present in the "first wave of flying saucers" of 1947 in the USA. On the other hand, we will discuss how, in Brazil, the press, the State and the Armed Forces dealt with the most relevant UFO reports of the 1950s, in news that mobilized the entire national society. Still in the 1950s, we will discuss how during the first years of the space race and at the height of atomic tests, events related to UFOs began to include disparate situations, such as abduction and contact experiences, going far beyond mere observations of UFOs in the skies. Therefore, the research will highlight the story of a writer who during the military regime led a sect that associated flying saucers with biblical events and the Cold War. In this case, we will highlight the story of the "first Brazilian contactee" and his special relationship as a government informant, as well as executor of atypical psychological warfare operations, in the form of false flag terrorist attacks, in the troubled period that preceded the implementation of the dictatorial regime, on December 13, 1968. Finally, the research will open space for reflections on the events investigated in the chapters, under the prism of concepts such as "cultural manipulation", "creation of false scenarios", "psychological warfare" etc., inserted in a comprehensive reflection, relying on theoretical contributions from the current state of the art of specialized research on the subject, bearing in mind the possible contributions that this study has to offer to History and the humanities in general.

**Keywords:** UFOs, Cold War, Armed Forces, Cultural War, Extraterrestrial Hypothesis, Multidimensional Hypothesis, Multinaturalism, Alien Ontology.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	3
<b>Introdução</b> .....	13

### Capítulo I

#### **O estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre objetos voadores não identificados**

1.1 Tendência cultural redutiva.....	22
1.2 Tendência cultural descritiva.....	23
1.3 Tendência cultural expansiva.....	25
1.4 Tendência epistemológica.....	28
1.5 Tendência política.....	31
1.6 Tendência integradora.....	36

### Capítulo II

#### **Cronologia do *fundo óvni* do Arquivo Nacional**

2.1 Década de 1950.....	47
2.2 Década de 1960.....	55
2.3 Década de 1970.....	64
2.4 Década de 1980 em diante.....	75

### Capítulo III

#### **O domínio do ar: surgimento, impacto e evolução do poder aéreo nas duas grandes guerras mundiais**

3.1 O emprego estratégico do poder aéreo.....	96
3.2 O caso dos <i>foo fighters</i> : as primeiras referências militares sobre óvnis.....	110
3.3 As pesquisas estatais no pós-guerra.....	127

## Capítulo IV

### A era moderna dos discos voadores

4.1 O surgimento de uma nova entidade cultural.....	134
4.2 A Guerra dos Mundos e o suposto pânico das massas.....	138
4.3 O nascimento do disco voador.....	150
4.4 O incidente Roswell.....	161

## Capítulo V

### O Brasil e os óvnis na década de 1950

5.1 Carl Gustav Jung e o novo mito moderno.....	185
5.2 O contexto cultural e tecnológico do Brasil nos anos de 1950.....	191
5.3 O caso da ilha da Trindade.....	200

## Capítulo VI

### Novos limites dos fenômenos relacionados a óvnis no Brasil e no Mundo

6.1. Uma época de rupturas tecnológicas.....	225
6.2 As explosões no Nordeste.....	236
6.3 Novas situações possíveis dos fenômenos relacionados a óvnis.....	248

## Capítulo VII

### A saga de Aladino Félix

7.1 Dino Kraspedon: o primeiro contatado brasileiro.....	258
7.2 Sábado Dínotos: o informante da revolução.....	266
7.3 Aladino Félix: o terrorista da revolução.....	281
<b>Conclusão.....</b>	<b>321</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>330</b>
<b>Fontes documentais e da imprensa; filmes e documentários; sítios da internet.....</b>	<b>347</b>



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Cédula individual de pesquisadores associados ao Cioani ([1969](#)).
- Figura 2** - Insígnia do Cioani ([1969](#)).
- Figura 3** – Foguete balístico V2 (*Vergeltungswaffe 2*) “arma de retaliação” ([1942](#)).
- Figura 4** – Mapa sobre a companhia de bombardeio estratégico dos Aliados ([2004](#)).
- Figura 5** – Capa do livro *Smokey Stover: the foolish foo fighter* ([1945](#)).
- Figura 6** – Membros de Grupo de Bombardeio ao lado do Smokey Stover Jr. ([2012](#)).
- Figura 7** – Aeronave *Bristol Beaufighter* (Museu Nacional da [Usaf](#)).
- Figura 8** – Aeronave caça Messerschmitt Me 262 (Museu Nacional da [Usaf](#)).
- Figura 9** – Aeronave caça F-86 Sabre da Usaf (Museu Nacional da [Usaf](#)).
- Figura 10** – Míssil ar-ar Ruhtstahl X-4 guiado por fio (Museu Nacional da [Usaf](#)).
- Figura 11** – Unidade de artilharia em batalha contra engenhos marcianos ([1955](#)).
- Figura 12** – Engenho marciano em batalha contra terráqueos ([1906](#)).
- Figura 13** – Vulcão Monte Reinier ([2005](#)).
- Figura 14** – Retrato falado de um dos objetos observados por Keneth Arnold ([1966](#)).
- Figura 15** – Desenho inicial presente no relatório oficial de Keneth Arnold ([1947](#)).
- Figura 16** – Capa do jornal *Roswell Daily Record* do dia 8 de julho de 1947 ([1947](#)).
- Figura 17** – Oficiais posam para fotografia com restos de balão meteorológico ([1947](#)).
- Figura 18** – Major Jesse Marcel posa para jornalistas em 1947 ([2017](#)).
- Figura 19** – Jesse Marcel, já na reserva, em documentário ([1980](#)).
- Figura 20** – Mapa da ilha da Trindade ([2019](#)).
- Figura 21** – Face Sul-Sudeste da ilha da Trindade ([1998](#)).
- Figura 22** – Navio-Escola e Navio-Oceanográfico Almirante [Saldanha](#).
- Figura 23** – Fotos de disco voador nos arredores da Trindade ([1958](#)).
- Figura 24** – Quadro com as fotos do disco voador de Baraúna ([1958](#)).
- Figura 25** – Aeronave Avro Arrow ([1957](#)).
- Figura 26** – Aeronave Lockheed [F-104](#).
- Figura 27** – Míssil X-17 Lockheed com ogiva acoplada em sua ponta ([1958](#)).
- Figura 28** – Quadro do vídeo da explosão da *Tsar Bomb* em 1961 ([2020](#)).
- Figura 29** – Quadro comparativo de dimensões de “nuvens de cogumelo” ([2021](#)).
- Figura 30** – Quando sobre testes nucleares atmosféricos ([2012](#)).
- Figura 31** – Foto de explosão atômica espacial (*Starfish Prime*) em Honolulu ([1962](#)).
- Figura 32** - Croqui de um disco voador desenhado por Dino Kraspedon ([1958](#)).
- Figura 33** – Capa da matéria “A fantástica história do golpe que não houve” ([1968](#)).

## **Apresentação**

Meu envolvimento inicial com o tema se deu no final de minha graduação em Antropologia. Naquela época, acredito que em meados de setembro de 2008, um estranho fenômeno teria ocorrido em Brasília, a que pude acompanhar desde o seu início. Uma canalizadora australiana (pessoa que afirma ter contato com presenças outras, como seres extraterrestres), chamada Blossom Goodchild, havia afirmado aos quatro cantos que uma grande nave extraterrestre se apresentaria à humanidade no dia 14 de outubro de 2008. A notícia viralizou pela internet na época, e, quando a recebi, pensei exatamente nesses termos: “esses ufólogos já tem o “filme muito queimado” e ainda aprontam mais essa...”. Desconfortável por mais uma possível presepada de um grupo até então marginalizado (àquela época, acreditava que canalizadores e ufólogos eram sinônimos), ignorei o fato, até mesmo esquecendo de observar os céus naquele fatídico dia.

Surpreendentemente, no dia seguinte, 15 de outubro, recebi a ligação de um amigo que gostaria de desabafar sobre um evento muito estranho que ele teria participado no dia anterior e que envolvia um óvni e uma presença que o perseguiu. Ao mesmo tempo, colegas outros da universidade disseram-me que teriam observado estranhas luzes nos céus, no entardecer e durante a noite, a maioria das observações ocorrendo no campus da universidade. Uma colega chegou a me afirmar que quando estava em casa “alguma coisa puxou minha cabeça para a janela e ali pude ver aquela luz”. Num outro momento, encontrei essa mesma colega no campus na presença de sua mãe, que também teria testemunhado o óvni, dizendo-me “realmente, aquilo foi algo muito estranho”. No total, por volta de oito pessoas poderiam me contar suas histórias, sendo que boa parte delas ignoravam a notícia que teria viralizado na rede.

Na época, trabalhava como editor de imagens na UnBTV, e como detinha alguns equipamentos, intentei fazer um documentário sobre o evento “14 de outubro”. A ideia era reunir tais relatos em algum tipo de narrativa que ainda não estava clara. Dentro todas essas histórias, havia uma especial contada de um amigo próximo, que veio ao meu encontro para desabafar. Naquele dia, em companhia de uma outra colega, estavam fumando cigarros sentado num banquinho num lugar ermo, próximo aos prédios residenciais do final da Asa Norte, ao lado de um extenso gramado.

A Lua era cheia e durante a conversa os dois observaram a evolução de um óvni que riscou os céus. Apreensivos diante o inusitado, decidiram sair do bosque que era cercado por uma “matinha”, e procuraram abrigo no campo aberto. Com a Lua a iluminar

o gramado, os dois comentavam sobre a estranha luz, sendo que sua amiga teria ouvido na rádio pela manhã que hoje seria o fatídico dia do óvni, a que a mesma teria feito chacota, quando teria ouvido a notícia. Nesse ínterim, perceberam que o maço de cigarros teria ficado no banco, fato que os fez voltar, a contragosto, àquela “matinha” onde viram o óvni.

No caminho de volta, ambos começaram a sentir uma estranha presença que os seguia, sensação essa que aumentava na medida em que se aproximavam do seu destino. A presença em questão se tornava cada vez mais forte, movimentando-se entre plantas e arbustos e fazendo barulho, ao passo que não era discernível aos olhos, invisível. O que mais marcava a estranheza da situação era justamente a sensação daquela presença, impossível de ignorar. Com passos apressados e com a sensação da presença cada vez mais forte, chegaram à matinha apreensivos, e, no exato momento em que meu colega “saltou” para pegar os cigarros no banco, aquela presença também “saltou” balançando os arbustos e as folhagens com grande intensidade, criando uma algazarra, o que fez os dois correrem assustados para o espaço iluminado mais próximo, se jogando no chão de um prédio residencial, sem entender o que estava ocorrendo...

Diante de tantos curiosos relatos, outros dados sobre aquele dia foram incorporados na internet, incluindo aí uma filmagem de celular de uma “frota de óvnis” feita por pessoas que estavam numa parada de ônibus na Esplanada dos Ministérios. Nesse vídeo, oito óvnis percorrem os céus seguindo em direção à rodoviária de Brasília, no sentido Leste/Oeste.<sup>1</sup> Em outro material postado, podemos observar uma situação paralela caricata: divertindo-se com a notícia que teria viralizado nas redes, um grupo de jovens com “chapéus de alumínio” se reuniram na parte superior da rodoviária de Brasília, onde há uma ampla vista do horizonte do Congresso Nacional e da Esplanada dos Ministérios. No vídeo de baixíssima qualidade, jovens riem perplexos provavelmente reagindo à mesma “frota de óvnis” filmados no ponto de ônibus da Esplanada dos Ministérios.<sup>2</sup>

Como todos esses eventos eram isolados perante o grande público, a nave que teria de aparecer ao planeta nunca apareceu e a escritora australiana, como era esperado, virou alvo de piadas, o que a forçou a publicar um vídeo de desculpas, não sabendo explicar o motivo de seu engano.<sup>3</sup> Resumidamente, esses eram os elementos que

---

1 Sparticus289. **Ovni em Brasília.** Youtube, 15 out. [2008](#).

2 Jefferson Regis. **Ovni em Brasília – 14/10/2008.** Youtube, 15 out. [2008](#).

3 Blossom Goodchild. **Blossom Goodchild updates 16th October.** Youtube, 16 out. [2008](#).

poderiam compor o documentário sobre o caso de 14 de outubro de 2008: uma canalizadora anuncia ao mundo a chegada de uma nave extraterrestre; a notícia viraliza; no dia em questão, vários colegas relatam estranhas objetos luminosos; outros colegas narram, além da observação de um óvni, um poderosa presença que os seguiu; uma filmagem de uma “frota de óvnis” é publicada na internet; jovens com “chapéus de alumino” se reúnem para se divertir com o evento e acabam por ver a mesma frota; o evento é um fracasso, a canalizadora vira chacota mundial, pede desculpas e tudo se encerra da forma como todos esperavam.

Na época, não tinha a menor ideia em como conduzir esse documentário, ou mesmo como construir uma narrativa que viesse a cobrir toda essa situação, até porque o tema dos “canalizadores” também não me era familiar. A única certeza que tinha era de que o tema em si era bastante contraditório, pois, para muitas aquelas pessoas com que conversei, havia sim uma clara ligação entre a notícia da canalizadora e a estranha observação de óvnis e interação com “presenças”. O que me restava, então, era reunir relatos e expor as contradições inerentes ao caso, não indo muito além disso. Nesse período, o projeto permanecia em aberto, com três entrevistas registradas em vídeo.

Depois de enviar a vários professores uma peça contendo propostas para a elaboração da monografia, numa busca por orientador, acabei por ser indicado ao prof. Carlos Emanuel Sautchuck, recém chegado ao departamento. A profa. Marcela Stockler Coelho de Souza me havia o indicado por ter ele experiência com cinema, e uma das propostas previa analisar o acervo de documentários etnográficos presentes na UnBTV. Uma outra proposta previa pesquisar o caso “14 de outubro”, pegando o embalo do documentário, e havia ainda algumas outras ideias que poderiam render uma pesquisa de final de curso. Depois de ler minha peça e aceitar meu pedido de orientação, o prof. Sautchuck afirmou que, diante de tantas propostas, teria de escolher uma. Nesse momento, escolhi trabalhar com o caso “14 de outubro”.

Minha primeira tarefa como orientando foi elaborar fichamentos de duas dissertações em Antropologia que versam, de forma direta e indireta, sobre óvnis e temas correlatos. Em Aranha Filho, por exemplo, tive contato diretos com as reflexões de eminentes astrônomos e astrofísicos estadunidenses sobre vidas em outros planetas, centrados nos méritos do projeto Seti (*Search of Extraterrestrial Intelligence*), da agência espacial estadunidense.<sup>4</sup> A busca por “inteligências extraterrestres” produziu teorias e

---

<sup>4</sup> No caso, as dissertações de Ferreira Neto e Aranha:

reflexões gerais sobre o contato entre civilizações extra-solares, reflexões essas que ganharam ampla notoriedade científica e midiática. Influindo no cinema e na sociedade, tais pesquisas inauguraram um novo ramo de pesquisa científica que reúne, hoje, uma vasta literatura internacional.

Já na pesquisa de Ferreira Neto, de 1984, a primeira sobre temas relacionados a óvnis no Brasil, tive contato direto com uma etnografia do “Projeto Alvorada”, que na década de 1980 reunia um grupo de pessoas em busca de uma sociedade alternativa orientada pelas experiências místicas de um escritor “contatado”, na figura de Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, arquiteto formado pela Universidade de Brasília e líder do projeto. Na pesquisa, pude acompanhar um recorte do contexto cultural que envolvia a década de 1980, tendo em vista a influência dos “contatados” nos coletivos ufológicos e sua associação como o esoterismo, a parapsicologia e o universo da “nova era”.

Nesse ínterim, o potencial do caso “14 de outubro” se tornava cada vez mais fraco. Não me sentindo à vontade para trabalhar com o tema dos “contatados”, acabei por observar que os relatórios de operações militares brasileiras eram muito mais promissores, em todos aspectos, havendo ali uma ampla documentação de suporte para uma pesquisa acadêmica sobre um tema polêmico. Logo, o caso “14 de outubro” foi aos poucos sendo abandonado, abrindo espaço agora para uma pesquisa centrada em fontes militares. Tais fontes foram analisadas sob a proposta de um tipo alteridade radical, a alteridade alienígena, tendo em vista as reflexões próprias ao campo teórico da Antropologia.

Em a *Alteridade Alienígena no Discurso Militar*<sup>5</sup> busquei elaborar uma incipiente discussão teórica sobre as distintas formas de alteridade debatidas pela ciência antropológica, ao ressaltar agora um tipo que se dá na relação com um *outro* desconhecido. Neste caso, a alteridade alienígena seria uma forma de distinguir o encontro com um outro estranho, não identificável, oculto, misterioso etc.<sup>6</sup> Utilizando

---

- FERREIRA NETO, José Fonseca. **A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1984.

- ARANHA FILHO, Jayme Moraes. **Inteligência Extraterrestre e Evolução**: as especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno. 1990. 293 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ, [1990](#).

**5** SCHRAMM, João Francisco. **A Alteridade Alienígena no Discurso Militar**. 76 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2011](#).

**6** Para a criação desse novo tipo de alteridade não convencional, a alteridade alienígena, o trabalho da prof. Mariza Peirano forneceu uma discussão inicial para a distinção entre os variados tipos de alteridade expostos pela Antropologia:

fontes documentais, da imprensa e cinematográficas, a pesquisa ainda teceu um contraste entre narrativas oficiais e extraoficiais de um mesmo evento, tendo como fio condutor discursos de agentes governamentais. Em síntese, nessa primeira publicação pude tocar em vários aspectos do tema de forma ensaísta, ainda que, em termos teóricos, faltassem reflexões maiores que viessem a trazer um sentido comum a um amplo leque de dados primários dispersos que foram apresentados. Tais lacunas demonstravam que o tema em si detinha um amplo potencial para futuras pesquisas, e que as fontes militares brasileiras poderiam ser sistematicamente analisadas numa pesquisa futura.

Um outro caso curioso ocorrido logo após minha colação de grau me trouxe uma nova perspectiva sobre o tema. Sentados num bar em comemoração, ao saber do escopo de minha pesquisa, a namorada de um colega o incentivou a narrar suas experiências. Como que me contando um estranho segredo familiar, ele me afirmou que desde criança sua mãe lhe prestava um cuidado especial, pois, sempre que algum filme ou notícia sobre óvnis e alienígenas passava na TV, ela fazia questão que ele acompanhasse, diferentemente de seu irmão, que não recebia tais incentivos.

Ele ficava desconfiado que ela o queria informar alguma coisa que não tinha coragem de dizer e que poderia estar relacionado à sua concepção. Esse fato curioso se assomava às suas próprias experiências pessoais. Disse o colega que já teria recebido visitas de estranhas presenças em estados oníricos especiais, visitas essas que buscavam dele consentimento para a continuidade de algum tipo de experiência, afirmando que tais seres o acompanhavam desde seu nascimento. A sua suspeita era de que sua mãe, de alguma forma, estava ciente dessa estranha situação e buscava um meio de atentá-lo a isso, sem se abrir totalmente.

Ao sugerir velados experimentos e estranhos encontros oníricos, na época, me indagava como poderia incluir tais situações numa pesquisa acadêmica abrangente, já que o tema dos óvnis não se esgotava nos documentos militares, ainda que esse campo em particular se mostrava bastante promissor. Mais tarde, pude perceber que o relato do colega não era único, e haviam casos e mais casos na literatura ufológica sobre temas e situações semelhantes, a que pude tratar, ao menos de forma incipiente, nesta tese, como

---

- PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Antropologia no Brasil: (Alteridade Contextualizada). In: MICELI, Sergio (org.) **O Que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré: Anpocs, Brasília, DF, [1999](#).

o leitor poderá observar, especialmente no estudo cronológico do segundo capítulo assim como na conclusão.

Com a publicação da monografia, percebi que poderia retomar com a pesquisa sobre óvnis numa pós-graduação, só que agora numa perspectiva histórica, mais afeita ao estudo de fontes documentais e militares. Sobre essa migração de campo devo meus especiais agradecimentos à minha ex-namorada e colega Dayane Augusta Santos da Silva, que desde a graduação me apoiou neste projeto acadêmico, sugerindo-me tratá-lo agora sob a perspectiva da Segurança Nacional. Mais tarde, ficou evidente que esse gatilho seria a forma ideal de transportar o tema para uma perspectiva histórica, já que, àquela época, estava ainda muito vinculado à uma perspectiva antropológica do mesmo, o que impedia de elaborar um projeto de pesquisa viável. Além disso, devo agradecer também sua acertada indicação do prof. Virgílio Caixeta Arraes como orientador, fato consumado, sendo o professor Arraes uma pessoa chave na condução dessas novas pesquisas, contribuindo de forma exemplar na consecução da dissertação e da tese.

Com um novo orientador, pude prosseguir com uma pesquisa de mestrado que enfatizou sobremaneira a perspectiva militar sobre o fenômeno dos óvnis, no estudo dos casos mais impactantes presentes na documentação da Força Aérea Brasileira (Operação Prato de 1977 e interceptação de óvnis de 1986), além da análise das ações e da metodologia de pesquisa do Cioani (Central de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados), que operou entre 1969 e 1972. Por serem eventos basilares do envolvimento do Estado brasileiro com os óvnis, foram eles também abordados na monografia, ainda que na pesquisa de mestrado tais eventos são tratados num contexto de segurança nacional, de guerra aérea e de defesa do espaço aéreo. Além disso, a dissertação expõe também exercícios hipotéticos sobre segredos tecnológicos e testes de tecnologias disruptivas, num contexto de guerras não convencionais, ao exercitar, nesse caso, como se daria a hipótese humana no contexto dos casos investigados da FAB.<sup>7</sup>

Com a publicação da dissertação em História, alguns poucos colegas que leram os dois trabalhos me sugeriram que apesar do notável amadurecimento presente na pesquisa de mestrado, ela se mostrou um tanto limitada em comparação com a monografia em Antropologia, pois nesta eu tocava em questões culturais mais abrangentes, ao passo que

---

<sup>7</sup> SCHRAMM, João Francisco. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986): segredos, tecnologias e guerras não convencionais**. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2016](#).

mestrado acabei por me limitar numa especialização de fontes militares que refletem uma perspectiva singular, mas não completa, do fenômeno dos óvnis.

Nesse caso, devo especiais agradecimentos a Lilian Gisele Fraga que apontou essa limitação, assim como a Elaine Gonçalves, que fez o mesmo, sugerindo que em minhas próximas pesquisas eu retome perspectivas mais abrangentes. Logo, foi nesse espírito que me planejei para elaborar a presente pesquisa, buscando abordar o tema agora em sua versão mais ampla, não me limitando, nesse caso, a uma perspectiva unicamente militar e suas fontes primárias. Essa perspectiva será melhor exposta nas reflexões do primeiro capítulo, presente no balanço temático das pesquisas acadêmicas sobre o tema.

Outro fato que dever ser ressaltado se deve às valiosas reflexões e exercícios que estiveram presentes na disciplina Seminário de Pesquisa ministrada pelo prof. André Gustavo de Melo Araújo, esforços que resultaram na concepção do primeiro capítulo desta tese, que analisa o estado da arte da pesquisa acadêmica sobre óvnis e temas correlatos. O estudo também foi aperfeiçoado por dois pareceres, quando foi adaptado para um artigo acadêmico, publicado em revista editada por colegas da pós-graduação.<sup>8</sup> Tendo em vista os valiosos apontamentos presentes na disciplina, certamente aproveitados por todos alunos ali presentes, elaborei também um resumo que sintetiza os tópicos mais relevantes que devem estar presentes em uma pesquisa histórica, a que deixarei anexado como forma de agradecimento aos notáveis esforços do prof. Araújo e suas reflexões.<sup>9</sup>

O estudo histórico sobre o poder aéreo e seu crescente envolvimento nos conflitos mundiais rendeu também uma publicação em periódico da Universidade da Força Aérea (Unifa), estudo esse que também foi sofisticado pela avaliação e comentários de pareceristas e está incorporado ao terceiro capítulo da tese.<sup>10</sup> Ainda no começo do curso de doutorado, recebi convite do renomado pesquisador e ufólogo Adhemar José Gevaerd

---

<sup>8</sup> SCHRAMM, João Francisco. Uma análise do estado da arte das pesquisas sobre fenômenos aéreos não identificados: limites, tendências e contribuições epistemológicas. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 34, p. 39–63, [2019](#).

<sup>9</sup> O professor Araújo nos apresentou também três sintéticos manuais de elaboração de peças acadêmica:  
- **Dissertation and Long Essay Guidelines for undergraduate and postgraduate taught students**. King's College, [London](#).  
- **Completing Your Dissertation Without Tears**. Columbia [University](#).  
- **History Dissertation Guide**. University of Sussex, [2014](#).  
- SCHRAMM, João Francisco. **Aspectos gerais para a elaboração de uma peça acadêmica em História**. Universidade de Brasília, [2018](#).

<sup>10</sup> SCHRAMM, João Francisco. O domínio do ar: surgimento, impacto e evolução do poder aéreo nas duas grandes guerras mundiais. **Revista da Unifa**, 32 (2), 46, [2019](#).



(falecido recentemente, em 9 de dezembro de 2022), editor da *Revista UFO*, para a elaboração de um artigo que versasse sobre a pesquisa de mestrado. Nele, expus uma síntese dos dados publicados na dissertação, com alguns outros argumentos que poderiam ser incluídos nas conclusões finais da pesquisa.

O artigo publicado pela *Revista UFO* em meu nome contém vários enxertos que não são de minha autoria, especialmente na versão impressa da revista, em que o primeiro e o segundo parágrafo, por exemplo, foram totalmente enxertados. Tais alterações incluem até o título, em que a sigla óvni foi substituída pela sigla UFO, fato corrente em todo o texto (assim como notei também em outras publicações da revista e da editora *UFO*). Na versão digital, atualmente indisponível, consegui que fizessem as correções mais necessárias, ainda que vários outros pequenos elementos tenham se mantido “adulterados”. Por outro lado, na página da internet em que a revista oferece a venda do exemplar em que se encontra o artigo, ela afirma que sou um de seus “consultores”, o que não é verdade. Apenas publiquei um artigo que foi adulterado e que, portanto, não me permito compartilhar.

Outro fato relevante se deve a minha visita e entrevista efetuada junto ao pesquisador e ufólogo Edison Boaventura Júnior, que mantém um amplo acervo documental sobre o tema. Em 2019, quando fui visitá-lo em sua casa São Paulo, após o fim da entrevista, Edison me fez também um convite, àquela altura irrecusável, para falar acerca de minha pesquisa em seu canal no *Youtube*, que rendeu uma longa conversa em vídeo em que abordo os aspectos centrais da pesquisa, além de uma ideia geral daquilo que até então, àquela época, me propunha realizar.<sup>11</sup>

Tendo em vista ser esse tema muito difícil de se definir e não me propondo a me conter uma abordagem estritamente política e militar, decidi então elaborar uma pesquisa que viesse a abarcar um contexto mais abrangente, para além do estudo de casos específicos, numa perspectiva de longa duração. Nesse estudo, a ideia geral era incluir, ao lado da análise dos eventos presentes no “fundo óvni” do Arquivo Nacional, que vão desde a década de 1950 até o presente, o debate da literatura especializada sobre óvnis de cada época, ao ressaltar as possíveis inflexões teóricas próprias ao campo. Nesse caso, combinaria a análise cronológica das fontes governamentais com o estudo sincrônico das reflexões teóricas e hipotéticas que se consolidaram na literatura especializada do tema.

---

<sup>11</sup> Enigmas e Mistérios. **Entrevista – João Franciso Schramm.** Youtube, 27 ago. [2019](#).

No entanto, com a elaboração da tese, ficou claro que essa tarefa iria me custar um tempo que não dispunha, e que se tornava cada vez mais encurtado. Por outro lado, depois de analisar os principais casos da década de 1950, quando me adentrei na década seguinte, na análise do caso do escritor e líder sectário Aladino Félix, o “primeiro contatado brasileiro”, percebi ali uma inexorável barreira, a que não poderia transpor sem cometer o erro de uma elaborar um estudo de caso leviano e de poucas páginas, apoiado mais em literaturas secundárias do que em fontes primárias. Em outras palavras, a pesquisa do envolvimento de Aladino Félix com o governo militar exigiu-me um notável esforço de pesquisa, que redundou em um último capítulo completo, a contar com um vasto arcabouço de fontes oficiais e da imprensa, situação que extrapolou meus planos iniciais, que previam muito menos páginas para tanto.

Nesse caso, o encontro com Aladino Félix e seu envolvimento com o governo acabou por se impor como o tema final da pesquisa, encerrando assim a tese no marco temporal de 1969. No entanto, inspirado com uma criativa sugestão dada pela minha mãe, Adi Maria Dias Cardoso, que me incentivou a elaborar uma cronologia, adaptei a ideia inicial do estudo de longa duração para um capítulo introdutório, na forma de um estudo temático do “fundo óvni” do Arquivo Nacional, em que pude incluir também, década por década, as principais reflexões, hipóteses e teorias próprias ao campo. Tais esforços redundaram no segundo capítulo desta tese, que, em termos de elaboração, foi o último.

Tendo em vista tal trajetória de pesquisa, o último capítulo analisa a história do “primeiro contatado brasileiro”, na figura de Aladino Félix, líder sectário que publicou livros narrando encontros com extraterrestres e personagens bíblicos já no final da década de 1950. Como um influente personagem político, Félix atuou como informante e agente terrorista em operações de guerra psicológica a favor do governo militar de 1968. Curiosamente, ao finalizar a tese com a história de Aladino Félix, retomo aqui o tópico dos “contatados”, que apesar de ter sido abandonado na pesquisa monográfica em Antropologia no caso “14 de outubro de 2008”, foi o motivo pelo qual me adentrei nesse campo, ao desencadear um processo que culminou na presente pesquisa.

Vale destacar aqui o rico intercâmbio que travei com o historiador Cláudio Tsuyoshi Suenaga, certamente o autor mais citado na pesquisa, e muitos dos argumentos, das fontes e das perspectivas aqui abordadas foram fruto dessa amizade. O mesmo vale para meu orientador, o prof. Virgílio Caixeta Arraes, peça fundamental na sofisticação desta pesquisa. Suas sugestões fizeram parágrafos virarem capítulos e o sucesso da

metodologia aqui aplicada, especialmente tendo em vista o uso de fontes jornalísticas, é fruto de seus valiosos esforços como orientador.

Agradeço também a Fernando Ramalho, Edgard Alves Bastos, Edison Boaventura Júnior, Alexandre Borges, Ricardo Varela e Alexandre Valim, que prontamente me receberam para entrevistas, ainda que boa parte do material dessas conversas tenha sido arquivado para publicações posteriores. Infelizmente, por pura falta de tempo, não pude incluir todos os elementos presentes nas transcrições e fichamentos que mantenho em arquivo. Devo agradecer também aos professores Carlos Alberto Machado, Hugo Studart e Daniel Barbosa Andrade de Faria, que me sabatinaram no Banca Examinadora de Defesa, e que contribuíram com valiosos comentários, críticas e sugestões, que em parte foram incorporadas ao texto, que hoje se encontra mais claro e sofisticado. Assim como no caso das entrevistas, há muitas informações relevantes que foram oferecidas pela banca e que não foram incorporadas ao texto. Tal conjunto de dados certamente estarão presentes em futuras publicações.

Da mesma forma, agradeço também aos servidores públicos e programadores do Arquivo Nacional que organizaram o “fundo óvni”, o assim como aqueles outros funcionários públicos da Biblioteca Nacional que elaboraram o sistema de pesquisa presente na Hemeroteca Digital Brasileira, instituições que me ofereceram o grosso das fontes aqui investigadas. Não posso deixar de agradecer também a todos os programadores anônimos que elaboraram as bibliotecas digitais que disponibilizam livros e artigos gratuitamente na rede. Nesse caso, tendo em vista as fontes e a forma digital de acesso às mesmas, assim como boa parte da literatura secundária aqui exposta, em artigos, monografias, dissertações e teses, posso afirmar que este trabalho é fruto da internet.

Por fim, dedico esta tese ao Povo brasileiro, que em seu esforço coletivo me propiciou o acesso ao ensino superior de excelência, consubstanciado no Programa de Pós-Graduação em História da UnB, a contar com seu fantástico quadros de docentes e servidores, além do financiamento da pesquisa, na forma de uma bolsa de estudos do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), entre os meses de abril de 2018 a outubro de 2020.

## Introdução

As pesquisas acadêmicas sobre presenças desconhecidas nos céus necessariamente dirigem suas atenções para algum subtema relacionado a este interesse, seja a grupos de ufologia e suas variadas correntes, seja a novas religiões modernas, em que o fantástico e o místico se entrelaçam a óvnis (objetos voadores não identificados) e seus tripulantes. Alguns trabalhos também investigam a memória e o imaginário de eventos traumáticos que envolveram comunidades, agentes de Estado e operações militares, ou ainda, o envolvimento de governos em pesquisa e operações secretas, que acabaram por vir a público décadas depois de suas atividades, em processos de desclassificação de documentos.

Isto é, este tema em particular reflete uma ampla variedade de interesses associados, desde aqueles mais políticos ligados a Estados e atividades sigilosas, até em outros de âmbito cultural, que, sob um ponto de vista abrangente (a incluir também sua face política), se inserem no advento de um novo mito moderno, em sua fase germinal, como afirmou em Jung já em 1958.<sup>12</sup> Uma das principais contribuições de Jung foi trazer a ideia de que estamos a acompanhar o surgimento de um novo mito e tal experiência teria o poder de nos mostrar como os próprios mitos surgem em sua fase gestacional.

Portanto, por mais que Jung tenha dado maior atenção ao caráter metafísico de tais “coisas vistas no céu”, não é correto afirmar que suas reflexões se atenham apenas a este caráter, pois o fator que mais movimenta e dá vida a este novo mito é justamente a constante alegação de materialidade e inteligência atribuída a estes “objetos”, especialmente quando oriunda de pilotos, controladores de voo e oficiais de alto escalão. Atento a isso, mesmo ao tratar o tema predominantemente em seu caráter simbólico, Jung subscrevia a seriedade dos relatos provenientes de membros das forças aéreas, em que tais coisas vistas no céu eram parte de preocupações militares vigentes, mesmo que extraordinárias. Na introdução de sua obra, Jung explicita as características centrais deste mito vivo, elementos esses que encarnam uma controvérsia irrefutável, ao ressaltar não

---

<sup>12</sup> JUNG, Carl Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Rio de Janeiro: Minotauro, 1961.

somente a legitimidade dos dois lados em contenda, mas também a relação deste tema com a guerra aérea e o desenvolvimento da energia nuclear.<sup>13</sup>

Ainda na introdução, Jung explicita as características centrais deste mito vivo, elementos esses que encarnam uma controvérsia irrefutável. Por um lado, tais relatos descrevem situações em que objetos aéreos performam manobras totalmente fora dos parâmetros técnicos aceitáveis e operando num comportamento sempre fugidivo. Suas evidências carregam também esta característica efêmera, o que impossibilita aproximações eficazes para análises laboratoriais satisfatórias. Portanto, sob o ponto de vista científico, são evidências muito difíceis de se avaliar. Por outro lado, aqueles que narram tais objetos são muitas vezes especialistas em aeronáutica, pilotos e militares de credibilidade incontestada, o que faz com que suas alegações também sejam legítimas, além de serem numerosas, incontáveis até.

Outra característica que dificulta qualquer análise destes objetos, para além de sua polêmica, é o fato de não haver conclusões científicas satisfatórias que tentem solucionar o problema. As investigações patrocinadas por Estados ou instituições militares, especialmente aquelas não endereçadas ao público civil, depois de descartarem todas as hipóteses que poderiam tecer alguma explicação plausível, no máximo apontam para um fenômeno incompreensível, pois as evidências não são suficientes para uma conclusão definitiva, quaisquer sejam as hipóteses a serem testadas.

Ou seja, tais objetos, analisados em eventos históricos singulares, permanecem, sob amplos aspectos, fora do alcance da ciência. O que temos além disso são apenas raciocínios dedutivos, assim como exercícios hipotéticos, pois, como dito, as evidências, por mais que apontem para algo, são insuficientes. Notamos então que sobre este tema em particular não há certezas, tampouco um terreno sólido para sustentar análises a que

---

**13** Por outro lado, nos capítulos subsequentes ele se dedica a estudar a relação psicossocial presente nos variados formatos atribuídos a estes objetos (circulares, ovais, de charuto etc.) e suas possíveis relações com arquétipos do inconsciente coletivo. Essas e outras reflexões serão melhor discutidas no Capítulo V. Para mais informações sobre a pesquisa de Jung:

- MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas:** uma proposta psicológica integrativa sobre experiências “ufológicas” e “paranormais”. 456 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. [2015](#).

- OLIVEIRA FILHO, João Batista. **Uma contribuição para a Psicologia Acerca do Fenômeno OVNI a partir da obra de Carl Gustav Jung intitulada “Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas nos Céus”**. 2005. 44 f. TCC (Graduação em Psicologia) – Universidade Estácio de Sá, Campos dos Goytacazes, RJ, [2005](#).

estamos acostumados a fazer com outros temas relevantes às ciências humanas e especialmente às ciências naturais.

E é justamente por este fato, coadunado pela polêmica subjacente, que este tema é pouco trabalhado. Ele exige problemas de pesquisa que ou enfrentam frontalmente tais desafios, assumindo os prejuízos e méritos desta escolha, com propostas adequadas para tanto, ou problemas outros são relevados, como veremos adiante, em que a polêmica é transportada a uma área mais facilmente transitável.

Logo, a ideia deste mito ser vivo e em gestação, o faz singular em relação a qualquer outro mito que pesquisamos. E a polêmica, que é uma de suas características centrais, estará presente em todos os elementos indispensáveis às pesquisas que se destinam investiga-lo, direta ou indiretamente, pois existem tanto motivos sóbrios para sua refutação como para sua afirmação. O pesquisador que porventura venha a se debruçar a este tema necessariamente estará a lidar com algo controverso e polêmico, capaz de inflamar posições. No entanto, vale ressaltar que a exploração de controvérsias é um método enriquecedor, pois permite emergir novos temas até então ignorados, situação essa que podemos observar, por exemplo, nos próprios estudos em história da ciência.

Sob este viés, em nossa primeira publicação, pudemos analisar as narrativas presentes em fontes militares brasileiras, oficiais e extraoficiais, numa variedade de eventos inconclusos e controversos, que variavam desde de operações sigilosas que investigavam ataques de óvnis (objetos voadores não identificados) contra uma população ribeirinha no Norte do Brasil em 1977, até perseguições entre aeronaves e óvnis empreendidas pela FAB (Força Aérea Brasileira) em 1986.

Já em nossa segunda pesquisa, tais eventos marcantes foram revisitados, incluindo agora outras fontes, num estudo histórico sobre como que a FAB lidou com o fenômeno sob o ponto de vista dos casos mais relevantes investigados pela instituição. A dissertação analisou ainda se havia na documentação da FAB elementos que apontassem, ou ao menos sugerissem, o envolvimento de vetores secretos de potencias estrangeiras que poderiam ser confundidos com óvnis presentes nos eventos relatados nos documentos da corporação, na forma de um exercício hipotético sobre o teste de tecnologias secretas.

Alicerçada agora sobre um grupo de fontes de diferente origens e tipologias, assim como também num tempo histórico anterior daquele presente nas publicações

supracitadas, a presente tese concentra sua análise no período que abrigou os primeiros relatos militares de óvnis durante a Segunda Grande Guerra, assim como também na análise do contexto cultural e político que deu origem aos “discos voadores” em 1947 nos EUA, dando prosseguimento para a realidade brasileira da década de 1950, no estudo de vários casos, sendo que o último deles se estende até o ano de 1969.

Indo além, utilizando especialmente publicações jornalísticas, esta tese apresentará o próprio contexto histórico do surgimento de um novo ente cultural moderno, o “disco voador”, entidade essa que mobilizou toda a sociedade brasileira. Além disso, diferentemente das pesquisas anteriores, o presente trabalho incluirá em suas análises uma síntese das hipóteses mais relevantes levantadas ao longo das décadas, num estudo cronológico da literatura especializada do tema.

No primeiro capítulo, apresentaremos ao leitor um estudo teórico que analisará o atual estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre o tema, por meio de um balanço de suas principais tendências, analisando-as com o fito de ressaltar uma proposta epistemológica que poderá orientar novos estudos históricos sobre o tema, além de apresentar ao leitor de forma mais precisa a proposta desta tese. Em outras palavras, objetivo do capítulo é discutir, por meio de um balanço temático, as variadas perspectivas que acompanham as investigações sobre objetos voadores não identificados, tendo em vista a possibilidade de evidenciar, em um campo universitário ainda incipiente, uma epistemologia integradora que oriente novas pesquisas.

No segundo capítulo, apresentaremos ao leitor um estudo introdutório, centrado nos arquivos militares presentes no “fundo óvni” do Arquivo Nacional, datados desde da década de 1950 até o presente, ressaltando como o tema se insere na história política do Brasil. Logo, um tema de difícil definição poderá agora ser apresentado por meio das fontes militares recém liberadas para consulta pública, numa cronologia capaz de refletir uma visão abrangente de uma singular história nacional. Nesse caso, ressaltaremos como os óvnis mobilizaram, ao longo das décadas, a Força Aérea Brasileira.

Além disso, analisaremos também os eventos que provocaram pontos de inflexão na busca por informações sobre óvnis, em normas que visavam a reunião e catalogação de relatórios sobre esses objetos, momento em que medidas foram tomadas na busca por reunir a maior quantidade possível de informações sobre a incidência de óvnis nos céus do Brasil. Tais casos marcantes suscitaram políticas de Estado que podem ser

historicamente datadas por documentação oficial. Conjuntamente ao estudo cronológico, analisaremos também o debate presente na literatura especializada da área, a contar com as primeiras pesquisas acadêmicas, destacando as inflexões teóricas próprias do campo ao longo das décadas.

No terceiro capítulo, analisaremos o contexto geopolítico presente nos primeiros relatos de origem militar sobre objetos voadores não identificados, tendo em vista a experiência dos pilotos estadunidenses na Segunda Grande Guerra. No conflito, momento em que aeronaves de combate eram utilizadas de forma ostensiva, ocorreram relatos de presenças desconhecidas nos céus, informes que passaram a ganharam notoriedade entre os militares que combatiam nos céus da Europa e do continente asiático. Este estudo contextual tem como propósito ressaltar a perspectiva marcial e tecnológica que envolve os relatos sobre presenças desconhecidas nos céus, tendo em vista sua estreita ligação com o avanço técnico da aeronáutica e o lançamento de vetores aéreos. Nesse caso, destacaremos como que a dimensão política e tecnológica sobre deste tema, sob o contexto da guerra aérea, do lançamento de novos vetores radicais e dos segredos tecnológicos, se insere como precursora na constituição desse novo mito moderno.

No quarto capítulo, apresentaremos uma análise do contexto cultural que acompanhou a nova entidade moderna, os “discos voadores”, tendo em vista o papel da imprensa, da ficção científica, do rádio e do cinema, na conformação de um imaginário geral a que tais objetos foram associados. Tal contexto conforma a visão geral que hoje temos sobre fenômenos aéreos não identificados, na criação de um senso comum. No capítulo, analisaremos também distintos casos de encenações midiáticas que criaram falsos cenários de invasões extraterrestres nos EUA e no Brasil, ocorridas antes e depois o surgimento do “disco voador” como entidade cultural moderna.

A “era moderna dos discos voadores” foi acompanhada por uma onda de avistamentos em todo os EUA em 1947, incluindo aí famosos casos que foram revisitados e sobre eles foram endereçadas dezenas de publicações, também governamentais, cada qual induzindo os fatos segundo hipóteses variadas. Nesse sentido, no capítulo analisaremos o evento sobre óvnis mais famoso da história, caso Roswell de 1947, que foi capaz de mobilizar toda a sociedade estadunidense, além de uma ampla comunidade de pesquisadores internacionais, no estabelecimento de um genuíno mito moderno de inesgotável potencial narrativo.



No quinto capítulo, revisitaremos a experiência da sociedade brasileira em relação às investigações, debates e ações governamentais sobre objetos voadores não identificados, tendo em vista os mais relevantes episódios que se deram ao longo da década de 1950, momento em que os primeiros relatos genuinamente originários ocorriam, mobilizando não somente as Forças Armadas do Brasil, mas também toda a sociedade nacional. Ao convalidar uma experiência popular que teve seu começo nos EUA e que já era retratada pelos jornais brasileiros em 1947, o capítulo analisará o contexto cultural das interpretações endereçadas ao tema, tendo em vista as primeiras publicações acadêmicas que iniciaram pesquisas neste domínio. Além disso, o capítulo abrirá espaço também para o estudo do “caso da Ilha da Trindade”, o mais notório dos casos da década de 1950, que abriga, até então, as fotos sobre discos voadores “mais debatidas da história”, num possível contexto de manipulação de imagens.

No sexto capítulo, revisitaremos eventos que estiveram presente no contexto geopolítico mundial entre os anos de 1950 e 1960, no auge dos testes atômicos, eventos esses que obtiveram amplos reflexos no Brasil, que abrigou, por sua vez, singulares eventos relacionados a óvnis. No período, a Força Aérea Brasileira monta sua central de investigação especializada no fenômeno, momento em que novas situações incluíam não somente os clássicos relatos de estranhos objetos aéreos, mas também relatos de encontros diretos com presenças outras, incluindo aí situações mais intensas, como a abdução e as experiências de contato, o que ampliou, de forma exponencial, o escopo das situações limítrofes que até então configuravam os temas associados aos discos voadores, aos óvnis e às presenças alienígenas no geral. Por outro lado, envolvidos agora num contexto político e geopolítico diverso, tais eventos foram acompanhados por novas teses e estudos que tentavam compreendê-los, esforços esses que vieram em resposta ao acúmulo de dados em escala mundial, que por sua vez suscitaram uma maior complexidade nas interpretações gerais dada ao fenômeno.

No sétimo capítulo, apresentaremos ao leitor a história do primeiro “contatado” brasileiro, na figura de Aladino Félix. Escritor de renome e personalidade conhecida pela imprensa e pela incipiente TV da época, Félix, após seus contatos extraterrestres, afirmava também ter contato direto com personagens bíblicos que lhe imbuíram uma missão profética, quando passou a liderar um grupo messiânico, o primeiro no Brasil a incluir os discos voadores em reinterpretações de mitos tradicionais.

Por outro lado, após o golpe militar de 1964, Félix também serviu como informante do governo, que chegou a produzir dossiê acerca de supostos planos de uma oposição organizada em golpe, informe que o governo teria acatado respondendo com mobilização geral das tropas, em janeiro de 1968. Por fim, nesse mesmo ano, Félix e seu grupo teriam sido responsáveis pela execução de atentados terroristas, movidos tanto pela escatologia de Félix, que previa um contexto oportuno de convulsões sociais crescentes, assim como, em tese, por ordens de militares de alto escalão do governo Costa e Silva. Portanto, no capítulo analisaremos como que o “primeiro contatado brasileiro” se envolveu com o governo militar em atípicas operações de guerra psicológica.

Na conclusão, ressaltaremos uma insuspeita ligação entre os eventos investigados ao longo dos capítulos, conexão essa que se dará sob o prisma de conceitos como “manipulação cultural”, “criação de falsos cenários”, “guerra psicológica” etc., conceitos esses que refletem um fio condutor teórico, capaz de reunir a maior parte dos eventos revisitados na pesquisa. Além disso, os casos e os argumentos expostos ao longo da tese serão inseridos agora numa reflexão abrangente, a contar com contribuições teóricas provenientes do atual estado da arte da pesquisa especializada sobre o tema, tendo em vistas as possíveis contribuições que esse estudo tem a oferecer às ciências humanas.

Tendo em vista a estrutura formal desta pesquisa, acreditamos que o leitor, ao terminar sua leitura, terá conhecimento suficientes para responder as seguintes questões:

- Como óvnis e discos voadores mobilizaram a sociedade brasileira?
- Quais foram os eventos mais relevantes investigados pelo Estado brasileiro?
- Há uma política de Estado sobre óvnis?
- Como o tema é investigado pela academia?
- Quais são as hipóteses que se consagraram pela literatura especializada?

Agora que os aspectos centrais relativos a esta pesquisa foram esclarecidos ao leitor, podemos prosseguir na análise das tendências e dos autores que conformam o atual estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre o tema, momento em que situaremos, de forma mais clara, o lugar que esta pesquisa ocupa, em relação a um amplo conjunto a que ela responde.

## Capítulo I

### **O estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre objetos voadores não identificados: limites, tendências e contribuições epistemológicas.** <sup>14</sup>

Ao explorarmos o atual estado da arte da pesquisa acadêmica sobre o tema, podemos nos ater a algumas considerações iniciais. Paolo Toselli, que há várias décadas acompanha o estudo sobre objetos voadores não identificados, tendo publicado vários livros, compilou um conjunto de pesquisas acadêmicas que vão desde o ano de 1948 até o 2022, num trabalho atualizado anualmente.<sup>15</sup> A lista, que reúne aproximadamente 300 pesquisas de graduação, mestrado e doutorado, inclui referências básicas como: autoria; título; ano de publicação; universidade; área de concentração e grau (graduação, mestrado e doutorado); além do número de páginas e da língua. O inventário, que reúne publicações majoritariamente de instituições do continente europeu e americano, expõe desafios presentes em quaisquer campos acadêmicos, como o conhecimento de publicações em idiomas que, para nós, são distantes, como o russo, o mandarim, o japonês etc.

Por outro lado, a lista somente foi possível devido a raridade de publicações acadêmicas sobre o assunto, já que outros mais tradicionais às humanidades certamente não poderiam ser limitados a um índice deste tamanho, tendo em vista o recorte temporal de quase sete décadas. Logo, podemos notar que o fato de Toselli ter conseguido compilar uma grande amostra sobre as principais pesquisas acadêmicas comprova que o tema, comparado a outros mais tradicionais às humanidades, é pouco explorado. Poderíamos supor também que a lista de Toselli seja incompleta e que não reflita o conjunto de publicações que existem de fato sobre o tema.

---

**14** Para a confecção desse capítulo, devemos especial agradecimento ao professor André Gustavo de Melo Araújo, que, ao ministrar disciplina Seminário de Pesquisa, incentivou-nos a produzir uma resenha de uma tese já realizada correlata ao nosso tema de doutorado. Nesse caso, a tese em questão foi a do antropólogo Rafael Almeida *Objetos Intangíveis: ciência, ufologia e segredo*, a que devemos também especial agradecimentos, pois incluiu em sua Introdução um balanço de estado da arte que serviu de orientação inicial para a produção deste capítulo, texto base de um artigo publicado pela revista *Em tempos de História*, editada por colegas discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília:

- ALMEIDA, Rafael Antunes. **“Objetos Intangíveis”: Ufologia, ciência e segredo**. 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2015](#).

- SCHRAMM, João Francisco. Uma análise do estado da arte das pesquisas sobre fenômenos aéreos não identificados: limites, tendências e contribuições epistemológicas. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 34, p. 39–63, [2019](#).

**15** O Centro de Estudos Ufológicos Italianos ([Cisu – Centro Italiano Studi Ufologici](#)) disponibiliza as atualizações da lista de Toselli. A edição mais recente é de [2022](#).

No entanto, se observarmos as pesquisas nacionais, notaremos que Toselli conseguiu indexar as principais obras publicadas por universidades brasileiras, excluindo apenas alguns trabalhos de final de curso de graduação.<sup>16</sup> A contar com esse rol de publicações, em que a lista poderá nos guiar de forma abrangente, assim como por meio da análise mais detida de outras publicações, podemos constatar a existência de quatro

---

**16** Em ordem cronológica, podemos listar as seguintes publicações nacionais:

- FERREIRA NETO, José Fonseca. **A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1984.
- OLIVEIRA, Wilson Geraldo. **O Movimento Ufológico**: reflexo da necessidade de um modelo de compreensão de realidade. 206 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1995.
- SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A Dialética do Real e do Imaginário**: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI. 396 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, [1999](#).
- OLIVEIRA FILHO, João Batista. **Uma contribuição para a Psicologia Acerca do Fenômeno OVNI a partir da obra de Carl Gustav Jung intitulada “Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas nos Céus”**. 44 f. TCC (Graduação em Psicologia) – Universidade Estácio de Sá, Campos dos Goytacazes, RJ, [2005](#).
- CARLOS, Daniel Pícaro. **Extraterrestres**: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno. 157 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, [2007](#).
- SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos Discos Voadores**: Guerra Fria, Imprensa e Ciência no Brasil (1947-1958). 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, [2009](#).
- GIACONETTI, Milton José. **As luzes no céu e a Guerra Fria**. Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores 1945-1953. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, [2009](#).
- SCHRAMM, João Francisco. **A Alteridade Alienígena no Discurso Militar**. 76 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2011](#).
- MARTINS, Leonardo Breno. **Contatos Imediatos**: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas. 323 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [2011](#).
- ROSSO, Maria Fernanda Pereira. **A publicização dos arquivos ultrassecretos no Brasil**: o caso dos arquivos da ufologia à luz do direito à informação. 100 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, [2012](#).
- FAIS, Gilson. **A ordem jurídica sob a hipótese do contato extraterrestre**. 82 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, [2014](#).
- ALMEIDA, Rafael Antunes. **“Objetos Intangíveis”**: Ufologia, ciência e segredo. 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2015](#).
- MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas**: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências “ufológicas” e “paranormais”. 456 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [2015](#).
- SCHRAMM, João Francisco. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986)**: segredos, tecnologias e guerras não convencionais. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2016](#).
- FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. **Luzes misteriosas cruzam os céus da Amazônia**: memória e imaginário do fenômeno Chupa-Chupa. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, [2017](#).
- FERREIRA DE SOUZA, Laurimar Cabral. **As narrativas e memórias sobre o chupa-chupa em Colares e práticas educativas do ensino de História nas séries iniciais**. 78 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Pará, Colares, [2017](#).
- NASCIMENTO, Felipe Idalino Vieira do. **M.I.B. à brasileira**: a criação do centro de investigação de objetos aéreos não identificados da Força Aérea Brasileira (1969-1972). 31 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, [2018](#).
- CARNEIRO, Rafaela Oliveira. **Documentos Ufológicos**: o desafio para o acesso à informação. 101f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, [2018](#).

tendências dominantes que conformam o atual estado da arte sobre o tema. A primeira delas, majoritária, é a abordagem que enfatiza dimensões culturais dos fenômenos associados a óvnis. Por conter um grande número de publicações, tais pesquisas promoveram um amplo debate a ser subdividido em outras três subcategorias do gênero cultural: redutiva, descritiva e expansiva.

### 1.1 Tendência cultural redutiva

Nos estudos enquadrados na tendência cultural redutiva os óvnis participam de uma existência unicamente psicológica e ganham movimento no temor proveniente da Guerra Fria, capaz de produzir novos anseios populares de cunho escatológico. Recorreriam a esta tendência também os estudos de folclores, lendas urbanas e de movimentos milenaristas contemporâneos (no surgimento de novas religiões), em que os óvnis são tidos como um novo tipo de superstição popular, fruto de sociedades industriais, assumidas agora em roupagem de ficção científica.

Nessas pesquisas, do óvni, do ser alienígena e da entidade extraterrestre são tomadas como sinônimos, tidos como fruto de uma tentativa de “re-encantar” o mundo numa secularização de estética tecnológica de narrativas tradicionais de encontro entre humanos e não humanos. Esse movimento seria impulsionado pela crescente descrença popular ante o discurso científico e oficial, movimento este que seria responsável por promover um tipo de subcultura, como a ufologia.<sup>17</sup> Os óvnis, nesse caso, seriam evocados como uma força de oposição ao desencantamento do mundo, e, por esse motivo, mobilizariam narrativas mitológicas sobrenaturais e tecnológicas, fruto de uma “era de incertezas”.<sup>18</sup> Na pesquisa de Loewen, por exemplo, os relatos sobre óvnis e seres alienígenas ganham movimento no temor da guerra nuclear, capaz de produzir anseios escatológicos que resultariam no fetiche sobre o encontro com o não humano, ao revelar

---

<sup>17</sup> A exemplo das pesquisas de:

- SANAROV, Valerii. On the nature and origin of flying saucers and little green men. **Current Anthropology**, v. 22, n. 2, pp. 163-167, [1981](#).

- THOMPSON, Keith. **Angels and aliens: UFOs and the mythic imagination**. Addison Wesley Publishing Company, 1993.

- PEEBLES, Curtis. **Watch the Skies! A Chronicle of the Flying Saucer Myth**. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1994.

<sup>18</sup> A pesquisa de Reis demonstra claramente essa posição:

- REIS, Carlos Alberto. O imaginário e a crença extraterrestre: um estudo transdisciplinar. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n. 21, 1º s., pp. 44-57, [2018](#).

mais a descrença da humanidade em si mesma do que um tipo de alteridade radical, vista aqui como não autêntica, pois se limita apenas ao âmbito da crença.<sup>19</sup>

De forma abrangente, tais anseios, associações e projeções seriam catalisadas por três elementos: a constante possibilidade de uma nova guerra total e seus horrores; a constante exploração midiática, do tipo sensacionalista, sobre discos voadores e tripulantes extraterrestres; uma literatura de ficção científica formadora de um ideal tecnológico de exploração de mundos extraterrestres, seres alienígenas e rupturas tecnológicas, amplificadas pelo cinema, que teria o efeito de prover novos horizontes para a secularização de temas tradicionais do folclore. Nesses estudos, notícias sobre óvnis ganham movimento no temor proveniente da hecatombe nuclear, capaz de produzir anseios coletivos de cunho escatológico, em excêntricos esquemas interpretativos da Guerra Fria. Como tal, os relatos sobre óvnis inaugurariam narrativas folclóricas modernas, ao refletir as características materiais, tecnológicas e ficcionais de nossa época, uma resposta para as tensões emocionais derivadas das calamidades coletivas projetadas durante o período.

Logo, parte considerável dessas pesquisas podem ser classificadas como estudos de folclore modernos, em que relatos sobre óvnis e temas associados, como os contatos com seres alienígenas, raptos, experiências traumáticas etc., são tidos de forma genérica e abstrata, ao excluir a própria singularidade dos eventos históricos. Por outro lado, tais pesquisas geralmente se atêm à uma noção de mito como oposição à realidade, correndo o risco de se eximirem de uma aproximação mais sofisticada (tomemos apenas o exemplo do mito como “vivência interna”, em Joseph Campbell). Nessa concepção, os óvnis, como presenças desconhecidas celestes, seriam apenas mais um tópico mitológico hodierno, situadas numa região oposta à factibilidade, à realidade e à materialidade.

## **1.2 Tendência cultural descritiva**

Nesta tendência, os relatos sobre presenças desconhecidas celestes fazem parte de uma construção social que tem uma origem que precisa ser rastreada, a exemplos das

---

<sup>19</sup> LOEWEN G.V. The post-war popular fetish of the non-human other: Ufos, aliens and ourselves. **IJHSS**, v. 1, p. 38-45, [2011](#).

pesquisas históricas que tematizam a construção social dos discos voadores. Tais estudos, que se debruçam fortemente em fontes jornalísticas, literárias e produtos cinematográficos, ressaltam as mudanças significativas das projeções humanas acerca de tais novas entidades, ao dar especial destaque ao papel da indústria cultural na formação desse novo imaginário popular, na análise de eventos emblemáticos. No Brasil, podemos destacar a pesquisa de Santos e Giaconetti.<sup>20</sup> Em Santos, por exemplo, há um debate acerca da construção de um imaginário acerca dos discos voadores, seguindo o editorial da revista *O Cruzeiro*, logo após a Segunda Grande Guerra, a contar com uma discussão profunda sobre o papel da indústria cultural na criação desse imaginário, na promoção de um constante debate entre jornalistas, pesquisadores, militares e cientistas acerca das mais diversas situações.

Outra pesquisa que merece nosso destaque é a de Conceição, que fez extensa pesquisa sobre o imaginário extraterrestre em Portugal, centrada no período entre o fim da modernidade até a metade séc. XIX, em que elementos filosóficos, religiosos e literários se mesclam com o legado científico moderno no tocante das especulações acerca de outros mundos possíveis, habitados por seres similares aos humanos ou não, isso muito antes do próprio surgimento do disco voador como entidade cultural moderna.<sup>21</sup> Ainda dentro dessa linha, outras pesquisas de Conceição investigam a emergência de novas religiões e cultos contemporâneos, no surgimento de seitas milenaristas, que trazem uma renovação aos estudos tradicionais da religião. Se na modernidade poderíamos notar o enfraquecimento das perspectivas milenaristas, em tais cultos elas ganharam um novo fôlego, em associações religiosas entre coletivos humanos e entidades alienígenas.<sup>22</sup>

A premiada pesquisa de final de curso de graduação de Isabelle Kerr é um excelente exemplo de um estudo histórico sobre os variados sentimentos presentes na a

---

**20** SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos Discos Voadores: Guerra Fria**, Imprensa e Ciência no Brasil (1947-1958). 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, [2009](#).

- GIACONETTI, Milton José. **As luzes no céu e a Guerra Fria**. Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores 1945-1953. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, [2009](#).

**21** Em tal exaustivo estudo Conceição ressaltou o intercâmbio entre diferentes domínios, como “compêndio[s] astronômico[s] e geográfico[s], (...) tratado[s] de filosofia natural e os textos apologeticos e catequéticos, assim como a poesia didático-naturalista, a narrativa utópica e onírica, isolada ou servida pela imprensa periódica de instrução geral (viagens à Lua, viagens cósmicas imaginárias):

- CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. **O imaginário extraterrestre na cultura portuguesa: do fim da modernidade até meados do século XIX**. 687 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Porto, Porto, [2004](#), p. 600-601.

**22** CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. Clones e messianismos extraterrestres. **Antropológicas**. n.8. p. 27-32. Universidade Fernando Pessoa, [2004](#).

Guerra Fria e suas associações a estes novos entes misteriosos (os UFOs, *unidentified flying object*) que absorveram toda a sociedade britânica.<sup>23</sup> Como podemos observar, estes trabalhos geralmente se associam a perspectivas históricas, promovidas por pesquisadores de formação, frutos das novas epistemologias que surgiram na década de 1970 e 1980, críticas não só a ideia de que os indivíduos e acontecimentos são apenas joguetes de forças “macrossociais”, mas também propositoras de novos objetos a serem investigados, como as atitudes perante a vida e a morte, crenças e comportamentos religiosos, sistemas de parentesco etc., ao anexar territórios que já estavam sendo investigados pelas ciências sociais na época (lembremo-nos que as primeiras publicações acadêmicas no Brasil vieram das ciências sociais).

Nesse caso, os estudos sobre imaginário e simbolismo popular, que já produziram ricas contribuições às humanidades, constantemente celebrados em balanços historiográficos, abriram a possibilidade de se investigar o imaginário presente nas variadas narrativas sobre óvnis, contornando, nesse caso, a polêmica sobre sua realidade ou irrealdade, ao tecer suas várias conexões sociais e ramificações nos debates políticos, midiáticos, cinematográficos, artísticos, literários, culturais, científicos etc.

### 1.3 Tendência cultural expansiva

A terceira tendência presente nas pesquisas que ressaltam a esfera cultural reúne projetos científicos que tentam se aprofundar nas relações possíveis entre os relatos contemporâneos de óvnis e temas associados com o rico legado de narrativas presentes em folclores e mitos tradicionais, traçando paralelos entre eles. Nesse caso, os relatos contemporâneos seriam revigorados pelas situações passadas, assim como estas últimas ganhariam um novo status, sendo vistas agora como tão autênticas e genuínas como podem ser as experiências atuais, numa viva correspondência entre “situações insólitas não inventadas”.<sup>24</sup> Além disso, se enquadram também nessas pesquisas aqueles autores

---

**23** KERR, Isabelle. **Flying Saucers and UFOs: An investigation into the impact of the Cold War on British society, 1950-1964.** 39f. Monografia (Graduação em História) – Universidade de Bristol, Bristol, [2015](#).

**24** Conceição, mais uma vez só que agora em pesquisa inserida nessa nova perspectiva, afirma sobre o “insólito que não podia ser inventado”, em investigação sobre “o milagre do sol”, evento culminante das “Aparições Marianas”, ocorridas em Portugal em 1917. Centrada no âmbito dos fenômenos aeroespaciais não identificados, Conceição exercita a hipótese das possíveis tecnologias que poderiam estar presentes no evento de 1917, por meio das evidências fisiológicas relatadas em campo, como o instantâneo secamento



que associam eventos relacionados a óvnis com outras experiências de caráter parapsicológico, na exposição de um contexto alargado.

Nessa tendência, a monumental pesquisa de Thomas Bullard ocupa lugar de destaque.<sup>25</sup> O autor aponta paralelos entre as narrativas ancestrais do rapto humano por seres fabulosos nos relatos contemporâneos de abduções por seres alienígenas, assim como nos fenômenos das canalizações com o da possessão demoníaca. Tal estudo parte da perspectiva de que os óvnis vieram a cobrir aquela área que entre os modernos e folcloristas acreditavam estar a morrer, ao amalgamar novas interpretações religiosas e escatológicas num vivo mito moderno, ainda que fincado no passado. Justamente por adaptar temas ancestrais com o contexto tecnológico atual, afirma Bullard serem os óvnis a quintessência das lendas modernas, a formatar um verdadeiro mito tecnológico.

No Brasil, Leonardo Breno Martins é quem mais discute a pesquisa de Bullard, citando-o extensamente em suas pesquisas (mestrado, doutorado e artigos). Sobre tal novo mito reatualizado, afirma Martins:

fenomenologicamente, as experiências ufológicas se situam em um interessante intermédio entre o sobrenatural e o tecnológico, a religião e a ciência, a tradição e a modernidade, com repercussões não raro radicais em micro e macroescalas, desde indivíduos e pequenos grupos que se organizam em torno do tema até a cultura maior, na qual “extraterrestres” se tornaram destacados símbolos contemporâneos do desconhecido.<sup>26</sup>

O autor brasileiro é, sem dúvida, um dos mais profícuos sobre o tema no país, ao publicar dezenas de artigos e outros materiais relativos a óvnis, incluindo aí também fenômenos paranormais e assuntos correlatos. Tal mescla e associação demonstra uma perspicaz abordagem, o que expande sobremaneira o escopo interpretativo de fenômenos que muitas vezes são postos de forma isolada. Suas pesquisas presentes em sua dissertação e tese apresentam com grande riqueza o contexto cultural envolvente ao tema,

---

do solo encharcado e das roupas das pessoas presentes, já que a aparição ocorreu logo após uma chuva torrencial, além dos relatos de tonturas, febres e dores de cabeça, fatos que poderiam ser associados a efeitos de exposição abrupta a radiação eletromagnética.

- CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. Aspectos físicos das “Aparições Marias” de Fátima – Sistematização e Modelização Preliminares. **Cons-Ciências**. 1ª. Edição. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, [2002](#).

**25** BULLARD, Thomas Eddie. **Mysteries in The Eye of the Beholder: Ufos and their correlates as a folkloric theme past and present**. 617 f. Tese (Doutorado em Folclore) – Universidade de Indiana, Bloomington, [1982](#).

**26** MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências “ufológicas” e “paranormais”**. 456 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, [2015](#), p.41.

demonstrando um genuíno domínio, ao incorporar um trabalho etnográfico multifocal, centrado em diferentes grupos de “contatados” brasileiros, além da própria comunidade ufológica nacional, contando com análises laboratoriais provenientes dos dados recolhidos em campo, momento em que um diagnóstico é oferecido acerca da complexidade das experiências psíquicas anômalas de pessoas que relatam contatos com óvnis e entidades alienígenas de toda sorte.<sup>27</sup>

Nesse caso, tais publicações e podem ser enquadradas nesta tendência cultural expansiva, pois suas reflexões abrangem uma ampla gama de experiências que poderiam ser muito bem analisadas separadamente. Logo, diferentemente de Bullard, que coligou temas mitológicos e folclóricos do passado com experiências contemporâneas associadas a óvnis, Martins conjuga distintas experiências anômalas contemporâneas, a que, em nosso ver, estão necessariamente associadas, especialmente se quisermos estabelecer uma visão abrangente do fenômeno, indo além de estudos de casos singulares.

Resumidamente, estas são as características marcantes desta primeira tendência cultural e suas três subseções. Nela, notamos uma vasta contribuição quanto ao enriquecimento do ambiente cultural contemporâneo, ao destacar a influência de novos entes culturais hodiernos, assim como o surgimento de associações religiosas pouco estudadas. Podemos destacar também que tais estudos auxiliam em compreendermos a influência da indústria cultural, do cinema e da literatura de ficção científica no processo de formação desse novo imaginário moderno, em que hipóteses, crenças, fetiches e tabus populares consubstanciaram-se, na formatação não só de uma grande visão massificada, mas também de uma perspectiva científica, expressa num senso comum acadêmico, que estabeleceu os limites aceitáveis de tratamento ao tema, por exemplo.

Por fim, vale destacar ainda o caráter fluído das pesquisas e dos autores aqui elencados, pois uma visão mais detalhada certamente evidenciaria as possíveis mesclas entre tais de tendências. Fernandes destaca o imaginário popular do fenômeno do “chupa-chupa” (apelido dado por ribeirinhos do litoral amazônico sobre raios emitidos por óvnis), investigado pela Operação Prato da FAB em 1977, mesclando narrativas presentes em

---

**27** MARTINS, Leonardo Breno. **Contatos Imediatos:** investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas. 323 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [2011](#).

- MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas:** uma proposta psicológica integrativa sobre experiências “ufológicas” e “paranormais”. 456 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. [2015](#).

documentos oficiais conjuntamente ao relato dos moradores das comunidades afetadas pelo fenômeno. Neste caso, a opção por priorizar o imaginário e a memória dos ribeirinhos ao invés das investigações e discursos estatais (o que poderia levá-lo a produzir uma pesquisa centrada numa tendência política), caracterizou-se mais por uma escolha de enquadramento histórico (cultural) e delimitação de objeto.<sup>28</sup>

Em suma, podemos afirmar que parte significativa das pesquisas deste grupo operam no campo simbólico e imaginário, a enriquecer sobremaneira nosso contexto histórico circundante, ressaltando as projeções humanas envolvidas nesse tipo de alteridade não convencional. Apesar de suas notáveis diferenças, em que encontramos desde de perspectivas que tentam reduzir o tema a meras entidades imaginárias, até que aqueles que o elevam a um “insólito que não pode ser inventado”, tais pesquisas têm em comum, para além de uma ênfase cultural, a elaboração e a defesa de perspectivas interdisciplinares, capazes de cobrir o tema de forma abrangente.

#### 1.4 Tendência epistemológica

Se na primeira tendência notamos uma abordagem que enfatiza predominantemente o domínio cultural, na tendência epistemológica encontramos pesquisas que analisam como que o conhecimento na ufologia é construído. Pierre Lagrange certamente é o principal nome desta tendência, sendo um pioneiro nos estudos de “sociologia da ufologia”. Nessa perspectiva, em seus estudos de casos, Lagrange situa em um mesmo plano a posição dos “crentes” como dos “não crentes” e as ligações possíveis entre testemunhas, cientistas, militares e imprensa, ao destacar como que se constrói um caso ufológico.<sup>29</sup> O autor ainda publicou vários livros e artigos, certamente sendo um dos mais profícuos pesquisadores acadêmicos sobre o tema.

Já no Brasil, o antropólogo Rafael Antunes Almeida publicou uma tese paradigmática nesta proposta. Se em Ferreira Neto encontramos uma etnografia junto a

---

<sup>28</sup> FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. **Luzes misteriosas cruzam os céus da Amazônia: memória e imaginário do fenômeno Chupa-Chupa**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, [2017](#).

<sup>29</sup> LAGRANGE, Pierre. L'affaire Kenneth Arnold. **Communications**, 52, pp. 283-309, [1990](#).  
LAGRANGE, Pierre. **Ovnis: ce qu'ils ne veulent pas que vous sacheiz**. Paris: Presses du Chatelet, 2007.

um grupo de ufologia sediado em Brasília,<sup>30</sup> ao caracteriza-lo como partícipe de uma mitologia que combina fantasia, misticismo e ciência, na pesquisa de Almeida, que se propôs analisar a ufologia como uma paraciência, a ênfase num discurso epistêmico (entre ufologia e ciência) foi transportada para um discurso que ressaltou a relação entre os ufólogos e seus objetos, segundo a proposta de uma ontologia alienígena, em que os óvnis seriam os protagonistas desta relação. Em outras palavras, Almeida escolheu conceber um especial destaque aos óvnis, vistos agora como vetores majoritários das próprias socialidades ufológicas.<sup>31</sup>

Nesse enquadramento, são os óvnis, em suas parciais visibilidades, que movimentam e dão vida aos coletivos ufológicos, que, ao notarem a existência de um evento insólito ligado a estes objetos, impõem aproximações explicativas, sempre inconclusas, em rastros que levam a outros rastros, dado que tais objetos, invariavelmente, permanecem furtivos e suas evidências (observações, fotos, filmes, alvos de radar), compartilham desta característica.

Nessa concepção de alteridade radical, todo aquele que de alguma forma fixasse sua atenção ao fenômeno óvni (ou algum evento correlato) seria capturado por uma ontologia alienígena (que pode ser vista na relação entre o ser e um outro desconhecido), não importa a forma como respondesse a ela, não importa como a interpretasse. Tal formulação teórica é uma das características notáveis da tese de Almeida, que lança luz à própria relação entre a pessoa humana e um outro alienígena, nesse caso, a presença desconhecida não identificada etc.).

Ainda que a tese de Almeida ofereça um grande fôlego analítico sobre o atual contexto da ufologia brasileira, além de sofisticados enquadramentos teóricos, notamos um limite claro imposto pelo seu próprio campo que se envolveu sobremaneira junto a coletivos ufológicos nacionais. Logo, o *corpus* documental da pesquisa, que refletiu uma grande amplitude, limitou suas conclusões e problema de pesquisa ao universo ufológico. Ou seja, por mais que o autor afirme que os óvnis possam ter uma existência para além

---

**30** Ferreira Neto publicou a primeira pesquisa acadêmica brasileira sobre o tema:  
- FERREIRA NETO, José Fonseca. **A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1984.

**31** ALMEIDA, Rafael Antunes. **“Objetos Intangíveis”: Ufologia, ciência e segredo**. 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2015](#).

da ufologia, ele acabou por analisar quase que exclusivamente como esse grupo lida com tais objetos.

A publicação de Daniel Pícaro Carlos também se insere nesta tendência, ao analisar a epistemologia presente em variadas correntes ufológicas e ufo-arqueológicas, nesse caso, em perspectivas que combinam teses ufológicas em teorias que tentam resolver dados arqueológicas insolúveis, a exemplo das publicações de Erich von Däniken, que ficou mundialmente conhecido pelo seu livro *Eram os Deuses Astronautas?*.<sup>32</sup> Além disso, o autor estabelece uma rica discussão sobre os campos místicos, esotéricos e científicos presentes na ufologia, destacando suas contradições, proximidades e polêmicas frente à comunidade científica.<sup>33</sup>

A tendência epistemológica, que se propõe a analisar como o conhecimento em ufologia é construído, é responsável por enriquecer significativamente o debate acadêmico acerca da relação entre a ufologia e a própria ciência como instituição. Ao evitar tratar o tema exclusivamente no campo discursivo, tais autores demonstram uma incomum perspicácia teórica que podem fornecer subsídios para outras abordagens.

Por mais que situe bem certos vícios e premissas generalistas, comumente evocadas entre os defensores da ciência contra outros domínios de conhecimento não formalizados (a tese de Almeida é um bom exemplo), e ainda que demonstrem os limites ou mesmo as contradições presentes na própria comunidade científica, nos mitos fundadores da ciência (a dissertação de Ferreira Neto explora bem essa questão), tais pesquisas, que tem como campo os coletivos ufológicos, acabam por se limitar pelo seu próprio objeto, ou seja, a ufologia.

Observamos, portanto, que estes trabalhos acabam por se conter às próprias noções de como que os ufólogos lidam com seus objetos e como que a ufologia lida com outros campos de conhecimento, como a ciência e vice-versa. Logo, neste grupo, notamos um valioso trabalho teórico que poderá orientar outros contextos e pesquisas que tem como objeto campos distintos à ufologia, a exemplo daquelas pesquisas centradas em ações de Estados, em investigações diretas, operações reativas e políticas de acobertamento.

---

**32** DÄNNIKEN, Erich. *Eram os deuses astronautas?* São Paulo: Melhoramentos, 55ª. Edição, 2005.

**33** CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno*. 157 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, [2007](#).

Podemos observar ainda que tais propostas, condizentes com o atual estado da arte das teorias das ciências sociais, também podem ser utilizadas em pesquisas que investigam ambientes culturais distintos, ao analisar agora a visão de um “terceiro elemento” sobre este tema. Portanto, tais enquadramentos teóricos sobre as possíveis relações entre óvnis e os grupos que a eles se voltam, podem ser transportados para diferentes campos passíveis, como o político, além daquele antropológico clássico, na análise de outras matrizes culturais.

### 1.5 Tendência política

Tendo em vista a exposição deste segundo grupo podemos agora acompanhar as pesquisas que tratam o tema agora segundo um viés político. Nessas publicações, geralmente vinculadas a pesquisas históricas (não necessariamente por historiadores de formação), são analisados o envolvimento de agentes de Estado, principalmente militares, com o fenômeno dos óvnis. Tais pesquisas se utilizam de fontes primárias presentes em documentação oficial desclassificada, assim como em história oral, geralmente proveniente de militares que se envolveram diretamente com óvnis.

Ainda figuram neste campo trabalhos que ressaltam o processo político da publicização de arquivos ultrassecretos sob uma perspectiva legal, jurídica e científica, como a primorosa pesquisa de Mariana Rosso, que resalta o histórico das leis e dos procedimentos legais inerentes à liberação dos arquivos relacionados à ufologia no Brasil.<sup>34</sup> Por sua vez, ainda sob o ponto de vista da desclassificação de arquivos sigilosos, Rafaela Carneiro destaca os prejuízos científicos e civilizacionais inerentes ao acobertamento de documentação oficial, ao abordar o tema sob o ponto de vista da ciência da informação.<sup>35</sup>

A pesquisa de Rafaela Carneiro, dentre as pesquisas nacionais, demonstra notável domínio dos marcos históricos, científicos e políticos da pesquisa ufológica brasileira e internacional, numa situação similar à pesquisa de Cláudio Suenaga. Indo além,

---

**34** ROSSO, Maria Fernanda Pereira. **A publicização dos arquivos ultrassecretos no Brasil:** o caso dos arquivos da ufologia à luz do direito à informação. 100 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, [2012](#).

**35** CARNEIRO, Rafaela Oliveira. **Documentos Ufológicos:** o desafio para o acesso à informação. 101f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, [2018](#).

encontramos pesquisas outras que tecem reflexões jurídicas do contado entre civilizações extraterrestres, tendo em vista o papel de instituições diplomáticas internacionais sobre o assunto.<sup>36</sup> Tendo em vista esse rol de perspectivas, podemos afirmar que a tendência política explora o envolvimento do Estado com os óvnis em variados campos e domínios.

Figurando no campo político de forma mais explícita, o artigo *Sovereignty and the UFO*, de Alexander Wendt e Raymond Druvall, publicado em 2008 numa renomada revista acadêmica, é certamente um “ponto fora da curva” nesse balanço temático, pois nos oferece uma rara inserção acadêmica do tema para além do campo cultural. Escrito numa espécie de manifesto, *Sovereignty and the UFO* tece reflexões sobre a violação da soberania de estados nacionais por óvnis, ao apontar que tecnologias “fora de controle” permanecem desafiando países sem que esses possam fazer muito a respeito. Ao discorrer sobre os vários tabus presentes no tema, inclui também discussões sobre o “mal estar” que os óvnis tendem a produzir na comunidade acadêmica e que faz ela ignorar o assunto. Tais discussões promovem uma excelente fonte de aproximação inicial ao tema.<sup>37 38</sup>

Já o artigo de Robbie Graham e Matthew Alford, *A History of Government Management of UFO Perceptions through Film and Television*, de 2011, oferece-nos uma valiosa e rara pesquisa sobre a política midiática do governo dos EUA, ao longo de décadas, sobre os óvnis e temas correlatos, na forma de políticas de financiamento cinematográficos e televisivas, destacando as manobras governamentais que favoreciam e desfavoreciam diferentes linhas narrativas segundo interesses próprios não declarados.<sup>39</sup>

Indo além desses artigos, destacamos, como peça notável dessa tendência, o livro de Michael Swords e Robert Powell intitulado *UFOs and Government: A Historical Inquiry*.<sup>40</sup> Devido ao seu grande fôlego, amplamente embasado em fontes militares, governamentais e de agências de inteligência, o livro é referência incontornável. Ao tratar o tema segundo a própria perspectiva do governo estadunidense, assim como de outras

---

**36** FAIS, Gilson. **A ordem jurídica sob a hipótese do contato extraterrestre**. 82 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, [2014](#).

**37** WENDT, Alexander; DUVALL, Raymond. *Sovereign and the UFO*. **Political Theory**. Vol. 36, n. 4, ago. [2008](#).

**38** Wendt e Druvall também publicaram artigo/capítulo no livro da jornalista investigativa Leslie Kean, autora de um *best seller* sobre o tema do envolvimento do Estado com os óvnis:

- WENDT, Alexander; DUVALL, Raymond. *Agnosticismo Militante e o Tabu dos OVNI*s. In: KEAN, Leslie. **OVNI**s: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo. Bauru, SP: Idea, 2011.

**39** GRAHAM, Robbie; ALFORD, Matthew. *A History of Government Management of UFO Perceptions through Film and Television*. **49° Parallel**. Vol. 25, [2011](#).

**40** SWORDS, Michael; POWELL, Robert. **UFOs and Government: A Historical Inquiry**. Anomalist Books, 2012.

nações, os autores demonstram como que, historicamente, este tema tem sido alvo de diferentes formas de aproximação, tendo em vista questões relativas à segurança nacional, ao desenvolvimento tecnológico e à política de acobertamento.

Além de expor, por meio de uma dedicada e trabalhosa pesquisa, ações governamentais que ocorreram nos EUA desde o final da Segunda Grande Guerra, ao acompanhar variados programas de pesquisa, além daqueles acadêmicos contratados pelo Estado, os autores puderam ainda analisar como que outras nações acompanharam o tema utilizando-se de documentação oficial liberada para consulta pública e testemunhos de agentes militares.

Outro trabalho semelhante que merece referência é o de Leslie Kean, intitulado *OVNIs: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo*.<sup>41</sup> Elaborado por uma jornalista investigativa de renome, a pesquisa de Kean é um volumoso trabalho de história documental, que se apoia em numerosos arquivos oficiais, na forma de relatórios de aviação, registro de radar, relatórios de interceptações contra óvnis, além de depoimentos coletados em primeira mão de pessoal qualificado que se envolveram em casos emblemáticos, especialmente relacionados à mútua perseguição de aeronaves contra óvnis, incluindo aí o único caso registrado que temos acesso em que um piloto alveja um óvni em perseguição.<sup>42</sup>

Certamente, o livro de Kean é a melhor referência para uma aproximação inicial ao tema, onde encontramos também artigos redigidos por generais e oficiais superiores que se envolveram no fenômeno, como o tenente brigadeiro do ar (FAB) José Carlos Pereira.<sup>43</sup> Kean ainda expõe em suas conclusões um debate entre o conhecimento acumulado por agentes governamentais com a comunidade científica, notavelmente entre os “céticos”, ao expor os limites e as contradições presentes entre aqueles que negam à priori a existência real e tecnológica de óvnis.

---

**41** KEAN, Leslie. *OVNIs: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo*. Bauru, SP: Idea, 2011.

**42** No caso, a missão de interceptação da Força Aérea Peruana empreendida com um caça Sukhoi-22 contra um óvni que sobrevoava a base da Força Aérea de La Joya, na manhã do dia 11 de abril de 1980. O piloto em questão produziu artigo sobre o caso, que integra o livro de Kean:

- HUERTAS, Oscar Santa Maria. Combate próximo com um OVNI. *In*: KEAN, Leslie. *OVNIs: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo*. Bauru, SP: Idea, 2011.

**43** Pereira, já falecido, é general brigadeiro da reserva da FAB, tendo alcançado o posto mais alto da hierarquia militar, assumindo também vários postos de chefia na corporação. Foi um dos responsáveis pela organização e liberação de arquivos sigilosos relativos a óvnis:

- PEREIRA, José Carlos. *OVNIs no Brasil*. *In*: KEAN, Leslie. *OVNIs: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo*. Bauru, SP: Idea, 2011.



A este grupo também não devemos abrir mão das publicações do historiador David Michael Jacobs, que já em 1975 defendeu a tese “*The Controversy Over Unidentified Flying Objects in America*”<sup>44</sup>, momento em que o autor remonta os principais eventos que contribuíram para o desenvolvimento deste tema nos EUA, ao expor, como Swords e Powell, ações governamentais que vão desde de investigações diretas, até políticas de descrédito público e acobertamento.

É justamente nesta tendência que se situa nossa dissertação em História, única até então limitada a esta tendência no Brasil, em que analisamos o envolvimento da FAB com o fenômeno dos óvnis no século XX.<sup>45</sup> Ao rastrear o interesse dos militares brasileiros em relação ao tema já em 1954, a pesquisa analisou o envolvimento, dada a persistência do fenômeno, de várias gerações de oficiais, destacando os eventos mais relevantes da instituição, como a criação da Central de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (Cioani), órgão de pesquisa direta que operou entre os anos de 1969 a 1972. A pesquisa também analisou operações reativas, na Operação Prato de 1977 e na missão de interceptação de 19 de maio de 1986, ao propor exercícios hipotéticos sobre como se explicariam tais eventos num contexto de guerra não convencional.

Nessas pesquisas notamos que a visão de militares e agentes de Estado em relação a óvnis está relacionada a uma recorrente questão de defesa do espaço aéreo. Logo, o encontro entre agentes militares e óvnis pode ser analisado pelo contexto histórico do surgimento da guerra aérea, do desenvolvimento técnico da aeronáutica e do poder aeroespacial, assim como das estratégias de defesa deste espaço, impulsionadas durante a Segunda Grande Guerra e pelo surto tecnológico da Guerra Fria, permanecendo ainda hoje como um vivo desafio.

Neste viés, os militares responsáveis pela defesa dos céus recorrentemente têm de lidar com tráfegos não autorizados, situações que muitas vezes os levam a produzir uma ampla variedade de documentos em que são relatadas uma rica variedade de situações sobre óvnis. É natural que tais objetos estejam sujeitos à suspeita de serem vetores militares ultrassecretos, por exemplo, mesmo que isto não seja comprovado.

---

**44** JACOBS, David Michael. **The Controversy Over Unidentified Flying Objects in America**: 1896 - 1973. 1973. 378 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Wisconsin, [1973](#).

**45** SCHRAMM, João Francisco. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986): segredos, tecnologias e guerras não convencionais**. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2016](#).

É de responsabilidade do Estado a promoção da segurança de sua população, mesmo que uma ameaça venha de algo que apenas aparenta ser real. Enquanto o cidadão comum pode mesclar o fascínio, a curiosidade ou mesmo o temor acerca dos óvnis, o agente militar, além também estar sujeito a esses fatores, mantém uma postura distinta devido a suas atribuições e responsabilidades, na medida em que vetores desconhecidos são detectados invadindo o espaço aéreo nacional, com potencial de pôr em risco o tráfego aéreo de aeronaves autorizadas, por exemplo. É por meio dessa perspectiva, mas não somente dela, que os militares lidam com os óvnis, o que torna clara a ligação desse tema com a guerra aérea e com as preocupações correntes com a defesa deste espaço.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que as pesquisas anteriormente citadas deste grupo específico, ao se debruçarem em um grupo de fontes militares, governamentais e de agências de inteligência, acabam por expressar seu sentido, traçando conclusões provenientes da análise estritamente centrada em fontes primárias. De forma sóbria, tais afirmações se apoiam apenas nas evidências e impressões coletadas, sem ir além. Portanto, estes trabalhos nos atentam para o fato de que tais fenômenos continuam a ocorrer, de forma persistente, acompanhado por diferentes instituições ao longo de várias décadas e devidamente a este motivo existem ainda projetos oficiais de investigação em curso, a exemplo do Geipan (*Groupe d'études et d'information sur les phénomènes aérospatiaux non identifiés*), da agência aeroespacial francesa Cnes (*Centre national d'études spatiales*).<sup>46</sup>

Ao utilizarem fontes tradicionais de pesquisas em história política, conformam um grupo poderoso de contrabalanço à antítese deste tema em si, identificada agora naquelas concepções que atribuem uma validade puramente metafísica a este objeto de pesquisa, associando, muitas vezes, a crença “em discos voadores” a um raso conhecimento científico, fruto de enganos, mistificações ou pura fraude. Podemos afirmar também que as pesquisas que tiveram como fontes arquivos governamentais é recente, tendo em vista a possibilidade de utilização desse material somente ocorrer com a liberação de

---

<sup>46</sup> Criado em 1977 (com diferentes nomes), o Geipan desde de 2007 disponibiliza seus arquivos na internet. A incluir membros do Geipan, assim como vários generais de renome franceses e outros agentes e pesquisadores, o projeto Cometa (*Committee for In-Depth Study*) produziu, até o presente, o mais profundo e detalhado relatório extraoficial sobre atividades de óvnis, co. Intitulado “*Ufos and Defense: What Should We Prepare For?*”, o relatório afirma, dentre outras coisas, que ao menos 5% dos relatos sobre óvnis apontam para a existência de vetores tecnológicos desconhecidos, capazes de manobras excepcionais e supostamente guiados por algum tipo de inteligência.

- The Cometa Report. **Ufos and Defense: What Should We Prepare For?** COMETA, [1999](#).

documentação sigilosa, o que leva também ao parco conhecimento do público geral, assim como do público acadêmico, acerca das pesquisas que ressaltam o tema segundo este viés político. Já que este tema é tratado, majoritariamente, segundo uma perspectiva cultural, como pudemos observar nesse levantamento, é correto afirmar também que para muitos, as conclusões resultantes da análise desse tipo de fonte primária ainda permanecem uma novidade.

Em síntese, os óvnis, agora em sua acepção política e militar, ocupam um espaço de transição. É o etéreo metafísico, o irrelevante objeto cultural, folclórico e sobrenatural que só existe no reino das crenças e do entretenimento, portanto inofensivo, que tenta ganhar a forma física, em fazer parte da realidade, saindo aos poucos de uma forma puramente obscura para se situar em algum lugar da matéria. Nesse caso, os óvnis, devido a sua presença como tecnologia, desafiam a soberania aérea das nações, impondo aos militares situações não antecipadas de difícil compreensão.

Embora se comparado com as pesquisas das tendências anteriores as pesquisas do campo político ofereçam abordagens mais materialistas e objetivas sobre os óvnis, tais estudos correm o risco de operam dentro de um limite expresso pelo próprio sentido de suas fontes, ao ocupar-se apenas com a visão que os militares e agentes governamentais tem do fenômeno. Em outras palavras, ainda que consigam compilar uma vasta quantidade fontes confiáveis de variadas situações e que possam atribuir diferentes características e evidências sobre tais objetos, as reflexões oriundas desse campo correm o risco de apenas confirmar a veracidade de situações insólitas singulares, sem ir além. Tendo em vista a abrangência da perspectiva política e militar da pesquisa sobre óvnis, podemos prosseguir para a próxima e última tendência desse balanço.

## **1.6 Tendência integradora**

Esta tendência, a que identificamos de estudos integrados, concentra suas reflexões e análises num grupo de fonte diversificado e abrangente, aproximando-se do tema em suas várias facetas, diversidade essa que pudemos observar neste balanço temático introdutório. Ou seja, tais pesquisas integram os elementos que foram apontados nas tendências anteriores, sem limitar o tema a um tipo de abordagem específica.

A pesquisa em História de Cláudio Suenaga é um exemplo clássico desta tendência.<sup>47</sup> O autor, mesmo ao explorar o tema em sua face simbólica, mitológica e cultural, ainda assim pôde analisar também uma ampla gama eventos insólitos no Brasil, a contar com um criterioso trabalho em campo. Além disso, sua pesquisa acercou-se das ações políticas das duas grandes potências da Guerra Fria em relação ao fenômeno dos óvnis, sendo um pioneiro também em analisar ações efetivadas pelo Estado brasileiro neste quesito.

Suenaga também foi o primeiro a analisar, utilizando-se inclusive de documentação oficial, as ações de Aladino Félix (1920-1985), líder de um grupo paramilitar que foi responsável por vários atentados em São Paulo em 1968, por vezes erroneamente atribuídos à grupos de esquerda, tendo sido preso e torturado durante o regime militar de 1964.

Em sua pesquisa percebemos uma rara proposta de aproximação ao tema, ao tratar as ações de Aladino Félix e seus sequazes sem se ater uma abordagem reducionista, de matiz estritamente cultural (de representações e crenças milenaristas), ao expor implicações políticas do terrorismo efetivado por este grupo, além das intenções e ideias que os moviam, contando com o depoimento em primeira mão de antigos membros que participaram das ações e que puderam compor a personalidade de Aladino Félix. Além disso, expôs de forma clara os esquemas geopolíticos, místicos e mitológicos (que incluíam uma ampla reinterpretação de mitos tradicionais) que perfazem a obra de Aladino de Félix, incluindo em sua pesquisa as ações políticas e os contatos políticos, que incluíam militares de alta patente.

Logo, a investida de Suenaga, de grande fôlego, pôde mesclar elementos da ciência antropológica, em suas várias saídas de campo, coleta de material em primeira mão e discussões teóricas pertinentes a este campo, envoltos num enquadramento histórico mais abrangente, que pôde resgatar narrativas temporais que mesclavam elementos culturais, políticos e sociais à maneira da prática historiográfica clássica, dispondo de um grupo variado de fontes, como relatórios de campo, entrevistas, notícias de jornais e revistas, além de documentação desclassificada do regime militar.

---

**47** SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A Dialética do Real e do Imaginário: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI.** 396 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, [1999](#).

Aliado a esta tendência, o trabalho de Nigel D´as, nos direciona para uma proposta de pesquisa ainda mais intrigante.<sup>48</sup> Mesmo contendo poucas páginas, assemelhando-se mais a um artigo de final de curso de pós-graduação, a pesquisa de D´sa consegue lançar a possibilidade de associação de variadas linhas de pesquisa numa única proposta. A primeira dela se insere num tópico até então pouco explorado, relacionado aos desafios impostos às pesquisas que se dirigem ao tema, desafios esses que atentam contra sua própria validade, que pode ser identificada no esforço de se marginalizar e suprimir o reconhecimento da seriedade deste assunto. Devido a este fato, podemos afirmar a existência de um tabu, que encarna a própria antítese do tema em si. Segundo D´sa, tal tabu opera como uma forma de “epistemologia da ignorância”, ao relegar o tema ao reino da ficção, do sensacionalismo midiático, das narrativas conspirativas e das fantasias coletivas.

Associado à própria insistência da hipótese extraterrestre, comumente vinculada por uma imprensa sensacionalista, tal visão simplista acaba por ser assumida também pela comunidade científica, ao tratar o tema dos “discos voadores” de uma maneira superficial, relegando-o ao escarnio daqueles que “acreditam em homenzinhos verdes”. No entanto, como observa D´sa, em tal negação está subtendido também um desafio a uma visão antropocêntrica da realidade, já que admitir a materialidade de tecnologias tão discrepantes como àquelas atribuídas aos óvnis, de certa forma, é admitir também os próprios limites da ciência como conformadora de uma realidade de limites claramente perceptíveis.

Nesse sentido, para muitos, tais objetos “não são bem-vindos”, pois desafiam tais limites, impondo-se, nesse caso, numa “região de fronteira”. Portanto, só podem ser no mínimo uma fraude, e, no máximo, um engano. Já para outros, insatisfeitos por uma realidade desencantada pelo cientificismo secular, tais objetos podem expressar já uma espécie de “alívio”, em que tais presenças são como um gesto de que existe algo a mais por aí, pois, mesmo que considerados como frutos do engenho humano, por seu comportamento, sugerem um grau de desenvolvimento tecnológico por demais avançado, ao ponto de serem confundidos ou considerados, por muitos, como não humano. O sucesso comercial de séries como *Arquivo X (The X-Files)* e de documentários produzidos

---

**48** D´SA, Nigel. **Ambiguous Intrusions:** The UFO/Alien Encounter Phenomenon and the Politics of Repression. (2014). 28f. Dissertação – (Mestrado em Estudos Integrados). Universidade de Athabasca, Alberta, [2014](#).

pelo *History Channel* sobre o tema atestam tal interesse, mesmo que movido apenas por entretenimento e curiosidade.

D'sa também sugere uma outra linha de pesquisa, agora dedicada a observar, sob um viés antropológico, como que outras culturas de matriz não ocidental lidam com o tema, ao conformar, em suas tradições, conhecimentos que podemos identificar estarem relacionados a óvnis. Portanto, mesmo sem se aprofundar em tal análise, D'sa pôde sugerir uma nova linha de pesquisa, que integraria uma visão de um terceiro elemento ao fenômeno dos óvnis e temas associados, sugerindo aqui a ligação do tema com estudos antropológicos.

No entanto, percebemos nestas duas pesquisas um paradoxo que expressa bem suas limitações. Primeiramente, o trabalho de Suenaga pôde contar com um volumoso grupo de fontes, além abranger o tema segundo várias direções (militares, ufológicas e messiânicas/terroristas). Tal elenco, quando em análise, resultou numa investigação que se dedicou a analisar seu objeto de forma profunda e detalhada, especialmente em relação à vida e obra de Aladino Félix.

Ou seja, o trabalho de Suenaga é rico em fontes primárias, no entanto carece de análises mais amplas frente a este tema, pois pôde mesclar um variado grupo de fontes primárias que demandavam análises mais abrangentes.<sup>49</sup> Já o trabalho de D'sa, mesmo sem expor tal detalhamento e aprofundamento, pôde integrar diferentes linhas de forma abrangente, numa proposta multifacetada. Dito de outra forma, a pesquisa de Suenaga, naquilo a que ela se propôs, é rica em informações, já a pesquisa de D'sa, mesmo sem ter tal aprofundamento, é capaz de lançar propostas inovadoras que podem inspirar outras pesquisas.

Nossa primeira publicação sobre este tema também pode ser enquadrada como partícipe desta quarta tendência, mesmo que apenas de forma ensaísta. Primeiramente, ela expôs uma sintética discussão teórica sobre um tipo de alteridade radical, tendo em vista as discussões pertinentes à ciência antropológica sobre diferentes tipos de alteridade.

---

**49** Em *Contatados: emissários das estrelas, arautos de uma nova era, ou a quinta coluna da invasão extraterrestre?*, Suenaga nos oferece análises mais abrangentes deste fenômeno, face a um numeroso conjunto de casos relatados. O autor, mesmo ao manter uma postura crítica à visão que os próprios "contatistas" têm de suas experiências, não reduz tais encontros a epifenômenos, ao elaborar teses que apontam para um tipo de manipulação psíquica de finalidades incompreensíveis:  
- SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **Contatados: Emissários das estrelas, arautos de uma nova era ou a quinta coluna da invasão extraterrestre?** Campo Grande: Biblioteca UFO, 2007.

Esta proposta de alteridade não convencional, que aponta para o encontro com um outro desconhecido (ou seja, uma alteridade alienígena), aglutina uma rica gama de situações, a incluir as narrativas militares sobre óvnis e também aquelas efetivadas por programas de investigação de inteligências extraterrestres, geralmente associada a agências espaciais de diferentes países.

O projeto Seti (*Search for Extraterrestrial Intelligence*)<sup>50</sup> da agência espacial estadunidense compõe a narrativa de maior credibilidade científica sobre a possível relação entre humanos e civilizações extra-solares. Tendo como ideia inicial explorar diferentes narrativas de alteridade alienígena, a pesquisa pôde contar com uma grande variedade de fontes, que resultaram numa diversificada amostragem de aproximações ao tema, que pôde explorar desde de encontros entre diplomatas e alienígenas,<sup>51</sup> até o contraste entre narrativas oficiais e extraoficiais da FAB.

O último grupo de fontes foram centrados na exposição das teses levantadas por meio dos depoimentos extraoficiais de militares dos EUA, reunidos no *Disclosure Project*,<sup>52</sup> teses essas que apontavam para o próprio envolvimento de uma trama governamental acerca de tecnologias proveniente de óvnis, que poderia, sob uma perspectiva conspirativa, ser utilizada em uma agenda geopolítica de característica fantástica.

---

**50** Para maiores informações acerca do projeto Seti (atividades, teorias e bastidores), ver Aranha Filho, Barcelos e Dick. Ainda sob o viés da busca por inteligências extraterrestres, Lemarchand discorre sobre as décadas da experiência argentina nesse ramo, empreendidas pelo IAR (*Instituto Argentino de Radioastronomía*):

- BARCELOS, Eduardo. **Na Terra de Oz: os debates sobre a pesquisa de vida e inteligência extraterrestres (1959-1993)**. *Revista da SBHC*, n.10, p.29-42, [1993](#).

- ARANHA FILHO, Jayme Morais. **Inteligência Extraterrestre e Evolução: as especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno**. 1990. 293 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ, [1990](#).

- DICK, Steven J. Anthropology and the search for extraterrestrial intelligence: An historical view. *Anthropology Today*, v. 22, n. 2, p. 3-7, [2006](#).

- LEMARCHAND, Guillermo A. Developing SETI from a Developing Country in a Developing Planetary Civilization. In: **The Significance of Negative SETI Results – A Planetary Society Workshop**. Harvard Faculty Club, Cambridge, Massachusetts, [2004](#).

**51** No caso, a narrativa do adido cultural da embaixada equatoriana no Peru, Alberto Ávila Machuca, dada em entrevista após o respaldo presidencial de quebra de sigilo assinado pelo presidente Rafael Corrêa, no ano de 2005. Tal atitude criou um ambiente em que militares e outros agentes governamentais equatorianos puderam relatar suas experiências sem maiores constrangimentos, concomitante também à criação da Ceifo (*Comisión Ecuatoriana de Investigación del Fenómeno Ovni*), vinculada ao Ministério da Defesa Nacional.

**52** O “projeto revelação”, dirigido pelo médico traumatologista e ufólogo Steven Greer, realizou uma conferência no National Press Club, em Washington, D.C., no dia 09 de maio de 2001, em que dezenas de militares de diferentes patentes narraram suas experiências sobre óvnis, dispendo-se a testemunhar ao Congresso sob juramento caso fossem solicitados. O seu maior feito foi reunir um volumoso e diversificado corpo de depoimentos de militares norte-americanos visando a liberação de documentos sigilosos dos EUA.

Na pesquisa, tal excesso de fontes primárias demandou uma análise de conjunto que não ocorreu e que poderia, de forma mais abrangente, situar o lugar que elas ocupam em relação a essa grande narrativa mitológica hodierna. Ou seja, a alteridade alienígena, como proposta teórica é apenas uma característica genérica deste novo mito moderno, e as narrativas expostas pela pesquisa não foram suficientes para compor uma ideia geral do seu lugar em relação a este mito. Logo, a conclusão da pesquisa era diminuta frente às próprias narrativas e fontes por ela analisada.

Portanto, tendo em vista as contribuições e os limites exemplificados pelas pesquisas situadas nesta quarta tendência, podemos prosseguir, ao afirmar que os estudos integrativos tendem a formar uma aproximação inovadora de investigação social, especialmente quando o objeto de pesquisa tende a ser o próprio tema em sua acepção abrangente, que inclui variados tipos fontes primárias passíveis de serem combinadas.

Nesta proposta, o que há de mais promissor nas tendências supracitadas pode servir pesquisas que venham mesclar tanto os aspectos culturais presentes nas projeções humanas sobre os óvnis (primeira tendência), assim como o papel da ufologia na construção de um novo tipo de conhecimento especializado, a contar com seu contraste com a ciência e também com a acumulação de informações que podem servir, ao menos, como fontes primárias e bibliografia secundária para outras pesquisas (segunda tendência), assim como também no envolvimento de Estados com o tema, ligado agora sob uma ótica de segurança nacional, guerra aérea, desenvolvimento tecnológico e pesquisa direta (terceira tendência), sendo todos estes elementos estruturantes de um novo mito em movimento, nascido na modernidade, mas ainda muito pouco investigado. Tendo em vista esta possibilidade, podemos notar que tal tendência, ainda que pouco explorada, oferece um exemplo de que como este tema pode ser investigado de forma abrangente, ao integrar distintas formas de aproximação.

Ainda assim, por mais interessante que possa parecer, esta quarta tendência suscita consideráveis desafios relativos à equalização de campos e fontes de tipologias e formatos díspares, ao sugerir a mescla de teorias e métodos de pesquisa de várias disciplinas, fato que dificulta sua operação em pesquisas acadêmicas, especialmente se considerarmos a tradição monográfica que vigora nas pesquisas de pós-graduação, em que, na disciplina histórica, acaba por se expressar em linhas de pesquisa que sugerem temáticas, temporalidades e tipologias documentais claras e definidas, o que tornaria bastante difícil a mescla de elementos culturais (primeira tendência), com elementos epistemológicos



(segunda tendência), e também com elementos políticos (terceira tendência). No entanto, tais dificuldades podem ser contornadas, tendo em vista inclusive os novos debates epistemológicos presentes na historiografia contemporânea.

A análise e organização desse balanço suscita a ideia central de que as pesquisas sobre “temas de fronteira” naturalmente encontram barreiras impostas pelos próprios limites epistemológicos evidenciados pelas publicações aqui elencadas. Diante de tais limites, ficam as perguntas: qual é a melhor forma de se aproximar e investigar um tema de fronteira? Seria pela perspectiva cultural? Ou num debate epistemológico, entre a ciência e as paraciências que se dedicam a ele? Ou seria pela via política, tendo como fio condutor as fontes militares e governamentais sobre tais fenômenos?

Obviamente, há inúmeras respostas para essas perguntas, pois podemos afirmar que, por exemplo, tais campos estanques são autossuficientes e as pesquisas a eles endereçadas expressam esse sentido. No entanto, poderíamos também tentar responde-las por meio outro caminho, destacando, nesse caso, não somente os limites, mas também as contribuições que esses campos oferecem, afim de nos aproximarmos de uma epistemologia que venha a cobrir o tema em toda sua complexidade. Por mais que tentemos compartimentar a realidade em especializações acadêmicas, ela necessariamente se expressa de forma totalizante.

Logo, os temas de fronteira, nesse caso, exigem horizontes abrangentes, e qualquer análise em particular necessariamente tem de vir acompanhada de estudos teóricos mobilizem uma ampla variedade de fontes e situações outras que estão associadas a esses incertos temas. Em consequência, o balanço temático aqui analisado evidenciou que tais temas de fronteira possuem uma temática cultural que, por trazer as questões mais profundas e controversas, se impõe como domínio basilar, a que os demais se derivam e se projetam de forma distinta.

Portanto, nesta primeira tendência se encontram as discussões mais profundas e numerosas sobre o tema. Como vimos, as pesquisas centradas na tendência cultural redutiva, um rico estudo do imaginário de nossa época e construído, ainda que dirigido também para a negação material do tema. Por outro lado, as pesquisas que analisam as inflexões culturais presente no imaginário sobre óvnis tecem valiosos estudos históricos sobre o tema, já que balizados em fontes da época. Indo além, com uma sofisticada perspectiva histórica e cultural de longa duração, as pesquisas associam eventos do

folclore com similares contemporâneos atualizam o debate sobre as continuidades de mitos tradicionais aos novos mitos tecnológicos contemporâneos, a evidenciar, inclusive, aqueles próprios nascidos na modernidade, ainda que não admitidos por ela.<sup>53</sup>

Em vista desta inevitável característica cultural, a tendência epistemológica expõe complexas elaborações teóricas entre os diferentes atores e instituições que compõem fenômeno, empreendidos especialmente por cientistas sociais. Nela, lembrando dos esquemas do antropólogo Rafael Antunes Almeida, são os óvnis que mobilizam as próprias dinâmicas daqueles que os investigam, sejam pesquisadores civis, militares ou acadêmicos, vistos aqui como “máquinas de fazer segredo”, na constância de um comportamento furtivo.

Outro tópico relevante das ciências sociais, tendo em vista agora uma abordagem que estabelece uma equivalência entre “crentes” e “não crentes” em óvnis, se dirige a ideia de falsidade do conceito de irracionalismo, presente não somente naqueles que acusam serem os interessados em óvnis como irracionais, mas também naqueles que denunciam a ciência como uma nova instituição obscurantista, a conspirar contra uma realidade (os óvnis) que põem em xeque seus axiomas básicos.<sup>54</sup>

Já na tendência política encontramos os dados primários mais confiáveis sobre o fenômeno, tendo em vista aqui sua materialidade. Não apenas pela potência discursiva da fonte oficial, bastante fetichizada, mas especialmente pelo fato de que as instituições militares produziram pesquisas com equipes em campo qualificadas, que operavam sob sigilo, portanto muitas vezes equipamentos e tecnologias restritas (que produziram dados de radar, de torre de controle, de aeronaves em voo etc.), informações primárias que podem permanecer sigilosas por décadas.

Por outro lado, ainda que consigam compilar uma vasta quantidade de documentos e relatos de variadas situações e que estas narrativas possam atribuir diferentes

---

<sup>53</sup> Sobre a persistência dos mitos na modernidade, agora no campo científico, Certeau afirma que “as práticas de natureza técnica, são, frequentemente, tão silenciosas, circunscritas e essenciais como eram, outrora, as práticas da iniciação; no entanto, daqui em diante, elas são do tipo científico. É relativamente a tais práticas que se elabora o discurso histórico, garantindo-lhes uma legitimidade simbólica sem deixar de “respeitá-las”. Ele [o discurso histórico] é necessário à articulação social dessas práticas e, no entanto, controlado por elas; assim, ele seria o mito possível de uma sociedade científica que rejeita os mitos.”

- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.70.

<sup>54</sup> Tais argumentos são expostos por Lagrange:

- LAGRANGE, Pierre. **Ovnis**: ce qu'ils ne veulent pas que vous sacheiz. Paris: Presses du Chatelet, 2007.

características e evidências sobre estes objetos, elas apenas irão confirmar a veracidade de situações insólitas singulares. Ou seja, mesmo presente em suas conclusões referências a “tecnologias incompreensíveis”, “inteligências avançadas”, “fenômenos incompreensíveis” etc., este sempre será seu limite, o que torna as análises desse grupo um tanto defasadas em relação às pesquisas das outras tendências.

Logo, os pesquisadores acadêmicos que porventura venham investigar esse tema certamente encontrarão os desafios aqui elencados, expressos nas relações possíveis entre esses campos e tendências. Caso queiram explorar o fenômeno de forma abrangente, necessariamente terão de enfatizar os aspectos culturais, dos imaginários aos mitos e folclores modernos, assim como também da relação entre a ciência e as paraciências, ainda que escolha, por exemplo, ter como fio condutor a análise de fontes militares e ações governamentais.

Podemos ressaltar ainda que as pesquisas presentes na quarta tendência, integradora, nos oferecem um exemplo de uma proposta ainda a se fazer, tendo em vista sua sofisticação, de se buscar uma compreensão do tema em toda sua complexidade. Tal esforço se coaduna ao questionamento, na historiografia, da tradição monográfica que ainda vigora nos programas de pós-graduação, questionamento este que podemos observar na ideia de “sistema mundo”, de Immanuel Wallerstein e outros autores, pois ainda que fincado num paradigma marxista renovado, portanto de predileção economicista, se destina a investigar as próprias estruturas de uma ordem econômica mundial articulada por um complexo sistema de trocas econômicas, que tornaria leviana um abordagem unicamente nacional e sem ligações geopolíticas globais, por exemplo.

Já em exemplos mais recentes, observamos o advento de uma nova epistemologia que veio a incentivar estudos centrados numa história global, associados agora às perspectivas “pós-coloniais”, que vieram substituir os esquemas de “centro e periferia” por outros mais sofisticados e que se baseiam inclusive nas perspectivas culturais nacionais e civilizacionais não europeias, em que os grandes momentos de ruptura, por exemplo, não se deram, como na Europa, na Revolução Francesa, mas sim no próprio processo colonial. Tais pesquisas revisitam e analisam um sistema de valores anteriores à colonização europeia em sua própria lógica, especialmente onde esse processo seu deu em avançadas civilizações.

Tendo isso em vista, a presente pesquisa se organiza em um esquema cronológico tradicional, em que o campo político, centrada em fontes jornalísticas, militares e governamentais, seguirá como fio condutor principal da narrativa, sendo incorporada discussões sincrônicas, como interpretações e teses gerais vigentes em cada época. Nesse caso, consideramos que a sincronicidade e as possíveis relações e encontros entre diferentes domínios é, por si só, um fator relevante de conhecimento científico.

Em outras palavras, nessa pesquisa eventos de ordem política formam o fio condutor de uma narrativa que inclui inflexões culturais interpretativas próprias de cada época, tendo em vista as poderosas relações entre os campos científicos, cultural e político, aproximando-se, nesse caso, da tendência integradora deste balanço temático. Nesse sentido, esta tese se destina a elaborar uma visão abrangente da história brasileira sobre o fenômeno dos óvnis e temas relacionados, tendo em vista o estudo de casos relevantes.

Por fim, cabe dizer que toda generalização e elaboração de tendências ocorre um processo de simplificação de pesquisas que os próprios autores e leitores podem não estar em concordância. Ciente deste risco, este balanço sobre o estado da arte das principais tendências e pesquisas sobre óvnis e temas associados tem o propósito de orientar novos pesquisadores que certamente virão a se dedicar a este tema, haja vista o grande número de publicações que ocorreram nos últimos anos nas universidades brasileiras, por exemplo.

Este balanço temático também poderá servir como uma peça introdutória para um público acadêmico mais abrangente, que por ventura venha a se interessar acerca das possibilidades acadêmicas de investigação de temas de fronteira, como fonte de endereçamento para trabalhos que, até então, ainda permanecem isolados de seus pares. Esta tese poderá trazer também maiores subsídios quanto a uma compreensão de um tópico ainda pouco explorado pela academia, que se relaciona às investigações promovidas por instituições e agentes governamentais sobre óvnis, presenças essas a que militares de distintas nações, mesmo sem saber explicar suas origens, nos chamam a atenção para sua realidade para além das projeções humanas, num vivo desafio àqueles responsáveis pela defesa do espaço aéreo.

Indo além, por meio de estudo centrado nos documentos oficiais recém liberados para consulta pública, o próximo capítulo ressaltará os aspectos centrais de uma história

pouco conhecida do Brasil. Neste capítulo temático, abordaremos como o país lidou com presenças aéreas desconhecidas em seu território, por meio da análise das fontes contidas no “fundo óvni” do Arquivo Nacional, datadas desde de a década de 1950 até o presente.

Tendo em vista que as fontes oficiais do Estado brasileiro podem guiar um valioso estudo introdutório sobre o tema, o intuito do capítulo é facilitar a compreensão de um campo de difícil definição. Ness caso, a cronologia tem a qualidade de expressar uma singular história política nacional, até então muito pouco desconhecida, pela comunidade acadêmica e pelo grande público. De fato, traremos à luz uma ramificação de uma história política nacional que se aproximou da fronteira do absurdo.

## Capítulo II

### Cronologia do *fundo óvni* do Arquivo Nacional<sup>55</sup>

#### 2.1 Década de 1950

Assim como em outros países a imprensa brasileira foi responsável por popularizar os discos voadores no Brasil, acompanhando de perto a primeira onda de avistamentos que ocorreu nos EUA em 1947, evento esse que abrigou o primeiro caso da história moderna dos discos voadores.<sup>56</sup> Inicialmente em breves notas sobre relatos de outros países, abrindo espaço em seguida para publicações mais extensas e elaboradas, os discos voadores passaram a fazer parte da grande imprensa como uma resposta ao crescente interesse do público, que podia acompanhar agora os primeiros livros sobre o tema e também a própria novidade primeiros casos genuinamente brasileiros, que não tardaram a vir. Esse fato contribuiu para o surgimento de um novo nicho de interesse da imprensa (e da indústria editorial), sendo a revista *O Cruzeiro* aquela que mais se especializou no assunto, especialmente na década de 1950.<sup>57</sup>

Em 1952, um caso notório ocorrido na cidade Rio de Janeiro pode ser considerado como aquele inaugurou o debate sobre os discos voadores no Brasil, um ponto alto das notícias que até então falavam sobre o tema. Conhecido como o caso da *barra da Tijuca*, o disco voador em questão teria sido fotografado na praia por dois jornalistas, que produziram matéria sobre o evento, em tom de furo de reportagem, expondo, ao grande público, inéditas fotos de discos voadores.

Durante o tempo em que a revista *O Cruzeiro* detinha o “seu disco voador”, militares da FAB chegaram a analisar as fotos, todavia, não encontrando nenhum indício

---

<sup>55</sup> Uma sessão do sítio do Arquivo Nacional descreve a dimensão e o suporte de todos os documentos presentes no “fundo óvni”. Para acessar os arquivos que se encontram digitalizados é necessário que o navegador da web esteja, por meio de login, com acesso ativo ao sistema do Arquivo Nacional.

- Arquivo Nacional. Fundo/Coleção ARX – Objeto Voador Não Identificado ([OVNI](#)).

<sup>56</sup> Esse ano em especial, tido como o começo da Era Moderna dos Discos Voadores, será analisado de forma mais detida no Capítulo IV.

<sup>57</sup> Tendo em vista o protagonismo da revista *O Cruzeiro*, a pesquisa de Santos é a mais completa sobre o tema dos discos voadores na imprensa brasileira:

- SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos Discos Voadores: Guerra Fria, Imprensa e Ciência no Brasil (1947-1958)**. 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, [2009](#).

de fraude. Nesse caso, as fotografias da pesquisa de campo da FAB compõem a maior parte das poucas páginas de documentos da década de 1950 presente no “fundo óvni” do Arquivo Nacional.<sup>58</sup>

Mais tarde, porém, pesquisadores e instituições analisaram as fotos em laboratório e constataram uma incongruência na sombra do disco e de outros elementos do cenário, um erro de projeção das sombras presente em uma das fotos. O polivalente engenheiro Claudeir Covo, um dos decanos da ufologia brasileira, analisou o caso sendo um dos responsáveis por atribuir que as imagens foram manipuladas.<sup>59</sup> Por sua vez, o relatório Condom, uma pesquisa encomendada pelo governo dos EUA à universidade do Colorado, analisou as fotos e obteve as mesmas conclusões. Já a revista brasileira *UFO* publicou matéria sobre a reviravolta do caso “barra da Tijuca”.<sup>60</sup> Outro fato agravante é o depoimento de jornalistas que participaram da montagem em 1952, presente em livro *Cobras Criadas* sobre os bastidores da imprensa brasileira, que narra a montagem desse episódio,<sup>61</sup> dados que, em conjunto consolidaram definitivamente a história como uma fraude.<sup>62</sup>

Na época, fotos sobre discos voadores conferiam ao fenômeno uma “realidade” inaudita, situação essa aproveitada por ambiciosos jornalistas em furos de reportagem que causaram notável impacto na sociedade, assim como vultuosos lucros, tendo em vista o uso exclusivo de imagens em matérias jornalísticas de grande tiragem. Após esse trunfo, a revista *O Cruzeiro* passou a ser a principal fonte da imprensa sobre o tema, tendo o jornalista João Martins, um dos autores do truque, conquistado posição de destaque como repórter especialista em cobrir eventos relacionados a discos voadores, isso ao longo de décadas. Dessa forma, as publicações da revista contribuíram, de forma significativa, na

---

**58** BRASIL. Força Aérea Brasileira. **Caso barra da Tijuca: reconstituição das trajetórias pelas fotografias, 1952.**

**59** Covo publicou um recente artigo sobre o caso, bastante rico em relação ao contexto histórico da década de 1950, já que as fotos da barra da Tijuca:

- COVO, Claudeir. Resgatando a história da Ufologia brasileira. **Portal UFO**. 01 nov. [2002](#).

**60** CONDON, Edward; SULLIVAN, Walter. **Scientific Study of Unidentified Flying Objects**. New York: Bantam Books, 1969.

- BORGES, Alexandre de Carvalho. A fraude do Caso Barra da Tijuca completou 55 anos. **Revista UFO**. 6 jun. [2010](#).

**61** MAKLOUF, Luíz. **Cobras Criadas**. São Paulo - SP: Senac, 2004.

**62** O jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva publicou excelente resenha sobre o livro:

- *Biografia de Nasser é alerta para o jornalismo atual*. **Folha de São Paulo. Ilustrada**. São Paulo: 10 nov. [2001](#).

configuração do imaginário popular brasileiro sobre o tema, especialmente se tivermos em conta as décadas de 1950 e 1960.

A pesquisa de Rodolfo Gauthier Cardoso dos Santos expõe como esse imaginário se formou, tendo em vista um debate entre hipóteses: num momento inicial, no imediato pós-guerra, a hipótese do engenho militar secreto coexistia conjuntamente com a hipótese da aeronave alienígena extraterrestre, no entanto, com o passar dos anos, devido aos novos relatos cada vez mais extraordinários, a hipótese extraterrestre acabou por se consolidar, tanto pela imprensa quanto entre pesquisadores, escritores e militares do período.

Na época, os discos eram tidos como tecnologias sem paralelo, próximas da energia nuclear. A divulgação de “autênticas” fotos de discos voadores resultou em vendas e tiragens excepcionais para a revista *O Cruzeiro*. Nesse caso, o acervo do “fundo óvni” da década de 1950 dispõe, apenas, de papéis avulsos da pesquisa empreendida militares da FAB sobre as fotos do disco da “barra da Tijuca”, assim como de um relatório escrito pelo comandante Nagib Ayub, numa viagem de Porto Alegre ao Rio de Janeiro.

Comandando um avião de carga da Varig, Ayub teria avistado, conjuntamente com sua equipe, uma forte luminosidade que acompanhava a aeronave e que teria atraído a todos, forçando-o a pousar em São Paulo.<sup>63</sup> Esse tipo de relato, uma descrição sumária dos objetos e de seu comportamento, passou a ser o grosso da documentação do “fundo óvni”, como veremos. Por outro lado, para além da documentação da FAB, a década de 1950 abrigou vários casos outros notórios, envolvendo agora a Marinha do Brasil (MB). Os relatórios discorriam sobre observações de discos voadores na ilha da Trindade – ES e suas adjacências, vistos tanto por equipes estacionadas na ilha como em embarcações.

De forma surpreendente, em uma expedição em janeiro de 1958, o fotógrafo Almiro Baraúna, contratado a bordo do navio/escola *Almirante Saldanha* da MB, alega ter tirado 4 fotos de um disco voador nas proximidades da ilha, sendo essas fotos mais tarde publicadas na imprensa. Tal furo jornalístico gerou um interesse crescente do público nacional e internacional sobre o tema, sendo as fotos da Trindade quicá aquelas mais debatidas da história. A esse evento em particular dedicaremos nosso quarto capítulo.

---

**63 BRASIL.** Força Aérea Brasileira. **Forte luminosidade, com alta velocidade, observada em voo da VARIG, prefixo VRB: relato da tripulação**, 06 ago. [1954](#).



Na década de 1950, pudemos observar o surgimento das primeiras organizações de estudos sobre o tema no Brasil, como a Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores (SBEDV), presidida pelo médico dr. Walter Karl Bühler.<sup>64</sup> Em concordância com a época, a sociedade, que produziu quase duzentos boletins entre 1957 e 1988, em sua edição inaugural já afirmava, no primeiro tópico, serem os discos voadores provenientes de civilizações extraterrestres.<sup>65</sup>

Por outro lado, no campo editorial, a década de 1950 abrigou as primeiras publicações de origem civil, militar e acadêmica. No meio civil, a hipótese extraterrestre definia os discos voadores como tendo origem em planetas do sistema solar como Vênus, Marte ou Júpiter e seus satélites, narrativas essas presentes nas obras de Frank Scully, por exemplo, que afirmava ainda que os extraterrestres estavam preparando um plano de contato coletivo entre civilizações.<sup>66</sup> Entre militares, destacamos as publicações do major Donald Edward Keyhoe, que publicou vários livros na década de 1950, de notável sucesso editorial. As teses de Keyhoe vieram a reforçar mais ainda a ideia de que os discos voadores seriam aeronaves alienígenas extraterrestres, uma nova realidade que também estaria sujeita a uma trama governamental de acobertamento, consagrando-se como um dos primeiros autores que ressalta conspirações governamentais movidas por interesses mútuos de investigação, acobertamento e condução de uma narrativa midiática.<sup>67</sup>

Ainda no meio militar, devemos destaque também à publicação do livro do *Discos Voadores: Relatório Sobre os Objetos Aéreos Não Identificados*, do capitão Edward

---

<sup>64</sup> Os arquivos da Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores foram publicados pelo *Portal Fenomenum*, de Jackson Luiz Camargo (2022).

<sup>65</sup> Conjuntamente com José Victor Soares, Carlos Alberto Machado foi responsável pelo projeto de digitalização e preservação da memória contida no acervo da SBEDV. Sobre o teor de suas publicações, assim como sobre a estrutura, o alcance e a própria metodologia, afirma Machado: “A Sociedade Brasileira de Estudos Sobre os Discos Voadores foi praticamente a única entidade de pesquisas ufológicas de cunho civil que interessou-se em publicar todas as suas pesquisas e que também podia bancar seus custos financeiros. Possivelmente com a verba de seus associados conseguiam cobrir quase todo o território nacional. Dispunham de pessoal habilitado, equipamentos científicos adequados, resultando num trabalho primoroso que não perde em nada para os países vizinhos, considerados de primeiro mundo. Vários boletins ufológicos internacionais citam-no em seus anais.” Vislumbrando o potencial de tais documentos, prossegue: “A intenção desse projeto, além da preservação histórica da casuística ufológica é também de auxiliar futuros pesquisadores, sejam alunos secundaristas, graduandos, pós-graduandos, interessados ou ufólogos pesquisadores, que aqui encontrarão material relevante para suas pesquisas, monografias, dissertações ou teses acadêmicas, bem como para escritores que procuram inspiração para suas obras.” - Portal Fenomenum. **Resgate da memória ufológica brasileira (1957-1988)**.

<sup>66</sup> A revista *O Cruzeiro* produziu matérias com fotografias e longos textos divulgando as ideias de Scully: - Discos, Rússia, Força Aérea. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: n.º. 47, 6 set. 1952.

- SCULLY, Frank. **Behind the Flying Saucers**. New York: Henry Holt and Company, 1950.

<sup>67</sup> KEYHOE, Donald Edward. **The Flying Saucer Are Real**. Gold Medal Books, 1950.  
KEYHOE, Donald Edward. **Flying Saucers from Outer Space**. New York: Henry Holt, 1953.  
KEYHOE, Donald Edward. **The Flying Saucer Conspiracy**. New York: Henry Holt, 1955.

James Ruppelt, que sintetizou suas reflexões sobre dezenas de casos investigados nos EUA quando dirigia o projeto estatal *Blue Book*. O trabalho extraoficial do autor aponta o caráter inconclusivo que permeia os “objetos voadores não identificados” (a Ruppelt é consagrada a criação do termo UFO, *unidentified flying object*).<sup>68</sup> Um dos pontos altos do livro é a exposição de casos de óvnis captados por estações radar em sincronia com observações de solo, assim como em contatos visuais em aeronaves. Tais situações interligadas reuniam, até então, o mais qualificado grupo de evidências militares sobre situações em que óvnis eram observados. Em relação a esses casos, as evidências apontariam para a existência de algum tipo de tecnologia incompreensível.

No meio acadêmico, notória é a publicação de Carl Gustav Jung *Um mito moderno sobre coisas vistas nos céus*, que teve uma primeira publicação em 1958.<sup>69</sup> As reflexões de Jung, apesar de não terem recebido a atenção dos meios editoriais e do grande público na época, foram alvo de amplos estudos décadas depois, havendo hoje, no Brasil, uma bibliografia já consagrada sobre a atualidade das situações expostas pelo autor, a que revisitaremos no quinto capítulo.

Jung compõe um quadro complexo e holístico acerca dos vários elementos que constituem esse novo mito moderno. Um desses elementos postulam que esse novo mito é acompanhado pelo retorno das expectativas gerais de fim do mundo, presentes exemplo, na ameaça cataclísmica da hecatombe nuclear. Afirma o autor que as expectativas coletivas do fim do tempo, que até então se davam em um ambiente cultural mitológico religioso, na contemporaneidade assumiam a forma de uma mitologia racionalista e tecnológica. Nesse espaço, os discos voadores se impunham como mais um aspecto de uma escatologia que o previa o fim do mundo numa nova guerra total de tipo nuclear.

Além disso, Jung ainda fez ainda correlações entre os fenômenos modernos com outros de séculos passados, em relatos medievais sobre observações coletivas de óvnis, bolas grandes e pretas que os registros da época apontam o evento como uma “visão” e uma mensagem divina. Os relatos de estranhas coisas vistas nos céus entre os contemporâneos e aqueles presentes em textos longínquos ganhou, nas décadas que se seguiram à publicação de Jung, novos limites interpretativos do tema, como veremos.

Por outro lado, para além do campo editorial dos anos de 1950, a imprensa brasileira cobria o fenômeno de forma regular e casos genuinamente brasileiros

---

<sup>68</sup> RUPPELT, Edward James. **Discos Voadores: Relatório Sobre os Objetos Aéreos Não Identificados**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

<sup>69</sup> JUNG, Carl Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1991.

ganhavam destaque entre as notícias. Nesse ínterim, as histórias sobre os discos voadores começaram a variar de simples observações de estranhos objetos nos céus, para observações de “aparelhos” pousados em solo. Histórias outras evocavam encontros cada vez mais próximos com os objetos, não tardando para que as pessoas interagissem com tripulantes, muitas vezes de forma trivial. Cada história em particular expunha uma diferente intensidade de encontro.

Situações extremas como a abdução, por exemplo, são datados de 1957, abrigando o Brasil a primeira a primeira referência mundial sobre o tema. A vítima que se declarou abduzida por estranhos humanoides era um jovem agricultor da cidade de São Francisco do Sales – MG.<sup>70</sup> Tal experiência evocava, já na década de 1950, que os discos voadores poderiam estar associados a inesperados raptos, em que promoviam experiências “laboratoriais” que incluíam, no caso Villas Boas, a coleta de sêmen. Outros vários casos de contato foram relatados mundo afora e no Brasil, situações essas que passaram a fazer parte, de forma definitiva, aos eventos associados aos óvnis.

A emblemática história de Villas Boas foi alvo também de interpretações díspares, que não incluía necessariamente alienígenas, ainda que tão absurdas quanto. Mark Pilkington, por exemplo, alega ser a abdução de Antonio Villas Boas produto de operações de guerra psicológica da CIA, agência central de inteligência dos EUA, que, infiltrada na comunidade ufológica, criava falsos casos, com o intuito de fomentar um contexto cultural favorável no acobertamento de projetos secretos.<sup>71</sup> Tais equipes, que contava com cientistas, agentes de inteligência e militares, forjariam os casos em sofisticadas encenações, ao se utilizar de todo um aparato tecnológico até então desconhecido, ou, no mínimo, camuflado.<sup>72</sup>

O que endossa tal narrativa é a afirmação de que tais ações faziam parte dos vários programas de guerra psicológica que a CIA e outras agências dos EUA haviam criado após término da Segunda Grande Guerra. Nesse caso em específico, o autor declara que as operações em solo brasileiro e em outras partes do mundo faziam parte do programa MKULTRA, descoberto em 1977, nos processos que levaram à renúncia de Richard

---

<sup>70</sup> O caso Villas Boas será discutido com maiores detalhes no Capítulo VI.

<sup>71</sup> PILKINGTON, Mark. **Mirage Man: A Journey in Desinformation, Paranoia and UFOs**. Londres: Constable & Robinson, 2010.

<sup>72</sup> Brewer segue semelhante abordagem de Pilkington: - BREWER, Jack. **The Greys Have Been Framed: Exploitation in the UFO Community**. Edição do Autor, 2016.

Nixon, que suscitou uma devassa em diferentes arquivos de Estado dos EUA.<sup>73</sup> Tal revelação desencadeou vários processos que levantaram parte da documentação dos programas de controle do comportamento humano, apesar da destruição da maior parte do material. Nesse episódio, o uso de psicotrópicos e drogas alucinógenas em cobaias humanas por agências de inteligência dos EUA passou a ser conhecido mundialmente.

Em outras palavras, Pilkington, assim como outros autores, elevaram bastante o escopo e o grau de envolvimento tecnológico da guerra psicológica travada por programas como o MKULTRA, que incluíam, em suas encenações, o uso de raios laser, agentes químicos psicotrópicos de várias naturezas, hologramas, aeronaves não convencionais e camufladas etc. Tais narrativas fazem parte do amplo grupo das hipóteses humanas, no tocante da manipulação de cenários, acobertamento de atividades sigilosas, operações diversionistas etc., na forma de “fraudes tecnológicas” hiper sofisticadas. Obviamente, tais teses podem sim estar associadas a casos singulares, ainda que podemos considerar também que o trabalho de Pilkington e Brewer, ao jogar o “absurdo pelo absurdo” pode ser fruto de uma mesma estratégia de desinformação que denunciam.<sup>74</sup>

Como um paralelo oposto das experiências de abdução, a década de 1950 abrigou também encontros que se afirmavam benéficos, numa relação em que uma pessoa em especial se envolvia exclusivamente com seres alienígenas, retransmitindo mensagens para pessoas fora do contato. Em 1957, Dino Kraspedon, pseudônimo de Aladino Félix, publicou a primeira obra narrando uma “experiência de contato” no Brasil. Personagem conhecido pela grande imprensa e pela incipiente TV da época, assim como pelos estudiosos do tema, Félix fazia questão de divulgar seu encontro com um discos voadores e seus tripulantes. Seus livros expunham, na forma de diálogos filosóficos e religiosos, a própria mecânica dos discos, assim como teses astrofísicas.

---

<sup>73</sup> Há vários livros sobre o tema e que incluem ações do programa MKULTRA fora dos EUA:

- BOWART, W. H. **Operation Mind Control: Our Secret Governments's War Against Its Own People.** Nova Iorque: Dell, 1978,
- LEE, Martin; SHLAIN, Bruce. **Acid Dreams: The Complete Social History of LSD: The CIA, the Sixties, and Beyond.** Nova Iorque: Grove Press, 1985.
- COLLINS, Anne. **In the Sleep Room: The Story of CIA Brainwashing Experiments in Canada.** Toronto: Lester & Orpen Dennys, 1988.
- KINZER, Stephen. **Poisoner in Chief: Sidney Gottlieb and the CIA Search for Mind Control.** Henry Holt & Cia, 2019.

<sup>74</sup> Pilkington também produziu um documentário baseado em sua obra:

- *Mirage Man.* Direção: John Lundberg. Reino Unido: Perception Management Productions, [2014](#).

Utilizando canais perceptivos outros, o contato, de forma geral, se dá de forma telepática, em sonhos lúcidos, em canalizações etc., ao ressaltar o próprio caráter “alienígena” do canalizador, tido muitas vezes como uma pessoa mágica, com poderes especiais natos, muitas vezes acentuados pelo próprio contato. De tão inusitadas, tais novas as situações o causaram uma natural desconfiança entre os primeiros pesquisadores que as acompanharam, assim como também uma poderosa atração para outros, que viam na figura do canalizador uma pessoa com uma missão especial.

Essas novas situações evocam a ideia de que extraterrestres, quando se associam a uma pessoa especial, podem ser guias espirituais da humanidade, na popularização de ideias alienígenas. Tido como um tipo de sacerdote especial, o contatado traz explicações completas sobre os discos voadores, reunindo em torno de suas experiências seguidores que popularizaram e conformaram as primeiras seitas, cultos, religiões e grupos esotéricos que se baseiam ou apenas incluem, em suas hierarquias, seres extraterrestres.

Tendo em vista o conjunto de situações que a década de 1950 já abrigava, pudemos notar que a década abrigou novas fronteiras, para além dos clássicos avistamentos de estranhas coisas nos céus. Por outro lado, as explicações mais populares que até então vigoravam à época (e que não negavam o fenômeno), concentravam-se na hipótese extraterrestre, sendo os planetas do sistema solar os locais de onde viriam os discos voadores, a depender da fonte.

A hipótese de engenho secreto militar também tinha seu espaço, apesar de bem menor, e ressaltava o excepcional avanço tecnológico presente na Segunda Grande Guerra, mantido na Guerra Fria como uma “parte oculta”, digamos assim, da Era Atômica e suas maravilhas tecnológicas. Lembremo-nos que desde o surgimento do disco voador como uma entidade cultural moderna, teses que sugeririam o seu uso como instrumento de guerra psicológica foram levantadas, assunto esse que será revisitado mais detidamente no quarto capítulo desta tese.

Na década seguinte, tais experiências vieram a se intensificar, configurando uma gigantesca base de dados de experiências anômalas de todos tipos, momento em que novas hipóteses eram propostas por pesquisadores do tema, que vieram a consagrar as bases do atual estado da arte das teorias sobre os objetos voadores não identificados.

## 2.2 Década de 1960

O primeiro extenso grupo de documentos do “fundo óvni” é da década de 1960, tendo como fonte principal a documentação da Cioani (Central de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados), de 1969. Os volumosos documentos produzidos pela instituição configuram a maior parte dos arquivos da década, em investigações diretas baseadas em coletas de material, entrevistas e visitas a campo.

Durante esses anos, instituições militares e acadêmicas estudavam o fenômeno sob diferentes perspectivas e intenções próprias, o que trouxe para o tema em si, aliado aos numerosos livros e casos que se acumulavam, uma grande complexidade. Nos EUA, por exemplo, tais pesquisas governamentais já contavam com quase duas décadas e certamente influenciaram, com suas publicações paralelas, na criação do Cioani. Referimo-nos aqui à publicação de Ruppelt, um dos diretores do projeto *Blue Book* (1952-1970), autor da obra *Discos voadores: relatório sobre objetos aéreos não identificados*, de 1959, um marco para a época.<sup>75</sup> Já no campo da pesquisa acadêmica, nos referimos agora ao Relatório Condon, feito sob encomenda da Força Aérea dos EUA por uma equipe de pesquisadores da Universidade do Colorado, publicado em 1969.<sup>76</sup>

No dossiê do Cioani, além do estudo de casos, encontramos também dois boletins informativos que conformam, até então, as mais extensas reflexões de oficiais da FAB acerca do “fenômeno Oani”, uma situação singular em todo “fundo óvni”.<sup>77</sup> Os boletins expõem também uma compilação que resume os mais de setenta casos investigados no país. Os casos relatam estranhos avistamentos reconstituídos, em que croquis de óvnis em solo e nos céus são desenhados, assim como o retrato falado de humanoides etc.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> RUPPELT, Edward James. **Discos voadores**: relatório sobre objetos aéreos não identificados. São Paulo: Difel, 1959.

<sup>76</sup> CONDON, Edward; SULLIVAN, Walter. **Scientific Study of Unidentified Flying Objects**. New York: Bantam Books, 1969.

<sup>77</sup> BRASIL. Força Aérea Brasileira. 4º. Zona Aérea. **Boletim Cioani**. Mar. [1969](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. 4º. Zona Aérea. **Boletim Cioani**. Ago. [1969](#).

<sup>78</sup> Para além de nossas publicações ([2011](#) e [2016](#)) poucos autores acadêmicos publicaram estudos sobre o órgão da FAB. Suenaga ([1999](#)) revisita brevemente o momento em que o órgão da FAB foi criado. Por sua vez, Nascimento ([2019](#)) fez pesquisa de final de curso de graduação em História totalmente dedicada a analisar o sistema em comparação com outros órgãos de investigação semelhantes na América Latina. Por fim, Almeida ([2015](#)) tece também breves reflexões sobre o órgão da FAB.

**Figura 1** - Cédula individual de pesquisadores associados ao Cioani.

**CÉDULA INDIVIDUAL**

CIOANI 4.ª ZONA AÉREA

CATEGORIA \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

**MODELO**

NOME Q. G. DA 4ª ZONA AÉREA  
ENCARREGADO DE PÉSQUISA

FOTO

**RECOMENDAÇÕES**

- 1 - Ouça com atenção - Narre por escrito.
- 2 - Faça perguntas e colha respostas - Registre.
- 3 - Fotografe: coisas, pessoas, lugares.
- 4 - Preencha o relatório.
- 5 - Envie urgente a CIOANI.

**MODELO**

SOLICITAMOS IMEDIATO APOIO DAS FÔRÇAS ARMADAS E POLICIAIS.

**Fonte:** Força Aérea Brasileira, IV Comar, [1969](#).<sup>79</sup>

**79** Edison Boaventura Júnior nos forneceu, por cortesia, um dossiê digitalizado com toda a documentação que teve acesso do órgão, a que disponibilizamos em [link](#), material amplamente distribuído pela internet. Segundo o pesquisador, a documentação presente no Arquivo Nacional em conjunto com a de seu dossiê correspondem cerca de 66% (um terço) de todos os arquivos produzidos pelo órgão, estando a outra terça parte perdida. Em seu canal, Boaventura Júnior narra como teve acesso a tal dossiê:  
- Enigmas e Mistérios. **Como consegui os documentos oficiais e óvnis da FAB.** Youtube, 16 jun. [2020](#).

**Figura 2 - Insígnia do Cioani.**



**Fonte:** Força Aérea Brasileira, IV Comar, [1969](#).

Cabe-nos aqui um adendo. Os capítulos desta tese encontram o limite de seu marco temporal no final da década de 1960, na análise do caso de Aladino Félix com a ditadura militar. Logo, vários outros casos que ocorreram nessa década não encontrarão análise ao longo dos capítulos desta tese, como aqueles presentes nos próprios documentos da Cioani e que configuram a maior parte dos arquivos presentes no “fundo óvni” para a década. Em outras palavras, o marco temporal da pesquisa histórica presente nos capítulos se limita ao estudo de casos específicos da década de 1940 e 1950, sendo que o caso de Aladino Félix a única exceção, que se estende de 1957 até 1969.

A década de 1960 abrigou publicações que expandiram novamente as fronteiras do fenômeno, incluindo agora, por exemplo, a realidade de óvnis e de presenças extraterrestre entre os povos de outrora, aquilo que Jung já havia proposto nos anos de 1950, só que, nesse caso, com conteúdo distinto. Tais perspectivas reinterpretam fontes arqueológicas e mitológicas tradicionais, tecendo conexões entre eventos do presente e do passado longínquo, em que alienígenas dotados de fantásticas tecnologias teriam seu momento como protagonistas da História.



Tal conjectura poderia iluminar o mistério de uma enorme variedade de dados arqueológicos inexplicáveis, especialmente na arte e na arquitetura lítica, como propunha Erich von Däniken, na teoria dos “astronautas da Antiguidade”, exposta com grande sucesso editorial no caso da obra *Eram os deuses astronautas?*.<sup>80</sup> Pelo estupendo sucesso editorial a partir de sua publicação em 1968, o caráter sociológico de tal conjunto de interpretações deve ser ressaltado, pois foram amplamente divulgadas e debatidas mantendo ainda hoje notória popularidade, especialmente em documentários e programas televisivos de entretenimento de canais de televisão por assinatura.<sup>81</sup>

Os incontáveis episódios do canal *History Channel*, por exemplo, como aqueles da série *Alienígenas do Passado*, popularizaram ainda mais as pesquisas e interpretações de Däniken. Toda uma riqueza de “dados arqueológicos de fronteira” espalhados pelo globo são interpretados segundo uma teoria da história que conecta tais dados com experiências de contato entre povos da Terra e civilizações de outros planetas.

As ferramentas e técnicas que levariam à exatidão milimétrica de ângulos e cortes, assim como o monumental esforço de construção, de tão sofisticados e trabalhosos, seriam oriundas do contato entre civilizações tecnologicamente avançadas que deixaram seu legado nos monumentos, na cultura e especialmente na religião desses povos. Se hoje nós chamamos de discos voadores ou óvnis, os antigos faziam à sua maneira, chamando-os de “carruagens dos deuses”, por exemplo, e os registros de tais visitas e encontros estariam presentes nos textos sagrados de várias tradições espalhados por todo o planeta. Como corolário, a teoria dos “astronautas da Antiguidade” ressalta a ideia de que os óvnis narrados hoje fazem parte daquelas mesmas forças encontradas pelos povos antigos.<sup>82</sup>

No entanto, antes mesmo de Däniken publicar seu primeiro livro, no Brasil, sob o pseudônimo de Sábado Dinotos, Aladino Félix já expunha a tese de que seres angelicais narrados pelos povos da Antiguidade eram astronautas, como afirma o um anúncio de sua

---

<sup>80</sup> DÄNIKEN, Erich Anton Paul von. **Eram os deuses astronautas?** São Paulo: Melhoramentos, 55ª. Edição, 2005.

<sup>81</sup> *Eram os deuses astronautas?* teve mais de 60 milhões de cópias vendidas, em várias edições que contavam com mais de 30 línguas traduzidas. Carlos ([2012, p.27](#)).

<sup>82</sup> Nesse caso, a “arqueologia de fronteira” proposta por Däniken seria uma própria “ufo-arqueologia”, como propõe o antropólogo Daniel Pícaro Carlos, em seu de mestrado, até então a mais extensa pesquisa acadêmica brasileira que versa sobre Däniken:

- CARLOS, Daniel Pícaro. **Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno.** 155 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, [2012](#).

tradução do texto bíblico em 1964.<sup>83</sup> Na mesma linha, em 1968, o pastor presbiteriano Barry Downing, que também é físico e obteve um doutorado em estudos sobre religião e ciência, publicou o livro *The Bible and Flying Saucers*. Nele, Downing aponta serem os anjos e os discos voadores “fenômenos idênticos” e várias passagens do texto bíblico são reinterpretadas como tal: a carruagem vinda dos céus presente na visão de Ezequiel seria, no caso, uma nave espacial, assim como tecnologias extraterrestres teriam sido empregadas na divisão do Mar Vermelho para a passagens dos hebreus etc.<sup>84</sup>

Concomitante a estes estudos que transportam os discos voadores para o passado longínquo, outros autores produziram novos estudos que incluíam a ligação entre a ciência e a tecnologia (em especial na manipulação da energia atômica) com o ocultismo e que fizeram dos óvnis subprodutos de eventos insólitos de toda a sorte, axiomas que estruturariam o paradigma da Era Atômica. Nesse caso, nos referimos à publicação de Jacques Bergier e Louis Pauwels intitulada *O despertar dos mágicos*, que teve sua primeira edição em 1960, obtendo amplo tradução e sucesso de vendas.<sup>85</sup>

A extensa obra inclui uma vasta variedade de temas correlacionados de forma singular, em que os óvnis podem ser considerados como que subprodutos de realidades maiores que incluem um extenso grupo de situações insólitas. Nesse caso, os autores retomaram o trabalho de Charles Roy Fort, pioneiro na compilação de casos insólitos. Inspirando-se em Fort, que já no início do séc. XX compilava casos e casos de eventos insólitos de toda a sorte, tecendo reflexões sobre os mesmos, Bergier e Pauwels, fizeram esforço semelhante, afirmando ser a manipulação da energia atômica como um paralelo da manipulação da magia. Curiosamente, o retorno da magia teria se dado pela via do desenvolvimento tecnológico, que ampliou de forma contínua o horizonte de expectativas da humanidade, não somente em relação aos temores de uma guerra nuclear e o conseqüente cataclisma global, mas também em relação às maravilhas que a tecnologia realiza, tendo em vista aplicação da “energia infinita” do núcleo atômico.

Como um dos primeiros autores a dissertar acerca de um misticismo que estivera presente entre a liderança política do Terceiro Reich, Bergier e Pauwels ressaltam também

---

**83** Diz o anúncio “O problema dos Discos Voadores acha-se explicado na tradução da Bíblia feita por Sábato Dinotos. Lendo-a, V. S. verá que os anjos celestes eram astronautas. Adquira um exemplar (...)” - *Discos Voadores*. O Estado de São Paulo. São Paulo: 3 set. 1964.

**84** DOWNING, Barry H. *The Bible and Flying Saucers*. London: Sphere Books, 1973.

**85** PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. *O Despertar dos Mágicos*: Introdução ao Realismo Fantástico. Rio de Janeiro: 1980.

a presença, comum em toda a História, de grupos, seitas e organizações místicas e esotéricas entre as elites políticas e religiosas que estariam por detrás dos bastidores guiando os povos e as civilizações. Nesse contexto, o próprio ser humano é destacado como em suas capacidades perceptivas e ocultas, que podem ser exploradas, capacidades essas que seriam os principais vetores de ventos insólitos.

Os autores ressaltam, nesse caso, uma qualidade de difícil definição que pode ser facilmente ignorada numa pesquisa sobre óvnis e temas correlatos, e que aqui identificaremos de forma genérica como o “fator humano”. Tendo isso em vista, Bergier e Pauwels destacam a humanidade viver numa guerra cultural oculta, empreendida por forças milenares que estariam interessadas em manter o segredo sobre fenômenos insólitos de toda sorte, incluindo aí o próprio ser e seu potencial perceptivo (o fator humano), como uma forma de defesa de seus domínios

Para além da perspectiva de Bergier e Pauwels, entre as pesquisas e reflexões propriamente relacionadas ao fenômeno dos objetos aéreos não identificados, destacamos aqui, como um ponto alto da década, a publicação de Jacques Vallée, *Passport to Magonia*, que teve uma primeira edição em 1969.<sup>86</sup> Tendo já publicados trabalhos outros de notável razoabilidade científica, em que vários casos seriam analisados segundo a hipótese extraterrestre, em seu novo trabalho Vallée dispõe de uma ampla variedade de exercícios hipotéticos outros, momento em que as narrativas modernas associadas a óvnis em toda sua amplitude, a contar com contatos com seres alienígenas, abduções, experiências sexuais, desaparecimentos, mutilações animais, diálogos telepáticos, encontros em sonhos etc., encontrariam uma semelhança inequívoca com narrativas do folclore tradicional.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> VALÉE, Jacques. **Passport to Magonia**: from folklore to flying saucers. Daily Grail Publishing, 2014.

<sup>87</sup> O sítio da [Amazon](http://amazon.com) apresenta Vallée com as seguintes palavras:

“O dr. Jacques Vallée nasceu na França, onde recebeu um diploma de bacharel em matemática pela Sorbonne e um mestrado em astrofísica pela Universidade de Lille. Ele começou sua vida profissional como astrônomo no Observatório de Paris em 1961. Enquanto fazia parte da equipe do Comitê Espacial Francês, ele testemunhou a destruição das fitas de rastreamento de objetos desconhecidos orbitando a Terra, iniciando um interesse vitalício no fenômeno óvni. Vallée chegou aos EUA em 1962, trabalhou em astronomia na Universidade do Texas em Austin e escreveu dois exames científicos altamente respeitados defendendo a Hipótese Extraterrestre (HE) das origens dos óvnis. Em 1967, ele recebeu um Ph.D. em ciência da computação pela Northwestern University, onde se tornou um colaborador próximo de J. Allen Hynek, então consultor científico da Força Aérea dos Estados Unidos no Projeto Blue Book. Eventualmente concluindo que a HE era muito estreita para abranger os crescentes dados de óvnis, ele conduziu sua própria extensa pesquisa global, resultando na Trilogia de Contato Alienígena [uma série de livros que discorrem sobre as mais variadas situações de contato, além de reflexões sobre a hipótese multidimensional]. Dr. Vallee é atualmente um capitalista de risco que vive em São Francisco. Seu sítio oficial é [www.jacquesvallee.com](http://www.jacquesvallee.com).” (Tradução livre).

Para tanto, o autor compara um grande número de narrativas folclóricas, em suas versões não deturpadas (como nos contos de fadas, que adaptados para um público infantil, tiveram seus componentes sexuais e a de aparente “irracionalidade” retirados), demonstrando latentes similaridades com as modernas narrativas associadas aos discos voadores, tendo em vista a ampla gama de situações díspares que estão associadas ao fenômeno. Em outras palavras, Vallée demonstra que histórias sobre discos voadores e alienígenas de nossa época são as mesmas daquelas presentes no folclore, ressaltando a similaridade entre extraterrestres, demônios, anjos, elfos, bruxas, fadas etc.

Nessa perspectiva, as novas situações que definiam o fenômeno para além de meras observações de óvnis, como experiências de contato, diálogos telepáticos, encontros em estados oníricos, experiências sexuais, abduções, desaparecimentos, mutilações animais, ataques contra humanos etc., encontram uma viva conexão com os eventos narrados pelas tradições folclóricas. Esse novo impulso reflexivo fazia dois intrigantes movimentos: ao mesmo tempo em que a materialidade dos discos voadores como tecnologia era transportada aos eventos do passado, a própria qualidade “sobrenatural” das situações do passado era incluída nos casos atuais.

Tal movimento implicava definitivamente fatores “psíquicos de fronteira”, o “fator humano”, aqui mais uma vez, numa primeira hipótese que aponta para uma ideia ampliada de influência ou mesmo dominação cultural e psíquica, que ocorreria tanto em termos coletivos como individuais. Em resumo, esse exercício hipotético sugere a existência de realidades separadas em camadas que em momentos críticos se interconectam, fazendo surgir coisas estranhas e sem explicação. Tais eventos poderiam, quiçá, obedecer a forças que controlam a passagem entre essas realidades, forças essas que, de tempos em tempos “nos pescariam”.

Nesse caso, encontraríamos aqui um contexto alargado de uma via dupla, a que podemos tecer algumas reflexões para além de Vallée: a primeira se dá na ideia de que a realidade circundante se organiza em múltiplas camadas, em mundos sobre mundos, realidades que se sobrepõem e que se comunicam através de suas fronteiras. Daí originariam toda a sorte de eventos insólitos e tecnológicos com uma parcela daqueles associados a óvnis.

A segunda se daria com a própria natureza humana em si, em que o próprio ser humano se insere de uma forma específica nessa natureza múltipla, podendo acessar, de

forma direta e indireta, “áreas de fronteira”, o que impactaria sua própria realidade ordinária, ao expressar novos domínios, à semelhança das situações relatadas por xamãs, feiticeiros, bruxos, videntes, curandeiros, médiuns etc., assim como os entre canalizadores da ufologia, situações essas que evocam, em amplo aspecto, a expansão dos sentidos, da percepção, da consciência etc., na forma de novos domínios de atividade humana.

O autor sugere também que a atual crença ufológica da “visita de civilizações extraterrestres” seria hoje um paralelo à crença em elfos de ontem(ou quaisquer outros personagens fabulosos), e a simbologia moderna de viagens espaciais e encontros com civilizações extraterrestres, presente tanto na ficção científica quanto nas narrativas sobre discos voadores, configuraria os novos elementos utilizados na criação de cenários por essas mesmas forças alienígenas, que atuariam na condução do fenômeno em todas suas nuances: o caráter fugidio das “máquina de fazer segredo”; a criação de rumores sobre “estranhas coisas nos céus”; a transmissão de ideias à “canalizadores” exclusivos que introjetariam mensagens convenientes (manipulação cultural) e que também promoveriam a “roupagem da época” (somos “extraterrestres de outros planetas”); a criação de um contexto que vincularia o tema à uma aura religiosa e mística, o que provocaria o duplo efeito de afastar do campo cientistas e pessoas instruídas que poderiam investigar o fenômeno de forma mais sóbria, atraindo, por outro lado, pessoas que facilmente que associam à seitas e cultos extraterrestres.

Tendo isso em vista, uma das qualidades marcantes das publicações de Vallée foi reforçou a ideia de que as incontáveis publicações de casos e mais casos, um ponto forte da maioria dos pesquisadores ufólogos, podem ser acompanhadas também por estudos de eventos passados, assim como por amplas reflexões e exercícios hipotéticos, prática essa já não muito comum. Sua obra, tida como um dos marcos mais relevantes da área, foi um primeiro ensaio da hipótese multidimensional. Em síntese, a ideia central de Vallée é que hipótese extraterrestre não é absurda o suficiente para lidar com o fenômeno e que o debate, tão comum na imprensa, entre aqueles que acreditam em visitas extraterrestre e astrônomos é inadequado e limitante.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> O pesquisador e escritor Hélio, autor de *Corpos Luminosos – Uma operação militar em busca de respostas*, de 2014, publicou uma excelente resenha sobre o livro *Passaporte a Magonia*, a que acreditamos ser oportuno citar:  
- O Orbitador. **Passaporte a Magonia, de Jacques Vallée**. 01 jun. [2015](#).

Por outro lado, podemos apontar também que as teses de Vallée causaram um certo desconforto entre muitos pesquisadores do tema, que a evitam, mantendo uma postura mais aberta em relação à hipótese extraterrestre, na ideia básica de visitas e encontros entre civilizações. Tal desconfiança se revela também como uma lacuna editorial. A publicação, que refletiu um profundo movimento de inflexão em sua área, não conta com nenhuma edição em língua portuguesa.

Isso por si demonstra, mais uma vez, que as reflexões que se dirigem à hipótese multidimensionais não são tão populares. No entanto, como vimos, Vallée reúne uma grande variedade de experiências relacionadas aos óvnis, em um esquema teórico abrangente que dá um sentido geral a todas as situações. Em outras palavras, a hipótese extraterrestre, para fazer sentido, tem que ignorar evidências outras, o mesmo ocorrendo com aqueles que se associam com canalizadores. Nesse caso, *A Trilogia do Contato Alienígena*, uma série de ensaios publicados por Vallée entre 1988 e 1991, é até então, o maior movimento teórico do campo.<sup>89</sup>

Vallée se consagra como o mais proeminente teórico do campo especialmente tendo em vista sua aproximação com o discurso científico, assim como seu trânsito entre figuras políticas, do mercado financeiro e de empresas de tecnologia, a contar também com sua parceria e associação com eminentes cientistas, como Allen Hynek, o mais proeminente cientista do campo. Juntos, colaboraram com Steven Spielberg no roteiro e na atuação do filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, de 1977.<sup>90</sup>

O filme dramatiza um encontro entre uma pessoa e um óvni, inspirado no clássico esquema de “graus contatos imediatos” elaborado por Hynek em 1972: o zero grau se dá na observação de um óvni à grandes distâncias; o primeiro grau se dá na observação de um óvni à pequena distância (trajetória, sons, cores, detalhes); o terceiro grau se dá na observação conjunta de óvnis e seus tripulantes; o quarto grau é a observação de seres com comunicação (gestos, fala, telepatia); o quinto grau se dá na interação e no ingresso, forçado ou amistoso, para dentro do óvni.<sup>91 92</sup>

---

<sup>89</sup> VALLÉE, Jacques Fabrice. **Dimensions:** A Casebook of Alien Contact. *Anomalist*, [2013](#).

- VALLÉE, Jacques Fabrice. **Confrontations:** A Scientist's Search for Alien Contact. *Anomalist*, [2015](#).

- VALLÉE, Jacques Fabrice. **Revelations:** Alien Contact and Human Deception. *Anomalist*, [2015](#).

<sup>90</sup> Contatos Imediatos de Terceiro Grau. Direção: Steven Spielberg. EUA: Columbia Pictures, [1977](#).

<sup>91</sup> HYNEK, Josef Allen. **The UFO Experience:** A scientific enquiry. Reino Unido: Abelard-Schuman, 1972.

<sup>92</sup> FARONI, Antonio de Pádua. Princípios básicos da Ufologia. **OVNI Pesquisa**. Ano 1, n.3, nov. [2018](#).

Para além das reflexões de Vallée e da proposta de uma teoria multidimensional, tendo em vista agora as próprias transformações da hipótese extraterrestre, na década de 1960, a divulgação dos dados das sondas espaciais, dos novos telescópios e especialmente das notícias da visita do “homem à Lua” influíram de forma significativa no imaginário coletivo, agora que a humanidade estaria na aurora de uma “colonização do espaço”. Como tal, os próprios limites da hipótese foram ampliados e as pessoas dirigiam as suspeitas e expectativas dos discos voadores terem origem não mais em Vênus, Marte ou qualquer outro planeta ou satélite do sistema solar, mas sim em outros planetas fora do sistema ou mesmo de outras galáxias, fato que foi se conformou com o tempo.<sup>93</sup>

Em resumo, as fontes oficiais da década se dirigem quase que exclusivamente em eventos analisados pelo Cioani. O acervo contém dezenas de estudos de casos que não transcritos em máquina de escrever, numa documentação dispersa, composta por formulários em sua maior parte escritos à mão. No entanto, na década de 1970, encontramos um grupo de bastante distinto de fontes e situações reativas, a que iremos analisar nas próximas páginas.

### 2.3 Década de 1970

Tendo em vista a sofisticação da pesquisa teórica presente nos anos de 1960, assim como também as interpretações que incluíam a presença extraterrestres e discos voadores nos registros de um passado longínquo, seja na teoria dos “astronautas da Antiguidade”, de inigualável popularidade, seja entre as narrativas que incluem os discos voadores na Bíblia ou mesmo em qualquer outro texto mitológico antigo, podemos afirmar que a década de 1960 abrigou amplos movimentos teóricos que foram enriquecidos com novos conteúdos ao longo das décadas, incluindo aí as propostas que transportavam o fenômenos para além de um contexto de contato entre civilizações.

Por outro lado, como a década de 1970 está para além do escopo da pesquisa histórica presente nos capítulos desta tese, nossa cronologia do contexto editorial e

---

<sup>93</sup> Em uma entrevista de 1968 com o major Gilberto Zani de Mello, liderança operacional do Cioani, o entrevistador da Rádio Alvorada de Lins -SP, inquiri sobre a opinião do militar acerca da origem dos discos, se eles viriam de Marte etc. Zani sugere que gostaria de acreditar de que eles vêm de mais longe: - Enigmas e Mistérios. **Entrevista – Major Gilberto Zani de Mello**. Youtube, 7 mai. [2020](#).

mediático dessa década não ocorrerá da mesma forma das décadas anteriores, já que essas fazem parte do próprio marco temporal desta pesquisa. No entanto, a documentação do “fundo óvni” da década de 1970 é bastante rica e variada, como veremos, ao expor notáveis movimentos inflexivos acerca da política governamental de coleta e organização de dados sobre óvnis, políticas essas que vieram em resposta a um dos eventos mais intrigantes investigados pela FAB, na Operação Prato de 1977 a 1978, que reportou, no Norte do país, casos extraordinários de ataques a cidadãos brasileiros, a que o Estado teve que reagir em resposta.

Na década de 1970, a FAB começa a montar um acervo diversificado, que descreve situações não antecipadas de encontro com óvnis, momento em que a instituição reúne material jornalísticas associado às observações, na busca por cruzamento de dados. Ainda na documentação, podemos contar as poucas referências de estranhos casos de mutilação humana, assim como casos isolados de mutilação animal. Em síntese, a contar com vários casos outros, a década de 1970 contém uma grande variedade de relatórios de eventos enviados para a FAB, relatórios esses que descrevem, em detalhes, avistamentos de óvnis nos céus e no solo, incluindo aí croquis e retratos falados de tripulantes e aeronaves.

Os arquivos da década contêm uma documentação bastante variada: relatórios sobre “objetos estranhos” testemunhados por militares aquartelados e pela população de Varginha e Três Corações (ambas de MG);<sup>94</sup> relatório sobre “objetos não identificados e de grande luminosidade” observado por militares e civis em Recife – PE, e consequência requisição e remessa de material jornalístico sobre o evento;<sup>95</sup> relatório sobre um “objeto brilhante” de forma “arredondada cor branca” e “aparentemente de superfície metálica” perto de Pirassununga, quando várias aeronaves reportaram sobre o mesmo, sendo que um dos comandantes em voo tira duas fotos etc.<sup>96</sup>

Caso notório é o relato de um general de divisão da reserva acerca de um enorme objeto voador que ele teria visto em uma viagem de ônibus perto da cidade de Realeza-MG, em 22 de junho de 1972. O relato do gal. Joaquim Vieira Froes é rico em detalhes,

---

**94** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando da 2ª. Zona Aérea. Divisão de Informações de Segurança. **Informe complementar sobre objeto estranho avistado em Varginha e que seguiu em direção a Três Corações, estado de Minas Gerais**, [1971](#).

**95** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando da 2ª. Zona Aérea Divisão de Informações de Segurança. **Discos voadores: avistamento de objeto não identificado sobre Recife e Olinda**, [1971](#).

**96** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando da 4ª. Zona Aérea. Quartel General. Divisão de Proteção ao Voo. **Relatório de ocorrência de óvni em Pirassununga-SP**, 15 dez. [1972](#).



pois o objeto em questão teria sido visto a uma longa distância, aos poucos se aproximando, até pairar sobre o ônibus. Froes descreve-o adejando como um “grande prato côncavo-convexo, de uma azul diáfano e brilho intenso, com uma cauda chamejante”. Quando este paira sobre o ônibus, afirma que ele teria aproximadamente “100 metros de diâmetro”, acrescentando ainda que “dava a impressão de uma grande e fantástica projeção cinematográfica sobre o espaço”. Nesse caso, podemos sugerir a possibilidade de emprego de um tipo de “tecnologia holográfica”, que simulasse o formato de uma aeronave discoide gigantesca (100m de diâmetro). No relatório, o general afirma que tivera de superar uma grande reticência em narrar o ocorrido ao fim da viagem: “relutei um pouco em fazer esta comunicação, (...), mas como há dúvidas sobre a origem desses aparelhos voadores, achei que era meu dever relatar tudo que vi.”<sup>97</sup>

Para além do “fundo óvni”, outro fato que merece nosso destaque se dá presença de um agente de inteligência do II Exército (São Paulo) infiltrado em reunião de ufólogos, em junho de 1975. Tendo como assunto “reuniões duvidosas na associação de estudos das civilizações extraterrestres”, depois de descrever as atividades e temas discutidos no encontro, o informe resume que “Na ocasião (antes, durante e depois da conferência), não observamos qualquer comentário, atitude ou alusão política.” Acreditamos aqui que os atentados terroristas do “contatado” Aladino Félix e seu grupo em 1968 tenha suscitado, entre os órgãos de informações, maiores suspeitas sobre os ufólogos e suas atividades, já que nas “reuniões ufológicas” de Félix eram frequentes os “comentários políticos”.<sup>98</sup> No último capítulo desta tese discutiremos em detalhes o caso de Aladino Félix.

Um outro grupo volumoso de arquivos do “fundo óvni” da década se dirige à cobertura e organização do I Simpósio Internacional de Ufologia, ocorrido em setembro de 1975, em Brasília e Curitiba. O presidente de honra foi o astrofísico estadunidense Josef Allen Hynek,<sup>99</sup> autoridade no assunto dos óvnis nos EUA e no mundo, tendo sido

---

<sup>97</sup> BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Centro de Instrução de Helicópteros. Seção de Informação de Segurança. **Objeto Voador Não Identificado**: relatório sobre avistamento na estrada Rio/Bahia, próximo à região de Realiza-MG, 6 ag. [1972](#).

<sup>98</sup> BRASIL. Ministério do Exército. Comando do 2º. Exército. **Pedido de Busca no. 238/75**, 13 jun. [1975](#).

<sup>99</sup> A biblioteconomista Rafaela Carneiro agradece Hynek em sua monografia com as seguintes palavras: “Gostaria de agradecer também a Josef Allen Hynek um homem que no começo era um cético ferrenho da Ufologia e que foi jogado no meio desse mistério todo pelo governo estadunidense com o único objetivo de desacreditar o Fenômeno UFO, para depois se tornar um dos maiores defensores e divulgadores da realidade ufológica, Hynek era um homem no meio do fogo cruzado, à frente da consultoria científica do Projeto Blue Book tinha o desafio de divulgar a verdade sobre os UFOs, mas sem desagradar aos militares que tanto faziam para esconder o assunto. Após se libertar do jugo das Forças Armadas, depois do encerramento do Projeto Blue Book, em 1972 Hynek lançou o livro “Ufologia - Uma pesquisa científica”, que é uma das maiores obras em se tratando de Ufologia da história. Séria, sóbria e rica, Hynek usa todo o

diretor de programas de investigação oficial, além de ser professor e diretor do departamento de Astrofísica e Astronomia da Universidade de Northwestern (EUA).<sup>100</sup>

O evento foi organizado pelo general Alfredo Moacyr Uchoa, professor e ex-diretor da Academia Militar das Agulhas Negras (Resende-RJ), que também afirmava ter estado em contato direto com discos voadores, um dos patronos da ufologia no país. Suas experiências parapsicológicas de contatado são narradas em livros, que descrevem estranhos eventos em uma fazenda em Alexânia-GO, cidade próxima de Brasília. Na época do simpósio, o gal. Uchôa já havia publicado dois livros sobre “parapsicologia e discos voadores”, publicando vários outros ainda sobre o tema ao longo de sua vida.<sup>101</sup>

Autor de renome e intelectual orgânico, o gal. Uchôa foi capaz de promover, juntamente com outros decanos da pesquisa sobre óvnis no Brasil, os primeiros simpósios e congressos de ufologia no país. Utilizando-se de suas ligações com o Estado, que por sua vez enviou ao evento representantes da Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados e do Ministério da Aeronáutica, o I Simpósio de Ufologia Internacional de 1975, como demonstra a documentação. Ainda na documentação sobre o evento, pudemos notar também que oficiais da aeronáutica foram convidados e enviaram representantes. Os documentos sobre o simpósio conformam um dossiê variado, provavelmente organizados pelo gal. Uchôa, na forma de comunicados oficiais, reportagens, entrevistas com Hynek e reflexões sobre os temas que seriam apresentados no evento.<sup>102</sup>

Dando prosseguimento à série, ponto alto da documentação do “fundo óvni” da década de 1970 se dá no amplo conjunto de documentos sobre a Operação Prato, de 1977–1978, que ocorreu no litoral norte do país, em regiões ribeirinhas próximas à cidade de

---

seu conhecimento em Astronomia e Física para dar ao Fenômeno UFO a abordagem científica que ela merece e foi uma das principais referências desse trabalho.”:

- CARNEIRO, Rafaela Oliveira. **Documentos Ufológicos: o desafio para o acesso à informação**. 101f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, [2018](#).

- HYNEK, Josef Allen. **Ufologia: Uma Pesquisa Científica**. Tradução: Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.

**100** A imprensa nacional publica matérias sobre o simpósio, destacando o especial papel de Hynek. O jornal *O Globo*, por exemplo afirma que “O cientista Allen Hynek, por sua vez, trabalhou durante 22 anos como consultor científico da Força Aérea norte-americana, dedicando-se exclusivamente às pesquisas sobre OVNI.”

- *Cientista americano virá ao Brasil para congresso sobre OVNI*. **O Globo**. Rio de Janeiro: 28 abri. [1975](#).

**101** UCHÔA, Alfredo Moacyr de Mendonça. **Além da parapsicologia: 5º. e 6º. dimensões da realidade**. Horizonte, 1968.

- UCHÔA, Alfredo Moacyr de Mendonça. **A parapsicologia e discos voadores: o caso Alexânia**. Grupo de Expansão Cultural, 1973.

**102** BRASIL. Força Aérea Brasileira. **Dossiê sobre o I Simpósio Internacional de Ufologia**, [1975](#).

Belém-PA. A documentação, que inclui relatórios, mapas aéreos, cópias de fotos, desenhos e croquis de óvnis dos mais variados e distintos formatos e relatórios diversos, pôde reunir um grande número de narrativas sobre óvnis, das mais variadas e polêmicas, que relatavam ataques contra uma população do município de Colares-PA e seu entorno, numa região de encontro entre floresta, mar e rios.

Os eventos a que a operação foi destinada a investigar foram relatados, entre os anos de 1977 e 1978, pelos os jornais da região (*Estado do Maranhão, A Província do Pará, O Liberal*, por exemplo)<sup>103</sup> que publicaram reportagens sobre os acontecimentos insólitos que ocorriam e que atemorizavam a população local: luzes noturnas que apareciam inesperadamente e emitiam raios que paralisavam pessoas, muitas vezes em suas redes dormindo, queimando-as em pontos específicos do corpo. Os ataques, diziam as vítimas, além das queimaduras perfurantes, chupavam o corpo, sendo batizando assim o fenômeno como o “chupa-chupa”, e os óvnis eram evocados como “o chupa”. Nesse contexto, a equipe da FAB foi designada para investigar o fenômeno do chupa-chupa.

Diante das dezenas de pessoas que procuravam socorro na unidade de saúde de Colares-PA, foi mandado um pedido formal de ajuda dos militares do I Comar (Comando Aéreo Regional), sediado em Belém do Pará, que enviou a equipe da Operação Prato.<sup>104</sup> No auge dos ataques, o pequeno município foi abandonado pela maioria de seus moradores, sendo que os que ficaram se abrigavam à noite em poucas casas, organizados como em defesa contra ataques aéreos, revezando o “bater de latas” com “tiros de aviso” de revolver e espingarda, envoltos em fogueiras, isso durante os meses finais de 1977.

---

**103** A pedagoga Laurimar Ferreira de Souza publicou, em sua monografia, amplo material jornalístico sobre os eventos na região, centrados, na época, na cidade de Colares-PA, que hoje abriga um polo da Universidade Federal do Pará:

- FERREIRA DE SOUZA, Laurimar Cabral. **As narrativas e memórias sobre o chupa-chupa em Colares e práticas educativas do ensino de História nas séries iniciais**. 78 f. Monografia – (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Pará, Campus do Castanhal, Polo de Colares, [2017](#), p. 65-70.

**104** Acerca da ampla documentação sobre a Operação Prato, aquela presente no “fundo óvni” recebe a referência BR DFANBSB ARX.0.0.184, tendo em vista aqui a pesquisa empreendida pelo I Comar. Nessas fontes, destacamos a descrição sumária de cerca de 130 casos, assim como fotos, mapas e matérias de jornal da época. Por sua vez, o Serviço Nacional de Informações (SNI) também produziu amplo dossiê, bastante rico em informações de campo e do contexto social da região, material esse que se encontra em um fundo próprio do Arquivo Nacional. Por fim, os pesquisadores reunidos no sítio *Operação Prato* compilaram até então a mais completa base de dados sobre o evento, incluindo aí material vazado, elaborando também uma estrutura documental própria da operação:

- BRASIL. Ministério da Aeronáutica. I Comando Aéreo Regional. 2º. Seção do Estado Maior. **Registro de Observações de OVNI. 1977-1978**.

- BRASIL. Serviço Nacional de Informações. Agência de Belém. **Informação no. 1802/320/ABE/77**. Objetos Voadores Não Identificados – OVNI. 29 nov. [1977](#).

- Operação Prato: Tudo Sobre o Maior Evento Ufológico Mundial. **Documentos [Oficiais](#)**.

Dada as evidências acumuladas e expostas no corpus documental da Operação Prato e do testemunho de todos aqueles que se envolveram com o incidente que ocorreram em Colares e suas cercanias, o evento em si reúne um conjunto singular de eventos insólitos hostis de grande proporção ainda hoje sem paralelos no mundo. Esse fato deve ser ressaltado, sendo a operação em si a mais controversa de todo o “fundo óvni”. Contando com um notável acervo de história oral, encontramos na internet hoje uma grande variedade de testemunhos de pessoas que ali estiveram presentes, como o relato do próprio comandante da operação, coronel Uyrangê Hollanda, assim como médicos, jornalistas, moradores e vítimas dos ataques. Essas informações podem ser contrastadas com aquelas presentes no dossiê da Operação Prato, configurando, por sua vez, um rico conjunto de dados.

Por possuir uma rica documentação oficial, além de testemunhos de agentes governamentais, de moradores e de vítimas das agressões, a Operação Prato é mundialmente conhecida devido às numerosas produções audiovisuais, especialmente em forma de jornalismo documentário, elaboradas por grandes redes de televisão<sup>105</sup>, assim como redes estatais, como a *TV Cultura*, tendo a operação também um bom número de publicações jornalísticas, editoriais<sup>106</sup> e acadêmicas,<sup>107</sup> conjunto esse que faz da Operação Prato o mais conhecido, controverso e discutido evento brasileiro relacionado a óvnis. Para além da excepcional singularidade do evento coletivo, a distinta popularidade da Operação Prato se deve especialmente a uma novidade especial: depoimentos em áudio e vídeo de agentes de Estado, vítimas e testemunhas, que compõem variadas tramas e narrativas que se notabilizaram em conjunto com os arquivos sigilosos da aeronáutica.

---

**105** Dentre tais reportagens, destacamos o documentário da Rede Globo de 2005, assim como da TV Cultura, de 2007, a contar também com o do *History Channel*, de 2019:

- REDE GLOBO. Linha Direta Especial. **Operação Prato**. 25 ago. [2005](#).
- TV CULTURA. **Chupa Chupa**: a história que veio do céu. [2007](#).
- HISTORY CHANNEL. **De carona com os óvnis**: Operação Prato. [2019](#).

**106** Dentre as publicações editoriais, elencamos aqui

- GIESE, Daniel Rebisso. **Vampiros extraterrestres na Amazônia**. Edição do Autor, 1991.
- ANICETO, Hélio Amado Rodrigues. **Corpos Luminosos**: Uma Operação Militar em Busca de Respostas. Rio de Janeiro: Edição do Autor, [2014](#).
- BESSA, Jorge. **Discos Voadores na Amazônia**: A Operação Prato. Limeira - SP: Conhecimento, 2016.

**107** Dentre as pesquisas acadêmicas nacionais, além de Almeida ([2015](#)), Schramm ([2011](#), [2016](#)) e Suenaga ([1999](#)), que discutem o incidente e a operação, a pesquisa de Fernandes ([2017](#)), é uma dissertação (Mestrado em Comunicação) totalmente dedicada aos acontecimentos que envolveram a população local com óvnis, à semelhança da monografia (Graduação em Pedagogia) de Ferreira de Souza ([2017](#)).

Tais dados possibilitaram novos estudos que reuniam casos de “predação e ataque alienígena”, que enfatizam atitudes hostis e predatórias, traçando paralelos entre os relatos de ataques típicos do chupa-chupa da região Norte, com os relatos de estranhas mutilações animais, tema essa brevemente presente no “fundo óvni” da década de 1970,<sup>108</sup> ainda que 1997 o Brasil abrigou a primeira onda de ataques de “Chupacabras”, relatados na região Sudeste e Sul do Brasil, havendo hoje excelentes pesquisas sobre tais eventos.

Voltando à Operação Prato, ponto alto de sua documentação é a entrevista do coronel Uirangê Hollanda concedida aos editores da *Revista UFO* em 1996, como oficial reformado que chefiou as operações em 1977.<sup>109</sup> Destacamos também a entrevista concedida pela dra. Wellaide Cecim Carvalho ao biomédico Daniel Rebisso Giese em 1988. A Dra. Wellaide Carvalho atendeu a maioria, senão todos, daqueles hostilizados pelos raios dos chupa-chupa.<sup>110</sup>

A hipótese do comandante da operação, na época capitão Uirangê Hollanda, era de que seres extraterrestres estariam coletando material genético humano para se prepararem para um futuro contato, evitando assim riscos biológicos de transmissão de doenças. Uirangê Hollanda utilizava sua experiência como um indigenista de nome, sangue e vocação em suas atividades militares na Amazônia, ao evitar transmitir doenças às comunidades indígenas que viviam isoladas, doenças essas que são comuns para nós, mas mortais para os indígenas. Ou seja, a hipótese de Hollanda, alienígenas extraterrestres estariam se protegendo para um contato aberto coletando material biológico humano. Corroborando com as reflexões de outros pesquisadores, essa hipótese se alinha a ideia de preparação de um futuro contato entre civilizações.

De maneira diversa, a hipótese da médica que atendeu a vítimas, dra. Wellaide Cecim Carvalho, era de que essas serviam como fonte de energia para os objetos e/ou seus tripulantes, pois seus pacientes afirmavam serem sugadas e após o fato entravam em estado de torpor, ficando de cama por vários dias. Em outras palavras, na hipótese da dra.

---

**108** BRASIL. Força Aérea Brasileira. Documento Arquivado da SPIPDV (Sociedade Pelotense de Investigação e Pesquisa de Discos Voadores). **Extraído do úbere de uma vaca, de forma estranha. Estranha morte de um cordeiro.** Pelotas, out. [1975](#).

**109** 909Brazil. Operação Prato: Uyrangê Hollanda Conta Tudo Full. Youtube, 5 mar. 2015.

- Marco Antonio Petit. **Conferência (entrevista pública) do Coronel UYRANGÊ HOLLANDA realizada por MARCO PETIT.** Youtube, 28 set. [2021](#).

**110** João Marcelo. **Entrevista Wellaide Cecim Carvalho, 6 dez. 1984 (cedida por Carlos Machado – CIPEX).** Youtube, 26 mai. [2020](#).

Carvalho, a energia do corpo humano poderia ser sugada por seres outros que dominam fabulosas tecnologias. Nesse caso, entram aqui novos elementos do “fator humano”, quando o próprio corpo é visto como fonte de energia para “predadores tecnológicos alienígenas” incompreensíveis. Nessa situação, o ser humano é tido como um animal que pode ter sua “energia” predada, sugada, “chupada” etc.

A Operação Prato foi encerrada abruptamente em cerca de quatro meses, havendo suspeitas de que os militares continuaram investigando agora com equipes à paisana, incluindo aí agentes de inteligência estadunidenses. O ufólogo e pesquisador Edison Boaventura Júnior mantém um amplo acervo de fontes primárias sobre o evento, e, em entrevista, nos apresentou documentos da polícia civil do Amazonas (uma requisição de exames de corpo delito),<sup>111</sup> reportagens<sup>112</sup> e estudos de associações ufológicas locais (que reuniram várias reportagens de jornais sobre ataques da década de 1980 no Amazonas)<sup>113</sup> que apontam que os ataques do chupa-chupa continuaram para além do ano de 1977, apesar de ocorrerem em menor quantidade. Tais dados sugerem que os eventos seguiram em direção Oeste, tendo início no Maranhão, com o auge dos ataques ocorrendo no Pará, investigados no local pela Operação Prato, sendo que os últimos casos são datados até o ano 1995, agora já no Amazonas.

Os eventos da Operação Prato causaram entre o alto comando das FAB posturas inéditas, momento em que a instituição envia às várias unidades sob o seu comando pedidos de coleta, organização e catalogação sobre óvnis, como expressa uma nota confidencial do Ministério da Aeronáutica de 13 de abril de 1978, assinada pelo então ministro da aeronáutica Joelson Campos de Araripe Macedo.<sup>114</sup> Após tecer reflexões introdutórias sobre o fenômeno, ressaltando as pesquisas empreendidas por outros nações, o ministro Araripe Macedo discorre sobre a nova política:

Em face do exposto, recomendo a esse Estado-Maior organizar um “Registro sobre OVNI”, de natureza sigilosa, no qual sejam arquivados cronologicamente os fenômenos eventualmente observados no espaço

---

**111** Tal documento sugere um caso de ataque ocorrido na cidade de Boa Vista dos Ramos - AM, em novembro de 1995. Nele, é destacado como instrumento do crime: “raios emitidos possivelmente por objeto desconhecido, em forma de disco voador, luzes transparentes de diversas cores”.

- BRASIL. Estado do Amazonas. Polícia Civil do Amazonas. Delegacia de Polícia de Boa Vista do Ramos. **Requisição de Exame**. 29 nov. [1995](#).

**112** O jornal manauara *A Crítica* fez matéria sobre o ocorrido, demonstrando como que a população local reagiu aos ataques de óvnis:

- Luz misteriosa assusta em Boa Vista. **A Crítica**. Manaus, 30 nov. [1995](#).

**113** Boletim Informativo do Geceam (Grupo de Estudos Científicos e Esotéricos do Amazonas). [1983](#).

**114** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. **Nota C-002/Min/Adm/130478**. 13 abr. [1978](#), p. 11-13.

aéreo brasileiro, como todos os dados disponíveis, inclusive aqueles obtidos por investigações oficiais posteriores. Paralelamente, um Comissão de Avaliação atribuirá a cada registro o respectivo grau de confiabilidade. Observações ou registros avulsos eventualmente existentes nesse Estado-Maior deverão ser submetidos à Comissão de Avaliação, para competente classificação e arquivamento.

Acrescenta o ministro:

Cumpre-me, por último, recomendar que a designação dos Oficiais para integrarem a Comissão de Avaliação deverá recair em elementos isentos de ideias ou opiniões pessoais preconcebidas. A isenção, no caso, é fundamental para a utilidade da tarefa em causa. (Grifos de Macedo).

Com as novas normas, os oficiais da FAB, em qualquer caso de avistamento de óvnis, teriam de enviar relatório para o respectivo Comando Aéreo Regional, como afirma o ofício do dia 25 de julho de 1978,<sup>115</sup> assinado pelo chefe do Estado Maior da Aeronáutica, tem. brig. ar. Mário Paglioli de Lucena.

No documento, Lucena expressa:

Cabe aos Comandos Aéreos Regionais, o registro, a investigação – se couber – a confecção e a remessa, em caráter de urgência, do relatório final da ocorrência, diretamente ao Estado Maior da Aeronáutica.(...) Visando resguardar a posição do Ministério da Aeronáutica no tocante do assunto, altamente polêmico, a coleta e a remessa de dados exigem muita discrição, no devendo ser feitos comentários que possibilitem exploração por parte da imprensa em geral, fato que até poderia levar ao ridículo nossa Corporação.

Tais esforços de reunião e de catalogação de material serviram de base para um novo documento, elaborado como uma compilação de vários casos que vieram a ser relatados entre 1977 e 1978 pelo Cindacta I (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo), sediado em Brasília, que abrange partes do Sudeste e Centro-Oeste brasileiro.

Os casos reportados nessa região responsável pelo Cindacta I foram formalizados em peças mais bem detalhadas e coesas, tendo em comparação “a quase informalidade” dos relatórios anteriores às normas baixadas pelo ministro Araripe Macedo. Como tal, a compilação, “que não procurou explicações ou conclusões”, começa com dois casos ocorrido em maio de 1977, em que óvnis são avistados por tripulação de aeronaves, que

---

**115** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. **Ofício no. 191/ISC/C-554 Circular.** 25 jul. [1978](#), p. 14-15.

requisitam confirmação dos centros de controle, que informam a detecção radar dos mesmos. A transcrição dos casos inclui estudos do mapa celeste do momento do ocorrido.<sup>116</sup>

Na sequência, a compilação expõe o Caso Gama, ocorrido em 20 de junho de 1978, no Destacamento de Proteção ao Voo e Detecção e Telecomunicações, sediada na cidade de Gama-DF. Nele, são narrados estranhos encontros com luzes que sobrevoavam a base aérea e que aterrorizaram a guarnição da base aérea durante a noite. Em vários momentos, tiros são disparados em direção aos objetos, que revidam ao menos uma vez, lançando pedaço de rocha na direção de um dos atacantes, situação essa que foi observada por vários militares, soldados e oficiais, momento em que os objetos luminosos se aproximam ao solo.

O próprio Comandante do Destacamento, que após o clímax do encontro foi pessoalmente à base para averiguar o ocorrido, teve a oportunidade de ver um dos objetos. As características do mesmo são descritas pelo comandante e resumidas na compilação: velocidade espantosa; aparência de estrela; cor variando para vermelho e amarela; sem ruído; luminosidade difusa e variável; mudava de rota com muita facilidade; sumia muito rapidamente; não deu de identificar a forma.

A complementar o caso resumido na compilação, o “fundo óvni” da década contempla um outro arquivo que é o dossiê completo do caso. O dossiê do Caso Gama contém 46 páginas contanto com uma cronologia e uma detalhada descrição do evento baseada no relatório do Comandante do destacamento, o 2º. Tenente João Bernardo Viera, além de mais de vinte relatórios escritos a punho pelos soldados, oficiais e civis que estiveram presentes na ocasião.<sup>117</sup>

O 2º. tenente Vieira descreve sua observação:

De princípio a luz se apresentava como um ponto luminoso que se aproximava com velocidade espantosa. À medida que se aproximava tornava-se cada vez mais difusa, com aparência de uma estela. Sua coloração, em princípio, era normal e variando em seguida para tonalidade vermelha e amarela. Ficamos em silêncio para melhor observação e não conseguimos ouvir barulho nenhum com o deslocamento. O objeto se deslocou em nossa direção até uma certa distância, parecendo permanecer parado por alguns minutos. Logo em

---

**116** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Cindacta I. **Casos conhecidos de óvnis registrados pelo Cindacta I**. 21 mai. 1977 a 23 ago. [1978](#).

**117** BRASIL. Cindacta I. Diretoria de Eletrônica e Proteção de Voo. **Relato de ocorrências**. 21 jun. [1978](#).



seguida tomou a direção do radar LP23, sumindo de relance e ao mesmo tempo aparecendo em cima da estação de Micro-Ondas, para logo em seguida sumir completamente. Tentei identificar seu formato sem resultado pois além de sua forte luminosidade, apresentava velocidade de deslocamento impressionante. Após analisar friamente todo o fenômeno, ficou claro os seguintes itens:

- Não se tratava de nenhuma aeronave
- Não havia condições de identificar o objeto
- Não havia animosidade por parte do mesmo
- Não existia a menor possibilidade de ilusão de ótica

Para encerrar comunico-vos que seguem em anexo os relatórios de todas as pessoas envolvidas no evento, cada uma por si, dando sua versão sobre o caso em questão.

Por fim, voltando à compilação, nos meses de agosto, setembro e dezembro de 1978, assim como em um caso em novembro de 1979, o estudo da FAB reporta ainda eventos de observações narrados por tripulação em voo em sincronia com detecção radar dos centros de controles, casos esses que expõem um novo conjunto de evidências característico da década.

Em resumo, nos anos de 1970 podemos destacar várias situações novas, como a ligação entre o Estado e pesquisadores civis, na ocasião do I Simpósio Internacional de Ufologia, iniciativa do gal. Uchôa, escritor de renome e contatado, que fez uma ponte entre a parapsicologia e o fenômeno dos óvnis. Seus livros e relatos expõem um quadro completo de situações fantásticas relacionadas ao fenômeno, sendo o gal. Uchôa uma figura polivalente, que soube muito bem separar sua carreira como agente de Estado de suas experiências parapsicológicas com discos voadores, narradas em seus livros e suas palestras. Parte de seu legado hoje é mantido pela Associação Rosacruz, que mantém um amplo acervo de suas palestras, por exemplo.

Por outro lado, os eventos investigados pela Operação Prato, de tão fantásticos e desconcertantes, são um caso à parte, que transcende a própria década. A população ribeirinha que se organizou em defesa coletiva contra os ataques aéreos de óvnis, assim como os militares, médicos e jornalistas que se envolveram na investigação do fenômeno, foram profundamente marcados pelos eventos. Hoje, pessoas com cicatrizes e traumas recontam suas histórias para pesquisadores, num conjunto de situações insólitas coletivas até então inéditas.

Como vimos, a Operação Prato suscitou novas políticas de Estado, na catalogação sistemática de eventos relacionados à óvnis, o que ocorria até então de forma voluntária e desorganizada. Nesse momento, o ministro da Aeronáutica assume que é de obrigação de Estado investigar os fenômenos relacionados a óvnis, expondo inclusive elementos retirados de livros sobre discos voadores da época em sua Nota Ministerial.

Tal nova política de investigação sobre o fenômeno produziu uma rica documentação, em forma de estudos de casos singulares, assim como trabalhos compilatórios, em que casos e mais casos de observações em voo são relatados em sincronia com a detecção radar. Na década de 1980, que abriga o último dossiê relevante da documentação do “fundo óvni”, encontramos o evento mais marcante da história brasileira sobre detecção radar simultânea à observação em terra e a bordo de aeronaves, evento esse que culminou no acionamento de aeronaves de combate para a interceptação de óvnis em regiões industriais e densamente povoadas do Brasil.

#### **2.4 Década de 1980 em diante**

O evento mais marcante da década de 1980 certamente é a missão de interceptação contra 21 óvnis de 19 de maio de 1986. Mantendo as características de detecção radar em sincronia com observações em solo e em aeronaves em voo (assim como na detecção radar de aeronaves), a missão de interceptação foi o único momento da história brasileira em que as melhores aeronaves de combate foram enviadas para a interceptação de óvnis, objetos esses que saturavam as telas de radar dos centros de controle do espaço aéreo brasileiro.

Naquela noite, quando o céu estava limpo e a Lua era quase cheia, os centros de controle do espaço aéreo brasileiro já tinham lidado com vários outros óvnis. Mantendo contato com os comandantes em voo próximos aos óvnis, solicitavam às aeronaves para que aproximassem dos mesmos para confirmar seu aspecto visual. Tal aproximação foi feita, curiosamente, por um dos grandes nomes da aviação do Brasil, Ozires Silva, que é coronel da Aeronáutica e engenheiro aeronáutico e um dos fundadores da Embraer.

Retornando de uma cerimônia em Brasília de sua posse para a presidência da Petrobrás, Ozires Silva, que até então ocupava a presidência da Embraer, foi um dos

primeiros pilotos a serem acionados para averiguar os aspectos visuais e o comportamento dos óvnis detectados por radar. Contando com duas aproximações próximas à São Paulo e Taubaté-SP, a contar também com a comunicação de outros comandantes em voo que também observavam os mesmos objetos, Ozíres pôde relatar ao menos dois desses objetos, sendo que o último é descrito como um objeto gigante, em forma de lâmpada fluorescente, oblongo (forma de charuto).

Esse primeiro contato de Ozíres e outros comandantes em voo foi apenas o prelúdio de evento bem mais interessante para a corporação, pois na mesma noite os centros de controle detectaram outros 21 objetos voadores não identificados sobre os céus de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Minas Gerais, voando em alta velocidade e alguns em formação. A inusitada presença de tantos objetos fora de controle, que colocavam em risco o tráfego de aeronaves autorizadas, desafiando a própria soberania do espaço aéreo nacional, foi respondida com o envio de aeronaves caça de prontidão.

Tendo já informações de contatos visuais com alguns óvnis por meio de aeronaves civis e com o surgimento dos vários alvos nas telas dos radares, a FAB acionou cinco aeronaves, que decolaram do aeródromo de São José dos Campos, da Base Aérea de Anápolis e da Base Aérea de Santa Cruz, em missão de interceptação contra os óvnis. Alguns pilotos tiveram a confirmação nos radares de bordo, assim como puderam observar os alvos, como corpos luminosos que variavam de cor. Os objetos assumiram manobras evasivas em direção ao oceano atlântico distanciando-se das aeronaves que retornaram para suas bases e aeródromos. Uma das aeronaves manteve a perseguição em alto mar, tendo de voltar por falta de combustível.

No dia 23 de maio, numa coletiva de imprensa no Palácio do Planalto, o então ministro da Aeronáutica, tenente-brigadeiro-do-ar Otávio Júlio Moreira Lima, conjuntamente com pilotos e equipe de terra, concedeu entrevistas para jornais e redes de televisão, ao relatar os acontecimentos que ocorreram nas telas de radares, nas torres de comando e nas aeronaves interceptadoras, numa cerimônia que durou cerca de duas horas e foi transmitida posteriormente em reportagens televisivas e jornalísticas. No evento, o ministro assim como os oficiais envolvidos, puderam responder alguns detalhes controversos sobre a perseguição a óvnis, que sobrevoavam regiões densamente povoadas, como São José dos Campos, em São Paulo.

Esse caso inédito de contato entre o oficialato militar e a imprensa, contando com a própria presença do ministro da Aeronáutica, dos pilotos envolvidos na interceptação assim como de controladores de voo, fez o evento ser conhecido também como “a noite oficial dos óvnis”. Na cerimônia, o ministro Moreira Lima teria afirmado que disponibilizaria o relatório final da missão de interceptação para a imprensa, fato que somente veio a ocorrer quase vinte anos depois, com a liberação dos documentos da década de 1980 do “fundo óvni”.

O relatório é datado em 02 de junho de 1986, concluído não mais que duas semanas após a missão de interceptação, e é assinado pelo brigadeiro-do-ar José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, comandante interino do Nucomdabra (Núcleo do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro).<sup>118</sup> As evidências coletadas pela FAB incluíam a detecção radar de ao menos quatro bases aéreas e centros de controle (Anápolis-GO, Gama-DF, Três Marias-MG e Pico do Couto-RJ), simultânea ao reconhecimento dos radares de bordo das aeronaves interceptadoras, assim como simultâneas às observações de pilotos envolvidos (nem todos relataram contatos visuais).

Por meio dessas evidências, aos óvnis eram atribuídos: comportamentos evasivos, quando interceptados pelas aeronaves; variações de velocidades subsônicas a supersônicas, assim como manterem-se em voo parado; características luminosas que variavam de coloração; capacidade de aceleração e desaceleração de modo brusco; capacidade de efetuar curvas com raios constantes e outras vezes com raios indefinidos.<sup>119</sup>

Além de descrever as ações dos óvnis, o documento afirma que os fenômenos eram “sólidos, que refletiam uma certa forma de inteligência, pela capacidade de acompanhar e manter distância dos observadores assim como também voar em formação, não forçosamente tripulados”. Por meio das evidências coletadas, os militares da FAB sugeriam que os 21 óvnis detectados, interceptados e observados durante a noite de 19 de maio de 1986 faziam parte de algum tipo de tecnologia desconhecida.

Como corolário, diferentemente da documentação da Operação Prato e do Cioani, em que eram incorporadas impressões visuais, desenhos, fotos e uma pluralidade de depoimentos, na missão de interceptação os óvnis figuraram nas telas dos radares dos

---

**118** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Relatório de Ocorrência**. 2 jun. 1986.

**119** *Idem.*, p.8.

centros de controle e das aeronaves em áreas densamente povoadas e de intensa atividade industrial. Por esses e outros motivos, foram interceptados, numa rara ocasião em que as melhores aeronaves de combate são acionadas contra tráfegos não autorizados.

Por esse e outros motivos, a missão de interceptação de maio de 1986 é o evento singular mais bem descrito de todo “fundo óvni”, a contar com uma notável variedade de documentos. Tais arquivos expressam um amplo conjunto de evidências, oriundas de simultâneas observações. Os objetos foram vistos tanto em terra, a olho nu e na lente de binóculos em bases aéreas e torres de aeroportos, quando nos ares, na captação radar dos centros de controle e de aeronaves civis, comerciais e militares, e no próprio contato visual de pilotos e tripulações.

Vários relatórios sobre a missão integram esse conjunto de situações, incluindo aqueles feitos pelos pilotos e outros militares envolvidos, como controladores de voo e pessoal em terra, além do próprio relatório final, assinado pelo brigadeiro-do-ar Albuquerque. A documentação demonstra que o evento produziu uma volumosa troca de informações entre centros de controle e aeronaves civis e militares, típicas de uma operação militar.<sup>120</sup>

No dossiê, estão incluídos também áudios da comunicação entre pilotos, seus superiores e controladores de voo, alguns desses sendo legendados por pesquisadores nacionais.<sup>121</sup> Nesses áudios, podemos presenciar as impressões momentâneas que pilotos e controladores de voo tiveram ao observar os óvnis em diversas perspectivas, além da própria intensa comunicação dos pilotos em voo com seus superiores, uma fonte única em todo “fundo óvni”, que traz uma especial vivacidade ao caso. Por outro lado, para além dos arquivos sobre o evento presente no fundo, há também um outro rico grupo de fontes entre os civis que relataram ter vistos os mesmos objetos, que foram filmados por

---

**120** Mariana Raad publicou artigo em revista especializada sobre aviação que contempla o incidente sob várias perspectivas, incluindo reflexões pessoais de militares, pilotos e comandantes em voo que tiveram a oportunidade de observar e interagir com os óvnis em questão:

- RAAD, Mariana. A Noite. **Revista Força Aérea**. Rio de Janeiro: n. 43, ago. [2006](#).

**121** Podemos citar aqui a legendagem de ao menos duas fitas:

- BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Fita cassete nº 5/16: registro de movimentos aéreos não identificados**. 19 mai. [1986](#).

- BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Fita cassete nº 8/16: registro de movimentos aéreos não identificados**. 19 mai. [1986](#).

- Enigmas e Mistérios. **A Noite Oficial dos Óvnis: F-5 Persegue Óvni**. Youtube, 12 dez. [2019](#).

- Enigmas e Mistérios. **A Noite Oficial dos Óvnis: F-5 Persegue Óvni**. Youtube, 5 nov. [2019](#).

uma equipe publicitária no topo de um edifício em São Paulo, situação esse que já foram expostas em nossas pesquisas anteriores.

Todas essas evidências fazem da missão de interceptação o evento singular mais bem descrito de todo “fundo óvni” e como tal, de toda a história brasileira. Não por acaso, é um dos eventos mais investigados pelos próprios pesquisadores do tema, que costumeiramente o apresentam em congressos e eventos outros, já que configuram, até então, as mais confiáveis fontes e as mais confiáveis evidências.<sup>122</sup> Além disso, a missão em si é o único momento em que o comando da Forças Armadas, na figura o ministro da Aeronáutica, demonstra abertamente à sociedade brasileira que nosso espaço aéreo foi invadido por óvnis que foram prontamente interceptados e evadiram para em direção ao oceano Atlântico.

Como corolário, o evento também foi alvo de várias publicações televisivas, jornalísticas e de revistas especializadas de aviação. Além disso, a cerimônia de divulgação oficial, amplamente comentada pela imprensa da época e em anos posteriores, suscitou novos movimentos que buscavam uma aproximação entre a instituição e pesquisadores civis, especialmente no pedido de informações, arquivos e documentos, mas também no envio de teses e reflexões livres sobre o fenômeno em si. Nesse caso, a abertura oficial da Aeronáutica sobre o tema consagrou a instituição como um polo de conhecimento e investigação, um centro que reúne arquivos e pesquisas abrangentes e metodologicamente organizadas, como um órgão de Estado que além de ser responsável pela soberania do espaço aéreo, é também uma instituição em que pesquisadores civis podem apoiar suas pesquisas, como uma instituição que lhes confere credibilidade.

Numa situação semelhante à Operação Prato de 1977, em que o evento suscitou uma nova política que buscava informação sobre o fenômeno, a missão de interceptação de maio 1986, além de vários outros casos ao longo do ano e de toda a década, suscitou um também novo esforço em busca de estudo e catalogação de relatórios sobre óvnis. É

---

**122** Destacamos aqui a recém publicação de Jackson Luiz Camargo, *A noite oficial dos UFOs no Brasil*, de 2021, sem dúvidas a obra mais completa e detalhada sobre o tema, totalmente dedicada ao caso. Camargo também é editor do sítio [Fenomenum](#), que reúne até então a mais extensa e bem organizada base de dados de arquivos oficiais sobre óvnis no Brasil. Em uma histórica Sessão Especial do Senado do Brasil para comemorar os 75 anos do Dia Mundial da Ufologia, Camargo fez excelente palestra sobre o evento, cobrindo vários aspectos de sua pesquisa:

- CAMARGO, Jackson Luiz. **A noite oficial dos UFOs no Brasil**. Curitiba: Biblioteca UFO, 2021.

- TV Senado. **Sessão especial para comemorar 75 anos do Dia Mundial da Ufologia**. Youtube, 24 jun. [2022](#).

o que demonstra o Aviso Ministerial, de 28 de fevereiro de 1989.<sup>123</sup> Nele, o ministro Moreira Lima delega ao Nucomdabra (Núcleo do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro) a responsabilidade por responder, analisar e resguardar todo o material sobre óvnis.<sup>124</sup>

A partir daquela data, todo o material já existente teria de ser enviado ao órgão, especialmente aquele reunido na 4ª. Subchefia do Estado Maior da Aeronáutica, local dentro do ministério que até então era resguardava a documentação sobre óvnis. O Nucomdabra seria agora o órgão competente a que todas as unidades e destacamentos da FAB poderiam reportar diretamente, em caso de relato sobre óvnis. No documento, o ministro da Aeronáutica cita a Nota do ministério da Aeronáutica de 1978, assinada pelo ex-ministro Joelmir Campos de Araripe Macedo, até então a primeira diretriz da instituição que visava a organização de um “arquivo sobre óvnis”. Ainda no boletim, o ministro Moreira Lima enxerta dois parágrafos de reflexões do ex-ministro presente na nota de 1978, ao reforçar a necessidade de se organizar um registro cronológico de ocorrências sobre óvnis, apesar de seu caráter controverso.

Ressaltamos aqui a recomendação de “total isenção de ideias ou opiniões pessoais pré-concebidas”, à semelhança do que recomendava a nota ministerial de 1978, que apontava que os oficiais a integrarem a Comissão de Avaliação deveriam ser “isentos de ideias ou opiniões pré-concebidas”, sendo a isenção “fundamental para a utilidade da tarefa em causa”, ao ressaltar também a obrigatoriedade do sigilo das atividades da comissão, especialmente para se evitar que a Força Aérea Brasileira caia ao “ridículo”. A ideia que se desprende dessas recomendações era que, independentemente daquilo que um militar acreditasse sobre o tema, em algum momento ele poderia lidar com situações não antecipadas relacionadas a óvnis e isso exigiria dele uma acertada prontidão. Como

---

**123** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando-Geral do Ar. Aviso Ministerial. **Registro sobre OVNI**. 28 fev. 1989.

**124** Sobre essa decisão, afirma o ministro “Tendo em vista a atual competência e capacidade do NUCOMDABRA de se articular, sistematicamente e a nível nacional, com organizações militares e civis acerca de assuntos e atividades aeroespaciais e de defesa civil, informa a V. Exa. que decidi:

I – Transferir para o NUCOMDABRA a responsabilidade pelo trato do assunto OVNI, nos mesmos moldes determinados para o EMAER, através da Nota Ministerial já referenciada.

II – Determinar ao EMAER que transfira para o NUCOMDABRA a memória do assunto existente na 4ª. Subchefia.

III – Autorizar a todos os Comandos e Departamentos o contato direto com o NUCOMDABRA para o trato do assunto objeto deste Aviso.

IV – Autorizar ao NUCOMDABRA contato direto com todas as entidades afins, nacionais e internacionais, militares e civis, quando necessário.

V – Recomendar total isenção de ideia ou opiniões pessoais pré-concebidas, bem como o sigilo.”

corolário, essa isenção era especialmente válida para aqueles que iriam organizar e analisar os relatos em conjunto, à exemplo da compilação de casos do final da década de 1970 elaborada pelo Cindacta I, de Brasília.

Outro documento de interesse é a Diretriz Específica de 21 de agosto 1989 que estabelece “os procedimentos dos Órgãos de Controle do Espaço Aéreo quando forem relatados casos de avistamento de Objetos Voadores Não Identificados”. Assinado pelo major brigadeiro do ar Ivan Moacyr da Frota, o documento é, até então, a mais clara, específica e detalhada diretriz para a confecção de relatórios sobre óvnis, procedimento esse elaborado pela Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Voo, órgão do ministério da Aeronáutica. O documento, ao considerar que todo objeto detectado no espaço aéreo brasileiro seja identificado e classificado, afirma que caso a fase de identificação não seja possível, tais objetos “serão tratados como Objetos Voadores Não Identificados (OVNI)”, e sobre eles devem ser tomadas vários procedimentos, além do preenchimento de um questionário base.<sup>125</sup>

A década abrigou também a primeira publicação acadêmica sobre o tema, na dissertação em Antropologia de José Ferreira Fonseca Neto, *A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência*, publicada pela Universidade de Brasília em 1984. Ferreira Neto fez campo junto a um grupo de ufologia que se reunia em torno das experiências de canalização do arquiteto Luiz Scortesi de Paula, arquiteto formado pela UnB e também líder do projeto Alvorada.<sup>126</sup> Figura de renome entre os pesquisadores nacionais, o arquiteto de Paula, assim como o gal. Uchôa, palestrava no 1º. Congresso Internacional de Ufologia, realizado no Rio de Janeiro entre os dias 3 e 7 de setembro de 1988, como aponta informe do Ministério da Aeronáutica, em um documento de divulgação do evento.<sup>127</sup>

No congresso, apresentações de temática formalmente científicas foram acompanhadas por outras baseadas em experiências de canalizadores e contatados, o que ressalta, dentro do próprio campo da pesquisa especializada, duas tendências, muitas vezes conflituosas. A primeira delas, a “ufologia científica” é pautada em pesquisas de campo, em análise de documentos, reunião de testemunhos, estudos estatísticos, análise

---

**125** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Voo. **Diretriz Específica 04/98**. 21 ago. [1989](#).

**126** FERREIRA NETO, José Fonseca. **A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1984.

**127** BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Informe no. 127/400/88. **1º. Congresso Internacional de Ufologia**. 15 ago. [1988](#).



laboratorial, reflexões teóricas etc. A segunda, é a “ufologia esotérica”, pautada na experiência mística e nas reflexões de contatados, que trazem conhecimentos morais, filosóficos espirituais, ao enriquecer, renovar ou mesmo criar novas esquemas interpretativos de mitologias tradicionais, ou mesmo novos cultos.

Esse tópico deve ser ressaltado. Não somente Ferreira Neto se dedicou a analisar o campo social da ufologia esotérica. O antropólogo Rafael Antunes Almeida, por exemplo, dedicou parte de sua tese à reflexões sobre um famoso movimento religioso liderado por um canalizador nos EUA, além de discorrer também sobre a conflituosa relação entre as duas correntes do campo.<sup>128</sup> Por sua vez, o psicólogo Leonardo Breno Martins fez pesquisa entre vários desses grupos, tanto em sua dissertação como em sua tese, ao expor também um notável domínio do contexto que envolvem as experiências de contato.<sup>129</sup> Já o historiador Cláudio Tsuyoshi Suenaga dedicou parte considerável de sua pesquisa à investigar a história de Aladino Félix, o “primeiro canalizador brasileiro”, tendo em vista seu projeto messiânico e envolvimento com o governo militar de 1964.<sup>130</sup>

Como pudemos notar, o fato de relevantes pesquisas acadêmicas no Brasil dedicarem-se ao tema da canalização e de seus movimentos sociais associados demonstra que a ufologia esotérica concentra uma audiência superior em número àquela ligada à ufologia científica. Isso se reflete também no mercado editorial, pois parte considerável da literatura de ufologia é composta por narrativas baseadas em experiências de canalizadores, contatados e lideranças esotéricas.

Como tal, a maior parte do público dos canalizadores estão imersos no universo da “nova era”, sendo a experiência de Aladino Félix, devido ao seu espírito escatológico e violento, uma exceção, ao menos no Brasil, como veremos. Para essa audiência, o interesse pelo tema se especialmente mais pelo fato de seres extraterrestres integrarem

---

**128** Nesse caso, Almeida fez pesquisa sobre os “Raelianos”, movimento liderado pelo canalizador francês Claude Vorilhon, também conhecido como Raël:

- ALMEIDA, Rafael Antunes. **“Objetos Intangíveis”: Ufologia, ciência e segredo.** 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2015](#), p. 153.

**129** MARTINS, Leonardo Breno. **Contatos Imediatos:** investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas. 323 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [2011](#).

- MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas:** uma proposta psicológica integrativa sobre experiências “ufológicas” e “paranormais”. 456 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [2015](#).

**130** SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A Dialética do Real e do Imaginário:** Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI. 396 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP [1999](#).

algum tipo de hierarquia do tipo sacerdotal. Nesse caso, são tidos como aliados da espécie humana, mestres espirituais, guias, entidades essas que vez ou outra se associam a pessoas especiais, como médiuns, sensitivos etc., que acabam por se tornar também lideranças, na popularização de ideias extraterrestres.

De fato, na década de 1980, o universo social ufológico era fortemente marcado pela influência de canalizadores, suas reflexões e mensagens espirituais. Em concordância, sérios pesquisadores brasileiros reforçavam a ideia de que o fenômeno em si refletia uma intenção amistosa por parte de extraterrestres pacíficos que almejavam o contato. Logo, os casos de rapto, mortes e ataques eram tidos como obra de outras forças, quiçá organizadas por programas militares secretos na utilização de avançada tecnologia, mas não poderiam ser associadas aos discos voadores e seus tripulantes alienígenas, tendo em vista que “visitantes do espaço” jamais se comprometeriam em comportamentos predatórios de qualquer sorte, e provavelmente estariam aqui para apoiar o processo evolutivo da humanidade.

No entanto, outros pesquisadores nacionais apontavam para o caráter sombrio do fenômeno, quando as experiências violentas eram ressaltadas em reflexões que sugeriam o espírito “vampiresco” presente em uma enorme variedade de situações, como aquelas narradas pela Operação Prato, por exemplo, ou mesmo nos vestígios deixados por numerosas carcaças de animais estranhamente abatidos, nos contextos limítrofes da mutilação animal e de ataques contra humanos. Tal corrente começou a publicar suas reflexões no Brasil ainda na década de 1970.

Nesse contexto, destacamos aqui o Manifesto Gótico, de autoria do pesquisador Fernando Grossmann, que lançou, de forma irreverente, a possibilidade da espécie humana ser alvo de uma sofisticada predação de forças alienígenas.<sup>131</sup> Grossmann tece uma crítica à hipótese extraterrestre, afirmando que a maioria dos ufólogos se apegam a ela de forma exclusiva e irreflexiva. Nesse caso, a ideia de predadores alienígenas constrói seu sentido numa hipótese que prevê a existência de realidades intercambiáveis, mundos paralelos, múltiplas naturezas etc., e não necessariamente na ideia de viagem interplanetárias.

---

**131** Cláudio Suenaga publicou excelente artigo sobre o legado de Fernando Grossmann, em que o Manifesto Gótico é relacionado com outras reflexões de Grossmann:

- Sítio Oficial de Cláudio Suenaga. **Cláudio Suenaga entrevista o ufólogo pioneiro Fernando Grossmann, criador da Ufologia Gótica e pesquisador do Caso João Prestes: Os extraterrestres são predadores da espécie humana.** 27 out. [2021](#).

Em entrevista com o historiador Cláudio Suenaga em 2003, Grossmann discorre sobre a relação não excludente entre as hipóteses do campo:

**Suenaga** – Até agora usamos o termo “extraterrestres” meramente por convenção e força de expressão, por ser esse um termo de uso comum para designar os ufonautas. Todavia, em sua conferência intitulada “Extraterrestres: A Hipótese Infantil da Ufologia”, você tece severas críticas e lança outras alternativas.

**Grossmann** – A hipótese interplanetária foi a primeira a ser aceita, mas ela sofreu deformações por ter se tornado absoluta. A veracidade de uma hipótese não exclui a veracidade de outras hipóteses. Quando se fala em confusão com fenômenos astronômicos, meteorológicos etc., isso é uma verdade que corresponde a uma certa porcentagem da casuística. Quando se fala em armas secretas de potências litigantes, isso também é uma verdade que corresponde a outros tantos por cento. Quando se fala na hipótese interplanetária, ela continua sendo uma possibilidade que pode estar acontecendo. Quando se fala em mundos paralelos e em viajantes do tempo, também. Uma hipótese não exclui outra.<sup>132</sup>

Ainda que tais hipóteses relacionem-se de forma não excludentes, cada uma delas tem um limite próprio. Ao abrigar as demais, a hipótese de “mundos de paralelos” também é a mais difícil de se definir e que demanda maiores reflexões, como veremos. Voltando à perspectiva de Grossmann, o autor tece severas críticas àqueles que se apegam apressadamente à hipótese interplanetária:

as seitas místicas e pseudomísticas valeram-se da hipótese interplanetária para justificar todo tipo de atrocidades que cometeram em nome dos novos deuses extraterrestres. Um dos erros mais típicos, uma das doenças do período infantil da Ufologia, é que se chegou até a cogitar a existência de civilizações tecnológicas na Lua. Com o desenvolvimento da astronomia, da astronáutica e dos seus meios de prospecção, os adeptos da hipótese extraterrestre tiveram de ir afastando essas civilizações tecnológicas cada vez mais para longe, para Vênus, Marte, para os satélites de Júpiter – sendo que erroneamente escolheram Ganimedes, o maior dos satélites galileanos, quando atualmente se sabe que os melhores candidatos para abrigar vida são os menores – Europa e Io –, para os planetas de outras estrelas etc. À medida que nossos meios prospectivos avançavam, tiveram que ir empurrando cada vez mais para longe a procedência dos discos voadores.<sup>133</sup>

As reflexões de Grossmann demonstram uma mudança de perspectiva que ocorreu no campo da ufologia ainda na década de 1970, uma corrente que foi ganhando espaço ao mesmo tempo que tecia também novas reflexões teóricas. Resumidamente, as “narrativas de dominação”, que ressaltam eventos hostis e enfatizam aspectos predatórios da relação

---

132 *Idem.*

133 *Idem.*

entre humanos e alienígenas, encontram seu sentido numa hipótese que prevê a existência de mundos paralelos, múltiplas dimensões, múltiplas naturezas etc., em que forças alienígenas transitariam entre esses mundos, seja com seus corpos seja com a tecnologia, num tipo sofisticado de predação.

Ainda dentro desse campo, para além dos ataques do chupa-chupa narrados pela Operação Prato e dos raros e dispersos casos de mutilação animal da década de 1970, o Brasil abrigou uma onda de ataques “chupa-cabras” contra rebanhos em 1997, que foi alvo de investigações. A esses eventos, Carlos Alberto Machado publicou o livro *Olhos de Dragão*, de 1999, uma extensa obra sobre estranhos acontecimentos que ocorreram em localidades rurais da região Sul e Sudeste do país.<sup>134</sup> Tendo publicado até então a obra mais completa sobre o tema da mutilação animal em língua portuguesa, o livro de Machado, ao narrar os eventos no Brasil, expõe o conceito de Intruso Esporádico Agressivo (IEA) para qualificar tais seres, a que são atribuídos vários comportamentos: caçam rebanhos, separam machos de fêmeas, extraem órgãos específicos com cortes cirúrgicos, sugam o sangue e regurgitam o plasma, silenciam o ambiente, paralisam animais e pessoas etc., todos esses eventos sendo acompanhados por relatos de óvnis.

Por outro lado, o documentário *Dossiê Chupacabra*, também produzido por Machado durante a onda de ataques em 1997, é um primoroso trabalho audiovisual em que veterinários, caçadores, moradores e testemunhas outras da área rural são entrevistados, numa narrativa de notável edição.<sup>135</sup> O autor também publicou o livro *Estranha Colheita*, de 2018, em que casos de “ataques insólitos” contra humanos são retratados, numa pesquisa que inclui documentos periciais, inquéritos policiais, laudos médicos etc., discorrendo também sobre emblemáticos casos internacionais.<sup>136</sup>

Em conjunto, as publicações de Machado revelam, até então, as mais bem documentadas pesquisas no Brasil sobre o tema, que demonstram uma notável erudição e perspicaz análise teórica, uma situação incomum entre os pesquisadores nacionais. Suas publicações podem ser naturalmente enquadradas na tendência integradora proposta em nosso balanço temático do capítulo anterior. As pesquisas de Machado demonstram,

---

**134** MACHADO, Carlos Alberto. **Olhos de Dragão**: reflexões para uma nova realidade. 1º. Edição Eletrônica da Rede Brasileira de Pesquisas Ufológicas, [2016](#).

**135** Dossiê Chupacabras. Direção: Carlos Alberto Machado. Produção Carlos Alberto Machado. Brasil, [2003](#).

**136** MACHADO, Carlos Alberto. **Estranha Colheita**: mutilações humanas do insólito. São José dos Pinhais (PR): Estronho, 2018.

assim como as de Grossmann, que os estudos sobre relações hostis entre humanos e alienígenas e animais, para além da pesquisa primária na investigação de casos, tecem reflexões hipotéticas mais abrangentes, oferecendo um contexto expandido, em que alienígenas operariam um tipo de predação oculta.

O que nos importa, nesse caso, é destacar que tais “narrativas de dominação” foram se tornando cada vez mais sofisticadas especialmente quando novas conexões foram estabelecidas entre distintos campos a partir da década de 1980 e 1990. O ex-padre jesuíta e ufólogo Salvador Freixedo Tabarés é certamente uma das principais referências desta corrente, ao discorrer sobre a possibilidade de a nossa espécie estar sob domínio de divindades que manipulam a consciência humana de forma sub-reptícia. Tais seres utilizariam, vez por outra, de pessoas distintas que seriam responsáveis por renovar agendas culturais de seu interesse, na figura de líderes religiosos, profetas, sacerdotes, contatados etc., moldando a cultura e os costumes dos povos ao longo das eras.

Utilizando-se de experiências místicas e cenários de revelação, tais seres operariam sofisticadas formas de controle da cultura em amplos aspectos. Se outrora eram tidas como deuses e se apresentavam de forma mais ostensiva, dedicando-lhes os povos estátuas, cultos, ritos, sacrifícios e costumes em sua homenagem, hoje tais seres se camuflam como “anjos extraterrestres”, alienígenas benignos, seres de luz etc., ou mesmo personagens mitológicos tradicionais, como no caso de Aladino Félix, que afirmava estar em contato com Jeová dos Exércitos, o próprio Deus bíblico, que lhe tinha ordenado uma missão profética. Tradutor e intérprete de uma nova Bíblia, Félix descreve Jeová como um ser também material e habitante do sistema solar e que dispõe de fabulosas tecnologias, como os discos voadores, instrumentos utilizados na Criação. Autor de renome e tido como o “primeiro contatado brasileiro”, Félix organizou vários atos terroristas de falsa bandeira a favor do governo em 1968. Sua história será investigada em nosso último capítulo.

Voltando à proposta de Tabarés, os títulos de suas obras são reveladores: *Israel, pueblo contacto* (1978); *La granja humana: Ellos, los duênos invisibles de este planeta* (1988); *OVNIS y dioses depredadores* (1995).<sup>137</sup> Em *¡Defendámonos de los dioses!*, de 1984, o autor, que é um profundo conhecedor da Bíblia por vocação familiar, tendo sido

---

**137** TABARÉS, Salvador Freixedo. **Israel, pueblo contacto**. La Regla de Oro, [2016](#).

- TABARÉS, Salvador Freixedo. **La granja humana**. Diversa, [2014](#).

- TABARÉS, Salvador Freixedo. **Ovnis y dioses depredadores**. Madrid: Contrastes, [1995](#).

padre jesuíta por décadas, cita passagens do Antigo Testamento que descrevem um genuíno interesse de Jeová por sangue, em sacrifícios de fogo e matanças, à semelhança de divindades outras, que somente são saciadas por adoração e sacrifícios sangrentos, tecendo conexões, por sua vez, com o aspecto vampiresco presente no fenômeno óvni, tendo em vista os estranhos casos de mutilação animal e humana. Afirma o autor que esses tipos de ataques são relatados em todo o planeta e neles estariam presentes os “mesmos personagens” e os mesmos interesses.

A sinopse do livro bem esclarece a proposta de Tabarés:

Será que os deuses que as religiões nos apresentam são trapaceiros? E que os tripulantes dos óvnis também não eram o que aparentam ser, como seres de outros planetas que vêm ao nosso à noite para coletar amostras? Este livro procura descobrir como se manifesta a inteligência extra-humana e o que realmente se esconde por trás dela, e o faz mergulhando tanto na história humana – uma história muitas vezes complicada e crivada de injustiças – como na não menos complexa história das religiões. Quem são esses "deuses" que desde tempos imemoriais parecem ser os instigadores da maioria das religiões? Quais são seus interesses? Por que eles se intrometem na vida das pessoas e jogam conosco? Ao longo destas páginas, o autor busca respostas para um assunto tão polêmico, abordando-o de um ponto de vista em que os limites entre religião e fenômeno óvni se confundem até quase desaparecerem e se tornarem um todo do qual talvez tenhamos que nos defender. *Vamos nos defender dos deuses!* é uma das obras mais conhecidas de Salvador Freixedo, e uma das mais populares da ufologia mundial. Esta edição, revisada e atualizada pelo próprio autor, não pode faltar na biblioteca de nenhum fã de óvnis... ou religiões”.<sup>138</sup>

O historiador Cláudio Suenaga afirma que para Tabarés, os extraterrestres “não passariam de seres nefastos disfarçados de deuses que apenas usam os seres humanos como fontes de recursos para suprir suas próprias necessidades biológicas e espirituais”, valendo-se, nesse caso, de “artimanhas e ferramentas místicas”,<sup>139</sup> agindo como que numa “área cinzenta” da consciência.

Diante desse quadro, é interessante notar aqui que tais narrativas de dominação, ao evocarem a ideia de realidades paralelas e múltiplas dimensões, acabam por necessariamente elevar o status da espécie humana e da própria Natureza, pois agora interagem em um mundo expandido. Além disso, para que o homem seja fonte de recursos energéticos “mágicos”, ele há de ser, em sua origem natural, um ser mágico, e Tabarés

---

<sup>138</sup> TABARÉS, Salvador Freixedo. *¡Defendámonos de los dioses!* Diversa, [2015](#).

<sup>139</sup> SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. *Contatados: Emissários das estrelas, arautos de uma nova era ou a quinta coluna da invasão extraterrestre?* Campo Grande: Biblioteca UFO, 2007, p.235.

reflete acerca de como o corpo humano, em sua expressão energética, pode sofrer tipos sutis de predação, evocando, como exemplo, realidades eletromagnéticas do corpo, como um campo de atuação capaz de interferir na consciência. Nesse contexto, animais e homens são uma fonte de energia, contida tanto no sangue e em órgãos, como no corpo, tendo em vista aqui uma ideia expandida de corpo “energético”, que abriga, inclusive, a ideia de parasitas mentais, proposta essa que se difundiu com a publicação do livro *O lado ativo do infinito*, de 1999,<sup>140</sup> do antropólogo Carlos Castañeda.

A escritora Laura Knight-Jadczyk, por exemplo, foi uma das primeiras a tecer paralelos entre os parasitas mentais descritos por Castañeda com elementos outros retirados da literatura ufológica, incluindo aí também o caráter vampiresco presentes em outras tradições.<sup>141</sup> Nesse caso, entrariamos naquela proposta levantada por D’sa presente em nosso balanço temático, que ressaltam pesquisas antropológicas que investigam ambientes culturais distintos. Tendo sua obra conhecida, traduzida e debatida no mundo inteiro, Castañeda pesquisou o uso ritualístico e tradicional de enteógenos entre indígenas do México no final de década de 1960, ao afirmar ter sido iniciado em uma linhagem de “feiticeiros e videntes” toltecas, e seus livros relatam seu processo de aprendizado, que, como afirma, o tomou por completo.

Nessa perspectiva, o “tópico dos tópicos” dessa tradição afirma que a espécie humana é predada por uma civilização inorgânica que suprime seu “lado mágico” por meio de um parasitismo mental, processo esse que mantém a humanidade estagnada em um estado infra-humano de contínua sedação, uma parte diminuta de um ser mágico originário. Logo, o interesse desses praticantes se dirige ao desbravamento das possibilidades perceptivas humanas, como uma forma de alterar esse estado, e o grosso do material publicado se destina a esse assunto, ao ressaltar, sobremaneira, aquilo que temos chamado aqui de “fator humano”.<sup>142</sup>

---

**140**CASTAÑEDA, Carlos Aranha. *O lado ativo do infinito*. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2004.

**141** KNIGHT-JADCZYK, Laura. *The Secret History of the World and How to Get Out Alive*. Red Pill Press, [2005](#).

**142** A obra de Castañeda recebeu a contribuição de incontáveis pesquisas acadêmica a seu respeito, como no caso da dissertação da antropóloga Ana Maria Ramo y Affonso, de 2008, por exemplo. Ainda assim, poucas pesquisas discutem a obra em sua totalidade, dentre essas podemos destacar a publicação de Luis Carlos de Moraes Junior em *Carlos Castañeda e a fresta entre os mundos...*, de 2012, uma das mais completas pesquisas nacionais sobre o tema, assim como também a publicação do livro *O Domínio da Consciência*, de um autor desconhecido de pseudônimo Flórion. Utilizando-se de um formato acadêmico clássico, o livro de Flórion é uma detalhada compilação da obra de Castañeda, unificando e reorganizando um conhecimento que até então estava fragmentado nos livros:

Nessa síntese teórica, notamos que os temas correlatos ao fenômeno dos óvnis se sobrepõem à própria ideia da existência de objetos voadores não identificados, quando distintas situações de contato entre humanos e presenças alienígenas são evocadas em toda sua amplitude, desde encontros esporádicos, com a troca cultural se dando pela conversação com extraterrestres de forma humana ou humanoide, até o contato com seres alienígenas “espirituais”, em que a troca cultural se dá também pela via da telepatia, da “canalização”, de encontro em estado oníricos etc. Como pudemos observar novamente, tais situações se dão por meio de canais “perceptivos expandidos”, evocando a ideia de um encontro entre seres mágicos.

Por outro lado, encontramos também situações de podem ser vistas como “encontros de predação”, como ataques físicos, mortes, abduções, mutilações de humanos e animais, raptos etc. Inserida no campo “mágico”, a predação se dá na presença de divindades que manipulam a consciência e a cultura humana, de encostos, de espíritos obsessores, de parasitas mentais etc. situações essas que evocam a ideia de uma predação entre seres mágicos.

Participam aqui, ainda que de forma indireta, elementos de uma influência crescente, um controle ou mesmo uma dominação cultural e corpórea, e a depender da reinterpretação mitológica que se faz, óvnis e alienígenas também podem ser encaixados em algum sistema de interpretação pré-concebido. Por outro lado, ao mesmo tempo que ganham o caráter imaterial, espiritual e divino (ou demoníaco) presente nas entidades bíblicas, por exemplo, óvnis e alienígenas podem ser também a expressão material, orgânica e tecnológica desses mesmos seres, assim como de seres fabulosos de tradições outras, que, para além de uma existência espiritual, possuem corpos físicos e dominam tecnologias disruptivas.

Tendo isso em vista, podemos voltar agora às discussões finais do “fundo óvni”. Incluindo agora um evento ocorrido no dia 11 de abril de 1991, O Caso Papuda é um dos últimos marcantes que se encontra presente em todo o fundo, quando um objeto brilhante de movimentos erráticos é observado por vários funcionários do Presídio da Papuda no Distrito Federal. Sobre este caso foi feita uma detalhada e volumosa pesquisa de campo,

---

- RAMO y AFONSO, Ana Maria. **O corpo Xamã e a Passagem de Carlos Castañeda**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, [2008](#).

- MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. **Carlos Castañeda e a fresta entre os mundos: vislumbres da filosofia anauacah no século XXI**. Rio de Janeiro: Litteris, [2012](#).

- FLÓRION. **O Domínio da Consciência**: Ensinamentos de Juan Matus na obra de Castañeda. ([s.d.](#))



da autoria de Wilson Geraldo de Oliveira, presente em sua monografia de Antropologia pela Universidade de Brasília, na época, a segunda pesquisa acadêmica brasileira sobre o tema.<sup>143</sup> No entanto, para além das publicações de pesquisadores individuais, Oliveira foi autor da primeira e até então única pesquisa sobre óvnis elaborada por um grupo acadêmico formalizado de uma universidade brasileira, na forma de um estudo denso e rico em detalhes, estudo esse que se encontra no “fundo óvni” da década de 1990.<sup>144</sup>

Oliveira era coordenador do GEU (Grupo de Estudos Ufológicos), um dos grupos de estudos do NEFP (Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais), situado no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da Universidade de Brasília. Os pesquisadores do caso, na busca por informações e dados prismática, mantiveram extensa correspondência com o ministério da Aeronáutica e outros órgãos, utilizando-se dos meios formais entre as instituições, comunicações essas que podemos observar na documentação do “fundo óvni” relativas ao Caso Papuda.

Por outro lado, o fato da pesquisa de Oliveira receber o suporte formal de um “grupo de estudos ufológicos” ligada a um “núcleo de estudos de fenômenos paranormais” reforça a estreita ligação do tema com aquilo que estivemos chamando aqui de “fator humano” (nesse caso, fator paranormal), que pode ser definido igualmente por fator “psíquico”, “energético”, “extraperceptivo” etc. Essa associação é abertamente assumida pelos contatados, que se esforçam, como o gal. Uchôa, a criar as pontes entre os óvnis e fenômenos de ordem paranormal. O “fator humano”, nesse caso, é o próprio objeto de investigação da parapsicologia.

Incluindo agora documentos de décadas seguintes, um dos estudos mais notáveis feitos pela FAB e que estão presente no “fundo óvni” se dá na forma de um resumo estatístico, em que quase 800 casos de óvnis em todo território nacional são dispostos desde a década de 1950 até o presente, sendo que categorias gerais dos eventos são descritas, como a forma dos objetos, o horário, o número de pessoas, assim como meio de observação, a forma do contato etc.<sup>145</sup>

---

**143** OLIVEIRA, Wilson Geraldo. **O Movimento Ufológico:** reflexo da necessidade de um modelo de compreensão de realidade. 206 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1995.

**144** OLIVEIRA, Wilson Geraldo de. **“Caso Papuda”.** Universidade de Brasília. Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. Núcleo de Estudos dos Fenômenos Paranormais. Grupos de Estudos Ufológicos, [1992](#).

**145** BRASIL. Comando da Aeronáutica. Defesa Espacial. **Resumo Estatístico de OVNI (Objetos Voadores Não Identificados).** Desclassificado. 09 fev. [2001](#).

O estudo estatístico por si só é um mérito, que sintetiza os casos presentes na documentação, podendo ressaltar os momentos de maior “atividade óvni”, expondo uma visão abrangente no tempo e no espaço. No entanto, o estudo em si não expressa necessariamente uma ideia de “totalidade”. Nesse caso, temos que rememorar o que já afirmava o tenente brigadeiro do ar José Carlos Pereira, figura central na liberação dos arquivos da Aeronáutica. Em artigo, o brig. Pereira sugere que apenas 10% do que é observado por agentes militares é registrado, já que a maior parte dos relatos nem são formalizados em documento, e muita coisa é perdida.<sup>146</sup>

Tendo em vista que o estudo estatístico datado da década de 2000 é a última peça de notável relevância de todo o acervo documental do “fundo óvni”, podemos prosseguir para nossas reflexões finais do capítulo. Como vimos nesse estudo, o Brasil já na década de 1950 passou a catalogar, numa situação comum à várias outras nações, relatos de observações de estranhos objetos vistos inicialmente por pilotos comerciais e suas tripulações. Por outro lado, a nação como um todo inteirava-se do fenômeno dos “discos voadores” já em 1947, por meio de sua mídia impressa e pela rádio, tendo em vista os numerosos rumores que tiveram seu epicentro nos EUA no mesmo ano, quando o grande público de todo o ocidente teve acesso a um fenômeno que até então estava restrito ao âmbito militar, haja vista os relatos da Segunda Grande Guerra. Logo, os militares nacionais, tendo acesso à inicial preocupação que seus congêneres nos EUA, perceberam que o fenômeno das aparições de estranhos objetos aéreos não identificados era um desafio de segurança nacional, e que a Força Aérea Brasileira era naturalmente a instituição responsável por lidar com esse desafio.

Em contrapartida, toda a exploração sensacionalista que os meios de comunicação da época davam ao tema complicava ainda mais o desafio, já que o fenômeno em si era alvo de chacota, devido especialmente a histórias inventadas, a falcatruas e a manipulações de imagens, como pudemos ver nos mais famosos casos da década de 1950, que serão investigados nesta tese. Por outro lado, como veremos no Capítulo IV, o próprio tema da invasão marciana, até então explorado pela ficção científica décadas antes do surgimento do “disco voador” como entidade cultural moderna, viera a compor o quadro explicativo acerca de tais objetos, o que quer dizer, em outras palavras, que eles eram

---

**146** PEREIRA, José Carlos. OVNIIS no Brasil. In: KEAN, Leslie. **OVNIIS: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo**. Bauru, SP: Idea, 201, p.249.

fruto de uma civilização marciana em visita à Terra. Até hoje, os óvnis, os discos voadores de outrora, são tidos, pelo grande público, incluindo o acadêmico, como sinônimo de aeronaves extraterrestres, o que pode ser explicado pela própria dinâmica histórico-cultural do século XX, impulsionada pelas mídias de massa. No entanto, associar os óvnis à crença em extraterrestres é um erro que confunde dados gerais sobre estranhas presenças nos céus com hipóteses, nesse caso, a hipótese extraterrestre.

Os eventos investigados pela Operação Prato em 1977, assim como a missão de interceptação forçavam os mais céticos oficiais gerais a enfrentar diretamente o polêmico tema, momento em que estranhos acontecimentos desafiavam não somente a soberania nacional, mas também as mentes mais ousadas, pois sugeriam cenários não antecipados de estranhos fenômenos, além de comportamentos aterrorizantes, como aqueles ataques narrados pela Operação Prato.

Naturalmente, os militares se deram com o “beco sem saída” de um fenômeno sem explicação, e os óvnis a que a FAB foi obrigada a investigar em 1977 e interceptar e 1986 continuaram a ser objetos desconhecidos, movidos por propósitos ocultos, como “máquinas de fazer segredo” que se revelam apenas em rastros, na acertada definição do antropólogo Antunes Almeida. Tais rastros podem ser claros e diretos como queimaduras atordoantes, ou sutis e sugestivos como objetos captados por radar, no entanto, não respondem a uma lógica clara e quase nada revelaram acerca do contexto amplo a que estão inseridos, permanecendo como que selvagens.

Tendo em vista a excêntrica história nacional presente nos arquivos do “fundo óvni”, os oficiais gerais e ministros da Aeronáutica responsáveis por lidar com o desafio dos óvnis fizeram poucas reflexões sobre o fenômeno. Por outro lado, tampouco se vincularam à curta experiência do Cioani de 1969, órgão que manteve uma aberta associação com o meio civil e midiático da época. O óvni, e não o Oani (Objeto Aéreo Não Identificado), se impôs como a sigla que denominaria o “problema” a ser investigado de forma oficial e sigilosa. Ao tratar o tema como um inesperado desafio de segurança nacional, ou mesmo temendo o ridículo, os ministros e oficiais gerais acabaram por se afastar da comunidade civil, uma atitude, obviamente, anticientífica. Ousada seria uma parceria entre os Estado Maior da Aeronáutica e as universidades, momento em que os militares convidariam a comunidade acadêmica e científica para analisar seus dados primários de forma livre.

Em resumo, para os militares nacionais, não há disputa sobre a existência de óvnis. Podemos sugerir também, por meio de uma visão abrangente dos eventos expressos pelo “fundo óvni”, que a presença de tais objetos é rara, mas recorrente. Poderíamos parar por aí, mas a curiosidade humana é muito grande, e, movidos por esse impulso, tentamos explicar suas presenças com hipóteses. A extraterrestre é uma delas, por exemplo. A do engenho secreto militar é outra. A multidimensional também. Logo, o que nos resta são exercícios hipotéticos, baseados na escolha por reunir distintas evidências, momento em que em tais dados recebem um sentido e uma explicação plausível.

Por outro lado, podemos afirmar que o que os agentes de Estado entregaram ao Arquivo Nacional são registros avulsos. A documentação dos casos mais intrigantes e comprometedores foi liberada de forma parcial e desorganizada. Não há originais, são cópias de cópias que muito se enfraqueceram no processo. Todas as fotos também são cópias, e os filmes, ao menos da Operação Prato, foram censurados. Além de pequenas reflexões dos ministros Araripe Macedo e Moreira Lima, e especialmente do brigadeiro José Vaz da Silva, que instituiu o Cioani, não há, na documentação da FAB, nenhum estudo sistemático que tente reunir todas as evidências em um esquema teórico abrangente.

De forma extraoficial sim, temos entrevistas e depoimentos gravados em que algumas reflexões são sugeridas, no entanto, a documentação da FAB carece de estudos explicativos abrangentes, mesmo que esses sejam expressos apenas como exercícios hipotéticos livres. Ressaltamos ainda o notável papel que os dois ministros da aeronáutica e figuras máximas do oficialato da FAB, Joelmir Campos de Araripe Macedo e Otávio Júlio Moreira Lima, que impulsionaram os esquemas de catalogação da FAB e tiveram que admitir, forçosamente, que a Força Aérea, em conjunto, deveria investigar os estranhos fenômenos relacionados a óvnis.

Nesse sentido, para o comando das Forças Armadas, a existência de óvnis não está em disputa. Isso está muito longe de significar que o Estado brasileiro está certo que estamos sendo “visitados por seres extraterrestres”, raciocínio esse que extrapola as evidências ao sugerir uma hipótese, nesse caso, a hipótese extraterrestre. De fato, como vimos nos vários casos aqui revisitados, militares, assim como civis, estão sujeitos a lidar, forçosamente, com estranhos eventos relacionados a óvnis, ainda que tais eventos sejam raros. E por ter melhores os melhores meios tecnológicos, os militares puderam atribuir

a esses objetos evidências diversas, evidências essas que ajudam a definir os próprios contornos de um fenômeno de difícil compreensão.

Nesse caso, podemos afirmar com segurança que a Força Aérea Brasileira foi a instituição que mais se aproximou do fenômeno, investigando-o ao longo de décadas em pesquisas diretas e operações reativas em todo o território nacional. Nenhuma organização civil ou pesquisador em particular se aproximaram daquilo que a FAB fez, ainda que o material mais sensível tenha permanecido censurado. Em outras palavras, tendo em vista o acervo presente no “fundo óvni” podemos afirmar que as ações de Estado empreendidas especialmente pela FAB configuram as mais bem detalhadas e completas pesquisas sobre óvnis do Brasil. A ufologia, ou melhor, a ovniologia brasileira é uma especialidade militar.

Pesquisadores civis também publicaram muitas pesquisas, especialmente na forma de estudos de casos, no entanto, baseando-se especialmente em relatos de terceiros, assim como em análise documental. A Força Aérea Brasileira, por outro lado, dispõe de equipamentos, recursos tecnológicos e humanos únicos, apropriadas para a defesa do espaço aéreo nacional, pois mesmo na breve experiência do Cioani, uma ampla rede de pesquisa foi distribuída por todo território nacional, organização essa muito difícil de ser mantida por coletivos civis, por exemplo.

Logo, é correto afirmarmos que as fontes das Forças Armadas do Brasil nos oferecem profícuas evidências sobre como o Estado brasileiro lidou com este tema polêmico, não somente devido à constante preocupação que os militares tem com as presenças fora de controle detectadas nos céus, mas também porque as instituições militares detém as melhores tecnologias, instrumentos e pessoal qualificado para a aproximação a um óvni, inclusive dispendo da possibilidade oferecer combate a estes objetos, e, em alguns momentos, tais dados são disponibilizados para consulta pública e a eles dedicamos nossas pesquisas e reflexões teóricas.

Indo além dessas reflexões, é importante que saibamos também que o próprio interesse militar sobre presenças aéreas desconhecidas ocorreu conjuntamente ao surgimento da guerra aérea, em sua aplicação ostensiva durante a Segunda Grande Guerra, momento que ocorreram as primeiras observações e pesquisas militares sobre presenças aéreas desconhecidas, descritas como bolas de luzes de diferentes cores que

muitas vezes perseguiram as aeronaves aliadas, especialmente nos meses finais do conflito.

Neste primeiro momento, as hipóteses, depois de descartados enganos e alucinações, gravitavam na possibilidade de fazerem parte do arsenal secreto inimigo. Esta primeira experiência em guerra serviu como padrão para as subseqüentes, em que novas nações se envolveriam com pesquisas e operações reativas contra óvnis endereçando a suspeita para testes de tecnologias não convencionais, provenientes das duas grandes potências emergentes da Segunda Guerra Mundial, neste caso, a suspeita recaía à sofisticados armamentos provenientes dos EUA ou da URSS.

Portanto, o capítulo que se segue explorará a emergência histórica do poder aéreo e o papel das aeronaves nos conflitos mundiais, ao destacar sua clara ligação com o estado da arte da tecnologia de cada época. Tais avanços propiciaram novos usos para aeronaves, além de novas estratégias que foram elaboradas e postas em serviço. Nesse sentido, o interesse dos militares aos fenômenos aéreos desconhecidos ocorreu justamente no momento em que o poder aéreo se tornou um elemento chave para a resolução de conflitos, dada a experiência da Segunda Grande Guerra, em que aeronaves de combate foram utilizadas de forma ostensiva, contribuindo decisivamente para o desfecho da contenda mundial.

Tal proeminência do poder aéreo esteve presente nas novas disputas geopolíticas do pós-guerra, como vemos na Guerra Fria, caracterizada pelo tenso equilíbrio das tecnologias aeroespaciais e termonucleares de destruição em massa. Logo, já que o interesse de agentes governamentais em relação às presenças aéreas desconhecidas esteve ligado ao surgimento histórico do poder aéreo e ao contínuo avanço tecnológico da aeronáutica e de novos vetores secretos, este tópico geral se impõe como contexto chave para a compreensão de como que militares lidam com óvnis, ou seja, tais presenças estão relacionadas aos desafios de segurança do espaço aéreo.

## CAPÍTULO III

### O domínio do ar: surgimento, impacto e evolução do poder aéreo nas duas grandes guerras mundiais. <sup>147</sup>

#### 3.1 O emprego estratégico do poder aéreo

O objetivo desta sessão é analisar, historicamente, o emprego estratégico do poder aéreo e seus efeitos nas duas grandes guerras do século XX (1914-18; 1939-45). Para tanto, serão examinadas publicações de estrategistas e historiadores do poder aéreo, que, em suas especialidades, ressaltam as implicações do uso aeronaves de combate nos conflitos mundiais, ressaltando novas modalidades de guerra que o poder aéreo suscitou em decorrência. A Segunda Guerra Mundial inaugurou um contínuo processo de desenvolvimento tecnológico da Indústria Aeronáutica que culminou com a proeminência deste poder sobre as forças de superfície, tornando-se um elemento crucial para a dissuasão, resolução ou equilíbrio de forças dos novos conflitos mundiais, a contar com o poderio aeroespacial e termonuclear.

Logo, o intento deste subcapítulo não é fazer uma análise profunda e detalhada acerca das discussões presentes sobre o poder aéreo, tópico esse que de tão rico e controverso, não poderá ser exaurido numa única pesquisa, tampouco nesta sessão, podendo contar com um rol de autores bastante variado. Ao contrário, assumindo os riscos de uma abordagem generalista, este subcapítulo tem como propósito integrar a história da aviação de combate a própria história das forças aéreas, principal fonte de relatos sobre objetos voadores não identificados. Este estudo contextual preliminar é necessário para que possamos melhor compreender como que “a ameaça que veem do céu”, na forma de maciços bombardeios aéreos, incluindo mísseis nucleares e tecnologias espaciais, se associam à perspectiva militar sobre a presença de objetos voadores não identificados.

---

<sup>147</sup> Parte substancial deste subcapítulo foi publicado em artigo da *Revista da Unifa* (Universidade da Força Aérea Brasileira), em 2019:

- SCHRAMM, João Francisco. O domínio do ar: surgimento, impacto e evolução do poder aéreo nas duas grandes guerras mundiais. *Revista da Unifa*, 32 (2), 46, [2019](#).

Fator chave para o desfecho da Segunda Guerra Mundial e alavancado pelas inovações técnicas da Indústria da Aeronáutica, o emprego estratégico do poder aéreo foi capaz de transpor os tradicionais limites geoestratégicos, ao levar o conflito para o interior das nações, utilizado agora de forma ostensiva. Num contexto de guerra total, sua destruição fez-se sentir não somente em instalações militares, industriais ou logísticas, mas também em bairros densamente povoados.

O bombardeio de terror, prática que foi tornando cada vez mais frequente no desenrolar do conflito e que, no seu clímax, era ponto comum é caracterizado como crime de guerra pelas Convenções de Haia (1889-1907), assim como pelas Convenções de Genebra. Afirma Howard que já durante a Primeira Grande Guerra o bombardeio de terror era teorizado como forma de engajamento:

A possibilidade de fazê-lo fora, certamente, prenunciada por profetas da guerra aérea como H. G. Wells, antes mesmo que existissem os mecanismos para isso, e os alemães já tinham feito uma tentativa abortada de consegui-lo com seus ataques de Zeppelin à Inglaterra, em 1915.<sup>148</sup>

Logo, a invasão do espaço aéreo por aeronaves, mísseis ou quaisquer outros tipos de vetores tecnológicos são assuntos de suma importância aos desafios de segurança nacional de um país, que por meio de radares, aeronaves de interceptação e sistemas de defesa se esforçam em responder a qualquer tipo de violação do seu espaço aéreo correspondente. A disputa pelos céus durante a Primeira Guerra Mundial mostrou que tanto o emprego tático, em apoio às forças de superfície, como o estratégico, de profundidade no território inimigo, cumpriria um papel fundamental nas guerras vindouras, especialmente devido aos avanços da Indústria Aeronáutica, que possibilitou novos usos da aviação de combate, ao ampliar sua autonomia, alcance e poder destrutivo.

A criação da FAB e do Ministério da Aeronáutica, em 20 de janeiro de 1941, é exemplo do crescente papel que o poder aéreo teve na Segunda Grande Guerra, pois os primeiros comandos aéreos eram subordinados às tradicionais forças de superfície. Tendo antes seu pessoal, aeronaves e instalações incorporadas à Arma de Aeronáutica do Exército e ao Corpo de Aviação Naval, o Ministério da Aeronáutica destacou a Força Aérea Brasileira como força singular em relação ao Exército e à Marinha.<sup>149</sup>

---

**148** HOWARD Michael E. O Conceito de Poder Aéreo: Uma Avaliação Histórica. *Air Space Power Journal em Português*, 4º Trimestre [1996, p.3](#).

**149** LIMA, R. M. *Senta a pua!* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.



O crescente desenvolvimento tecnológico da aviação de combate propiciou vários novos usos e táticas durante a Primeira Guerra Mundial, especialmente quando a maior autonomia e alcance das aeronaves permitia a imersão em profundidade no território inimigo, elemento este que mais tarde viria a consolidar o ápice do uso de aeronaves numa guerra: o emprego estratégico do bombardeio aéreo. Se num primeiro momento aeronaves eram utilizadas apenas para fins de reconhecimento, logo passaram a ser usadas, mas de forma não muito eficaz, em apoio às forças de superfície, tanto em solo quanto no mar. Com o crescimento do alcance das aeronaves foram projetadas estratégias que visavam interditar as ferrovias usadas para o abastecimento de forças inimigas. Nos anos finais do conflito, com contínuo avanço técnico e maior alcance, um incipiente bombardeio estratégico foi planejado e posto em ação, ainda de que forma limitada, pouco contribuindo para o desfecho da guerra.

Entre todos estes usos do poder aéreo na Primeira Grande Guerra, na maior parte das vezes pouco efetivos,<sup>150</sup> foram testadas também estratégias que tinham objetivos mais abstratos, como enfraquecer o moral da população inimiga,<sup>151</sup> aniquilando-a ou mantendo-a em constante exaustão por meio de bombardeios, estratégias essas que pouco mais de vinte anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, demonstraram o real horror que o bombardeio a populações civis pode causar quando utilizado de forma maciça. Ainda assim, como demonstra o tenente-coronel (Usaf) Eric A. Ash,<sup>152</sup> tal emprego do bombardeio aéreo durante a Segunda Grande Guerra teve uma eficácia duvidosa, em que os esquemas teóricos sobre atingir a moral inimiga em bombardeio falharam quando postos em prática, motivados, muitas vezes pela “necessidade extrema de ganhar a guerra”.

A incipiência do poder aéreo na Primeira Guerra Mundial foi como um palco de testes para as múltiplas utilidades que as aeronaves de combate poderiam ser empregadas, mesmo sendo efetivo apenas seu uso como reconhecimento.<sup>153</sup> No entanto, qualquer aplicação de aeronaves na guerra estava sujeita ao fogo inimigo nos céus, havendo, logo no início, constantes batalhas pela supremacia do espaço aéreo. Foi na Primeira Grande Guerra que hábeis pilotos ganharam renome como os primeiros áses, sendo o alemão

---

<sup>150</sup> Howard (1996, p. 3).

<sup>151</sup> HIPPLER, T. **Bombing the People:** Giulio Douhet and the Foundations of Air Power Strategy, 1884-1939. Cambridge University Press, 2013, p.19.

<sup>152</sup> ASH, E. A. A seleção de alvos com o intuito de provocar terror: o moral da história. **Air Space Power Journal em Português**. 2. Trimestre, [2001, p. 4-5](#).

<sup>153</sup> Howard (1996, p.3).

Manfred von Richthofen (1892-1918), o Barão Vermelho, um dos maiores ícones do conflito.<sup>154</sup>

Assim como entre as forças de superfície já existiam profundos estudos e doutrinas que orientavam ações dos comandos militares, a nova força demandava um estudo próprio para seu uso. As nações beligerantes da frente ocidental, cada uma desenvolvendo suas aeronaves especialmente para finalidades de reconhecimento, logo perceberam que, antes de estas poderem ter alguma efetividade, elas teriam de sobressair-se às aeronaves inimigas.

Sobre esse tópico, Howard afirma que antes de se poder exercitar o poder aéreo é necessário dominar esse espaço, “destruindo a capacidade inimiga de interferir”, pois, como afirma o autor, tal constatação viera à luz de uma doutrina já existente entre os estrategistas navais, tendo em vista “como distribuir recursos entre obter e exercer o domínio e como exercer o domínio uma vez obtido - em poucas palavras, como usar o ar para o objetivo da guerra”.<sup>155</sup> Em outras palavras, antes de o poder aéreo ou naval efetivamente ser usado contra o inimigo ele terá de enfrentar o seu concorrente. Logo, a teoria do poder marítimo tornou-se o paradigma para os estrategistas do poder aéreo.

Essa necessidade de se obter o controle do espaço aéreo antes de poder exercê-lo mostrou-se crucial para os conflitos seguintes, especialmente durante a Segunda Grande Guerra, quando uma inicial incompreensão dos Aliados sobre esta necessidade imperiosa ocasionou uma quantidade insustentável de baixas, situação que somente foi corrigida a partir de maio de 1944, como veremos a seguir. Em síntese, a experiência da Primeira Grande Guerra trouxe aos estrategistas do poder aéreo três tópicos, que, se bem equalizados, alçariam o emprego de aeronaves ao patamar mais alto e eficiente:

O primeiro deles dirige-se à necessidade de um comando unificado centralizado em oficiais especialistas, na superação de uma inadequada subordinação das forças aéreas às tradicionais forças de superfície (Exército e Marinha). Tal comando unificado faz jus a uma aplicação estratégica ideal das aeronaves, em que estas não serviriam apenas como apoio às forças estacionárias, o que comprometeria seu potencial de mobilidade, isto é, seu uso e sua rápida mobilização em diferentes frentes.

---

**154** Para mais informações sobre a guerra aérea e os grandes áses do conflito mundial, ver:  
- CLARK, Alan. **Aces High: The War in the Air over the Western Front 1914-18**. London: Cassel & Co., 1999.

**155** Howard (1996, p.2).

O segundo tópico relaciona-se à necessidade de conquista do espaço aéreo, seja nativo, para uma defesa eficaz do território aliado ou nacional, seja do território inimigo, a fim de que operações de bombardeio estratégico ostensivo ocorram em qualquer ponto com o mínimo de baixas possível. O bombardeio das estruturas vitais de sustentação do inimigo é visto aqui como expressão máxima deste poder.

O terceiro tópico afirma a necessidade de que objetivos claros contra alvos vitais à manutenção do efetivo militar inimigo sejam elaborados e postos em ação, o que culminará, fatalmente, na obstrução de componentes imprescindíveis à indústria e manutenção de equipamentos militares, resultando uma derrocada em cascata do próprio potencial inimigo, o momento de maior sucesso do poder aéreo em todas suas dimensões.

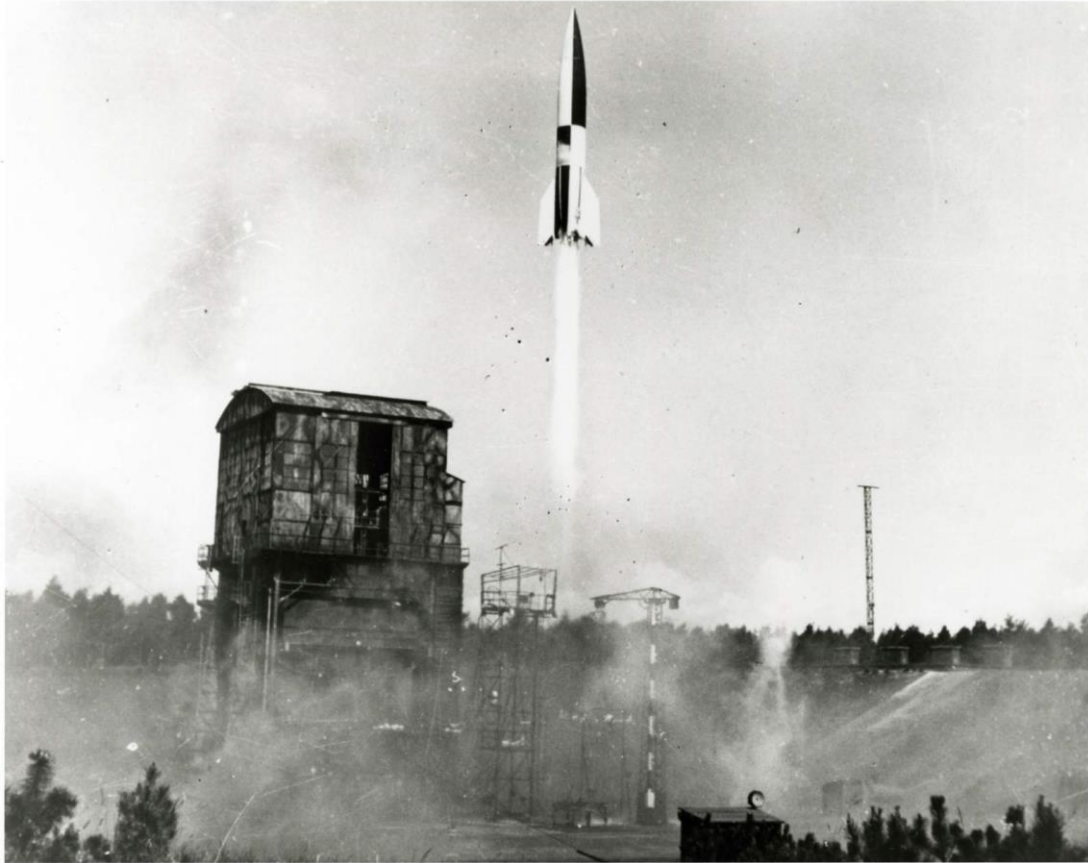
O coronel (Usaf) Phillip S. Meilinger, em artigo-manual, intitulado *Dez proposições referentes ao Poder Aéreo*, discorre, sobre a necessidade de que o poder aéreo tenha um controle centralizado em seus próprios oficiais, e não de outras forças, utilizando-se de conhecimentos e experiências históricas que melhor expressem esse sentido.<sup>156</sup> O artigo, é, sem dúvida, excelente referência sobre o estudo introdutório ao tema, em que o autor compila conhecimentos de defensores clássicos deste novo poder, como Giulio Douhet, Hugh Trenchard e Billy Mitchell, ao mesclar o que tais autores têm em comum acerca das aplicações favoráveis e desfavoráveis de aeronaves de combate, expondo também a relação de dependência que as forças aéreas têm com a tecnologia de ponta, situação essa muito mais evidente se comparada com as outras forças tradicionais.

Como corolário, a crescente aceleração técnica que propiciou maior versatilidade no uso de aeronaves, agora em conjunto com bombas termonucleares desencadeou uma escalada de destruição até então inimaginável, tendo como objetivo, inclusive, alvos civis. Emblemática é a aplicação dos dois artefatos atômicos no Japão, que obliterou cidades e aniquilou centenas de milhares de pessoas em poucos instantes. Esse tópico expressa a íntima ligação do domínio do ar com as inovações tecnológicas de ponta e disruptivas, na forma do poderio nuclear, o grande poder dissuasivo de nossa época.

---

**156** MEILINGER, P. Dez proposições referentes ao Poder Aéreo. *Air and Space Power Journal em Português*, 1. Trimestre, [1996](#), p.13-14

**Figura 3** – Foguete balístico V2 (*Vergeltungswaffe 2*) “arma de retaliação”, lançado em 03 de outubro 1942 na base de Peenemunde, Alemanha, ocupada pelos soviéticos em 1945.



**Fonte:** Smithsonian National Air and Space Museum. (Autoria desconhecida [1942](#)).

No conflito, após as forças do Eixo terem perdido o domínio de seu espaço aéreo correspondente, o uso ostensivo de bombardeiros foi posto em ação, utilizados para obliteração de dezenas de cidades nipônicas e alemãs, especialmente nos meses finais da guerra.<sup>157</sup> É importante ressaltar também o bombardeio da capital inglesa, dentre outras cidades, em que foram empregados não somente aeronaves, mas também sofisticados modelos de foguetes balísticos, lançados a partir do território do *Reich*. Mais tarde, tal tecnologia, incorporada ao complexo industrial militar dos EUA, da URSS e também, de forma reduzida, da Inglaterra, passou a ser veículo dos novos armamentos termonucleares, acoplados em mísseis balísticos de alcance crescente, assim como para o lançamento de satélites.

---

<sup>157</sup> Howard ([1996](#), p. 5).

O bombardeio a alvos civis foi defendido por vários estrategistas do poder aéreo, tendo como exemplo inicial os esquemas desenhados pelo general italiano Giulio Douhet, em sua obra pioneira, *Il dominio dell'aria* (O domínio do ar), de 1920, assim como pelo marechal do ar Arthur Harris, influente oficial britânico da Segunda Grande Guerra, defensor da tática de “bombardeio de área”, que utilizava um vasto número de bombardeiros orientados por sinalizadores que designavam uma área restrita a ser bombardeada livremente, seja em objetivos civis ou industriais. Esse emprego foi idealizado tendo em vista sanar a grande dificuldade de precisão no lançamento de bombas, que reduzia bastante sua eficácia, a depender de vários fatores, não apenas tecnológicos, como clima, horário (diurno ou noturno), localização precisa dos objetivos, camuflagem dos objetivos, altura de lançamento, fogo antiaéreo inimigo, presença de aeronaves inimigas etc.

Para o domínio do espaço aéreo no teatro europeu, as forças terrestres e navais dos Aliados cumpriram um grande papel em pressionar os alemães em várias frentes – mediterrâneo, mar do norte, norte da África, Grécia, Noruega, França, além do próprio território do *Reich* etc., o que resultou no espalhamento do esforço de guerra alemão num gigantesco território, dispersando a *Luftwaffe*, que, a partir de 1943, já se encontrava na defensiva.<sup>158</sup> Tal situação enfraqueceu enormemente a *blitzkrieg*, que necessitava, de forma vital, do uso ostensivo de aeronaves de combate em conjunto com as forças terrestres, sinergia essa chave do sucesso alemão nos anos iniciais da guerra. No entanto, mesmo com a dispersão da *Luftwaffe* em várias frentes, a conquista do espaço aéreo do *Reich* somente veio com o êxito Operação *Pointblank*.<sup>159</sup>

Howard utiliza suas próprias experiências durante a frente italiana em setembro de 1943 como exemplo sobre a dispersão das forças alemãs, ao afirmar que na época, para além de todas as expectativas que estiveram presentes nos treinamentos contra o fogo aéreo inimigo, presenciou apenas um ataque de bombardeio na Itália, em 18 meses de combates. Naquele momento, a *Luftwaffe* tinha a prioridade em defender o *Reich* da intensa e crescente campanha aérea aliada, tendo que se dividir também no teatro de operações do leste, o que impossibilitou o ritmo de aplicação da guerra relâmpago, tática

---

158 *Idem.*, p. 5.

159 *Idem.*, p. 5.

essencial para o sucesso da ofensiva terrestre do exército alemão, que em 1943 já se encontrava na defensiva em todas as frentes.

Mesmo a dispersão das forças alemãs terem enfraquecido consideravelmente o poderio e efetivo da *Luftwaffe*, não havia ainda uma estratégia clara entre os aliados que focalizasse os bombardeios primariamente em alvos ligados à sustentação da força aérea inimiga, como aponta o coronel-aviador (FAB) Carlos Eduardo Valle Rosa.<sup>160</sup> Não seriam estes os alvos cruciais para a conquista do espaço aéreo do *Reich*, segundo os estrategistas do poder aéreo? Certamente.

No entanto, como afirma Rosa,<sup>161</sup> os ingleses apostavam na estratégia de bombardeio noturno indiscriminado sobre aéreas densamente povoadas, ao passo que os estadunidenses focavam seus esforços em bombardeios diurnos e mais precisos contra objetivos industriais e militares, evitando, inclusive, a pressão interna de sua população que poderia não aceitar o ataque indiscriminado à população inimiga.<sup>162</sup> Há ainda outro fator, que se dirige à relação entre o poder aéreo e as forças tradicionais de superfície, que pode ter reduzido a efetividade desse novo poder durante a Segunda Grande Guerra. No conflito, as forças aéreas ainda eram muito dependentes de comandos centralizados nas marinhas e nos exércitos. Nesse caso, o uso de aeronaves era limitado e dividido ao apoio das forças de superfície, sendo a guerra relâmpago sua expressão máxima.

É justamente acerca dos prejuízos de tal limitação que o brigadeiro-do-ar (FAB) João Eduardo Magalhães Mota ressalta as etapas ideais do uso estratégico do poder aéreo, ao defender que os danos ao potencial do inimigo devam ocorrer apenas depois de se ter conquistado a superioridade aérea do território em disputa, com o intuito de incapacitar a força aérea inimiga, para que, enfim, o bombardeio estratégico ocorra de forma praticamente livre.<sup>163</sup>

Motta afirma que um dos maiores erros do Aliados se deveu ao fato de que as aeronaves de combate eram utilizadas apenas como apoio para “a estratégia de superfície

---

**160** ROSA, Carlos Eduardo Valle. **Estratégias Aéreas fundamentais na experiência histórica do emprego do Poder Aéreo:** A influência dos alvos, dos princípios de guerra e das funções do poder aéreo nas estratégias aéreas desenvolvidas nas operações *Pointblank*, *Strangle* e *Rolling Thunder*. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Aeroespaciais) – Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, [2016](#), p. 83.

**161** *Idem.*, ([2016](#), p. 84).

**162** *Ibid.*, ([2016](#), p. 84).

**163** MOTTA, João Eduardo Magalhães. **Emprego estratégico do poder aéreo.** Rio de Janeiro: Incaer, 2001.

(interesses do Exército e da Marinha)” em bombardeios indiscriminados a alvos civis e industriais, discrepância essa que somente foi resolvida com a entrada dos interesses próprios aos aviadores, no ataque sistemático às fábricas de aviões da Alemanha e às estruturas vitais ao seu funcionamento.

Ou seja, para os aviadores, a prioridade é o domínio do ar. O uso tático do poder aéreo, apesar de ter grande importância em apoio às forças de superfícies, é secundário, pois não explora suas melhores possibilidades, que se dirigem, primeiramente, à conquista da superioridade aérea sobre o inimigo, e, por conseguinte, à destruição do seu potencial industrial etc. Essa discussão, que se baseia em exemplos tirados da Segunda Grande Guerra, demonstra que durante o conflito foram testadas diversas possibilidades de uso de aeronaves, assentadas em doutrinas e aplicações teóricas incipientes, ainda que de grande valor efetivo.

Ainda como exemplo dos efeitos positivos desse uso, Motta faz referência a maio de 1944, quando, a menos de um mês da invasão da Normandia pelos Aliados, foi realizado o primeiro ataque às usinas de produção de óleo sintético, essenciais para a Força Aérea da Alemanha. Segundo o autor: “foi justamente a falta de combustível que, como fator isolado, mais concorreu para paralisar a Força Aérea Alemã, suas forças blindadas e seus meios de transportes.”<sup>164</sup> Esse é um exemplo de como o poder aéreo pode ser usado para paralisar o potencial do inimigo, causando danos em cadeia em toda uma estrutura dependente.<sup>165</sup>

Sobre essa questão em particular, ao fazer referência à estratégia que inviabilizou a Força Aérea alemã, Howard diz que a Operação *Pointblank* foi “uma estratégia de superioridade aérea”, que tinha como objetivo “a capacidade que tinha *Luftwaffe* para defender sua pátria” desses alvos vitais, a Força Aérea Alemã teve de utilizar seus últimos recursos “em uma batalha que ela não podia se dar ao luxo de recusar, embora estivesse destinada a perder” que teve como consequência o próprio domínio do ar sobre o território do *Reich*, tornando possível o desembarque das forças colossais do Dia D, sem a perturbação do fogo aéreo inimigo, assim como o livre bombardeio da Alemanha.<sup>166</sup>

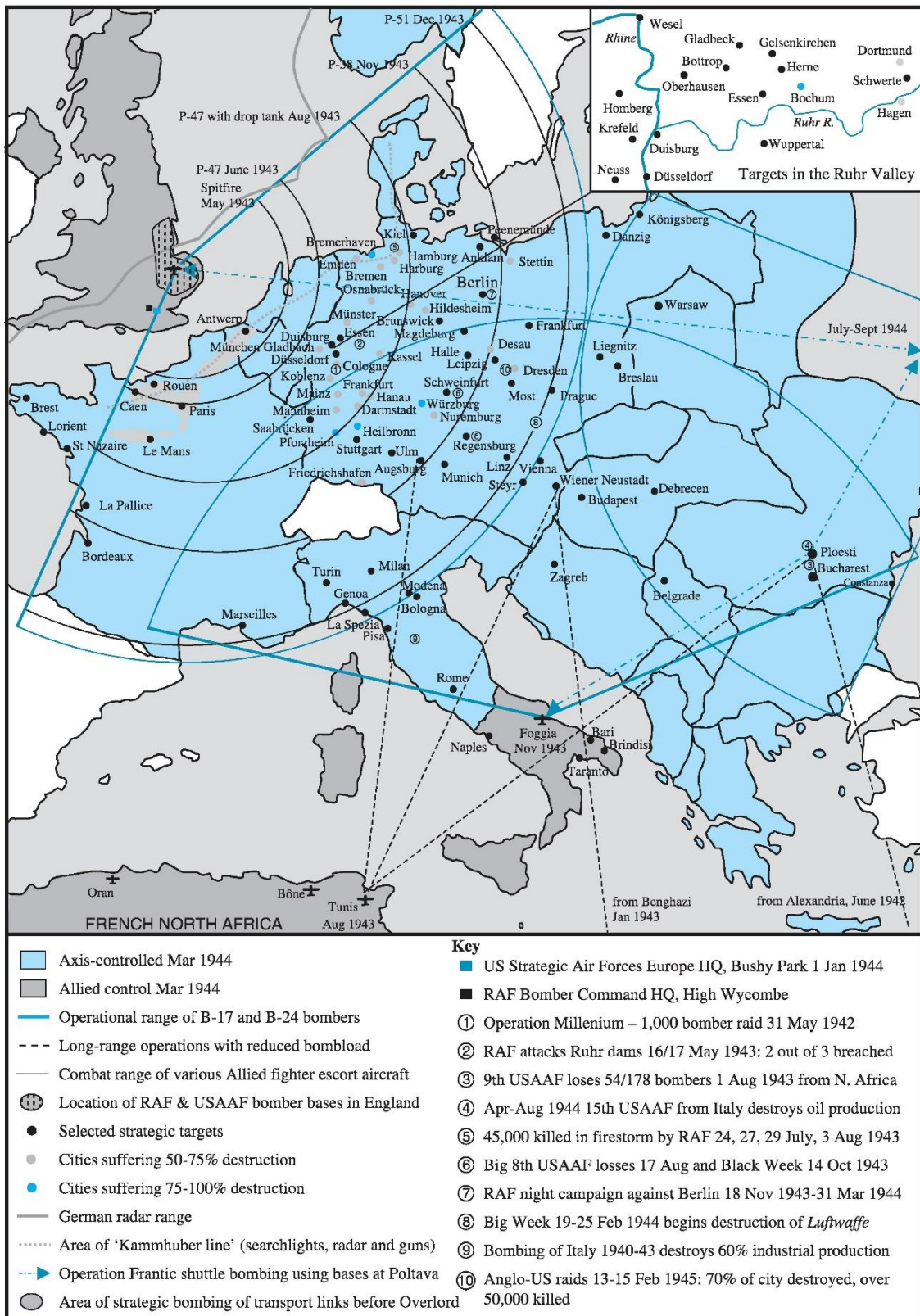
---

<sup>164</sup> *Idem.*, p. 137.

<sup>165</sup> (Howard (1996, p. 5).

<sup>166</sup> Motta (2001, p. 136-7).

**Figura 4** – Mapa sobre a campanha de bombardeio estratégico dos Aliados 1942-1944.



Fonte: Folly (2004) 167

167 FOLLY, Martin H. **The Palgrave Concise Historical Atlas of the Second World War**. New York: Palgrave Macmillan, 2004, p. 55.



Nesse mapa rico em informações sobre a campanha de bombardeio estratégico dos Aliados, Martin Folly compila e pontua, geograficamente, uma série de características e eventos históricos que julgou dignos de serem ressaltados, com o intuito de expor o potencial das forças Aliadas desde 1942 a 1945. Essas informações indicam o alcance dos bombardeiros e caças de escolta, assim como as bases aéreas e campos de aviação que serviam de apoio, além das principais cidades e centros industriais (como o vale de *Ruhr*) que foram alvo dos bombardeiros, entre outros dados. Nesse quadro geral, é interessante notar que nas legendas da coluna da direita do mapa há referências numéricas sobre eventos históricos relevantes da campanha de bombardeio estratégico dos Aliados, dados que apoiam, em justa medida, as informações disponibilizadas por Motta, Howard e Rosa.

Por exemplo, na nota nº 3 há referência de uma missão de bombardeio da Força Aérea do Exército dos EUA (Usaaf, *United States Army Air Force*), em 1 de agosto de 1943, em que quase 1/3 de todos os bombardeiros empregados foram abatidos; na nota nº 6 há referências sobre outras duas catástrofes ocorridas entre os esquadrões de bombardeio, que tinham como objetivo o centro industrial de Schweinfurt, que, na época, produzia componentes supostamente essenciais para diversas máquinas utilizadas na guerra, e que, portanto, passaram a ser um objetivo prioritário das forças aéreas Aliadas.

Nos dois ataques, os caças da *Luftwaffe* conseguiram transformar as missões em verdadeiro pesadelo para as equipes dos esquadrões aéreos dos Aliados, que sofreram altíssimas baixas. No entanto, após a ref. nº 8, que pontua o sucesso da campanha contra a *Luftwaffe*, empreendida de 19 a 25 de fevereiro de 1944, em que os Aliados passaram a ganhar de forma ininterrupta o controle do espaço aéreo do *Reich*, não há referências posteriores de maiores catástrofes sofridas pelas forças aéreas dos Aliados, ao contrário, há apenas referências de grandes destruições que estas impuseram às cidades e centros industriais alemães.

Essa clara relação entre domínio do espaço aéreo inimigo e liberdade quase absoluta de bombardear objetivos estratégicos, que somente foi conquistada pelos Aliados de forma crescente a partir março de 1944, mostrou ser um valioso, porém sofrido aprendizado para os teóricos da guerra aérea, em que a necessidade imperiosa de obtenção do domínio desse espaço afirmou-se como um dos axiomas essenciais para o emprego estratégico desse novo poder.<sup>168</sup>

---

168 Motta (2001, p.136-7).

Em suma, o bombardeio estratégico dos Aliados contra alvos relacionados à sustentação da *Luftwaffe* diminuiu drasticamente o poder de retaliação da Força Aérea Alemã, ao comprometer toda a infraestrutura que garantia a produção de aviões e a própria manutenção da *Luftwaffe*, na obliteração de refinarias de petróleo. O enfraquecimento da *Luftwaffe* e o constante enfrentamento nos ares em diferentes pontos acabou por sobrecarregá-la, situação essa que trouxe aos Aliados a conquista do espaço aéreo do *Reich*, que, após isso, passou a ser bombardeado ininterruptamente em suas cidades e centros vitais de produção. Nesse momento, a *Luftwaffe* não mais poderia apoiar as forças estacionadas nas linhas de contato, o que facilitou sobremaneira o desembarque das tropas Aliadas na Normandia na Operação Overlord, tampouco impedir o ininterrupto e crescente bombardeio estratégico dos Aliados às cidades, refinarias e indústrias do *Reich*.<sup>169</sup>

Esse ponto evidencia a complexidade da guerra moderna, que se expressa não somente no uso combinado do poder aéreo e dos poderes de superfície, mas também na interdependência dessas forças, pois, caso uma delas já não consiga mais apoiar a outra, o sucesso de toda a campanha é comprometido, como afirma Siqueira (2008, p. 8). O autor destaca a derrocada da *blitzkrieg*, a ocorrer sem o devido apoio aéreo da *Luftwaffe* na campanha contra a URSS. É o que determina a primeira proposição do manual de Meilinger, intitulada “Quem controla o ar geralmente controla a superfície”, que tem como epígrafe as palavras do Marechal de Campo Bernard Montgomery: “Se perdermos a guerra aérea, perderemos a guerra, e a perderemos rapidamente.” Reafirmando esse tópico, Meilinger afirma que:

(...) a primeira missão de uma força aérea é derrotar ou neutralizar a força aérea do inimigo de modo que as operações amigas de terra, mar e ar possam prosseguir sem resistência ao mesmo tempo em que os centros vitais e as próprias forças militares permaneçam a salvo do ataque aéreo. (...) Douhet, por exemplo, afirmou simplesmente que “contar com o domínio do ar é contar com a vitória”. (...) É discutível se tal afirmação se aplica, ou não, à guerra não-convencional, mas os exércitos da Alemanha, Japão, Egito e Iraque certamente concordariam em que operações terrestres convencionais são difíceis, senão impossíveis, quando o inimigo controla o ar.<sup>170</sup>

---

**169** Sobre a saturação da *Luftwaffe* como ponto crucial para a Operação Overlord, ver o artigo do Ten. Cel. (Usaf) Maris McCrabb, de 1995, intitulado *A Campanha Aérea que Precedeu a Normandia*, em que são expostos os pontos centrais da campanha aérea Aliada que assegurou o êxito da invasão da Normandia.

- MCCRABB, M. Drohende Gefahrwest, *A Campanha Aérea que precedeu a Normandia*. *Air Space Journal* em Português, 4. Trimestre, 1995.

**170** Meilinger (1996, p.2-3).

Esses exemplos históricos, teóricos e estratégicos reforçam a ideia de que o poder aéreo, para que possa ser efetivo, primeiramente tem de conquistar o domínio do ar. Após isso, ele encontra sua melhor expressão: diferentemente de seu uso tático de apoio a operações em superfície, como força secundária, é somente em seu emprego estratégico que uma força aérea pode explorar suas melhores possibilidades, ao infligir danos ao potencial do inimigo, ou seja, em suas fontes de produção, meios de transporte e sistemas de energia, em ações independentes às outras forças.

É justamente por essa possibilidade de se paralisar as fontes de produção, transporte, energia, além dos alvos militares, ou mesmo o potencial humano do inimigo, que ela passa a ser a “suprema expressão do poder militar”, como assinalara Winston Churchill.<sup>171</sup> Em síntese, o poder aéreo, desde seu uso incipiente e progressivo na Primeira Grande Guerra, até em sua aplicação ostensiva na Segunda Grande Guerra, foi essencial tanto para a vitória dos Aliados, especialmente nos últimos meses do conflito, com a superação da *Luftwaffe* e o sucessivo bombardeio estratégico sobre o *Reich*, assim como para a ofensiva alemã, já nos princípios da guerra, em sinergia às forças de superfície, nesse caso, na tática operacional da guerra-relâmpago.

Nesse momento, a real eficácia desse novo poder ainda não era ponto comum entre estrategistas que testavam empregos de eficácia duvidosa em um aprendizado, muitas vezes, desastroso para os esquadrões aéreos. Tal aprendizado, para os Aliados, redundou em vitória e, para as forças do Eixo, no aniquilamento radical de uma ordem política com pretensões hegemônicas mundiais. Nesse contexto de guerra total, o uso indiscriminado de bombardeiros não encontrava limites, ao objetivar alvos civis abertamente, em uma modalidade de destruição até então inimaginável.

Se as várias aplicações do poder aéreo durante a Primeira Grande Guerra, para além de fins de reconhecimento, pouco contribuíram para o desfecho do conflito (i.e., apoio às forças de superfície, interdição de ferrovias, bombardeios à fábricas, bombardeio à população civil etc.), como afirma Howard,<sup>172</sup> trinta anos mais tarde, já na Segunda Guerra Mundial, devido ao grande desenvolvimento da Indústria Aeronáutica e o constante lançamento de novos vetores de combate de crescente autonomia, velocidade,

---

**171** Motta cita um discurso de Winston Churchill que, em 1949, na Universidade de Boston, disse “O poder aéreo é, hoje, a suprema expressão do poder militar e esquadras e exércitos, embora necessários, devem aceitar uma situação subordinada”. Motta (2001, p. 121).

**172** Howard (1996, p.3).

poder de fogo, manobra e carga, todas essas aplicações foram empregadas de forma maciça e ostensiva.

Exemplo notório do uso do poder aéreo em apoio às forças de superfície foi a guerra relâmpago, fator determinante para o sucesso da ofensiva alemã nos anos iniciais do conflito. Do mesmo modo, a perda do domínio do espaço aéreo do *Reich* e do Japão imperial desencadeou o colapso em cascata das estruturas vitais de manutenção da guerra, sujeitas agora ao ininterrupto bombardeio estratégico de parques industriais, pontos nodais de transporte, portos, usinas de refinamento de combustíveis, incluindo aí também o bombardeio de terror, contra bairros civis densamente povoados. Por conseguinte, as estratégias mais eficazes que orientavam esse novo poder consolidaram-se, na preeminência da luta pelo domínio do espaço aéreo inimigo como pré-requisito para o consecutivo bombardeio estratégico de suas estruturas vitais de sustentação, inacessíveis às forças de superfície, visto aqui como ponto máximo do uso desse novo poder.

Os fatores aqui discutidos não são suficientes para uma compreensão total dos motivos que levaram à vitória dos Aliados em 1945, mas, sob a ótica da guerra aérea, evidenciam uma visão abrangente do papel que a aviação de combate teve na Segunda Guerra Mundial. Ao contrário, o propósito deste artigo é conduzir o leitor a um conhecimento histórico acerca do surgimento do poder aéreo, a contar com a experiência das duas grandes guerras do século XX, tendo em vista a íntima relação desse novo poder com as inovações de ponta, sendo ele mesmo fruto dessas inovações, momento em que o fator tecnológico passou a impactar decisivamente nas novas guerras que se seguiram.

Tal estudo nos remete à própria maneira como que os militares lidam com presenças desconhecidas nos céus, já que os primeiros relatos sobre estas presenças por parte dos combatentes Aliados na frente ocidental ocorreram justamente nos meses finais do conflito, subsequente ao domínio do espaço aéreo do Reich, como veremos na próxima sessão. Os relatos descrevem estranhos objetos luminosos de brilho intenso e de cor variada que muitas vezes acompanhavam as aeronaves, sendo um fator de stress psicológico para várias equipes, que as viam ao sobrevoar o território inimigo.

Devido a reincidência e constância dos relatos, oriundos de diferentes esquadrões aéreos, tal fenômeno demandou investigações com a guerra ainda em curso, ainda que os maiores esforços para a compreensão tenha ocorrido logo nos pós-guerra, no gigantesco esforço de desmonte da indústria alemã, já que tais objetos eram referendados, dentre

outras hipóteses, ou como enganos de armamentos sofisticados, mas convencionais (como mísseis antiaéreos ou aeronaves a jato), ou como um tipo de arma secreta em fase de testes, ainda não decifrada. E justamente a este estudo que a próxima sessão lidará.

### **3.2 O caso dos *foo fighters*: as primeiras referências militares sobre óvnis**

Já durante a Segunda Grande Guerra há controversas referências sobre projetos de pesquisa estatais que visavam investigar relatos sobre óvnis nos céus da Europa e do Pacífico, referências essas que foram tomadas e repassadas por oficiais superiores brasileiros, como podemos observar numa nota confidencial emitida ao Estado Maior da Aeronáutica em 1978.<sup>173</sup>

Assinada pelo então ministro da Aeronáutica brigadeiro-do-ar (FAB) Joelmir Campos de Araripe Macedo, a nota expõe recomendações sobre a criação de medidas gerais a serem adotadas para a coleta e catalogação de ocorrências de objetos voadores não identificados no Brasil. No documento, são indicadas informações básicas que deveriam compor os relatórios de ocorrências, como grau de confiabilidade, datas, locais e aspectos particulares do registro.

Datado em 13 de abril de 1978, as recomendações foram remetidas ao então chefe do Estado Maior da Aeronáutica, tenente brigadeiro-do-ar (FAB) Mário Paglioli de Lucena. A proposta de criação de um registro sobre óvnis ocorreu justamente nos meses seguintes à Operação Prato de 1977, como vimos no capítulo anterior, em que agentes do I Comar, sediado em Belém, estiveram em campo investigando estranhas ocorrências que ocorriam no litoral norte do Brasil, acompanhadas por diferentes comunidades de uma região vasta. Macedo provavelmente teve acesso ao relatório completo da operação, que continha fotografias, filmagens, desenhos e croquis, elaborado pelo então capitão (FAB) Uyrangê Hollanda, chefe em campo. A operação foi um dos incidentes mais controversos e comprometedores acerca do envolvimento oficiais da FAB com óvnis.

No documento, o ministro Macedo afirma que os alemães em 1944 haviam criado projetos e comissões que tinham como objetivo investigar óvnis relatados como estranhas

---

<sup>173</sup> BRASIL. Ministério da Aeronáutica. **Nota C-002/Min/Adm/130478**. 13 abr. [1978](#).

esferas luminosas. Macedo dispunha de informações secundárias sobre uma obscura comissão alcunhada de *Sonder Buro 13*, conhecida pelo código *Operação Uranus*, informações essas também exposta pelo historiador Cláudio Suenaga, em sua dissertação.<sup>174</sup>

Não há referências sobre tais afirmações em Suenaga e Macedo, portanto, não há como sabermos de onde eles obtiveram estes dados. Ainda assim, sobre tais aludidos projetos de pesquisa encapados pelos alemães durante o conflito mundial, Andy Roberts, proeminente pesquisador do tema, autor e coautor de publicações que investigam desde ações governamentais a folclores modernos, afirma que tais dados podem ser rastreados ao trabalho de Henry Durrant, autor de *O Livro Negro dos Discos Voadores* que teve uma primeira edição em francês publicada em 1970.<sup>175</sup>

Roberts admite que tais informações foram incluídas por Durrant com intuito de desinformação, afim de testar a credulidade de seus leitores, situação essa que Roberts descreve em artigo, quando afirma: “When I checked this out with Durrant he informed me that the whole “Project Uranus” affair was a hoax which he had inserted in his book precisely to see who would copy it without checking.”<sup>176</sup>

Tal situação destaca uma dificuldade presente em qualquer trabalho histórico, já que é comum pesquisadores se apoiarem em literatura secundária sem checar todas informações oferecidas, especialmente em autores consagrados. No caso de Suenaga e Macedo, essas prováveis imprecisões históricas muitas vezes são mobilizadas por céticos para desqualificar a pesquisa do próprio tema em si, ignorando todo o restante das informações contidas no texto analisado.<sup>177</sup>

No entanto, a imbricação entre fontes primárias e literatura secundária permeia as pesquisas acadêmicas, pois, como dito, nem sempre é possível checar as fontes que poderiam servir como suporte às afirmações oferecidas e isso ocorre especialmente

---

**174** Suenaga ([1999](#), p.10).

**175** A editora Difel publicou uma edição traduzida em português em 1977:

- DURRANT, Henry. **O Livro Negro dos Discos Voadores**. Difel: 1977.

**176** “Quando eu verifiquei isso com Durrant, ele me informou que todo o caso “Projeto Uranus” era uma farsa que ele havia inserido em seu livro precisamente para ver quem o copiaria sem verificar” (Tradução livre).

- ROBERTS, Andy. Foo Fighters: the story so far. **Project 1947**. 10 nov. [2011](#), p.3.

**177** O sítio Portal Vigília republicou um texto deste teor, retirado do sítio já fechado Ceticismo Aberto, da autoria de Kentaro Mori:

- Portal Vigília. **OVNIs e a Aeronáutica: o que não querem que você saiba**. 15 ago. [2010](#).

quando são mobilizados autores consagrados assim como em temas amplamente debatidos.

Devido ao grande número de documentos da Força Aérea estadunidense (*Usaf*) sobre a ocorrência de fenômenos luminosos durante a Segunda Grande Guerra, podemos considerar que muito da dificuldade de se rastrear relatos provenientes da Força Aérea alemã (*Luftwaffe*) sobre tais ocorrências se relaciona a barreiras linguísticas e legislação de acesso a documentos confidenciais.

Os EUA, pelo usufruto da Foia (*Freedom of Information Act*), já liberaram uma quantidade considerável de documentos governamentais sobre óvnis, no entanto, seu acesso carece de uma organização maior, à exemplo do caso brasileiro, em que a maior parte do material se encontra organizado e digitalizado pelo Arquivo Nacional pelo seu sistema de pesquisa [Sian](#).

Datados especialmente a partir da Segunda Grande Guerra, um gigantesco acervo de documentos oficiais estadunidenses encontra-se disponível para consulta pela internet, assim como fisicamente, no *National Archives* em Washington, capital, além de outras instituições. Apesar da CIA (*Central Intelligence Agency*), do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) e da NSA (*National Security Agency*) disponibilizarem em seus sítios uma pequena quantidade de documentos relativos a este tópico,<sup>178</sup> a maior parte dos arquivos governamentais dos EUA existente na internet é fruto do trabalho de pesquisadores que digitalizaram fontes de diversas instituições deste país.<sup>179</sup>

Nestes sítios encontramos referências não só a documentos diversos coletados em instituições e arquivos governamentais, mas também a uma vasta quantidade de artigos, livros e referências sobre o tema. Tal variedade demonstra que este tópico já é discutido em profundidade nos EUA, e, como consequência, o maior número de publicações científicas e de literatura secundária sobre o tema encontram-se em língua inglesa. Devemos notar também que contribui para este rol de publicações a experiência do Reino

---

**178** Disponibilizados pelo FBI:

- FBI Records: The Vault. **UFO** ([2022](#)).

**179** Um trabalho notável foi organizado pelas seguintes organizações:

- The Computer UFO Network - Cufon, ([2022](#)).

- National Investigation Committee On Aerial Phenomena – Nicap ([2022](#)).

- Project 1947 ([2022](#)).

- The Black Vault ([2022](#)).

Unido, em que seus arquivos oficiais também são alvo de investigações e muito dos autores consagrados da área são de origem britânica.

Portanto, por mais que as referências sobre a existência de programas alemães de investigação sobre óvnis durante o conflito mundial seja alvo de atos de desinformação, pelos documentos estadunidenses podemos balizar que, de fato, há relatórios de estranhos fenômenos aéreos que acompanhavam esquadrões em missões de bombardeio nos céus da Europa e do Pacífico, havendo uma farta literatura secundária sobre tais incidências.<sup>180</sup>

Na época, tais objetos luminosos foram alcunhados de *foo fighters*, expressão tirada do cartoon *Smokey Stover*, de Bill Holman. Enquanto o termo *fighter* correlaciona-se com aeronave de tipo caça, caçador (piloto) ou lutador, o termo *foo* abriga uma variedade de interpretações. Jung afirma ser a tradução errônea do termo *feu* (fogo em francês) adotada pelos membros de esquadrões aéreos estadunidenses – logo, seriam “caças de fogo”.<sup>181</sup>

No entanto, existem outras referências, como as que afirmam ser o termo utilizado inicialmente por um operador de radar do 415.º Esquadrão de Caça Noturno da Força Aérea dos EUA que tomou a expressão do cartoon *Smokey Stover*.<sup>182</sup> Popular entre os militares à época, temas deste cartoon assim como de outros eram pintados nos bicos das aeronaves (*nose art*), que também eram batizadas com apelidos semelhantes. As edições do cartoon *Smokey Stover* utilizavam largamente a expressão *The Foo Fighter*, *The Foolish Foo Fighter*, já que protagonizava um bombeiro atrapalhado, em que a palavra *foo* significava algo sem sentido, “*non sense*”.<sup>183</sup> Neste caso, o termo *foo fighter* faria agora uma referência a uma aeronave caça não identificada, de origem e propósito desconhecido, portanto, inexplicável, sem sentido etc.

---

**180** Podemos citar os exemplos de:

- CLARKE David; ROBERTS Andy. **Out of The Shadows: UFOs, the Establishment and the Official Cover Up**. Piatkus, 2002.

- HERNÁNDEZ Jesús. **Enigmas e Mistérios da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Madras, 2005.

- CHESTER Keith. **Strange Company: Military Encounters with UFOs in World War II**. San Antonio, Texas: Anomalist Books, 2007.

**181** Jung (1961, p.36.)

**182** Já em 1947, em artigo para a revista *The American Legion Magazine*, Jo Chamberlin afirmava ser a expressão *foo-fighter* originária do cartoon *Smokey Stover*, de Bill Holman (1903 – 1987).

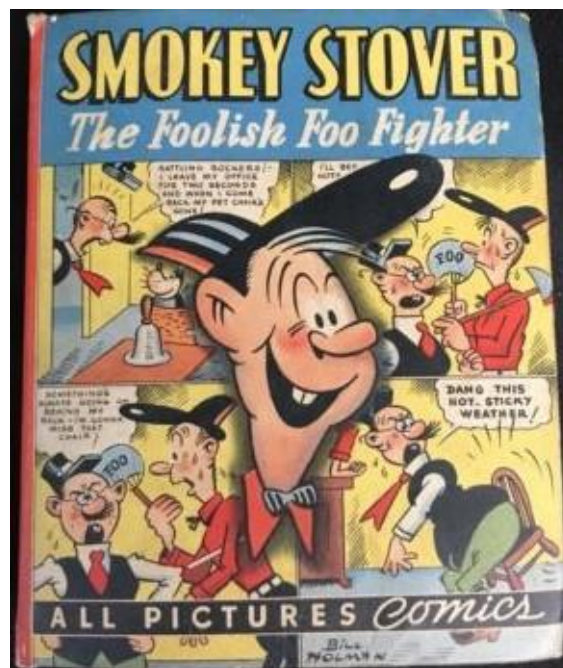
- CHAMBERLIN, Jo. The Foo Fighter Mystery. **The American Legion Magazine**. December, [1945](#).

**183** Em artigo livre publicado na internet por Raymond (1995) uma etimologia da palavra *foo* é apresentada tendo em vista não somente sua aceção histórica, mas também seu uso ostensivo em linguagem computacional:

- RAIMOND, E. **Etymology of “Foo”**. Open Source Initiative. 1 abri. [2001](#).



**Figura 5** – Capa do livro *Smokey Stover: the foolish foo fighter*.



**Fonte:** Bill Holman (1945).<sup>184</sup>

**Figura 6** – Membros do 337.º Esquadrão do 96.º Grupo de Bombardeio ao lado do Smokey Stover Jr. (bombardeiro B-17 da Usaf).



**Fonte:** Ward (2012).<sup>185</sup>

<sup>184</sup> Imagens disponíveis em: [www.smokey-stover.com/biglittle.html](http://www.smokey-stover.com/biglittle.html). Acesso em 22/04/2018.

<sup>185</sup> WARD, Rufus. *Columbus Chronicles: Tales from East Mississippi*. Charleston: The History Press, 2012.

Tendo em vista tais informações contextuais, podemos afirmar com segurança que a primeira grande onda de observação de pessoal militar sobre óvnis ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente durante os meses finais da guerra (final de 1944 e início de 1945), como apontam parte dos documentos disponibilizados por pesquisadores estadunidenses.<sup>186</sup> Por exemplo, num documento datado de 02 de janeiro de 1945, emitido por Clayton Lawrence Bissell, oficial de inteligência da força aérea dos EUA no teatro europeu, há um pedido de explicações acerca dos *foo fighters*, referidos como “bolas vermelhas de fogo”, emitido à inteligência do Estado-Maior do Departamento de Guerra (WGDBI – *War Department General Staff Intelligence*). O curto texto do documento diz: *Press reports red balls of fire accompanying planes in flight termed “Foo Fighters” by air personnel. Desire explanation if available.*<sup>187</sup>

Se houve ou não resposta ao pedido de Bissel, não tenho acesso a documentos que possam indicar isto. No entanto, o requerimento ao comando de inteligência sobre informações acerca do fenômeno aéreo demonstra a reincidência de algo que até o final da guerra permaneceu sem explicação, como veremos. No entanto, antes disso foram testadas várias hipóteses que tentavam explicar a incidência das estranhas luzes que muitas vezes perseguiram as aeronaves, ou apenas eram vistas à distância. Naquele contexto de combate aéreo e guerra total, havia constante pressão psicológica entre os esquadrões aéreos, especialmente sobre os noturnos. Logo, para equipes que viviam em constante atrito com fogo inimigo, provenientes tanto da superfície como dos ares, tais luzes conformavam mais um fator de preocupação e stress, ainda mais porque quando vistos, recaía a suspeita de fazerem parte do arsenal secreto do inimigo, na expectativa de a qualquer momento tomarem ação hostil.

---

**186** Segundo Swords e Powell, estes documentos foram primeiramente disponibilizados por Barry Greenwood e Lary Fawcett, servindo para a elaboração de artigo publicado na revista *Just Cause*, intitulado *First Official Foo-Fighter Records Discovered*, de 1992. Swords e Powell afirmam ainda que estes documentos estão arquivados em microfilme da História e Diário de Guerra do 415.º Esquadrão de Caça Noturno do Teatro Europeu, sob a custódia do Centro de Pesquisa Histórica da Base Aérea da Usaf em Maxwell, Alabama. Swords e Powell (2012, p.10).

- FAWCETT, Lawrence. GREENWOOD, Barry. *First Official Foo-Fighter Records Discovered*. **Just Cause**. No. 32, jun. [1992](#).

**187** “A imprensa relata bolas vermelhas de fogo que acompanham os aviões em voo denominados “Foo Fighters” pelo pessoal do ar. Desejo explicação se disponível”. (Tradução livre). O sítio *Project [1947](#)* mantém uma excelente coleção de documentos relativos aos *foo Fighters*:

- UNITED STATES. Shaef. Main Echelon. War 68184. **Foo Fighters**. Versailles, France. 2 jan. [1945](#).

Estávamos numa época dos áses, dos pilotos que criaram fama em abater aeronaves em combates de proximidade, com metralhadoras e manobras táticas que acabaram sendo abandonadas com o posterior avanço técnico da aeronáutica. Certamente o pior pesadelo de um bombardeiro, aeronave pesada e de menor velocidade, era encontrar um esquadrão caça inimigo sem a devida escolta de aeronaves de apoio. O 415.º Esquadrão de Caça Noturno, tinha como uma de suas missões avançar no território inimigo durante a noite a fim de abater qualquer alvo que se movesse, em superfície ou no ar, emprego este que passou a ser ostensivo durante a invasão do sul da França e posteriormente do território alemão. Durante a ofensiva Aliada na frente ocidental o recuo ou abastecimento das tropas alemãs ocorria muitas vezes sob o manto da noite, evitando o reconhecimento aéreo assim como os maciços bombardeios diurnos e assédios de aeronaves caça. O esquadrão, lotado na França em setembro 1944,<sup>188</sup> utilizava aeronaves inglesas Bristol Beaufighter, criada em 1940, caça pesado de dois motores e com radar de bordo, com espaço para piloto e operador de radar. Tais aeronaves representavam o estado da arte da tecnologia aeronáutica dos Aliados.

**Figura 7** – Aeronave *Bristol Beaufighter*. Projetados para combates noturnos e escolta de bombardeiros em voos de longa distância.



Fonte: Museu Nacional da [Usaf](#).

---

**188** BRESLIN, Vincent C. **History and Lineage of the F-117 Stealth Fighter**: Office of History, Headquarters, 37<sup>TH</sup> Fighter Wing, Twelfth Air Force, Tactical Air Command. December, [1991](#), p.13.

Como veremos a seguir, existe uma intensa troca de informações acerca tais objetos luminosos de natureza desconhecida. Os documentos, que contém uma síntese dos relatos do 415.º Esquadrão de Caça Noturno, nos oferecem uma amostra do que poderia estar a ocorrer em relação a este fenômeno nos meses finais da Segunda Guerra Mundial, no teatro de operações europeu, momento de intensos combates, além de nos indicar como que como os militares estadunidenses lidaram com este mistério. Devido às suas características visuais e comportamentais (bolas de luzes de diferentes cores que muitas vezes voavam em formação com as aeronaves), tal fenômeno punha nos limites as equipes de combate aéreo noturno, pois estas não sabiam com o que estavam a lidar.

Tal inquietação não passou despercebida pelos oficiais de inteligência do Estado-Maior, que requisitaram maiores detalhes sobre os informes para poderem encaminhar uma investigação, como veremos no próximo documento, emitido ao general comandante da Primeira Força Tática Aérea (FTAF – *First Tactical Air Force*),<sup>189</sup> em 16 de janeiro de 1945. O documento contém um enxerto dos relatos do 415.º Esquadrão de Caça Noturno:

We have encountered a phenomenon which we cannot explain; crews have been followed by lights that blink on of changing colors etc. The lights come very close and fly formation with our planes. They are agitating and keep the crews on edge when they encounter them, mainly because they cannot explain them. It is requested further information be furnished on this subject, such as similar experiences of other night units. Further information is requested.<sup>190</sup>

O pedido de informações, assinado pelo ten. cel. Leavitt Corning Jr., assistente chefe do gabinete da inteligência da FTAF, foi respondido quatro dias depois pelo maj. S. V. Boykin, diretor executivo do Quartel General da FTAF, em 20 de janeiro de 1945. Boykin afirma que não havia informação de outras unidades e que para uma investigação ser feita era necessário que fossem enviados mais dados, como as cores das luzes, suas intensidades, tamanho, duração e altitude estimada, além das horas específicas. Havia o pedido também de saber se tais luzes cruzavam as linhas dos Aliados e em qual direção

---

**189** FTAF, *Fisrt Tactical Air Force*, é uma antiga denominação de formação aérea que emprega aeronaves caça (diferente dos destacamentos que empregam bombardeiros), que tinha como intento buscar a supremacia aérea, assim como ataque em superfície. Até se constituir como força separada das Forças Armadas, a Força Aérea dos EUA foi organizada em diferentes subdivisões que hoje já foram substituídas, adaptando-se ao emprego estratégico do poder aéreo.

**190.** “Encontramos um fenômeno que não podemos explicar; tripulações foram seguidas por luzes que piscam “ligando e desligando” e mudando de cores, etc. As luzes chegam muito perto e voam em formação com nossos aviões. Elas se movimentam, mantendo as tripulações no limite quando as encontram, principalmente porque não conseguimos explicá-las. É solicitado mais informações sobre este assunto, tais como experiências semelhantes de outras unidades noturnas. Mais informações são solicitadas.” (Tradução livre):

- UNITED STATES. Headquarters XII Tactical Air Comand. **Night Phenomenon**. 16 jan. [1945](#).

elas viajavam, em quais parte das aeronaves elas se aproximavam (cauda; asa; propulsor; etc.) e quão perto elas se aproximam da aeronave.

Seguindo este pedido, informações contendo maiores detalhes foram repassadas ao Primeiro Comando Tático Aéreo, como podemos observar em documento datado em 23 de janeiro de 1945, numa troca de informes entre o 415.º Esquadrão de Bombardeio Noturno e o XII Quartel General de Comando Tático Aéreo.<sup>191</sup> A compilação dos relatos afirma uma série de treze observações distintas ocorreram entre os dias de 14 de dezembro de 1944 até o dia 30 de janeiro de 1945 (num intervalo de aproximadamente quarenta e cinco dias), nas cercanias das cidades de Weinssembourg, Landan, Ingweiler, Stransbourg, Saverne, Luneville, Worns, Sarrebourg, Magenu, Breisach e Erstein.

Em um dos relatos, na noite do dia 14 e 15 de dezembro nas proximidades da cidade de Ernstein, às 18h40 foi observada uma grande bola vermelha a 1000 pés (300m) de altura, dirigindo-se para leste numa velocidade aproximada de 200 mph (320km/h). Em outro, na noite do dia 16 e 17 de dezembro, a vinte milhas da cidade de Breisach (32km) e a 800 pés de altura (243m), foram observadas 5 a 6 luzes brilhantes de cor verde e vermelha em forma de “T”. Os membros do esquadrão acreditaram estar sob fogo antiaéreo inimigo. Após cerca de dez minutos, as luzes reapareceram bastante próximas e atrás da aeronave. Os pilotos reagiram guinando para a esquerda e as luzes acompanharam o movimento, mantendo-se na posição de 8 horas (à esquerda e na traseira) e 1000 pés de altitude (304m). As luzes se mantiveram nesta posição por vários minutos até desaparecerem.

Em outro relato, agora na noite de 22 e 23 de dezembro num voo de patrulha entre Sarrebourg e Strasbourg foram observadas às 6h00 duas bolas brilhantes de luz laranja que manobraram até atingirem a cauda do avião permanecendo nesta posição por aproximadamente dois minutos. Após isto, eles se descolam da cauda, porém permanecendo na mesma altura da aeronave por um tempo e vão embora. O relatório diz ainda que as luzes estavam aparentemente em perfeito controle por todo o tempo. O último informe é datado da noite do dia 29 e 30 de janeiro de 1945, às 00h10.

Afirma que foram observadas luzes de cor âmbar, a meio caminho de Weissembourg e Landau. Essa é a única observação que descreve o diâmetro aproximado

---

<sup>191</sup> UNITED STATES. Headquarters XII Tactical Air Comand. **Night Phenomenon**. 23 jan. [1945](#).

dos objetos, 1 pé (30 cm), observado a uma distância aproximada de 1000 pés (300) metros. Todos os casos em que as equipes em bordo fizeram contato com as estações de radar perguntado se haviam alvos nas localizações em que o fenômeno era observado a resposta era negativa (nos documentos algumas vezes são referidos como *bogeys* – alvos não identificados que podem ser tanto amigos quanto inimigos). Na época, as estações de radar eram coordenadas pela tática conhecida como GCI (*Ground-Controlled Interception*), em que uma ou mais estações forneciam dados às aeronaves interceptadoras acerca dos alvos aéreos inimigos a serem combatidos.

Tendo em vista esta sucinta coleção de relatos podemos prosseguir com a análise de outros documentos de diferentes instituições, em que estes incidentes passam a ser a averiguados em busca de resposta que tentem explicar sua natureza. Em outra troca de informes, podemos notar que a preocupação em se investigar o fenômeno passou entre diferentes autoridades superiores, que neste caso, negaram haver respostas aos pedidos de explicações.<sup>192</sup>Tendo o mistério ainda sem solução e também face a numerosa quantidade de relatos, os oficiais de inteligência da FTAF e do Shaef (*Supreme Headquarters Allied Expeditionary Force*) optaram por levar o problema adiante, ao sugerir, neste meio tempo, que oficiais da inteligência visitem as equipes em suas instalações para a obtenção de informações em primeira mão. Em documento de 11 de fevereiro de 1945, enviado ao Quartel General da USSTAF (*United States Strategic Air Force*)<sup>193</sup>, o brig. do ar C. M. Grierson afirma:

it would seem that there must be something more than mere imagination behind the matter, and in view of the fact that pilots and crews are becoming alightly worried by them, it is considered that everything possible should be done to get to the root of the matter. Copies of the reports have been sent to the Air Ministry for their consideration, and the Scientific Investigation Division of this Headquarters (Mr. Robertson) has also been asked to consider the problem. In the meantime, it is suggested that it might be as well for an Air technical Intelligence Officer to visit the Unit concerned and obtain reports and impressions at first hand from aircrew personnel.<sup>194</sup>

---

**192** UNITED STATES. Air Staff. Shaef. Ref. 37453. **Night phenomenon.** 11 fev. [1945](#)

**193** A USSTAF, “a força aérea estratégica”, era a principal formação aérea dos EUA durante a guerra, tendo em vista a eficácia do bombardeio estratégico como instrumento de guerra. Durante o conflito, depois que a supremacia aérea do território ocupado pelas forças alemãs foi conquistada, bombardeiros foram usadas de forma ostensiva, obtendo resultados cruciais para o enfraquecimento da indústria alemã, na obliteração das suas linhas de abastecimento e comunicação e de produção de combustíveis. Tão logo o domínio do ar era conquistado, as formações estratégicas, que utilizavam pesados bombardeiros, atuavam com maior liberdade, até sem escolta, objetivando qualquer ponto do território inimigo.

**194** “Parece que deve haver algo mais do que mera imaginação por trás do assunto, e em vista do fato de que pilotos e tripulações estão ficando muito preocupados com eles, considera-se que tudo o que é possível

A resposta ao pedido de investigação científica de Grierson pode ser lida agora em documento datado de 13 de março de 1945, assinado pelo cap. E. D. M. Hopkins, do Ministério da Aeronáutica. No documento, Hopkins afirma que outros comandos de bombardeiros relataram situações semelhantes, ainda que todo fenômeno permanece sem solução, sendo as evidências coletadas insuficientes para qualquer explicação satisfatória. Sugere ainda que alguns dos relatos podem ser explicados como uma espécie de confusão acerca de armamentos alemães sofisticados, como o caça a jato Messerschmitt Me 262 ou mesmo mísseis antiaéreos.<sup>195</sup>

**Figura 8** – Aeronave caça Messerschmitt Me 262.<sup>196</sup>



**Fonte:** Museu Nacional da [Usaf](#).

---

deve ser feito para chegar à raiz da questão. Cópias dos relatórios foram enviadas ao Ministério da Aeronáutica para sua consideração, e a Divisão de Investigação Científica deste Quartel General (Sr. Robertson) também foi solicitada a considerar o problema. Enquanto isso, sugere-se que seja de interesse para um oficial de Inteligência Técnica do Ar visitar a Unidade em questão e obter relatórios e impressões em primeira mão do pessoal da tripulação aérea.” (Tradução livre):

- UNITED STATES. Air Staff. Shaef. AIR/T8.37153/A-2 **Night Phenomena**. 11 fev. [1945](#).

**195** UNITED STATES. Air Staff. Shaef. 111/45/DDI2. **Balls off fire-red**. 13 mar. [1945](#).

**196** Para mais informações acerca do sistema de designação das aeronaves alemãs e da estrutura operacional da *Luftwaffe*, ver:

- MARTINS, Noberto António Bigares de Melo Alves. **O Messerschmitt Me 262: Um novo paradigma na guerra aérea (1944-1945)**. (2016). 180f. Tese (Mestrado em História Militar) – Universidade de Lisboa, [2016](#), p. 8-11.

Os caças Messerschmitt Me 262 foram as primeiras aeronaves com propulsores a jato utilizadas na guerra. Segundo Schick e Meyer, seu conceito e protótipos começaram já em 1939, assinado pelo industrialista e design de aviação Willy Messerschmitt.<sup>197</sup> A contar com todos os modelos que entraram em combate, seu emprego mostrou-se eficaz, especialmente contra as formações de bombardeiros Aliadas, apesar do reduzido número de aeronaves que entraram em ação, sendo, portanto, sua entrada pouco significativa para o desfecho da guerra assim como para a derrocada geral da Alemanha, iniciada já em 1943 com a derrota em Stalingrado e o impasse em Kursk, na URSS, a contar também pela campanha aérea Aliada no território do Reich, de intensidade crescente, mantida até a rendição em maio de 1945.

Segundo L. K. Loftin, o Me 262 era empregado tanto como caça noturno como diurno, assim como para ataque em superfície e operações de reconhecimento, e a depender da missão, operava com um assento para controlador de radar. Afirma Loftin:

First encounter with an enemy aircraft was on July 25, 1944. About 1400 Messerschmitt Me 262 aircraft, including all versions, were constructed. Fortunately for the Allies, only a small percentage of these saw action, and effective tactics designed to exploit the performance of the aircraft were not developed in a systematic and consistent way in the various operating squadrons. Follow-on Messerschmitt fighter aircraft, including one with about 40° of wing sweep, were being studied when termination of hostilities put an end to all German aircraft development.<sup>198</sup>

Tendo em vista estas características da aeronave e seu contexto de entrada na guerra, seriam as luzes relatadas pelos esquadrões bombardeiros e do 415.º Esquadrão de Caça Noturno aeronaves caça Messerschmitt ME 262? Dificilmente tal resposta convenceria os pilotos e membros das equipes aéreas que relatavam tais incidências. No entanto, essa era uma resposta plausível ao contexto de guerra, pois ela sugeria que tais observações poderiam estar a ser confundidas com o estado da arte da tecnologia alemã empregada no conflito, sendo os caças Messerschmitt Me 262 um exemplo claro.

---

**197** SCHICK, Walter; MEYER, Ingolf. **Luftwaffe Secret Projects – Fighters 1939-1945**. Leicester: Midland, 1997, p. 84.

**198** “O primeiro encontro com uma aeronave inimiga foi em 25 de julho de 1944. Cerca de 1400 aeronaves Messerschmitt Me 262, incluindo todas as versões, foram construídas. Felizmente para os Aliados, apenas uma pequena porcentagem deles viu ação, e táticas efetivas projetadas para explorar o desempenho da aeronave não foram desenvolvidas de maneira sistemática e consistente nos vários esquadrões operacionais. Aviões de combate da Messerschmitt, incluindo um com cerca de 40° de varredura de asa, estavam sendo estudados quando o término das hostilidades pôs fim a todo o desenvolvimento de aeronaves alemãs.” (Tradução livre).

- LOFTIN, L.K. Jr. **Quest for Performance: The Evolution of Modern Aircraft**. [NASA SP-468](#).



Logo, transportar tais incidências para o arsenal secreto inimigo era a via mais lógica a se seguir. Por outro lado, os caças Messerschmitt Me 262, ainda que oferecessem um desafio tecnológico a ser superado, eram conhecidos e capturados pelas forças aliadas. Das aeronaves alemãs, a Messerschmitt Me 262, segundo Schick e Meyer, representava o projeto mais avançado dos caças existentes até o final da guerra. Segundo os autores, “*the south German company of Messerschmitt stood at the very pinnacle of world aircraft-manufacturing in 1945. Its influence on post-war aviation technology has reflected this position.*”<sup>199</sup> Segundo Norberto Martins, a tecnologia e design do caça alemão serviu para a construção do caça F-86 Sabre da Usaf, além de outros projetos soviéticos, como o Sukhoi-9.<sup>200</sup> Ainda segundo Martins, a aplicação do design da aeronave alemã:

acabou por criar uma das maiores armas da história da guerra aérea. O F-86 *Sabre* tornou-se o mais importante caça americano do pós-guerra, sendo instrumental no controle do espaço aéreo na Guerra da Coreia (1950-1953), tendo sido, ao longo do seu tempo de serviço, utilizado por 31 forças aéreas distintas.<sup>201</sup>

**Figura 9** – Aeronave caça F-86 Sabre da Usaf.



**Fonte:** Museu Nacional da [Usaf](#).

---

**199** “a empresa do sul da Alemanha, Messerschmitt, ficou no auge da fabricação mundial de aeronaves em 1945. Sua influência na tecnologia de aviação pós-guerra refletiu essa posição.” (Tradução livre). Schick e Meyer (1997, p.84).

**200** Martins (2016, p. 122-127).

**201** *Idem.*, p. 122.

Logo, mesmo representando o que havia de mais avançado em termos aeronáuticos da época e servindo, após a guerra, para o desenvolvimento de aeronaves caça a jato de última geração, as características relatadas pelas equipes dos esquadrões aéreos muito diferiam, tanto visualmente quanto em comportamento e manobra, dos caças Messerschmitt Me 262, sendo que não há relatos sobre atitudes hostis por parte dos *foo fighters*. Caso semelhante ocorria com as várias classes de mísseis, guiados ou não, que os alemães testavam e punham ao serviço da guerra. Por outro lado, ainda que representassem uma assimetria técnica, esta era superada pela enormidade do efetivo aéreo e pelas operações em terra dos Aliados, que avançavam, sem descanso, sobre território do Reich. Em agosto de 1944 a Alemanha era invadida não somente pelo Leste, com o Exército Vermelho, mas também pelo Sul e pelo Oeste, no desembarque na Normandia de abril (Operação *Overlord*) e com a ocupação de praias ao sul da França, entre Toulon e Marselha, em agosto (Operação *Anvil*). Os alemães tinham que lidar com três frentes.

**Figura 10** – Míssil ar-ar Ruhtstahl X-4 guiado por fio e manobrado pelo piloto por meio de um “*joystick*”. Com entrada tardia na guerra, não há referências de sua aplicação em combates. Posteriormente, a tecnologia foi adaptada para o uso terrestre, como uma eficaz arma anti-carro.



Fonte: Museu Nacional da [Usaf](https://www.usaf.mil/).

Não somente os projetos de aeronaves alemães fizeram parte de novas tecnologias do pós-guerra, a estas aquisições podemos somar também várias outras classes de mísseis de propósitos variados, que se assomaram ao desenvolvimento de outras tecnologias, especialmente nos EUA e pela URSS, que, na época, já desenvolviam projetos nativos. O mais conhecido destes mísseis foram os V2 (terra-terra), amplamente utilizados no conflito para bombardear alvos ingleses e que mais tarde que serviram aos programas espaciais assim como aos programas de vetores de lançamento de ogivas termonucleares.

No entanto, outros modelos também foram desenvolvidos, ainda que seu uso na guerra tenha sido minimizado pela derrocada da indústria alemã nos meses finais do conflito, e certamente a esses projetos de mísseis que o cap. Hopkins se referia, ao sugerir uma explicação possível às observações dos membros de esquadrões aéreos, que poderiam estar a confundir mísseis antiaéreos com fenômenos luminosos, à exemplo do míssil não guiado BR 21 (*Werfer-Granate 21*), utilizado por aeronaves caça especialmente contra as densas formações de bombardeiros Aliadas, concebidos para serem lançados a distâncias seguras do fogo antiaéreo concentrado de tais formações.<sup>202</sup>

Por outro lado, ainda que que a sugestão de mísseis ou caças a jato tenha sido uma forma de lançar alguma luz sobre o fenômeno, certamente as evidências visuais não correspondiam àquilo que os pilotos relatavam em operações. Como tais objetos eram vistos especialmente quando os esquadrões sobrevoavam território inimigo, nada mais razoável que esperar que fossem algum armamento ainda desconhecido, quiçá em fase de testes. Essa foi a linha de pesquisa que a força aérea dos EUA e seus cientistas e oficiais de inteligência seguiram para tentar desvendar o mistério, como pudemos notar na pesquisa de Swords e Powell.

Os autores sustentam que, apesar de não haver documentação que aponte para algum grupo, força tarefa ou comissão criada para investigar a natureza dos *foo fighters*, alguns proeminentes cientistas se envolveram com este problema diretamente, não somente estudando os relatos e colhendo depoimentos em primeira mão, mas também na tentando de estabelecer algum paralelo com outros programas de armamentos secretos,

---

**202** Durante a Segunda Grande Guerra, as aeronaves bombardeiras eram verdadeiras “fortalezas voadoras”, pois eram montadas com várias torres com metralhadoras de calibre pesado utilizadas para defesa antiaérea. Voando em conjunto, numa tática operacional aplicada pelos Aliados conhecida como *Box Formation* (de eficácia contestada), poderiam oferecer maciço fogo em praticamente todas as direções. Contra essa tática a *Luftwaffe* empregava os mísseis BR 21 por meio de seus caças, momento em que a pouca precisão dos mísseis era compensada pela proximidade dos alvos em formação.

sejam alemães ou japoneses, que poderiam estar a desenvolver algum tipo de tecnologia que envolvesse raios ou poderosos campos eletromagnéticos, por exemplo.<sup>203</sup>

Dentre esse grupo, o principal nome é David Tressel Griggs, físico especialista em tecnologia de micro-ondas e radares, que contribuiu para o desenvolvimento e aplicação de artilharia antiaérea orientada por radares em terra durante o conflito. Além de piloto, voando tanto em missões de teste como de combate, esteve no teatro europeu servindo como conselheiro científico, sob o comando do general da força aérea do exército dos EUA, Henry Arnold. Nessa função, esteve em constante contato com equipes de esquadrões que relatavam encontros com os *foo fighters*, sendo designado a investigar o fenômeno diretamente.<sup>204</sup>

Por meio de uma entrevista feita em 1969 pelo eminente físico e estudioso dos óvnis James Edward MacDonald,<sup>205</sup> Griggs afirma que o general Arnold tinha interesse em checar tais objetos, já que, segundo Griggs, “every place he’d go, these things showed up” [todo lugar que ele ia, essas coisas apareciam] (trad. livre)”. Sobre a existência de documentos que possam comprovar tal interesse, Griggs aponta que relatórios foram escritos por Arnold, ainda que ele não sabe onde devem estar arquivados. Segundo Griggs, tais objetos “provocaram vários tipos de problema na Europa”, acrescentando que no Japão o fenômeno era um tanto diferente, as bolas brilhantes se apresentavam sempre na cor vermelha.<sup>206</sup>

Ao descartar explicações plausíveis de enganos comuns que ocorriam na guerra, especialmente em voos noturnos, quando pontos de referências são escassos e que poderiam facilitar erros de interpretação visual (como o nascimento da Lua, o planeta Vênus ou mesmo a luz emitida pelos exaustores de turbinas), e ao rejeitar também que os relatos sobre os *foo fighters* são frutos de alucinações decorrentes do stress de guerra, Griggs tentava confirmar a hipótese de teste de armamento sofisticado, já que havia ainda informes sobre distúrbios em equipamentos elétricos e motores quando tais luzes se colocavam próximas o suficiente das aeronaves.

---

**203** Swords e Powell (2012, p. 5).

**204** *Idem.*, p.6.

**205** MacDonald figura-se como um dos mais eminentes cientistas estadunidenses que se dedicaram à pesquisa sobre óvnis. Nos agradecimentos de sua pesquisa, a biblioteconomista Rafaela Oliveira Carneiro fez um excelente resumo da vida, obra e carreira de MacDonald:

- CARNEIRO, Rafaela Oliveira. **Documentos Ufológicos: o desafio para o acesso à informação**. 101 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, [2018](#).

**206** Swords e Powell (2012, p. 6).

Segundo Griggs, os serviços de inteligência dos Aliados tinham conhecimento de que os japoneses estavam a testar armas eletromagnéticas, mas as pesquisas sobre o material capturado no fim da guerra mostraram serem esses projetos bastante incipientes, e uma possível correlação entre eles e os *foo fighters* não era possível de ser estabelecida. Griggs pôde acompanhar diretamente o monumental esforço em examinar todas as tecnologias bélicas nipônicas quando foi transferido para o teatro do pacífico, a compor o quadro de cientistas da Comitê de Inteligência Científica Compton, destinado a examinar a tecnologia de guerra japonesa.<sup>207</sup> Sobre este tópico, Swords e Powell afirmam:

Griggs research led him to the conclusion that many of the foo fighter reports were real and unexplained by any military technology. Neither the above-mentioned Compton Scientific Intelligence Committee in Japan, nor the many attempts to “rescue” and assess German technologies in Europe, discovered anything that would account for them. And note: they were seriously looking for it. No on-the-ground recovery missions, such as those led by Wright-Patterson AFB’s Air Materiel Command (AMC) came up with any explanatory devices.<sup>208</sup>

A base da Força Aérea dos EUA de Wright-Patterson, localizada no estado de Ohio, era responsável por estudar e analisar tecnologias militares de forças inimigas capturadas, e para lá foram enviados incontáveis componentes japoneses e alemães, assim como, posteriormente, soviéticos, sujeitos à engenharia reversa e que puderam servir como protótipos de projetos nativos.

Se vários esforços foram endereçados na tentativa de solucionar o problema dos *foo fighters*, aparentemente, eles não foram suficientes, ainda que diferentes hipóteses tenham sido levantadas, como afirmam Swords e Powell, ao citar uma mensagem enviada ao Pentágono, em 1952, pelo centro de inteligência da base aérea de Wright-Patterson. A mensagem especula sobre mísseis, bombas voadoras ou balões incendiários como uma provável solução do caso, permanecendo hoje os *foo fighters* como um mistério ainda sem explicação.<sup>209</sup>

---

**207** *Ibid.*, p.6.

**208** “A pesquisa de Griggs levou-o à conclusão de que muitos dos relatórios dos *foo fighters* eram reais e inexplicáveis por qualquer tecnologia militar. Nem o Comitê de Inteligência Científica Compton acima mencionado no Japão, nem as muitas tentativas de “resgatar” e avaliar as tecnologias alemãs na Europa descobriram qualquer coisa que pudesse explicá-las. E nota: eles estavam seriamente procurando por isso. Nenhuma missão de recuperação no solo, como as lideradas pelo Comando Material Aéreo (CMA) da Base da Força Aérea Wright-Patterson, apresentou quaisquer dispositivos explicativos” (Trad. livre). *Ibid.*, p.7.

**209** *Ibid.*, p.7.

Se as evidências coletadas por meio dos esquadrões aéreos afirmam apenas elementos visuais destes objetos, além de um comportamento que demonstrava um elevado interesse nas aeronaves, assim como em manobras de alta velocidade, outros relatos apontavam também para interferências eletromagnéticas nos motores e equipamentos elétricos, fato que, concomitante à ausência de sinal de radar, apontava para algum tipo de tecnologia que envolvia a produção de raios, feixes eletromagnéticos, ou algum tipo de energia em forma de plasma, ou seja, não sólida, e como tal invisíveis para os sistemas de radar da época. Se foram desenvolvidas como arma psicológica, ou um tipo de dispositivo que afetasse equipamentos elétricos, nada se sabe, havendo apenas variadas hipóteses que tentam sugerir explicações inconclusivas.

### **3.3 As pesquisas estatais no pós-guerra**

A primeira experiência de pesquisa militar ocorrida durante a Segunda Grande Guerra serviu de padrão para as subseqüentes, em que novas nações se envolveram com pesquisas ou mesmo operações reativas contra óvnis, muitas vezes detectados por radar. Nestes casos, era comum que endereçassem a suspeita para testes de tecnologias não convencionais provenientes dos EUA ou da URSS, nações que herdaram a ciência de guerra nipônica e alemã. A grande diferença reside no fato de que durante a Segunda Grande Guerra, os EUA e a URSS, apesar de estarem atrasados em vários aspectos tecnológicos da corrida armamentista contra as potências do Eixo, especialmente em relação aos vetores aéreos e mísseis balísticos da Alemanha, ainda assim se impuseram e derrotaram tais nações, adquirindo para si grande parte da tecnologia e cientistas envolvidos em projetos de ponta, fato que propiciou um novo surto de desenvolvimento tecnológico entre as nações em disputa por este espólio.

Logo, elas puderam investigar, absorver e transformar em profundidade tudo aquilo que as nações derrotadas deixaram para trás, a incluir a possibilidade de encontrarem tecnologias a que não temos acesso em documentação ou depoimento de cientistas e pessoal militar, pois, como nos mostram Swords e Powell, as informações disponíveis oriundas deste meio, até então, nos dão conta que o fenômeno permaneceu insolúvel. No caso de nações industrialmente periféricas como o Brasil, o que há é apenas a suspeita, proporcionalmente crescente ao hiato tecnológico, cada vez mais profundo,

em relação às grandes potências vitoriosas da Segunda Grande Guerra, que redesenharam as disputas geopolíticas subsequentes, baseadas agora numa disputa pela supremacia tecnológica de armamentos aeroespaciais, produzidos em escala.

A Segunda Guerra Mundial estimulou um grande avanço tecnológico, sendo travada não somente nos campos de batalha, mas inclusive em laboratórios em que eram experimentadas novas armas em sigilo absoluto. Vários engenhos até então desconhecidos eram lançados, com uma grande preocupação de serem capturados pelo inimigo. Era comum na guerra a mobilização de cientistas e técnicos no estudo de engenharia reversa dos arsenais que eram capturados. Logo, a esse fenômeno das luzes que perseguiam as aeronaves ocorreu algo similar – foram a eles referendada a origem ao inimigo, como uma arma secreta, ainda que, devido a suas evidências visuais, de luzes aéreas, e de seu comportamento furtivo, que acompanhavam as formações de bombardeiros e caças noturnos e logo sumiam, nada foi concluído sobre sua natureza.

O arsenal secreto alemão, mesmo tendo lançado várias tecnologias inovadoras utilizadas na guerra, como os primeiros aviões a jato e mísseis balísticos, teve de ser abandonado deixando como espólio de guerra projetos nascentes, sobreviventes à destruição, juntamente com cientistas, engenheiros e técnicos. Existe uma grande diversidade de modelos de projetos de aeronaves desenvolvidos pelos alemães durante a guerra, em que boa parte ficou apenas nas pranchetas ou em fase de testes.<sup>210</sup>

Dentre esses inventos, muitas vezes ainda em fases protótipos ou mesmo apenas em desenhos, encontramos um grupo bastante diversificado de aeronaves de tipo radical, como caças de formato ovalado (disco),<sup>211</sup> outros de decolagem vertical,<sup>212</sup> bombardeios de formato asa voadora,<sup>213</sup> sendo que vários desses vetores detinham motores de propulsão a jato, pioneiros na época. Com fim da guerra, ficou evidente entre os estrategistas

---

**210** HERWIG, Dieter; RODE, Heinz. **Lufwaffe Secret Projects: Ground Attack & Special Purpose Aircraft**. Hinckley: Midland, 2003, p.6.

**211** Para informações sobre projetos alemães de aeronaves de formato de disco ver:

- MYHRA, David. **Sack AS 6: Source of Nazi Germany UFO Claims?** RCW Technology S&S, e-book, 2012. No caso estadunidense ver Schramm, 2016, p.37.

**212** Um exemplo de aeronaves de decolagem vertical é o Bachem Ba 349 Natter, desenvolvido já em 1945. Para mais informações ver:

- MYHRA, David. **Bachem Ba 349 Natter: An Illustrated Series on Germany's Experimental Aircraft of World War II**. Atlgen: Schiffer Military History, 1999.

**213** Um exemplo de aeronave "asa-voadora" é o bombardeiro Horten, de 1945. Para mais informações ver:  
- SCHICK, Walter; MEYER, Ingolf. **Lufwaffe Secret Projects: Fighters 1939-1945**. Midland, 1997, p.104.

- MYHRA, David. **Monogram Close-Up 12: Horten 229**. Danvers: Bradford & Bigelow, 1983.

militares que o poder aéreo viria a ter um papel cada vez mais proeminente nos conflitos vindouros, havendo, em consequência, um grande esforço em se desenvolver novos vetores, especialmente bombardeiros e interceptadores.

Portanto, os EUA e URSS, por meio desmonte da indústria alemã desenvolveram variados tipos de mísseis (terra-terra, terra-ar, ar-ar, ar-terra, ar-água), mísseis balísticos e novos modelos de aviões a jato.<sup>214</sup> Tendo em vista o contexto de inovação tecnológica em que os alemães eram pioneiros no lançamento de vários vetores armamentos diversos, era razoável supor que tais luzes que perseguiram as aeronaves fossem endereçadas tidas como um armamento em fases de testes, ou mesmo de natureza e propósito ainda não confirmado, na suspeita de fazerem parte de algum tipo de arma psicológica, inicialmente de aplicação diversionista.

Sobre essa questão, o capitão veterano da Segunda Guerra Mundial e diretor do projeto *Blue Book* (entre 1952 e 1953) Edward J. Ruppelt, diz:

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os alemães trabalhavam em diversos tipos radicais de aeronaves e mísseis teleguiados. A maioria dos projetos encontravam-se nos estágios preliminares, mas eram os únicos conhecidos que se aproximavam das características de voo dos OVNI's. Assim como os Aliados depois da Segunda Guerra Mundial, os soviéticos obtiveram dados completos dos mais recentes inventos alemães. Os rumores de que os russos desenvolviam febrilmente as ideias alemãs provocaram não pouco alarme. À medida que novas observações se processavam na do campo de provas do Exército em White Sands, onde se fabricavam bombas atômicas, a Air Technical Intelligence Center (ATIC) redobrava seus esforços nas pesquisas.<sup>215</sup>

Como afirma Ruppelt, recaía sobre o engenho alemão a suspeita de desenvolvimentos de aeronaves radicais, e tal suspeita foi transportada agora também, provavelmente de forma recíproca, entre as nações que conquistaram o espólio da ciência e engenharia de alemã e que disputam a liderança no novo cenário geopolítico. Observamos então que os óvnis relatados durante a Segunda Guerra Mundial, intrinsecamente ligados ao contexto bélico na suspeita de serem armamentos secretos, mantiveram tal status mesmo com o término do conflito, já que no espólio da indústria

---

**214** Afirmamos novos modelos porque a tecnologia de propulsão a jato também foi desenvolvida pelos EUA, ainda que não utilizada na guerra, especialmente nos modelos *Ryan FR Fireball* e *Lockheed P-80*. Para mais informações sobre estes modelos ver:

- SWANBOROUGH, Gordon; BOWERS, Peter. **United States Navy Aircraft: since 1911**. London: Conway Maritime Press, 1990.

**215** Ruppelt *apud* Suenaga (1999, p.12).



alemã, as duas potências emergentes trabalhavam na produção dos armamentos de ponta capturados.

Como corolário, se durante o conflito os numerosos relatos sobre as bolas de luzes que acompanhavam as aeronaves levantavam a suspeita de serem armas alemãs, tal suspeita foi transportada no pós-guerra para as duas principais nações receptoras do engenho e da indústria de guerra nipônica e germânica. No entanto, diferentemente do que ocorria durante o conflito mundial, com o fim da guerra, coube agora ao público civil o maior número de referências óvnis, relatados agora por jornais de forma crescente, que puderam atestar, historicamente, períodos de intensidades variadas, em que os mais intensos ficaram conhecidos como ondas de observações.<sup>216</sup> Neste novo contexto, tais presenças já não tinham a mesma conotação que recebiam de pilotos em combate, momento em que diversos termos populares ganharam forma em referência ao fenômeno, popularizados por jornais e livros, que incitavam o incipiente debate: *flyings saucers* nos EUA, pires voadores em Portugal e discos voadores no Brasil, por exemplo.

Essa primeira identificação popular pôde aglutinar variadas narrativas sob um denominador comum, uma busca em estabelecer um fenômeno que identificasse a presença de algo desconhecido, que incluía, na maior parte dos casos, a observação de presenças luminosas nos céus, ou mesmo presenças metálicas, que assumiam geralmente formas ovais ou discoides e que poderia abrigar, no seu relato, as mais variadas situações insólitas, narrativas essas que foram identificadas como pertencentes a um novo fenômeno, o fenômeno dos discos voadores, dos objetos aéreos não identificados, fenômenos aéreos anômalos etc.

Tendo em vista que a maior parte dos relatos durante o conflito eram originários de fontes militares, no pós-guerra assim como na Guerra Fria, as novas observações advinham em maior escala dos meios civis. No Brasil, a par da nova expressão que já se tornava popular nos EUA, *flying saucer*, os meios de comunicação consolidaram a expressão disco voador como referência direta a esses eventos. Mesmo hoje, para grande parte dos brasileiros, a expressão permanece ainda como primeira referência sobre o fenômeno, ainda que a palavra óvni já tenha sido incorporada aos dicionários, e que tende,

---

**216** O Brasil abrigou várias ondas, dentre elas destacamos a “onda de maio de 1986”, em que numerosos observações são registradas durante os meses iniciais do ano, com auge no dia 19 de maio, momento em que a FAB acionou aeronaves para interceptação a 21 alvos que sobrevoavam a região industrial de São José dos Campos, em São Paulo, além de outras localidades, evento este abordado no Capítulo II.

lentamente, a substituí-la, devido sua adoção não só pelos meios de comunicação, mas também pelos órgãos governamentais e militares.<sup>217</sup>

Portanto, nessa revisão histórica, os primeiros relatos provenientes de fontes militares acerca de presenças aéreas desconhecidas no séc. XX fazem correspondência direta com a Segunda Guerra Mundial, período em que observamos o aceleramento do desenvolvimento técnico bélico de aeronaves e vetores radicais. Primeiramente referenciados como *foo fighters* devido aos combates aéreos, e mais tarde por *flying saucers* pelos meios de comunicação, percebemos mais tarde que os órgãos de investigação estatais brasileiros e estadunidenses, optaram, cada um ao seu modo, se distanciar de uma abordagem geralmente sensacionalista que se utilizavam dessas expressões.

Esse distanciamento demonstra uma busca por um termo científico que pudesse, a princípio, delinear um fenômeno novo, o que resultou na elaboração de novas referências a esses objetos, denominados agora pela sigla UFO, no caso do *Blue Book*, e pela sigla Oani, no caso do Cioani. Tudo isso indica uma busca por uma depuração linguística sobre uma expressão que identificasse um tema que, justamente por controverso, demandava um distanciamento de suas referências populares e de menor precisão. Ainda assim, tais empreendimentos devem ser vistos à luz do contexto histórico a que estão inseridos, já que as primeiras referências militares a objetos desconhecidos nos céus ocorreram paralelamente ao desenvolvimento dos primeiros artefatos atômicos.

Portanto, este tema, de forma geral, se alinha ao tempo histórico próprio à Segunda Grande Guerra e a Guerra Fria, especialmente em relação ao desenvolvimento de tecnologias de poder aéreo, assim como no papel cada vez mais relevante que este poder teve em relação às forças de superfície, como dito, já que durante a Segunda Guerra Mundial, o emprego estratégico de bombardeiros foi fator determinante para a vitória dos Aliados, uma novidade face o incipiente uso de aeronaves durante a Primeira Grande Guerra. Sob o ponto de vista geopolítico, a corrida de renovação tecnológica das duas grandes potências emergentes da guerra, que competiam agora num novo cenário de característica bipolar, em toda sua dicotomia ideológica, política e econômica, promoveu

---

217 HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 147.

um contexto de tensão único, escatológico, dado que uma nova guerra total, devido ao avanço técnico, traria consequências autodestrutiva globais.

Frente à tantas divergências, a abertura à engenharia alemã, especialmente na construção de foguetes, aliada ao poderio termonuclear, formou um eixo de similaridades científico-tecnológicas de suporte ao impasse característico da Guerra Fria, já que uma nova guerra total entre superpotências nucleares era, e ainda é, garantia de destruição mútua. Ficou claro para os dirigentes dos EUA e da URSS que uma nova guerra total não poderia ocorrer, pois mesmo que em termos técnicos o uso de artefatos termonucleares pudesse ser “limitado” por acordos internacionais, a escalada de destruição fatalmente levaria a um novo conflito mundial.

Numa dinâmica de incessante luta de equilíbrio de poderio, em que o potencial destrutivo dos novos armamentos termonucleares ultrapassava os limites da razoabilidade, foram assinados acordos curiosos, que tentavam equilibrar a fragilidade de qualquer “passo em falso”, à exemplo do Tratado sobre Mísseis Antibalísticos de 1972, que proibia defesas contra mísseis de longo alcance. Desse modo, ao coibir o desenvolvimento de sistemas de defesa contra mísseis balísticos, as duas grandes potências negavam reciprocamente a opção de se defenderem de ataques nucleares, ao atestar que a possibilidade de aniquilação mútua era a única forma racional de se manter a paz, pois, parafraseando Gaddis, o medo de uma nova guerra total foi maior que as diferenças que separavam as duas grandes nações.<sup>218</sup>

Portanto, o tema da investigação estatal acerca do fenômeno óvni está diretamente ligado ao surgimento de novas tecnologias, especialmente no desenvolvimento de aeronaves, que possibilitaram novos usos do poder aéreo, assim como o desenvolvimento de projetos secretos, a exemplo do projeto Manhattan, precursor da tecnologia nuclear, que combinada à engenharia de mísseis balísticos, produziu o impasse característico da Guerra Fria, agora que as novas ogivas termonucleares já não mais precisariam ser lançadas por bombardeiros, podendo ser acopladas a projéteis que atingem altitudes sub-orbitais e velocidades hipersônicas, comprometendo seriamente a capacidade de defesa antiaérea.

Nesse sentido, a compreensão do contexto a que a pesquisa governamental sobre óvnis se confunde com a própria concepção tecnológica e geopolítica do século XX, em

---

**218** GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 79.

que a corrida armamentista, tópico relevante tanto à Segunda Grande Guerra como à Guerra Fria, oferece o cenário ideal de entendimento do tema em questão. Este é o contexto inicial que envolve o fenômeno dos óvnis no séc. XX e que perfaz também o tempo histórico particular relativo às iniciativas estatais de investigação sobre o fenômeno. Um tempo histórico em que o poder aéreo se torna uma força proeminente, passando a lançar, desde então, as maiores inovações tecnológicas de ponta, incluindo aí as aeroespaciais.

Por outro lado, devemos notar também essas linhas de raciocínio estão inseridas em uma história sobre o desenvolvimento de tecnologias bélicas de ponta, partícipe também da esfera política a que este tema em particular está vinculado, marca de um tempo histórico presente nas grandes guerras do século XX. Nesse quadro, devemos incluir também o surgimento das forças aéreas, que mais tarde ficaram responsáveis, de forma oficial no Brasil e nos EUA, pela investigação acerca de objetos aéreos desconhecidos.

No entanto, o foco político sobre deste tema (guerra aérea; vetores radicais; segredos tecnológicos etc.), é parte constituinte desse novo mito moderno, se assim podemos dizer, mas não apenas a única, como vimos no estudo do balanço temático. Vale lembrar que o contexto cultural é a principal “porta de entrada” ao tema para a maior parte das pessoas, incluindo a comunidade científica, que destaca, na maior parte das suas pesquisas, domínios culturais, no estudo do imaginário, das projeções humanas etc. Em amplos aspectos, todos estes campos fazem parte de um contexto maior, como atestou Jung, na proposta do surgimento de um novo mito moderno.

E a este novo mito, a história política, militar e tecnológica relacionada aos óvnis não é apenas parte integrante, mas precursora, anterior ao que se surgiu em seguida, como podemos observar ao longo desse capítulo. Tendo isso em vista, no próximo capítulo destacaremos também dos fatores culturais intrínsecos a esses domínios, haja vista que essas presenças desconhecidas promovem um grande número de interpretações assim como os mais variados debates, num rico contexto cultural intrinsecamente associado à ficção científica, como veremos.

## Capítulo IV

### A era moderna dos discos voadores

#### 4.1 O surgimento de uma nova entidade cultural

Inicialmente, este capítulo objetiva apresentar uma discussão sintética do contexto cultural que envolveu o debate acerca dos discos voadores nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial. Tal contexto conforma a visão geral que hoje temos sobre os óvnis, na proeminência de um discurso que, ao mesmo tempo que se tornou popular, trouxe em si uma carga cultural que deve ser considerada não apenas em seu valor descritivo, mas, especialmente, em seu poder de influência sobre posteriores ações militares e governamentais, assim como nas pesquisas científicas que se debruçaram sobre o fenômeno.

Logo, as atividades culturais que se desenvolveram na criação deste novo imaginário popular precisam ser revisitadas e analisadas, já que se impõem como poderoso vetor de influência entre diferentes domínios, moldando a tratativa dado ao tema desde então. Para tanto, serão examinadas três situações distintas, consideradas como segmentos exemplares, ideais para uma compreensão abrangente acerca do lugar que ocupam os objetos aéreos não identificados nesses primeiros anos após a Segunda Grande Guerra, tendo em vista a complexa relação entre opinião pública, ações governamentais e pesquisas científicas no limiar da era moderna dos discos voadores.

A primeira delas envolve o suposto pânico da invasão marciana decorrente da radiotransmissão da peça teatral *A Guerra dos Mundos*, em 1938, adaptada do romance de H. G. Wells. A segunda, remete ao caso de Kenneth Arnold, piloto civil americano que, em 1947, deu início a um primeiro debate popular sobre os *flying saucers*, evento tido como precursor da era moderna dos discos voadores; por fim, a terceira se relaciona a um incidente que envolveu diretamente a força aérea dos EUA, num controverso caso de queda de discos voadores ou balões em Roswell, Novo México, também em 1947.

A análise destes três casos nos trará uma concepção geral e abrangente das interpretações possíveis dadas aos óvnis na emergência desse novo ente cultural, o disco voador, momento em que esferas políticas, científicas, midiáticas e culturais contribuíram

para a formatação básica da tratativa dada ao tema desde então, operação essa necessária para a análise e compreensão contextual de eventos posteriores. Essas três situações distintas foram escolhidas por evidenciarem a interconexão de fatores culturais, políticos e científicos no tratamento dado aos óvnis após a Segunda Guerra Mundial, domínio esse que será revisado e debatido afim de nos aproximarmos de uma visão mais abrangente sobre o fenômeno, tendo em vista sua totalidade.

Logo após o termino da conflagração mundial, a popularização de narrativas sobre discos voadores suscitou posturas governamentais em resposta, além de aproximações científicas bastante distintas daquelas observadas no contexto da guerra, quando óvnis eram tratados quase que exclusivamente segundo o próprio contexto bélico e tecnológico do conflito, como no caso dos *foo fighters*, abordados no capítulo anterior. Antes do surgimento dos discos voadores como entidade popular, as narrativas sobre óvnis, oriundas de meios militares, não tinham ainda, à época, que lidar com a crescente pressão da opinião pública, tampouco com especulações já populares sobre presenças extraterrestres e tecnologias alienígenas, por exemplo.

Neste caso, aproximarmo-nos deste discurso cultural é uma forma de compreendermos, inclusive, os motivos que levaram distintas instituições governamentais a criarem sistemas de investigação sobre óvnis – algumas delas objetivadas inclusive para a condução de uma narrativa oficial, a ser divulgada ao grande público, a exemplo dos diversos projetos encarregados à Força Aérea dos EUA (Usaf).

Portanto, como esta pesquisa está organizada cronologicamente, as atividades políticas e militares ora postas em análise estarão também acompanhadas dos fatores culturais, intrínsecos e sincrônicos, visto serem poderosos vetores de influência, aos quais, inclusive, as pesquisas acadêmicas operam de forma reativa.

Em outras palavras, analisar as inflexões culturais acerca dos óvnis ao longo do tempo é ato imprescindível para a efetiva compreensão do tema de forma global, já que tais elementos culturais não são apenas determinantes nas ações e políticas, científicas e acadêmicas, mas também oferecem amplo espectro de interpretações possíveis ao fenômeno, situação que por si só se apresenta como objeto de estudo social.

Concomitante ao surgimento da era moderna dos discos voadores, interpretações populares presentes nas mais diversas narrativas naturalmente passaram a ser analisadas pelas ciências humanas, especialmente sob o prisma dos novos folclores e mitos

modernos, bem como nos estudos do imaginário. Mesmo que optemos por não reduzir tais narrativas em realidades puramente descritivas e psicossociais, ainda assim o caráter misterioso, fantástico ou mesmo de alteridade radical se mantém, visto ser capaz de fomentar hipóteses extraordinárias.

Dito de outra forma, os fenômenos incompreensíveis relacionados a óvnis e seus subprodutos ocupam um lugar de fronteira, pois, até que sejam solucionados, facilmente são transportados ao domínio do fabuloso, dos mitos e dos folclores contemporâneos ou, no mínimo, aos segredos e tecnologias militares, no tocante das guerras não convencionais.

Por esse motivo, a necessidade de ressaltarmos este tópico é evidente, pois tais fatores culturais atravessarão as interpretações de quaisquer outros eventos sobre óvnis consecutivos à Segunda Guerra Mundial, vez que as narrativas políticas e militares acerca de óvnis ainda estão sujeitas a significativa interferência e pressão da narrativa popular, irradiada por jornais, livros e filmes – e que concentram ideias e hipóteses centrais, bastante poderosas e ao mesmo tempo circunscritas e limitadas, facilmente atuando de forma apriorística numa aproximação inicial ao tema, quer pelo pesquisador civil, militar ou acadêmico.

Nesses primeiros anos e décadas, o imaginário dos discos voadores foi capaz de construir a matriz cultural de novo mito moderno, no qual hipóteses, crenças, fetiches e tabus populares solidificaram-se na formação não só de uma grande visão massificada, mas também de uma perspectiva científica expressa num senso comum acadêmico, que estabeleceu os limites aceitáveis de tratamento ao tema.

Vale lembrar que em vista dessa grande influência popular e midiática, os discos voadores, e mais tarde os Ufos e seus congêneres (óvnis, Oanis, Fanis – fenômenos aéreos não identificados etc.), foram tidos quase como sinônimos de aeronaves extraterrestres, tripuladas por seres alienígenas oriundos de outros planetas, em parte especialmente ao poder da narrativa popular. Tal associação é obviamente enganosa, mas, curiosamente, bastante comum. Em poucas palavras, ela participa de uma lógica falha, que mistura evidências diversas com exercícios hipotéticos.

A ideia de mundos extraterrestres habitados por seres inteligentes antecede o próprio surgimento do disco voador como entidade cultural.<sup>219</sup> Para tal tópico, em particular, Conceição fez extensa pesquisa sobre este imaginário em Portugal, centrada no período situado entre o fim da modernidade até a metade do séc. XIX, no qual elementos filosóficos, religiosos e literários se mesclam com o legado científico moderno no tocante das especulações acerca de outros mundos possíveis, habitados por seres similares aos humanos ou não.

Em termos religiosos tradicionais a ideia de realidades paralelas habitadas por entidades divinas, demoníacas, angelicais, espíritos diversos etc., é comum e recorrente à toda cultura humana. No nosso caso, é importante ressaltar como que esse novo ente, o disco voador, aglutinou essas qualidades culturais, a dar lugar agora a expressões visionárias, imaginárias e utópicas antes presentes em folclores e religiões tradicionais, ou mesmo em especulações científicas, mas que agora se renovaram com o domínio das técnicas e engenhos aeronáuticos a formatar um verdadeiro mito tecnológico.<sup>220</sup>

Como aponta Bullard, em monumental pesquisa,<sup>221</sup> os óvnis vieram a cobrir aquela área que os modernos e folcloristas acreditavam estar a findar, ao amalgamar novas interpretações religiosas e escatológicas num vivo mito moderno, ainda que fincado no passado. Justamente por adaptar temas ancestrais com o contexto tecnológico atual, afirma Bullard serem os óvnis a quintessência das lendas modernas. Obviamente, é impossível que todos esses campos sejam exauridos nesta pesquisa. Outros trabalhos se dedicaram a enfatizar essa abrangente e inesgotável dimensão cultural, com destaque às pesquisas de Conceição e Bullard, em Portugal e nos EUA, além de Martins, Suenaga e Santos, no Brasil.

---

**219** Giordano Bruno defendia no século XVI não somente as teses astronômicas atuais, que se consolidaram em Galileu, momento em que o *establishment* acreditava em teses geocêntricas, mas também a tese da existência de sistemas estelares e planetários semelhantes ao nosso, habitados por seres outros. Para mais informações, ver Bruno, Conceição, Gato-Rivera:

- BRUNO, Giordano. **On the Infinite Universe and Worlds**. 1584.

- CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. O imaginário extraterrestre na cultura portuguesa: do fim da modernidade até meados do século XIX. 687 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Porto, Porto, [2004](#)

- GATO-RIVERA, Beatriz. Brane Worlds, the Subanthropic Principle and the Undetectability Conjecture. **Physics**, [2003](#).

**220** A expressão “Jesus voltará numa nave espacial” resume bem a ideia desse novo “mito aeronáutico”.

**221** BULLARD, Thomas Eddie. **Mysteries in The Eye of the Beholder: Ufos and their correlates as a folkloric theme past and present**. 617 f. Tese (Doutorado em Folclore) – Universidade de Indiana, [1982](#).



## 5.2 A Guerra dos Mundos e o suposto pânico das massas

A literatura de ficção científica é fator estruturante nas concepções culturais mais tarde atribuídas aos óvnis, conduzindo mentes para as mais extravagantes, fantásticas e bizarras possibilidades do encontro entre civilizações e seres desconhecidos, imbuídos agora, além do caráter fabuloso tradicional, dos elementos tecnológicos das sociedades hodiernas. Autores com Júlio Verne, H. P. Lovecraft, H. G. Wells, Isaac Asimov, Arthur Clarke, Stephen King, dentre outros, podem ser vistos como grandes precursores das interpretações e anseios possíveis presentes no limiar dos discos voadores, ainda que os discos voadores tenha se associado especialmente à narrativa clássica da invasão marciana, que foi se sofisticando em novos contatos interplanetários.

Para além da ficção, devemos lembrar também da pesquisa de Charles Roy Fort, compilador de eventos insólitos, autor de várias obras sobre o tema, dentre as quais podemos destacar *O Livro dos Danados*, uma tradução para o português do *The Book of The Damned*, que teve sua primeira edição em 1919. Nele, os fatos “danados” seriam aqueles dados empíricos que a ciência excluiu por não terem explicação ou não se encaixarem em teorias e modelos preconcebidos. Ainda que suas obras passassem a ganhar maior notoriedade pelo grande apelo às teses apresentadas em *O Despertar dos Mágicos*, de 1960, sucesso de vendas de Jacques Bergier e Louis Pauwels, Fort foi o primeiro a exercitar hipóteses explicativas que viessem a dar conta de um grande número de eventos insólitos, a incluir fenômenos aéreos inexplicáveis.

Sob um olhar cético extremado, Fort incluía em sua desconfiança a comunidade científica e suas limitações; daí o elenco de seu objeto de pesquisa: fatos insólitos inexplicáveis excluídos pela ciência. Os óvnis contemporâneos e seus temas associados (abduções, contatos telepáticos etc.), facilmente podem fazer parte do rol de fenômenos insólitos destacados por Fort, que opera num contexto mais amplo como desaparecimentos em massa, fenômenos meteorológicos inexplicáveis, chuvas de diversos tipos de substâncias incomuns, além de queda de animais, aparecimento de seres fantásticos, monumentos e dados arqueológicos incompreensíveis, anomalias astronômicas etc. Embora o disco voador não esteja presente na maior parte desta literatura, nela vemos a introdução do que viria a se configurar como uma de suas narrativas clássicas, aproximando-os das forças tenebrosas, profundas e insondáveis que

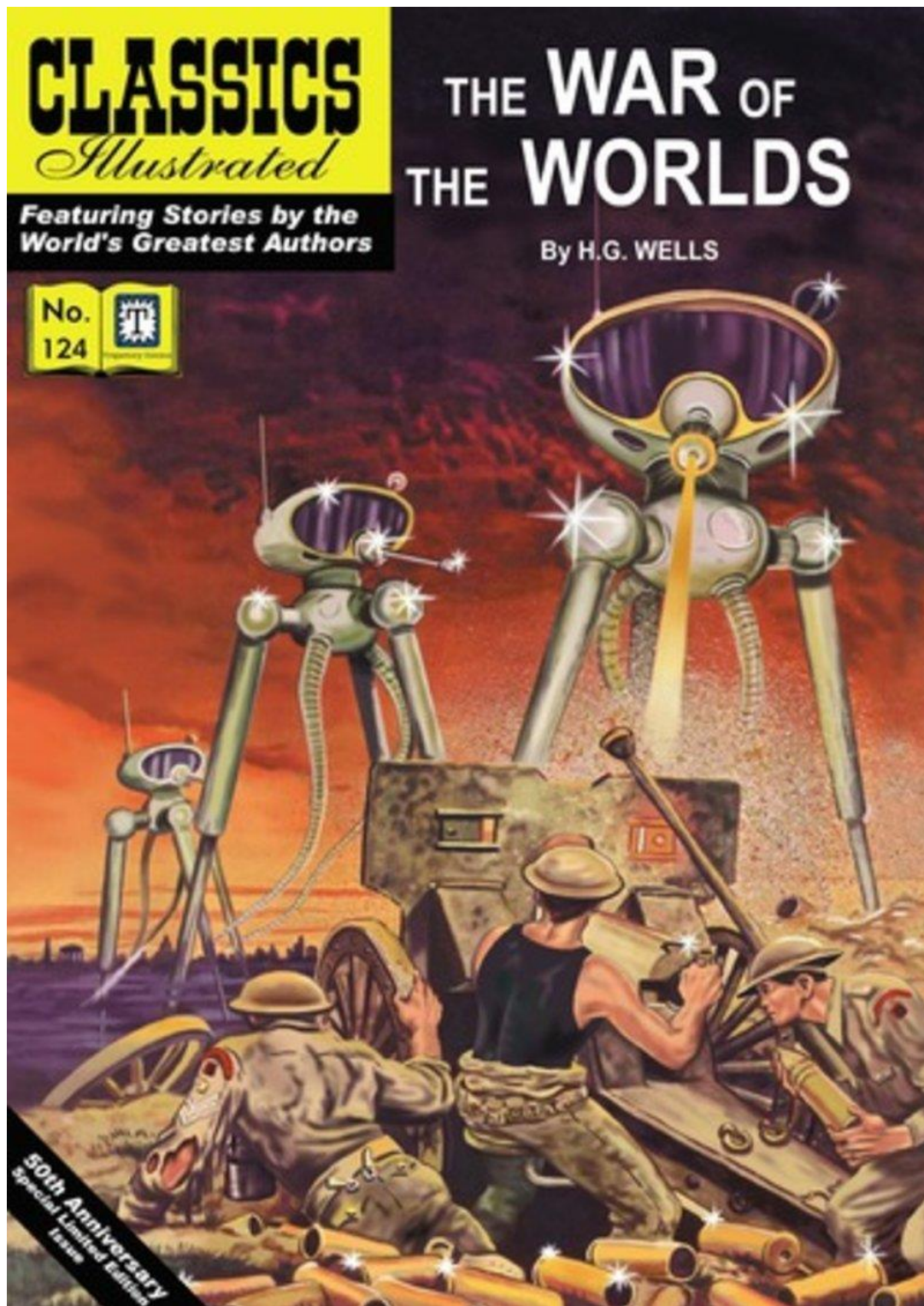
sempre estiveram presentes em contos e fábulas, e que de tempos em tempos emergem para devorar o mundo.

Tais narrativas, roteirizadas agora para a linguagem audiovisual, conformaram os grandes veículos difusores dessa nova literatura para as massas. As histórias em quadrinhos, as peças radiotransmitidas e o cinema popularizaram, a um público não alfabetizado ou pouco afeito à leitura densa, muitas das narrativas acerca do encontro entre o homem moderno e forças ocultas da natureza, que se manifestam agora numa roupagem tecnológica, fato que vem a ocorrer muito antes do surgimento do disco voador como nova entidade cultural. Neste caso, o grande poder das mídias de massa deve ser considerado, pois é capaz de conduzir não somente os debates, as narrativas e os temas majoritários que mais tarde se fizeram presentes nos esquemas interpretativos atribuídos aos discos voadores, mas também as emoções e ações coletivas daí decorrentes.

Caso emblemático foi a transmissão da peça *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, lançada em 1897, adaptada agora por Orson Welles nas séries *The Mercury Theatre on the Air*, ocorrida no dia do *Halloween*, em 30 de outubro de 1938 nos EUA. A peça, que afirmava em sua introdução ser uma adaptação da ficção de Wells, incluiu várias simulações de uma reportagem real, com sonoplastia de diferentes ambientes, entrevistas em campo e incidentes com repórteres no calor do momento. Nela, marcianos desciam do céu numa aeronave cilíndrica, sendo vistos e acompanhados por uma multidão de curiosos, e logo tomavam atitude hostil com raios de calor e nuvens de gases venenosos, que, segundo o “noticiário”, já estavam a cobrir a cidade de Nova Iorque, ataques esses que ocorriam simultaneamente em todo o globo. Como muitos ouvintes estiveram sujeitos a tomar a peça como noticiário verídico, incidentes foram reportados, o que resultou num evento único na história da comunicação social.

Seja pelo simples desconhecimento das consequências de se jogar com a realidade e com a ficção, seja pelo viés de uma possível operação psicológica, o fato é que relevante número de pessoas tomou a narrativa como evento real, e o jogo de emoções da audiência, acostumada com programas dramáticos, cômicos e de suspense, transitou, entre a empolgação, a perturbação e o susto, para algo semelhante ao pânico. Nos dias seguintes, após um número indefinível de incidentes, jornais dos EUA e de outros países alardearam os prejuízos do engano coletivo, a culpabilizar a radiotransmissão por agir de forma irresponsável e incitar o pânico nas massas. No entanto, há argumentos e indícios que os efeitos coletivos do incidente foram exagerados pela mídia impressa da época.

**Figura 11** – Unidade de artilharia em batalha contra engenhos marcianos. Edição em quadrinhos do fac-símile da Guerra dos Mundos.<sup>222</sup>



**Fonte:** Classics Illustrated, nº 124, War of the Worlds, Gilberton Company (1955).

222 A versão digital da revista encontra-se disponível em: <https://archive.org/details/ClassicsIllustrated124WarOfTheWorlds>. Acesso em 25 out. 2022.

**Figura 12** – Engenho marciano em batalha contra terráqueos. A autoria é de Henrique Alvim Corrêa, renomado desenhista brasileiro que produziu vários outros trabalhos aclamados sobre A Guerra dos Mundos <sup>223</sup>



Fonte: CORRÊA, Henrique Alvim (1906).

---

<sup>223</sup> Atualmente, muitas outras suas ilustrações estão sendo vendidas para colecionadores. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3066374/Original-drawings-depicting-iconic-Martians-HG-Wells-s-sci-fi-masterpiece-War-Worlds-sale-350-000.html>. Acesso em 25 out. 2022.

Segundo Pooley e Socolow,<sup>224</sup> devido à crise de 1929, jornais perderam espaço de publicidade para as transmissões de rádio e, portanto, teriam aumentado enormemente o efeito danoso do caso afim de atrair investimentos de volta para seu setor. Neste caso, o pânico foi “sensacionalizado”, a ganhar uma potencialidade forjada, como forma de promoção das mídias impressas como a via mais confiável de jornalismo. Segundo os autores, jornais como o *New York Times*, utilizando o incidente como exemplo, censuravam as radiotransmissões, a duvidar se eram realmente um meio adequado para realizar o trabalho de notícias.

Os autores ainda argumentam que o programa de Welles, no momento de sua execução, estava a concorrer com outros dois de popularidade superior, e que o número de ouvintes era menor do que o alardeado pelos jornais e pelas pesquisas que se seguiram sobre o evento. Portanto, todos os suicídios reportados, além dos acidentes de trânsito, dos cidadãos que pegaram em armas, dos tumultos nas ruas etc., dificilmente ocorreram, ao menos na escala alardeada. E justamente pela pouca razoabilidade de tais rumores, a rede CBS, assim como Welles, não foram sancionados juridicamente, sendo que apenas um acordo informal fora estabelecido entre as redes de rádio para que “relatos relâmpagos” de tal tipo não mais se repetissem.

Já a tese de Schwartz, adaptada ao livro *Broadcast Hysteria: Orson Welles's "War of the Worlds" and the Art of Fake News*, de 2015, afirma haver registros de ouvintes que teriam acreditado que a transmissão, em realidade, era uma reportagem sobre um ataque surpresa alemão.<sup>225</sup> Em paralelo, ouvintes afirmam em carta terem ficado alarmados não pela peça em si, mas pela manipulação jornalística que se sucedeu, a imprimir sobre a sociedade uma ideia artificial de pânico generalizado, questionando como que uma democracia permitiria tal situação.<sup>226</sup>

O incidente ocorrera numa época de grande tensão geopolítica, com o Japão em guerra com a China, na Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), e no prelúdio da Segunda Grande Guerra, momento em que a Alemanha retomava parte dos territórios

---

**224** POOLEY, J.; SOCOLOW, M. The Myth of the *War of the Worlds* Panic. **Slate Magazine**. 28 out. 2013.

**225** Santos também reúne informações presentes em literatura secundária sobre este temor da guerra iminente como contributo para o “pânico”. Santos (2008 p.17-18).

**226** SCHWARTZ, A. Brad. **Broadcast Hysteria: Orson Welles's War of the Worlds and the Art of Fake News**. New York: Hill and Wang, 2015.

perdidos pelo tratado de Versalhes e as grandes potências mundiais concorriam em mais uma corrida armamentista.

Certamente este fato, o clima de ameaça iminente, veio a contribuir para com o efeito da peça em seus ouvintes, bem como para o provável falso alarde, que deve ser considerado ao analisarmos o próprio contexto geopolítico do evento. Sua notícia percorreu o globo, sendo alvo de comentários de lideranças políticas além-mar, como Adolf Hitler, que em discurso em Munique, no dia 8 de novembro de 1938, pouco mais de duas semanas após o ocorrido, acusou os EUA de enganar seu próprio povo, criticando o sistema político democrático estadunidense por permitir ou mesmo promover tal tipo de engano coletivo. Hitler, assim como a maior parte dos demais comentadores e pesquisadores do incidente, aceitou a narrativa construída pelos jornais da época.

Assim como a mídia impressa, os primeiros estudos de comunicação social, das décadas de 1940 e 1950, ajudaram a solidificar a ideia geral que temos hoje dos efeitos da radiotransmissão na psicologia das massas. Devemos especial destaque para o livro *The invasion from Mars: A study in the psychology of the panic*, de Hadley Cantril, professor da Universidade de Princeton, pesquisa que fazia parte do Radio Research Project, financiado pela Fundação Rockefeller.<sup>227</sup>

Segundo estudo de Pooley e Socolow, rico em fontes primárias dos bastidores do projeto, a equipe do Radio Research Project estava com sério risco de corte de financiamento por falta de produção relevante, envolvida em disputas internas e má gestão de recursos, e viu na radiotransmissão uma oportunidade de salvar o projeto ameaçado, assumindo a postura da mídia impressa como forma de destacar a própria pesquisa em si.<sup>228</sup> Tais primeiros estudos, juntamente com os jornais e revistas, influenciaram a visão geral dada ao evento nas décadas que se sucederam, tendo em vista que a crítica ao suposto pânico das massas é recente, como vemos nas publicações de Pooley e Socolow e Schwartz.<sup>229</sup>

---

**227** CANTRIL, Hadley. **The invasion from Mars: A study in the psychology of the panic**. Princeton: Princeton University Press, 1940.

**228** A equipe teve sucesso em sua estratégia de financiamento acadêmico, tendo o projeto angariado mais fundos e seus membros recebido destaque entre a comunidade científica dos EUA nas décadas subsequentes.

**229** Além desses trabalhos, há também a pesquisa de Mirella Kami Ntahonsigaye, publicada em 2018, que faz análise do incidente conjuntamente à crítica contemporânea das notícias falsas: - NTAHONSIGAYE, Mirella Kami. **'Fake News Hysteria'**: How an analysis of Orson Welles' War of the Worlds broadcast can inform the issue of 'fake news'.72 f. Dissertação – (Mestrado), Windsor, Universidade de Windsor, [2018](#).

No Brasil, os jornais da época replicaram a notícia do pânico das massas, como aponta Santos, na matéria da *Folha da Manhã*, de São Paulo, intitulada *Intenso pânico provocado nos Estados Unidos pela irradiação de “A guerra dos mundos” de H. G. Wells*, do dia primeiro de novembro de 1938.<sup>230</sup> Mesmo cinquenta anos após o evento, outros veículos ainda publicavam matérias sobre o assunto, como a presente no jornal *Folha de S. Paulo*, em 14 de outubro de 1989, intitulada ‘*Guerra dos Mundos*’ assustou os EUA, apontada por Suenaga.<sup>231</sup> Santos, assim como Suenaga, em suas respectivas pesquisas de mestrado em História, revisitaram o incidente tendo como base uma literatura secundária e material jornalístico que apoiava a tese da veracidade do pânico das massas.<sup>232</sup>

Suenaga é detalhista em sua narrativa:

A “notícia” se difundiu de forma devastadora. Milhares de ouvintes histéricos contagiaram parentes e amigos, pessoalmente ou por telefone, desatando o pavor coletivo. Cenas de pânico foram registradas numa ampla faixa da costa leste, principalmente nos estados de Nova York e Nova Jersey. Os habitantes dos arranha-céus de Manhattan refugiaram-se no subsolo ou fugiram para outras cidades. (...) Pessoas que passavam o alarme nas ruas foram presas, e a Polícia Montada empregou gás lacrimogêneo para dispersar a multidão desvairada. (...) A calma só voltou a reinar quando todas as estações de rádio passaram a divulgar insistentes informes sobre o que tinha havido, secundadas pelos jornais que lançaram edições extras nas ruas.<sup>233</sup>

Por sua vez, Santos expõe dados similares aos de Suenaga acerca do montante de pessoas afetadas pelo engano:

Milhões de pessoas acreditaram que uma invasão estava ocorrendo. Segundo a rede de rádio CBS (*Columbia Broadcasting System*), das seis milhões de pessoas que ouviram o programa, pelo menos 1,2 milhão confundiu a dramatização com a realidade.<sup>234</sup>

---

<sup>230</sup> Santos (2009, p.18).

<sup>231</sup> Suenaga (1999, p.6).

<sup>232</sup> Dentre tal literatura podemos citar:

- FONSECA, Homero. **Viagem ao planeta dos boatos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

- MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998.

- VALIM, Alexandre Busko. “Os marcianos estão chegando!”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 3, 2005.

<sup>233</sup> Suenaga (1999, p.6-7).

<sup>234</sup> Santos (2008, p. 16-17).

Como pudemos observar, ambos relatam enormes movimentações de pessoas em pânico, assim como vários outros incidentes, alarmismo esse criticado por nova literatura, como vimos, que acusa os jornais da época terem superdimensionado o evento, segundo motivações econômicas, como também o fizeram as primeiras pesquisas acadêmicas, a exemplo daquela presente no livro *The invasion from Mars*, de Hadley Cantril

Por outro lado, Pooley e Socolow,<sup>235</sup> assim como Ntahonsigaye em citação dos autores, “o suposto pânico era tão pequeno a ponto de ser praticamente imensurável na noite da transmissão”.<sup>236</sup> Nesse caso, a quem cairia a responsabilidade de toda esta confusão acerca do suposto engano coletivo? Os autores são taxativos: a mídia impressa. Tal perspectiva assume que, resumidamente, houve um incômodo coletivo em que enganos e emoções descabidas ocorrem em resposta às notícias fictícias de marcianos em pleno ataque aos EUA e ao mundo.

No entanto, sua escala seria bem diferente da alardeada pelos jornais da época, a ponto de dificilmente poder ser estimada. Tal posição evidencia muito mais o papel da mídia impressa em criar situações à revelia, muitas vezes até por motivos comerciais, do que o poder de influência nas massas de uma peça teatral radiotransmitida acerca de uma invasão marciana, mesmo que isso tenha ocorrido num contexto histórico de grandes tensões geopolíticas, que porventura poderiam ter catalisado tal pânico. No entanto, a narrativa que predominou é a de que o pânico das massas foi real, haja vista a crítica dessa posição ganhar corpo nos anos recentes, e a radiotransmissão da Guerra dos Mundos de 1938 ainda é tida como um incidente emblemático a ser ressaltado na história da comunicação de massas, expondo o grande poder desta sobre a psique coletiva.

Outro autor que questiona tal poder é Pierre Lagrange, que em 2005 publicou *La Guerre des mondes a-t-elle eu lieu?*<sup>237</sup> (A Guerra dos Mundos aconteceu?). Sua tese é que o boato real não foi o da invasão marciana, mas sim um outro criado após a radiotransmissão, ou seja, *o boato acerca do pânico das massas*. Para tanto, apoia sua crítica na própria falta de evidências concretas que sustentariam a tese do pânico coletivo.

---

<sup>235</sup> Tradução livre da passagem presente no artigo de:

- POOLEY, J., SOCOLOW, M. The Myth of the *War of the Worlds* Panic. **Slate Magazine**, outubro de [2013](#).

<sup>236</sup> Ntahonsigaye (2018, p. 19).

<sup>237</sup> LAGRANGE, Pierre. *La Guerre des mondes a-t-elle eu lieu ?* Paris : Robert Laffont, [2005](#).



O autor ainda enfatiza um outro tópico, relacionado à corrente ideia de ingenuidade da massa, que seria amorfa, passiva e manipulável ante o sugestionamento ativo dos meios de comunicação. Ou seja, permanece na narrativa predominante do evento uma ideia básica de padronização da receptividade da audiência, atrelada aos paradigmas iniciais da comunicação social já considerados ultrapassados, mas que ainda se mantêm nas interpretações do evento de 1938.

O fato é que, se houve ou não o pânico das massas, a narrativa do grande surto coletivo desencadeado por um falso noticiário de cunho fantástico serviu de inspiração para vários outros experimentos semelhantes, a ocorrer em outras décadas e nações, existindo aí uma rica literatura sobre tais eventos, como bem expressa Valim, em artigo compilado.<sup>238</sup> No Brasil, por exemplo, em 22 de novembro de 1954, um radiotelegrafista da cidade de Caratinga – MG, transmitiu narrativa própria da Guerra dos Mundos, captada em Belo Horizonte, incluindo agora um disco voador como protagonista da invasão marciana, afirmando a cidade estar em pânico, pedindo o envio urgente de ajuda.

Curiosamente, como afirma Valim, a transmissão, que narrava em detalhes os marcianos e suas tecnologias bélicas, desencadeou várias respostas, incluindo aí não somente repórteres da capital mineira que se deslocavam para a cidade visando narrar o “furo do século”, mas também, como se alega, militares da FAB, que se deslocaram em voo, sob ordens do Ministério da Aeronáutica, para averiguar a situação na pequena Caratinga. Tão logo a notícia foi apurada como falsa, os militares retornaram para suas bases e o incidente foi concluído como fruto apenas de um cidadão interiorano entediado com a monotonia de sua cidade, que, mesmo tendo desencadeado uma movimentação de agentes governamentais, não sofreu represálias pela sua brincadeira radiotransmitida.

Outro evento que merece maior destaque, ocorrido agora em São Luís – MA, em 30 de outubro de 1971, desencadeou consequências mais profundas. Com o fito de angariar maior audiência, os diretores da Rádio Difusora criaram um contexto sofisticado para a nova invasão marciana, preparando o público previamente com a ideia de que cientistas já estariam investigando a região, tendo em vista a coleta de vestígios de uma nave, que comprovariam sua origem como de outro planeta (os vestígios contavam com uma composição de magnésio não encontrada na Terra).

---

**238** VALIM, Alexandre Busko. “Os marcianos estão chegando!”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. *Diálogos*. DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 3, [2005](#).

Para aumentar a expectativa, incluíram “dados científicos recentes”, que relatavam explosões em Marte com emissão de partículas que se dirigiam à Terra, dados esses confirmados por um suposto cientista do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. A rádio afirmava estar sintonizada com outras grandes rádios nacionais e internacionais, a incluir a ideia de que a Organização Meteorológica Internacional havia solicitado que todos os observatórios acompanhassem movimentações no planeta vermelho.

Afirmava também que o 24º Batalhão de Caçadores de São Luís já estava em prontidão na cidade. Mediante tal preparação da audiência, a narrativa da invasão teve início, a informar que as naves marcianas já teriam aniquilado a equipe de jornalistas pra lá enviada, havendo uma grande esfera metálica de 30 metros de diâmetro, juntamente com uma nuvem de fumaça negra mortífera. Os radialistas afirmavam que eventos semelhantes ocorriam no Rio de Janeiro.

Valim cita documento da FAB,<sup>239</sup> emitido pela Divisão de Segurança do Comando da 3ª Zona Aérea, hoje 3º Comar (que compreende o espaço aéreo dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo), afirmando que a divulgação de tais notícias causou pânico em todo o estado do Maranhão. O 24º Batalhão de Caçadores de São Luís recebeu numerosas ligações de ouvintes, assim como a Rádio Difusora. Devido ao grande transtorno causado, autoridades se reuniram e estabeleceram a imediata retirada da emissora do ar, que, com um artifício de edição, incluiu no texto confiscado que a transmissão era uma ficção científica baseada em Orson Welles. A emissora ficou fora do ar por três dias.<sup>240</sup> Nenhum grande incidente foi relatado, apenas havendo informações sobre pessoas que passaram mal e tiveram que ser hospitalizadas. Houve tentativas de hostilizações contra a emissora. Valim afirma, ainda com base no documento da 3ª Zona Aérea, que uma esquadrilha da FAB recebeu ordens de retorno à base de origem, interrompendo um destino previamente estipulado.

Além disso, como apontam pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão em artigo sobre o incidente,<sup>241</sup> o rádio, àquela época, detinha grande influência, fazendo parte da rotina diária dos maranhenses, “tendo o poder de regular o tempo”. Há

---

**239** BRASIL. Ministério da Aeronáutica; Comando da 3ª Zona Aérea - Divisão de Segurança. **Rádio Difusora de S. Luís/MA. 8 dez. 1971.** Arquivo do Estado do Rio de Janeiro – AERJ.

**240** Programa de rádio que causou pânico no Maranhão faz 40 anos. **G1.** 26 out. [2011](#).

**241** CONCEIÇÃO, F.G.; MATEUS, E. B.; CARVALHO, M. C.; GOMES, R. F. L. Guerra dos Mundos: A batalha de São Luís do Maranhão. **I Seminário Regional da ALAIC – Bacia Amazônica.** Belém, Pará, [2011](#).

controvérsias a respeito da motivação por detrás da peça, mas o consenso é de que ela era uma forma de atrair mais audiência para o rádio, que perdia espaço para a televisão. Logo, o propósito do programa era dar mais audiência para o rádio. O artigo aponta, ainda, que o horário foi propositalmente escolhido, pela manhã, já que era o momento de maior audiência, pois à tarde e à noite a televisão ganhava mais espaço. Relata também que as pessoas reagiram sem provocar grande pânico, “querendo morrer em casa”. Nos dias seguintes, os jornais censuravam os responsáveis pelo engano coletivo.<sup>242</sup>

Novos elementos fizeram parte da narrativa nas duas encenações adaptadas da Guerra dos Mundos ocorridas no Brasil, a incluir os discos voadores, essa nova entidade que circulava na imprensa, agora como protagonista tecnológico dos engenhos marcianos, a ganhar sua “comprovação” coletiva, terrível e irrefutável, aglutinando em si o imaginário preexistente da ficção científica explorada por H. G. Wells e outros autores, incluindo aí, como aponta o estudo da UFMA, elementos místicos próprios àquela população. Além disso, no incidente maranhense, estiveram presentes elementos das tensões geopolíticas da Guerra Fria, já que na narrativa os EUA e a URSS se uniam para combater a causa extraterrestre marciana.

Vemos aqui duas questões relevantes. A primeira delas é, como afirmado, a inclusão do disco voador na história de Welles. Pois, se antes os engenhos marcianos eram representados como máquinas de inspiração insectoide, agora eles assumiam a forma clássica que vinha sendo atribuída aos discos voadores. Certamente, os relatos já existentes sobre tais objetos ajudaram a trazer uma expectativa e temor à narrativa, já que toda a curiosidade que existia sobre os discos voadores foi transportada para a incursão catastrófica.

A segunda questão se dirige aos diferentes propósitos e motivações que estiveram presentes nas situações aqui retratadas. Caso a tese de Pooley e Socolow esteja correta, a primeira encenação polêmica da Guerra dos Mundos, ocorrida em 1938, teve seus efeitos superdimensionados pelos jornais na época, movidos por interesses comerciais, a combater a crescente audiência do rádio. Situação semelhante ocorreu em São Luís, como afirmam os responsáveis pela transmissão na época em entrevista, sendo que agora a luta era do rádio contra a televisão (e não mais do jornal contra o rádio), que ocupava cada

---

**242** Francisco Gonçalves da Conceição organizou ainda livro sobre o incidente:  
- CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da (org.). **Outubro de 71: Memórias fantásticas da Guerra dos Mundos**. São Luís: EDUFMA, [2011](#).

vez mais um espaço entre a audiência, diminuindo as receitas publicitárias antes vinculadas ao rádio.

Em resumo, tais ações midiáticas demonstram o grande poder das mídias de massa em criar cenários falsos e distorcidos acerca de situações diversas, tanto em relação à criação de noticiários falsos e fantásticos, quanto ao superdimensionamento destes, omitindo, exacerbando ou mesmo diminuindo, em grande escala, eventos segundo motivações diversas, incluindo aí as econômicas – situação essa que obviamente se manteve ao longo das décadas seguintes e que devemos considerar neste estudo. Além disso, podemos afirmar que a grande imprensa e a indústria cultural são responsáveis por promover a ideia corrente de que discos voadores, óvnis e seus congêneres, são sinônimos de aeronaves extraterrestres, visão essa a influir não somente na opinião pública, mas também nos posicionamentos governamentais e na própria comunidade científica.

O fenômeno da radiotransmissão da Guerra dos Mundos, assim como suas motivações e desdobramentos, é apenas mais um caso, sintomático e exemplar, acerca do poder das mídias de massa, especialmente quando em análise do contexto cultural de fundo que envolve as narrativas sobre presenças desconhecidas no céu, em todas as suas ramificações possíveis e existentes, que obviamente vão além do domínio político e militar, bem como da hipótese extraterrestre, geralmente vinculada a tais presenças.

Deste modo, como vimos no primeiro capítulo, em que analisamos os primeiros relatos oriundos de fontes militares sobre óvnis, no caso dos *foo fighters* narrados pelas forças norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial, assim como no presente desenvolvimento do contexto cultural que antecede o próprio surgimento do disco voador como entidade moderna, é lícito afirmarmos que os Estados Unidos da América são o centro cultural irradiador, em amplos aspectos, das ideias gerais que vieram a se associar aos óvnis ao longo das décadas.

Podemos ressaltar o fato de os EUA serem uma superpotência aeroespacial, militar e econômica, mas também por reunir considerável parcela dos literatos da língua inglesa de ficção científica, que produziram as narrativas presentes nas interpretações iniciais acerca dos discos voadores. Tais ideias, exploradas agora pelo cinema e pela mídia de massas, irradiaram no mundo de cultura ocidental a forma como outras nações trataram o fenômeno, seja pela sua imprensa, cinema, rádio e televisão, seja em suas pesquisas estatais.

Portanto, podemos afirmar que nenhuma outra nação se ocupa e se interessa tanto pelo tema como os EUA, a abrigar, como corolário, a maior parte das publicações científicas da área, tendo em vista, obviamente, a grande barreira linguística e cultural ao considerarmos como ela é tratada por outras nações, como as do extremo oriente, por exemplo. Por este motivo, grande atenção é dada às respostas oficiais que os EUA deram sobre os óvnis, em seus vários programas de pesquisa estatal, que acabaram por cristalizar um grupo de ideias gerais amplamente aceito e que será abordado ao longo deste trabalho. É justamente por este fato que, ao analisarmos como outras nações se envolveram com as pesquisas oficiais sobre óvnis, teremos a oportunidade de observar respostas a contextos socioculturais díspares ao estadunidense, voltados a incidentes nativos a serem analisados por programas estatais motivados por interesses distintos, como o caso brasileiro.

Tendo isso em vista, podemos prosseguir para o próximo subcapítulo, em que um dos casos inaugurais da era moderna dos discos voadores será analisado, pois evidencia o papel desempenhado por diferentes domínios, afim de melhor esclarecermos, inclusive, perspectivas políticas e militares das primeiras narrativas modernas sobre discos voadores.

### **4.3 O nascimento do disco voador**

Como abordado no primeiro subtópico deste capítulo, os debates iniciais acerca de objetos aéreos não identificados, para além do âmbito militar, ocorreram nos anos seguintes do pós-guerra. De forma precisa, podemos destacar um evento em específico, que se relaciona a estranhos objetos relatados nos EUA por um aviador civil, fato que ganhou notoriedade e atenção do grande público estadunidense e, por meio de publicações jornalísticas retransmitidas a outros países, passou a ser mundialmente conhecido.

O evento, em 24 de junho de 1947, envolveu o piloto civil e empresário Kenneth Arnold, que a bordo de sua aeronave particular e em voo de negócios desviou de sua rota costumeira ao receber a notícia, via rádio, de recompensa de 5.000 dólares, significativa quantia para a época, oferecida pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA para quem encontrasse um avião de transporte que caíra nas proximidades do Monte Rainier, no estado de Washington.

Integrado à região de um parque nacional, o Monte Rainier compõe uma geografia de densas florestas de sequoias gigantes, bastante explorada pelo cinema por sua atmosfera rural, gelada e mística, a exemplo da série de grande sucesso *Twin Peaks*, dos anos de 1990, com uma continuação em 2017. Apesar de ser uma região com amplos espaços ermos, o vulcão, por estar próximo à Seattle, é relativamente povoado em suas redondezas, com ampla atividade madeireira e mineradora.

**Figura 13** – Símbolo de exuberância natural do noroeste dos EUA, especialmente dos habitantes de Seattle e cercanias, o Monte Rainier é um poderoso vulcão que pode entrar em erupção a qualquer momento.



**Fonte:** Stan Shebs ([2005](#)).

Voltando à narrativa de Arnold, próximo ao Monte Rainier ele afirmou ter avistado nove aeronaves em forma de pires voando, em formação de V, semelhante ao voo de gansos selvagens. Calculou uma distância aproximada para ter ideia de suas velocidades, chegando a sugerir deslocamentos a 2.000 km/h, bastante improvável para qualquer aeronave da época. Ao aterrissar na cidade de Yakima, relatou suas histórias a amigos e funcionários do aeroporto, tendo a notícia se espalhado. Colegas pilotos

sugeriram testes de mísseis, que poderiam estar a ocorrer em Lake Moses, cidade próxima à região.<sup>243</sup>

No dia seguinte, o cotidiano voltara ao normal, com seus colegas não mais se reportando ao evento, ficando a excitante experiência restrita ao interesse pessoal de Arnold, como afirma Loren E. Gross. No entanto, Arnold decidiu passar sua história para a imprensa local quando, na manhã seguinte ao evento, um senhor o parou na rua e trouxe o tema à tona, afirmando também ter visto uma formação similar de “estranhos mísseis”, no mesmo dia, em sua casa.<sup>244</sup>

Impulsionado pelo veredito alheio, Arnold relatou suas experiências para o jornal local, *East Oregon*, de Pendleton, ligado a outras agências de notícias nacionais. Narrou ter avistado em voo “*nine saucer-like aircraft flying in formation*”<sup>245</sup>, um tanto estupefato pela excentricidade do relato.<sup>246</sup> Os jornalistas corroboraram com sua personalidade, de uma pessoa sóbria. A notícia, retransmitida para todos os EUA, acabou por ganhar um impulso nacional e internacional inesperados e sem precedentes. Envolveu também agentes governamentais, incluindo aí ampla gama de exercícios hipotéticos de cientistas de diferentes formações, como veremos brevemente.<sup>247</sup>

É neste momento que a expressão *flying saucer*, traduzida no Brasil por disco voador, passou a ganhar corpo na matéria jornalística de 25 de junho de 1947, do *East Oregonian*, incorporada também por outros jornais que receberam a transmissão resumida da história de Arnold. Por capricho do jornalista Bill Bequette, que participava da entrevista com Arnold, os *nine saucer-like aircraft flying* passaram a ser também *flying saucers*, de maior apelo, e jornais de todos os EUA publicavam matérias, muitas em primeira capa, acerca desses misteriosos objetos que vieram a se consolidar no imaginário popular, reunindo em si grande variedade de experiências até então isoladas e dispersas.

---

**243** LAGRANGE, Pierre. L'affaire Kenneth Arnold. **Communications**, 52, Rumeurs et legendes contemporaines, [1990](#), p. 289

**244** GROSS, Loren E. **Charles Fort, The Fortean Society, & Unidentified Flying Objects: A survey of the unidentified flying object mystery from August, 1895, to August, 1947.** Fremont, Califórnia: edição privada do autor, [1976](#), p.78.

**245** “Nove aeronaves em forma de pires voando em formação” (Tradução livre).

**246** Gross ([1976](#), p.78).

**247** Em matéria de Phil Wright, de julho de 2017, o mesmo jornal, *East Oregonian*, discorre acerca das consequências ulteriores ao evento, a demonstrar o impacto da experiência de Arnold na psicologia social estadunidense:

- *The sighting.* **East Oregonian.** Oregon: 16 jun. [2017](#).

Quando passou a ser conhecido em todos os EUA, passando a ser testemunha especial que afirmava ter avistado tecnologias aéreas desconhecidas, Arnold afirmava a necessidade de seu relato ser recebido por militares, pois acreditava serem os objetos um assunto de segurança nacional. Estava convencido de serem equipamentos secretos, algum tipo de vetor radical, logo, um assunto de governo. Nas diversas vezes em que foi abordado por jornalistas, expressa seu desapontamento por não ver os militares interessados em seu relato. Para ele, as coisas já haviam desandado, abrindo espaço para todo tipo de maquinação e temores desnecessários, nublavam a seriedade que devia ser dirigida ao evento. Como dito, era interesse de Arnold que sua história fosse levada a sério por militares, pois suas conclusões o levavam a crer que vira sofisticadas máquinas voadoras.

Ou seja, para Arnold o assunto era de inteligência militar, não havendo espaço para um debate científico, tampouco jornalístico, mas sim militar. Arnold reuniu relatos de outros pilotos experientes, que viram objetos semelhantes no mesmo dia e região, assim como veteranos da Segunda Guerra Mundial, que afirmavam que em suas missões eram avisados de que poderiam encontrar coisas incompreensíveis nos céus. Havia um protocolo, mesmo que oficioso, que antecipava a possibilidade de situações desconcertantes, ainda que de pequena monta comparada à tensão presente nas missões de bombardeio, caça e transporte, sujeitas a intenso fogo antiaéreo.

Nesse caso, podemos tecer uma situação semelhante ao que ocorrera poucos anos antes com os *Foo Fighters*, momento em que pilotos encontravam os estranhos objetos relatados no capítulo anterior, sem encontrar explicações plausíveis, tampouco com seus comandantes, na suspeita recorrente de teste de tecnologia inimiga. A diferença é que agora poderiam também ser projetos secretos nativos, sendo que os únicos inimigos ora plausíveis eram os soviéticos, que estudavam freneticamente a tecnologia alemã capturada, assim como os EUA.

Fato importante a ser destacado é que a hipótese extraterrestre ainda não era tão explorada pela imprensa. Estávamos no nascimento dos “discos voadores”, e os significados culturais que a eles se cristalizaram somente vieram a ocorrer depois do incidente de Arnold, ainda que de forma bastante veloz. Nesse quesito, afirma Gross que Arnold, logo após ficar conhecido por todos os EUA, recebeu ligação de um pastor texano que dizia serem os objetos um anúncio dos “fins dos tempos”. Num café em Pendleton, Arnold foi surpreendido por uma mulher que apontava para ele afirmando “ali está o



homem que viu o homem de Marte”, saindo do ambiente às pressas, soluçando que “devia fazer alguma coisa pelas crianças”.<sup>248</sup>

Por conseguinte, ao invés de simples relato de atividade aérea suspeita que poderia desencadear um alarme na inteligência militar e novas diligências, a natureza das observações de Arnold foram constantemente rediscutidas, sendo ainda hoje alvo de investigação, a exemplo da extensa e tecnicamente detalhada pesquisa de Shough, de 2010.<sup>249</sup> Na época, a exploração midiática deu o tom e a seriedade que Arnold gostaria de receber dos militares e o jornal *Santa Maria Times*, do estado da Califórnia, publicou no dia 3 de julho de 1947 uma primeira nota de um porta-voz da Usaf, a tecer considerações sobre o incidente: “*If some foreign power is sending flying discs over the United States, it is our responsibility to know about it and take proper action.*”<sup>250</sup>

Com o impulso midiático de amplas proporções, ocorrido poucos dias após o avistamento, agentes do FBI inquiriram Arnold, mas a visita dos oficiais não foi bem como esperava. Suspeitavam que ele poderia ser um agente soviético, a espalhar o caos e o pânico nos EUA com notícias de “discos voadores”, semelhante ao que ocorrera em 1938, no suposto pânico da radiotransmissão da Guerra dos Mundos. Obviamente, tal suspeita teria de ser descartada em investigação para que novas hipóteses pudessem seguir em curso. Esse foi mais um dos efeitos negativos da grande publicidade do caso. Como aponta Jacobs, Arnold teria dito que “*If I saw a ten story building flying through the air I would never say a word about it.*”<sup>251</sup>.

Corroborando a suspeita de agitação comunista, Lagrange cita documentos acerca de debates em círculos militares sobre as possíveis hipóteses explicativas ao evento, em que a crescente agitação pública estaria sendo encabeçada por agentes comunistas, na construção de um clima de histeria coletiva já em andamento, haja vista a enorme quantidade de pessoas que relatavam observações de discos voadores em todo o país. Vistas como vítimas de sugestionamentos de guerra psicológica, tais pessoas seriam os

---

<sup>248</sup> *Idem.*, p.79.

<sup>249</sup> Consideramos o artigo compilador de Shough como o mais completo estudo sobre o incidente, ao expor em debate as principais teses que tentaram solucionar o mistério, além das lacunas que ficaram em aberto, dispondo de ampla revisão de literatura e dados técnicos.

- SHOUGH, Martin. **The Singular Adventure of Mr. Kenneth Arnold**. Edição privada do autor. [2010](#).

<sup>250</sup> “Se alguma potência estrangeira está enviando discos voadores sobre os Estados Unidos, é nossa responsabilidade saber disso e tomar as medidas apropriadas.” (Tradução livre). Gross (1976, p.82).

<sup>251</sup> “Se eu visse um prédio de dez andares voando pelo ar eu nunca diria uma palavra sobre isso.” (Tradução livre).

- JACOBS, David Michael. **The Controversy Over Unidentified Flying Objects in America: 1896 - 1973**. 1973. 378 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Wisconsin, [1973](#), p. 50.

vetores iniciais que poderiam catalisar um medo coletivo sobre prováveis armamentos soviéticos que já estariam presentes nos EUA, e que o governo não queria admitir.<sup>252</sup> Logo, o patriotismo de Arnold, ao relatar seu estranho incidente, trouxe a suspeita de ser um agente soviético infiltrado, dado não somente pelos crescentes rumores de avistamento de discos voadores, mas também pelos constantes pedidos de respostas do público às instituições governamentais.

Após testes de comprovação psicológica, bem como de seu histórico social, que afirmaram sua idoneidade patriótica, rapidamente militares e cientista contratados passaram a investigar os aspectos técnicos de seu relato. Sugeriram que ele poderia ter tido uma miragem, fruto de reflexos de luzes na neve do Monte Rainier distorcidas pelo vidro da aeronave. Além disso, como aponta Shough, em momentos posteriores ao evento levantaram hipóteses de Arnold ter confundido gansos selvagens voando em formação, e biólogos de renome teceram suas explicações.<sup>253</sup>

Tomando seu relato em detalhes, outros homens de ciência sugeriram que ele poderia ter errado a estimativa de distância entre sua aeronave e os objetos observados. A ideia era de que os objetos estariam mais próximos de sua aeronave, e, portanto, suas velocidades seriam bem menores do que imaginava. Logo, a real velocidade dos objetos se assemelharia à de aviões convencionais. Essa hipótese levava a crer que Arnold teria não identificado aeronaves convencionais. Tal linha de raciocínio foi levantada pela investigação oficial levada a cabo pelo *Project Sign* (Projeto Sinal), de 1948, que veio a ser o primeiro programa governamental de pesquisa sobre discos voadores dos EUA. Nele, vários casos foram revisados, incluindo o de Arnold.

Hoje sabemos que, na época, os EUA testavam em segredo novos projetos aeronáuticos baseados naqueles capturados dos alemães na Segunda Guerra Mundial, de design asa-voadora, em que toda a aeronave é modelada em forma de uma asa triangular, assim como outros projetos de design discoide, como o Vough XF5U1. Havia também projetos outros nativos de design asa-voadora, à exemplo da Northrop YB-49, já conhecido pelo público em matérias de revistas antes de seu lançamento oficial, ocorrido no mesmo ano do avistamento de Arnold, em 1947. A ideia é que tais projetos, ou mesmo variantes desse mesmo tipo de aeronaves, poderiam estar em fase de testes, de forma

---

<sup>252</sup> Lagrange (1990, p.295-6).

<sup>253</sup> SHOUGH, Martin. **The Singular Adventure of Mr. Kenneth Arnold**. Edição privada do autor, 2010.

secreta, a que os militares envolvidos na investigação de Arnold não teriam acesso devido à sua alta classificação de confidencialidade, como aponta documento classificado liberado em 1985, citado por Lagrange em sua pesquisa.<sup>254</sup>

No documento citado por Lagrange, datado de dezembro de 1948, ou seja, um ano e meio após o relato de Arnold e da primeira grande onda de avistamento que se seguiu, militares da Usaf discorrem sobre a possibilidade de os soviéticos estarem a testar novos vetores aéreos, desenvolvidos primariamente por cima de projetos alemães capturados, quiçá movidos por um tipo de propulsão nuclear, o que explicaria a grande velocidade a eles atribuída. Tais objetos estariam em visita aos céus dos EUA com o fito de enfraquecer a imagem do país como liderança no campo tecnológico, especialmente no domínio das técnicas de destruição em massa. Poderiam estar também em voos de reconhecimento, assim como efetuando manobras para testarem a capacidade de defesa aérea dos EUA.

Todas essas hipóteses foram detalhadas e inquiridas por Shough em artigo. O autor incluí ainda novos testemunhos relativos ao evento de Arnold, praticamente ignorados pela maior parte das pesquisas, que afirmam, em relatos divulgados por jornais da época, terem visto objetos semelhantes aos descritos pelo piloto, só que em terra, ainda que na mesma região, dia e horário próximos. Nesses relatos, pessoas que moravam e trabalhavam nas proximidades do Monte Rainier descrevem objetos ovais que se deslocavam em alta velocidade e emitiam zumbidos intensos, evidências essas que, se consideradas factíveis, obviamente invalidariam parte das hipóteses aqui apresentadas, sugerindo, nesse caso, um autêntico “caso de óvni”: incompreensível.

Outro fato deve ser considerado. Ao longo de sua vida, Arnold atribui diferentes formatos aos objetos. Shough sugere que o que pode ter contribuído para isso foi a grande pressão a que o aviador esteve sujeito, pois passou a ser alvo não somente de inquérito governamental, mas também de chacota pública. Como afirma Jacobs, citando um investigador da Usaf, Arnold era “*pratically a moron in the eyes of the majority of the population of the United States*”.<sup>255</sup> Tal pressão, afirma Shough, o fez mudar seus relatos gradativamente, distanciando o formato original atribuído aos objetos, nesse caso, de

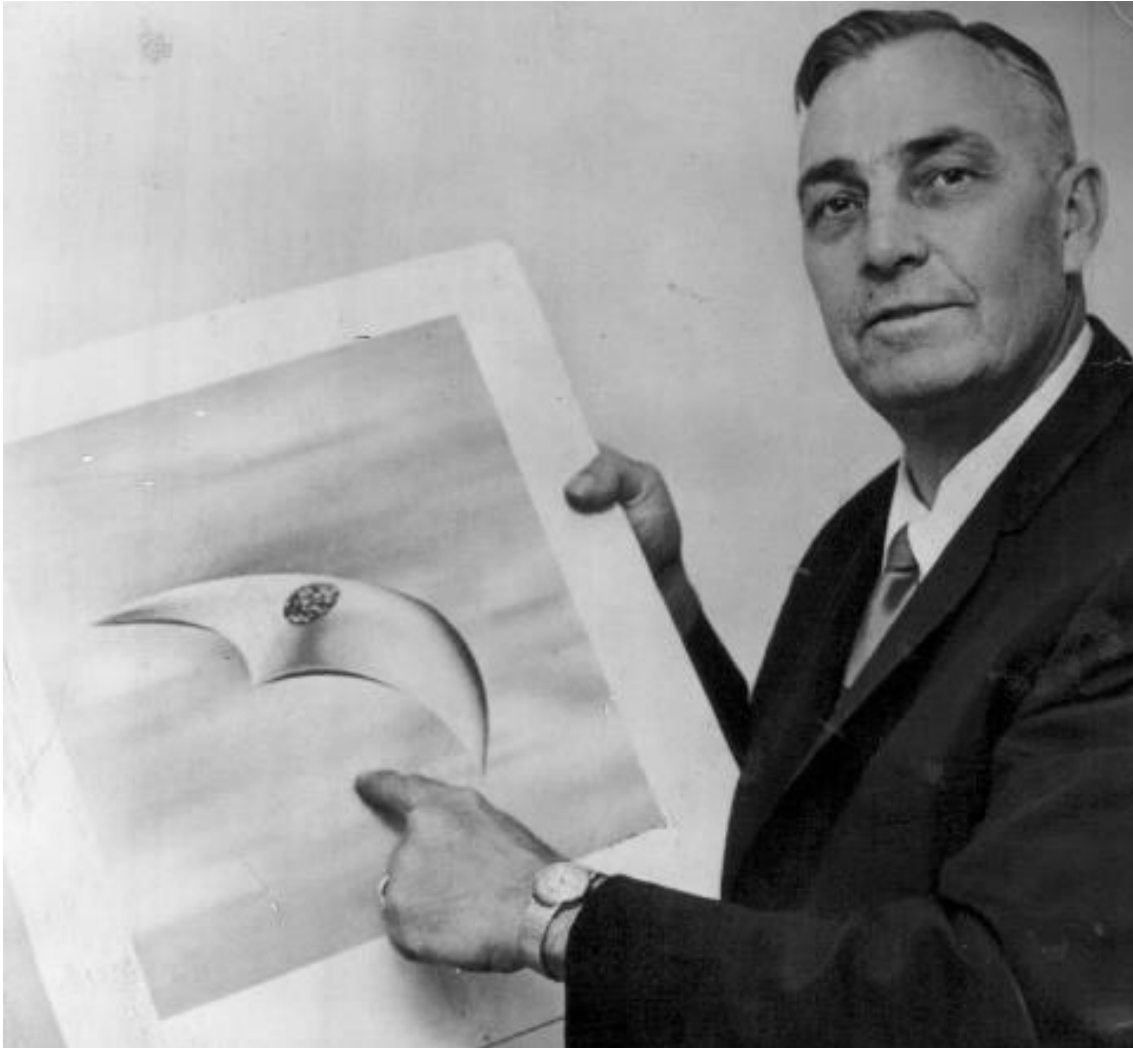
---

<sup>254</sup> Lagrange (1990, p. 304).

<sup>255</sup> “Praticamente um idiota aos olhos da maioria da população dos Estados Unidos” (Tradução livre). Jacobs (1973, p. 50).

forma ovalada e discoide e em conformidade com os das demais testemunhas locais, para o formato de lua crescente, mais semelhante ao de aeronaves de design asa-voadora.

**Figura 14** – Retrato falado de um dos objetos observados em 1947. A fotografia é de 1966, quase vinte anos após o ocorrido

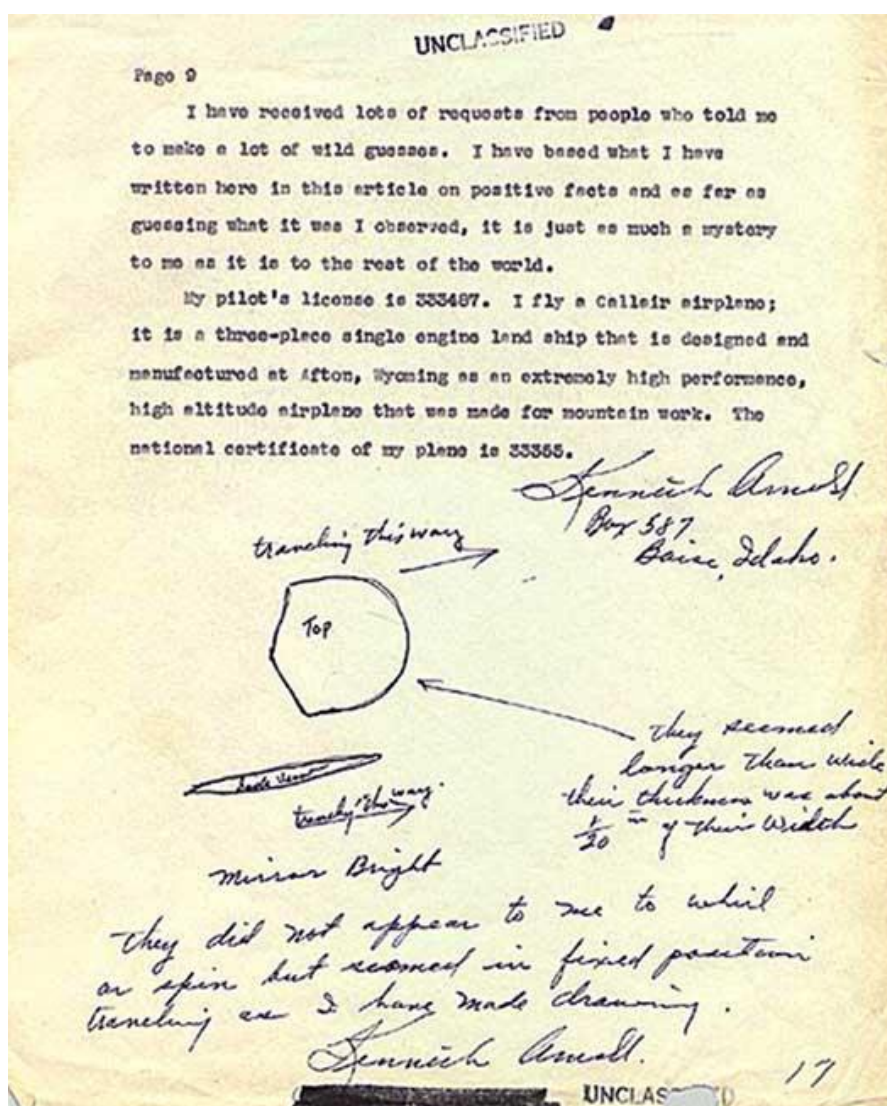


**Fonte:** Associated Press (1966).<sup>256</sup>

---

<sup>256</sup> A foto de Arnold foi retirada do periódico *Yakima Herald*, em matéria comemorativa aos eventos que trouxeram grande destaque à região: [www.yakimaherald.com/lifestyle/seen-a-ufo-weird-ales-of-the-yakima-valley-and/article\\_c60cec86-1096-11e9-b506-fbb05708dfb7.html](http://www.yakimaherald.com/lifestyle/seen-a-ufo-weird-ales-of-the-yakima-valley-and/article_c60cec86-1096-11e9-b506-fbb05708dfb7.html). Acesso em 25 out. 2022.

**Figura 15** – Desenho inicial presente no relatório de Arnold enviado para a *Army Air Force Wright-Field*, datado de 12 de julho de 1947. A descrição inicial aponta objetos planos, mas não muito circulares, e que todos tinham a mesma forma, de asa plana, fina e aproximadamente discoidal



Fonte: Shough (2010, p.132).

Sobre essa mudança para o formato de lua crescente, Shough disserta acerca das variações de formato atribuídas por Arnold e as consequentes comparações com projetos de aeronaves que estavam em fases de testes na época de sua aparição, tanto de design asa voadora como discoide, publicadas em revistas, jornais, livros e, mais recentemente, sítios na internet.<sup>257</sup> Muitas dessas publicações contavam com novas entrevistas de

<sup>257</sup> Shough (2010, p. 132-147).

Arnold, que, antes de falecer em 1986, publicou dois livros “*The Real Flying Saucers*” e “*The Coming of the Saucers*”, ambos de 1952.

A cronologia de Shough aponta também artigos que discorrem acerca dos jogos imagéticos e semânticos envolvidos nas descrições iniciais de Arnold, especialmente por acadêmicos céticos, e a conseqüente confusão midiática acerca dos formatos atribuídos a esses novos objetos, os *flying saucers*. A contar com tais peculiaridades, a experiência de Arnold passou a servir como protótipo de várias outras que se seguiram, o que encorajou outras pessoas a narrarem suas histórias sobre coisas estranhas vistas no céu. Para termos uma ideia da grande movimentação que se sucedeu, nos incontáveis relatos publicados por jornais, Jacobs, citando a pesquisa de Ted Bloecher, aponta uma estimativa de 850 relatos somente no ano de 1947, tendo o pico da onda ocorrido logo após o relato de Arnold, em julho e meses posteriores.<sup>258</sup>

Ainda segundo Jacobs, a imprensa da época tratou inicialmente o fenômeno de forma precisa e imparcial, mas como várias histórias se mostravam fantásticas demais e algumas foram logo consideradas como falsas, o tom transitou para a ridicularização. Questionamentos sobre a veracidade de tais relatos passaram a ganhar espaço, já que careciam de evidências materiais que os sustentassem (raros eram acompanhados de fotos, e mais raros ainda aqueles que deixam rastros físicos). Logo, o tom de neutralidade jornalística fora substituído para o da ridicularização, o que provocou uma reação negativa para com as testemunhas, incluindo aí o próprio Arnold, como vimos.

Como corolário, rapidamente o tema em si foi explorado de várias formas jocosas, ao entrar para o imaginário coletivo como um ente a mais no repertório daquilo que poderia ser usado para práticas lúdicas. Jacobs cita alguns exemplos: pilotos alegando discos voadores em forma de ioiô para impressionar colegas em terra; pessoas que construía objetos em forma de disco e os deixavam no quintal de vizinhos para que esses “descobrissem” discos voadores caídos; jornais do interior ofereciam recompensa para quem provasse a existência dos discos, o que fez com que muitas pessoas forjassem evidências e boatos para tentarem ganhar a recompensa; publicitários utilizavam os discos em suas campanhas. Ou seja, os discos voadores passaram a ser um novo símbolo a expressar o ridículo, o humor, a jocosidade, a curiosidade, o fantástico, o bizarro etc.<sup>259</sup>

---

<sup>258</sup> Jacobs (1973, p.49).

<sup>259</sup> *Idem.*, p.50.

Neste caso, interessa-nos saber que os discos voadores, essa nova entidade moderna que teve seu impulso inicial com o incidente de Arnold, especialmente devido à sua grande propagação, reuniu experiências similares numa nova categoria, geralmente associada a algum sofisticado equipamento aeronáutico ou até mesmo algo estranho e de outros mundos. Esse foi início da era moderna dos discos voadores, em que especulações de variadas naturezas entram em campo como tentativa de explicação de coisas estranhas vistas no céu, muitas vezes falhas.

E é justamente essa impossibilidade de explicar o fenômeno em algum parâmetro natural já conhecido, seja em relação a alguma tecnologia aeronáutica ou a um fenômeno atmosférico raro, ou mesmo a uma deficiência psicológica do observador, que gera um legítimo caso de óvni: quando, no final, todas as possibilidades de identificação falham e restam apenas rastros, vestígios e evidências imprecisas de algo presente, mas desconhecido. Junto a isso, em reação à onda de relatos que se sucedeu em 1947, foi criado o primeiro programa de investigação estatal, de parceria científico-militar, no caso, o Projeto Sinal (*Project Sign*), de 1948, que incluía astrônomos de renome, que mais tarde viriam a se tornar grandes nomes da pesquisa científica sobre óvnis, como Joseph Allen Hynek, professor universitário e diretor de observatório astronômico.

O projeto, que objetivou coletar, avaliar e distribuir para agências governamentais informações relativas a fenômenos na atmosfera que se relacionassem a questões de segurança nacional, foi criado em 22 de janeiro de 1948, instalado na base aérea de Wright Patterson, Dayton, Ohio, centro de estudos de tecnologias estrangeiras, e era, no fundo, uma tentativa de solucionar o mistério dos discos voadores. Hynek foi responsável por avaliar o caso Arnold, tecendo a hipótese de que o avião teria confundido a distância dos objetos observados, estando estes bem mais próximos de sua aeronave, logo a velocidade dos mesmos seria bem menor da alegada, aproximando-se de aeronaves convencionais. Ainda assim o caso foi encerrado como “desconhecido”.

As reportagens com o relato de Arnold ganharam proporções inimagináveis, e ele ainda publicou trabalhos sintetizando sua experiência, como os livros supracitados. Nos EUA, os jornais passaram a noticiar, quase que diariamente, novos relatos de observações em todo o país, consolidando os *flying saucers* como nova entidade do imaginário popular americano e mundial. Sendo o relato de Arnold a peça propulsora desse movimento, a região e os jornais locais, berço dos discos voadores, ganharam novo destaque nacional,

por vezes publicando matérias comemorativas do evento, como as citadas nesta sessão, no caso, as matérias do *East Oregonian* e do *Yakima Herald*.

Por fim, todo o imaginário associado a visitas extraterrestres, invasões marcianas e viagens espaciais foi rapidamente enriquecido pelos constantes relatos de discos voadores, ao mesmo tempo que tais objetos incorporaram a carga interpretativa já existente na ficção científica. Tal fato viria a nublar, inclusive, as primeiras teses relativas a engenhos militares secretos, que tentavam solucionar fenômenos aéreos não identificados antes do surgimento do disco voador como entidade cultural moderna, a exemplo dos *foo fighters*. No Brasil não foi diferente. A partir de 1947, jornais, revistas e rádios transmitiam constantemente relatos variados sobre misteriosos discos voadores, associados a enganos de qualquer tipo (meteorológicos, óticos e psicológicos), armamentos secretos dos EUA ou da URSS, ou a visitas de extraterrestres marcianos, como iremos ver no subcapítulo que revisitará o incidente da ilha de Trindade, de 1957.

No entanto, antes de prosseguirmos para a análise do contexto brasileiro, é importante nos dedicarmos a um outro evento ocorrido nos EUA, também de 1947, e que desencadeou interpretações e polêmicas de proporções inesgotáveis, já que esteve vinculado, desde sua origem, a relatos militares e envolvia, ao menos inicialmente, a queda e captura de discos voadores. Nesse caso, o seguinte subcapítulo se dedicará a uma análise do caso de Roswell, no Novo México.

#### **4.4 O incidente Roswell**

Quiçá o evento mais comentado mundialmente sobre óvnis, a relevância do caso Roswell decorre não somente dos discursos oficiais e militares a ele dirigidos, mas especialmente também por ocorrer após poucas semanas do incidente de Kenneth Arnold, discutido na sessão anterior. À época, o caso não obtivera a relevância atual. Ao contrário, mesmo tendo causado notável furor, com a notícia oficial da captura de um disco voador, imediatamente fora soterrado e esquecido. Nesse caso, sua relevância se deve às pesquisas que o retomaram décadas mais tarde.

Ainda assim, devemos ter em mente que o incidente Roswell esteve ao lado do incidente de Kenneth Arnold, num mesmo contínuo de acontecimentos, momento em que



os EUA viviam sua primeira grande onda de avistamento de discos voadores, quando numerosos relatos eram propagados pela imprensa da época, e o imaginário, hoje já estabelecido, sobre tais objetos, estava a definir seus aspectos centrais. O caso Roswell viria a alargar as fronteiras daquilo que poderia ser atribuído ao fenômeno, justamente no tocante das ações militares, já que esteve envolvido, ao menos inicialmente, com a captura de um disco caído, como relatado num comunicado oficial da Usaf, transmitido via rádio e retransmitido por jornais locais no dia 8 de julho de 1947, como podemos ver a seguir:

**Figura 16 – Capa do jornal *Roswell Daily Record* do dia 8 de julho de 1947 – “RAAF Captures Flying Saucer On Ranch in Roswell Region”**<sup>260</sup>



Fonte: Roswell Daily Record (1947).

260 Raff (Roswell Army Air Field). “Campo Aéreo do Exército do Exército de Roswell captura um disco voador em rancho da região de Roswell.” (Tradução livre).  
 - RAAF Captures Flying Saucer On Ranch in Roswell Region. *Roswell Daily Record*. New Mexico, 8 jul. 1947.

Outra matéria, agora publicada pelo jornal *The Sacramento Bee*, do estado da Califórnia, no mesmo 8 de julho de 1947, destaca maiores detalhes da captura: <sup>261</sup>

ROSWELL (N.M). 8 de julho. A força aérea do Exército anunciou hoje que um disco voador foi encontrado em um rancho perto de Roswell e está na posse do exército. O tenente Warran Haught, oficial de informações públicas do Campo Aéreo do Exército de Roswell, anunciou que a descoberta foi realizada "na semana passada" e foi entregue ao campo aéreo através da cooperação do escritório do xerife.

"Foi inspecionado no Campo Aéreo do Exército de Roswell e posteriormente concedido pelo Major Jesse A. Marcell do escritório de inteligência do 409º Grupo de Bombardeio em Roswell para o quartel general."

O exército não deu outros detalhes.

Declaração de Haught:

“Os numerosos rumores sobre os discos voadores se tornaram realidade ontem, quando o escritório de inteligência do 509º Grupo de Bombardeio da Oitava Força Aérea, Campo Aéreo do Exército de Roswell, teve a sorte de se apossar de um disco através da cooperação de um dos fazendeiros locais e o gabinete do xerife do condado de Chaves.”

O objeto voador pousou em um rancho perto de Roswell na semana passada. Não tendo instalações telefônicas, o fazendeiro armazenou o disco até o momento em que conseguiu entrar em contato com o escritório do xerife, que por sua vez notificou o major Jesse A. Marcel, do 509º Escritório de Inteligência do Grupo de Bombardeio.

Inspecionado em Roswell

A ação foi imediatamente tomada e o disco foi recolhido na casa do rancheiro. Foi inspecionado no Campo Aéreo do Exército de Roswell e subsequentemente cedido pelo major Marcel ao quartel-general superior. O nome do rancheiro e a localização de sua propriedade foram resguardados. George Walsh, da estação Índio KSWs que forneceu a primeira notícia do anúncio, disse que apenas o major Marcell, o coronel W. H. Blanchard, comandante oficial em Roswell, e o fazendeiro tinham visto o objeto. O xerife Walsh relatou que quando recebeu a notícia do rancheiro foi imediatamente ao oficial da inteligência no campo de Roswell. (Tradução livre).

De forma impactante, não mais que duas semanas após o relato de Arnold e a sucessiva onda de avistamentos que acometia os EUA, um informe oficial afirmava que

---

<sup>261</sup> Army Reveals It Has Flying Disc Found On Ranch In New Mexico. **The Sacramento Bee**. Roswell, New Mexico: 8 jun. [1947](#).

o exército dos EUA, por meio de seus agentes lotados no Campo Aéreo do Exército de Roswell, Novo México, tomara posse dos destroços de um disco voador.

A área militar de Roswell não era uma região isolada e erma, perdida em meio ao deserto, tampouco abrigava instalações estrategicamente pouco relevantes. Ao contrário, seu interior guardava bases com os únicos, até então, bombardeiros armados com bombas nucleares, operados por oficiais de elite.<sup>262</sup> Por motivos óbvios, sua importância era crítica, e a região havia sido escolhida especialmente por este propósito, abrigando, já durante a Segunda Grande Guerra, instalações e os campos de testes do projeto Manhattan, pioneiro no desenvolvimento de armamento nuclear. Foi no deserto do Novo México, apenas dois anos antes do incidente em Roswell, que a primeira bomba atômica foi detonada com sucesso, em 16 de julho de 1945.

No entanto, poucas horas após o informe da captura, autoridades militares superiores emitiram nova notícia, afirmando que os militares em questão se enganaram e teriam encontrado, em realidade, restos de balões meteorológicos, e tudo não passava de mera confusão. Ou seja, no mesmo dia em que a fantástica notícia de que os EUA detinham agora destroços de um disco voador ganhava as manchetes dos jornais, de tarde, o gen. brig. Roger Ramey, comandante da Base Aérea de Fort Worth, Texas, quartel general da 8ª Força Aérea,<sup>263</sup> anuncia a jornalistas que, após examinar os destroços, determinou que eram remanescentes de balões meteorológicos.

Proeminente militar comandante de operações especiais da Força Aérea do Exército dos EUA (antiga Usaf – *United States Air Force*), o gen. brig. Ramey é citado pela imprensa brasileira em diversas reportagens entre o final da Segunda Grande Guerra, ao assumir a chefia do 20º Comando de Bombardeio no teatro de operações do Pacífico,<sup>264</sup> assim como nos anos iniciais do pós-guerra, especialmente como chefe da divisão aérea das operações de ensaio de bombas atômicas no Atol de Bikini, em 1946, nas Ilhas Marshall,<sup>265</sup> numa operação conjunta do Exército e da Marinha dos EUA, em que era

---

<sup>262</sup> The Cometa Report (1999, p.77).

<sup>263</sup> Informações presentes no sítio oficial da Usaf, em página com biografia de Ramey (2022).

<sup>264</sup> Em ordem cronológica:

- *Completamente limpa de japoneses a estrada da Birmânia*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 23 jan. 1945.

- *Desaparecido o general Ramey*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 4 abri. 1945.

<sup>265</sup> Em ordem cronológica:

- *Notas e Notícias*. **Correio do Povo**. Santa Catarina: 4 abr. 1946.

- *Última Prova Com a Bomba Atômica na História do Mundo*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 20 jul. 1946.

- *Bikini*. **A Noite: Suplemento: Secção de Rotogravura**. Rio de Janeiro: 23 jul. 1946.

comandante da Força Tarefa 1.5 (*Task Force 1.5*), representando a Força Aérea. Ramey, também citado em outras matérias, agora de 1949, ainda como comandante da 8ª Força Aérea, que abrigava a aeronave do primeiro voo em volta do globo terrestre sem escalas, um bombardeiro B-50, abastecido no ar em diversos pontos do planeta. Tal operação foi um vivo gesto de demonstração bélica dos EUA, que dizia ao mundo poder agora bombardear, com armas nucleares, qualquer ponto do globo, num momento em que as bombas nucleares ainda eram lançadas por meio de aeronaves.<sup>266</sup>

**Figura 17** – Com ar de embarço, o gen. brig. Ramey e outro oficial posam para jornalistas revelando o grande engano cometido em Roswell, que chegaram a confundir restos de um balão meteorológico com um disco voador



**Fonte:** *The Sacramento Bee* ([2017](#)).

À época, a nova notícia do engano encerrou o caso, que permaneceu arquivado durante décadas, não sendo alvo, inclusive, das numerosas investigações estatais que se sucederam até 1969. Em situação semelhante a outros países, vários periódicos brasileiros relataram o engano, na maior parte das vezes em matéria de capa.<sup>267</sup> A grande notícia

---

- Na data fixada a experiência da bomba atômica. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro: 30 jun. [1946](#).

**266** Volta ao mundo sem escalas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 3 mar. [1949](#).

**267** Em ordem cronológica:

oficial que iria trazer respostas aos misteriosos discos voadores acabou sendo rapidamente retratada pela constatação do engano, também em nota oficial, tendo o caso sido esquecido por quase trinta anos.

A corroborar com a ideia do abandono do caso, a pioneira tese do historiador estadunidense David Jacobs, *The UFO Controversy in America*, publicada em 1973, que revisita numerosos casos da onda de 1947, como o de Kenneth Arnold, nenhuma referência faz ao evento em Roswell, do mesmo período.<sup>268</sup> Podemos somar a isso o trabalho compilador e estatístico de Ted Bloecher, *Report on the UFO Wave of 1947*,<sup>269</sup> publicado em 1967, em que o incidente em Roswell é retratado apenas como um grande engano que, devido à publicidade inicial potencializada pela imprensa, desencadeou uma grande onda de outros casos semelhantes de óvnis supostamente espantados no país.

Prefaciado pelo físico e astrônomo James F. McDonald, na época professor do Instituto de Física Atmosférica da Universidade do Arizona, o livro de Bloecher é um raro estudo estatístico acerca da primeira grande onda de avistamento de óvnis ocorrida nos EUA em 1947, em que um maciço grupo de fontes primárias são operadas em gráficos, mapas, desenhos, fotos, tabelas e referências documentais. O prefácio do prof. McDonald confere ainda uma raridade maior ao documento, ao expor as credenciais e os estudos técnicos de um renomado físico, momento em que o tema ainda era tratado com bastante reticência pela comunidade acadêmica.

O estudo, que soma 190 páginas dedicadas a analisar mais de 850 casos, concedeu ao caso Roswell não mais que duas páginas, num capítulo sobre “enganos e embustes”, ao destacar mais os efeitos publicitários das manchetes sobre a “captura de discos voadores”, como propulsoras de novos engodos, do que a própria possibilidade de que no evento poderia estar a ocorrer algum tipo de acobertamento governamental.<sup>270</sup> Tais exemplos demonstram que, antes de ser reaberto, o incidente em Roswell reteve uma atenção mínima dos estudiosos e pesquisadores de objetos aéreos não identificados, não

---

- *Verdadeira Chuva de Discos Voadores. A Noite*. Rio de Janeiro, 9 jul. de [1947](#).

- *Continua em mistério os supostos “Discos Voadores”*. **Correio Paulistano**. São Paulo, 10 jul. [1947](#).

- *Em poder do Exército os “Discos Voadores”*. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, 10 jul. [1947](#).

- *Misteriosos “discos” voam sobre os EE.UU.* **Jornal do Comércio**. Amazonas, 10 jul. [1947](#).

- *O caso misterioso dos discos voadores. O Acre*. Acre, 20 jul. [1947](#).

**268** Em pesquisa inicial no banco de artigos da *JSTOR* e no Google Acadêmico, as primeiras publicações sobre o incidente são da década de 1990.

**269** BLOECHER, Ted. **Report on the UFO Wave of 1947**. NICAP, [2005](#).

**270** GILDENBERG também aponta para essa discrepância.

- GILDENBERG, B. D. A Roswell requiem. **Skeptic**, Altadena, Califórnia, vol.10, nº.1, [2003](#).

só em face da fragilidade das fontes primárias existentes até então (ou seja, a narrativa oficial), mas também pela grande quantidade de outros casos, muitos deles portadores de uma maior confiabilidade evidencial.

Nestes anos iniciais do final da Segunda Grande Guerra, toda a imprensa, cinema e rádio estavam sujeitos aos objetivos da guerra, atuando sob censura e como instrumento de operações psicológicas nativas. Logo, como a sociedade estadunidense vivia num espírito de nação vencedora que não saiu exaurida da guerra como as outras nações aliadas, que tiveram intensos combates em seus territórios, e que, assim como as derrotadas, sofreram gigantescas convulsões sociais, havia maior confiabilidade na narrativa oficial.

Tal situação corrobora com a facilidade de aceitação da narrativa do “engano oficial” acerca do incidente em Roswell. Nesse momento, os EUA viviam sob um otimismo único, de nação líder do “mundo livre”, situando-se como a grande potência tecnológica, especialmente quando detinha ainda o monopólio do poderio nuclear. Sua proeminência era crescente em todo o globo, especialmente na Europa, momento em que seu principal concorrente e adversário geopolítico, a URSS, ainda tinha de lidar com as tremendas perdas da guerra e do visível atraso tecnológico, apesar de ocupar grande porção do território europeu.

No entanto, no final da década de 1970, o caso Roswell foi novamente aberto com o depoimento de parte dos oficiais envolvidos na captura inicial, agora aposentados, especialmente de Jesse Marcel, além de outras testemunhas do caso. As intrigas, as contradições entre testemunhos e outras revelações fantásticas, como a captura de corpos alienígenas, incluindo aí também novas informações oficiais sobre o caso, além dos embustes a ele atribuídos, fizeram do incidente em Roswell um dos mais conhecidos casos sobre objetos aéreos desconhecidos, a formatar uma nova lenda moderna.

O Relatório Cometa, por exemplo, aponta que, a partir do depoimento de Jesse Marcel, pesquisadores estadunidenses conduziram inúmeras investigações e coletaram depoimentos escritos e juramentados em cartório, assim como entrevistas em vídeo.<sup>271 272</sup>

---

<sup>271</sup> The Cometa Report (1999, p.77).

<sup>272</sup> Por sua vez, Dolan reconstrói uma cronologia acerca das principais testemunhas para além do major Marcel. O trabalho coletivo de Doleman, Carey e Schmitt, por outro lado, expõem uma detalhada e abrangente linha do tempo dos principais atores, testemunhas e eventos que compõem o incidente em Roswell.

- DOLAN, Richard M. **Ufos and The National Security State: chronology of a Cover-up**. Chasrlottesville: Hampton Roads Publishing, 2002.

Há uma ampla literatura especializada, com livros com grande sucesso de vendas, além de documentários, reportagens e um contínuo turismo local da cidade de Roswell. Tal literatura, que viera a se formar com o reavivamento do caso, trouxe novas hipóteses e testemunhos intrigantes, sendo que o primeiro livro que desencadeou o amplo processo editorial que se seguiu, movimentando pesquisadores de todos os EUA a revisitarem o caso, foi o *The Roswell Incident*, de Charles Berlitz e Willian L. Moore, de 1980, sucesso de vendas traduzido para vários idiomas<sup>273</sup>

Marcel, que havia recolhido os destroços e posado para jornalistas assumindo ter se enganado, resolve dar novo testemunho, narrando sua perspectiva da história, que também fora televisionada.<sup>274</sup> Ele não chega a afirmar ter encontrado os remanescentes de um disco voador caído, mas relata que o material recolhido era fruto de uma tecnologia bastante incomum. Havia destroços de vários tipos e qualidades, dentre as quais finíssimas placas de metal, que pareciam alumínio, mas que eram resistentes e não mudavam sua forma nem mesmo empregando maciços instrumentos de pancada.

Existiam também, na sua descrição, detalhes em fragmentos que se assemelhavam a algum tipo de hieróglifo. Em termos práticos, afirma que, como militar experiente e chefe da sessão de inteligência de sua base aérea, jamais não identificaria fragmentos de balões meteorológicos, com os quais estava acostumado a lidar. Tampouco conseguiria identificar no material recolhido alguma semelhança com componentes de aeronaves. Em seu relato, Marcel transparecia querer “sanar as contas” com o embaraço que seus superiores o obrigaram a se submeter, na tentativa de acobertarem informações do público, escolhendo-o como bode expiatório.

---

- DOLEMAN W. H; CAREY T. J.; SCHMITT D. R. **The Roswell Dig Diaries**. New York: Pocket Books, 2004.

**273** BERLITZ Charles; MOORE, Willian. **Incidente em Roswell**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

**274** A primeira aparição de Jesse Marcel em vídeo foi na série de ficção científica, de estilo investigativo e documental, *In Search of...* (1976-1982), no episódio *Ufo Coverups*, de 20 de setembro de 1980:

- *UFO Coverups*. Direção: Seth Hill. EUA: Alan Landsburg Productions, [1980](#).

**Figura 18** – Major Jesse Marcel posa para jornalistas em 1947.



**Fonte:** The Sun ([2017](#)).<sup>275</sup>

---

<sup>275</sup> The truth is out there. Roswell UFO conspiracy “could be SOLVED by deciphering details of secret memo” seen in the hands of general inspecting 1947 debris. **The Sun**. 25 mai. [2017](#).



**Figura 19** – Jesse Marcel, já na reserva, em documentário lançado em 1980.



**Fonte:** Seth Hill (1980).<sup>276</sup>

Como aponta Swords e Powell, o depoimento de Marcel, dado inicialmente ao físico nuclear Stanton Friedman,<sup>277</sup> criou uma cisma entre os pesquisadores na época, abrindo várias linhas de investigação conflitantes.<sup>278</sup> Novos relatos de pessoas que se envolveram no caso deram maior suporte para a narrativa de Marcel, assim como detalhes de colegas oficiais, informações essas que contribuíram para o estabelecimento de um volume gigantesco de evidências testemunhais, muitas vezes contraditórias, tampouco balizadas por algum tipo de documentação.<sup>279</sup>

Tal fato impossibilitou a construção de uma análise clara do evento, que viesse a compreender todos os seus elementos essenciais. Ainda assim, o escopo de tais informes sugeria que algo misterioso viera a explodir, deixando destroços largamente espalhados num rancho próximo à cidade de Roswell, escombros esses de natureza indefinida.

---

**276** *UFO Coverups*. Direção: Seth Hill. EUA: Alan Landsburg Productions, 1980.

**277** Este evento inicial é apontado por Doleman *et al* (2004, p.27), assim como em Dolan (2002, p.n.p.), que reconstrói a entrevista de Friedman de forma detalhada, tendo em vista seu papel em desencadear a reabertura do caso e a consequente meta-narrativa mitológica que viera a se estabelecer paulatinamente.

**278** Swords e Powell (2012, p. 45).

**279** Para mais informações ver Dolan (2002), Doleman *et al* (2004) assim como Cometa Report (1999).

Em paralelo, as movimentações militares iniciais que vieram em resposta demonstram que houve um esforço de despiste, que incluiu o oficial de inteligência Jesse Marcel em embarço forçado. Novamente, após o reavivamento do caso e das numerosas pesquisas e publicações que se seguiram, diferentes agências governamentais lançaram novos estudos e hipóteses explicativas, que viriam agora a cobrir as informações que ganhavam voz não somente em vários livros, muitas delas credenciadas por testemunhos juramentados, mas também em toda a mídia de massas, o que fez do incidente um fator de interesse público.

Em 1995, a Força Aérea dos EUA publicou um estudo intitulado *The Roswell Report: fact vs fiction in the New Mexico desert*, (O Relatório Roswell: fato vs ficção no deserto do Novo México).<sup>280</sup> Contendo aproximadamente 1.000 páginas, o estudo apresenta uma nova informação central, a de que os destroços de balões recolhidos não eram de convencionais balões meteorológicos, mas sim de um obscuro projeto de codinome Mogul. Sua finalidade era rastrear possíveis testes de armamento nuclear soviéticos, por meio de uma série de balões interconectados verticalmente e que carregavam, na alta atmosfera, sensíveis equipamentos de detecção e comunicação. Apesar do desenvolvimento de novas técnicas mais eficazes de rastreamento de explosões nucleares, o projeto foi abandonado. No entanto, essa era a explicação plausível do não reconhecimento da natureza dos destroços, por parte do major Jesse Marcel, assim como de seu superior imediato e comandante da base aérea em Roswell, coronel Blanchard, que teria autorizado a nota de captura dos destroços de um disco voador à imprensa.

Outra pesquisa governamental que merece destaque foi motivada por uma petição civil de organizações ufológicas, assinada e escrita por notórios pesquisadores da área, que com o apoio de congressistas conseguiram levar o projeto adiante. Publicado também em 1995, por meio do *General Accountability Office (GAO)*, o estudo baseou-se em documentos requisitados de diferentes instituições que poderiam estar relacionadas ao evento. A GAO, uma instituição legislativa de investigação de ações governamentais, foi responsável pela elaboração do estudo intitulado *Results of a Search for Records Concerning the 1947 Crash Near Roswell, New Mexico*,<sup>281</sup> de apenas vinte páginas.

---

**280** WEAVER, R. L.; MCANDREW, J. **The Roswell Report: Fact versus fiction in the New Mexico desert**. U. S. Government Printing Office, 1995.

**281** UNITED STATES, General Accounting Office. **Results of a search for records concerning the 1947 crash near Roswell, New Mexico**. U. S. General Accounting Office, [1995](#).

Suas conclusões mais relevantes afirmam que não houve acidentes aéreos no Novo México no mês de julho de 1947, e a Usaf não tinha a responsabilidade de relatar quedas de balões meteorológicos. Além disso, vários documentos do período em questão, relativos ao Campo Aéreo de Roswell, foram destruídos sem que se soubesse quais organizações os destruíram ou autorizaram sua destruição. Por fim, um teletipo do FBI afirmava que os militares de Roswell tinham relatado a captura de um objeto parecido com um balão meteorológico de alta altitude, com um refletor de radar. A forma de tal refletor era discoide e hexagonal, sendo suspenso por um balão, e que ele havia sido levado para a base Wright Field para mais exames. Essa última informação sugeriria que o dispositivo (refletor de radar), por ter formato discoide, poderia ter sido um dos motivos do engano com um disco voador.<sup>282</sup>

Por mais impactante e comprometedora essa última informação pudesse ser, ela trazia somente mais confusão para o caso, além de já ser de conhecimento dos pesquisadores na época, que tiveram acesso à sua documentação por outros meios e tinham sólidos motivos para suspeitarem que tal “pista” poderia ter sido plantada. No caso, o teletipo do FBI afirma que as atividades militares em Roswell, em 1947, faziam referências a objetos em forma de disco suspenso por balões a serem estudados na base de Wright Field, responsável por investigar tecnologias estrangeiras. Esta informação viera apenas comprovar, sem sombra de dúvidas, que em 1947 os militares mentiam, e tinham ciência de estar mentindo, que haviam capturado destroços de balões meteorológicos.

O último informe governamental veio em 1997, sob o título de *The Roswell Report: case closed*, empreendido pelo Quartel General da Usaf.<sup>283</sup> Nele, foram incorporadas novas informações que viriam a explicar os relatos de corpos alienígenas encontrados na área dos destroços. Nesse caso, a referência agora era a outros projetos militares que utilizavam bonecos antropomórficos para teste de paraquedas, que ao caírem no solo se espatifavam e poderiam ser confundidos com corpos alienígenas. No entanto, assumia o agravante de que o projeto somente entrou em serviço em 1950, três anos após o incidente, e que, para tanto, as testemunhas que relatavam a captura de homínídeos alienígenas teriam se confundido temporalmente, relevando o fato de que narravam eventos de três décadas passadas. Segundo Swords e Powell, o documento

---

<sup>282</sup> Swords e Powell (2012, p. 354-5).

<sup>283</sup> MCANDREW, J. **The Roswell Report: case closed**. Military Bookshop, [2011](#).

evitou entrevistar as testemunhas oculares que ainda estavam vivas ou qualquer outro tipo de informação que viesse a contradizer suas teses.<sup>284</sup>

De forma sintética, a narrativa oficial afirma que inicialmente foram recolhidos destroços de um disco voador, logo identificados como restos de um balão meteorológico. Depois, a narrativa foi transportada para um projeto secreto de sofisticados balões que sondavam possível atividade nuclear soviética, daí a dificuldade de identificação da equipe em terra e também a necessidade de acobertamento (projeto secreto). Depois, além do mais, foram incluídos dados que apontavam dispositivos em forma discoide fazendo parte dos balões-sonda. Por fim, bonecos antropomórficos caídos foram incorporados à narrativa, como possível explicação dos corpos alienígenas, tendo em vista também o engano temporal das testemunhas, que misturaram eventos desconexos no tempo e no espaço.

Essas informações oficiais demonstram que a reabertura do incidente em Roswell, em 1947, no momento da primeira grande onda de avistamento de óvnis nos EUA, devido ao crescente interesse público no caso, provocou perceptível desconforto em instituições militares e de segurança estadunidenses, pressionadas tanto por relatos de testemunhas oficiais e oculares credenciadas, agora na reserva, assim como de numerosos outros relatos civis que acompanharam não somente as movimentações que se sucederam no evento, mas também a grande onda de observações de 1947, ao associaram o evento em Roswell com outros que ocorriam na região.

Como uma bola de neve, as fantásticas informações que se acumulavam sobre Roswell, como as tecnologias desconhecidas, os corpos alienígenas, a gigantesca operação de acobertamento, o cerceamento de testemunhas etc., divulgadas por documentários, livros e reportagens, além da pressão de pesquisadores organizados junto ao poder legislativo, acabaram por fomentar uma reação por parte de agências governamentais que construíram novas narrativas sobre o caso.

Este impacto multimidiático que ressuscitou o caso e o manteve presente até os nossos dias, além das ações governamentais em resposta, foi capaz de provavelmente criar um dos eventos conhecidos, se não o mais, sobre óvnis na contemporaneidade. Ou seja, no mesmo ano e em poucos dias de intervalo do evento que inaugurou a era moderna dos discos voadores, surgiu também um dos casos mais pesquisados e conhecidos

---

<sup>284</sup> Swords e Powell (2012, p.355-7).

mundialmente, com a curiosidade de sua relevância ter sido recuperada três décadas depois, momento em que o oficial que havia recolhido os destroços do balão meteorológico e posado para as fotos estampando seu engano, afirma que, em verdade, recolhera algo incompreensível para seus parâmetros.<sup>285</sup>

Após o seu relato, as teses levantadas por diferentes autores civis e militares, a contar com novos depoimentos, de tão fantásticas, conflitantes e numerosas, conformaram o espírito do que viria a se formar na grande lenda do incidente em Roswell, em que o discurso oficial e suas evidentes contradições apenas reforçariam a dúvida e o ceticismo quanto à disposição do governo dos EUA em relatar a verdade.

Esse movimento tornou possível a elaboração de várias narrativas paralelas e conflitantes. Dentre as mais excêntricas podemos citar, por exemplo, a tese de Annie Jacobsen,<sup>286</sup> que mobiliza argumentos a favor de uma operação psicológica, a propor a ideia de que os destroços em Roswell eram provenientes de uma aeronave soviética, inspirada nos projetos alemães de asa voadora, com o agravante de estarem ocupadas com cobaias humanas, enviada aos EUA como forma de provocar um pânico semelhante ao relatado na radiodifusão da Guerra dos Mundos, de 1938. Nesse caso, os destroços de tecnologia avançada, juntamente com cobaias humanas previamente desfiguradas, forneceria os elementos necessários para a propagação de um pânico nos EUA, já que a população poderia associar tais destroços à uma invasão marciana.

Há também a tese do tenente coronel Philip J. Corso, que em 1997, já na reserva e em idade avançada, publicou o livro *The Day After Roswell*. Militar de carreira de largas credenciais, Corso afirma que em Roswell houve a captura dos destroços de um veículo alienígena, com alguns corpos de tripulantes. Em pesquisas da engenharia reversa das tecnologias presentes nessa aeronave, vários engenhos foram desenvolvidos: fibra óptica, transistor, equipamentos de visão noturna, microchips etc. O depoimento de Corso foi citado pelo ex-ministro da Defesa do Canadá, Paul T. Hellyer, pesquisador de óvnis, que afirma em documentário ter tido vários contatos com o alto escalão militar dos EUA, que

---

**285** Seu filho, o coronel Jesse Marcel Jr., conjuntamente com sua esposa, Linda Marcel, publicou livro testemunhal a respeito do evento.

- MARCEL, J.; MARCEL, L. **The Roswell Legacy**. Pompton Plains: The Career Press, 2009.

**286** JACOBSEN, Annie. **Area 51: An Uncensored History of America's Top Secret Military Base**. Back Bay Books, 2012.

confirmam, em geral, a tese de Corso,<sup>287</sup> o que sugere que tal tese tem certa circulação entre oficiais e políticos de carreira dos EUA e Canadá.

Outra tese transporta o evento em Roswell para uma obscura operação nazista malsucedida, em que o objeto espatifado no deserto do Novo México tinha origem em avançadas tecnologias do Reich que teriam sobrevivido à guerra, escondidas em bases subterrâneas. A tese do professor de teologia da California Graduated School of Theology,<sup>288</sup> presente no livro *Roswell and the Reich*,<sup>289</sup> faz eco à grande narrativa que liga parte da origem dos óvnis como provenientes de uma tecnologia alemã que sobrevivera à guerra, narrativa essa que compreende um campo relevante na esfera cultural presente nas interpretações que vieram em resposta ao fenômeno, a que várias linhas outras se interligam.

A ideia básica é que no final da Segunda Grande Guerra os alemães desenvolveram amplo leque de novas tecnologias radicais, que não puderam usar no conflito de forma efetiva, pois ainda eram incipientes e prototípicas, como os *foo fighters*, abordados no Capítulo III.<sup>290</sup> Nesse quadro, ocorrendo entre o final de 1946 e início de 1947, a Operação *High Jump*,<sup>291</sup> empreendida pelos EUA e que somava significativo efetivo militar em exploração do continente antártico, diferentemente de seus propósitos

---

**287** *The Hidden Hand: Alien contact and the Government Cover-Up*. Direção: James Carman. EUA: Gravitas Ventures, 2013.

**288** As credenciais de Farrel podem ser acessadas pelo sítio oficial da universidade, (2022).

**289** Apesar da excentricidade desta tese, Farrel expõe uma pesquisa bastante detalhada e abrangente, que articula as principais narrativas sobre o incidente em Roswell, relevando um amplo conjunto de informações dispersas numa variada literatura.

- FARREL, J. P. **Roswell and the Reich: the nazi connection**. Kempton: Adventures Unlimited Press, 2010.

**290** Segundo o argumento de Farrel, tais engenhos não teriam condições de se sobrepor ao gigantesco e crescente poderio convencional dos Aliados, que cercava a Alemanha em todas as frentes, daí seu encobrimento em instalações fora da Europa (à exceção da Escandinávia). Nesse quadro, a Alemanha, como potência tecnológica incontestada, especialmente quando consideramos inventos da indústria aeronáutica, teria lançado vetores que representavam uma nova ruptura, ainda que de forma tardia, pois não poderiam reverter a derrota iminente. Gigantescos esforços foram feitos para que tais engenhos não caíssem nas mãos dos Aliados, permanecendo escondidos em bases e instalações remotas em regiões ermas que foram previamente ocupadas pelos alemães em operações secretas, como na Escandinávia e na Antártida (Nova Suábria). Em termos técnicos, as dificuldades para os alemães terem conseguido construir e encobrir tais instalações são bastantes óbvias, especialmente tendo em vista o frio extremo dessas localizações. Nesse caso, tais teses evocam a existências de gêiseres subterrâneos no continente antártico, por exemplo, em que a constância do fluxo de água fervente é utilizada para a produção de energia elétrica e calefação, à semelhança do que ocorre hoje na Islândia.

**291** O catálogo oficial da operação é disponibilizado pelo site da *U.S National Library of Medicine*:

- UNITED STATES. War Department. General Staff. Army observer's report of Operation Highjump: Task Force 68, U.S. Navy. Set. [1947](#).

declaradamente científicos, tinha como objetivo localizar e destruir as bases secretas alemãs lá instaladas.

Conformando o que poderíamos chamar de “a lenda moderna dos óvnis nazistas”, a tese de Farrel responde a um amplo conjunto de outras publicações, à exemplo do documentário russo de 2006, “*Tretiy reykh: Operatsiya 'NLO'*”<sup>292</sup> – Terceiro Reich: Operação “Óvni” –, mais conhecido por sua tradução não oficial ao inglês, “*Third Reich: Operation 'UFO', Nazi Bases in Antarctica*”, que se encontra legendado na internet. Fruto de rica produção, o documentário apresenta o lado russo da história do legado germânico absorvido pela URSS ao fim da Segunda Grande Guerra.

O filme expõe o depoimento de cientistas e militares de renome acerca dos vetores secretos radicais alemães que estavam em andamento na guerra e foram capturados, ao menos em projetos, pela inteligência soviética. São também apresentadas informações documentais e testemunhais acerca das missões germânicas no continente ártico, expondo uma narrativa que alega a existência de instalações secretas alemãs sobreviventes à guerra, ponto de partida para operações com vetores de alta tecnologia, afirmando a ideia de sobrevivência de um “Estado” alemão extraterritorial no pós-guerra, que teria transformado a Operação *High Jump* num verdadeiro desastre, em que as forças estadunidenses foram forçadas a se retirar.

Essas três hipóteses conflitantes foram aqui elencadas para exemplificar a profundidade das teses não oficiais que o incidente em Roswell pode abarcar tendo em vista o grande poder das mídias de massa e das publicações editoriais. Elas recriaram um rumor que esteve adormecido por 30 anos, até ser acordado pelos relatos de Jesse Marcel e demais testemunhas.<sup>293</sup> O crescente interesse público pelo tema e a insistência de pesquisadores junto ao poder legislativo provocaram reações entre diferentes agências

---

<sup>292</sup> “*Tretiy reykh: Operatsiya 'NLO'*”. Direção: Vitaliy Pravdivtsev. Federação Russa: Canal TV Rússia, 2006. (Terceiro Reich: Operação Óvni). Informações disponíveis em :<[https://www.imdb.com/title/tt1045667/?ref=nm\\_knf\\_t1](https://www.imdb.com/title/tt1045667/?ref=nm_knf_t1)>. Acesso em 25 out 2022.

<sup>293</sup> Em pesquisa inicial sobre o evento na literatura acadêmica (*JSTOR – Journal Storage* e “Google Acadêmico”), os primeiros trabalhos que fazem referência ao incidente em Roswell surgem a partir da década de 1990:

- PEEBLES, Curts. **Wacth de Skies!**: a chronicle of the flying saucer myth. Washington: Smithsonian Institution Press, 1994.
- HUTCHINSON, J.; STANKUS, T.; KIMBALL, M. R. Mars, Again and Again. **Reference & User Services Quarterly**, vol.37, nº 1, pp. 23-27, 1997.
- LUCKHURST, R. The Science-Fictionalization of Trauma: Remarks on Narratives of Alien Abduciton. **Science Fiction Studies**, vol. 25, nº 1, pp. 29-52, 1998.
- ZIEGLER, C. A. UFOs and the US intelligence community. **Intelligence and National Security**, Vol. 14, nº 2, pp. 1-25, 1999.

governamentais, que trouxeram suas respostas ao caso, incluindo novas informações, também conflitantes.

Após o encerramento das investigações oficiais em 1969, como o fim do projeto Blue Book (contexto que revisitaremos em outro capítulo), as pesquisas governamentais endereçadas ao público civil somente foram retomadas no estudo inicial de 1995, *The Roswell Report: facts vs fiction in the New Mexico desert*, dedicado exclusivamente ao caso, o que demonstra uma grande movimentação sobre Roswell não somente por parte das pesquisas civis, mas também governamentais que vieram em resposta, especialmente pelo crescente interesse público, mais do que pela investigação em si. Apesar da grande popularidade do caso, que se sustenta em amplo corpo de fontes testemunhais, o incidente em Roswell carece de evidências documentais diretas.

Eivado de contradições, tanto pela narrativa oficial quanto pela não oficial, permanece a desconfiança que algo não ordinário ali aconteceu, ou foi montado para tanto. Genuinamente uma “terra de ninguém”, o incidente Roswell abriga inúmeras teses, entre as quais duas são majoritárias: primeiramente a oficial, em suas várias versões, é sustentada principalmente por aqueles que se auto intitulam céticos, movidos por um intento de “purificar a ciência dos perigos das paraciências”.

A segunda, sustentada em sua maioria por ufólogos, afirma que o incidente esteve associado a um encontro com tecnologias e seres extraterrestres, sendo visto como mais uma confirmação de que a “humanidade está sendo visitada por seres de outros planetas” e que o governo dos EUA recolheu os destroços de uma avançada tecnologia. Tendo em vista todas essas informações que tentam decifrar o incidente em Roswell, para além de visitar o caso num espírito compilador, qual seria a contribuição maior dessa pesquisa ao incidente em Roswell?

Neste caso, considerando as informações presentes nos jornais brasileiros da época, podemos exercitar diferentes hipóteses do uso político do evento. Ao reportarem o caso da captura de discos voadores e o sucessivo engano com balões meteorológicos em 1947, abriram espaço para vozes de cientistas que afirmavam que a movimentação governamental, da captura de discos voadores ao engano com balões meteorológicos, devido à sua ampla publicidade e furor midiático imediato, poderia fazer parte de uma operação de cunho psicológico, a justificar uma nova guerra, no temor de que os discos voadores seriam uma nova tecnologia de uma potência estrangeira que deveria ser



enfrentada. Essa hipótese é apontada em matéria do *Diário de Pernambuco*, de 10 de julho de 1947, intitulada *Em poder do Exército os “Discos Voadores”*:

Não existe base científica para os “discos voadores”. Foi o que afirmou, em Baltimore, o conhecido cientista Eville Wright. Declarou ainda o homem de ciência que a “loucura dos “discos voadores” faz parte de uma campanha do governo para levar os Estados Unidos a uma outra guerra”. “Trata-se – afirmou Eville Wright – de outra modalidade de propaganda para a guerra, afim de agitar o povo e leva-lo a acreditar que uma potência estrangeira visa atacar os Estados Unidos.”<sup>294</sup>

Outra matéria, agora publicada pelo *Correio Paulistano*, também de 10 de julho de 1947, sugere de forma indireta que uma outra manobra política poderia estar associada ao evento. No caso, a operação em Roswell, novamente devido ao enorme interesse público pelo tema, poderia servir como exemplo de como reagiriam as massas caso os EUA fossem alvo de bombardeios nucleares.

- Três cientistas declararam que o histerismo levantado pelos “discos voadores” nos Estados Unidos mostra bem o que seria o choque psicológico de uma bomba atômica ou de foguetes voadores sobre o país. Certamente o número de baixas seria maior do que o causado pelas explosões atômicas. Um desses cientistas, o dr. Edward Strecker, diretor do Hospital de Moléstias Mentais e Nervosas de Philadelphia qualificou muitas das notícias sobre os “pires” como resultantes da condição mental denominada “receptividade patológica”. O dr. Strecker explicou que no começo da história de “pires” algumas pessoas podem ter vista algumas luzes de avião em grande velocidade. E provavelmente isso foi a causa de toda a confusão, ou ilusão ótica tão comum na experiência de todos.

- Outro perito que pediu não fosse identificado, acrescentou que o histerismo provocado pelos “discos” poderá servir de exemplo do que aconteceria se bombas atômicas fossem lançadas sobre os Estados Unidos ou se foguetes voadores estrangeiros comesçassem a sobrevoar o país. As baixas “psicológicas” seriam de proporções tremendas. Seria impossível fazer alguém trabalhar sob a tensão psíquica, causada pelo ataque. O mesmo psiquiatra [dr. Strecker] disse que não seria necessário atirar bombas atômicas nas cidades grandes. Os efeitos psicológicos de bombas atiradas nos subúrbios tornariam a nação incapaz de se defender. O terceiro cientista, astrônomo mundialmente famoso e que trabalhou na bomba atômica, declarou que o histerismo hoje observado sobre “pires voadores” nada seria comparado com o que aconteceria no caso de lançamento de bombas atômicas ou outras armas destrutivas sobre o país (...).<sup>295</sup>

A excepcionalidade dessa nova modalidade de destruição em massa, de efeitos inimagináveis, poderia ser associada a outros efeitos, igualmente inimagináveis, de uma

---

<sup>294</sup> *Em poder do Exército os “Discos Voadores”*. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 10 jul. 1947.

<sup>295</sup> *Continua em mistério os supostos “Discos Voadores”*. **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 jul. 1947.

nova ruptura tecnológica. Os discos voadores, tidos como uma estranha tecnologia soviética, propiciariam um contexto de terror coletivo semelhante, suposições essas anteriores à consagração da hipótese extraterrestre, que viria a se cristalizar anos mais tarde.<sup>296</sup>

A esse quadro podemos somar também que em Roswell houvera um ensaio de guerra psicológica junto aos soviéticos, numa manobra que afirmaria os EUA deterem um tipo de tecnologia totalmente novo, de origem alienígena, para além da energia nuclear, que a URSS já estava a desenvolver. Lembremo-nos que as duas potências viviam um momento de grande ruptura tecnológica, na incorporação do arsenal germânico, como as várias classes de mísseis e foguetes, incluindo os balísticos, motores a jato e os numerosos projetos não convencionais de aeronaves. Logo, o incidente em Roswell, em sua reviravolta do fantástico (captura de um disco voador) ao banal (balão meteorológico), seria uma forma de os EUA afirmarem aos soviéticos que detinham uma nova fronteira tecnológica e que mal puderam esconder isso, ou o fizeram de forma precária, restando a dúvida.

Paradoxalmente, a tese que envolve a possibilidade de guerra psicológica contra Moscou no limiar da Guerra Fria, logo no surgimento da era dos discos voadores, pôde ser aplicada em diferentes contextos, quase simultâneos: pesava a desconfiança de que Kenneth Arnold poderia ser agente comunista a desencadear um pânico nas massas, temerosas, seja de marcianos, seja de armamentos soviéticos, receio esse baseado em relatos de estranhos objetos que apareciam nos céus. Já em Roswell, ao contrário, há a hipótese de estar em campo uma atividade semelhante, só que contra os soviéticos: a nova tecnologia recolhida dos destroços dos discos voadores afirmaria mais um passo da superioridade tecnológica estadunidense, pioneiro na tecnologia nuclear, e pioneiro também, agora, na absorção de uma tecnologia não humana (ou germânica, seguindo a linha de Farrel e os óvnis nazistas).

Num contexto histórico de assimilação tecnológica similar, em que as duas potências lutavam para absorver e aprimorar, o mais rápido possível, a ciência germânica, em especial a de foguetes balísticos, ao mesmo tempo que grande parte do corpo técnico e científico da nação derrotada era absorvido no quadro das instituições ligadas ao

---

**296** Do II ao IV Capítulo de sua dissertação em História de 2009, Santos expõe dados relevantes acerca dessa transição entre a hipótese de engenho secreto para a hipótese extraterrestre.

desenvolvimento de tecnologia aeroespacial dos EUA e da URSS,<sup>297</sup> uma nova ruptura era apresentada agora aos soviéticos, que, em tese, não saberiam o que esperar. Numa estratégia claramente diversionista, os soviéticos poderiam considerar que óvnis que porventura viessem a ser observados na Eurásia poderiam ser a confirmação de uma tecnologia que os EUA também detinham, ou mesmo um vetor ultrassecreto de Washington.

De fato, em 1947, no ano do incidente em Roswell e do surgimento de óvnis como “discos voadores”, os EUA se preparavam para uma guerra.<sup>298</sup> Em 12 de março daquele ano, o presidente Harry Truman anunciava no congresso sua nova doutrina, oficializando, por assim dizer, a Guerra Fria, no compromisso de reconstrução da Europa e dos países ocupados, bem como o cerceamento da URSS. Nesse novo cenário geopolítico, uma possível guerra preventiva contra Moscou era planejada mesmo antes do fim da Segunda Guerra Mundial, buscando antecipar o desenvolvimento, por parte dos soviéticos, de armamentos nucleares, o que aconteceria em 1949. O projeto previa que dezenas das principais cidades da URSS seriam alvo de lançamento de centenas de bombas nucleares.<sup>299</sup>

Paralelamente, durante a guerra, gigantescas operações de contrainformação estiveram presentes, a contar com grande êxito, momento em que as forças Aliadas, especialmente na coordenação entre a Inglaterra e os EUA, conseguiram criar um

---

**297** ROLIM, Tácito. **Brasil e Estados Unidos no contexto da “Guerra Fria” e seus subprodutos: Era Atômica e dos Mísseis, Corrida Armamentista e Espacial, 1945-1960.** 2012. 336 f. Tese (Doutorado em História) – UFF, Rio de Janeiro, [2012](#), p.19.

**298** WORTMAN, Anna. The Roswell Myth in the FBI Files: Aliens, Ufos, and the Cold War. **Polish Journal for American Studies**, no.1, 99 181-190, [2004](#), p.185.

**299** Tal informação está presente em documentos recém desclassificados dos EUA que apontam para um plano de ação em que mais de 200 bombas nucleares seriam utilizadas contra a URSS em 1945, como aponta Paul Ham, no epílogo de seu livro *Hiroshima Nagasaki*:

- HAM, Paul. **Hiroshima Nagasaki**. New York: Harper Collins, 2011.

O periódico online *Business Insider* produziu matéria de outubro de 2014 sobre o plano:

- In 1945, The Pentagon Estimated That 204 Atomic Bombs Could Destroy The Soviet Union. **Business Insider**. 3 out. [2014](#).

Outros sítios, como o *Restrict Dada: The Nuclear Secrecy Blog*, do historiador Alex Wellerstein, também abordam o tema dos segredos envolvidos em operações nucleares, disponibilizando documentos desclassificados dos EUA sobre o plano de ataque à URSS em 1945 ([2022](#)).

Wellerstein também publicou artigo sobre tais documentos em contexto histórico:

- WELLERSTEIN, Alex. The First Atomic Stockpile Requirements (September 1945). **Restricted Data. The Nuclear Secrecy Blog**. 9 mai. [2012](#).

Já o sítio da *National Security Agency Archives*, uma iniciativa da Universidade George Washington que reúne amplo acervo de documentos oficiais desclassificados, publicou artigo sobre documentos que descrevem um plano de ataque de 1956 contra alvos na URSS, na China e no Leste Europeu:

- BURR, William. U.S. Cold War Nuclear Targets Lists Declassified for First Time. **The National Security Archive**. 22 dez. [2015](#).

contexto caótico sobre os possíveis pontos de desembarque na Europa das enormes forças que se avolumavam, muitas delas fictícias, em cenários em que toda sorte de instalações, equipamentos, veículos e blindados infláveis eram organizados e dispostos em formação, fornecendo às aeronaves de reconhecimento alemãs falsos dados acerca dos possíveis locais de desembarque, assim como no efetivo a ser empregado.

Nesse sentido, o sucesso da maior operação anfíbia da história, que contou com a força de mais de 2 milhões de homens distribuídos em aproximadamente 6 mil navios e 11 mil aeronaves, desembarcando nas praias francesas, apenas nas primeiras 24 horas, 156 mil tropas,<sup>300</sup> número esse que, com o êxito da operação, cresceu vertiginosamente, repousou também no fato de que o alto comando alemão estivera sujeito a uma impressionante manobra de contrainformação, que despistou seu foco para além das praias da Normandia. Tal manobra fez parte da Operação Fortitude, que tinha como objetivo apresentar a Normandia como apenas mais um dos diversos pontos de desembarque que ocorreriam no verão e outono de 1944.<sup>301</sup>

Não faz parte do objetivo desse capítulo aprofundar a descrição e análise de tal manobra. Ainda assim, ela serve como exemplo histórico do sucesso obtido em operações de contrainformação, espionagem e contraespionagem, na utilização de agentes duplos, criptografia e cenários montados para enganar o reconhecimento aéreo e, por fim, o alto comando inimigo. A ideia é que, dada a experiência exitosa da Operação Fortitude, os agentes governamentais dos EUA poderiam estar motivados para empreender novas manobras de contrainformação agora contra a URSS em 1947, mobilizando os mistérios acerca dos discos voadores contra o inimigo, com a intenção de confundi-lo, já que, em princípio, suspeitavam que os primeiros relatos sobre discos voadores, como o de Kenneth Arnold, poderiam ser fruto de uma manobra soviética contra os EUA. Já que tal hipótese foi rapidamente descartada, a mesma lógica poderia ser utilizada agora contra o inimigo.

Além disso, a tese de operação psicológica já era considerada na época, como apontam as matérias dos periódicos brasileiros, seja no contexto de uma eventual preparação da opinião pública para nova guerra contra a URSS, seja até mesmo como

---

**300** OUSLEY, Clayton. **Operation Fortitude South**. 34 f. Monografia (Graduação em História), Ohio, Notre Dame College, 2012.

**301** TAVARES, E. S. **Operation Fortitude: The Closed Loop D-Day Deception Plan**. Alabama: Maxwell Air Force Base, 2001.

teste da reação das massas acerca dos efeitos de bombas atômicas no interior dos EUA, em que os temores coletivos sobre discos voadores seriam mobilizados de forma similar a de explosões atômicas. A ideia presente em tais operações utilizaria a relação de ruptura tecnológica presente nos armamentos atômicos e nos vetores aeronáuticos secretos, na imagem do disco voador.

Nesse viés, os efeitos psicológicos nas massas do ataque de bombas atômicas seriam comparados à constatação dos discos voadores como dispositivos ultra tecnológicos de nações estrangeiras inimigas em operação. Numa associação de semelhança que se finca na ideia mútua de ruptura e de novos paradigmas de tecnologias bélicas, os discos voadores e as bombas atômicas poderiam servir como novos instrumentos de guerra psicológica, haja vista os efeitos inesperados que o uso de tais dispositivos acarretaria, a serem utilizados no convencimento da opinião pública para acatar uma nova guerra que evocaria o “perigo dos discos voadores soviéticos”.

Além disso, os discos voadores poderiam ser utilizados contra o alto comando inimigo, em que a queda e captura justamente na região de Roswell, que abrigava em 1947 os únicos esquadrões aéreos que detinham armamentos nucleares, faria parte agora de uma manobra de contrainformação, afim de afirmar aos soviéticos de que os EUA detinham, além da tecnologia nuclear, novo paradigma aeronáutico.

Por conseguinte, vemos no incidente em Roswell um quadro complexo e ao mesmo tempo difícil de se analisar, considerando a significativa variedade de narrativas conflitantes que se sobrepõem e abrem espaço, inclusive, para novos exercícios hipotéticos, como os supracitados. O certo é que Roswell é o exemplo máximo desse novo folclore moderno, que abriga em si uma miríade de temores, fantasias e expectativas genuinamente contemporâneas, mas também tradicionais e milenares como apontam Conceição e Bullard, autores apresentados no início do capítulo.

Além disso, Roswell viria a pavimentar novos limites para o que cremos e desconfiamos acerca de discos voadores e seus congêneres e sua íntima relação não só com a ficção científica, com o cinema e com os temores próprios da Guerra Fria, mas também com discursos, ações militares e operações de contrainformação. Outra situação relevante é o papel da imprensa e do cinema acerca das interpretações gerais atribuídas ao incidente em Roswell. Nesse caso, o fato de um evento que é rico em testemunhos apesar de carecer de evidências primárias documentais ser tão notório e conhecido,

especialmente em relação a outros casos melhor documentados, mas pouco conhecidos, evidencia o grande poder das narrativas populares e midiáticas no estabelecimento da era moderna dos discos voadores

Por fim, a ideia central deste capítulo foi expressar que o disco voador é, em termos estritamente culturais, a sofisticação de algo preexistente. Seja na atualização de folclores tradicionais em folclores tecnológicos, seja na absorção dos contextos interpretativos já presentes na ficção científica. Por fazer parte da Guerra Fria, o disco voador também expressa elementos de disputa tecnológica e geopolítica, na qualidade de um sofisticado instrumento de guerra psicológica, à semelhança do poder nuclear.

Na constância de um mistério de complexidade crescente, investigado tanto por cientistas e pesquisadores civis quanto por agências governamentais, as possibilidades de manipulação e uso político desse novo mito são inesgotáveis. Além disso, fazem parte cada vez mais de nosso cotidiano não somente na esfera lúdica e comercial, mas também em pesquisas governamentais que, desde 1948, se mantêm em nossos dias ininterruptas, haja vista as nações que se dedicaram a analisar óvnis diretamente, quando estes, no mínimo, oferecem um desafio de segurança do espaço aéreo, portanto, um desafio de segurança nacional, e ações em resposta à sua presença são tomadas.

Considerando este rol de eventos e suas múltiplas interpretações insolúveis, e tendo também ciência de serem os EUA o polo cultural irradiador das principais teses e eventos que inauguraram a era moderna dos discos voadores, podemos agora prosseguir para a realidade brasileira, ao investigar, por meio da documentação das Forças Armadas do Brasil, como a sociedade e o Estado lidaram com o tema dos óvnis, em suas várias inflexões interpretativas, muitas vezes consequentes às próprias ações governamentais, que produziram a maior e mais confiável fonte de narrativas sobre óvnis.

## Capítulo V

### O Brasil e os óvnis na década de 1950

Uma vez que os dois capítulos precedentes se centraram nos EUA, seja por meio das fontes e dos relatos militares durante o conflito mundial, no caso da análise dos *foo fighters*, ou mesmo num viés mais amplo, amplificado em termos culturais, com o surgimento da entidade “disco voador” (e sua possível mobilização como arma psicológica no pós-guerra imediato), uma breve introdução acerca do contexto geopolítico brasileiro é necessária, a fim de nos transportarmos para essa nova realidade social, que é o Brasil. Dada não só a flagrante e crescente influência cultural dos EUA sobre o país, especialmente no pós-guerra, o que incluía aí a significação geral endereçada aos relatos de objetos aéreos não identificados, e suas conseqüentes interpretações, analisar os evidentes contrastes entre as duas nações tornará mais clara também as distintas políticas de Estado endereçadas aos óvnis.

Inicialmente, o que devemos ter em vista é que a gigantesca disparidade tecnológica, industrial, de poderio militar etc., fizeram com que o Estado brasileiro respondesse ao fenômeno de forma singular à forma estadunidense. Tal diferente contexto, que mobilizou as Forças Armadas do Brasil numa direção diferente das Forças Armadas dos EUA, tanto na maneira em que se deram as investigações de Estado sobre o fenômeno, assim como na liberação de tais dados ao público geral, será alvo de um estudo comparativo. Existe hoje, do lado estadunidense, uma ampla literatura a respeito de tais ações governamentais, ainda que da contrapartida brasileira, ao contrário, há grande carência, situação essa que esta tese se destina suprir.

Por outro lado, na década que se seguiu ao surgimento do “disco voador” como entidade popular, iniciaram-se também as primeiras pesquisas acadêmicas relevantes que estabeleceram axiomas centrais que mais tarde foram desenvolvidos em outros estudos. Uma vez que novos dados entravam em cena, “o novo mito moderno” tornava-se mais sofisticado, incluindo aí não somente os relatos sobre aeronaves e objetos aéreos desconhecidos, mas agora as abduções e os contatos diretos com seres outros, momento em que a disputa aeroespacial atingia o seu ápice, ao menos em termos propagandísticos.

Tal situação produziu novos interesses, incluindo aí investigações estatais, como no caso brasileiro, assim como novas teorias e hipóteses que tentavam explicar o fenômeno em escala mundial. No entanto, nos anos de 1950, tais tópicos ainda eram incipientes ou quase desconhecidos, ganhando um apelo público somente nos idos dos anos de 1960. Apesar disso, profundos estudos sobre o tema foram lançados na década de 1950, e a eles agora devemos uma atenção especial, para que possamos expor seus desdobramentos futuros.

### **5.1 Carl Gustav Jung e o novo mito moderno**

Ao revisitarmos a experiência dos EUA no capítulo anterior foi possível discernir um paralelo entre o poderio termonuclear e seus efeitos psicológicos nas massas, no próprio espírito de uma Guerra Fria de tipo tecnológico, assim como no disco voador, visto aqui também como tecnologia disruptiva, em que este poderia ser usado como fator de mobilização de uma nova modalidade de guerra psicológica, já que, assim como no poderio atômico, sua aplicação numa guerra aberta teria efeitos inimagináveis.

Logo, o ineditismo, o imponderável e o absurdo da tecnologia disruptiva presente tanto na energia atômica, como, em tese, no disco voador, capacitaria esse último ser utilizado como arma psicológica, de espírito tecnológico. A ideia aqui apresentada não é tentativa de solucionar o mistério do fenômeno dos óvnis ao sustentar serem estes frutos de estratégias diversionistas, mas sim afirmar a possibilidade do aproveitamento da constante do mesmo num cenário de guerra psicológica, ao expor a mútua associação entre o disco voador e a energia atômica.

Sobre este tópico, Carl Gustav Jung, pioneiro num estudo acadêmico sobre a psicologia relacionada aos óvnis, afirma, já na década de 1950, duas ligações entre a energia nuclear e óvnis. A primeira enfatiza os numerosos relatos militares de óvnis sobre bases aéreas, e, especialmente, sobre instalações de lançamento de mísseis nucleares.<sup>302</sup> A segunda discorre sobre a ruptura tecnológica empreendida pela física nuclear e o possível paralelo com os óvnis:

---

**302** JUNG, Carl Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Petrópolis: Vozes, 2ª. edição, 1991, p. 12.



A física nuclear tem provocado nas mentes dos leigos uma insegurança de julgamento que supera em muito a dos físicos, tomando aparentemente possíveis coisas que até pouco tempo atrás seriam consideradas absurdas. Por isso, os OVNI's podem ser facilmente considerados como um dos milagres da física e como tais admitidos.<sup>303</sup>

Obviamente, tal contexto era particular às sociedades que dominavam este processo tecnológico e que viviam, de forma simultânea, sob os relatos de estranhos fenômenos celestes. Ao desenvolverem avançados vetores aéreos originários em projetos sigilosos que mais tarde vieram a conhecimento público, tais sociedades estimularam o debate acerca das respostas possíveis a tais fenômenos, vistos agora como experimentos, testes e manobras militares secretas nativas ou de alguma potência estrangeira.

A pesquisa de Jung criou um denominador comum às que se seguiram à publicação de um de seus últimos livros, *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*, inicialmente lançado em 1958, a que nos cabe ressaltar suas principais contribuições e hipóteses, já que nos revela elementos do contexto cultural, político e científico da década de 1950 que ainda hoje permanecem presentes. Nele, o autor desenvolveu um amplo leque de interpretações possíveis aos eventos celestes anômalos que passaram ao conhecimento do grande público a partir de 1947. Tais interpretações foram reatualizadas a partir de novos dados históricos e pela própria dinâmica cultural da época, tendo em vista os dados das décadas que se seguiram aos anos de 1950 até o momento presente, dados esses que nos possibilitam avançar nas hipóteses inicialmente levantadas por Jung.<sup>304</sup>

Inicialmente, Jung escreveu o livro em resposta a um debate acalorado decorrente de um artigo de jornal que publicou em 1954.<sup>305</sup> Apesar de manter uma posição cética sobre óvnis no artigo, o fato de mencionar o grande número de especialistas da Aeronáutica que acreditavam na seriedade do fenômeno foi o suficiente para o autor ser taxado como um “crente em discos voadores”, o que levou Jung a se retratar em outro artigo, dessa vez agora praticamente ignorado. Tal fato, da discrepância de audiência dos dois artigos, chamou a atenção de Jung, que afirmou que o fenômeno vende mais jornal

---

**303** *Idem.*, p. 20.

**304** Acerca da releitura da pesquisa de Jung para os tempos atuais, Martins publicou excelente artigo que compila as principais teses do autor expondo continuidades e discontinuidades:

- MARTINS, Leonardo Breno. Ainda um mito moderno? A compreensão junguiana de experiências anômalas contemporâneas e revisitada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, vol. 31, núm. 81, pp. 445-464, Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, [2011](#).

**305** OLIVEIRA FILHO, João Batista. **Uma contribuição para a Psicologia Acerca do Fenômeno OVNI a partir da obra de Carl Gustav Jung intitulada “Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas nos Céus”**. 42 f. Monografia – (Graduação em Psicologia). Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes Universidade Estácio de Sá, [2005](#), p.14.

quando alguém diz acreditar na seriedade do mesmo e não o contrário. Portanto, após essa experiência, o autor resolveu dedicar-se a um estudo aprofundando do tema, que resultou no seu livro basilar.

Em relação aos céticos e entusiastas do tema, o autor manteve postura impessoal, esquivando-se da tentativa de negar ou afirmar a materialidade do fenômeno, assumindo, por outro lado a carga cultural e simbólica do mesmo, incluindo aí o domínio do inconsciente e dos arquétipos, destacando o grande interesse público ao tema. Independente da materialidade ou não do fenômeno, Jung manteve a premissa deles constituírem boatos visionários mitológicos, o que denota a sugestão de contato com forças numinosas, desconhecidas e transcendentais, portanto, impossíveis de serem apreensíveis unicamente pela razão.

Afirma Jung ainda que tais boatos visionários ativam movimentos de “individuação”, tema esse a que o autor dedicou várias outras pesquisas, e que em relação ao fenômeno óvni se daria na ideia de que o contato com forças numinosas agiria de forma contrária à coerção da pessoa humana por sistemas de controle coletivos, encarnados pelas ditaduras presentes em nossa época, por exemplo. Ainda assim, o caráter numinoso do fenômeno vai além disso:

O homem empírico transcende os seus limites conscientes; seu modo de vida e seu destino têm um significado muito mais do que pessoal. O interesse procedente de um “mundo além” se lhe aproxima e solicita dele realizações que ultrapassam o campo empírico e seus estreitos limites. Desta forma, a posição do indivíduo é elevada e enlevada para o âmbito da importância cósmica. Esta transformação numinosa não resulta de uma intenção consciente ou de uma convicção intelectual, e sim, de um encontro com impressões arquetípicas avassaladoras.<sup>306</sup>

Jung afirma ainda que os desconcertantes relatos de encontro com óvnis e seus tripulantes não são nada inofensivos, podendo causar efeitos psicológicos nocivos, como a “inflamação do ego”, ao afirmar que tal inflamação seria decorrente de uma resposta a uma força contrária, “da pressão para o fundo”, típica do ser que é constrangido por uma força maior, que a própria experiência acarreta, e que, como forma de balanceio, resulta na sensação de “ser escolhido”, por exemplo.<sup>307</sup>

Há inúmeros relatos de pessoas que alegam contato com entidades alienígenas e acabam por se colocar como pontífices entres os seres do além e os humanos,

---

**306** Jung (1991, p.77-78).

**307** *Idem.*, p.78.

responsáveis agora por algum tipo de missão. Alguns desses casos e os estudos que tentam interpretá-los serão abordados no próximo capítulo.

No entanto, vale ressaltar aqui a validade, a profundidade e a perspicácia da pesquisa teórica de Jung, que certamente tem a esclarecer aspectos de difícil apreensão do fenômeno óvni, que derivam não somente da observação dos estranhos fenômenos vistas no céu, mas também dos alegados contatos com tripulantes de óvnis e sua correlação com os estados de possessão, perda da alma, incorporação, telepatia etc., temas esses já bastante discutidos nos estudos de folclore, mas até então tidos como separados do fenômeno.<sup>308</sup>

Por outro lado, como forma destacar a singularidade do contexto histórico desse novo mito moderno, Jung ressaltou os desdobramentos geopolíticos pós Segunda Grande Guerra, destacando as influências culturais da tensão constante de uma nova guerra total que viesse agora promover um cataclismo na utilização em massa de armamentos atômicos. Logo, para o autor, o espírito de nosso tempo (*zeitgeist*) contava com o retorno das expectativas gerais de fim do mundo, no entanto, ao contrário dos séculos anteriores, em que estas se vinculavam nos domínios místicos e religiosos, a nova escatologia estava imersa num ambiente racionalista e tecnológico (e.g. armagedom nuclear), e, como tal, desdobrava-se em elementos singulares na psicologia das massas.

Tento em vista os aspectos gerais da obra, Jung delineou três hipóteses possíveis que viessem a explicar o fenômeno: a primeira que aponta a materialidade tecnológica do mesmo. A segunda, aponta o fenômeno circunscrito a conteúdos inconscientes em forma de visões e narrativas. A terceira, a mais ousada, afirma a sincronicidade entre uma projeção psicológica que é capaz de deixar traços de materialidade, tendo em vista a captação radar, por exemplo, de objetos desconhecidos testemunhados a olho nu.

Sem se fixar unicamente numa das hipóteses centrais, o autor exercitou com maior afinco a segunda, ao enfatizar elementos psíquicos, arquetípicos e culturais do fenômeno, visto aqui, de forma inaugural, como um novo mito moderno em sua fase de gestação. Dado que o autor não dispunha dos fatos dados do presente, especialmente nos relatos militares acompanhados por detecção radar simultâneos a olho nu, não pôde promover novos exercícios hipotéticos agora centrados na terceira e na primeira hipótese, possibilidade essa aberta para nós hoje.

---

308 *Ibid.*, p.78.

Como corolário da terceira hipótese, tendo em vista os dados de captação radar, Jung discutia a possibilidade dos corpos poderem se materializar a partir de uma grande comoção no inconsciente coletivo, sendo essa uma das principais inovações interpretativas de Jung sobre o fenômeno, ou seja, o inconsciente coletivo, embalado sob forte comoção, seria capaz de materializar corpos estes captados por radar, quiçá também por olho nu, a que os óvnis seriam fruto de uma forma de angústia inconsciente e coletiva.<sup>309</sup>

Esta tese permanece ainda pouco explorada, praticamente circunscrita os escritos iniciais de Jung, especialmente quando consideramos os numerosos dados que apontam para a característica tecnológica de objetos aéreos não identificados, que fatalmente estimulam exercícios hipotéticos que apontam para o lançamento ou teste de tecnologias secretas, a contar também com hipóteses não humanas acerca da origem de tais objetos. Logo, a tese da materialização de um inconsciente coletivo em estado de comoção ainda merece maiores estudos, vinculando-se, de forma não muito evidente, aos estudos de paranormalidade, anomalias e experiências místicas, a que Jung já havia se dedicado décadas antes.

Jung ainda faz correlações entre os fenômenos modernos com outros de séculos passados, presente em registros medievais, acerca de esferas grandes e pretas que foram observadas durante a aurora, como se lutassem entre si, para depois se apagarem, por exemplo. O episódio, ocorrido no dia 14 de abril de 1561, na cidade de Nuremberg, foi acompanhado por muitos homens e mulheres, tido na época como uma visão, uma mensagem divina.<sup>310</sup>

A correlação entre fenômenos aéreos não identificados contemporâneos com eventos de épocas passadas ganhou, com nas décadas que se seguiram à publicação de Jung, novos contornos de sofisticação e complexidade crescente. Tais dados serão aqui discutidos segundo a própria cronologia, a pertinência e a popularidade das teses que ressaltam interrelações entre eventos do presente e do passado, momento em que o novo mito moderno, centrado num matiz tecnológico, racionalista e escatológico, seria a forma

---

**309** Tal hipótese é ressaltada em vários momentos por Oliveira Filho, que publicou um trabalho acadêmico totalmente dedicado à revisão da pesquisa de Jung, incluindo aí a contribuição da pesquisa de Jung para a prática clínica de pacientes com distúrbios provenientes de experiências anômalas, como aquelas associadas aos óvnis:

- OLIVEIRA FILHO, João Batista. **Uma contribuição para a Psicologia Acerca do Fenômeno OVNI a partir da obra de Carl Gustav Jung intitulada “Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas nos Céus”**. 42 f. Monografia – (Graduação em Psicologia). Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes Universidade Estácio de Sá, [2005](#).

**310** *Ibid.*, p. 101.

interpretativa das sociedades modernas a eventos semelhantes que ocorreram no nosso passado, cristalizados nos mitos de outrora.

Jung pôde também dar cabo das numeras notícias que guardava sobre o fenômeno desde a década de 1940, assim como dispôs, com maior espaço, a seriedade dos livros e publicações oficiais e extraoficiais de militares estadunidenses, que, devido às suas respeitadas carreiras, conformavam as primeiras referências editoriais oriundas de um domínio tido aqui como político.

Nesse caso, o autor se apoiava na bibliografia de pesquisadores que analisavam extensivamente casos de encontros entre objetos não identificados e caças da Força Aérea dos EUA, como o major Donald Keyhoe,<sup>311</sup> que publicou vários livros na década de 1950,<sup>312</sup> de notável sucesso editorial e de viés um tanto sensacionalista, que expunham teses que acabaram por se popularizar e que apontam serem tais objetos oriundos de aeronaves alienígenas extraterrestres, envoltos numa trama governamental de acobertamento.

Além de Keyhoe, Jung dá atenção ao trabalho de Edward J. Ruppelt, o mais proeminente chefe do programa governamental dos EUA destinado à investigação de objetos aéreos não identificados, sendo um dos chefes do projeto *Blue Book* (1952-1969).<sup>313</sup> À época, Ruppelt havia publicado um trabalho extraoficial apontando para o caráter inconclusivo do fenômeno, dada a materialidade exposta pela captação de estações radar em sincronia com observações de solo, além da captação radar de aeronaves e contato visual de pilotos em interceptação.<sup>314</sup>

O projeto era destinado a investigar se o fenômeno seria um problema de segurança nacional, além de dar ao público estadunidense uma resposta oficial sobre esses objetos, já que a imprensa na época dedicava especial atenção aos numerosos relatos de observações de objetos aéreos não identificados. A sigla UFO (*Unidentified Flying Object*) havia sido estabelecida quando Ruppelt, que resolveu criar uma expressão que científica que pudesse substituir o termo popular dos *flying saucers*

---

**311** *Ibid.*, p. 3, 8, 114, 136.

**312** KEYHOE, Donald Edward. **The Flying Saucer Are Real**. Gold Medal Books, 1950.

KEYHOE, Donald Edward.. **Flying Saucers from Outer Space**. New York: Henry Holt, 1953.

KEYHOE, Donald Edward.. **The Flying Saucer Conspiracy**. New York: Henry Holt, 1955.

**313** Jung (1991, p. 3, 6, 114).

**314** Há várias versões do relatório de Ruppelt disponíveis na rede. Daremos nossa atenção ao publicado em 1959 em português pela Difusão Européia do Livro, em São Paulo:

- RUPPELT, Edward J. **Discos Voadores: Relatório Sobre os Objetos Aéreos Não Identificados**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

Resumidamente, Jung expôs em sua pesquisa aspectos culturais centrais, ainda presentes em nossa época, que configuram o fenômeno: a potência mitológica e arquetípica das narrativas acerca de encontros com objetos fantásticos, imersos agora no espírito de uma era racionalista e cientificista que inaugurava, sincronicamente, grandes rupturas tecnológicas, também de espírito fantástico, capazes de suscitar temores escatológicos em escala mundial.

Além disso, Jung pôde destacar as possíveis conexões do fenômeno com eventos passados, ao sugerir uma interconexão de experiências interpretadas pelo próprio espírito do tempo de cada época. No entanto, a maior contribuição da pesquisa de Jung foi ressaltar o caráter metafísico do fenômeno, que, por suscitar experiências extraordinárias, atinge profundas conexões psíquicas, que podem ser mais bem interpretadas pelo mito e pelo arquétipo.

Ou seja, ao ressaltar a não materialidade do fenômeno, Jung não quis promover um apelo reducionista, que tenta delimitar o fenômeno a esfera puramente psíquica, mas, ao contrário, expôs a ideia de uma potência narrativa, presente nos eventos extraordinários de encontro com óvnis, que de tão profundos e insólitos, atingem o mito. Tendo em vista tais apontamentos acerca de um fenômeno que ganhava seus contornos populares não havia mais de uma década, podemos seguir agora para uma análise centrada no Brasil dos anos de 1950, com fito de nos aproximarmos de uma nova realidade, em que expectativas populares e ações governamentais tentavam responder a um fenômeno de crescente popularidade mundial, e que ganhava, a depender de cada nação, uma perspectiva singular.

## **5.2 O contexto cultural e tecnológico do Brasil nos anos de 1950**

Acerca do desenvolvimento tecnológico estadunidense do pós-guerra, podemos afirmar que as grandes transformações que moldaram a moderna sociedade dos EUA no século XX foram frutos de empreendimentos militares, imbuídos por uma doutrina em que a superioridade tecnológica era vista como fator decisivo na vitória contra a URSS.<sup>315</sup>

---

**315** Esta tese é defendida por:

- MEDEIROS, Carlos Aguiar. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: FIORI, José Luís Fiori. **O poder americano**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, [2004](#), p. 225.

Tais inventos, que reconfiguravam o equilíbrio de poder entre as superpotências, ao serem realocadas ao mundo civil, conferiram uma enorme mudança nas sociedades que as acolhiam, assim como enormes vantagens comerciais e econômicas às empresas e aos países envolvidos em tais lançamentos.

A doutrina manteve-se constante, mesmo quando se revelava inadequada em contextos díspares às guerras totais, quando o conflito era localizado e irregular, ao exemplo da Guerra do Vietnã (1955-1975) <sup>316</sup>. Essa situação nos leva a crer que na guerra irregular, na guerrilha e na guerra civil, o fator tecnológico se torna menos preponderante, pois tais conflitos respondem a uma lógica distinta. Por outro lado, na guerra convencional, entre nações e grandes blocos aliados, a tecnologia é fator determinante, e opera, antes de tudo, como fator de dissuasão.

Atendendo agora o papel dos Estados na promoção da tecnologia de ponta, há evidente paralelo entre as inovações tecnológicas e as iniciativas estatais que as acompanharam, como afirma Medeiros (2004), ao refutar a tese liberal de que os maiores frutos tecnológicos, especialmente os que moldaram a sociedade moderna, provém da relação entre empresas e capital financeiro, típica de uma tradição que enaltece a livre empresa e condena a interferência do Estado na economia.

Ao contrário, o autor demonstra que o ápice tecnológico do mundo contemporâneo advém do “complexo-industrial-tecnológico-acadêmico”, que estimulou não somente a demanda e a oferta de novos inventos tecnológicos de ponta, mas também criou instituições voltadas ao deslocamento da fronteira científica e à aceleração do progresso tecnológico, ao afirmar ser este um objetivo político marcante da sociedade estadunidense.

Exemplo claro dessa associação ocorre durante a Segunda Grande Guerra, em que gigantescos desenvolvimentos tecnológicos promovidos pelo “complexo-industrial-militar-acadêmico” de distintas nações em guerra, especialmente a Alemanha, os EUA, a Inglaterra, a URSS e o Japão, protagonizavam o grande avanço técnico presente na Indústria Aeronáutica, na eletrônica, na química, nas comunicações, nos mísseis, nos foguetes etc., culminando na energia nuclear. No conflito, o papel de cada Estado na promoção de tais esforços foi indiscutível. Ainda no pós-guerra, a situação se manteve,

---

316 *Idem.*, p.226.

com o maior protagonismo dos EUA e da URSS. Nesta última, o papel do mercado no desenvolvimento tecnológico é desnecessário de se comentar.

Já nos EUA, mesmo com uma economia aberta, a lógica se mantém, pois, como afirma Medeiros, não existem demandas para as fronteiras tecnológicas, o que impossibilita serem essas explicadas pelas forças do mercado. Em outras palavras, não há presença espontânea do mercado nas inovações que levam a “descontinuidades tecnológicas radicais”,<sup>317</sup> pois são as forças militares, ou seja, de Estado, que abrem o caminho e que detém a tecnologia de ponta, que décadas depois são incorporadas, realçadas e adaptadas ao uso civil pelo mercado, ou não, mantendo-se como segredo de Estado ou como de pouco interesse ao mundo civil.

Como corolário, nos anos que sucederam a Segunda Grande Guerra, as sucessivas rupturas tecnológicas empreendidas pelas duas grandes potências tornavam cada vez mais instável o status quo da disputa geopolítica mundial, especialmente quanto à proliferação de mísseis balísticos intercontinentais, acoplados agora com ogivas nucleares de poder destrutivo crescente.

No nosso caso, o Brasil nos anos de 1950, diferentemente dos EUA e da URSS, que viviam num contínuo crescente de aprimoramento e multiplicação de suas indústrias, especialmente no âmbito militar, esteve distante do domínio das tecnologias bélicas que vieram a transformar paulatinamente o mundo nas décadas que se seguiram. Em comum com a maior parte das outras nações, o país esteve cada vez mais afastado do estado da arte da tecnologia bélica face ao gigantesco esforço empreendido pelas grandes potências que emergiram vitoriosas da guerra e disputavam esferas de influência em escala global. Este distanciamento, que conferia o país mais como absorvedor de tecnologia forânea defasada do que como produtor,<sup>318</sup> refletia-se também, utilizando expressão comum ao jargão militar, na esfera psicossocial do país.

---

<sup>317</sup> *Ibid.*, p.229.

<sup>318</sup> Adriana Iop Bellintani, ao destacar o surgimento da aviação militar brasileira já na década de 1920, afirma que a instituição teve uma grande influência de missões militares de potências europeias, com especial destaque, inicialmente, para a Missão Militar Francesa, contratada pelo governo federal em 1918-1924. A autora demonstra ainda como que nações europeias e os EUA disputavam pelo mercado nacional no intuito de vender equipamentos e escoar materiais de guerra excedentes. Tal fato se mantém nos nossos dias, ainda que a Indústria Aeronáutica nacional, por exemplo, por meio da Embraer, já tenha avanços em direção à autonomia tecnológica do país lançando vários vetores de ponta, sejam de uso civil ou militar.  
- BELLINTANI, Adriana Iop. A Aviação no Campo dos Afonsos no período entreguerras: missão militar francesa, instrução e disputa pelo mercado aéreo brasileiro. **Revista da Unifa**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 5 – 13, jul./dez./ [2019](#).



Como a nação não fazia parte dos centros mundiais de lançamento de tecnologias bélicas, acompanhando apenas os desdobramentos das novas rupturas técnicas, movidas pela propaganda midiática dos EUA, especialmente relacionada às novas conquistas das indústrias aeroespacial, aeronáutica e nuclear, logo, não havia uma nítida relação carismática entre a sociedade brasileira e suas Forças Armadas, ao menos se comparadas às grandes potências, pois estas eram, e ainda o são, deficitárias perante às que lançavam e lançam os novos engenhos celebrados pelos jornais, livros, revistas, cinema e televisão.

Para nosso propósito, o tópico da relação carismática entre um povo e suas Forças Armadas deve ser revisitado, mesmo que de forma breve, afim de nos aproximarmos de uma mais visão mais abrangente acerca do lugar que o Brasil e sua população se inserem em contraste com as grandes potências tecnológicas da Guerra Fria. Tal perspectiva mostrará também as associações decorrentes dos interesses nacionais acerca dos fenômenos aéreos não identificados, intimamente ligados aos interesses gerais pelas ciências astronômicas, viagens espaciais, Indústria Aeronáutica, energia atômica etc., entusiasmo esse decorrente especialmente do poderio bélico e tecnológico de uma nação.

Nesse intento, ao exemplificar claramente os benefícios políticos e psicossociais do poderio aéreo de uma nação, o brig. ar. (FAB) João Eduardo Magalhães Motta expõe o papel que uma poderosa Força Aérea Estratégica (FAE) exerce em sua população, assim como em outras nações. Necessário notar aqui a preocupação do autor, como estrategista e oficial da Força Aérea Brasileira, em defender o esforço do Brasil em construir uma Força Aérea Estratégica, haja vista as Forças Armadas do Brasil não serem “tão fortes”, nem tão “bem armadas”, lutando por sobreviver a orçamentos exíguos, em constantes cortes, especialmente em tempos de crise, também constantes.

Motta expõe que uma FAE tende a criar uma sensação de segurança por parte da população, já que ela por si só é uma força dissuasiva, que cria um grande bloqueio a qualquer tentativa de agressão externa, devido ao receio de sua reação. Como veremos ao longo desta tese, a Força Aérea Brasileira é a principal instituição nacional a que são endereçados os pedidos de respostas gerais acerca dos fenômenos aéreos não identificados, consoante com o próprio intento da corporação abrigou em seu seio projetos de investigação direta nas décadas de 1960 e 1970.

Retornando ao viés de Motta, mesmo que essa população seja atacada, a sensação de segurança se manterá, estando ela ciente das condições de revide. Nesse caso, poderá

ser ela inclusive a “fiadora” de pactos continentais de não agressão, como o assinado pelas nações americanas em 1947.<sup>319</sup> Além disso, em tempos de guerra, essa expressão psicossocial da guerra aérea é especialmente verdadeira, “pois o moral da população baixará se estivermos sendo vítimas de ataques sem podermos revidá-los.”<sup>320</sup> Motta defende ainda que, mesmo sendo o preço de manutenção de uma FAE gigantesco, ele é recompensado pela ascendência que esse país tem sobre o globo, tendo um papel a cumprir tanto em tempos de guerra como em tempos de paz, pois cria questões políticas e psicossociais de grande interesse e que envolve, necessariamente, toda a população:

A mecanização das forças armadas trouxe ao povo uma responsabilidade antes desconhecida, mesmo se não levamos em conta a exposição em que ele se encontra face aos ataques aéreos inimigos. Esses fatores, existentes nos tempos de guerra, não desaparecem durante a paz e, por isso mesmo, as potências mundiais mantêm suas FAE. A guerra fria URSS-EEUU é uma guerra de FORÇAS AÉREAS ESTRATÉGICAS. Essas FAE têm duas finalidades: puramente militar; psicológica (interna e externa). Esta última, na sua ação interna, mantém o moral do povo elevado e na externa, desencoraja o inimigo de ações ofensivas, por parte de inimigos prováveis.<sup>321</sup>

Logo, diferentemente das sociedades estadunidense e soviética, que viviam sob uma espécie de “ufanismo tecnológico”, particularmente em termos aeroespaciais, agora em clima de disputa global, a sociedade brasileira vivia ao reboque desses sentimentos, expectativas e temores coletivos. A liderança no campo tecnológico, acompanhada por uma extensa propaganda de Estado em espírito de rivalidade, trazia para essas populações um especial interesse pelos assuntos relativos à ciência astronômica, assim como às tecnologias aeronáuticas e aeroespaciais.

---

**319** No caso, o TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca), assinado por diversos países do continente em 1947, entrando em vigor no final de 1948. Como afirma o autor, “O fato de podermos garantir, pela existência da FAE, a política de não agressão dos Estados Americanos, será um fator moral considerável, pela insuflação do orgulho nacional.” Por conseguinte, a posição geopolítica do país sofreria uma enorme melhoria, no momento em que o Brasil poderia ser o fiador do status quo desse pacto – nesse caso, “assumiríamos, no continente, o papel que até o momento os EEUU vêm desempenhando para as três Américas”. Motta (2001, p.138).

**320** *Idem.*, p.138. Caso emblemático foi a resposta estadunidense contra o ataque a Pearl Harbor, que marcou a entrada definitiva do país na Segunda Guerra Mundial (*Doolittle Raid*). Um plano de bombardeio foi executado, com o viés de elevar o moral de toda nação, mostrando, ao mesmo tempo, que a ilha nipônica era vulnerável. Bombardeiros foram adaptados para serem lançados em porta aviões à grande distância d, numa missão sem retorno, em que a tripulação das aeronaves tivera vários contratemplos, especialmente nos pousos forçados na costa da Ásia, a contar com baixas e prisões. Apesar disso, bombas foram lançadas sobre Tóquio e tal feito foi bastante explorado pela propaganda de guerra dos EUA.

**321** Motta (2001, p.141).

Com uma primeira edição lançada na Holanda em 1972, Ion Hobana e Julien Weverbergh (1976), publicaram estudo comparativo acerca dos fenômenos aéreos anômalos analisando como que as diferentes sociedades separadas pela “cortina de ferro” lidaram com casos locais, num estudo de longa duração, ainda que centrado na Guerra Fria. Publicado em dois volumes, o segundo tomo descreve a experiência soviética e dos países do leste europeu:

O interesse em viagens espaciais e inteligência extraterrestre é considerável na União Soviética, tanto da comunidade científica quanto do povo. Quase sempre nos surpreendemos, no Ocidente, pelo entusiasmo quase unânime dos cidadãos soviéticos em relação ao programa espacial russo e pelo considerável interesse que todos despertam no futuro para as estrelas. (...) Os ocidentais não estão em sintonia com o entusiasmo e o interesse que os soviéticos têm nesses assuntos, acompanhados por um alto orgulho nacional. A U.R.S.S. está no centro do boom científico das viagens espaciais porque o pai dessa ciência não é, como costumamos dizer, Wernher von Braun, nem Hermann Oberth, mas o russo Konstantin Tsiolkovsky. (Tradução livre).<sup>322</sup>

Tal ufanismo ainda era acompanhado também por uma assombrosa expectativa de se verem como protagonistas, seja como principais alvos e ou como principais perpetradores, da catástrofe mundial sem escala, expressa agora numa nova guerra total de tipo escatológico, dada a tecnologia de destruição em massa materializada pela bomba atômica e pelos mísseis balísticos.

Logo, tanto para os soviéticos como para os estadunidenses, o domínio das tecnologias aeronáuticos e aeroespaciais não apenas exerciam um enorme poder geoestratégico em escala mundial, mas também envolviam suas populações num entusiasmo coletivo para com os assuntos relacionados a tais tecnologias e seus novos alcances, incluindo aí o interesse pelos fenômenos aéreos não identificados e temas associados.

Por outro lado, no novo cenário geopolítico que se configurava nas décadas que sucederam a Segunda Grande Guerra, o Brasil se mantinha distante dos epicentros de tensão global, que, sob a ótica do EUA, se dava no cerceamento da URSS, especialmente pelas fronteiras terrestres europeias, como na “linha de contato” da Alemanha derrotada, ocupada, dividida e em plena reconstrução, assim como pelas fronteiras marítimas do

---

**322** HOBANA Ion; WEVERBERGH Julien. **Les O.V.N.I en U.R.S.S. et dans les pays est.** Robert Laffont S.A., 1976, p.65.

pacífico, na ocupação das ilhas nipônicas e da Coreia, também dividida pela Guerra da Coreia (1950-1953).

Se durante a Segunda Guerra Mundial o Brasil detinha uma estratégica posição geográfica que foi aproveitada pelos EUA com suas gigantescas bases aéreas,<sup>323</sup> com especial destaque para a de Natal-RN, que serviam de ponte aérea para o norte da África, logo, para o Mediterrâneo e todo o sul da Europa, já no novo conflito geopolítico mundial o Brasil se encontrava na periferia dos centros estratégicos de tensão.

O único ponto de relevante do território brasileiro nos anos de 1950 foi a cessão da ilha de Fernando de Noronha aos EUA em 1957, para que estes instalassem uma base de rastreio de mísseis e foguetes, como afirma Rolim (2012, p.15): “o Acordo colocou o Brasil e o Nordeste brasileiro mais uma vez como uma área estratégica importante para a segurança dos Estados Unidos e de todo o hemisfério ocidental.”

Por conseguinte, para a discussão dessa pesquisa é interessante que notemos o vetor tecnológico que faz do quadro político do pós-guerra um tempo histórico de *guerra*

---

**323** Moniz Bandeira disserta em entrevista acerca de um plano de invasão que os EUA planejavam contra o Brasil, a ocorrer em 1942. O esquema, caso o Brasil mantivesse sua neutralidade ou se aproximasse das forças do Eixo, visava se apossar da privilegiada posição geoestratégica do litoral norte e nordeste do Brasil como ponte aérea em voo direto, sem escalas, para o norte da África. A operação foi batizada de *Plan Rubber*, com o nome geral *Joint Basic Plan for the Occupation of Northeast of Brazil*. A literatura brasileira e estadunidense carece de aprofundamento sobre o plano, apesar de haver a mesma referência documental em vários trabalhos nacionais. Tota, Maximiano e Marangoni (2005), por exemplo, descrevem brevemente o contexto do plano de invasão de 1942. Ao seu modo, Hohnsee (2018, p.35), aponta que a região Norte e Nordeste do país era visada por ser “um entreposto para o Pacífico e garantia uma viagem curta, deste ponto até a África.” Por outro lado, em livro apologético publicado pela Fundação Alexandre de Gusmão sobre o diplomata Oswaldo Aranha, que representou o Brasil nos EUA no período do “Plano Borracha”, há referências bibliográficas acerca de documentação oficial estadunidense, compartilhada também por Tota *et al* (2005) e Hohnsee (2018). O livro indica ainda o sítio de história militar *Sixtant*, que descreve com maiores detalhes a operação, texto esse que serve de base (ou vice-versa) para o artigo do *Plan Rubber* da Wikipedia. Pelo lado estadunidense, James P. Duffy (2004), autor de vários livros de história militar, dedica um subcapítulo intitulado *Plan Rubber: The Invasion of Brazil*, num livro publicado em 2004.

- BANDEIRA, Moniz. Pentágono quis invadir o Brasil. **Deutsche Welle Especial**: um conflito que mudou o mundo, 4 fev. [2005](#).

- TOTA Antonio Pedro; César Campinani Maximiano; Adriano Maragoni. A Guerra em Surdina de Boris Schnaiderman: Uma entrevista e algumas interferências. **Projeto História**, São Paulo, (30), p.327-342, jun. [2005](#).

- HOHNSEE, Valdecir Luís. **Nazismo nos Pampas**: a propaganda nacionalista alemã e a imprensa no RS (1930-1945). 82 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, [2018](#).

- LIMA, E. M. L.; ALMEIDA, P. R.; FARIAS, R. S (orgs.). **Oswaldo Aranha**: Um estadista Brasileiro. Brasília: FUNAG, [2017](#).

- NARA. **Records of the Office of the Chief of Naval Operations**. Plans, Orders & Related Documents, CINCLANT Oct 1941 to Dec 1942, Box 16. Rubber Plan, 1942.

- SIXTANT. **The Plan Rubber. U.S. plans for Brazil**, [2011](#).

- DUFFY, James P. **Target: America**: Hitler’s plan to attack the United States. Westport: Praeger Publishers, 2004.

*fria*: é o impedimento do uso de armas de destruição em massa, devido a autodestruição mútua, do que o cisma político e ideológico entre capitalismo e comunismo que faz a guerra ser *fria*. Ou seja, é o uso tecnológico de armamentos nucleares que “esfria” a guerra, de certa maneira, impossibilitando um conflito aberto e total.

Haja vista a “energia infinita” presente no núcleo atômico incluindo aí as reflexões que tais descobertas produziram acerca dos mistérios da natureza e do terror de sua manipulação para fins bélicos, ocasionando um poder destrutivo até então inimaginável, a contar também com a poluição radioativa e seus danos permanentes, o fator tecnológico veio a formatar uma nova relação entre nações em contenda, em que as que dispõem dessas armas nucleares acabam por compor um seleto grupo, com amplo poder diplomático, e acima de tudo, dissuasivo.

Ou seja, para além da disputa ideológica encabeçada por Moscou e Washington e a decorrente esfera de influência bipolar em escala mundial, o nosso interesse maior é tornar relevante o caráter tecnológico que fomentou um tipo até então inexistente de rivalidade, que impossibilitava, em termos racionais, uma nova guerra total, dada a consequente destruição mútua, em escala jamais experimentada.

As rupturas tecnológicas, em termos aeroespaciais e nucleares, produziram uma nova modalidade de inimigo assim como o temor a ele associado, que poderia estar em posse, para além dos já existentes armamentos de destruição em massa, de novos engenhos que também “desafiavam os mistérios da natureza”, quiçá fossem eles os “discos voadores”, os óvnis de nosso passado recente.

Sobre este último tópico, cabe aqui um adendo. Ao revisitarmos a experiência dos EUA no capítulo anterior, foi possível discernir um paralelo entre o poderio termonuclear e seus efeitos psicológicos nas massas, como o próprio espírito de uma Guerra Fria de tipo tecnológico, assim como no disco voador, visto aqui também como tecnologia disruptiva, em que este poderia ser usado como fator de mobilização de uma nova modalidade de guerra psicológica, já que, assim como no poderio atômico, sua aplicação numa guerra aberta teria efeitos inimagináveis.

Logo, o inimaginável, o imponderável e o absurdo da tecnologia disruptiva presente tanto na energia atômica, como, em tese, no disco voador, capacitaria esse último ser utilizado como arma psicológica, de espírito tecnológico. A ideia aqui apresentada não se destina numa tentativa de solucionar o mistério dos fenômenos aéreos não

identificados, ao sustentar serem estes frutos de estratégias diversionistas, mas sim afirmar a possibilidade do aproveitamento da constante do mesmo num cenário de guerra psicológica, ao expor a mútua associação entre o disco voador e a energia atômica.

Obviamente, tal contexto era particular às sociedades que dominavam este processo tecnológico e que viviam, de forma simultânea, sob os relatos de fenômenos aéreos não identificados. Ao desenvolverem avançados vetores aéreos originários em projetos sigilosos que mais tarde vieram a conhecimento público, tais sociedades estimularam o debate acerca das respostas possíveis a tais fenômenos, vistos agora como experimentos, testes e manobras militares secretas nativas ou de alguma potência estrangeira.

No Brasil, Santos demonstra a variação da eficácia dos dois argumentos principais que tentavam explicar o mistério dos discos voadores entre os anos de 1947 e 1958, por meio do debate da imprensa brasileira da época, que mantinha, num primeiro momento, a hipótese extraterrestre conjuntamente à do engenho militar secreto.<sup>324</sup> O autor verificou que a tese do vetor aeronáutico secreto foi perdendo gradualmente sua eficácia, sendo substituída pela explicação alienígena não terráquea, que acabou por aglutinar o disco voador (e mais tarde o óvni) como sinônimo de aeronave extraterrestre (no caso dos anos 1950 e 1960, muitas vezes de origem marciana), situação que se mantém ainda hoje, tida aqui como um senso comum, seja popular, seja acadêmico.

Isto é, com o passar dos anos a tese do vetor secreto soviético ou estadunidense, em algum tipo de missão incompreensível, seja de espionagem, de reconhecimento, de teste de reação da força aérea local, de vetor de guerra psicológica, ou mesmo de simples teste em campo, em outras palavras, a tese do engenho secreto humano, abriu espaço para a tese da aeronave alienígena extraterrestre, num tipo de alteridade radical que possibilitou um crescente de interpretações das mais fantásticas que passaram a dominar as ideias gerais dadas ao fenômeno, ainda que a tese da atividade militar secreta se manteve aberta e presente em debate.

Em síntese, a julgar pelos variados tópicos supracitados, podemos afirmar que cada novo inimigo, seja real, fictício ou forjado, impulsiona uma nova corrida tecnológica

---

**324** SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos Discos Voadores:** Guerra Fria, Imprensa e Ciência no Brasil (1947-1958). 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, [2009](#).

bélica, arrastando consigo grandes interesses comerciais e hegemônicos, quer sejam de desequilíbrio ou manutenção do status quo geopolítico global. Portanto, a mesma lógica presente na corrida armamentista da Segunda Guerra Mundial esteve presente no pós-guerra, em que a trajetória tecnológica dos EUA no período foi fruto da disposição de ganhar a Guerra Fria contra a União Soviética<sup>325</sup>, na luta do “mundo livre” contra o comunismo.

Ainda assim, o intento deste capítulo é analisar como tais fatores políticos, militares e culturais se desenvolveram ao longo das décadas de 1950, tendo o Brasil agora como protagonista, sem perder de vista o quadro maior que tentava trazer respostas aos fenômenos aéreos não identificados, quadro este exposto, especialmente, em meios editoriais. Tendo em vista esta breve síntese histórica e contextual, podemos nos dirigir à realidade brasileira, ao revisitarmos um caso específico ocorrido em 1958, que envolveu a Marinha do Brasil, na divulgação de um disco voador supostamente fotografado sobrevoando a ilha da Trindade, que envolveu políticos nacionais, o presidente da República e os principais meios de comunicação na época.

### 5.3 O caso da ilha da Trindade

Há aproximadamente 125 anos, a ilha da Trindade era palco e motivo de mais uma das disputas territoriais que o Brasil travou com a Inglaterra, saindo vitorioso. Anexada com novo reconhecimento internacional ao território brasileiro em 1896, através da medição da diplomacia portuguesa, escolhida como árbitra do conflito, em janeiro de 1895, no ano anterior, os ingleses tentavam se apossar da ilha, até então desocupada. O objetivo principal era favorecer um *lobby* de uma empresa inglesa de cabos telegráficos que ligava a Europa à América do Sul, de forma a descumprir concessões que estavam a expirar e que iriam favorecer o Brasil, com a nacionalização de uma estrutura telegráfica.<sup>326</sup>

No caso, a coroa britânica juntamente com seus agentes comerciais criaram um plano em que os cabos deixariam de ter de passar pela costa pernambucana brasileira, que

---

<sup>325</sup> Medeiros (2004, p.231).

<sup>326</sup> ARRAES, Virgílio Caixeta. **A República e o Imperialismo**: a posse pela ilha da Trindade (1895-1896). (1998). 117 f. Dissertação – (Mestrado em História). Universidade de Brasília, 1998, p.75.

até então distribuía para o restante do país e para a Argentina, numa nova rota que incluía várias ilhas, incluindo a da Trindade e, por fim, Buenos Aires. Tal nova via desfavorecia o Brasil face aos negócios ingleses, que estavam a perder agora sua vantajosa posição estabelecida em contrato.

Tendo tomado conhecimento do fato pela imprensa inglesa somente em julho de 1985, ou seja, quase sete meses após o cruzador britânico *HMS Barracouta* hastear a bandeira da coroa inglesa na ilha, o Brasil, ainda em meio à instabilidade do golpe republicano de 1889, lidava com seus primeiros desafios diplomáticos. A recém república brasileira tentava imprimir o mesmo vigor em defender os interesses nacionais como o império havia o feito, abandonando o idealismo das variadas correntes republicanas que se reuniram em golpe em 1989 (jacobinismo, positivismo e liberalismo), tendo de enfrentar agora a realidade da pressão imperialista de uma potência ultramarina que dispunha de amplo domínio colonial em todo globo, sendo a própria América do Sul uma semicolônia entre tais domínios.<sup>327</sup>

A pressão popular crescente, motivada pelos jornais da época, insuflavam o justo sentimento nacionalista, em resposta à flagrante violação da integridade territorial do Brasil. Rapidamente, o governo entrou em ação e ponderou até mandar navio de guerra à ilha, a que a Inglaterra assumiria como atitude hostil. Os EUA, que até então, pela Doutrina Monroe, afirmava a defesa da integridade territorial das Américas frente às pretensões europeias, absteve-se de apoiar o Brasil, mantendo a excepcionalidade da Inglaterra perante a doutrina.<sup>328</sup>

Por mais que o relevo rochoso da ilha e a grande dificuldade de ancorar com segurança em sua costa mostrasse à Inglaterra a inutilidade dela para a construção de uma base telegráfica, ainda assim a coroa inglesa via que a ocupação desta poderia servir no futuro, inclusive negando sua posse a uma possível nação rival, obedecendo aí um princípio global agressivo de anexação.<sup>329</sup>

A negociação se estabeleceu, em que a Inglaterra devolveria a ilha ao Brasil, desde que o cabo submarino fosse instalado, sendo ele de controle total da coroa britânica.<sup>330</sup> O acordo foi rejeitado pelo governo brasileiro. Inesperadamente, com a morte de John

---

**327** *Idem.*, p.12.

**328** *Ibid.*, p.30.

**329** *Ibid.*, p.99.

**330** *Ibid.*, p.83.



Pender, o lobista e dono da empresa de telégrafos, um novo mediador foi escolhido, tendo à sua frente o marquês de Soveral, ministro português, como num gesto de reaproximação de Brasil e Portugal, que estavam distantes após incidente em Montevideu, que resultou num breve rompimento de relações, em que pesava a acusação dos portugueses terem abrigado exílio e facilitado a fuga de militares e oficiais da marinha inclinados ainda ao império durante a Revolta da Armada (1893-1894).<sup>331</sup> Tendo sido escolhido o mediador, já em posse da ampla documentação reunida pelo chanceler Carlos Augusto de Carvalho, o arbítrio foi favorável ao Brasil.

Apenas em 1957 foi estabelecida uma base permanente da Marinha, tendo sido ocupada, em anos anteriores, de forma temporária, especialmente durante as Grandes Guerras Mundiais. À época, durante o mandato de Juscelino Kubitschek (1956-1961), dado o antagonismo presente no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), em que os EUA se opunham firmemente às leis que criaram a Petrobras, assim como as que limitavam as remessas de lucros para o exterior, por exemplo, o Brasil estabelecia agora uma maior reaproximação com Washington, especialmente no alinhamento nos foros multilaterais: anticomunismo, apoio à criação da Otan, votações na ONU.

Além disso, ainda que distante da “linha de contato” da nova disputa geopolítica de cerceamento contra a URSS, o país cederia o privilégio aos EUA construírem pequena base de rastreio de mísseis balísticos intercontinentais no arquipélago de Fernando de Noronha em 1957, local geoestratégico cobiçado pelos EUA, e que foi alvo de disputa e barganha por empréstimos pelo governo brasileiro,<sup>332</sup> assim como a base aérea de Natal, anos antes durante a Segunda Grande Guerra.

O governo de Juscelino Kubitschek enfrentou várias crises internas, especialmente com uma ala militar golpista, que já antes de sua posse, tentara um golpe de estado em 1955, logo após o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto daquele ano. Pouco lembrado na recém história brasileira, o contragolpe conhecido como Movimento de 11 de Novembro deu garantia à posse da chapa eleita de Kubitschek e Goulart, que assumiu o governo em 1957. Com a morte de Vargas em 1955 e com a vitória da chapa de Juscelino Kubitschek, uma movimentação de setores das Forças Armadas, ligada à

---

<sup>331</sup> *Ibid.*, p.19.

<sup>332</sup> Rolim (2012, p.81).

UDN (União Democrática Nacional), partido de caráter antigetulista, decidiu intervir para evitar a posse da chapa vista como associada aos ideais de Vargas.

O movimento golpista contava com as ações do presidente Café Filho, de oposição a Vargas, que havia se licenciado por motivos de saúde, assumindo no seu lugar Carlos Luz, o presidente da Câmara dos Deputados, que seria conivente com o golpe a ser tomado. No entanto, uma outra ala militar, liderada pelo general e ministro de Guerra Henrique Teixeira Lott, assumiu o comando do país, em sucessivos atos que permitiram a continuação da legalidade, até a posse de Juscelino Kubitscheck.

Nesse caso, as ações de Lott e outros ministros militares tiveram o intuito de que assumisse a presidência Nereu Ramos, vice presidente do Senado, o terceiro da linha de sucessão, que assinou o estado de sítio, apoiado com tropas nas ruas, derrubando, nesse caso, o governo de Carlos Luz, que se refugiou no cruzador Tamandaré, juntamente com militares que o apoiavam, na tentativa de estabelecer um governo paralelo.

O navio, presente na baía de Guanabara, foi alvejado pela artilharia do exército, que deu tiros de ressalva, como forma de ameaça. Ou seja, o exército brasileiro deu tiro de guerra contra um navio que protegia o presidente deposto. Por outro lado, o vice de Vargas, Café Filho, que estava de licença médica, tentou voltar e assumir a presidência, mas foi impedido, em prisão domiciliar, ao que tentou apelar ao Supremo Tribunal Federal, impetrando mandado de segurança, sem sucesso.

Nesse ínterim, o Congresso aprovaria seu impedimento. Nereu Ramos presidiu o país de 11 de novembro até a posse de Kubitscheck, em 31 de janeiro de 1956. Outro fato marcante merece nossa atenção. Em fevereiro de 1956, com Juscelino Kubitscheck já na presidência, dois oficiais da FAB iniciaram uma revolta armada contra o governo constituído. Munidos de uma aeronave e armamentos roubados da Base Aérea dos Afonsos, no Rio de Janeiro, decolaram para o campo de pouso de Jacareacanga, no sul do Pará, tomando a pequena guarnição do FAB, com o intuito de criar uma “sedição no Brasil Central e dar início à guerra civil.”<sup>333</sup> Associados às convicções de Carlos Lacerda, o grupo temia possíveis represálias da ala militar ligada à Lott e ao Movimento de 11 de

---

**333** SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil:** uma biografia. Companhia das Letras, 2015.

Novembro, representadas pela permanência, no novo governo, do ministro da Aeronáutica major-brigadeiro (FAB) Vasco Alves Seco.<sup>334</sup>

Apesar do grupo tomar em poucos dias as localidades de Cachimbo, Belterra, Itaituba, Aragarças e Santarém, obtendo apoio das populações locais e de outros militares que a princípio foram enviados para combatê-los, a rebelião fora controlada por tropas legalistas, momento em que seu líder, major Haroldo Veloso, é levado preso, e outros oficiais refugiam-se na Bolívia. Em pouco tempo, receberam anistia ampla e irrestrita do Congresso, dada a solicitação do próprio presidente da República,<sup>335</sup> o que demonstra a própria fragilidade do governo, que se viu disposto a recorrer a ações de reconciliação com forças revoltosas, fato corroborado pela reticência da Força Aérea Brasileira em participar no desbaratamento da rebelião. Vale lembrar que mais uma vez, agora em 1959, Haroldo Veloso liderou uma nova revolta, conhecida como Revolta de Aragarças, que foi rapidamente sufocada por falta de adesão de outros militares.

Tais eventos malsucedidos refletiam o clima de revolta entre os oficiais que eram contrários à política de Vargas e que associavam Juscelino Kubitschek uma continuação da mesma. Mostravam, além disso, a grande insatisfação de parte considerável das Forças Armadas, que viam no golpe de Estado a única forma de efetivar seus ideais quando as candidaturas udenistas eram derrotadas nas urnas. Apontam também para a instabilidade dos primeiros anos do novo governo, que teve de negociar e conceder privilégios ao oficialato para garantir o ambicioso plano modernizante de Juscelino Kubitschek, que incluía a construção da nova capital da República no planalto central do Brasil.

Por outro lado, internamente o sentimento antiamericanista ganhava corpo nos debates teóricos que tentavam trazer respostas aos problemas centrais das nações terceiro-mundistas, especialmente os desafios da necessária industrialização e substituição de importações, tendo como foro privilegiado o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), criado pelo Ministério da Educação e Cultura em 1955, assim como a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), criada em 1948 pela ONU.

---

**334** Para mais informações sobre a revolta ver:

- ARGOLO, José; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luiz Alberto Machado. **A direita explosiva no Brasil: A história do Grupo Secreto que aterrorizou o País com suas ações, atentados e conspirações.** Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

**335** LAMARÃO, Sérgio. **Revolta de Jacareacanga.** Verbete. FGV – [CPDOC](#).

Nesse quadro, as ações geopolíticas das nações de primeiro mundo visavam a manutenção do status quo, da manutenção da clivagem global Norte/Sul entre nações ricas e pobres. Logo, o governo Juscelino Kubitschek experimentava o paradoxo de uma política nacional desenvolvimentista aliada à uma abertura e favorecimento dos mercados nacionais a empresas estrangeiras. Obviamente, tal paradoxo criava distensões entre os intelectuais brasileiros que acompanhavam o governo Kubitschek, situação agravada pelo crescimento vertiginoso, em poucos anos, da dívida externa e interna do país, acompanhada também por crescente pressão inflacionária.

Adriano Benayon expõe a tese, fortemente embasada em estudos históricos, dos efeitos catastróficos do domínio estrangeiro dos mercados e das industriais nacionais, que deslocam para seus países de origem e suas matrizes formidáveis lucros advindos do domínio do mercado, sem deixar contrapartidas tecnológicas, obstaculizando o próprio desenvolvimento nacional, especialmente em países com gigantesco potencial humano, territorial e natural, como o Brasil.<sup>336</sup>

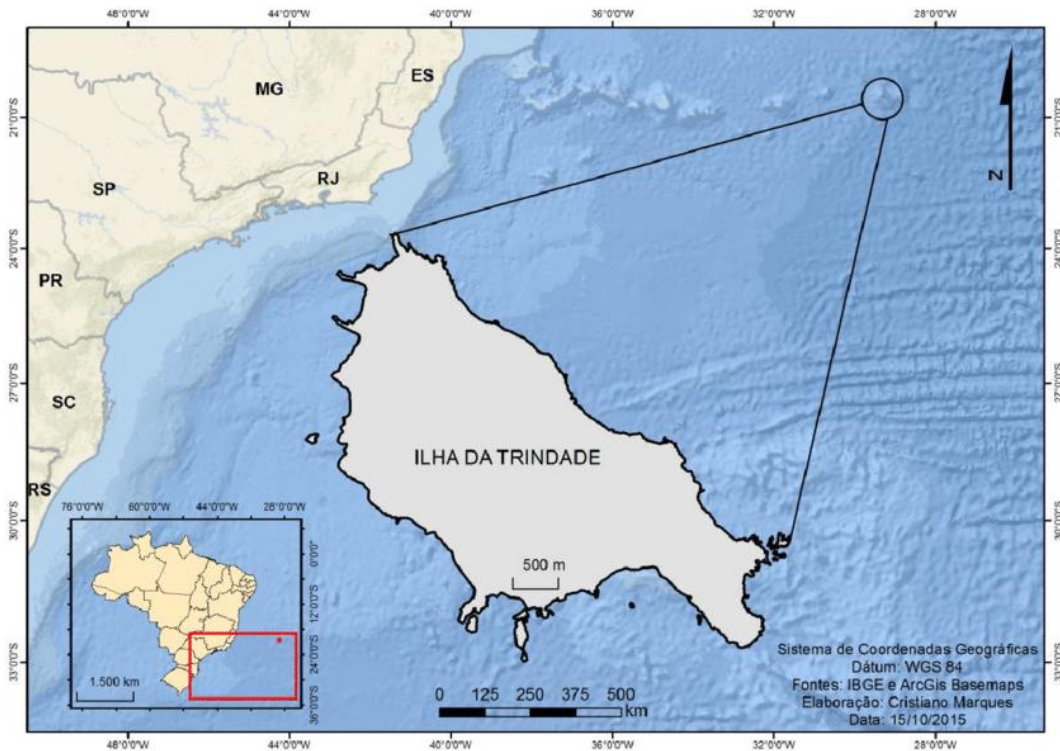
Este contexto, aliado à crescente inflação e dívida pública, tendo em vista as consequências vividas nas décadas seguintes, aponta que a estratégia de Juscelino Kubitschek foi catastrófica para os interesses nacionais em longo prazo: grande dependência do transporte rodoviário em detrimento do gigantesco potencial ferroviário e hidroviário, domínio total de empresas estrangeiras de grandes setores da indústria e comércio, aumento de preços de produtos e serviços e crescimento exponencial da dívida pública, agravada ainda pela construção de Brasília, nova capital da República.

Tendo em vista tal breve síntese do contexto histórico do Brasil no fim da década de 1950, podemos voltar para o incidente ocorrido na ilha. Construído pela Marinha em 1957, o Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade (Poit), foi concebido em decorrência do Ano Geofísico Internacional (1957), de iniciativa da Unesco. Sendo um Destacamento isolado do 1º. Distrito Naval, o Poit detém variadas tarefas relativas à ocupação da ilha, em observações meteorológicas, na vigilância de navios e aeronaves, no apoiar do tráfego marítimo, assim como na preservação do ecossistema da ilha, além de servir de apoio para atividades científicas e militares nacionais

---

**336** BENAYON, Adriano. **Globalização versus Desenvolvimento:** o jogo das empresas transnacionais – ETNs – e a periferização por meio dos investimentos diretos – IDEs. Brasília: LGE, 1998.

**Figura 20** – Mapa da Trindade. Distante cerca de 1.200 quilômetros de Vitória (ES), é a única entre todas as ilhas oceânicas brasileiras que detém autossuficiência permanente de água potável.<sup>337</sup>



**Fonte:** Marques, Magalhães e Oliveira (2019).<sup>338</sup>

Em documento da Marinha acerca de um relatório de expedição ao Poit, assinado pelo então capitão de corveta (MB) Carlos Alberto Ferreira Bacellar, que liderava as atividades do posto oceanográfico, encontramos as primeiras referências sobre observações de estranhos objetos, referências essas que compõem o quadro geral referente ao incidente da ilha da Trindade.

O documento, que detalha a expedição, ocorrida entre os dias 1º de novembro de 1957 a 16 de janeiro de 1958, disserta sobre os principais desafios encontrados pela

<sup>337</sup> Já no séc. XVIII, a ilha sofreu visível obliteração de seu ecossistema devido ao corte indiscriminado de árvores, hoje extintas, além da introdução de animais exóticos (caprinos, suínos, ovinos etc.), que contribuíram para a devastação da mata nativa, animais esses que já foram controlados (extinguidos). Se antes da exploração das árvores nativas a paisagem reinante da ilha era de uma floresta, hoje ela ainda mantém natural exuberância, concentrando uma grande variedade de plantas rasteiras e arbustos, além de aves marinhas, caranguejos e tartarugas marinhas. Informações da Marinha do Brasil:

- Comando o 1o. Distrito Naval. Marinha do Brasil. Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade (2022).

<sup>338</sup> MARQUES, M.; MAGALHÃES, P.; OLIVEIRA, F. Hidrogeomorfologia da Ilha da Trindade: a única rede hidrográfica permanente nas ilhas oceânicas brasileiras. **Revista Brasileira de geomorfologia**, v.20, n. 2, 2019.

guarnição, como dificuldades de suprimentos assim como na abordagem dos navios e na entrega de encomendas, devido à bravura do mar, a contar também com assuntos referentes às atividades de rádio sondagem e rodizio de equipes. O relatório afirma que no dia 31 de dezembro foi enviada mensagem via rádio para o Estado-Maior da Armada:

comunicando haver sido avistado sobre a ilha um objeto voador não identificado, da forma de um elipsoide de revolução bem achatado, cor de aço inoxidável, a cerca de 1600 metros de altitude, deslocando-se com velocidade vertiginosa no rumo aproximado de nordeste, sem fazer qualquer ruído.<sup>339</sup>

**Figura 21** – Face Sul-Sudeste da Trindade



**Fonte:** Alves (1998).<sup>340</sup>

O objeto foi observado pela manhã do mesmo dia por sete pessoas, sendo que uma afirmava já o ter visto no dia 5 de dezembro (ou seja, quase três semanas antes), ainda que estivesse só e que seus colegas não levassem a sério seu relato. Com o rumor ganhando maior dimensão a partir dos novos relatos, no dia seguinte, 1 de janeiro, Bacellar faz novo relato:

todas as atenções estavam voltadas para o céu quando surgiu algo, que foi visto por uns vinte homens da guarnição, e que se afirmou ser o mesmo objeto; eu também estava atento e me pareceu, no entanto, tratar-

---

**339** BRASIL. Marinha do Brasil. **Relatório de Fim de Comissão. Postos Oceanográfico da Ilha da Trindade. Período de 1º. de novembro de 1957 a 16 de janeiro de 1958.** 1958. (Partes do texto citado foram adaptadas ao mais recente padrão ortográfico, sem prejuízo para sua compreensão geral).

**340** ALVES, Ruy José Válka. **Ilha da Trindade & Arquipélago Martin Vaz: Um Ensaio Geobotânico.** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1998.

se de uma gaivota. O objeto – ou gaivota – estava projetado sobre o céu e assim não se tinha noção de profundidade; deslocando-se no rumo nordeste, em determinado ponto da trajetória brilhou intensamente, embora durante talvez menos de um segundo. Se era gaivota e a sua velocidade seria grande, mas dentro do razoável; se era realmente objeto, deveria estar a uma distância considerável e nesse caso, a sua velocidade era incrível. Esse fato não foi comunicado ao EMA em virtude da dúvida que subsistiu.

Se o relato de Bacellar acerca de estranhos objetos que sobrevoavam a região da Trindade terminasse com este último incidente, seria apenas mais um caso entre centenas e centenas que as Forças Armadas do Brasil registraram ao longo das décadas, inserido num amplo rol de pequenas referências a objetos aéreos não identificados observados por pessoas de diferentes qualificações apenas por olho nu. No entanto, o incidente da Trindade estava apenas a começar, com o crescente rumor que já contagiava as tripulações que visitavam a ilha.

E, como veremos, possivelmente, tais breves relatos compõem a parte mais autêntica daquilo que se sucedeu após a chegada do navio Almirante Saldanha, um Navio-Escola adaptado para atividades laboratoriais e científicas (Navio-Oceanográfico), sendo o principal empregado no Ano Geofísico Internacional fazendo numerosas visitas de apoio e pesquisa à ilha. Por outro lado, há um grande número de pesquisadores que atesta a originalidade do evento, que permanecerá como um dos casos mais controversos sobre objetos aéreos não identificados no Brasil, não pelo caráter insólito de sua narrativa, mas pelos desdobramentos dos numerosos eventos iniciais que sucederam em resposta.

Em visita à ilha para a troca de comando do Poit e abastecimento, o navio Almirante Saldanha foi palco de mais um avistamento de objetos desconhecido. O capitão de corveta Bacellar narra que no dia 16 de janeiro, por volta das 11h, mais um objeto foi avistado sobrevoando a ilha (dessa vez, quinze dias após o último relato). Estava ele no camarote do navio, não podendo ver o objeto, mas imediatamente subiu ao tombadilho para observar uma agitação momentânea, incluindo aí a do fotógrafo Almiro Baraúna, que acompanhava a prática de caça de mergulho e obtinha fotos subaquáticas da flora e fauna marítima.

O objeto foi observado por cerca de 20 segundos e Baraúna supostamente teria tirado várias fotos, mostrando-se estar em grande expectativa. A partir desse momento, Bacellar o acompanhou até a câmara escura, a fim de “verificar a autenticidade dos negativos”:

**Figura 22** – Navio-Escola e Navio-Oceanográfico Almirante Saldanha.



**Fonte:** desconhecida.<sup>341</sup>

Vi-o, ainda no tombadilho, retirar o rolo do filme da máquina e o segui à câmara escura para assistir à revelação, não tendo nela entrado devido ao forte calor que fazia, ficando do lado de fora durante o tempo necessário à operação, ou seja, 10 minutos. Saíndo da câmara, ainda com o filme na bacia, vi-o retirá-lo e assisti à sua decepção quando, bastante nervoso, supôs que não obtivera êxito. Tomei do filme, examinei-o melhor e, em três negativos, e em posições diferentes, notei a presença de uma estranha mancha que mais tarde foi perfeitamente identificada. O filme ficou em poder do Sr. Baraúna que, sob insistência minha, comprometeu-se a comparecer ao EMA caso houvesse necessidade. Ao chegar ao Rio lá fui e tratei do caso com o CC [Capitão de Corveta] José Geraldo Brandão, prestando, então, depoimento verbal. A partir de então tudo o que foi feito foi de iniciativa exclusiva do EMA.

Se a “estranha mancha que mais tarde foi perfeitamente identificada” retratava o mesmo objeto observado pela equipe a bordo do navio, nunca saberemos ao certo, pois inicialmente os negativos ficaram em posse de Baraúna, e a revelação final foi feita em seu laboratório particular.

---

**341** PODER NAVAL. NE/NOc Almirante Saldanha – U 10/ H 10 Classe [Almirante Saldanha](#).



Além disso, com a publicação das fotos, Baraúna afirmou que tivera de ampliar bastante a imagem, para que o disco voador pudesse ser destacado na foto, permanecendo ainda bastante diminuto, ainda que aparente, no trabalho final. Nesse sentido, as manchas que Bacellar afirma ter visto nos pequenos negativos dificilmente se referem ao objeto mais tarde publicado por Baraúna, já ampliado, a não ser que tais negativos tivessem sido analisados com uma lupa.<sup>342</sup> Bacellar não impôs a autoridade da Marinha sobre os negativos para que as fotos fossem reveladas sob o controle da corporação, ainda que, posteriormente, a opaca chancela desta fizesse das fotos de Baraúna um poderoso arquivo imagético, atribuindo a elas uma falsa aura de documento oficial.

Cronologicamente, após a viagem de volta, Baraúna e seus colegas do clube de caça subaquática desembarcaram em Santos, indo ao Rio de Janeiro de ônibus, o que o fez chegarem lá antes da tripulação do navio. Nesse ínterim, revelou as fotos em seu estúdio particular, até que foi convocado para prestar depoimento por uma equipe de inteligência da Marinha. Nele, afirmava que, mesmo sendo um hábil manipulador de imagens, nenhum negativo baseado em truques fotográficos sobreviveria a um exame minucioso.<sup>343</sup> O seu relato causou dúvida entre os oficiais.

Por várias semanas o evento foi mantido em segredo, até que as fotos foram enviadas para o presidente da República, Juscelino Kubitschek, por meio do ministro da Marinha, almirante-de-esquadra (MB) Antônio Alves Câmara Júnior.<sup>344</sup> Em posse delas, Juscelino Kubitschek chamou pessoa de sua confiança, no caso Paulo Bittencourt, diretor e presidente do jornal carioca *Correio da Manhã*, para que este divulgasse o caso livremente. Bittencourt autorizou a publicação de matéria exclusiva com várias das fotos, na edição do dia 21 de fevereiro de 1958, intitulada *Marinha de Guerra fotografou disco voador sobre Trindade*. Outros periódicos também publicaram matérias sobre o evento, ainda que não dispusessem de todo material iconográfico.

---

<sup>342</sup> Tal análise, acerca da dificuldade de Bacellar ter visto o disco nos negativos, é sustentada por Menzel *et al* (1963, p. 213-214).

- MENZEL, Donald H.; BOYD, Lyle G. **The World of Flying Saucers: a scientific examination of a major myth of the space age**. New York: Doubleday & Company, 1963.

<sup>343</sup> *Idem*.p. 209.

<sup>344</sup> PETIT, Marco Antonio. Mais de cinco décadas depois, a verdade sobre o UFO em Trindade. **Portal UFO**. 01 ago. [2011](#).

**Figura 23** – Uma das fotos do objeto voador nos arredores da Trindade.<sup>345</sup>



**Fonte:** Almiro Baraúna (1958).

Antes mesmo da publicação das fotos pelo *Correio da Manhã*, Baraúna soube que o periódico iria publicar as fotos de sua autoria, mesmo contra sua vontade, apesar do risco de processo judicial.<sup>346</sup> Nesse ínterim, Baraúna se dirigiu ao diretor da revista *O Cruzeiro*, Leão Gondim, oferecendo direitos de uso das fotos, que foram adquiridas por 60 mil cruzeiros.<sup>347</sup> A revista era de propriedade do mega empresário Assis Chateaubriand, sendo um dos principais meio de comunicação que vinculava matérias sobre discos voadores na época.<sup>348</sup>

---

**345** O *Correio da Manhã*, foi o primeiro a publicar as fotos, como furo de reportagem: - *Marinha de Guerra fotografou disco voador sobre Trindade*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 21 fev. 1958.

**346** Santos (2008, p. 186).

**347** Em 1958 o salário mínimo era de 3.800 cruzeiros, quantia que equivaleria a quase 16 salários mínimos (2022).

**348** Em 1952 a revista publicou o primeiro grande caso, sob o ponto de vista de sua publicidade, sobre discos voadores no Brasil, fotografado na barra da Tijuca, zona sul do Rio de Janeiro. Hoje, tido como notório fruto de manipulação de imagem, as fotos do caso foram apresentadas como furo jornalístico e, segundo Suenaga, “são o marco inicial da história dos OVNI’s no Brasil”. Prossegue o autor: “Obviamente não foi o primeiro caso ocorrido nestas terras, de seculares manifestações, mas foi o que teve o mérito de

No mesmo dia, Baraúna ainda distribuiu à vários outros jornais cópias ampliadas dos discos, que, juntamente com o *Correio da Manhã*, publicaram matérias, várias delas de capa. A narrativa presente na matéria do *Correio da Manhã* e de outros periódicos deram o grande o impulso inicial da crescente “bola de neve” que teve início com os atos de Baraúna, quando a bordo do navio da Marinha Almirante Saldanha. A matéria afirmava que as fotos eram oficiais, ou seja, da própria Marinha do Brasil, sendo “as primeiras fotografias de um disco voador que aparecem com a chancela oficial”, alegando ainda que Baraúna era ligado à corporação.<sup>349</sup>

Declarou também as fantásticas características de voo do disco, que se deslocava entre “vinte mil a quarenta mil quilômetros por hora”, segundo o relato de oficiais e marinheiros que levantaram os cálculos. Ainda segundo a matéria, tal velocidade poria em combustão qualquer “engenho fabricado com materiais até aqui conhecidos”, sugerindo a origem extraterrestre do disco. Por fim, aludiu ao “absoluto sigilo” da Marinha, “nada querendo oficialmente declarar embora confirme as fotos e o testemunho da tripulação do “Almirante Saldanha””.

Muitas das informações contidas na matéria não puderam ser apuradas como verdadeiras, provavelmente tendo sido elencadas com o fito de causar furor sensacionalista. Primeiramente, Baraúna não tinha conexão com a Marinha do Brasil. Além disso, era fotógrafo profissional e *freelancer*, notório especialista em truques de imagem, e estava junto à tripulação do *Almirante Saldanha* para obter fotos subaquáticas em vista do Ano Geofísico Internacional e das atividades da Diretoria de Hidrografia e Navegação, ao qual o Poit era subordinado.

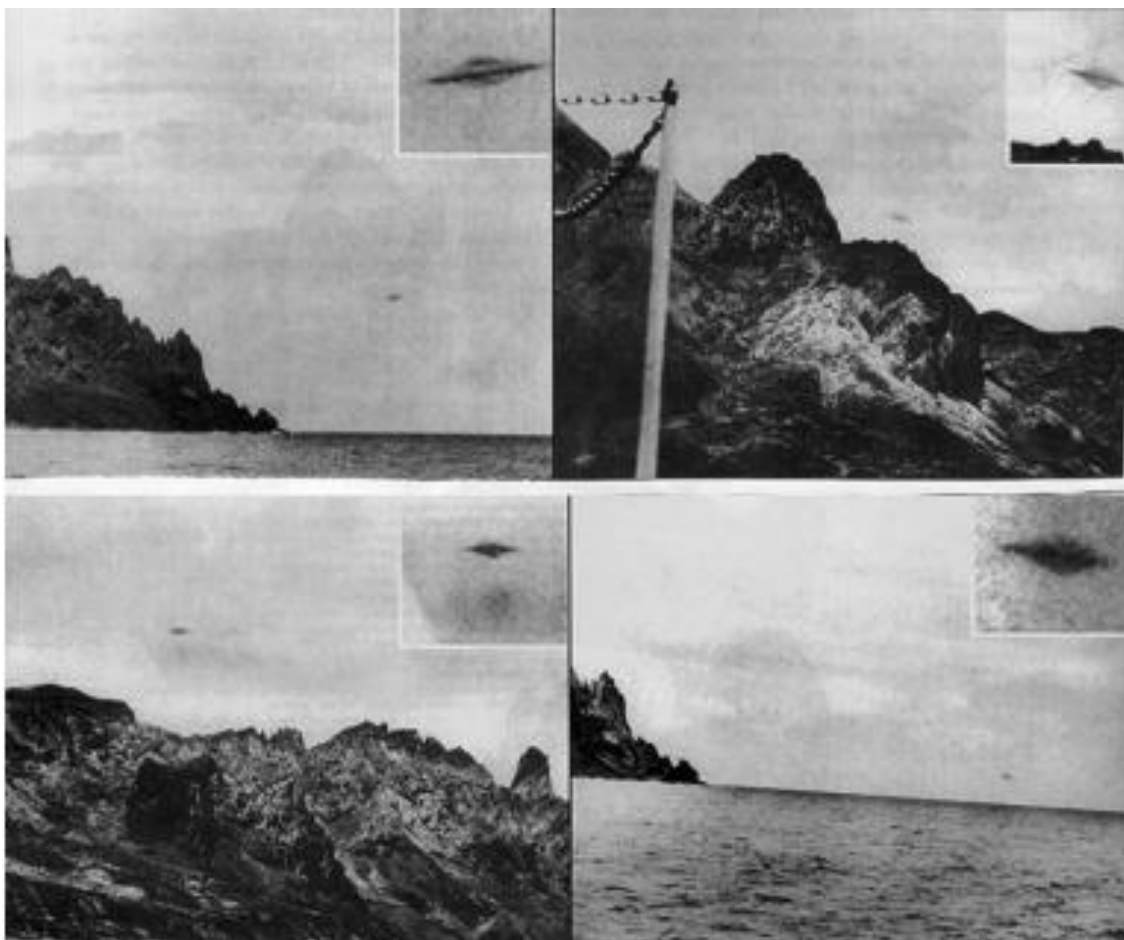
---

despertar, pelas páginas da revista mais badalada e de maior circulação à época, O Cruzeiro, a atenção da população e dos pesquisadores para o enigma que até hoje continua a desafiar a humanidade.”

- SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. Os 70 anos das fotos do disco voador na barra da Tijuca e do início da Era Moderna dos Discos Voadores no Brasil. **Site oficial de Cláudio Suenaga**. 15 mai. [2022](#).

**349** *Marinha de Guerra fotografou disco voador sobre Trindade. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1958.

**Figura 24** – Quadro com as quatro fotos do disco voador de Baraúna com a respectiva ampliação dos objetos



**Fonte:** Borges (2015).

Poucas pessoas alegaram terem observado o objeto diretamente, o que incluíam os colegas de caça submarina de Baraúna, havendo hoje escassez de relatos de oficiais afirmam terem observado o mesmo disco presente nas fotos.<sup>350</sup> Menzel afirma que apenas duas pessoas, todas elas associadas a Baraúna, teriam visto o objeto, nenhuma delas pertencentes à Marinha.<sup>351</sup> Borges aponta ainda que entre os pesquisadores do caso há uma variante imprecisa de 10 a 48 testemunhas (nesse último caso, quantidade afirmada pelo próprio Baraúna).

Em artigo, o autor lista dez nomes, incluindo aí o de Baraúna e outras testemunhas indiretas, como o capitão de corveta Bacellar. Já em outra publicação o autor aponta para a imprecisão do número de testemunhas oculares, por meio de novos relatos de tripulantes

---

**350** BORGES, Alexandre de Carvalho. Esfriando a polêmicas sobre o caso. **Portal UFO**. 01, nov. 2002.

**351** MENZEL, Donald H.; BOYD, Lyle G. **The World of Flying Saucers: a scientific examination of a major myth of the space age**. New York: Doubleday & Company, 1963.

militares que, apesar de comentarem sobre a movimentação já exposta por Bacellar, nada viram, além de desconhecem colegas de farda que realmente tenha visto o objeto. A ideia é que Baraúna teria inventado a história de 48 testemunhas oculares, com a intenção de dar mais credibilidade às suas fotos.<sup>352</sup>

Além disso, as fotos demonstram inconsistências com a notícia do *Correio da Manhã*, no caso, dada a velocidade estimada (entre 20.000 a 40.000 km/h), não há nenhum traço do típico borrão longitudinal. Somado a isso, apesar da nitidez da paisagem das fotos (rochas, mar etc.), o objeto apresenta-se bastante fosco, com pouco contraste e sem sombra.<sup>353</sup> Por outro lado, a Marinha nunca aceitou publicamente as fotos como autênticos registros de “discos voadores”.

Esses são alguns elementos que se contrapõe à narrativa de Baraúna e especialmente a do *Correio da Manhã*. No entanto, o que importa aqui são os efeitos da veiculação dessa notícia inicial, acompanhada por várias outras edições do mesmo dia,<sup>354</sup> que, como afirmamos anteriormente, suscitaram um momentâneo clamor público, quiçá responsável pela atitude do deputado Sérgio Magalhães do PTB (DF), que solicitava ao poder executivo maiores explicações sobre o caso em petição,<sup>355</sup> sendo o conteúdo completo do requerimento publicado pela imprensa no dia 27 de fevereiro de 1958.<sup>356</sup>

---

**352** BORGES, Alexandre. Caso Ilha da Trindade: O que não querem que você saiba. *Além da Ciência*. 19 de maio de [2015](#), p.8.

**353** Tal característica é apontada por Menzel *et al* (1963, p. 215).

**354** Tal listagem foi levantada por Santos ([2009](#), p. 253):

- *Estado Maior ignora a presença dos discos*. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 21, fev. [1958](#).

- *Nada tem a Marinha com o “disco voador”*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro: 21, fev. [1958](#).

- *Marinha de Guerra fotografou disco voador sobre Trindade*. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 fev. [1958](#).

- *Juscelino perplexo diante das fotos do disco voador*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 21 fev. [1958](#).

- *Céticos, os astrônomos Madeira e Gama expendem suas opiniões*. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

- *Sigilo absoluto na Marinha em torno do disco voador*. **O Globo**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

- *Não houve surpresa para o Serviço Secreto da Marinha*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

- *Perdi duas chapas, pois estava bastante nervoso*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

- *Por três vezes, o “Disco-voador” passou sobre a Ilha da Trindade!* **Última Hora**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

- *14 segundos foi o tempo que tive para fotografar o “disco-voador”!* **Última Hora**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

- *Balões de sondagem os supostos discos voadores*. **O Dia**. São Paulo: 21 fev. 1958.

- *“Disco-voador” sobre a ilha da Trindade*. **Folha da Tarde**. São Paulo: 21 fev. 1958.

- *Marinha nada dirá sobre disco voador*. **Diário Popular**. São Paulo: 21 fev. 1958.

- *Fotografado um “estranho objeto” que sobrevoou a ilha da Trindade*. **Folha da Manhã**. São Paulo; 21 fev. 1958.

**355** MAGALHÃES, Sérgio. **Requerimento de Informações n. 2957/1958**. 27 fev. 1958.

**356** Essa informação foi coletada por Borges ([2015](#), p.4):

- *Deputado quer desvendar sigilo do disco voador*. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 27 fev. [1958](#).

Trechos da resposta dada ao requerimento, assinada pelo ministro da Marinha, almirante de esquadra Antônio Alves Câmara Júnior,<sup>357</sup> foram publicados por jornais, informações essas dadas por declarações do deputado petebista.<sup>358</sup> Segundo o pesquisador Alexandre Borges, o documento sigiloso foi vazado em 1964.<sup>359</sup> Não somente isso, a veiculação da notícia *Correia da Manhã*, apresentando o caso com a chancela da Marinha, sem questionar, inclusive a autenticidade das fotos, só fez crescer o grande número de narrativas que vieram em resposta ao caso, que obteve, já na época, uma grande atenção da mídia impressa.

O volume de publicações, num período curto de tempo, impressiona. Segundo o historiador Rodolpho Santos, que fez minucioso trabalho sobre as publicações da imprensa sobre discos voadores entre as décadas de 1940 e 1950 no Brasil, somente sobre o caso da Trindade, a começar pelo dia 21 fevereiro, encerrando no dia 12 de março, ou seja, menos de 20 dias, os periódicos brasileiros publicaram quase 130 matérias diretas e indiretas sobre o caso.

As matérias incluíam, obviamente, uma grande variedade de narrativas que se contradiziam, ao expor não somente a autenticidade das fotos Baraúna, mas também denúncias sobre suas atividades como manipulador de imagens, inclusive de outros discos voadores, assim como de tesouros perdidos em ilhas remotas e outras aventuras dele e de seus colegas do clube de caça subaquática de Icaraí, nesse caso, obtendo lucros com a venda dos originais.<sup>360</sup>

---

**357** O ministro possuía largas experiências em ensino e pesquisa hidrográfica e geográfica, assumindo, em 1941, a o próprio comando do navio escola *Almirante Saldanha*. Além de participar de operações navais durante a Segunda Guerra Mundial, mas tarde foi diretor da Escola Naval, assumindo depois a Diretoria de Hidrografia e Navegação. Em 1954, participou do Movimento de 11 de Novembro ao lado de Lott e do ministro da Aeronáutica, Vasco Alves Seco, que garantiu a vitória de chapa de Juscelino Kubitscheck e João Goulart. Além disso, atuou no desbaratamento da Revolta de Aragarças, em 1959, que, assim como na Revolta de Jacareacanga, visava a derrubada do governo Kubitscheck. Informações extraídas de:

- PECHMAN, Robert. Antônio Alves Câmara Júnior. [FGV – CPDOC](#).

**358** Essas informações foram coletadas por Borges (2015, p.4):

- *Deputado diz que as fotos eram de objeto luminoso que não foi identificado*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 15 abr. 1958.

- *Disco-Voador: Câmara não pode divulgar relatório*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 17 abr. 1958.

- *Inquérito da Marinha confirma existência do disco voador sobre a Ilha da Trindade*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 16 abr. 1958.

**359** Borges (2015, p.5). Provavelmente, tal documento é o mesmo aqui citado em nota anterior, acerca das divergentes posições dos oficiais da Marinha.

**360** Borges (2015, p. 15), aponta que Baraúna conseguiu vender por 4 mil cruzeiros uma foto de uma caveira sobre uma caixa de ferro, presente na terceira edição das séries de matérias especiais do *Tribuna da Imprensa*, de autoria de Robert Zunir:

- *O tesouro da ilha sem nome: os morcegos atacam à luz dos refletores*. **Tribuna de Imprensa**. Rio de Janeiro: 20 mar. 1956.

Noticiavam também outros feitos de Baraúna e sua equipe, momento em que encontraram um navio naufragado na costa de Cabo Frio e resgataram tesouros em seu interior, como afirma a reportagem do jornal *O Globo*.<sup>361</sup> Logo, várias atividades de Baraúna eram questionadas, algumas delas admitidamente assumidas como truques, outras negadas como tal. Na época, o principal denunciador de tais atividades era seu amigo e colega de profissão, Joaquim Simões, que afirmou:

Trata-se, realmente, de um excelente profissional, perito em fotomontagens, capaz de fazer milagres dentro de um laboratório, mas dono de uma imaginação fantástica e de desmedida ambição de fazer nome como fotógrafo. Mas com a Marinha de Guerra e com a opinião pública não se deve brincar.<sup>362</sup>

Na mesma matéria do *Jornal do Brasil*, as minúcias das técnicas e dos equipamentos que Baraúna dispunha em seu estúdio em Niterói são apontadas por Simões, que, além disso, expõe uma outra fotomontagem de Baraúna, dessa vez assumida pelo próprio com tal, e que, segundo Simões, se assemelha com os discos da Trindade. Nesse caso, Simões aponta a matéria da revista *O Mundo Ilustrado*,<sup>363</sup> que tinha como objetivo justamente demonstrar a facilidade em se criar cenários em que a presença de discos voadores era sugerida, acarretando aí instantaneamente, na maior parte dos crédulos, a ideia de visitas extraterrestres marcianas em naves espaciais. Como afirma Borges, o historiador Rodolpho Gauthier foi o primeiro a resgatar a matéria indicada por Simões em 1958, publicando sua referência na dissertação defendida em 2008.<sup>364</sup>

Voltando às publicações que vieram em reposta, nesse volumoso corpo, cétricos, astrônomos, intelectuais, cientistas, políticos, pesquisadores da área e colegas de profissão de Baraúna teceram opiniões sobre o caso, que ganhou amplo destaque internacional, especialmente devido à opaca chancela da Marinha sobre as fotos. A instituição mantinha-se em posição delicada, apenas se esquivando do caso, pois como as fotos obtiveram a autorização do presidente Juscelino Kubitschek, não ousaria ir longe

---

- *A maldição dos jesuítas e o massacre dos tapuias*. **Tribuna de Imprensa**. Rio de Janeiro, 21 mar. [1956](#).

- *O homem da camisa listrada e a ilha sem nome*. **Tribuna de Imprensa**. Rio de Janeiro, 22 mar. [1956](#).

- *O tesouro da ilha sem nome: desapareceu na gruta o homem de sapatos de corda*. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 23 mar. [1956](#).

**361** *Navio naufragado há meio século localizado na costa de Cabo Frio*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1958.

**362** *Disco-voador da Trindade já aparecera em 54 numa outra fotomontagem*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 fev. [1958](#).

**363** *Um disco voador esteve em minha casa...* **O Mundo Ilustrado**. Rio de Janeiro, n° 93, 10 nov. [1954](#).

**364** Santos (2008, p. 188).

demais, pois qualquer atitude agressiva de negação demonstraria desacordo com as ações do chefe do executivo federal, logo, a corporação mantinha-se discreta em suas notas, ambiguidade essa que ajudava a promover o caso, sugerindo que a corporação não o negava, apenas evitava assumir explicitamente sua autenticidade.<sup>365</sup>

Por outro lado, devemos considerar também que a exploração midiática do caso poderia beneficiar temporariamente o governo, já que este se via envolvido numa crise política, econômica e social, que incluía também os desafios ligados à construção da nova capital da República, à inflação e ao crescimento da dívida externa. Com as sucessivas crises do café, herdadas pelo atual governo e ainda o principal produto de exportação, não havia outra forma de financiar as importações contemplada no Programa de Metas sem o endividamento externo, que se celebrava em termos bastante desfavoráveis, haja vista o curto prazo das amortizações.<sup>366</sup>

Em contrapartida, as tentativas de financiamento externo público, ou seja, do governo dos EUA, que tinham melhores prazos de amortização além de menores juros, fracassaram, restando apenas capitais privados, de juros maiores e prazos menores.<sup>367</sup> Os interesses dos EUA estavam no cerceamento da URSS, ou seja, na eurásia e no extremo oriente, e, quando referidos à América Latina, tais interesses eram apenas centrados em questões de “segurança”, ou seja, aliança continental contra o comunismo, sem nenhuma perspectiva de apoio à projetos de desenvolvimento e de industrialização, ao contrário do que ocorria no Japão e na Europa.<sup>368</sup> Tal fato corroborou para o futuro distanciamento do governo de Juscelino Kubitschek com o EUA no final de sua gestão.

Todos esses desafios sugerem também que o incidente do disco voador da Trindade, e toda sua curiosidade envolvente, poderia distrair a atenção pública dos problemas centrais e geopolíticos que afligiam a nação, mesmo que por um breve período

---

**365** Numa das notas, dois dias após a primeira matéria, a instituição afirma: “Com relação às notícias veiculadas pela Imprensa de que o Ministério da Marinha vem se opondo à divulgação de fatos acerca do aparecimento de estranho objeto sobre a Ilha da Trindade, este gabinete declara que tais informações carecem de fundamento. Este Ministério não vê motivos para que fosse impedida a divulgação de fotografias do referido objeto, obtidas pelo sr. Almiro Baraúna, que se achava na Ilha da Trindade a convite da Marinha, e na presença de grande de elementos da guarnição do NE “Almirante Saldanha”, de bordo do qual foram feitos os flagrantes. Evidentemente este Ministério não poderá se pronunciar a respeito do objeto visto sobre a Ilha da Trindade, uma vez que as fotografias não constituem prova bastante para tal fim.”

- *Nota oficial cita “estranho objeto visto sobre Trindade”*. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 23 fev. 1958.

**366** PIERUCCI, Antônio Flávio; *et al.* **História Geral da Civilização Brasileiro**. Tomo III. O Brasil republicano, v. 11: economia e cultural (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 106.

**367** *Idem.*, p. 111.

**368** *Ibid.*, p. 107.



de tempo, problemas esses que, se ressaltados, enfraqueceriam mais ainda um governo que, além de ter de lidar com grandes desafios externos, tinha de se reconciliar com as Forças Armadas e a ala militar de tendência golpista.

Voltando ao incidente da Trindade, devido à grande repercussão internacional das fotos, o incidente em si foi alvo de um grande número de publicações e pesquisas internacionais, especialmente de investigadores estadunidenses.<sup>369</sup> Na época, representantes do adido naval dos EUA em visita ao Brasil tentaram buscar mais evidências em contato com os oficiais presentes no Almirante Saldanha, sem obter nenhum novo depoimento que apoiasse a veracidade das fotos, momento em que suas cópias eram solicitadas por oficiais de seu país.<sup>370</sup> As conclusões finais do relatório da comissão eram duas: ou haveria uma enorme pressão para que o governo brasileiro não investigasse o caso oficialmente, ou o caso era apenas uma manipulação de cunho publicitário. Segundo o documento, a última tese era a mais provável.<sup>371</sup> Esse relatório serviu como base para o estudo do caso empreendido pelo projeto *Blue Book*, da Força Aérea dos EUA, que o classificou como embuste.<sup>372</sup>

Devido ao grande apelo que fotos de discos voadores causavam na década de 1950, a contar também pelo contexto que envolvia a Marinha do Brasil, o caso tomou proporções gigantescas, sendo até hoje, quiçá, as fotos mais debatidas ao longo da história dos discos voadores.<sup>373</sup> Pesquisadores brasileiros e estrangeiros,<sup>374</sup> ao longo de décadas,

---

**369** Leslie Kean, autora do excelente livro *UFOs: General, Pilots and Government Official Go on the Record*, de 2010, situa ainda as fotos dos discos voadores da Trindade como autênticas, devido ao engano geral da chancela da Marinha do Brasil sobre as mesmas. No entanto, a referência sobre o caso é mínima, havendo apenas exposição de duas fotos com uma legenda aludindo para a comprovação oficial:

- KEAN, Leslie. **UFOs: OVNI: militares, pilotos e governo abrem o jogo**. Bauru, SP, 2011, p. 190.

**370** Menzel *et al* (1963, p. 210-211).

**371** HYNEK, J. A. **The Hynek UFO Report**. London: Sphere Books Limited, 1978, p. 246-251.

**372** Menzel *et al* (1963, p. 211-212).

**373** Santos (2008, p. 187), também sustenta essa afirmação. Infelizmente, pesquisadores renomados e que publicaram pesquisas sérias e bem embasadas, especialmente no campo das investigações governamentais, ainda publicam as fotos de Baraúna como registros autenticados pela Marinha do Brasil, como o trabalho de Leslie Kean (2010), que apenas divulga as fotos de Baraúna, sem se ater ao caso especificamente.

**374** Borges (2015, p. 57), elencou as principais pesquisas internacionais que se debruçaram sobre o caso, expostas aqui em ordem cronológica:

- MENZEL, Donald H.; BOYD, Lyle G. **The World of Flying Saucers: a scientific examination of a major myth of the space age**. New York: Doubleday & Company, 1963.

- HINEK, J. A. **The Hynek UFO Report**. London: Sphere Books Limited, 1978.

- POWELL, Martin J. **The Trindade Island UFO: a detailed study of photos 1 and 2**. Unopened Files, n. 11, 1999.

- RIMMER, John. **The Trindade Island case: multiple witnesses or wishful thinking?** Magonia Supplement n. 44, 03 dec. 2002.

- SHOUGH, Martin. **The Trindade Island photographs: a preliminary study of cloud displacements**. Martin Shough website, feb. 2004.

investigaram o caso, tendo sido publicado o estudo mais completo apenas em 2015, sob a autoria de Alexandre Borges, que fez não somente um excelente balanço das pesquisas que se debruçaram sobre o caso, como também entrevistou o sobrinho de Baraúna, Marcelo Ribeiro, também fotógrafo, que afirma seu tio ter manipulado as fotos, no método da dupla exposição, possibilidade essa já aventada em vários estudos,<sup>375</sup> incluindo aí o do pesquisador e perito em imagens Claudeir Covo, referência nacional no campo da pesquisa sobre fenômenos aéreos não identificados.<sup>376</sup>

Em suma, ao que tudo nos indica, os eventos que sucederam a fabricação e divulgação das fotos se avolumaram, chegando num “ponto sem retorno”, uma grande “bola de neve” em que Baraúna se via impossibilitado de voltar atrás. Havia a ainda a promessa de um grande prêmio, que veio com a venda dos direitos de uso das fotos para a revista *O Cruzeiro*,<sup>377</sup> pertencentes ao conglomerado *Diários Associados*, que venderam as fotos para outras agências internacionais.<sup>378</sup>

Nos anos de 1950, a televisão ainda era incipiente, tendo boa ramificação popular apenas a rádio e a mídia impressa. Nesse período, matérias sobre discos voadores fascinavam um público cativo, e vendiam amplas tiragens, fato esse bastante explorado por profissionais da imprensa, vide o caso da Barra da Tijuca, de 1952, exposto pela revista *O Cruzeiro* e que lhe rendeu o esgotamento das tiragens dessa edição.<sup>379</sup> Tal caso pode contar com o posterior depoimento sobre a laboriosa manipulação que envolveu a sua construção, incluindo aí profissionais não somente da equipe técnica da fotomontagem, mas também da própria liderança executiva da revista, que curiosamente mais tarde viera a se associar com Baraúna para a divulgação do caso da Trindade.

Santos descreve acerca do processo de manipulação do caso, que, devido às suas consequências, não poderia mais “voltar atrás”, momento em que as tiragens da revista *O*

---

- PRINTY, Tim. **UFO over Trindade Island:** details overlooked or ignored. Tim Printy's web site, june [2004](#).

- PRINTY, Tim. **UFO over Trindade Island: trick or truth?** Tim Printy's web site, june [2004](#).

**375** Menzel *et al* (1962, p. 215) já aponta a facilidade de se fazer a “dupla exposição” na câmara Rolleiflex, usada por Baraúna. Assim também aponta o fotógrafo e colega de Baraúna, Joaquim Simões: “No caso do disco da Trindade ele nada mais fez que transpor para a paisagem da ilha para a imagem redonda produzida pela justaposição das duas fichas e que, há três anos, usou para provar como o assunto se presta para farsas”.

- *Disco-voador da Trindade já aparecera em 54 numa outra fotomontagem*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 fev. [1958](#).

**376** Borges (2015, 45-47).

**377** Em entrevista, Baraúna afirma que conseguiu com esse dinheiro adquirir um apartamento e equipamentos fotográficos. *Idem.*, p.32.

**378** *Ibid.*, p. 32.

**379** *Ibid.*, p. 32-33.

*Cruzeiro* haviam estagnado, e o tema em si estava na moda, “tinha charme e apelo” e poderia reverter a estagnação.<sup>380</sup>

O jornalista e escritor Carlos Orsi publicou excelente artigo acerca das implicações éticas da manipulação midiática do caso, enquadrando o papel de diferentes atores públicos em suas respectivas respostas ao evento. Intitulado *Os escrotos, os omissos, os deslumbrados e os furiosos*, os escrotos seriam os jornalistas mentirosos e sem escrúpulos; os omissos, a comunidade acadêmica que deixou a mentira se propagar sem reação adequada (estudo técnico das fotos); os deslumbrados seriam os militares que teriam “comprado a ideia” do disco voador com análises fotográficas limitadas, que não incluíram a possibilidade do recurso da “dupla exposição”, por exemplo; os furiosos seriam os céticos que apelavam para críticas pessoais, impropérios e argumentos de autoridade, que acabava os distanciando de um debate qualificado e o que os fazia perder o pouca espaço que ainda tinham em relação às revistas de grandes tiragens, como a *O Cruzeiro*.<sup>381</sup>

Ao que tudo indica, o truque de Baraúna foi bem executado, sendo difícil captá-lo por meio da análise dos negativos. Além disso, há várias inconsistências nos seus depoimentos, especialmente no tocante das outras testemunhas que afirmam terem visto o disco voador no momento em que as fotos eram tiradas. Baraúna afirmou 48 pessoas, no entanto, somente duas outras pessoas prestaram depoimento, todas elas associadas a Baraúna, não sendo pertencentes ao quadro de oficiais da Marinha. Alexandre Borges afirma ainda, por meio do relato do capitão de fragata Paulo Moreira Silva, que estava no mesmo local do ocorrido, apesar de não ter visto o objeto, que aproximadamente oito pessoas podem ter acompanhado a rápida evolução do mesmo, no entanto, tais elementos nunca foram contatados.<sup>382</sup>

Os pesquisadores brasileiros e internacionais levantaram outros aspectos das fotos reveladas, como a grande diferença no padrão das nuvens, que sugere terem as fotos sido tiradas em dias diferentes, um intervalo de tempo grosseiramente incompatível com a descrição de Baraúna, que afirma o avistamento e as fotos foram tiradas em menos de vinte segundos.<sup>383</sup> Além disso, o sobrinho de Baraúna, em entrevista dada a Alexandre

---

**380** Santos (2009, p. 127-128).

**381** ORSI, Carlos. Os escrotos, os omissos, os deslumbrados e os furiosos. **Questão de ciência**. 12 dez., 2018.

**382** Borges (2015, p.7).

**383** Shough (2004).

Borges, destacou a personalidade do famoso fotógrafo, descrevendo-o como brincalhão, gozador e hábil manipulador de imagens, tendo confessado a ele o processo de feitura das consagradas fotografias.

As fotos se mostraram bastante relevantes para a época, surgindo na imprensa brasileira e internacional não mais que dez anos desde o surgimento dos “discos voadores” como entidade cultural popular. Tiradas a bordo de um navio da Marinha do Brasil, traziam a “prova” da veracidade dos discos, o que na época significava, em termos populares, a quase existência de uma civilização marciana tecnologicamente avançada em visita à Terra.

No entanto, hoje, elas perdem sua relevância, já que há abundância de material oficial e imagético muito mais impactante, sem que isso provoque qualquer reação do grande público. Ou seja, como fonte que venha a trazer ricas informações para o campo dos fenômenos aéreos não identificados, as fotos de Baraúna, mesmo se fossem autênticas, em quase nada serviriam, a não ser para aqueles que se mantêm na dúvida de existência ou não de tal fenômeno, um dilema inicial que atraía muito mais atenção em 1950 do que hoje.

O que fica evidente é a ascensão do poder dos meios de comunicação, que assim como em 1947 criou os *flying saucers*, pelo relato de Kenneth Arnold, no Brasil, desde o caso da Barra da Tijuca de 1952, até o da ilha da Trindade em 1958, foi o principal espaço do debate sobre fenômenos aéreos não identificados, nesse caso, dos discos voadores e a tese central da aeronave extraterrestre, que, como aponta Santos, viera a se sobrepor à tese de engenho militar secreto. O foco era o furo jornalístico, a exploração das controvérsias, os contratos de direito autoral e a fidelidade de um público cativo interessado em se aproximar dos mistérios que cercavam os discos voadores. O furo jornalístico, iniciado pelas fotos de Baraúna e explorado até os nossos dias, fez com que a ilha da Trindade ficasse conhecida em todo o mundo, incluindo aí a própria população brasileira.

As expectativas resguardadas pelo grande público acerca dos discos voadores fizeram com que o truque de Baraúna e o cenário que cercava sua história ganhassem uma proporção única, a convencer de sua autenticidade o chefe do executivo federal na época, Juscelino Kubitschek, além de oficiais militares, assim como jornalistas, leitores e pesquisadores. Em resposta a tamanha agitação, vários estudos se seguiram, tentando

não somente analisar as fotos, mas também pesquisar o contexto de sua produção, apontando falhas, inconsistências e mentiras. Isso não quer dizer que não havia nada de anômalo nos céus da Trindade naquele 16 de janeiro de 1958. Poderia sim, como já tinha ocorrido em várias outras ocasiões, como apontam os relatórios da Marinha.

No entanto, para um personagem habilidoso como Baraúna, mestre artífice da imagem e famoso montador de cenários de aventura e exploração no mar, a chance de criar mais um grande cenário, o maior de todos, deveria ser muito tentadora, ainda mais quando numa ilha distante, num navio da Marinha, com o apoio tácito ou apenas entusiástico de seus colegas de caça subaquática.

Tentar destrinchar essa gigantesca bola de neve, que se avolumou ao longo das décadas, impulsionada pelas fotos e pelo opaco carimbo da Marinha, é tarefa hercúlea e cansativa. Há demasiadas fontes sobre o caso, especialmente oriundas da imprensa. E, há poucos anos, as peças finais do quebra cabeça foram coletadas, especialmente com o artigo de Alexandre Borges de 2015, que deu a “martelada final” no caso, enquadrando-o como uma meia verdade: sim, haviam vários relatos de estranhos objetos rondavam a ilha, no entanto, as fotos de Baraúna não os retratavam. Ao contrário, expunham a sua ousadia e seu grande talento artístico.

Nesse momento, os fenômenos aéreos não identificados eram exclusivamente associados aos discos voadores, em que sua propagação inicial se dava, ao mesmo tempo, na mídia impressa, na rádio e no cinema, o que evidenciou, nessas primeiras décadas, a quase exclusividade dos jornalistas e da imprensa no geral na criação desse novo imaginário, originando aí o atual sensacionalismo que ainda percorre o tema. As interpretações abrangentes sobre tais objetos, por outro lado, vinham de uma rica literatura de ficção científica, que se desdobrava nas revistas em quadrinhos e no cinema,<sup>384</sup> como apontamos no capítulo anterior.

---

**384** Em 1952 foi lançado nos cinemas brasileiros o filme *O dia em que a terra parou*, aclamado longa-metragem que explora a narrativa de uma aeronave ultra tecnológica que desce ao planeta Terra e oferece um ultimatum de paz, para que a humanidade abra mão de suas guerras, que, por serem cada vez mais catastróficas e mundiais, estão perturbando civilizações de outros mundos. Em pesquisa em jornais da época, notamos que o filme tivera em torno vinte sessões em diferentes salas de cinema ao longo do ano de 1952 na cidade de São Paulo, por exemplo, a contar com algumas poucas em 1953, agora na cidade de Rio de Janeiro. O *Correio Paulistano*, na edição de 17 de junho de 1952, foi o único jornal que publicou uma sinopse do filme, incluindo também no artigo sugestões de uma comprovação oficial da força aérea dos EUA acerca da seriedade dos discos voadores, assim como de eminentes cientistas alemães, que apontam para origem extraterrena dos mesmos.

- O dia em que a Terra parou. Direção: Robert Wise. EUA: Twentieth Century Fox. [1951](#).

Em consequência, o próprio desuso da expressão disco voador pela sigla/palavra óvni, demonstra uma transição que expressa uma nova força que tenta se desprender da tutela midiática, ganhando contornos científicos, oficiais e militares. Apesar de já existirem na época livros civis e de pessoal militar sobre o assunto, além de produções acadêmicas, como o basilar *um mito moderno sobre coisas vistas nos céus*, de Carl Jung, que teve uma primeira edição em 1958, a imprensa dominava o debate sobre o tema, sendo tais publicações ainda bastante incipientes.

Na obra, o autor ainda apontou fato relevante do grande interesse público pelo tema, interesse esse que tem aumentado com o passar das décadas, refletido num leque de produções editoriais, cinematográficas, jornalísticas etc., assim como em pesquisas oficiais de Estado e acadêmicas, o que por si só fazia e faz do tema um campo de interesse de estudos científicos. A expectativa era que sua obra servisse em apoio a pesquisas posteriores, que porventura viessem a analisar novos dados empíricos, como ocorre hoje.

Sendo uma das primeiras publicações acadêmicas de destaque mundial que viera a analisar as anomalias presentes nos fenômenos aéreos não identificados, a obra de Jung, como apresentado no começo do capítulo, se balizou nos temores psíquicos decorrentes do cenário geopolítico pós Segunda Guerra Mundial, que, dado ineditismo das expectativas de catástrofe da guerra atômica, agora vinda dos céus por bombardeiros e mísseis balísticos intercontinentais, criaria o contexto cultural propício para novos temores que incluíam tecnologias aéreas disruptivas, como o disco voador, ao abrir espaço para a possibilidade de terceiros elementos, na figura dos seres alienígenas de outros mundos.<sup>385</sup>

Tal fato nos transporta para uma realidade mais abrangente a que Jung soube descrever, e que se relaciona com o potencial mitológico e arquetípico das narrativas que gravitam em torno dos fenômenos aéreos não identificados, pois aludem a uma alteridade com o fantástico, num ambiente cultural fortemente marcado pelo materialismo e racionalismo.

---

- *O dia em que a Terra parou*. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 jul. [1952](#).

**385** Paolo Toselli, em sua listagem de pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno, aponta que em 1948 e 1950 foram publicadas duas dissertações (*master of art*) nos EUA, no campo do jornalismo, que conformam, até então, os dois primeiros trabalhos acadêmicos sobre o tema a que temos notícia:

- WENNERGREN, Emil Earl. **The “Flying Saucer” Episode**. 147 f. Master of Art (Journalism). State University of Iowa, 1948.

- JOHNSON, DeWayne B. **Flying Saucers: Fact or Fiction?** 348 f. Master of Art (Journalism). University of California, Los Angeles, 1950.

Desde Jung, o mito vivo identificado pelo autor cresceu e se sofisticou, havendo hoje um maior leque de evidências, assim como de relatos e estudos científicos e paracientíficos que tentam esboçar novas teorias e hipóteses explicativas do fenômeno, que, ao mesmo tempo, ainda é amplamente explorado pela indústria cultural, a principal formadora de opinião sobre o assunto, incluindo aí o público acadêmico. No entanto, as observações de Jung configuram as maiores contribuições interpretativas gerais de sua época, ecoando ainda hoje, sem perder em ousadia e perspicácia.

Nas décadas que se seguiram, os fenômenos passaram a ganhar novos significados, na medida em que diferentes Estados iniciavam pesquisas oficiais, ao passo que os subtemas associados ao fenômeno ganhavam contornos mais complexos, baseados em experiências bastante distintas daquelas presentes nas décadas de 1940 e 1950 e expostas nesta tese. O próximo capítulo explorará os temas mais relevantes que ocorreram na década de 1950 e 1960 no Brasil, e que extrapolaram os triviais relatos de estranhos objetos que rondam o céu, assumindo agora contornos políticos e explicativos de maior impacto e complexidade.

## Capítulo VI

### Novos limites dos fenômenos relacionados a óvnis no Brasil e no Mundo

#### 6.1. Uma época de rupturas tecnológicas

Os anos entre o final de 1950 e início de 1960 encerraram grandes eventos tecnológicos e científicos, especialmente em relação ao desenvolvimento de aeronaves e testes atômicos díspares, momento também em que ocorreram os primeiros lançamentos de satélites a orbitar a Terra. Em meio à tensão geopolítica da Guerra Fria, novas armas eram desenvolvidas e aperfeiçoadas e a disputa armamentista se dava sobretudo na corrida espacial e na Indústria Aeronáutica. De forma pioneira, podemos citar o sucesso de lançamento de um satélite artificial, que entrou em órbita em 4 de outubro de 1957, mantendo-se operante até meados do final do mesmo mês. O sucesso do *Sputnik-1* demonstrava na época estar a URSS na dianteira da corrida espacial, feito tecnológico acompanhado por vários outros países nas décadas seguintes, incluindo aí, mais tarde, empresas privadas. Todos esses esforços refletem o grande salto nas telecomunicações de nossos dias, assim como parte dos estudos acerca do ambiente cósmico circundante.

O sucesso científico e tecnológico do lançamento do *Sputnik-1*, o pequeno e leve satélite que emitia sinais a serem captados até por radioamadores, projetado pelo engenheiro Sergei Pavlovich Korolev, teve inesperado impacto propagandístico, momento em que todo o globo celebrava os feitos soviéticos. O evento, dado o grande feito aeronáutico, espacial, tecnológico e científico, causou vertiginosa aceleração na corrida espacial tanto nos EUA como na URSS. Autores como Winter e Melo apontam que a própria criação da Nasa, que reuniu várias outras agências e laboratórios antes dispersos, foi reação ao pioneirismo soviético, que enviou ao espaço, apenas um mês após o *Sputnik-1*, o *Sputnik-2*, muito mais pesado e contendo agora o primeiro ser vivo a orbitar a Terra, a cadela Laika, que veio a falecer.<sup>386</sup>

Por outro lado, Negri e Squeff (2014)<sup>387</sup> apontam que entre os anos de 1958 e 1959, houve um ciclo de crescimento significativo em investimentos públicos de pesquisa

---

**386** WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida (Orgs.). **A Conquista do Espaço: do Sputnik à Missão Centenário**. São Paulo: Livraria da Física, 2007.

**387** NEGRI, Fernanda De; SQUEFF, Flávia Holanda Schmidt. Investimentos em P&D do Governo Norte-Americano: evolução e principais características. **Radar**. n. 36, dez. [2014](#).



e desenvolvimento em tecnologias de defesa nos EUA, a que as autoras aludem também como resposta à corrida espacial. Os EUA lançaram seu primeiro satélite em 31 janeiro de 1958, o *Explorer I*, em projeto coordenado pelos físicos Wernher von Braun e James Van Allen, sendo este último responsável pelas medições dos cinturões de radiação que envolvem o planeta, sendo um destes mais tarde batizado como Cinturão de Van Allen.

Lembre-mos também do projeto *Arrow* da empresa canadense Avro, aeronave caça multitarefa que atingia alta performance de altitude e velocidade em sua fase de testes em 1958 (aprox. 16.000 km<sup>2</sup> e 1000 km/h respectivamente), um grande feito tecnológico para a época, tendo em vista que estávamos ainda na década seguinte após as primeiras aeronaves a jato entrarem em operação durante a Segunda Grande Guerra. O inovador projeto da aeronave de design delta foi encerrado abruptamente, num polemico processo de roubo tecnológico, em que boa parte dos engenheiros e técnicos envolvidos em sua concepção foram rapidamente incorporados aos programas aeroespaciais dos EUA, sofrendo, o Canadá, enormes prejuízos econômicos, tecnológicos e psicossociais.

Os danos psicossociais aqui descrevem não somente as dezenas de milhares empregos diretos e indiretos que foram perdidos com o cancelamento abrupto do projeto, que contou, além disso, com a própria destruição das aeronaves e dos protótipos, mas também o golpe contra o moral coletivo canadense, que vinha se enriquecendo com o sucesso de sua Indústria Aeronáutica, e se viu agora abalado pelo alinhamento incondicional ao EUA, que não permitiriam o surgimento, dentro de sua área de influência, de uma nova potência aeroespacial. A tese central defendida por Campagna e outros autores é a de que o projeto *Arrow* era tão avançado para sua época, que certamente dominaria parte do reguladíssimo mercado de aeronaves de combate de toda uma geração, nublando outros projetos dos EUA, que perderiam parte do controle das inovações e das vendas da tecnologia de ponta do bloco ocidental. As controvérsias do projeto *Arrow* estão diretamente relacionadas ao tópico do “ufanismo tecnológico” que marcou a Guerra Fria, como abordamos no capítulo anterior.<sup>388</sup>

---

**388** Para mais informações sobre o projeto ver:

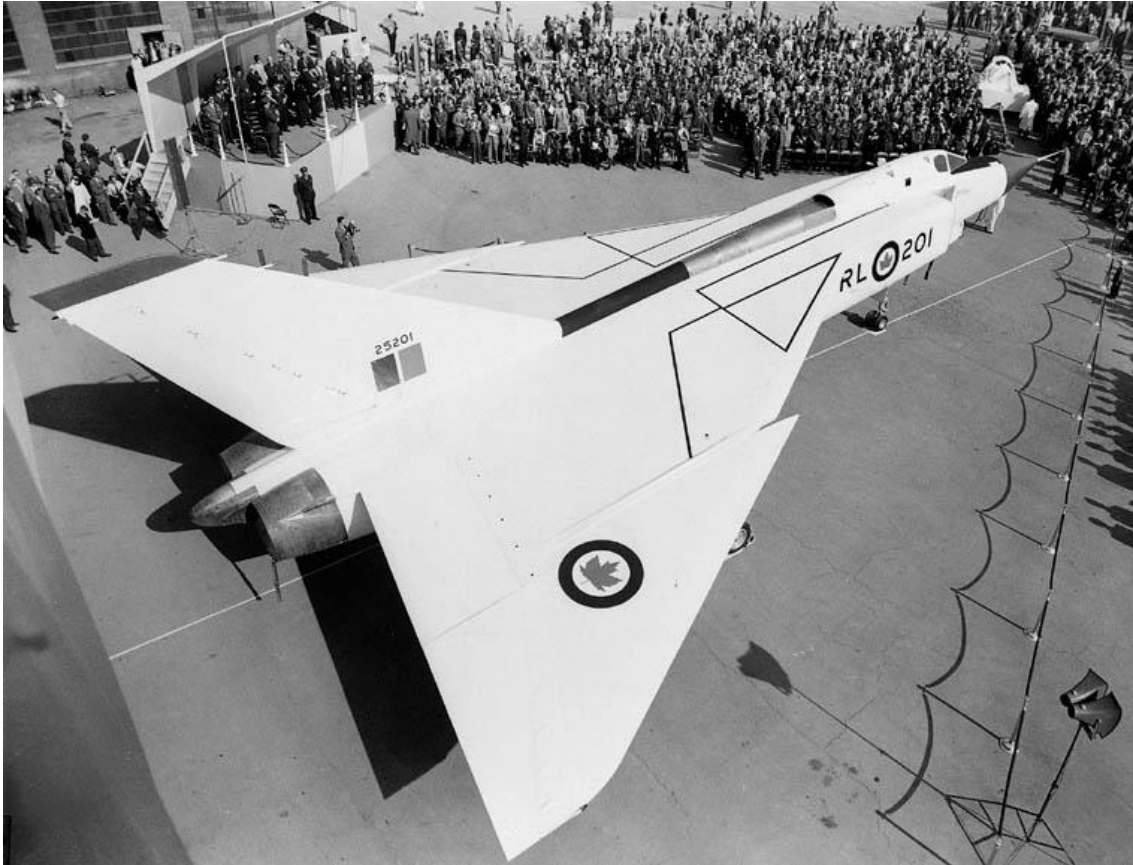
- CAMPAGNA, Palmiro. **Storms of Controversy: The Secret Avro Arrow Files Revealed.** Toronto: Stoddard Publishing, 1992.

- CAMPAGNA, Palmiro. **Requiem for a Giant: A. V. Roe Canada and the Avro Arrow.** Toronto: Dundur Press, 2003.

- STEWART, Greig. **Shutting down the national dream.** Whitby, Ontario: McGraw-Hill-Ryerson, 1988.

- STEWART, Greig. **Arrow Through the Heart: The Life and Times of Crawford Gordon and the Avro Arrow.** Toronto: McGraw-Hill-Ryerson, 1998.

**Figura 25** – Aeronave canadense *Avro Arrow* no dia de seu lançamento público. Por coincidência, o lançamento ocorreu no mesmo dia do satélite soviético *Sputnik-I*, em 4 de outubro de 1957.



**Fonte:** Canadian Air & Space Museum/AVRO Canada Collection ([1957](#)).

Segundo ainda pesquisa de Campagna, as ações estadunidenses tinham como interesse maior favorecer sua indústria aeroespacial, momento em que, ao abdicar de seus projetos aeronáuticos, os canadenses adquiriram obsoletos e inadequados sistemas de mísseis antibalísticos terra-ar, numa estratégia maior que visava garantir que a possível guerra nuclear contra a URSS fosse levada antes sobre o Canadá, ao invés do norte dos EUA.<sup>389</sup> Nessa mesma época, em conjunto com os EUA, a Avro Canadá também desenvolveu o projeto experimental de uma aeronave em formato discoide, design esse que suscitou a possibilidade de muitas alegações de óvnis serem fruto de engano de projetos aeronáuticos secretos. De propulsão vertical e a jato, a aeronave Avrocar VZ-9

---

<sup>389</sup> Vale ressaltar que o norte ártico, território compartilhado por países nórdicos, pela Groelândia (Dinamarca), pelo Canadá, pelos EUA e pela URSS, abrigava e ainda abriga as principais rotas dos mísseis balísticos intercontinentais, dada a relativa proximidade entre os EUA e a URSS.

foi rapidamente descontinuada por problemas técnicos.<sup>390</sup> Concomitante ao lançamento do caça Arrow, os EUA lançaram em 1958 o caça F-104 Lockheed, que teve sérios problemas técnicos e de manobra que levaram muitos pilotos a morte em treinamento, especialmente da República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), que adquiriram 916 unidades, compras essas que envolveram esquemas de propina entre executivos da Lockheed e funcionários do governo alemão.

**Figura 26** – Aeronave Lockheed F-104. Até 1972, quando o caça foi substituído, 292 unidades foram perdidas em acidentes que causaram a morte de 115 pilotos germânicos.<sup>391</sup>



**Fonte:** National Museum of the United States Air Force ([2022](#)).

No campo dos testes atômicos, em 1958 os EUA fizeram suas primeiras experiências no espaço sideral. A Operação Argus tinha como intuito avaliar a teoria do físico Nicholas Constantine Christofilos que propunha a possibilidade de criação de um

---

**390** Para mais informações sobre o projeto da aeronave discoide ver Suenaga ([1999](#), p. 51) e Schramm ([2016](#), p. 37-38).

**391** MICHEL, Marshall. F-104: Germany's 'Widow Maker'. **Spangdahlem Air Base**, jun., [2015](#).

escudo eletromagnético com detonações atômicas no espaço exterior.<sup>392</sup> Nesse quadro, sistemas de radar e de orientação de mísseis balísticos seriam afetados e até neutralizados com explosões atômicas no campo eletromagnético que circunda o planeta. A ideia era que a radiação emitida pelas explosões atômicas no espaço mudaria temporariamente o campo eletromagnético e o fluxo de elétrons (efeito Christofilos), num movimento capaz de confundir os dados de radar e até queimar as sensíveis componentes de orientação dos mísseis balísticos. Em teoria, tais explosões formariam um escudo de defesa sobre o território dos EUA no caso de uma guerra contra a URSS.

Segundo relatório, os lançamentos ocorreram entre os dias de 27 de agosto e 9 de setembro de 1958,<sup>393</sup> em nove navios estacionados no Atlântico Sul (entre a América do Sul e a África), com as explosões ocorrendo até cerca de 794 km de altura, no equador magnético. A força tarefa contava com aproximadamente 4.500 homens.<sup>394</sup> Os dados foram recolhidos por satélite (*Explorer IV*), previamente lançado para tal finalidade, assim como por navios, aeronaves e outras estações em terra. A operação contava com a participação de um outro satélite (*Explorer V*), que acabou falhando ao tentar entrar em órbita.

O projeto envolveu um grande número de agências e institutos de tecnologia e de pesquisa científica, governamentais e privadas, que participaram não só no desenvolvimento dos equipamentos de medição, mas também nas análises dos dados recolhidos.<sup>395</sup> Tais dados comprovaram os efeitos teorizados por Christofilos,<sup>396</sup> sendo que as conclusões gerais eram de que por mais eficazes que fossem as explosões, a mudança no campo eletromagnético era muito curta, rapidamente retornando à normalidade. Logo, a operação foi tida como tendo resultados majoritariamente científicos, sem entregar os resultados militares mais promissores, como a danificação de ogivas, ainda que pudesse comprometer o funcionamento de radares e satélites

---

**392** O relatório oficial da Operação Argus produzido em 1982, foi desclassificado e está disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a122341.pdf>>. Acesso em 25 out. 2022.

**393** UNITED STATES. Defence Nuclear Agency. **Operation Argus 1958**. Washington, DC, 1982, p.36.

**394** *Idem.*, p.11.

**395** *Ibid.*, p.43.

**396** *Ibid.*, p.40.

**Figura 27** – Míssil X-17 Lockheed com ogiva acoplada em sua ponta a bordo do navio *USS Norton Sound*, plataforma de lançamento dos mísseis da Operação Argus.



**Fonte:** USS Navy ([1958](#)).

Ainda no rol dos testes atômicos díspares, em 1961 a URSS detonou a maior bomba nuclear de todos os tempos, na erma região na Nova Zembla, ilha situada no oceano Ártico. Em termos comparativos, a detonação gerou energia mil e quinhentas vezes maior que a lançada em Hiroxima, em 1945, com uma potência de 50 megatons (50 milhões de toneladas de TNT), utilizando uma tecnologia nova, a fusão nuclear, realizada com hidrogênio enriquecido, em que o disparo para a fusão dos átomos de hidrogênio se dá através da explosão de outra bomba nuclear convencional.<sup>397</sup>

**Figura 28** – Quadro do vídeo da *Tsar Bomb* liberado pela agência de energia nuclear russa (Rosatom) em 20 de agosto de 2020.



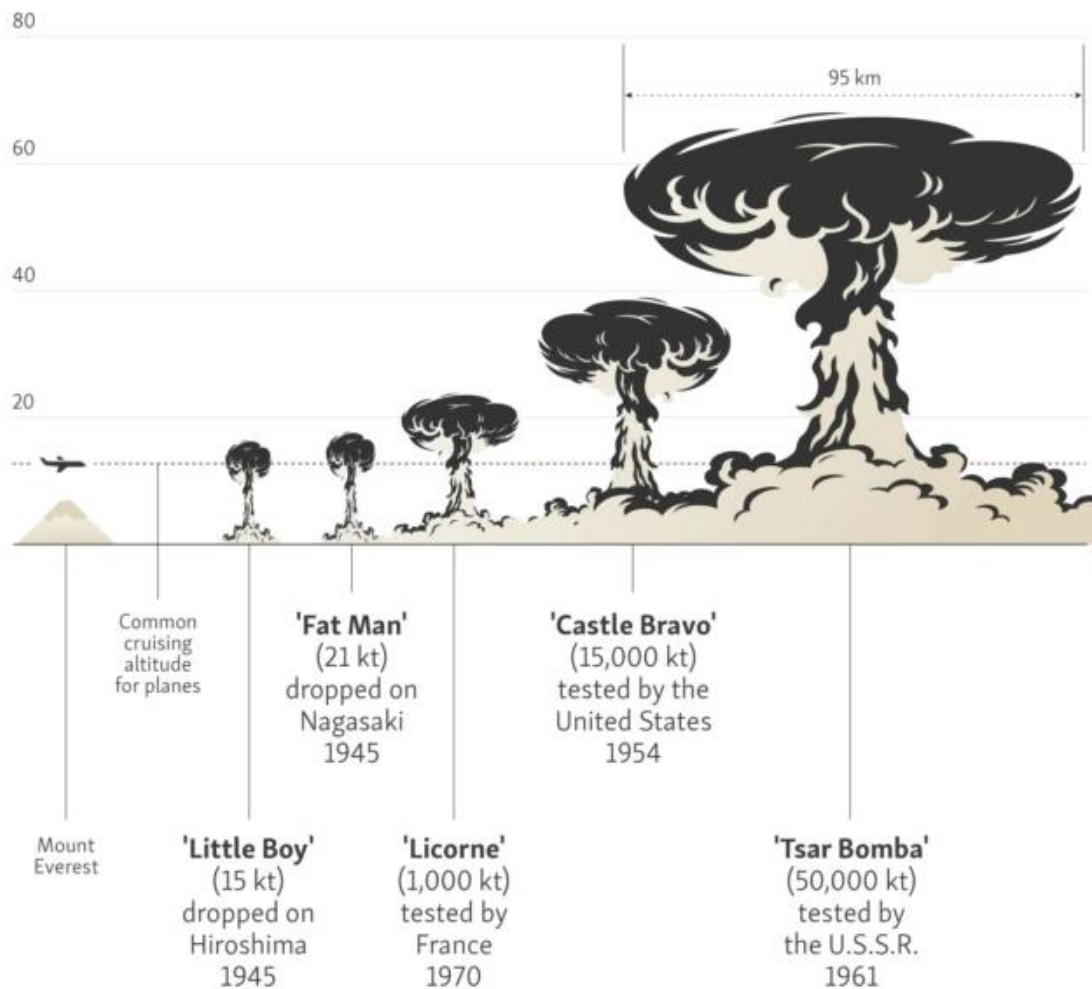
**Fonte:** Rosatom ([2020](#)).<sup>398</sup>

---

<sup>397</sup> Atomic Heritage Foundation. **Tsar Bomba**. 8 ago. [2014](#).

<sup>398</sup> Nuclear Vault. **50 Megaton Tsar Bomba Declassified – Ivan RDS-220 Hydrogen Bomb**. Youtube, 24 ag. [2020](#).

**Figura 29** – Quadro comparativo das dimensões em quilômetros da “nuvem de cogumelo” da *Tsar Bomb* com outras detonações já feitas.



**Fonte:** Foltynova; Coelho (2021).<sup>399</sup>

Devido a seu peso, a plataforma de lançamento foi a de um bombardeiro adaptado, pois na época era impossível de ser acoplada em míssil balístico. Tal fato faria seu uso em combate inapropriado, já que os pesados e lentos bombardeiros poderiam ser interceptados com facilidade, se comparados aos mísseis balísticos intercontinentais da época. Mais tarde, maiores mísseis foram desenvolvidos para o transporte de pesadas bombas de hidrogênio. A detonação de 1961, para além do teste de um novo arsenal capaz

**399** FOLTYNNOVA, Kristyna; COELHO, Carlos. Weapon Of Last Resort: How The Soviet Union Developed The World's Most Powerful Bomb. **Radio Free Europe**. 29 out. 2021.

de obliterar grandes cidades com uma única unidade, lançada por bombardeiro ou acoplada a um míssil, teve também a finalidade servir como propaganda de guerra.

Ainda em 1961, as tensões territoriais na Alemanha ocupada encontraram seu auge quando a URSS e os EUA mobilizaram dezenas de blindados em formação de guerra a poucos metros de distância de Berlim, num dos pontos de fronteira que separava a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) da República Federal da Alemanha. A tensão de uma possível guerra iminente, escalada por desentendimentos acerca do livre trânsito diplomático e militar pela passagem, era piorada pelos constantes mal entendidos, pela falta de comunicação, pressões ideológicas, agendas discrepantes etc.<sup>400</sup>

Tal situação desencadeou na mobilização dos tanques, num clima já bastante tenso, dado que os soviéticos estabeleceram o extenso muro que cortava a cidade, em vistas das políticas coercitivas que frearam a emigração do bloco oriental, especialmente entre as classes mais letradas. A construção do muro levou os EUA, agora sob a liderança de John F. Kennedy, a aumentar seu efetivo militar na Europa, especialmente aqueles estacionados na Alemanha. O incidente foi resolvido pela via diplomática, com a gradual retirada dos blindados.

No entanto, ainda no mesmo ano, ocorreu a até então a maior crise já enfrentada pelos EUA e a URSS durante a Guerra Fria, quando foram instalados bases aéreas e silos de mísseis nucleares na recém inaugurada, após revolução, República de Cuba, situada a menos de 150 km de distância dos estado da Flórida.<sup>401</sup> Durante o evento, os EUA se puseram em alerta máximo, fato inédito até hoje não repetido, sendo a crise resolvida em termos diplomáticos, em acordos que garantiriam a não invasão de Cuba pelos EUA, assim como a retirada da rede de mísseis nucleares implantados na Turquia e na Itália.

Como aponta Rolim, a “Crise dos Mísseis” foi um ponto de inflexão do papel da América Latina na Guerra Fria, pois até esse momento a região era uma área de pouca importância geopolítica durante o conflito bipolar.<sup>402</sup> Paradoxalmente, a crise trouxe por curto período a assustadora possibilidade da hecatombe nuclear ser deflagrada na própria

---

**400** Para mais informações ver:

- KEMPE, Frederick. **Berlin 1961: Kennedy, Khrushchev, and the Most Dangerous Place on Earth**. G.P. Putnam's Sons, 2011.

**401** Rolim (2012, p.105).

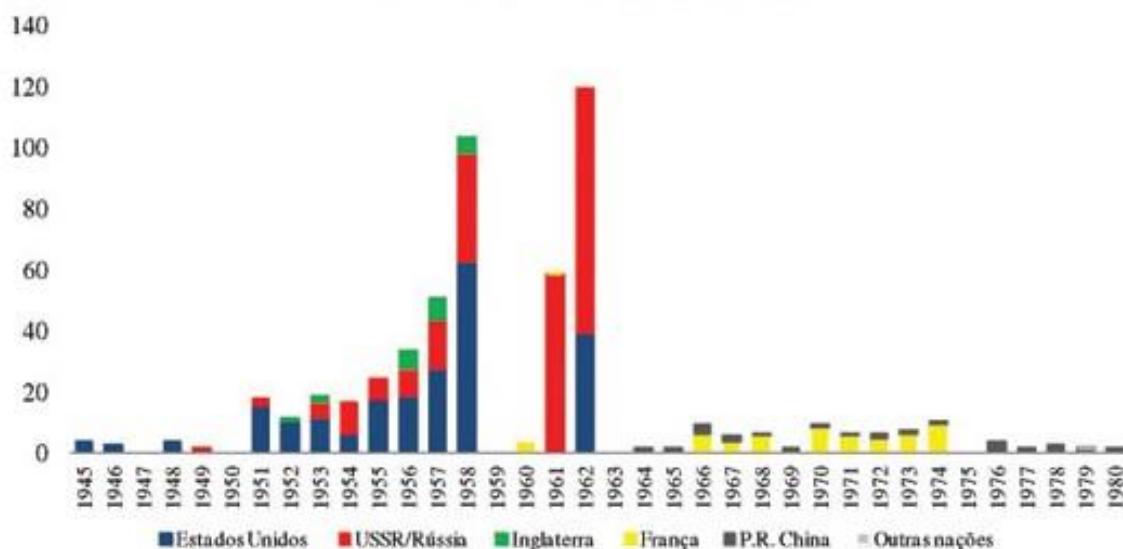
**402** *Idem.*, p.34.



América Latina, em que o tempo de alerta de reação a um ataque contra os EUA, ao contrário da via pela fronteira do Ártico, estimado em vinte minutos, reduziu-se para três minutos.<sup>403</sup> Consideramos aqui os dois eventos, em Cuba e em Berlin, como os de maior tensão entre os EUA e a URSS durante o período que compreendemos como Guerra Fria.

O incidente ocorreu no auge dos testes atômicos. O ano de 1958, por exemplo, abrigou o maior pico de testes nucleares, conduzidos pelos EUA, URSS e Inglaterra, respectivamente, contando com cerca de 100 explosões, e somente foi superado pelo ano de 1962, que contou com cerca de 120 explosões, encerrando os testes nucleares feitos pelos EUA e pela URSS. Nos anos seguintes, a maior parte dos testes foram feitos pela França, República Popular da China e outras nações, muito menos numerosos que os realizados pelos EUA e pela URSS.

**Figura 30 – Testes nucleares atmosféricos**



**Fonte:** Sanders *et al* (2012).<sup>404</sup>

Como podemos observar no gráfico anterior, os anos entre 1958 e 1962 encerram os maiores picos de explosões, quase 300. As gerações presentes nessa época não foram indiferentes a estes acontecimentos e um amplo debate sobre as mais variadas implicações

<sup>403</sup> *Ibidem.*, p. 55.

<sup>404</sup> SANDERS, Cristian J., *et al.* Assinatura da Deposição Atmosférica de Testes Nucleares em Sedimentos da Costa Brasileira. **Química Nova**, Vol. 35, No. 6, 2012.

da física nuclear, soberania energética, contaminação radioativa etc., esteve presente nas rádios, jornais, revistas e TV brasileiras, assim como entre parlamentares e em reuniões da Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência (SBPC).<sup>405</sup> A título de exemplo, em janeiro de 1958, podemos citar matéria jornalística que discorre acerca de um manifesto assinado por eminentes cientistas nacionais e internacionais, como César Lattes, Anísio Teixeira, José Leite Lopes dentre vários outros, advertindo para os danos e perigos dos testes nucleares, momento em que novas tecnologias cada vez mais destrutivas eram testadas no planeta, como as bombas de hidrogênio.

O manifesto clama às altas esferas da política mundial para “a suspensão temporária de provas nucleares experimentais” apresentando ainda uma denúncia sobre a presença de elemento radioativo (Estroncio-90) em alimentos, trazido pelas nuvens de chuva contaminadas pelas detonações atômicas.<sup>406</sup> Do mesmo periódico, outra matéria assinada por Martin Jerônimo defende a criação de um Programa Nacional de Energia Atômica, como política soberana e de enfrentamento ao EUA, a que o periódico afirma agir contra nosso desenvolvimento industrial e tecnológico.<sup>407</sup>

Era comum à época a acusação de que os EUA espionavam as reservas de urânio brasileiras, por meio de prospecções, além de pressionaram para que o Brasil não fizesse acordos e parcerias de desenvolvimento tecnológico nuclear com nações outras, o que veio a acontecer.<sup>408</sup> Como corolário, à época do auge dos testes nucleares a sociedade brasileira encampou um debate que não se restringia apenas às preocupações decorrentes da poluição radiativa, mas também ao próprio desenvolvimento industrial e tecnológico do país, assim como aos desafios e obstáculos políticos que tornariam isso possível. Sobre este assunto dedicaremos nossa próxima sessão.

---

**405** Podemos citar, por exemplo, o Simpósio sobre a utilização da energia atômica para fins pacíficos no Brasil, realizado e organizado pela SBPC no dia 26 de abril de 1956. Sua Ata está digitalizada e encontra-se disponível em: <http://sbpcacervodigital.org.br/handle/20.500.11832/2554>, Acesso em 25 out. 2022.

**406** *Cientistas Brasileiros Manifestam-se Contra as Explosões Nucleares*. **Voz Operária**. Rio de Janeiro: 11 jan. 1958.

**407** *Necessário Programa Nacionalista no Setor Atômico*. **Voz Operária**. Rio de Janeiro: 31 mai. 1958.

**408** Tal fato somente foi superado quase duas décadas depois, durante o governo Ernesto Geisel (1974-1979), com os acordos de desenvolvimento nuclear teuto-brasileiro assinado em 1975 e consequente denúncia do acordo militar com os EUA. O verbete “Acordo Nuclear Brasil-Alemanha” de Maria Regina Soares de Lima presente na base de dados do sítio da Fundação Getúlio Vargas expõe, sinteticamente, o mesmo contexto exposto nas matérias supracitadas:

- Fundação Getúlio Vargas. CPDOC. **Acordo Nuclear Brasil-Alemanha (2022)**.

## 6.2 A explosões no Nordeste

No ano de 1958, evento misterioso ocorreu nos céus do país, especialmente relatado por moradores de Quixadá - CE e cidades vizinhas do Sertão Central. No dia 27 de junho, jornais cearenses comentaram sobre estranhas explosões celestes relatadas pelos moradores da região, incluindo aí o testemunho de um deputado estadual que foi entrevistado. O jornal carioca *Última Hora*, no dia seguinte, publicou matéria descrevendo as explosões como “uma imensa coluna de fumaça que se confundia com uma labareda de fogo amarelo alaranjado, escurecendo-se depois, ergue-se até o infinito”.

No texto, testemunhas afirmaram que a "terra estremeceu com 3 explosões consecutivas, sem qualquer intervalo, enquanto um ruído foi ouvido durante um minuto.”<sup>409</sup> O jornal ainda aponta uma teoria exposta por uma especial testemunha entrevistada, pois segundo o então deputado e aviador da FAB Sebastião Brasilino de Freitas (UDN-CE), as explosões poderiam ser de mísseis proveniente de Cabo Canaveral, base de lançamento de foguetes dos EUA, que fica no estado da Flórida. Nos jornais, circulavam também boatos acerca da explosão de um disco voador, associado agora a outros casos reportados na região.

Rapidamente, a imprensa perdeu o interesse no ocorrido e as estranhas explosões e ruídos celestes, por mais intrigantes e espetaculares que possam ter parecido na época, acabaram no esquecimento, ao menos para a imprensa nacional. No entanto, oito meses após as mesmas, veio ao público nos jornais estadunidenses,<sup>410</sup> e logo em seguida nos jornais do Brasil,<sup>411</sup> a notícia de que os EUA haviam promovido testes nucleares no espaço, sob os céus do Atlântico Sul, no ocaso da Operação Argus. A matéria do *Correio da Manhã* afirmava que os testes ocorreram entre os dias de agosto e setembro, uma data muito próxima de 27 de junho de 1958, o dia das explosões relatadas em Quixadá.

---

**409** *Teleguiado Americano ou “Disco-Voador” Teria Explodido Ontem Sobre o Ceará! Última Hora*. Rio de Janeiro: 28 jun. [1958](#).

**410** *Radiation and Geomagnetic Phenomena Probed and Revealed by Test Outlined*. **The New York Times**. New York: 19 mar. 1959.

- *3 Atomic Devices Detonated 300 Miles Up*. **The New York Times**. New York: 19 mar. 1959.

**411** A primeira reportagem da Operação Argus na imprensa brasileira foi publicada no dia 20 de março pelo *Correio da Manhã*, seguindo a publicação original feita pelo *The New York Times*, no dia anterior. A matéria afirma que o presidente dos EUA, Dwight D. Eisenhower, anunciou que “dentro em pouco será publicado relatório detalhado sobre os resultados da “Operação Argus”. No entanto, o relatório somente foi liberado em 1982, disponível hoje na internet.

- *Relatório detalhado da “Operação Argus”*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 26 mar. [1959](#).

Não demorou para que a informação acerca dos testes nucleares no espaço fosse relacionada às explosões do Sertão Central, havendo agora a possível explicação do intrigante evento: explosões conduzidas pelos EUA nos céus do Brasil.<sup>412</sup> A possível ligação entre as explosões em Quixadá terem sido fruto de testes atômicos dos EUA causou repentino furor em figuras políticas e científicas, que acusavam os EUA de envenenar a atmosfera do Brasil e atentar contra a soberania nacional. Congressistas da Assembleia Legislativa de São Paulo documentaram protesto e apelavam a outras câmaras fazerem o mesmo. A matéria do *Última Hora* de abril de 1959 descreve parte do documento:

Os parlamentares paulistas, indignados com a inumana conduta dos militares e políticos norte-americanos que escolheram o Hemisfério Sul e especialmente o céu ao calcinado e martirizado Nordeste do Brasil para as explosões de três artefatos atômicos – experiência denominada “Projeto Argus” – manifestam através da presente moção o mais veemente protesto e repúdio pelo lamentável ensaio nuclear. Os signatários deste documento apelam, outrossim, a todas as Câmaras Legislativas do País para que ergam também, através de seus representantes, o seu protesto contra essa revoltante prova atômica, que enche os céus do Brasil e das Américas das venenosas radiações decorrentes da explosão nuclear, ameaçando a vida de milhões de pessoas que vivem no território deste Continente.<sup>413</sup>

O renomado físico José de Leite Lopes comparou as explosões com o ato de “disseminar arsênico nas adutoras de água e depois recolher as vítimas para ver o efeito do veneno”.<sup>414</sup> O cientista ainda insistia na necessidade de que instituições especializadas fizessem medições no ar do Nordeste. A Comissão Nacional de Energia Nuclear foi mobilizada a dar parecer oficial da situação através do pedido do congressista Josué de Castro (PTB-PE), que apresentou requerimento de informações à comissão, indagando quais as instituições brasileiras que se ocupam de medidas de controle à radioatividade

---

**412** O historiador Tácito Rolim fez análise do evento em artigo, utilizando-se de fontes primárias de periódicos locais, ainda não digitalizados em base de dados de hemerotecas. O artigo é fruto de dispendiosa pesquisa que o autor fez e que consta em sua dissertação de mestrado em História. Na pesquisa de Rolim, o evento da “explosão de Quixadá” é investigado, a contar com várias testemunhas que presenciaram as explosões. Sem dúvida, tal publicação é até hoje a mais completa e rica sobre o incidente:

- ROLIM, Tácito Thadeu Leite. A Operação “Argus” (1958) e as controvérsias sobre a ocorrência de testes atômicos no Nordeste brasileiro. **Tempo**. Vol. 14, n. 28, pp. 85-99, [2010](#).

- ROLIM, Tácito Thadeu Leite. “**Giram os Sputniks nas Alturas, Ferve a Imaginação nas Planuras**”: a ciência e o bizarro no Ceará em fins da década de 1950. (2006) 204 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, [2006](#).

**413** *Pânico: Bombas Jogadas Nos Céus do Nordeste Ameaçam Milhões de Vidas! Última Hora*. Rio de Janeiro: 08 de abr. [1959](#).

**414** *Idem*.

no solo, na atmosfera e nos produtos naturais; se tem conhecimento da Operação Argus no Brasil e se existem medidas recentes da radioatividade no solo e na atmosfera.<sup>415</sup>

Nos EUA, o senador Albert Gore, democrata, pai do futuro vice-presidente Al Gore, denunciou a operação ao afirmar que as detonações de bombas nucleares em altas altitudes e sobre aglomerações urbanas, com o propósito de desviar os engenhos inimigos, (ao citar aqui a função bélica e eletromagnética dos testes) poderia cegar uma quantidade inumerável de pessoas, fato que teria ocorrido com cobaias animais, cegados a uma grande distância em outras ocasiões.<sup>416</sup>

Fato é que havia um interesse dos militares dos EUA em evitar possível danos oculares aos observadores das explosões, como atesta o relatório da operação, ao destacar os esforços utilizados na prevenção desses danos entre as equipes aéreas e estacionadas em navios, assim como contra “transeuntes desavisados”, por exemplo. Sobre esses últimos, a própria localização errada do teste foi um fator preponderante para evita-los e esforços foram feitos para evitar também que qualquer navio baleeiro, por exemplo, estivesse por perto no momento das explosões.<sup>417</sup> Havia também o interesse em salvaguardar as equipes caso algum míssil mal funcionasse, vindo a detonar em rotas imprevisíveis, o que agravaria mais ainda a possibilidade de danos visuais provenientes do flash da explosão.<sup>418</sup>

De volta ao Brasil, o debate acerca dos riscos de contaminação foi escalonado, havendo opiniões contrárias, para além das críticas, que apontavam não haver perigo de contaminação radioativa das explosões no espaço exterior. Por outro lado, a insuficiência de informações sobre a operação, como os elementos químicos presentes nos artefatos explodidos, a real localização das detonações, as datas precisas etc., ao mesmo tempo que abria a suspeita do céu do Nordeste ter sido realmente o palco dos experimentos, favorecia também narrativas que apelavam para a inocuidade dos mesmos, contradições essas que foram exploradas pela imprensa. Lembremo-nos que estávamos no auge dos testes nucleares atmosféricos em todo planeta, e o tema da poluição radioativa era constante em reuniões e publicações científicas, assim como na imprensa e no imaginário popular.

---

**415** *Bomba Atômica no Nordeste: Cientistas Vão Dizer Tudo! Última Hora*. Rio de Janeiro, 07 abri. [1959](#).

**416** *Senador dos EUA aponta os perigos da “Operação Argus”*. *Correio Paulistano*. São Paulo: 21 mar. [1959](#).

**417** USA. Defence Nuclear Agency. *Operation Argus 1958*. Washington, DC, [1982](#), p.52.

**418** *Idem.*, p. 51.

Exemplo de riqueza desse imaginário da época pode ser acompanhado pela matéria do *Última Hora* que ressalta os desafios que a tecnologia traz à própria sobrevivência da humanidade:

“O Projeto Argus” teceu um véu eletrônico em volta da Terra e provou que o homem já possui a capacidade de “estourar” BAs nas alturas infinitas e tornar o firmamento um gigantesco tubo de ensaio. Mas o homem desconhece a totalidade das radiações emanadas no vácuo e aí está o perigo. Numerosos raios são conhecidos e classificados, mas não se pode garantir que sejam todos conhecidos. O que acontecerá com a humanidade se estes raios e emanações desconhecidas entrarem em contato com as radiações atômicas produzidas pelos engenhos terrestres? Eis a pergunta que fazem a si próprio, constantemente, os mais importantes cientistas do mundo inteiro, que passaram a ter nos ombros o peso da responsabilidade da sobrevivência da humanidade.<sup>419</sup>

A matéria inclui ainda a possibilidade de tais armamentos serem utilizados contra teleguiados de fora da Terra: “a capa eletrônica em torno da Terra pode ser defesa eficaz contra teleguiados (deste e de outros mundos)”, fazendo alusão à invasão extraterrestre. Além disso, aponta lacunas presentes no domínio do direito internacional, ao afirmar que “A humanidade inteira, frente aos efeitos de uma guerra atômica, não pode apelar a nenhum tribunal. Juristas desejam participar dessa corrida, elaborando um Direito Atômico, e um Direito Interplanetário.” Como afirmamos ao longo desta pesquisa, a ideia de um direito interplanetário, associado aqui a um direito atômico, reforça, mais uma vez, a ligação entre a energia nuclear e fenômenos desconhecidos relacionados a óvnis, discos voadores etc.

Ainda que no Hemisfério Sul tenha ocorrido uma quantidade menor de testes nucleares do que no Hemisfério Norte, que abriga os EUA e a URSS, o fato da Operação Argus ter ocorrido entre a América do Sul e a África, numa operação clandestina, suscitou considerações acerca de que a escolha dos EUA pela região “tenha sido ditada por interesses políticos, sobretudo por causa das violentas reações das populações do Hemisfério Norte, muito mais numerosas e esclarecidas contra essas experiências”, como declara o deputado Gabriel Passos (UDN-MG) em entrevista.<sup>420</sup> O Japão seria o país mais

---

**419** *Se Houver Hecatombe Nuclear Insetos Serão Reis do Mundo. Última Hora.* Rio de Janeiro: 13 abri. 1959.

**420** *Aumento de 1.400% na Radioatividade: Cientistas Brasileiros Debateram os Efeitos Biológicos das Radiações Nucleares – 4% das Crianças Já Nasceram Afetadas. Novos Rumos.* Rio de Janeiro: 26 jun. a 2 jul. 1959.

afetado pelas correntes marítimas que carregavam radiação proveniente tanto dos testes soviéticos na Sibéria quanto do atol de Bikini, feito pelos EUA na micronésia.<sup>421</sup>

As três detonações se situaram numa posição próxima à linha do equador magnético (observado quando a agulha da bússola se situa horizontalmente, ao contrário dos polos, que se situam na vertical) em altitudes que variavam até quase 800 km da superfície do planeta, aproveitando os fatores radiativos da *Brazilian Anomaly*, ou Anomalia Magnética do Atlântico Sul, posição terrestre que em altas altitudes recebe intensa radiação se comparada com outras do globo. Tal anomalia é um fenômeno de difícil compreensão científica, sendo a “anomalia” a porção da Terra mais próxima do Cinturão de Van Allen, ao ocupar uma ampla porção do Brasil.<sup>422</sup> O relatório oficial da operação afirma ainda que a escolha dos lançamentos ocorrerem no Atlântico Sul se deu também pela presença de uma base aérea no arquipélago de Açores, que serviria de suporte à força tarefa que empregava vários navios e aeronaves, além de que a posição também era mais propícia para a manutenção do sigilo das atividades.<sup>423</sup>

Voltando ao país, os jornais alardeavam, em tom sensacionalista, o grande aumento de precipitação radioativa no Brasil, cerca de 400%,<sup>424</sup> ao apontar também que lideranças científicas e políticas exigiam que o governo fizesse protesto oficial contra os testes atômicos, além da criação de órgão de medição de radioatividade que respondesse ao Estado e ao povo brasileiro e não apenas a ONU, como ocorria com a Comissão Nacional de Energia Nuclear, numa política que exigia abertura de dados e maior agressividade diplomática.

Nesse contexto, ainda antes da crise gerada pela Operação Argus, cabia aos periódicos de esquerda tradicional, como o *Voz Operária*, a defesa de um Programa Nacional de Energia Atômica, não somente como força de soberania, mas também como estratégia de enfrentamento aos EUA, tido como principal vetor contrário ao

---

**421** A reportagem de Haroldo Holanda, da revista *Mundo Ilustrado*, afirma que cerca de trinta por cento da produção de peixe do Japão em 1956 foi perdida pela contaminação radioativa.

- HOLLANDA, Haroldo. A Ciência Enfrenta o Átomo: Na Ponta dos Dedos de uma Padre Cresce o Gráfico da Morte. **O Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, no. 80, [1959](#).

**422** Os pesquisadores do Observatório Nacional de Fenômenos Magnéticos publicaram mapeamento da Anomalia Magnética do Atlântico Sul assim como do Equador Magnético, em excelente artigo introdutório: - Brasil. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Observatório Nacional. **Fenômenos Magnéticos**. ([2017](#)).

**423** UNITED STATES. Department of Defense, Defense Nuclear Agency. **Operation Argus**. [1958](#), p.19.

**424** *Cientistas Alarmados: Poeira Atômica Ameaça Destruir a Vida no Nordeste! Última Hora*. Rio de Janeiro: 9 de abril. [1959](#).

desenvolvimento industrial e tecnológico brasileiro. Segundo a denúncia, os EUA atuavam em várias frentes, desde a espionagem de reservas de urânio, cooptação de militares, políticos e jornalistas, acordos comerciais restritivos etc.<sup>425</sup>

No momento de maior tensão geopolítica da Guerra Fria, especialmente se levarmos em conta o fator nuclear, não somente em relação à disseminação radioativa das dezenas e dezenas de testes, mas incluindo aí também a própria Crise dos Mísseis que veio a ocorrer poucos anos após, em 1961, quando Cuba abrigava mísseis atômicos soviéticos, a tese central dos jornais mais críticos ao status quo era de que o Brasil estava sujeito a fortíssima pressão dos EUA, em várias frentes, que obstaculizava convênios com outros países em acordos de transferência tecnológica, ao mesmo tempo em que incentivavam a assinatura de acordos outros em que o Brasil assumiria uma postura oficial de não desenvolvimento nuclear, mesmo para uso civil.

Por outro lado, propagavam nos meios científicos e midiáticos que os testes atômicos levados a cabo seriam inofensivos à saúde pública nacional, ao mesmo tempo em que tentavam obter controle sobre a prospecção e mineração do urânio em solo pátrio. Para tanto, infiltrava e cooptava agentes que promoveriam tal agenda, tanto nos canais midiáticos, como em postos-chaves de instituições de Estado. O jornal carioca *Novos Rumos* resume bem essa tese, ao apontar aquelas pessoas que estariam sendo favorecidas pelos EUA, durante a crise da Operação Argus:

Imediatamente, o “USIS” [serviço de informações do EUA na época] lançou-se numa campanha de “tranquilização” da opinião pública, com o paio ostensivo de alguns cientistas brasileiro notoriamente ligados a agências imperialistas em nosso País. O mesmo pe. Roser, que nos Estados Unidos com bolsa da “Fundação Rockefeller” não hesitou em cair no ridículo, afirmando que o aumento da radioatividade no Brasil se devia às explosões realizadas pelo URSS e não às norte-americanas, como se existissem “partículas radioativas comunistas”, e suas opostas “capitalistas”. Outro que entrou pelo mesmo caminho é o sr. Hervásio de Carvalho, que se celebrizou em nosso País quando foi revelado, na Comissão Parlamentar de Inquérito sobre minérios atômicos, ter sido ele, juntamente com três funcionários da Embaixada norte-americana no Rio, o portador do ultimato ianque – ao general Juarez Távora – os famosos “documentos secretos” – exigindo do governo brasileiro a demissão do Almirante Álvaro Alberto, do Conselho Nacional de Pesquisas, e a entrega de nossas reservas de Urânio e Tório, aos Estados Unidos. (...) E há casos de aberto cinismo como o do atual Presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Almirante Octacílio Cunha. Este ilustre oficial (...) encerrou suas declarações ao “Diário de Notícias”, nas quais negou qualquer importância ao “projeto Argus”, e às experiências

---

425 *Necessário Programa Nacionalista no Setor Atômico. Voz Operária*. Rio de Janeiro: 31 mai. 1958.



atômicas em geral, com as seguintes palavras: “Depois que as partículas radioativas (resultantes das explosões atômicas) desceram a níveis onde possam integrar-se na nossa atmosfera, as correntes aéreas iniciam um processo de diluição ao qual resistem apenas o Estrôncio 90 e *outros elementos radioativos* de vida média mais longa”. (...)

A matéria aponta também o papel orientador das lideranças científicas sobre a opinião pública, além da própria denúncia da omissão ou cumplicidade do governo:

Felizmente, para o Brasil, há, entretanto, cientistas brasileiros que não entraram para a “área do dólar”. A opinião pública pode por isso ser esclarecida e alertada para a grande ameaça que paira sobre nosso País. Em vigorosas declarações à imprensa, diversos cientistas brasileiros eminentes, em particular os professores Leite Lopes, Haiti Mussatché, Jacques Danon, Luis Laboriau, Guido Beck, Nelson Libânio, Bernard Gross, César Lattes e muitos outros explicaram à opinião pública que algo de muito grave estava sendo ocultado a ela pelo governo norte-americano, com a cumplicidade, ou omissão, do governo brasileiro: e que a própria opinião pública devia mobilizar-se para exigir do governo brasileiro que interpele o governo de Washington, exigindo deste todos os esclarecimentos necessários sobre o “projeto Argus”.<sup>426</sup>

A denúncia demonstra a debilitada posição de um país que não tem condições de ir além da exigência de explicações a outra nação muito mais poderosa, que faz testes nucleares que, em tese, podem poluir sua biosfera, e que, por seu lado, atua definitivamente para sabotar qualquer esforço que coloque o país em posição tecnologicamente soberana. Num cenário ideal, a nação deveria por si descobrir tais informações acerca da Operação Argus, impondo também a necessária força dissuasiva nuclear que dissiparia qualquer possibilidade de ser utilizados como “cobaias humana”, como apontam os jornais, por mais exagerada que possa ser tal expressão.

O que podemos afirmar é que o ponto alto de tais reações à Operação Argus no Brasil se deu nas manifestações de lideranças políticas, que exigiam do governo federal e das instituições responsáveis pelas aferições de radiação uma postura mais incisiva contra a ameaça representada pelos EUA, não somente no campo das explosões que poderiam poluir o território nacional, mas também nas interferências diretas em nossa política doméstica e externa.

---

<sup>426</sup> *Explosões Atômicas Ianques Envenenam os Céus do Brasil*. **Novos Rumos**. Rio de Janeiro: 17-23 abri. 1959.

Por exemplo, temos os comentários vinculados na imprensa do deputado Gabriel Passos (UDN-MG), a contar também com outros membros da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, além do deputado e aviador da FAB Sebastião Brasilino de Freitas (UDN-CE), que testemunhou as explosões de 1958 em Quixadá, mais tarde associadas à Operação Argus.

O discurso do polivalente deputado Josué de Castro (PTB-PE), o político nacional que mais denunciou publicamente as ações estadunidenses, sintetiza bem os humores da época, ao afirmar ser a Operação Argus “uma forma de imperialismo despótico e malsão, e não de política de boa vizinhança”. Acerca dos testes nucleares, afirma Castro:

a sua realização pelas grandes potências internacionais dentro dos seus respectivos territórios, constitui sem dúvida um fato deplorável, porque ameaça a segurança da espécie humana, mas até certo ponto justificável por essas mesmas potências, que invocam a necessidade de se armarem no sentido da defesa nacional. O que é inteiramente injustificável é que qualquer dessas potências lance mão, para cenário dessas funestas experiências, de regiões distantes do seu território, pondo em perigo a saúde e a sobrevivência de outros povos que não estão interessados nem na fabricação, nem nos progressos dessas armas de destruição maciça.<sup>427</sup>

Outro ponto de grande relevância se deu no campo científico, momento em que as principais lideranças da área organizaram reuniões e um simpósio nacional em reação à Operação Argus, afim de debater, em amplos aspectos, os desafios da energia nuclear e da poluição radioativa no Brasil. A maior reunião foi o “Simpósio de Sobre Radiações Nucleares” ou “Simpósio Sobre Energia Nuclear” (não há consenso nos jornais), organizado pela SBPC em resposta à crise da Operação Argus. Foi presidida por César Lattes e ocorreu nos dias 15 e 16 de junho de 1959, na Faculdade Nacional de Filosofia (criada em 1939 por Vargas, a FNFfi faz parte hoje da Universidade Federal do Rio de Janeiro).<sup>428</sup>

Segundo matéria do jornal *Novos Rumos*, as palestras foram as seguintes: “Aspectos Gerais das Explosões Atômicas” – Jacques Danon; “Fundamentos Físicos das Explosões Nucleares e Operação Argus” – Borisas Climberis; “Níveis Mundiais de Radiação Nuclear – Padre Xavier Roser; “Trânsito de estrôncio e Césio na Biosfera” –

---

<sup>427</sup> *Explosões Nucleares nos Céus do Brasil. O Semanário.* Rio de Janeiro: 16 a 22 abr. [1959](#).

<sup>428</sup> *Físicos Paulistas Pedirão Novamente Cessação das Experiências Nucleares. Última Hora.* Rio de Janeiro: 20 jun. [1959](#).

- *Radiações Nucleares: Cientistas Falarão Hoje, no Simpósio. Última Hora.* Rio de Janeiro: 16 jun. [1959](#).

Carlos Chagas; “Fundamentos da Radiobiologia” Crodowaldo Pavan.<sup>429</sup> Após as discussões em sessão, os cientistas acordaram em enviar à ONU, aos EUA, à Inglaterra e à URSS documento que exigisse a interrupção dos testes nucleares, numa explícita referência à Operação Argus e a possível contaminação do ar do nordeste brasileiro.<sup>430</sup> A revista *Mundo Ilustrado* publicou matéria sobre a reunião, expondo os principais tópicos debatidos e algumas fotos do evento.<sup>431</sup>

Poucos anos após as explosões relatadas no Sertão Central, novos testes nucleares espaciais foram conduzidos pelos EUA. Na noite do dia 9 de julho de 1962, por exemplo, a operação Starfish Prime, em instalações no Atol Johnston, próximo ao arquipélago do Havaí, lançou míssil ao espaço com ogiva nuclear mais potente que aquelas da Operação Argus. Um inesperado pulso eletromagnético de acentuada magnitude veio a ocorrer inutilizando equipamentos elétricos em Honolulu, além de criar temporárias auroras boreais. Todo o espetáculo celeste durou quase sete minutos e nenhum som foi relatado.

Em reportagem sobre a Operação Starfish Prime, o canal *National Geographic* descreve as impressões de testemunhas do evento: “quando aquela arma nuclear detonou, o céu inteiro se iluminou em todas as direções. Parecia meio-dia”. Um outro testemunho afirma que “parecia que os céus haviam expelido um novo sol que brilhou brevemente, mas por tempo suficiente para incendiá-los”. Também informa a matéria que “um pulso eletromagnético que acompanhou a explosão desligou as estações de rádio, disparou uma sirene de emergência e fez com que as luzes dos postes se apagassem no Havaí.” A matéria afirma ainda que “por cerca de 15 minutos após a explosão inicial, partículas carregadas da detonação colidiram com moléculas na atmosfera da Terra, criando uma aurora artificial que pôde ser vista até mesmo na Nova Zelândia.”<sup>432</sup>

---

**429** Aumento de 1.400% na Radioatividade: Cientistas Brasileiros Debateram os Efeitos Biológicos das Radiações Nucleares – 4% das Crianças Já Nasceram Afetadas. **Novos Rumos**. Rio de Janeiro: 26 jun. a 2 jul. [1959](#).

**430** Cientistas Fariam Recomendações Sobre Efeito Nocivo de Radiação. **Correio da Manhã**. 18 de jun. [1959](#).

**431** HOLLANDA, Haroldo. A Ciência Enfrenta o Átomo: Na Ponta dos Dedos de uma Padre Cresce o Gráfico da Morte. **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, no. 80, 1959.

**432** GUTIERREZ, Brian. Por que os Estados Unidos detonaram uma bomba nuclear do espaço. **National Geographic Brasil**. 21 jul. [2021](#).

**Figura 31** – Foto de explosão atômica espacial vista em Honolulu, no arquipélago do Havaí.



**Fonte:** Usaf (1962).<sup>433 434</sup>

A imagem nos sugere algo parecido com o que os moradores do Sertão Central poderiam ter visto, caso as explosões realmente tenham se originado em testes nucleares espaciais, ainda que todas as discrepâncias dessa hipótese impossibilitem um veredito final. No entanto, como afirma a matéria do *Última Hora*, haviam boatos de que as explosões estariam associadas a discos voadores, supostamente também relatados na época, sendo essa uma das hipóteses presentes.<sup>435</sup> Tendo isso e vista, ainda hoje a cidade de Quixadá abriga uma numerosa quantidade de narrativas acerca de discos voadores, óvnis, contato com seres extraterrestres, abduções etc., narrativas essas que fazem parte da própria identidade da cidade, constantemente enriquecida por novos casos e

---

**433** Nuclear Weapon Archive. **Operation Dominic**. 27 jun. [2021](#).

**434** Até o presente momento, o documentário *Nukes in Space: The Rainbow Bombs*, é uma das melhores e mais completa referência acerca dos testes nucleares no espaço sideral:

- *Nukes in Space: The Rainbow Bombs*. Direção: Peter Kuran. EUA: Visual Concept Entertainment, 1999.

**435** *Teleguiado Americano ou “Disco-Voador” Teria Explodido Ontem Sobre o Ceará! Última Hora*. Rio de Janeiro: 28 jun. [1958](#).

avistamentos, trazidos não somente por seus moradores, mas também por turistas, fato este explorado pelas mídias de massas e por pesquisadores do tema. A cidade contém ainda uma rica topografia, marcada pela presença de monólitos, formações rochosas que estão espalhadas pelas suas redondezas.

Além disso, em 2011, foi lançado o filme *Area Q*, uma ficção científica em que o enredo se dá na cidade e região, com a trama se desenvolvendo na visita de um investigador estadunidense que procura informações sobre seu filho que foi abduzido.<sup>436</sup> A título de exemplo, podemos citar a matéria jornalística acerca de uma edição do *Globo Repórter*, em que casos famosos de abdução são revisitados.<sup>437</sup> Em outro exemplo, o jornal *Diário do Nordeste* publicou matéria em que várias situações insólitas são apresentadas juntamente com as teorias que os moradores desenvolvem para tentar explicar o porquê da cidade e da região do Sertão Central abrigar tais manifestações.<sup>438</sup>

Em síntese, a breve crise da Operação Argus no Brasil aflorou a grave situação do país, momento em que as principais potências da Guerra Fria detonavam em número crescente armamentos de destruição cada vez maior, e a nação se via encurralada quanto à possibilidade de sua população e biomas estarem sob a ameaça da poluição radioativa. Não havia sequer os meios necessários para saber se as explosões no espaço exterior eram um risco real ou não, ou mesmo se estavam definitivamente associadas às explosões observadas no Sertão Central. Em outras palavras, faltavam recursos técnicos, militares e de inteligência para reconhecer os reais perigos da Operação Argus, se as explosões realmente coincidiram com o aumento de exposição radioativa etc., e se elas realmente coincidem com aquelas observadas no Nordeste, quem dirá ir além, ao dismantelar as forças internas que atuavam contra os interesses nacionais, como descrevem os periódicos

O intuito de revisitar tais eventos de forma descritiva tem como finalidade expor a grande tensão geopolítica que se fazia presente já no final da década de 1950 e início dos anos de 1960, exposta na disputa da corrida aeroespacial e da Indústria Aeronáutica, que concentravam enormes rupturas tecnológicas num clima de ameaça global e de possível guerra nuclear. Os anseios coletivos concomitantes à possibilidade de destruição inimaginável e à realidade da poluição radioativa, contavam com o contexto político de

---

**436** *Area Q*. Direção Gerson Sandinito. Brasil/EUA: Sophia Filmes, Reef Pictures, [2011](#).

**437** *Moradores de Quixadá (CE) afirmam ter feito contato com extraterrestre*. **G1**. 10 jul. [2015](#).

**438** *Abduções, sequelas, perseguição a OVNI: relatos de cearenses que dizem ter tido contato com Ets*. **Diário do Nordeste**. 24 jun. [2021](#).

espionagem, roubo tecnológico e testes atômicos díspares, como aqueles que se deram no espaço sideral, assim também nos lançamentos de satélites e os graves incidentes diplomáticos que se deram entre as duas grandes potências mundiais.

Mantemos aqui a proposta de Rolim, defendida como mote de sua tese, de que a Guerra Fria, antes de ser uma disputa geopolítica de cunho ideológico, foi uma disputa geoestratégica de cunho tecnológico. Tais elementos, da tensão de uma guerra “que não pode ocorrer”, ainda se encontram presentes nas disputas territoriais entre potências nucleares, como o Paquistão e a Índia, que em termos racionais não podem se enfrentar numa guerra aberta, como se enfrentaram o Irão e Iraque (1980-1988), por exemplo, em que foram utilizadas inclusive armas químicas. Por outro lado, face ao elemento dissuasivo do poderio atômico, numa situação comum também aos conflitos entre nações detentoras de armas atômicas contra aquelas que não dispõem de tais armamentos, novas e antigas estratégias contrárias à guerra aberta são adotadas, como o cerco (sanções econômicas), guerra “por procuração”, guerra psicológica, guerra cibernética, acirramentos de tensões internas etc.

Por outro lado, podemos afirmar também, segundo a orientação de António Tomé,<sup>439</sup> que o poder aeroespacial assume a vanguarda do desenvolvimento científico e tecnológico de um país, ao materializar a força e o poder das nações tidas como potências e superpotências. Em outras palavras, o poder aeroespacial é o que faz uma nação ser uma potência, o que quer dizer que as grandes potências de nossa época são, em suma, detentoras de amplo poderio aeroespacial. Expresso no domínio da ciência, tecnologia e indústria de ponta, tal processo tende a se tornar cada vez mais predominante, distanciamento, hiato entre os que dominam e os que não, dada a progressiva expansão para o espaço sideral, constituindo forte impacto nas manifestações e relações de poder entre os países, ufanismo tecnológico etc.<sup>440</sup>

---

**439** TOMÉ, António Joaquim Viana de Almeida. **O domínio aeroespacial nas manifestações de poder: efeitos nas relações internacionais.** 2009. 369 f. Tese (Doutorado em Ciência Política e Relações Internacionais). Faculdade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2009, p. 354.

**440** Por esse viés podemos ter uma visão mais acertada acerca dos interesses dos EUA em boicotar o projeto da aeronave canadense *Arrow*, já que tal projeto, se tivesse sucesso, colocaria o Canadá no rol das potências aeronáuticas, estimulando mais ainda sua indústria.

### 6.3 Novas situações possíveis dos fenômenos relacionados a óvnis

Tendo em vista o subcapítulo anterior, na exposição de proeminentes avanços científicos de tecnologias aeronáuticas, aeroespaciais e nucleares, tendo em vista também o próprio período de tensão nuclear, nos anos que abrigaram o auge dos testes atômicos, incluindo aí aqueles espaciais e seus reflexos no ambiente pátrio, é de nosso interesse que prossigamos na análise agora de eventos marcantes relacionados ao fenômeno aéreo anômalo que ocorreram no período, especialmente no Brasil. A Força Aérea Brasileira passou a catalogar sistematicamente as ocorrências em território nacional a partir de 1968, com o estabelecimento da Central de Investigação de Objetos Aéreos não Identificados.<sup>441</sup>

Concomitante, o estudo estatístico da corporação, publicado em 2001, demonstra que os casos investigados pelo Cioani inauguraram o primeiro extenso grupo de fontes da base de dados da FAB, ao contrário dos anos anteriores, em que a corporação catalogou poucas ocorrências, não incluindo, por exemplo, aquelas que constam nos documentos da Marinha do Brasil, como no caso da Ilha da Trindade, revisitado no capítulo anterior, em que números óvnis foram relatados pela instituição.<sup>442</sup> Esse mesmo cenário ocorre também acerca dos documentos catalogados pelo Exército do Brasil, ou seja, de não constarem na base de dados da FAB, presentes no Arquivo Nacional.

No entanto, para além do âmbito de catalogação da FAB, podemos citar casos que ocorreram no Brasil que se relacionam com outros ocorridos mundo afora e que conformam novas situações possíveis dentro o campo dos fenômenos aéreos não identificados. Tais casos compuseram elementos estudados por pesquisadores civis que elaboraram teses explicativas novas, teses essas que mesmo não sendo oriundas de pesquisa estatal, certamente influenciaram os estudos e consequentes ações de oficiais militares do Brasil.

As novas situações relatadas ainda incluíam não somente os clássicos estranhos fenômenos aéreos, mas também encontros próximos com seres alienígenas, visitas ao interior de óvnis, conversações, assim como experiências traumáticas, como a abdução,

---

**441** Os EUA, ao contrário, já haviam estabelecido uma ampla base de dados, como podemos observar nos programas de pesquisa já em andamento na época, como o projeto *Blue Book*, dados esses que foram sintetizados e analisados pelo livro de Ruppelt (1957), um dos chefes do programa.

**442** BRASIL. Comando da Aeronáutica. Defesa Espacial. **Resumo Estatístico de OVNI (Objetos Voadores Não Identificados)**. Desclassificado. 09 fev. [2001](#).

o rapto, a “cobaia em experimento” etc. Extrapolando os limites perceptivos ordinários, entraram em cena também contatos em estados oníricos, contatos telepáticos, incorporações, “canalizações” etc. No período, podemos identificar também o surgimento dos primeiros cultos, seitas e organizações religiosas e esotéricas que se faziam valer de uma metanarrativa extraterrestre, assim como as primeiras lideranças “pontífices” entre alienígenas e humanos, na figura do líder em contato. O Brasil, nos finais da década de 1950 até nossos dias, abrigou várias experiências dessas, numa situação comum a outros países.

Para tanto, dado o absurdo e incompreensibilidade dessas novas situações, vale ressaltar novamente que serão elas aqui tratadas em estudo social abrangente, destacadas de forma mais enfática em seu domínio cultural. De forma resoluta, ressaltaremos aqui as variadas interpretações historicamente datadas de tais eventos, incluindo aí novas possibilidades interpretativas de nossa pesquisa, sem nos preocupar, necessariamente, com a plausibilidade das mesmas.

Tal situação é comum a todo fenômeno em si, ou seja, por mais qualificada que seja a testemunha e por mais qualificada que seja a evidência, um autêntico “caso de óvni” é, necessariamente, a permanência de um “absurdo” incompreensível. No entanto, dada à excentricidade das novas situações que aqui serão abordadas, tal breve comentário deve ser esclarecido, para além dos costumeiros anteparos que acompanham tais narrativas, expresso aqui em substantivos e adjetivos como: “alegado”, “suposto”, “hipotético” etc.

A descrição detalhada, profunda e completa de casos exemplares, ainda que balizada em fontes e extensa bibliografia, não é de nosso interesse, já que por si só é uma empreitada extensa, e para tal existem várias publicações que fazem esse trabalho. Cláudio Suenaga, em seu livro *Contatados*, de 2007, por exemplo, descreve detalhadamente ao menos 23 casos de “contados”, muitos deles no Brasil.<sup>443</sup> Indo além, a Sociedade Brasileira de Estudos Sobre Discos Voadores, SBDVE, organização civil de pesquisa e investigação que produziu extenso material desde 1957 até 1988, mantém, em seus boletins incontáveis casos de contatos, especialmente no Brasil, mas também de

---

**443** SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **Contatados**: Emissários das estrelas, arautos de uma nova era ou a quinta coluna da invasão extraterrestre? Coleção Biblioteca UFO, CBPDV, 2007.



outros países, dos mais corriqueiros ao mais íntimos e fantásticos. O portal *Fenomenum*, de Jackson Camargo, disponibiliza o acesso ao extenso material da organização.<sup>444</sup>

O nosso intuito, por outro lado, é enfatizar, por meio de exemplos dessas novas possibilidades relatadas, a ampliação de forma dramática de até então aquilo que era conhecido e aceito acerca do mistério dos “discos voadores”. E nesses exemplos, poderemos traçar um quadro geral da época, em resposta também às publicações editoriais que trouxeram novas hipóteses que tentavam dar sentido e significado a tudo que pudesse envolver óvnis, discos voadores e presenças alienígenas etc.

Por meio do estudo estatístico da FAB, por exemplo, podemos acompanhar que no ano de 1968 e 1969 a cidade de Lins – SP abrigou vários relatos a “olho nu” de objetos circulares, a maioria em formato de “chapéu”, sendo alguns desses observados por várias testemunhas.<sup>445</sup> Um desses eventos se refere ao caso de Maria Cintra, investigado detalhadamente pelo Cioani (o caso de no. 6).<sup>446</sup> De forma sucinta e abrindo mão de vários elementos importantes, Cintra, como funcionária de um hospital psiquiátrico, narrou ter tido um encontro inusitado com uma mulher, nas dependências do hospital, durante uma madrugada.

Após ouvir um estranho som, Cintra foi averiguar o que poderia estar a ocorrer e encontra a mulher, que acreditava ser uma das internadas perdida. No encontro, a mulher aparentava querer água e foi levada por Cintra ao bebedouro local. Após se saciar, ela se dirige ao pátio e entra num dispositivo de forma oval que sobe ao céu em alta velocidade. Ao acompanhar esse estranho incidente, Cintra fica apavorada, acorda seus colegas funcionários, pede ajuda e passa mal.<sup>447</sup>

Devido ao inusitado, a notícia se espalha e um jornalista recebe o relato da própria Cintra e, sem sua autorização, publica uma matéria sobre o caso. Cintra reclama que a

---

**444** Portal Fenomenum. **Boletins da Sociedade Brasileira de Estudos Sobre os Discos Voadores**. 10, mar. [2022](#).

**445** BRASIL. Comando da Aeronáutica. Defesa Espacial. **Resumo Estatístico de OVNI's (Objetos Voadores Não Identificados)**. Desclassificado. 09 fev. [2001](#), p. 30-31.

**446** O documento inclui, além dos dados de formulário padrão, extenso relato da testemunha, a contar também com croquis, fotos e recriações do evento.

- BRASIL. Força Aérea Brasileira. Central de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados. **Caso no. 6**. 26 set. 1968.

**447** É interessante ressaltar que a cidade de Lins é famosa por ter fontes de água alcalina bicarbonatada, uma condição geológica rara, fazendo de tal fato um dos atrativos turísticos da cidade.

partir daí virou alvo de chacota na cidade.<sup>448</sup> Além disso, vários jornais do país também publicam o caso.<sup>449</sup> O *Jornal do Brasil*, por exemplo, ao relatar a “onda de Lins”, expõe depoimentos de várias testemunhas, inclusive a opinião do prefeito, que afirma receber o pessoal da FAB constantemente.<sup>450</sup> Diz o prefeito, segundo a matéria:

Olha, eu respeito muito esse negócio. São tantas pessoas idôneas que me procuram que eu, de jeito nenhum, iria desacreditar nos discos voadores. A comissão de investigação da FAB anda sempre por aqui e a única coisa que faço, quando ocorre algum caso concreto é isolar a área e esperar pelas autoridades militares.

A matéria afirma também que o próprio sistema de investigação da FAB, presente nas dependências da 4ª. Zona Aérea, em São Paulo, foi criado “após as primeiras aparições em Lins”. Não podemos confirmar que a criação do Cioani veio em resposta aos eventos relatados em Lins, no entanto, os primeiros casos estudados pela instituição se dirigem à onda de avistamentos ocorrido na região entre 1968 e 1969. Retratada nas memórias de seus habitantes, tal “onda” de avistamentos e encontros fez a cidade ser considerada um local de grande atividade de óvnis, como apontam matérias jornalísticas atuais.<sup>451</sup>

Além desses casos catalogados pela FAB, podemos citar também a primeira experiência moderna de abdução (sequestro alienígena), a que temos acesso a rico trabalho de pesquisa de campo, que com o passar dos anos ganhou repercussão mundial. No entanto, antes de seguirmos para a descrição do caso, é interessante ressaltar que o tema da abdução já foi investigado por várias pesquisas acadêmicas, especialmente pela Antropologia, a exemplo da tese de Susan Lepselter, como aponta Almeida (2018), na Introdução de sua tese. Segundo Almeida, o trabalho de Lepselter é uma etnografia junto a grupos de suporte e apoio mútuo a pessoas abduzidas, que analisa as conexões que seus interlocutores fazem acerca das grandes narrativas sobre óvnis, em teorias conspiratórias,

---

**448** O canal *Enigmas e Mistérios*, de Edison Boaventura Júnior, publicou material sobre o caso, incluindo fotos, documentos e o próprio relato de Cintra, em que ela narra detalhes de sua experiência e seu incômodo: - Enigmas e Mistérios. **Gravação e fotos sobre o caso Maria Cintra**. Youtube, 7 mar. [2019](#).

**449** A matéria do *Diário da Noite* informa a presença de jornalistas estrangeiros: “Até a “Voz da América”, dos Estados Unidos, enviou um repórter, tendo apresentado longo comentário em suas transmissões.”

- *Lins é meta dos discos voadores*. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 16 set. [1968](#).

**450** *Lins é dominada por estranhas aparições de objetos voadores*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 23 mar. [1969](#).

**451** REIS, Josué. Os 13 óvnis de Lins: seria nossa cidade desejada por extraterrestres? **Solutudo – A cidade em detalhes**. 21 jan. [2022](#).

sem reduzir as experiências de abduções a epifenômenos, na forma de reflexões secundárias – imaginativas, representativas, metafóricas etc.<sup>452</sup>

Ao dar voz aos seus interlocutores, a autora transporta seu estudo para uma análise das respostas que os abduzidos tentam encontrar para seus traumas, movidos por um sentimento de que existe “alguma coisa muito errada ao nosso redor”. Os abduzidos se esforçam encaixar suas experiências desconcertantes em termos sociais, políticos, conspirativos, tecnológicos, alienígenas etc. Numa abordagem mais abrangente e também acadêmica, os volumosos, detalhados e densos trabalhos de Bullard, incluindo aí sua tese, são os mais completos sobre o tema da abdução, dentre outras situações, numa pesquisa que liga os casos modernos com outros do folclore de nosso passado.<sup>453</sup>

Voltando ao caso brasileiro, se as narrativas de abdução para nós, hoje, já são populares, na época conformavam novidade um tanto inusitada, recebendo resistência inclusive de revistas que publicavam abertamente notícias sobre discos voadores, como ocorreu com o evento a seguir. O caso ocorreu no ano de 1957, apesar de ter sido conhecido pelo grande público somente a partir de 1965, e foi pesquisado com afinco pelo historiador Cláudio Suenaga. A pesquisa é, até então, a mais completa e extensiva sobre o caso.

O autor pôde rastrear a primeira publicação sobre o mesmo, e aquelas que derivaram, indicando as deturpações decorrentes, ao fazer também pesquisas de campo, em entrevistas com familiares e amigos de Antonio Villas Boas, algumas delas em gravação de áudio disponível na internet. Além disso, pôde contrastar o caso com vários outros semelhantes que ocorreram no Brasil e no mundo. No estudo, Suenaga aponta ainda ser o Brasil o país que concentra a maioria dos casos de abduções com conotações sexuais.<sup>454</sup> A narrativa se dá pela pessoa de Antonio Villas Boas, jovem agricultor da cidade de São Francisco do Sales – MG. Sua história foi acompanhada inicialmente em 1958 pelo médico Olavo Fontes, assim como pelo também médico Walter Karl Bühler,

---

**452** LEPSALTER, Susan Claudia. **The flight of the ordinary**: Narrative, Poetics, Power and UFOs the American Uncanny. 299f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade do Texas, [2005](#).

**453** BULLARD, Thomas Eddie. **The Myth and Mystery of UFOS**. University Press of Kansas, 2016.  
BULLARD, Thomas Eddie. **Mysteries in The Eye of the Beholder**: Ufos and their correlates as a folkloric theme past and present. 617 f. Tese (Doutorado em Folclore) – Universidade de Indiana, [1982](#).

**454** SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **50 Tons de Greys**: Casos de abduções alienígenas com relações sexuais. Curitiba: Coleção Biblioteca UFO, 2018.

ambos pesquisadores de referência nacional, assim como pelo jornalista João Martins, que o atenderam em consulta médica e o entrevistaram.

Antes de prosseguirmos para a descrição do caso Villas Boas, é de nosso interesse apresentar brevemente os pesquisadores que acompanharam seu caso. O médico Olavo Fontes, por exemplo, além do caso Villas Boas, investigou outro caso notório referente agora a uma suposta explosão de óvni ocorrida em Ubatuba – SP, em 1957, em que fragmentos foram recolhidos e enviados para análise em diversos laboratórios do Brasil e dos EUA, que declararam tratar-se de uma composição de magnésio sem impurezas. Na época, o caso ganhou ampla notoriedade por meio da publicação da revista *O Cruzeiro*, que incluía a análise espectrométrica feita pelo laboratório de produção mineral do Ministério da Agricultura.

Décadas posteriores, outras publicações e análises laboratoriais também ocorreram, como a do jornal o Globo de 1985, por exemplo, assim como pelas análises encaminhadas por Edison Boaventura Júnior ao Laboratório de Caracterização Tecnológica da Universidade de São Paulo (USP), obtendo resultados semelhantes ao de 1960.<sup>455</sup> Já o médico Karl Walter Bühler, que participou da entrevista e exame clínico de Villas Boas, é referência nacional como um dos pioneiros pesquisadores do fenômeno. É autor do *O Livro Branco dos Discos Voadores*, além de ter publicado extensos boletins de pesquisas, sendo uma das figuras mais conhecidas dentre os pesquisadores nacionais.<sup>456</sup>

Por último, o jornalista João Martins, segundo o historiador Rodolpho Santos, já na década de 1950 em diante era tido como uma espécie de “caçador oficial de discos voadores”, devido às suas numerosas participações em matérias jornalísticas sobre o tema, o que explicava o grande respeito e homenagem que recebia das primeiras organizações civis de pesquisa sobre o fenômeno. Suas publicações, especialmente na revista *O Cruzeiro*, ajudaram a consolidar até então boa parte da visão popular acerca dos discos voadores nas décadas de 1950 e 1960, como demonstra a extensa pesquisa de Santos presente em sua dissertação.<sup>457</sup>

---

**455** *A Explosão do Disco Voador. O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 16 abr. [1960](#).

- *Objeto voador caído em Ubatuba desafia os cientistas há 28 anos. O Globo*. Rio de Janeiro: 25 ago. [1985](#).

**456** BUHLER, Karl Walter. *O livro branco dos discos voadores*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

**457** SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. *A invenção dos Discos Voadores: Guerra Fria, Imprensa e Ciência no Brasil (1947-1958)*. 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, [2009](#).

Tendo em vista o contexto daqueles que entrevistaram e examinaram Villas Boas, podemos prosseguir para a narrativa de sua abdução. A partir de alegados inusitados encontros com óvnis, em forma de luzes, que foram se intensificando ao longo de vários dias, Villas Boas afirma que o sequestro se deu numa madrugada, quando arava a terra com um trator. Resumidamente, afirma que foi levado a força para o interior do objeto, por humanoides com trajes de segurança, que o fizeram passar por vários experimentos, incluindo aí a coleta de sêmen, estando sob efeito de um poderoso afrodisíaco, numa relação sexual com uma mulher de feições e trejeitos estranhos.

Após o intercuro sexual, o apresentaram a outras partes do interior da nave e o deixaram no campo, ainda na mesma madrugada. Villas Boas estivera severamente abatido por vários meses, com sequelas crônicas que acabaram comprometer sua saúde e resultaram em sua morte precoce aos 57 anos de idade. O caso Villas Boas deve ser disposto ao lado do caso Betty e Barney Hill,<sup>458</sup> um dos primeiros casos de abdução que ganharam ampla notoriedade EUA, em 1961 pois, além de serem contemporâneos, contém várias semelhanças, como aponta Suenaga. Afirma o autor:

Os paralelos entre os casos Villas Boas e o dos Hill são notáveis, conforme demonstrou o jornalista Keith Thompson em seu livro *Anjos Extraterrestre: UFOs e a Imaginação Mítica*. Villas Boas via um objeto brilhante pousar no campo que arava, os Hill viram uma luz descer na estrada rural. O trator de Villas Boas parou de funcionar, o motor do carro dos Hill morreu. Em ambos os casos, os abduzidos foram arrastados de modo rude por seres pequenos e uniformizados que os submeteram a exames de conotação sexual dentro de naves fartamente iluminadas pousadas no solo. Villas Boas quis levar uma caixa quadrada como prova, mas foi impedido pelos seres da nave. Betty quis um livro, mas mostraram-lhe apenas um mapa. A diferença está no fato de que Villas Boas lembrou-se de sua experiência conscientemente, ao passo que a memória dos Hill só foi reavivada por intermédio de hipnose. Cumpre ressaltar que não há nenhuma possibilidade de o Caso Villas Boas ter influenciado a experiência dos Hill, uma vez que só foi divulgado, e ainda assim, parcialmente, em 1965, ou seja, quatro anos depois.<sup>459</sup>

De forma sincrônica, os eventos alegados por Villas Boas, ocorreram em datas bastante próxima aos lançamentos dos primeiros satélites a entrarem em órbita no mundo,

---

**458** Sobre o caso dos Hill, Almeida (2018, p.28) discorre criticamente acerca da pesquisa de Drysdale, que, segundo o autor, reduz a experiência de abdução dos Hill num contexto de relações raciais, pois como Barney era negro e Betty branca, as raças alienígenas viriam para diluir as diferenças entre as raças terrestres, sendo eles mesmo agora de uma tonalidade cinzenta, a simbolizar tal diluição.

- DRYSDALE, David. Alienated Histories, Alienating Futures: Raciology and Missing Time in The Interrupted Journey. **ESC: English Studies in Canada**, vol. 34, mar. 2008.

**459** Suenaga (2018, p. 96).

como o Sputnik-1, lançado pela URSS no dia 04 de outubro de 1957, sendo a primeira experiência com óvnis de Villas Boas, que antecedeu a abdução, ter ocorrido no dia 05 daquele mesmo mês.<sup>460</sup> Outro fato demonstrado por Suenaga é que a região onde residia Villas Boas, a área rural de São Francisco de Sales, concentrava um grande número de eventos insólitos e sobrenaturais de toda sorte, comentados pela população local entrevistada pelo autor (o que incluía parentes próximos de Villas Boas), como luzes noturnas, aparições, fantasmas etc. Tais paralelos, entre o fenômeno óvni e eventos insólitos de natureza diversa, foram fruto de novos estudos teóricos publicados na época, a que iremos revisitar nesta pesquisa, e que conformam o novo quadro cultural das teses que tentavam explicar o fenômeno nas décadas de 1960.

Além disso, Suenaga apontou um paralelo entre a abdução e os relatos de experiências de contato, nas pessoas que narram encontros amistosos com entidades alienígenas associadas a óvnis. Muitas vezes envoltos em experiências místicas, o contato, ou melhor, o “contatismo,” é um novo movimento que também teve início entre as décadas de 1950 e 1960 e mais tarde foi responsável pelo surgimento dos primeiros cultos que carregavam características extraterrestres em suas metanarrativas. Tais seitas traziam uma releitura de doutrinas tradicionais, ou mesmo iniciavam novas religiões, em que a figura do contatado se punha como liderança pontífice entre uma massa crescente de adeptos e seres outros. Esse movimento não passou despercebido por consagrados historiadores da contemporaneidade. Ao dissertar acerca do maior triunfo desse século XX, as tecnologias disruptivas e o conseqüente conflito de sua aplicação, que gerava desconfiança numa parcela significativa do grande público, Eric Hobsbawm tece breves comentários sobre o contexto cultural acerca de novos elementos que surgiram após a Segunda Grande Guerra:

Tampouco devemos ignorar o sentimento de que, na medida em que a ciência interferia na ordem natural das coisas, era inerentemente perigosa. (...) Os leigos só podiam reagir contra seu senso de impotência buscando coisas que “a ciência não pode explicar”, na linha do hamletiano “Há mais coisas entre o céu e a terra... do que sonha a tua vã filosofia”, recusando-se a acreditar que elas pudessem algum dia ser explicadas pela “ciência oficial”, e ansiando por acreditar no inexplicável porque parecia absurdo. (...). Quanto maiores os triunfos palpáveis da ciência, maior a fome de buscar o inexplicável. Pouco depois da Segunda Guerra Mundial, que culminou na bomba atômica, os americanos (1947), acompanhados depois por seus seguidores culturais, os britânicos, passaram a ver a chegada em massa de “objetos voadores não

---

460 *Idem.*, p. 98.

identificados”, claramente inspirados pela ficção científica. Acreditavam com toda a firmeza que eles vinham de civilizações extraterrestres diferentes e superiores à nossa. Os observadores mais entusiásticos chegaram a ver de fato seus cidadãos, de formas estranhas, saindo desses “discos voadores”, e um ou dois até mesmo disseram ter pegado carona com eles. (...) Qualquer ceticismo em relação aos OVNI era atribuído ao ciúme de cientistas de mentalidade tacanha, incapazes de explicar fenômenos além de seus estreitos horizontes, talvez até mesmo a uma conspiração dos que mantinham o homem comum em servidão intelectual para ocultar-lhe um saber superior.<sup>461</sup>

Hobsbawm notou não somente a comoção pública que acompanhou o surgimento da nova entidade cultural moderna, do disco voador ao óvni, mas também apontou para a desconfiança contra as instituições moderna da ciência do discurso oficial, necessária para o sucesso das novas seitas que surgiam e que tinham como caráter principal a “boa nova” trazida por presenças forâneas. No entanto, como aponta Suenaga, as primeiras experiências relatadas nos EUA na década de 1950 não chegaram a mobilizar novos cultos, mas já traziam ao público ideias centrais do contato: preocupações com a energia atômica, a obliteração da natureza e a corrupção moral humana.<sup>462</sup>

Suenaga aponta ainda paralelos entre as pessoas que diziam serem abduzidas, quase sempre em experiências traumáticas, que viam a si como num laboratório de testes e experimentos em animais, com os contatados, agora envoltos em experiências místicas e êxtase, em planos e missões para com a espécie humana. Enquanto nas experiências de abdução as vítimas relatavam abusos, violências e traumas, manipulados e quase inertes num terror psicológico, coadjuvantes de experimentos macabros, os contatados relatavam um contexto diferente, em que experiências místicas, fantásticas e reveladoras entravam em campo, momento em que eram protagonistas e líderes de um novo movimento, que traria respostas para vários problemas da humanidade.

Ao longo de sua história recente, o Brasil abrigou e abriga várias desses grupos organizados por lideranças que alegavam manter contato com entidades alienígenas, nesses casos, associadas ao crescente contexto dos discos voadores e óvnis que já se fazia presente em nossa cultura de massas, além dos discursos, ações e investigações de

---

**461** HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos:** o breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 407.

**462** Afirma o autor: “no início dos anos 50 nos Estados Unidos (...) as primeiras narrativas dando conta de que de Vênus vinham homens e mulheres altas, de pele translúcida, iluminados por uma luz interior, vestindo roupas prateadas ou colantes, e de Marte vinham homens morenos com roupas de borracha. Dando-se crédito a tais narrativas, quase todos os orbes do nosso sistema seriam povoados por incríveis construtores de naves espaciais.” Suenaga (2007, p.27).

pesquisadores especializados no assunto. Tais grupos não somente traziam respostas para o mistério que envolviam os óvnis, mas ofereciam também um grande conjunto de conexões com a realidade política, geopolítica, tecnológica, religiosa e mítica de nossa época, assim como de épocas passadas, oferecendo ao grande público e aos seus membros mais próximos grandes esquemas metanarrativos que incluía diversos domínios.

E justamente sobre um desses novos grupos, liderados por Aladino Félix, ufólogo de renome da década de 1950 e 1960, que iremos dedicar nosso próximo capítulo, já que as ações de seus membros, por meio da liderança messiânica de um contatado, marcaram a história política do Brasil contemporâneo. Embalados por ideologias que podem ser associadas à extrema direita, o grupo foi responsável por vários atentados terroristas com bombas, assim como a roubo de bancos e de armas em 1968, momento em que a sociedade brasileira vivenciava grandes crises políticas, que culminaram no decreto do Ato Institucional no. 5 em dezembro de 1968, que inaugurou um regime ditatorial de fato. Nessa nova análise das ações de Aladino Félix e seu grupo, iremos revisitar as diferentes hipóteses levantadas por pesquisadores que investigaram suas ações, ao mesmo tempo que iremos expor novas, oriundas não somente de perspectivas alternativas, mas também de nossas pesquisas de campo.



## Capítulo VII

### A saga de Aladino Félix

#### 7.1 Dino Kraspedon: o primeiro contatado brasileiro

Sob distintos pseudônimos, Aladino Félix foi pioneiro no Brasil naquilo mais adiante se consagrou como uma “experiência de contato”, quando a pessoa afirma ter encontros com extraterrestres, alienígenas, comandantes de discos voadores etc., situação essa que, como vimos no capítulo anterior, se tornou popular já nos anos de 1950. Escritor multifacetado, participou de debates e entrevistas na imprensa e na incipiente TV da década de 1950, especialmente pelo caráter, até então único, de seus livros e sua tradução do Antigo Testamento.

Foi também um escritor com aspirações intelectuais no conturbado período militar de 1964, quando, além de envolver-se em atípicas tramas governamentais na forma de atentados de falsa bandeira em 1968, reuniu, sob sua liderança, um grupo que o tinha como o novo messias, portador de profecias por ele decifradas, como afirmava em livros, palestras e entrevistas. Para o público em geral, Aladino Félix era conhecido por ser um escritor que lançava previsões de cunho político, tiradas tanto de sua mística e erudição, quanto de seus contatos com figuras públicas especiais.<sup>463</sup>

No entanto, antes de se envolver com a política nacional, sob o pseudônimo de Dino Kraspedon, Aladino Félix foi um notável escritor sobre discos voadores. As experiências de contato que afirmava ter, iam muito além de observações de discos voadores nos céus ou conjecturas sobre casos, como demonstra a literatura da época, especialmente se tivermos em conta aquelas ligadas ao universo militar.

---

**463** Poucos pesquisadores brasileiros se interessaram pela história de Aladino Félix, indo além de breves comentários acerca de suas ações. Dentre esses pesquisadores, os principais são Suenaga, que até então fez a mais completa pesquisa, seguido por Faria:

- SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A Dialética do Real e do Imaginário: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI**. 396 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, [1999](#).

- FÁRIA, Daniel Barbosa Andrade de. A história de uma história: terrorismo extraterrestre a favor do governo, Brasil 1968. **História da Historiografia**. V.12, n. 31, set-dez, p. 209-243, [2019](#).

Seu relato expõe uma experiência singular e pessoal de encontro e comunicação com seres que se apresentam como extraterrestres. Kraspedon afirma ter tido diálogos com extraterrestres de aparência humana que comandavam discos voadores, expondo diálogos sobre temas religiosos, filosóficos e morais, incluindo aí também aqueles de mote científico, especialmente no ramo da astronomia e da própria física que estaria envolvida na tecnologia de tais engenhos.

Devido ao caráter excêntrico da obra, o livro foi de difícil indexação nos catálogos editoriais. No entanto, como o autor lançava teses astrofísicas e relativas à mecânica dos óvnis, os catálogos de 1957 indexaram *Contato com discos voadores* no conjunto das “engenharias”, ao lado de livros e manuais de “válvulas e circuitos”. Um outro livro seu, menos conhecido, *A órbita da terra e a gravitação*, de 1959, foi indexado no conjunto de “astronomia”, ambos pelo mesmo catálogo do Ministério da Educação e Cultura.<sup>464</sup>

Voltando à narrativa de seu encontro, Kraspedon afirma que seu primeiro contato se deu em novembro de 1952, em viagem de carro do Paraná para São Paulo. Em companhia de outras pessoas, se defrontou com cinco óvnis que pairavam no ar. Mais tarde, sozinho, teria voltado ao mesmo local à espera que algum outro objeto aparecesse. No terceiro dia, depois de observar uma estranha luminosidade no solo, um disco voador teria se apresentado e a partir daí Kraspedon teve a oportunidade de entrar em contato com seus tripulantes e, inclusive, adentrar no interior da nave.<sup>465</sup>

Edgar Alves Bastos, que foi pessoa próxima ao autor desde suas primeiras publicações, afirma que os seres que o receberam nessa ocasião falaram que iam conversar com ele novamente: “Não precisamos de seu endereço, nós sabemos onde você vai estar”.<sup>466</sup> Já em sua casa, em Guarulhos, um ano após o primeiro incidente, Kraspedon teve mais um encontro com o comandante do disco, disfarçado agora de pastor

---

**464** Ministério da Educação e Cultura. Órgão do Instituto Nacional do Livro. **Revista do Livro**. Volume 7, ano II, set. [1957](#), p. 280.

- Ministério da Educação e Cultura. Órgão do Instituto Nacional do Livro. **Revista do Livro**. Volume 15, ano IV, set. [1959](#), p. 271.

- KRASPEDON, Dino. **Contato com os discos voadores**. São Paulo: São Paulo, [1957](#).

- KRASPEDON, Dino. **A órbita da terra e a gravitação**. São Paulo: São Paulo, [1959](#).

**465** As informações detalhadas de tal contato são contraditórias, a depender da fonte. No entanto, a mais completa narrativa, para além daquela contida no livro *Contato com os discos voadores*, se encontra na matéria jornalística do *O Globo*, que inclui um resumo de uma palestra proferida por Kraspedon. Suenaga também expõe, em ricos detalhes, o encontro narrado por Kraspedon em sua dissertação:

- *Além de visitar o disco recebeu o comandante em casa, para um almoço!.... O Globo*. Rio de Janeiro: 28 ago. [1957](#).

- Suenaga ([1999](#), p.207).

**466** Bastos e hoje é mantenedor de seu legado intelectual, a que fizemos entrevista em 2019.

protestante. Bastos afirma que Kraspedon fez uma série de perguntas, procurando validar o conhecimento de seu interlocutor, já que ele, segundo Bastos, falava onze línguas na época: “e ele conversou com esse outro elemento em onze línguas e ele respondeu nas onze línguas.”<sup>467</sup> O caráter poliglota de Kraspedon, além de sua erudição em vários outros temas, é ponto relevante constantemente destacado não somente por Bastos, mas por vários outros jornais, anúncios e documentos policiais.<sup>468</sup>

Em 1957, o livro *Contato com discos voadores* foi anunciado em diversos periódicos cariocas com o mesmo texto:

Já vem sendo encontrado nas principais livrarias do Rio e de São Paulo o trabalho de Dino Kraspedon, intitulado “Contato com os Discos Voadores”. O autor, em 188 páginas de texto, apresenta, de maneira atraente e movimentada, conhecimentos de ordem filosófica e física que, segundo suas próprias palavras, adquiriu em contato com tripulantes daqueles veículos ultra-modernos. Com seu livro, Dino Kraspedon se propõe a desfazer grande parte dos mistérios que cercam os famosos discos voadores.<sup>469</sup>

As revelações presentes em *Contato com discos voadores*, até então o único do gênero no Brasil, fizeram de Dino Kraspedon pessoa pública de renome, suscitando novos ânimos entre entusiastas e pesquisadores do tema, especialmente entre aqueles organizados na pioneira Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores (SBEDV).<sup>470</sup> A sociedade, por exemplo, entrevistou Kraspedon, já em seus primeiros boletins de 1957, além de expor o intento de comprovação de suas novas teorias científicas.

Como era esperado, as experiências fantásticas que autor afirmava ter, na forma de contatos pessoais com tripulantes de discos voadores, incluindo até a visita a um desses aparelhos, geravam também razoável desconfiança entre pesquisadores e o público geral. Nesse caso, a revista *O Cruzeiro*, famosa por suas matérias sobre discos voadores, ricas em ilustrações e com textos bem elaborados, publicou uma reportagem, que contrastou

---

<sup>467</sup> Entrevista com Edgard Alves Bastos (2019).

<sup>468</sup> Ainda assim, não encontramos outros elementos que venham a comprovar tal domínio poliglota, para além do dicionário português-hebraico, publicado por Aladino Félix sob o pseudônimo de Sábado Dinotos: - DINOTOS, Sábado. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: H. J. Koersen, [1962](#).

<sup>469</sup> *Ontem e Hoje*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 12 jul. [1957](#).

- *Contato com os Discos Voadores*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro: 18 jul. [1957](#).

- *Várias*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 18 jul. [1957](#).

<sup>470</sup> O jornal *Última Hora* fez reportagem sobre a sociedade, expondo os temas chave do seu boletim de número 4:

- *Uma “Sociedade Brasileira Sobre Discos Voadores” dá Conselhos (Sérios) Sobre o Misterioso Assunto*. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 10 jul. [1958](#).

diferentes contradições entre renomados autores da época, incluindo Dino Kraspedon e outros contatados nacionais e estrangeiros, alguns que tiveram grande sucesso de vendas na época. A matéria, assinada por João Martins, concluía que o fenômeno em si, para além da boa nova que o contatado traz para a humanidade, inclui experiências hostis e violentas, expondo singulares casos de contato inamistosos que expressam esse sentido.<sup>471</sup> A excepcionalidade de Dino Kraspedon advinha de um conjunto completo de explicações que solucionavam, de maneira global, o mistério que envolviam os discos voadores. Não somente isso, ele se punha também como uma peça central de uma trama crescente, a que foi sendo convencido aos poucos.

Ponto alto de sua carreira na época foi a participação no programa *Falando Francamente da TV Tupi*, em 27 de março de 1958. Em rede nacional, Kraspedon afirmou que suas teses físicas e astrofísicas reveladas por seus contatos especiais, estavam sendo comprovadas por cientistas soviéticos, ávidos por novas descobertas do espaço, especialmente no contexto do Ano Geofísico Internacional, que ocorreu em 1957. Por outro lado, afirmava que, por revelar verdades inconvenientes, estava sendo perseguido e ameaçado de morte, sendo que pessoas ofereceram dinheiro para que ele não publicasse seus livros. Acrescentou ainda receber visitas de agentes governamentais estrangeiros.

O periódico *O Jornal* expõe o teor da fala de Kraspedon no programa da *TV Tupi*, a que acreditamos ser oportuno transcrever uma parte:

o professor Kraspedon que, quando preparava a publicação de seu livro, recebera a oferta de trezentos mil cruzeiros para não publicá-lo e, mais tarde fora ameaçado de morte, vendo-se na contingência de retirar a família de São Paulo. (...) O autor de “Contato com os discos voadores”, ao ser interrogado sobre se já foi procurado pelo Serviço Secreto do Exército Brasileiro, para depor sobre o assunto, respondeu que fora procurado, sim, mas por agentes de força militar estrangeira, chegando mesmo a ser procurado por elementos do FBI. Assegurou, porém, que as informações fundamentais, inclusive sobre o sistema de propulsão dos discos que fora revelado pelo comandante, só os transmitiria ao governo brasileiro.<sup>472</sup>

Com tantas informações fantásticas, envolvidas agora em uma suposta conspiração governamental que tentava suprimi-las, o escritor se tornava famoso, incitado por aqueles que o seguiam e admiravam, alimentava mais ainda a crescente mística que

---

<sup>471</sup> *A terrível missão dos “discos voadores”*. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 nov. [1957](#).

<sup>472</sup> *Ameaçado de morte homem que teve contato com disco-voador*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 28 mar. [1958](#).

o envolvia. O periódico fluminense *O Jornal* foi aquele que mais abriu espaço para suas ideias, ao expor resenhas detalhadas de sua obra, concentrando-se, especialmente, em analisar suas teorias físicas e astrofísicas, a que, devemos ressaltar, eram provenientes de seus contatos especiais.<sup>473</sup>

O auge da relação do *O Jornal* com Kraspedon se deu na série de reportagens assinada pelo jornalista Luiz Glauco Torres. Intitulada *O mistério dos discos voadores*, a série compunha nove partes, publicadas entre os dias 6 e 31 de julho de 1958, sendo Kraspedon uma das figuras mais citadas. Certamente, tamanha exposição ajudou o autor estabelecer seu renome nacionalmente. Luiz Glauco Torres introduz a série dedicada às revelações de Dino Kraspedon com as seguintes palavras:

Tema de Júlio Verne e um dos assuntos mais controvertidos e apaixonantes dos últimos anos, os “discos-voadores” continuam, ainda, despertando sérios debates num mundo em que as conquistas técnicas já não causam tanto assombro, desde o dia em que o homem conseguiu desintegrar o átomo. O lançamento dos satélites artificiais realizado pelos cientistas russos e norte-americanos veio reavivar o interesse em torno dos discos-voadores, já que quase toda a gente tem como certo que, em futuro próximo, o homem poderá desembarcar na Lua. Existem ou não dos discos-voadores? Não nos cabe resposta. Mas, por outro lado, não podemos silenciar a respeito de especulações, hipóteses e depoimentos que, pela oportunidade do debate, se revestem do maior interesse jornalístico. Assim, iniciamos hoje uma série de reportagens em que o professor Dino Kraspedon faz uma série de revelações estranhas e sensacionais, sobre os mistérios dessas estranhas aeronaves. Ao leitor caberá o julgamento.<sup>474</sup>

Ao descrever a “arquitetura” de um disco voador assim como também a tecnologia nele envolvida, Kraspedon se tornava um informante especial, até então único. Não somente isso, tudo aquilo que dizia sobre gravitação, astrofísica e mecânica dos discos voadores poderia agora ser testado, ao menos teoricamente, por aqueles que o acompanhavam com genuíno interesse, a exemplo do trabalho do jornalista Luiz Glauco Torres, na série de reportagens publicadas no *O Jornal*.<sup>475</sup>

---

**473** *Apocalipse*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 23 fev. [1958](#).

**474** *Interviriam na terra para impedir uma guerra atômica*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 6 jul. [1958](#).

**475** A título de exemplo, incluiremos na sequência algumas outras matérias da série assinada por Torres:

- *Interviriam na terra para impedir uma guerra atômica*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 6 jul. [1958](#).

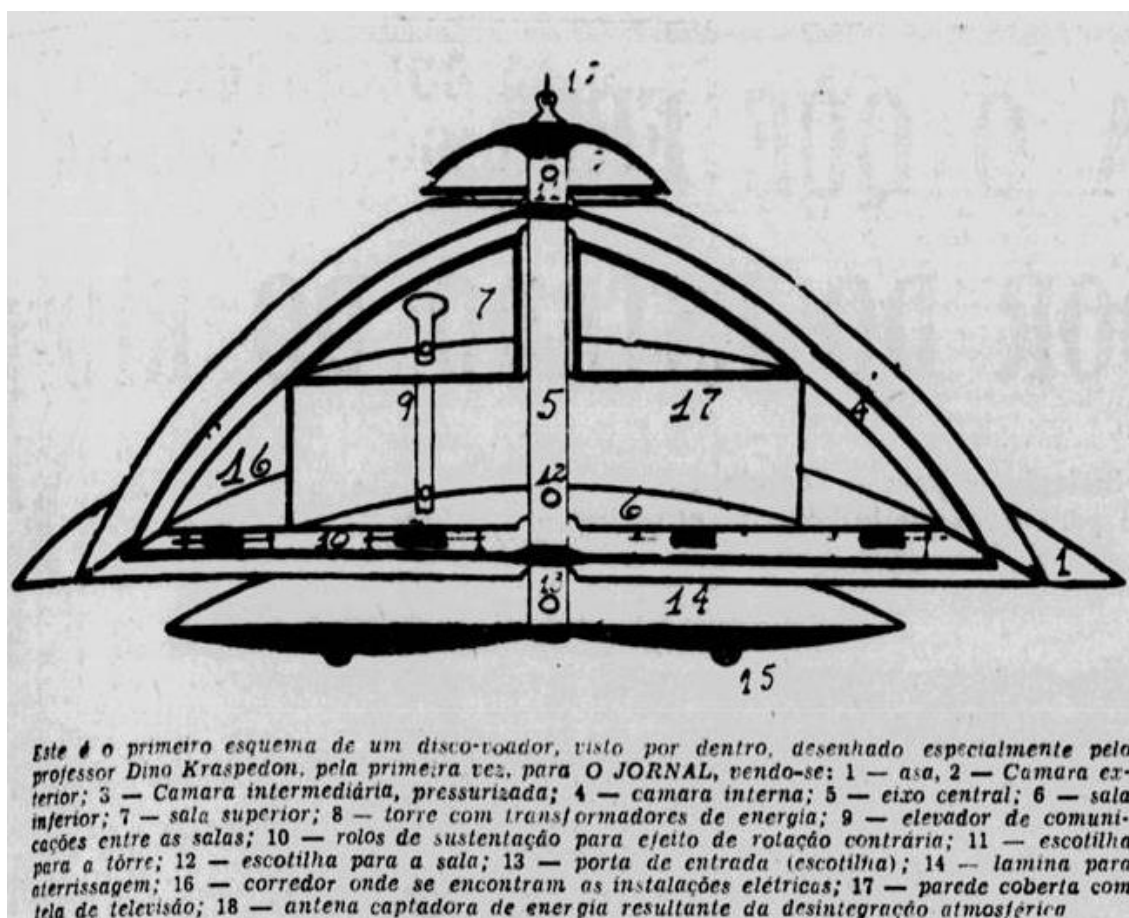
- *Revelações que destroem as mais ousadas teorias*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 8 jul. [1958](#).

- *Testemunhos que atestam a existência de aeronaves*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 11 jul. [1958](#).

- *Não se deve temer o contato com seres de outros mundos*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 22 jul. [1958](#).

- *Padre católico, por 2 vezes, em contato com marcyanos*. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 31 jul. [1958](#).

**Figura 32** – Croqui de um disco voador desenhado por Dino Kraspedon publicado no periódico carioca *O Jornal*.



Este é o primeiro esquema de um disco-voador, visto por dentro, desenhado especialmente pelo professor Dino Kraspedon, pela primeira vez, para *O JORNAL*, vendo-se: 1 — asa, 2 — Camara exterior; 3 — Camara intermediária, pressurizada; 4 — camara interna; 5 — eixo central; 6 — sala inferior; 7 — sala superior; 8 — torre com transformadores de energia; 9 — elevador de comunicações entre as salas; 10 — rolos de sustentação para efeito de rotação contrária; 11 — escotilha para a torre; 12 — escotilha para a sala; 13 — porta de entrada (escotilha); 14 — lamina para aterrissagem; 16 — corredor onde se encontram as instalações elétricas; 17 — parede coberta com tela de televisão; 18 — antena captadora de energia resultante da desintegração atmosférica

Fonte: Dino Kraspedon (1958).<sup>476</sup>

O relato Kraspedon era menos místico e muito mais técnico se comparado com outros relatos de contatados internacionalmente famosos, fato este observado por Suenaga.<sup>477</sup> Isso não impedia o escritor brasileiro ser pego em contradições. Em sua já citada entrevista na *TV Tupi*, por exemplo, afirmou que o jornalista João Martins, o mais proeminente repórter da época sobre o tema dos discos voadores, teria “sido procurado por um tripulante de disco voador, que o levara a um passeio pelo espaço, durante o qual havia obtido várias fotografias de locais extraterrenos por ele visitados”.

No entanto, em matéria publicada pelo *O Jornal*, Martins teria negado esse evento em seguida, acusando Kraspedon de leviandade, ironizando-o:

<sup>476</sup> Interviriam na terra para impedir uma guerra atômica. *O Jornal*. Rio de Janeiro: 6 jul. 1958.

<sup>477</sup> Suenaga (1999, p. 208).

Nunca vi ou tive contato com qualquer tripulante de discos voadores e pediria ao senhor Kraspedon, se conhece e se dá com algum deles, que me apresente sem tardança.<sup>478</sup>

Martins afirma ainda ser Dino Kraspedon um “leviano, ou homem de excessiva boa-fé, que acredita em todas as fantasias que lhe contam”. A matéria do *O Jornal* faz ainda referência de um encontro que teria sido organizado entusiastas para que Kraspedon esclarecesse as informações prestadas na sua entrevista na *TV Tupi*, a que o mesmo teria se esquivado. Sobre o teor desse encontro, a matéria diz:

Algumas dessas pessoas o procuraram, há tempos e ao professor Olavo Fontes e marcaram um encontro com Dino Kraspedon, quando seriam discutidos entre eles os assuntos publicados no livro e as relações entre o que fora revelado e as investigações de João Martins. Foram intermediários desse encontro os srs. Mário Marques e Cleto Nunes, mas Dino Kraspedon no dia apazado deixou de comparecer, fugindo ao debate que certamente iria esclarecer muitos pontos obscuros e duvidosos. – Se alguma dúvida eu alimentava quanto às revelações de Dino Kraspedon, depois dessa fuga assegurei-me de que se trata de um irresponsável nessa e em outras declarações, inclusive a que se refere a um hipotético episódio ocorrido numa base militar norte-americana – acrescentou o repórter de “O Cruzeiro”.<sup>479</sup>

Mesmo reiterando serem os discos voadores “uma realidade insofismável”, João Martins via com bastante desconfiança as convicções de Kraspedon, que afirmava até mesmo o propósito a que os tripulantes dos discos voadores estavam imbuídos, além de expor informações de fontes duvidosas. Martins deixava em suspenso o intento de tais engenhos, ao admitir não serem “pacíficos como se propala, pois se assim fossem, um contato real e mais objetivo já teria sido feito em lugar de furtivas aparições, em que longe de procurarem contato conosco, são surpreendidos e nos evitam.”

As experiências de Dino Kraspedon, caso fossem tidas como autênticas, eram sérias demais para serem ignoradas: novas teorias astrofísicas, descrições de uma mecânica revolucionária, tecnologias espaciais, diálogos filosóficos entre civilizações extraterrestres etc., sendo todo esses elementos provenientes de seu encontro exclusivo e especial. Em consequência, com suas afirmações extraordinárias, a entrada de Kraspedon no universo cultural dos discos voadores causou reações das mais diversas.

---

<sup>478</sup> Repórter nega contato com disco voador. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 17 abri. [1958](#).

<sup>479</sup> Repórter nega contato com disco voador. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 17 abri. [1958](#).

Tais reações incluíam uma desconfiança natural e razoável. Por outro lado, destacamos aqui também um poderoso voluntarismo entre aqueles que acatavam suas teses, voluntarismo esse que pôde ser percebido já na época, como afirma João Martins: “Dino Kraspedon deve ser um fanático messiânico em torno do qual se formou um grupo que nele acredita cegamente.”<sup>480</sup>

Em sua trajetória, até o momento anterior de sua derradeira experiência com os discos voadores, Kraspedon afirmava que não levava a sério o tema e ignorava de fato tudo que pudesse estar relacionado. De modo semelhante, mesmo sendo conhecedor da Bíblia, por influência de sua família na infância, considerava-se ateu e um homem de ciência. No entanto, suas experiências extraordinárias mudaram sua vida por completo, fazendo-o rever sua inclinação religiosa, assim como sua perspectiva sobre os discos voadores. Suenaga aponta uma sucessão de eventos que o fizeram mudar de ideia, escrever livros, traduzir a bíblia, desvendar profecias e praticar atos terroristas.<sup>481</sup>

Fato é que Dino Kraspedon foi o primeiro no gênero dos contatados no Brasil e “alcançou relativo êxito entre os primeiros aficionados pelo assunto e 8 meses depois foi lançada uma segunda edição, vindo a ser considerado um clássico”, como afirma Suenaga.<sup>482</sup> Suas novas publicações e aparições públicas faziam de Dino Kraspedon uma pessoa de crescente relevância social. O que fica claro para nós é que Dino Kraspedon era pessoa prolixa e gostava da atenção do grande público, fato esse que se avolumou no tempo. Com uma plateia crescente, suas mensagens influíam até no governo, na qualidade de informante especial, como veremos adiante.

Kraspedon superou todas as expectativas quando os discos voadores passaram a estar presentes no próprio texto bíblico, quando sua própria pessoa era descrita em profecias por ele decodificadas e quando a ele foi dado um plano superior, em torno do qual várias pessoas se voluntariaram, plano esse que acabou por se confluir com intentos paralelos do governo militar, imiscuindo-se, de forma extraordinária, com a própria história política nacional.

---

**480** *Repórter nega contato com disco voador. O Jornal.* Rio de Janeiro, 17 abri. [1958](#).

**481** Suenaga ([1999](#), p. 209-210).

**482** *Idem.*, p. 209.



## 7.2 Sábado Dinotos: o informante da revolução

Sob o pseudônimo de Dino Kraspedon, Aladino Félix já havia sensibilizado um considerável público acerca de suas teses, seja nos debates em televisão, seja nas reportagens que as discutiam, seja nas entrevistas dadas aos pesquisadores de discos voadores recém organizados em associação. No entanto, seu envolvimento com o tema dos discos voadores estava apenas começando. Para além da publicação do *Contato com os discos voadores*, os novos projetos de Kraspedon incluíam agora reinterpretações mitológicas do texto bíblico, tido por Edgard Alves Bastos como seu projeto principal. Segundo Bastos, Kraspedon escrevia numa velocidade impressionante:

abe quando o elemento está com a coisa formada na cabeça e ele senta e manda ver, era assim. Eu vi muitas coisas, com ele, ele parava assim e eu perguntava “o que foi?” “Alguma coisa está errada aqui”. Aí começava a comparar com outros trabalhos e via que as traduções estavam erradas. Ele já colocava a tradução correta e tudo o mais. Isso aconteceu de monte. Um monte de coisas aconteceu assim, então eu tenho que dar vazão a tudo isso porque eu acompanhei o trabalho e sei como foi feito. Você tem que dar a mão à palmatória.<sup>483</sup>

Antes mesmo do projeto bíblico, publicou outros dois livros: *Mensagens aos judeus* e *O Hebreu*.<sup>484</sup> Esse último contém mais de 500 páginas, agora sob aquele pseudônimo que ficou mais famoso, Sábado Dinotos, mudança essa que veio marcar uma nova fase.<sup>485</sup> Os extraterrestres de forma humana que Sábado Dinotos afirmava estar em contato lhe disseram que ele participaria de um projeto grandioso, como afirma Bastos:

esses alienígenas, e ele teve contato com dois, um deles mencionou uma vez que ele tinha um trabalho muito grande para fazer, que é exatamente o trabalho que ele fez que é a tradução do Velho Testamento, trabalho que demorou muitos anos, mais ou menos uns 20 e tantos anos para ser feito. Eu tenho o original do trabalho dele aí, tenho mais ou menos aí umas três mil páginas.<sup>486</sup>

Tal projeto foi mostrado a Dinotos quando teve um sonho profético, em uma noite de 1959. Na época, ele já estava desenvolvendo seus primeiros livros e o sonho foi um

---

**483** Entrevista com Edgard Alves Bastos (2019).

**484** DINOTOS, Sábado. **O hebreu: libertador de Israel**. São Paulo: São Paulo, 1959.

DINOTOS, Sábado. **Mensagem aos judeus: o nascimento do Messias**. São Paulo: São Paulo, 1960.

**485** Suenaga (1999, p. 221).

**486** Entrevista com Edgard Alves Bastos (2019).

divisor de águas em sua vida. Resumidamente, após encontrar referências à sua pessoa nas centúrias de Nostradamus, que já vinha traduzindo e interpretando, Dinotos foi dormir com questionamentos bastante profundos sobre o caráter especial de tudo aquilo que acabava de descobrir. Surpreendido com um sonho bastante especial, lúcido, ao ver o seu corpo e o de sua mulher dormindo na cama, o autor desceu as escadas e pôde ouvir uma voz que lhe dizia ser Jeová dos Exércitos:

Dou-te toda a força de que necessitas para lutar e vencer. Vieste ao mundo para reunificar meu povo. Ninguém poderá suportar tua força, porque sou eu que te dou a força, eu sou Jeová dos Exércitos. Onde puseres tua mão prevalecerás. Eu sou o Senhor, Jeová dos Exércitos é o meu nome, sou eu que te falo.<sup>487</sup>

Seguindo o relato do sonho, Dinotos continuou a se movimentar, até atravessar uma parede e se ver no quintal, sob a luz das estrelas. Ali, teve um encontro com um estranho ser robusto, um gigante que tentava feri-lo em vão. Com simples gestos, Dinotos se esquivava dos ataques e tinha sensação que poderia destruir seu oponente atacando de uma só vez, apesar de não ter feito isso. Após uma longa contenda, o ser se apresenta como o patriarca Jacó, o terceiro patriarca bíblico, neto de Abraão.

Prossegue o relato:

“Não vim para lutar”, falou Jacó. “Vim para pedir-te que abras a tua porta e deixes morar contigo”. Quando pretendia destrancar a porta, contente por sua regeneração, a “voz” o deteve, proclamando: “Basta. Ouça-me agora: Dei-te toda a força para lutar e vencer. Onde puseres a tua mão prevalecerá. Nenhuma força suportará a tua. Sou eu que te dou, eu sou Jeová dos Exércitos. Tu me perguntas se era aquele homem. Não. Tu não és aquele homem. Eu não te castigaria dessa forma. Por que iria eu castigar-te assim? Ouça-me mais: Eu te dei a força. Digo-te também: tu não és Elias. Mas se seguires os meus mandamentos, e não desviáres os teus pés dos meus caminhos, e se obedeceres às minhas leis, e se usares a força que te dou, e jamais duvidardes, e se fores atrás de meu povo e o trouxeres de volta aos meus caminhos, eu te darei um lugar entre os que aqui estão, e tu serás para mim um novo Elias; porque eu sou Jeová dos Exércitos. Tu serás para mim um novo Elias.<sup>488</sup>

---

**487** Tal relato se encontra pormenorizado no livro *Mensagens aos Judeus*, de 1960. Como não temos acesso ao mesmo, utilizaremos as passagens presentes em Suenaga (1999, p. 221). Em matéria jornalística que analisaremos mais a frente, trechos do relato contido no livro também são divulgados:

- *A Fantástica História do Golpe que Não Houve*. **Jornal da Tarde**. São Paulo: 5 mar. 1968.

**488** Suenaga (1999, p. 221).

A partir desse momento Dinotos recebe uma missão profética, convocado diretamente pelo próprio deus bíblico, na figura de Jeová do Exércitos. Seu papel assemelhava-se a de outros personagens bíblicos e caso tivesse sucesso, teria um lugar reservado ao lado de Deus, como o aquele que Elias ocupou. Jeová lhe auxiliaria, conferindo-lhe um poder especial para cumprir a missão de reunir seu povo que estava disperso no mundo.

Assevera Bastos que ele tinha que descobrir quem era o povo santo e no texto bíblico ele teria encontrado a resposta. Mas, para tanto, ele teria de encontrar as chaves corretas para traduzir e reinterpretar a Bíblia, num estudo comparativo de várias traduções. Isso ele fez convidando amigos, mais de dez segundo Bastos, e cada qual ficou a cargo de duas línguas, a serem comparadas versículo por versículo. No caso, o impasse foi solucionado quando o texto em hebraico foi comparado ao texto em grego. Afirma Bastos que:

na época fiquei com o francês e português, mas tinha espanhol, russo e tudo mais, mas ninguém achou nada, ele quando pegou o grego com o hebraico matou a charada. No primeiro mês ele já me ligou, disse “olha, a palavra está escrita de uma maneira, mas o valor dela fonético está diferente”. Aí demorou um pouco mais de três meses e ele me ligou e disse “olha, não é um erro, é uma normativa, acontece sempre em nomes próprios de pessoas e lugares”. E falei “o que você vai fazer?” Ele disse “olha, eu vou catalogar essa variação de som”. Ele demorou dois anos e meio para fazer isso. Quando ele empregou essa outra variação de som nas outras palavras comuns, aí mudou tudo. Aí foi fantástico. Essa parte do trabalho foi sensacional. Foi fantástica. Belíssima. Porque nós começamos a descobrir um monte de lugares e... por exemplo, onde está a arca da aliança, a arca de Noé, onde está o povo santo, nós descobrimos tudo isso.<sup>489</sup>

Munido agora de uma chave que iria decifrar e corrigir os erros de várias versões bíblicas, Dinotos prosseguiu com o projeto de tradução. Em nossa entrevista com Bastos, este nos afirmou que o projeto ainda não foi terminado, estando em sua etapa final, a incluir também não somente o Antigo Testamento, mas também o Novo Testamento, bastante reduzido. Em relação a outras religiões e ao cristianismo, a posição de Dinotos se tornavam cada vez mais radical. Bastos deixa claro que, para o escritor, todas as religiões, sem exceção, eram mentirosas: “À medida que ele ia desenvolvendo a tradução, cada vez mais ele tinha elementos para verificar que tudo que nos rodeia é uma baita de uma mentira.”

---

489 Entrevista com Edgard Alves Bastos (2019).

Em 1964, em São Paulo, uma edição da Bíblia de Dinotos circulava e era anunciada em jornais:

A Terra Vai Parar. No Brasil, coração do Mundo, acaba de ser publicado o livro que fará a Terra parar. Leia a nova versão da Bíblia, feita por Sábado Dinotos. Verdadeiro libelo contra as religiões que se baseiam na mentira (...).<sup>490</sup>

Em um outro anúncio do mesmo trabalho, Dinotos se antecipa àquilo que viria a se tornar bastante popular com Erick von Däniken, autor do sucesso de vendas *Eram os deuses astronautas?*, de 1968. Diz o recorte: “O problema dos Discos Voadores acha-se explicado na tradução da Bíblia feita por Sábado Dinotos. Lendo-a, V. S. verá que os anjos celestes eram astronautas. Adquira um exemplar (...)”.<sup>491</sup>

Suenaga teve acesso a trechos dessa edição inicial, expondo enxertos em sua pesquisa.<sup>492</sup> Na Bíblia de Dinotos, os versículos ganham comentários explicativos. Acreditamos oportuno transcrever umas das partes por meio da pesquisa de Suenaga:

**Tradução convencional:** “No princípio Deus criou o céu a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas” (1:1).

**Tradução de Aladino:** “Primeiramente a Santidade criou o espaço e depois a Terra. E a Terra era caótica e opaca, escura perante o Cosmo. E o veículo da Santidade adejou perante a atmosfera”.

Como não podia ser de outra maneira, o redator bíblico estava se referindo à criação do nosso planeta e não do Universo inteiro, pois se assim fosse, não seria em apenas um versículo que a sua história poderia ser contada. [...] Refere-se à Terra e ao espaço que a rodeia, nada mais. A palavra opaca tanto podia ser traduzida por vazia (vaga) como também por vagabunda ou perambulante. Espírito também pode ser esfera, veículo, ar ou vento. Porém, na forma como está escrita no texto, é veículo aéreo mesmo, coisa que percorre o vento, pois está acompanhada do verbo esvoaçar, adejar, pairar, correr de forma estabilizada. Santidade, em hebraico primitivo, lia-se *Helichem*, que em hebraico moderno é *Elohim*. Significava, quando no plural, Santidade, Santíssimo, religiões, oráculos, poderes celestes. No singular era religião, relíquia, oráculo, santo, poder celeste, senhor, dono, herói, *logos*. Como vemos, as palavras tinham diversos significados e os tradutores escolheram aquelas que melhor se coadunassem com os seus ensinamentos ou seus interesses. Mas, mesmo assim, dizer que o ‘Espírito de Deus movia-se sobre as águas’ é emprestar-lhe muita força de expressão, a qual em nada melhora

---

**490** *A Terra Vai Parar. O Estado de São Paulo*. São Paulo: 2 set. [1964](#).

**491** *Discos Voadores. O Estado de São Paulo*. São Paulo: 3 set. [1964](#).

**492** Suenaga ([1999](#), p. 247-250).

o sentido, mas ao contrário, leva-nos a conceber um absurdo, que já de início invalida toda a verdade que o texto pudesse conter. Não podia, pois, ser aceito de maneira nenhuma.<sup>493</sup> (Negrito nosso).

Por meio desse breve exemplo pudemos notar que Sábado Dinotos se esforçava fazer com que o texto bíblico se adequasse não somente ao conhecimento astronômico moderno, nesse caso com a criação divina limitando-se ao próprio planeta Terra, mas também à realidade dos discos voadores, vistos agora como engenhos tecnológicos utilizados pela Santidade “adejando-se perante a atmosfera”.

Como podemos esperar, na tradução da Bíblia de Dinotos, várias passagens são reinterpretadas e os discos voadores assumem papel relevante,<sup>494</sup> fato esse que também é reforçado em suas outras publicações, como em *A Antiguidade dos Discos Voadores*, de 1967, um dos seus livros mais famosos, em que o autor afirma serem os discos voadores a “espinha dorsal que suporta todo o peso do imenso e maravilhoso livro que é a Bíblia”

Vale ressaltar que Dinotos também publicou um trabalho de extensa erudição que é o *Dicionário Hebraico Português*,<sup>495</sup> feito que atraiu membros da comunidade judaica, de igrejas protestantes, assim como de setores mais intelectualizados que “viriam a apoiar Aladino”, como aponta Suenaga.<sup>496</sup> Em gestos que assinalavam a crescente mística que envolvia Dinotos, após a publicação do dicionário, nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo, seus seguidores espalhavam nos bancos de ônibus e de bondes, assim como em banheiros de restaurantes e outros locais públicos, a estrela de seis pontas de Davi com o nome Sábado Dinotos, gesto simbólico de aceitação de um novos messias.<sup>497</sup>

Os anúncios de sua nova Bíblia, além das entrevistas e reuniões que o autor comparecia defendendo suas teses causaram, obviamente, atritos com membros da Igreja. Na época, numa de suas entrevistas, Dinotos teria sido confrontado com representantes de várias igrejas cristãs. Sobre esse encontro, afirma Raul Félix, um de seus filhos:

Meu pai contestou a Bíblia e aí o debate pegou fogo. Ele então se desafiou, dizendo que topava discutir em qualquer idioma que escolhessem (latim, grego, hebraico etc.). Os que o questionaram ficaram mudos. Isso ficou gravado em minha cabeça. Ele ia a esses programas e se dava bem.<sup>498</sup>

---

**493** *Idem.*, p. 247.

**494** DINOTOS, Sábado. *A Antiguidade dos Discos Voadores*. São Paulo: São Paulo, 1967, p.40.

**495** DINOTOS, Sábado. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: H. J. Koersen, 1962.

**496** Suenaga (1999 p. 228-229).

**497** *Idem.*, p. 229.

**498** Suenaga (1999, p. 247).

Como corolário, Dinotos defendia teses bastante extremistas e heréticas, uma situação comum com as novas seitas que buscam seu lugar no mundo. Para o escritor, os discos voadores eram materialização de mundos distintos, divinos e demoníacos. No entanto, excepcional papel detinha o povo Hebreu, portador das mais altas profecias e liderado diretamente por Jeová dos Exércitos. Habitante de Júpiter e seus satélites, Jeová estava em guerra eterna e total à facção venusiana. O planeta Vênus era o próprio Lúcifer da tradição hebraica e latina, sede do inferno e do líder rebelado.

Por outro lado, o Novo Testamento, Cristo e a Igreja eram frutos da influência rebelde venusiana, sendo essa última, segundo Dinotos, um dos seus principais inimigos. Edgard Alves Bastos afirma que Dinotos esteve sujeito a ameaças de membros da Igreja pelos seus textos, incluindo aí até uma explosão de bomba na porta de sua casa.<sup>499</sup> Isso teria ocorrido enquanto preso, momento em que era acusado por vários atentados com explosivos e outros crimes na cidade de São Paulo, como veremos adiante. Suenaga, por seu lado, descreve também a situação conflituosa com a Igreja em várias passagens de sua dissertação. Numa delas, o autor afirma:

Os problemas com a Igreja explicam porque Aladino não foi nem mesmo citado no livro *Brasil: nunca mais*, projeto conduzido e coordenado pelos arcebispos da Arquidiocese de São Paulo. A omissão é tanto mais grave se levarmos em conta que Aladino e seus seguidores foram praticamente os primeiros “terroristas” torturados pelo aparato repressivo que se solidificava. Apenas à página 116, numa tabela mostrando a atuação de diversos grupos de esquerda, vemos que uma “organização sem identificação” atuou em 1968. Muito pouco para um movimento responsável por quase metade dos atentados cometidos naquele ano em São Paulo.<sup>500 501</sup>

Como vimos, o primeiro contatado brasileiro apresentava ao público interpretações religiosas dos discos voadores, até então uma novidade ainda pouco explorada, que incluía a experiência e o conhecimentos dos povos da Antiguidade, interligados agora a uma metanarrativa que trazia respostas para os conflitos ideológicos

---

**499** Entrevista com Edgard Alves Bastos (2019).

**500** Suenaga (1999, p. 322).

**501** Em nossa consulta do *Relatório Projeto Brasil Nunca Mais* (1985), diferentemente de Suenaga, encontramos breves referência a Aladino Félix: “também conhecido como “Sábado Dinotos”, responsável por inúmeros assaltos e atentados terroristas executados em São Paulo em 1968. O líder da quadrilha tinha como motivação um misto de fanatismo religioso, alegando elos com outros planetas e confusas ligações políticas com áreas das Forças Armadas, possivelmente de ultra-direita”. Outros membros torturados de sua quadrilha também estão presentes em processo identificado (número 221), ainda que, como afirma Suenaga, ao longo do relatório o grupo é apontado como uma “organização sem identificação”:

- **Brasil: nunca mais**. Projeto Arquidiocese de São Paulo. Tomo II, Vol. I, p.152, [1985](#).

da Guerra Fria e da história do presente. Tal conflito trazia ao pontífice a urgente obediência de um plano, a que cabia ao autor a liderança na Terra de um esquema hierárquico não humano.

Resumidamente, Sábado Dinotos inaugurou movimento religioso de orientação extraterrena. Além disso, detinha um plano oriundo de seres de outros planetas do sistema solar. Em suma, tais seres eram os mesmos daqueles recebidos pelos hebreus e todos os outros povos dos tempos antigos. Em consequência, a Guerra Fria, assim com a Segunda Grande Guerra, era a continuidade de um conflito transcendental, milenar e ontológico, presente desde origem da espécie humana, submissa logo em seu despertar a divindades conflituosas e dualistas, que lutavam pelo domínio da influência sobre a espécie.<sup>502</sup>

A metanarrativa de Dinotos inclui um espaço cósmico alargado, em que as forças luciferianas não viriam originalmente de Vênus, mas da constelação do Cruzeiro do Sul, daí que o símbolo da cruz, presente em várias culturas, seria um sinal de sua influência; confluindo agora ao espaço interplanetário, as diferentes divindades de outrora estariam sediadas em distintos planetas do sistema solar, em aberto conflito (Júpiter versus Vênus); já na Terra, na Guerra Fria, ao lado de Jeová e do planeta Júpiter estariam Israel e os EUA; A URSS, certas lideranças europeias (de Gaulle) e os nacionalistas árabes estariam sujeitos à influência venusiana e luciferiana; por fim, num plano nacional, a guerra se dava respectivamente com o movimento de 1964, o governo Costa e Silva e os militares linha dura, alinhados a Jeová, aos EUA e a Israel, em guerra aberta agora contra Leonel Brizola, Carlos Lacerda e outros elementos nacionais e estrangeiros apoiados por potências internacionais e comunistas que tramavam iminente golpe contra o país.

Nesse sentido, a bipolaridade da Guerra Fria refletia uma batalha cósmica, e a dicotomia entre esquerda e direita, ou melhor, entre comunismo e “mundo livre”, ganhavam profundos significados religiosos que não toleravam nenhuma dissidência. Em outras palavras, Dinotos engessava mais ainda a divisão política explorada pelas potências da Guerra Fria, atribuindo-lhe um caráter transcendente, divino e/ou demoníaco: ou se está de um lado, ou do outro

---

**502** Tais informações estão presentes em seu livro *A Antiguidade dos Discos Voadores*. Por sua vez, Suenaga fez um excelente resumo de tal metanarrativa: Suenaga (1999: 262-268).  
- DINOTOS, Sábado. **A antiguidade dos discos voadores**. São Paulo: São Paulo editora, 1967.

Devido ao seu radicalismo, à sua erudição e aos contatos superiores que afirmava ter, Sábato Dinotos era visto como um sobre-humano, que fazia previsões certeiras e que detinha as mais elevadas profecias. Tido como a própria reencarnação do Abel bíblico, Dinotos era apoiado diretamente por Jeová dos Exércitos, que lhe garantiu isso em seu sonho profético.<sup>503</sup> Numa descrição psicológica de Sábato Dinotos, presente no inquérito policial que o investigou quando já estava preso e acusado de atentados terroristas, documento esse que analisaremos de forma mais detida nas próximas páginas o delegado Benedito Sydnei de Alcântara descreve Dinotos como tendo forte poder de persuasão:

conseguindo arregimentar seus homens doutrinando-os, inicialmente, com assuntos referentes a “discos voadores” e questões religiosas, para depois dominá-los mentalmente, deixando-os à sua mercê. Com sua eloquência mística atraía adeptos e seguidores incondicionais. Passava então a ser o Chefe, o Conselheiro, o Sábio, digno de ser admirado e obedecido.<sup>504</sup>

A contar com todo seu carisma, Dinotos era pessoa “magnética” e conseguia convencer sua plateia de sua excepcionalidade e erudição, ao concatenar ideias de distintos campos e domínios: metafísicos, filosóficos, religiosos, proféticos e ufológicos, inseridos agora na realidade política do país. Entre aqueles que se opunham ao comunismo, Dinotos era um dos mais radicais, pois, como podemos observar, estava imbuído em uma “guerra santa”.

Em seu pequeno escritório no edifício Martinelli, no centro da cidade de São Paulo, reuniam-se um grupo cada vez mais numeroso de admiradores e ativistas, incluindo militares e agentes da Força Pública, a atual Polícia Militar. Dado o crescente número da audiência, Dínotos instalara seu espaço de palestra para um ambiente maior, num outro escritório, agora com cadeiras para aproximadamente cinquenta pessoas.<sup>505</sup>

Os temas debatidos centravam em torno de suas profecias, dos discos voadores e da política nacional e internacional da época. Em suas várias aparições públicas na TV, rádio e jornais, Dinotos sempre trazia uma nova prognose atrelada à política nacional, em

---

**503** Edgar Alves Bastos afirmou em entrevista que Aladino Félix é uma das sete encarnações de Abel e retornaria após os grandes momentos de atribulações que a humanidade passará, como líder profeticamente esperado.

**504** Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. 1968, p.14.

**505** Essas informações estão presente no inquérito policial que investigou as ações do grupo de Aladino Félix, depois que seu grupo terrorista foi descoberto e desbaratado.

- Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. 1968, p.13.



amplios aspectos. Na tradução das profecias de Nostradamus, muitas dessas previsões eram divulgadas, pois o Brasil era o “centro do mundo” e local de nascimento no novo messias.<sup>506</sup> Em um dos anúncios da tradução, por exemplo, encontramos o seguinte texto:

Adquira as célebres PROFECIAS DE NOSTRADAMUS, traduzidas por SABADO DINOTOS, e entenda os acontecimentos que abalam o Brasil e o mundo, UMA OBRA IMPRESSIONANTE (...).<sup>507</sup>

Em anúncio mais sofisticado, encontramos descrições de eventos da política doméstica e externa brasileira que foram previstos por Dinotos. Segundo seus cálculos e erudição, o Brasil estava destinado a ser o centro de uma mudança em nível mundial:

Nas livrarias, segunda-feira, uma tradução –“a mais perfeita até agora” – do livro de Nostradamus contendo profecias. O Sr. Tito Chilmer, autor da notícia, garante que a tradução, confiada ao Sr. Sábado Dinotos, só pôde ser feita porque ele conhece o provençal, hebraico, grego, latim, e francês, além de ser especialista em matemática, física, astronomia, história da humanidade e filologia. O Sr. Chilmer garante ainda que Nostradamus faz revelações surpreendentes sobre política brasileira atual. Por exemplo: o esvaziamento total do Sr. Lacerda, a expulsão do Sr. Ademar de Barros da vida pública e o seu retorno à mesma. A única revelação sobre o Presidente Castelo Branco é que se trata de um “cabeça chata”. Há profecias sobre o Sr. Laudo Natel. Nostradamus prevê também a invasão do Brasil pelos franceses – coisa fácil, pois sabe-se que ele era amigo íntimo do Almirante Coligny, Comandante de uma dessas invasões.<sup>508</sup>

Suas profecias ganhavam fama ao tocar em temas sensíveis da política brasileira, como na recém crise entre o Brasil e a França, na “Guerra da Lagosta”, em que um variado contingente militar foi mobilizado por ambos os lados em 1963, no entanto chegando próximo ao litoral brasileiro apenas um contratorpedeiro francês, que manteve distância prudente de nosso mar territorial.<sup>509</sup>

No excêntrico método de Félix, a crise entre os dois países ganhava novas dimensões, que incluíam até a amizade que Nostradamus teve com o almirante francês no século XVI, momento em que a França tentava tirar de Portugal suas possessões no novo mundo, derrotados na baía de Guanabara em 1560. A guerra do século XVI e as tensões entre os dois países em 1963 balizaria a ideia de uma nova invasão francesa, a ser

---

**506** DINOTOS, Sábado. *As centúrias de Nostradamus*. São Paulo: São Paulo, 1965.

**507** *Profecias de Nostradamus. O Estado de São Paulo*. São Paulo: 9 mar. [1966](#).

**508** *Amostras de Nostradamus. Diário Carioca. O máximo de jornal, no mínimo de espaço*. Rio de Janeiro: 15 out. [1965](#).

**509** POGGIO, Guilherme. A guerra da Lagosta e suas lições. *Poder Naval*. 28 jan. [2016](#).

liderada agora pelo general Charles de Gaulle. Para Félix, o fato de o general francês antagonizar os interesses dos EUA na Europa o colocava essencialmente no lado inimigo de sua trama transcendental. Não somente isso, de Gaulle era acusado de organizar e liderar um golpe de Estado contra o Brasil, como veremos adiante.

Em suma, a previsão de uma invasão francesa contava com a insuspeita ligação entre vários eventos que ocorrem ao longo de séculos: a amizade de Nostradamus com o famoso almirante francês Gaspar II de Coligny, que teve o forte da aventura francesa na baía da Guanabara batizado em sua homenagem (o forte Coligny); a “Guerra da Lagosta” de 1963; o antagonismo do general Charles de Gaulle contra os EUA e “seu intento de golpe” contra o regime militar etc.

Daniel Faria soube ressaltar muito bem que a excentricidade do método de tradução e cruzamento de fontes de Sábado Dinotos não era tão distante do que já se fazia, especialmente entre os agentes de governo em luta contra o comunismo internacional:

em que pese seu aspecto delirante, não diferia tanto assim dos métodos de investigação e produção de informações dos agentes de governo sobre a conspiração comunista internacional, presente em todos os aspectos da vida brasileira. Aladino se valia de comparações históricas, derivações semânticas, semelhanças fonéticas, sempre à procura das forças ocultas escondidas na superfície das coisas. No caso, as profecias de Nostradamus. Por se tratar das profecias, a tradução também implicava uma filosofia da história que versava sobre o lugar do planeta Terra no sistema solar, o lugar do Brasil no planeta Terra, o lugar de 1964 no Brasil e o lugar do próprio Aladino Félix nesse drama de proporções cósmicas, em que os destinos da civilização eram decididos.<sup>510</sup>

Para além dos paralelos entre as teorias paranoicas da Guerra Fria e sua instrumentalização pela ditadura militar brasileira, Dinotos, em suas profecias, começava a chamar atenção não somente do grande público, mas também das autoridades, como afirma uma matéria do *Tribuna da Imprensa*, que após aludir variadas previsões feitas pelo autor, “não conseguiu prever que a Polícia já estava desconfiada de suas atividades, desde o dia em que previu que o então presidente Castelo Branco sofreria um atentado quando em viagem pelo país”.<sup>511</sup>

---

**510** FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. A história de uma história: terrorismo extraterrestre a favor do governo, Brasil 1968. **História da Historiografia**. Ouro Preto-MG: v.12, n.31, [2019](#). P.236-237.

**511** *Astrólogo não previu sua má sorte*. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 19 dez [1968](#).

De profecias a denúncias de atentados e acidentes fatais, Sábado Dinotos fazia sua fama e a imprensa acompanhava com demonstrado interesse tamanho inusitado. Surpreendentemente, em entrevista publicada em março início de 1968, mais uma vez Sábado Dinotos supera todas as expectativas quando, em extensa entrevista em jornal, revela ter sido informante especial no desbaratamento de um golpe contra o governo:

**Figura 33** – Capa da matéria publicada pelo *Jornal da Tarde*.<sup>512</sup>



**Fonte:** *Jornal da Tarde* (1968).<sup>513</sup>

<sup>512</sup> *A Fantástica História do Golpe que Não Houve*. *Jornal da Tarde*. São Paulo: 5 mar. 1968.

<sup>513</sup> Cortesia de Edgar Alves Bastos e Cláudio Tsuyoshi Suenaga. A matéria, até o momento, não se encontra digitalizada por nenhuma hemeroteca nacional.

Na entrevista, Aladino Félix (que solicitou ao *Jornal da Tarde* que o identificasse pelo seu nome de nascimento), expõe que, por possuir informações sensíveis, pôde avisar ao presidente marechal Costa e Silva de uma iminente sublevação que iria estourar no Brasil. Tal trama visava uma mudança de regime que incluía o assassinato do presidente, assim como o seu próprio, dentre outras pessoas. A extensa matéria, que inclui fotos de sua pessoa, foi o gatilho que desencadeou várias outras em reposta, o que exigiu do governo pronta contestação, como veremos. A conspiração internacional contava com a liderança do presidente francês, general Charles de Gaulle, que tinha o apoio da URSS, da Argélia e da República Árabe Unida,<sup>514</sup> e de figuras latino-americanas como Péron.

No Brasil, seria encabeçada por Carlos Lacerda, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Juscelino Kubitschek e vários outros elementos, cassados e não cassados, que também estariam organizados por meio da Frente Ampla, principal organização de oposição ao regime na época. O apoio militar viria especialmente de destacamentos do Sul do país, como a brigada Gaúcha, assim como da polícia militar do Paraná e Santa Catarina, a contar também com elementos insatisfeitos da Força Pública de São Paulo e também com a “ala lacerdista” do II Exército, sediado em São Paulo.

Sobre esse contexto, afirma Félix:

O Brasil é um País profundamente envolvido na disputa política internacional. Como a revolução brasileira foi pró-americana, começou a conspiração. Lembramos todos de como Juscelino, quando foi cassado, recebeu uma enorme festa do de Gaulle (...). A União Soviética foi o primeiro a apoiá-lo, e convenceu a República Árabe Unida a segui-la na Argélia. Miguel Arraes convenceu o coronel Boumédiène a acompanhar de Gaulle. Perón logo aderiu, pois, um golpe aqui lhe permitiria voltar a Argentina. Lacerda, quando esteve em Paris, entrevistou-lhe secretamente, duas vezes, com o general de Gaulle, combinando detalhes do plano. Jango concordou por intermédio de emissários. Ademar de Barros, conversou com o general de Gaulle, ou com seus emissários e aderiu. O plano funcionaria da seguinte maneira: Lacerda, Juscelino e Jango tomariam a Frente Ampla, que ameaçaria o governo. O presidente da República, de olhos grudados na Frente Ampla, não cuidaria de Ademar – e este, passando por homem de negócios, desinteressado da política, mobilizaria a Força Pública, onde tem muitos amigos. Ademar é o principal articulador da tentativa de golpe.<sup>515</sup>

---

**514** Na época, a República Árabe Unida compreendia apenas o Egito atual.

**515** *A Fantástica História do Golpe que Não Houve*. **Jornal da Tarde**. São Paulo: 5 mar. [1968](#).

Felix afirmava categoricamente que o motivo da prontidão militar que teria ocorrido há poucas semanas foi reação ao um bilhete enviado ao presidente Costa e Silva, que incluía em detalhes o plano golpista. Mobilizados em todo o país, os militares do exército encamparam uma atípica movimentação que, até o momento, não se sabia o real motivo. Félix agora o entregava: ocorreu devido ao seu aviso ao presidente.

A senha que desencadearia o golpe seria dada por Carlos Lacerda, num discurso a proferido no Teatro Municipal em São Paulo que obviamente, segundo suas ações, foi frustrado. Félix expõe ainda na matéria que um helicóptero acompanhava o discurso, presente ali devido às diversas precauções tomadas pelo governo.

Podemos acompanhar também na matéria que escritor tomava posições extremistas e escatológicas em relação aos temas bíblicos que ensinava, ao afirmar que as doze tribos perdidas, aquelas que ele seria responsável por reunir em profecia, eram todas descendentes das raças brancas, “pois os pretos e amarelos são invasores de outros planetas”, sendo o próprio Jesus Cristo pertencente a essa humanidade forânea e, como tal, representava Lúcifer na Terra, inimigo de Jeová dos Exércitos e servo de Lúcifer.

O momento de reencontro entre as tribos perdidas ocorreria apenas após uma hecatombe nuclear que iria ocorrer em 1972, quando dois terços da humanidade pereceriam, para então Félix conduzir os sobreviventes ao reino de Deus, segundo sua liderança.

Em relação à liderança do general Charles de Gaulle na conspiração contra o Brasil, Félix se apoiava no fato de que o general, naquele momento, antagonizava os interesses dos EUA na Europa, não somente nas negociações de retirada de suas tropas e bases da França, assim como também no próprio questionamento dos acordos de Breton Woods pois, com a liderança do gal. de Gaulle, a França requisitava o retorno do ouro depositado nos EUA, numa tentativa de mitigar o excepcional poder que os EUA conquistara no mundo após a Segunda Guerra Mundial, real emissor da moeda única de transações internacionais.

Por outro lado, Félix demonstrava aberto ódio perante figuras políticas importantes, como Carlos Lacerda e Ademar de Barros, supostos aliados na trama antigovernamental:

Se o pessoal do Lacerda tivesse tentado dar o golpe, se daria mal. Nós (Aladino não quis dizer quais eram seus companheiros) já estávamos no

caminho do Horto, esperando. Quando eles fossem para lá, para transformar o Horto em Quartel-General, seriam presos e executados, como pretendiam fazer conosco. Aladino Félix não se impressiona com o que o gravador, nem quando o amigo lhe diz que talvez fosse inconveniente gravar suas declarações. “Tenho mesmo ódio de Lacerda e Ademar – completa. Lacerda é um malvado, matou mendigos. Ademar fuzilou dezenas de pessoas na II Guerra Mundial. Além disso, para agradar nazistas, transferiu a zona do meretrício para o Bom Retiro. Não posso perdoá-los. Tenho ódio deles, e não escondo de ninguém. E quanto à história do golpe, e do relatório que entreguei ao presidente, é verdadeira – quero ver quem tem coragem de desmenti-la.”<sup>516</sup>

Aqui cabe-nos um adendo. A conspiração da Frente Ampla e de Carlos Lacerda contra o regime, denunciada por Félix em março de 1968, foi sucedida, segundo Suenaga, por uma primeira tentativa de fechamento do regime:

Costa e Silva esteve a ponto de decretar um novo Ato Institucional, o de n 5. na segunda-feira, 1º. de abril, quarto aniversário do golpe militar, rumores de que o governo iria editar um novo ato ou decretar o estado de sítio invadiram o Congresso.<sup>517</sup>

A tese era de que se Costa e Silva não instaurasse um estado de exceção seria derrotada pelos militares da “linha dura”, fato que teria ocorrido justamente com o presidente Castelo Branco. Em meio à confusão que reinava nas grandes manifestações estudantis que marcaram o período, com prisões e mortes de jovens lideranças, Carlos Lacerda, que já tinha sido um dos maiores entusiastas do golpe de 1964, era visto agora como um inimigo, especialmente por se portar contrário aos novos intentos golpistas do regime. Conferindo maior riqueza ao posicionamento de Lacerda no período, Suenaga afirma que:

Sabedor do segundo golpe que se preparava nos bastidores, lançou um manifesto. Após reunir-se com Juscelino Kubitschek, entregou ao deputado Renato Archer, ambos companheiros de Frente Ampla, um documento no qual dizia: “A violência tornou-se norma nas relações entre governo e povo. Do restaurante do Calabouço à Constituição da República, esse governo, no qual se irmanaram os mistificadores (referindo-se indiretamente a Aladino) faltou à sua palavra. Ninguém deseja a baderna, mas ninguém suporta a crueldade e a covardia. É inaceitável que o Exército trate os estudantes como se fossem uma horda de inimigos”.<sup>518</sup>

---

**516** *A Fantástica História do Golpe que Não Houve. Jornal da Tarde.* São Paulo: 5 mar. [1968](#).

**517** Suenaga ([1999](#), p. 279).

**518** *Idem.*, p. 279.

Por outro lado, a implicação de que o governo de Costa e Silva teria mobilizado as tropas segundo informações prestadas por um vidente que narra encontros com seres bíblicos e seres alienígenas, causou, como era esperado, as mais diversas reações nos principais jornais da época. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, em matéria publicada dois dias após a entrevista de Félix, informa que Carlos Lacerda teria exigido que o “governo desmintas com energia” a denúncia feita por Aladino Félix. “Faço votos – disse o sr. Carlos Lacerda – que o presidente da República, em defesa do decoro, desmintas tudo isso. Isto afeta o bom nome do Brasil”.<sup>519</sup>

No dia seguinte, o mesmo *Jornal do Brasil* publicou trechos de uma entrevista agora com o coronel Florimar Campelo, diretor-geral da Polícia Federal, que foi citado na denúncia de Félix como aquele que teria sido convocado pelo presidente Costa e Silva para tomar ciência do plano de golpe.<sup>520</sup> Na entrevista ao *Jornal do Brasil*, Campelo descreve Aladino Félix como um “visionário”, afirmando que “ninguém, em sã consciência, pode acreditar em suas declarações”.<sup>521</sup>

Por sua vez, o periódico *A Tribuna*, cinco dias após a entrevista de Aladino Félix, expõe que a situação se tornava cada vez mais grave, pois mesmo após o desmentido do governo e do diretor-geral da Polícia Federal, Félix teria apresentado ao mesmo *Jornal da Tarde* uma fotocópia de um bilhete escrito pelo coronel Edgard Bernardes, chefe do II Exército, como prova de seu envolvimento na mobilização de janeiro de 1968, assim como na implicação do bilhete que enviara ao presidente, na denúncia de um golpe que nunca houve:

Fica-se imaginando que um cidadão patriota tendo uma visão ou coisa parecida pode, chegando à Presidência da República, sobrepor-se a todos os serviços de informações das Forças Armadas e estabelecer credibilidade na existência e possível eclosão dum esquema militar “contra o Governo”, o que levaria as autoridades de pôr todo o mundo de prontidão. Estaríamos então em pleno reino da magia, não dispendo os nossos homens de Governo de meios que lhes permitissem verificar até onde os zelos de um vidente situacionista poderiam enganar-se em suas

---

**519** *Governo vai desmentir versão sobre prontidão do Exército. Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 7 mar. 1968.

**520** Além de Campelo, Félix implica outras proeminentes figuras do Executivo: “Levei então o plano ao presidente Costa e Silva. Lá, ele convocou o coronel Florimar Campelo, chefe da Polícia Federal, o general Silva Correia de Andrade, da Polícia Federal em São Paulo, agentes dos serviços secretos das três Armas, do SNI e de outros órgãos. Cada um tinha uma parte pequena do plano, que conferia com o relatório que eu levava: o plano completo, detalhado, só eu tinha.”

- *A Fantástica História do Golpe que Não Houve. Jornal da Tarde*. São Paulo: 5 mar. 1968.

**521** *Coronel Florimar Campelo citado por Aladino Félix chama-o de “visionário”. Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 8 mar. 1968.

previsões. O Brasil se tornaria um País surrealista, em que a imaginação supriria as realidades, até no domínio da segurança. (...) A história fantástica até agora apenas pôs num clima surrealista a segurança do Governo.<sup>522</sup>

Por mais absurda que pudesse parecer a conspiração apontada por Félix, alguns elementos de sua denúncia encontravam ecos na realidade, como afirma o jornal, ao sugerir que “conforme um ex-comandante da II Região, a prontidão “não podia ser de rotina, quando não estava programada em tempo útil”, ou seja, desde o início do ano”. A situação levava todos a crer que a história do bilhete e o envolvimento de Félix com altas esferas do governo federal era, ao menos em parte, verídica. Ou seja, por mais inusitada e fantasiosa que pudesse parecer a trama descrita por Félix, a história do bilhete que levou à mobilização nacional se tornava cada vez mais plausível.

A crítica feita pelo jornal *A Tribuna* tocava num ponto nevrálgico de todo o envolvimento entre o governo militar e Aladino Félix. O absurdo era evidente, pois o governo dava mostra que teria acatado as teses e a denúncia do escritor, e, em reposta a um aguardado golpe da oposição, teria mobilizado as tropas em todo o país, tudo isso segundo informações dadas por um vidente que fazia previsões em público, uma pessoa que assumia estar em contato com extraterrestres, assim como com personagens bíblicos, seres esses que lhe deram uma missão em sonho. Era de se estranhar que uma pessoa como Aladino Félix trouxesse mensagens de extrema importância para o governo Costa e Silva e esse mesmo governo agisse de acordo. No entanto, o envolvimento do escritor com o Estado somente estava começando a se descortinar.

### **7.3 Aladino Félix: o terrorista da revolução**

No final de 1967 e em todo ano de 1968, a cidade e o estado de São Paulo abrigou dezenas de assaltos a bancos e trens pagadores, assim como outras dezenas de atentados à bomba, especialmente em instituições militares, assim também como no Consulado dos EUA, na bolsa de valores, em estradas de ferro, em residência de autoridades públicas etc. Todos esses fatores colocavam o quarto ano do governo militar na situação de lidar com ação política violenta e organizada, o que, obviamente, exigia algum tipo de resposta à altura. O desafio competia não somente ao Governo Federal e seus órgãos de

---

<sup>522</sup> Aladino. *A Tribuna*. São Paulo: 10 mar. [1968](#).



inteligência, mas também à Força Pública de São Paulo, a atual Polícia Militar. Na época, corporação ensaiava uma greve branda por motivos salariais, o que agravava a situação.

O roubo de armas, metralhadores, munições e dinamites possibilitou que criminosos e terroristas cometessem diversos assaltos a bancos, assim como explosões de grande monta, na forma de atentados, utilizando-se, ao menos duas vezes, de carros bomba lançados contra instalações militares.<sup>523</sup> Era esperado que grupos de extrema esquerda estivessem organizando ações clandestinas que viessem a abalar o regime. Nas investigações, como alguns atentados com explosões ocorreram conjuntamente com assaltos a bancos, a tese da polícia era de que “os terroristas pretendiam conseguir

---

**523** De forma sucinta, listaremos a cronologia dos atentados, segundo fonte oficial:

- 30 dezembro de 1967: furto de dinamites e detonadores de uma pedreira.
- 16 de janeiro de 1968: roubo de armas e munições de um paiol da Força Pública.
- 20 de março de 1968: bomba detonada no Consulado dos EUA.
- 9 abril de 1968: bomba detonada em instalações do Departamento da Polícia Federal.
- 10 abril de 1968: bomba detonada no elevador do Quartel General da Força Pública.
- 15 de abril de 1968: bomba detonada num prédio ao lado do Quartel General do II Exército.
- 17 de abril de 1968: bomba detonada nas instalações do Instituto de Educação.
- 20 de abril de 1968: bomba detonada nas instalações do jornal *O Estado de São Paulo*.
- 22 de abril de 1968: bomba detonada na residência de um civil, dr. Virgílio Malta Cardoso.
- 7 de maio de 1968: bomba detonada no interior de um ônibus comercial.
- 15 de maio de 1968: bomba detonada na entrada da Bolsa de Valores.
- 19 de maio de 1968: bomba detonada nas instalações do Departamento de Alistamento da Força Pública.
- 23 de maio de 1968: bomba detonada na residência do Secretário de Educação.
- 27 de maio de 1968: bomba detonada em frente a um prédio da rua Itambé.
- 30 de maio de 1968: bomba detonada no pátio do Colégio Estadual “Ênio Voss”.
- 30 de maio de 1968: assalto à agência bancária “Rudge Ramos” com metralhadora.
- 3 de junho de 1968: assalto a carro-pagador com metralhadora.
- 11 de junho de 1968: assalto à agência bancária do Parque de São Lucas.
- 20 de junho de 1968: coquetel “Molotov” lançado na residência do presidente da Kibon.
- 24 de junho de 1968: bomba detonada no prédio do Conjunto Nacional.
- 26 de junho de 1968: **carro bomba** detonado contra o edifício do Quartel General do II Exército.
- 28 de junho de 1968: furto de 7.500 bananas de dinamite da Pedreira Fortaleza.
- 1 de julho de 1968: assalto a agência bancária “Leme Ferreira” com metralhadora.
- 7 de julho de 1968: explosões simultâneas: linha férrea Santos/Jundiaí;
- 7 de julho de 1968: explosões simultâneas: terminal da Estrada de Ferro Santos/Jundiaí.
- 7 de julho de 1968: explosões simultâneas: estação Central do Brasil.
- 7 de julho de 1968: explosões simultâneas: linha férrea da Estrada de Ferro Sorocabana.
- 12 de julho de 1968: explosões simultâneas: vagão do trem da estação Central do Brasil.
- 12 de julho de 1968: explosões simultâneas: vagão de trem da estação Santos-Jundiaí.
- 1 de agosto de 1968: assalto ao Banco Mercantil e Industrial de São Paulo, com metralhadora.
- 5 de agosto de 1968: assalto ao Banco Comercial e Industrial de São Paulo.
- 5 de agosto de 1968: assalto ao Banco Mercantil de São Paulo, com metralhadora.
- 10 de agosto de 1968: assalto ao trem-pagador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, com metralhadora.
- 19 de agosto de 1968: explosões simultâneas: **carro bomba** em frente ao prédio do Dops.
- 19 de agosto de 1968: explosões simultâneas: bomba no prédio da 4ª. Vara Distrital.
- 19 de agosto de 1968: explosões simultâneas: bomba no prédio da 5ª. Vara Distrital.
- Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. [1968](#), p.6-9.

dinheiro para desencadear um golpe destinado a mudar o regime político da nação”, como afirma um dos inquéritos instaurados.<sup>524</sup>

O inusitado viera a ocorrer quando as investigações do assalto ao banco Mercantil e Industrial de São Paulo, ocorrido em 1 de agosto de 1968, acabaram por revelar que o líder do bando em assalto também fazia parte de um grupo responsável por atentados à bomba na cidade. Nas buscas, ficou patente para o delegado responsável que o líder intelectual dos assaltantes era Jessé Cândido de Moraes, até então jovem soldado da Força Pública de São Paulo. Curiosamente, Moraes era membro do séquito de Aladino Félix, sendo um grande admirador e seguidor fiel do escritor polivalente. Primeiramente, Moraes teria confessado ter dado parcela do roubo para Félix. Depois, acabou apontando-o como um dos responsáveis por várias explosões na cidade, além do roubo de armas e dinamites.

A confissão do soldado Jessé Cândido de Moraes desencadeou o encarceramento de Aladino Félix e vários outros membros de sua organização, isso a ocorrer no final do mês de agosto de 1968, quando seu grupo foi violentamente desbaratado e toda trama do envolvimento do escritor como o governo começou a se descortinar, para a surpresa de toda a imprensa e dos investigadores que se debruçavam sobre o caso.

A imprensa acreditava que com tais elementos fora das ruas, os atentados que acometiam a cidade de São Paulo poderiam cessar. Uma matéria do *Jornal do Brasil*, ao comentar sobre outros crimes, afirma que “a maior esperança da polícia”, seria “uma denúncia semelhante à que levou o místico Aladino Félix, dois elementos da Força Pública e mais seis homens à prisão, sob a acusação de roubo do Banco Mercantil Industrial e de atentados a bomba.”<sup>525</sup>

Por outro lado, a polícia demonstrava comportamento duvidoso, pois um dos denunciados pelo soldado Jessé Cândido de Moraes, um estrangeiro chamado Pierino Gargano, mais tarde expulso do Brasil,<sup>526</sup> já tinha sido preso, três meses antes, por assalto a mão armada, utilizando-se de uma metralhadora emprestada pelo soldado Moraes. O soldado teria obtido tal metralhadora e munição em um roubo do paiol da Força Pública, ocorrido em 16 de janeiro de 1968. Curiosamente, Pierino teria sido solto pela polícia

---

<sup>524</sup> *Idem.*, p.7.

<sup>525</sup> *Polícia acha que ladrões da Massey-Ferguson são os mesmos da Santos-Jundiaí. Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro: 12 ago. [1968](#).

<sup>526</sup> A reportagem do periódico carioca *Jornal do Commercio* afirma que Pierino Gargano, após cumprir pena no Brasil por participar do assalto ao banco Mercantil em 1 agosto de 1968, seria expulso do país segundo decreto presidencial de 11 de setembro de 1970: - *Expulso do Brasil. Jornal do Commercio.* Rio de Janeiro: 23 nov. [1970](#).

sem maiores explicações, o implicaria aí atos de corrupção, em que o governo tentava apagar os rastros do grupo Félix. Nesse ínterim, os jornais teciam uma complexa e inusitada trama:

Pierino Gargano, o homem que está sendo agora procurado por toda a Polícia paulista, é o mesmo que já três meses foi preso pelo delegado José Carlos, do DEIC, por assalto a mão armada em Pirituba, utilizando-se de uma metralhadora emprestada pelo soldado Jessé Cândido de Moraes, da Força Pública. O caso de Pierino poderia resultar na prisão do soldado – agora preso – e dos elementos detidos nas últimas horas como membros da quadrilha dos assaltos a bancos e explosões de bombas, não fosse a requisição do detido, naquela ocasião, pelo Departamento de Polícias Militares, que o soltou inexplicavelmente. OUTRO PROCURADO. A prisão da quadrilha de terroristas e assaltantes a bancos, apesar das diligências sucessivas, ainda não estava bem esclarecida pela Polícia, ontem à tarde. Um dos suspeitos é agora Sábado Dinotos, autor de estudos sobre discos voadores, que pode ser o mentor intelectual do bando. Sábado Dinotos, pseudônimo de Aladino Félix, está preso e incomunicável no Departamento de Polícia Federal, onde terá que esclarecer porque suspeitava de homens da Força Pública como autores de alguns atentados, conforme disse há tempos num programa de TV. Ele acreditava também que o grupo obedecia orientação da linha chinesa. Sábado Dinotos – que diz prever o futuro e previu o atentado de março último contra o Consulado norte-americano, é amigo dos argentinos Jairo dos Santos e Cláudio Fernandes, da Força Pública, também presos.<sup>527</sup>

Os jornais não conseguiam desvendar ainda o papel de Félix e o governo nos atentados, pois as motivações eram de difícil compreensão: Aladino Félix, uma figura conhecida pelas suas várias previsões e livros sobre discos voadores estaria agora encarcerado por uma associação com criminosos comum e por praticar atentados terroristas. Por outro lado, a polícia comemorava o possível fim da violência política na cidade, mesmo sem explicar, afinal, qual era a intenção política de Félix. Em matéria, o *Jornal do Brasil* afirma que o entusiasmo de setores da Polícia paulista “que acreditam ter desbaratado o bando de assaltantes, não era compartilhado por outros, que não encontram respostas para uma pergunta: porque assaltantes comuns iriam promover atentados terroristas?”<sup>528</sup>

A expectativa geral era que as investigações levassem à prisão de elementos de organizações comunistas, lideradas por Carlos Marighella e outros. No entanto, afirma a matéria que os atentados e assaltos:

---

<sup>527</sup> *Caça a suspeitos mobiliza polícia. Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro: 23 ago. [1968](#).

<sup>528</sup> *Euforia não é compartilhada por todos. Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro: 24 ago. [1968](#).

partiam de elementos da direita radical, que teriam em vista dois motivos básicos: intervenção federal em São Paulo e consequente endurecimento do regime. A presença de militares, pelos menos de baixo escalão, alimenta essa tese (...). Alguns delegados mais experimentados, como o sr. José Carlos, do DEIC, recordam que Pierino Gargano havia sido preso há três meses na Lapa, por assalto a metralhadora. No seu depoimento, ele denunciou que a metralhadora era do soldado Jessé Cândido, da Força Pública, agora preso. Pierino foi solto, naquela ocasião, pela Diretoria das Polícias Militares, inexplicavelmente, sendo agora denunciado por Jesse. Até o final da tarde de ontem, tudo indicava que o ilusionista Sábado Dinotos, cujo nome é Aladino Félix, acabara passando por mentor intelectual de toda a trama terrorista. Ele está preso incomunicável para esclarecer o seguinte:

- Por que era amigo do soldado Jessé Cândido de Moraes, tido como elemento de ligação entre as diversas células, e de alguns sargentos da Força Pública indiciados?

- Como podia prever, dias antes, o atentado de março contra o Consulado norte-americano?

- Por que previu num programa de TV que elementos da Força Pública executavam atentados e assaltos?

- Como e por que escreveu ao marechal Costa e Silva anunciando o golpe que ocorreria em São Paulo durante o discurso do sr. Carlos Lacerda no Teatro Municipal?

- Como previu, também, o atentado contra o jornal **O Estado de São Paulo**?

ALGUMAS RESPOSTAS. Sábado Dinotos é um místico muito conhecido em São Paulo através de programas de TV e entrevistas de jornais. No último programa de que participou, respondeu em parte algumas dessas indagações.

- Sou o profeta de Jeová e condutor dos exércitos, utilizando-me da interpretação da minha Bíblia. Ela me assegura, inclusive, que serei um dia o imperador do Brasil – disse então.

- O seu curso do Edifício Martinelli, sobre discos-voadores e técnicas de previsão, era muito frequentado, especialmente por soldados da Força Pública e alguns políticos supersticiosos, aos quais passava todas as quartas-feiras, individualmente, um “informe confidencial”.

- Sábado Dinotos foi preso por investigadores do Departamento de Investigações Criminais – DEIC – ficando à disposição da DPF para interrogatórios posteriores.<sup>529</sup>

Pierino Gargano, preso portando uma metralhadora emprestada pelo soldado Jessé Cândido de Moraes, teria sido solto pela polícia que queria acobertar os atos de Aladino Félix. Por infortúnio do grupo, com a prisão de Moraes e Félix, ficou claro que aqueles que o acobertaram, como a Diretoria das Polícias Militares, citada na matéria, ou perderam o controle de sua proteção, ou desistiram dela, como veremos adiante.

Os jornais ainda alimentavam suposições de que o grupo de Aladino Félix fazia parte de organização maior espalhada por todo o país, a descobrir se de “direita ou esquerda”, havendo muitas especulações durante os dias seguintes à prisão.<sup>530</sup> No entanto, era certo que o descuido do soldado Moraes, que teria se associado a criminosos comuns à revelia do seu grupo de atentados, teria sido motivo da queda do bando, a própria “a perdição para todo o grupo”. Com o passar dos dias, ficava evidente os atos do grupo terrorista de Aladino Félix buscavam o endurecimento do regime, como demonstra outra matéria do *Jornal do Brasil*, ao afirmar que “o tema central político do depoimento dos suspeitos é o de que “desejamos um Brasil melhor, mas com comunistas isso nunca será possível e eles só desaparecerão se o regime endurecer, por isso jogamos as bombas.”<sup>531</sup>

Por outro lado, policiais responsáveis pela captura do escritor e seu grupo insistiam “que a chave dos 22 atentados terroristas e 32 assaltos a bancos já havia sido encontrada. Eles se referem ao místico Aladino Félix (Sábado Dinotos) e ao soldado Jessé Cândido de Moraes, da Força Pública”, como demonstra matéria do *Jornal do Brasil*.<sup>532</sup> Afirma ainda a matéria que os policiais do Deic (Departamento de Investigações Criminais) tinham Aladino Félix como mentor intelectual dos atentados e roubos, já o soldado Jessé Cândido Moraes seria o elemento que ligaria o bando de Aladino Félix com “outras células”.

Ainda que a polícia oferecesse uma explicação, havia uma suspeita maior de que ela mentia, como aponta a mesma matéria do *Jornal do Brasil*: “Essas confissões foram obtidas, como todas as demais, sob violentas torturas do Deic e passadas sem problemas aos repórteres especializados, gerando desconfianças.” Por sua vez, Félix também começava a incriminar o governo em suas confissões: “Aladino – ilusionista que estudo

---

**530** Soldado preso como terrorista era suspeito de roubo de arma. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 25 ago. 1968.

**531** Assaltos a bancos no Rio e Minas somam NCr\$ 53 mil. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 27 ago. 1968.

**532** Polícia paulista perde entusiasmo com a fuga de sete suspeitos do Deic. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 27 ago. 1968.

discos voadores e interpreta a Bíblia a seu modo e diz prever o futuro – incriminou sob tortura todo o governo do sr. Ademar de Barros”.

O jornal *Diário de Notícias* afirma que o escritor intentava assumir o próprio governo do Estado de São Paulo:

O chefe do grupo terrorista mais atuante de São Paulo (...) foi preso e confessou que o seu movimento era político e tinha o fim de colocá-lo no lugar do governador Abreu Sodré e fazer do soldado Jessé Cândido de Moraes o comandante da Força Pública.<sup>533</sup>

Os policiais e investigadores tentavam configurar os atentados e roubos do grupo de Félix como movidos apenas pelo complexo messiânico de um visionário e seu séquito de fanáticos que almejavam o poder, nublando, por assim dizer, qualquer participação do governo:

Os 17 detidos no DOPS estariam envolvidos em apenas 12 dos 22 atentados e em um dos 32 assaltos a bancos, tudo porque acreditavam nos poderes extraordinários de Aladino, o visionário que “seria o Imperador do Brasil livre de comunistas”. Aladino interpretava a Bíblia a seu modo – escreveu até um livro descrevendo sua luta com os hebreus – e, por ela, tinha a convicção de que seria dentro em breve o Imperador do Brasil, logo após uma viagem que faria aos planetas do sistema solar. Seus inimigos modernos, que estariam até protelando a posse do trono, eram os comunistas.

Foi por isso – diz a polícia – que orientou as 12 explosões.

Apesar das confissões e provas, alguns investigadores colocam em dúvida a história.

- Então, em suma – comentam – um ilusionista e uma bando de fanáticos lutavam contra comunistas explodindo órgãos do Governo e reivindicavam o trono do Brasil.<sup>534</sup>

A excentricidade da peça apresentada pela polícia não foi suficiente para apagar os indícios de participação do governo na trama que envolvia Aladino Félix, esquema esse que aos poucos foi sendo descoberto e revelado pela imprensa. Nesse ínterim, o escritor começava a “mencionar nomes importantes como participantes do movimento”, e as autoridades que investigavam os crimes cometidos por ele negavam tal participação, ao afirmar “desconhecer a existência de políticos envolvidos”.<sup>535</sup>

---

<sup>533</sup> *Periscópio. Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 28 ago. 1968.

<sup>534</sup> *Polícia paulista quer começar tudo de novo. Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 28 ago. [1968](#).

<sup>535</sup> *Terroristas estão confessando tudo. A Tribuna*. São Paulo: 28 ago. [1968](#).

Wanderico Arruda, o primeiro delegado responsável pela investigação do grupo terrorista, teria afirmado que o caso dos atentados “está encerrado para o Dops”. O inquérito, que teria sido feito em conjunto com o Departamento da Polícia Federal, passaria para o II Exército e depois para a Justiça Militar, que decretaria a prisão dos indiciados com base na Lei de Segurança Nacional.

No entanto, o encerramento do caso não teve sucesso, pois muitas dúvidas ainda “pairavam no ar” e a falta de controle da narrativa acabava por deixar abertas indagações indesejáveis. Para muitos, Félix não agia motivado apenas por seus interesses excêntricos, mas também por interesses outros. Em matéria, o *Jornal do Brasil* expõe tal questão:

INSATISFAÇÃO. Ninguém está satisfeito na Secretaria de Segurança com o encerramento das diligências, porque 10 atentados, inclusive o do QG do II Exército, no Ibirapuera, e 31 assaltos a bancos continuam um mistério. Os policiais que julgam encerradas as diligências e interrogatórios acham que tudo não passava de uma trama de Aladino, que sonhava com o Governo de São Paulo, com a ajuda do soldado Jessé Cândido de Moraes, que estaria aspirando o futuro comando da Força Pública.

Um delegado de livre acesso ao gabinete do Secretário de Segurança admitia ontem que os nove indiciados têm realmente responsabilidades na trama terrorista, mas fez algumas indagações para responder às perguntas dos repórteres:

- Por que pessoas de politização discutível iriam promover os atentados, sobretudo sendo todas elas de procedência humilde, inclusive Aladino?
- Admitindo que dois sonhadores (Aladino e Jessé) queriam o Governo e o comando da FP, em troca de que os seus seguidores, incluindo três sargentos da corporação, iriam executar 12 explosões?
- Se eles defendiam a assunção do poder através da eliminação de comunistas, por que iriam explodir órgão do Governo, principalmente aqueles que se encarregam da repressão aos comunistas?
- Esse mesmo policial acenou incoerente a justificativa de alguns investigadores de que para “um bando de loucos tudo é possível”.
- A não ser que o coronel Américo Ribeiro, que preside o inquérito do II Exército, forneça novos nomes e trama convincentes, tudo será muito discutível – disse.<sup>536</sup>

O encerramento precipitado das investigações sobre os atentados terroristas não agradava os delegados da Secretaria de Segurança, que questionavam as conclusões do inquérito. Ao mesmo tempo, novos elementos da trama de Aladino Félix eram revelados,

---

536 DOPS indicia 9 acusados de terrorismo em São Paulo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 29 ago. 1968.

para além das motivações excêntricas do místico visionário, informações essas que implicavam o governo, que encontraria, no nos atentados a bomba, o contexto ideal para “forçar o endurecimento do regime”. Rapidamente, uma crise se instala dentro da polícia de São Paulo:

O esquema policial da capital paulista está confuso e insatisfeito, clima passível de avaliar-se melhor nos corredores da Secretaria de Segurança e do Departamento de Investigações Criminais, órgão que, sozinho, realizou as prisões dos primeiros suspeitos dos atentados e assaltos. No início, o Deic fez as diligências e os interrogatórios, concluindo pela culpa de alguns civis, inclusive o místico Aladino Félix e diversos militares da Força Pública, a começar pelo soldado Jessé Cândido de Moraes, tido como elemento de ligação entre Aladino, mentor intelectual, e os executores.

Um delegado experimentado comentava com os repórteres, nessa ocasião, que a trama era direitista, e visava, sobretudo, propiciar a intervenção federal em São Paulo e forçar o endurecimento do regime. Recordava, ainda, que o Secretário de Segurança do Estado era em todo o país o único civil neste cargo.<sup>537</sup>

Com os novos depoimentos e informações prestadas à imprensa o envolvimento de um oficial superior, na figura do general Paulo Trajano da Silva, é descoberto, causando uma reviravolta no processo instaurado pelo Dops, o que exigia, segundo o regulamento militar, um novo presidente a chefiar as investigações, alguém que tivesse uma patente superior ou igual à do acusado, como afirma texto do *Jornal do Brasil*.

O jornal diz ainda que o Inquérito Policial Militar presidido pelo tenente-coronel Américo Ribeiro, por indiciar apenas 9 culpados, sendo Félix o mais “gabaritado” de todos, foi retido, não sendo ainda encaminhado à justiça Militar.<sup>538</sup> O periódico paulista *A Tribuna* aponta ainda para a substituição da liderança responsável pelo IPM, com a presidência do inquérito entregue ao general Luiz Felipe Galvão Carneiro da Cunha, em substituição do tenente-coronel Américo Ribeiro.<sup>539</sup>

Em nova matéria do *Jornal do Brasil*, novos elementos que caracterizavam o envolvimento do gal. Paulo Trajano da Silva são revelados, estando este até então foragido. Na reportagem, a versão de que Aladino Félix “seria o cérebro da quadrilha” é questionada, vista como uma tentativa de acobertamento das autoridades:

---

<sup>537</sup> *Polícia paulista está em crise. Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 30 ago. [1968](#).

<sup>538</sup> *Lisboa quer atentados apurados com detalhes. Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 31 ago. [1968](#).

<sup>539</sup> *General implicado na onda de terror. A Tribuna*. São Paulo: 31 ago. [1968](#).



A versão de que o místico Sábado Dinotos (Aladino Félix) seria o cérebro da quadrilha é, no entender dessas autoridades, “a mais adequada” para trazer confusão ao andamento das investigações, ao mesmo tempo em que satisfaz a opinião pública, enquanto os verdadeiros responsáveis – “gente importante” – permanecem a salvo. A tese de que se baseiam os elementos que contestam a serenidade com que a Polícia apresenta os resultados de suas investigações parte da informação fundamental de que os assaltos e, principalmente, os atentados, tem caráter político, com o objetivo essencial de endurecer o regime para provocar a intervenção em São Paulo. O comentário de que a responsabilidade do místico Sábado Dinotos “é a mais conveniente” às pessoas que pretendem colocar uma pedra sobre o assunto, parte da suposição de que ele, mais que um homem com ideias escatológicas ou ideológicas, é um paranoico. A colocação de seu nome em evidência o enquadra, segundo raciocínio daqueles informantes, como uma peça cômica para que se deito um manto de silêncio e mistério sobre o assunto.<sup>540</sup>

Como pudemos notar, desde o assalto ao banco Mercantil e Industrial, ocorrido no dia 1 de agosto, até a prisão do soldado Moraes e de Aladino Félix, entre tentativas de abafamento, depoimentos comprometedores e troca de comando nas investigações, toda a trama do escritor com as autoridades começava a ser esclarecer. A ideia central é que estavam envolvidos num plano que visava a consecução de atentados terroristas de falsa bandeira. Tais atos viriam a justificar, perante a opinião pública, o endurecimento do regime.

Com a reabertura do IPM sob uma nova liderança a conduzir as investigações, os jornais publicaram que general implicado na trama, Paulo Trajano da Silva, havia se apresentado para depoimento no Dops no dia 3 de agosto.<sup>541</sup> *A Tribuna* afirma que Trajano teria sido acusado por Aladino Félix de ser o mentor intelectual de um movimento revolucionário. A defesa de Trajano salientou que o mesmo “frequentava esporadicamente o escritório e residência de Aladino Félix, pois é curioso de assuntos bíblicos, mas nunca participou de qualquer reunião subversiva (...)”

Nos dias seguinte, em 9 de setembro de 1968, Aladino Félix teria acusado agora novo personagem de alto escalão do governo, o chefe da Casa Militar da Presidência da República, até então o cargo mais próximo da autoridade máxima do país, ocupado pelo general Jayme Portela. O *Estado de São Paulo* divulga que a acusação contra Portela advém do depoimento de Félix em juízo:

em depoimento dado a Justiça Criminal, Aladino Félix afirma “que os atos pelos quais é acusado – lançamento de bombas e atentados terroristas

---

<sup>540</sup> General envolvido no terrorismo. Conclusão policial não convence. *Jornal do Brasil*: 1 set. [1968](#).

<sup>541</sup> DOPS vê atentados terroristas. *A Tribuna*. São Paulo: 4 set. [1968](#).

– foram praticados por direta determinação do general Jayme Portela, chefe da Casa Militar da Presidência da República. Afirmou ainda que o objetivo de tais atos era o de criar tensão, impedindo um processo contra-revolucionário, “que por várias vezes esteve por eclodir, contando para isso com o apoio dos srs. Adhemar de Barros, Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda e João Goulart, além de elementos ligados às Polícias de diversos Estados”.

Aladino Félix afirma ainda que, a respeito do assalto ao banco Mercantil e Industrial, teria o soldado Jessé Cândido de Moraes organizado um bando e utilizado armas furtadas da Força Pública, sendo essas armas furtadas:

por determinação do general Paulo Trajano, que, por sua vez, recebeu ordens nesse sentido da Polícia Federal do Rio de Janeiro, as quais, por seu turno, também lhes tinham sido dadas pela Casa Militar da Presidência da República.<sup>542</sup>

As implicações de Aladino Félix tornavam cada vez mais comprometedor a posição do governo nos atentados, incluindo agora figuras muito próximas do próprio presidente da República, marechal Artur da Costa e Silva. Pressionado por todos os lados, o escritor via sua vida em perigo, chegando a afirmar que se falasse tudo que sabia, seria morto na cadeia. Citando um documento publicado pelo jornal *Última Hora*, o periódico *A Luta Democrática...*, afirma que Aladino Félix “teria entrado no esquema do terrorismo em 1964”:

ocasião em que conspirava com oficiais do II Exército. Daí em diante colocou-se a serviço de tal grupo, passando a elaborar e fazer executar tudo aquilo que ao mesmo parecia patriótico.<sup>543</sup>

Na ocasião, Félix teria afirmado que recebia instruções diretamente do general Trajano, que “por sua vez obedecia ao delegado do Departamento de Polícia Federal da Guanabara, porta-voz também de instruções superiores, vinda de Brasília.” No entanto, como teria descumprindo ordens de explodir bombas em instalações do ministério da Aeronáutica e da Marinha, tida por ele como absurdas, assim como teria declinado a ordem de assassinar um eminente político, teria também perdido sua proteção e, por tal desobediência, teria sido preso e torturado. Segundo ainda a matéria do *A Luta Democrática...*, Félix foi capturado por forças policiais na madrugada do dia 22 de agosto de 1968, sendo torturado durante dois dias:

---

<sup>542</sup> *Agora, Dinotos acusa Portela. O Estado de São Paulo.* São Paulo: 10 set. [1968](#).

<sup>543</sup> *Chefe do terror diz que vão mata-lo. Obedecia ordens de Brasília. A Luta Democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar.* Rio de Janeiro: 11 set. [1968](#).

Conta Dinotos que foi apanhado em casa às 3 da madrugada no dia 22 último e durante dois dias seguidos foi torturado: Os policiais do DEIC, investigadores e delegados, são doentes mentais, tarados, bestiais, ladrões, torturadores e assassinos. É incrível que sejamos moídos pelo peso dos impostos para que se mantenham homens que são o que de pior e de mais hediondo já apareceu na desgraçada espécie humana. Afirma Dinotos que os policiais, à cata de sua assinatura para confissão, lhe introduziram as pontas de um fio no ânus e na uretra, fechando circuito com corrente de alta tensão, repetindo em seguida a mesma operação nos ouvidos, para deixa-lo louco e cego. Perguntado porque, desde que era elemento de confiança, foi descoberto pela Polícia, respondeu que “por ter deixado de cumprir certas ordens absurdas. Queriam, inclusive, que colocássemos bombas no Ministério da Aeronáutica e no da Marinha, visando atrair aqueles órgãos para nossa causa comum. De certa feita a chefia de Brasília chegou a nos sugerir que apagássemos um certo político trêfego, muito em evidência. Quanto aos assaltos, afirma Dinotos que foram feitos à sua revelia por Jesse que, bem intencionado, pretendia ressarcir o grupo das despesas feitas para o cumprimento das ordens de Brasília, cujo numerário não era, entretanto, enviado. – O governo não estava cumprindo a promessa de nos reembolsar pelos gastos efetuados com a operação. Sobre as armas, afirma ele que realmente tiraram as armas do quartel da Força Pública e depois a jogaram num rio: “Estavam à disposição da Polícia Federal. Como a Polícia Federal não as procurou, Jessé a destruiu, conservando uma pequena parte. Tiramos estas armas por ordem do general Trajano. Mas as armas roubadas do Hospital do Exército, não fomos nós que a tiramos. Quanto às dinamites foram tiradas das pedreiras por oficiais da Força Pública. A Polícia sabia de nossas atividades, mas a prudência manda fazer silêncio sobre certas coisas”.

Após essas sucessivas acusações, renovadas a cada depoimento que Aladino Félix prestava à justiça, e que se assomavam àquelas prestadas pelos demais operativos de seu grupo, uma nova onda de desmentidos vinha em resposta. Um dos acusados, o general Silvio Correa de Andrade, delegado regional do Departamento da Polícia Federal de São Paulo, disse que teria se encontrado com Aladino Félix apenas duas vezes, a primeira delas nos bastidores de uma emissora de TV, enquanto aguardava ser entrevistado, e a última quando ele teria sido convocado para prestar depoimento na Polícia Federal acerca da explosão de bomba no Consulado Americano, a que Félix teria previsto e afirmado em aparição pública dias antes. Afirma o general Andrade que:

Dinotos está completamente fora da realidade, é visionário, porém muito inteligente e por isso é que anota nome de pessoas importantes, como mandantes de seus atos terroristas, obviamente com o intuito de tumultuar o processo a que está respondendo.<sup>544</sup>

---

544 *Dinotos é desmentido. O Estado de São Paulo*. São Paulo: 11 set. [1968](#).

Para além dos desmentidos do governo, outro fato que merece nossa atenção se dirige às torturas que Aladino Félix teria sofrido, assim como outros membros de seu grupo. O que para nós hoje não é uma novidade, estando muitas vezes até acostumados com a banalização da tortura durante o período, na época, o regime militar ainda não era uma ditadura de fato, o que viria a ser apenas no final do ano de 1968, com o decreto do Ato Institucional no.5, que conferiu poderes excepcionais ao executivo. Naqueles dias, a tortura alarmava a opinião pública, o que causou pedidos de explicações da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, como demonstra o jornal *A Tribuna*:

A convocação do secretário de Segurança Pública, sr. Hely Lopes Meirelles, para prestar esclarecimentos à Assembleia Legislativa sobre torturas da polícia cometida contra o sr. Aladino Félix, foi requerida ontem pelo deputado Fernando Perroni, do MDB. O requerimento diz que os deputados desejam explicações “sobre a veracidade do depoimento prestado na 9ª. Vara Criminal pelo sr. Aladino Félix, ou Sábado Dinotos, no que se refere às torturas de que teria sido vítima e sobre as providências tomadas perante as denúncias, assim como às acusações relativas a pessoas ou órgãos públicos quanto às ligações com o grupo terrorista do qual Dinotos seria membro.”<sup>545</sup>

Em matéria do dia seguinte, em 12 de setembro de 1968, o jornal *O Estado de São Paulo* afirma que o juiz corregedor de presídios, Alexandre Sampaio, teria determinado que Aladino Félix e outros membros operativos de seu grupo fossem examinados por médico do Instituto Médico Legal, que compareceu ao Dops ainda no dia 11 de setembro.<sup>546</sup> O *Jornal do Brasil* também publicou matéria sobre as torturas e a visita do médico às instalações do Dops. Nela, o periódico afirma que Aladino Félix:

teria sido duramente torturado com choque elétricos nas partes mais sensíveis do corpo, não propriamente para denunciar seus companheiros, porque estes já haviam sido indicados pelo soldado Jessé Cândido, mas, sobretudo para concordar com as afirmativas de que o mentor intelectual do plano. (...) Numa das audiências, todavia, Aladino Félix teria mostrado para o Promotor Augusto Brizola algumas marcas no corpo, provocadas pelas sevícias.<sup>547</sup>

A denúncia de Aladino Félix reforça a tese de que a polícia de São Paulo, no afã de solucionar perante a opinião pública os variados crimes cometidos por facções políticas e bandidos comuns, na forma de atentados com carros bomba, roubos de armas,

---

<sup>545</sup> *Torturas: deputado pede explicações. A Tribuna.* Rio de Janeiro: 11 set. [1968](#).

<sup>546</sup> *Dinotos é examinado. O Estado de São Paulo.* São Paulo: 12 set. [1968](#).

<sup>547</sup> *Dinotos acusa a Polícia de tortura-lo na prisão. Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro: 14 set. [1968](#).

explosões, assaltos a banco e a carros pagadores, teria escolhido ele como “bode expiatório”, obrigando-o a uma confissão forçada.

Nesse caso, as torturas obrigariam Félix a confessar e assumir toda a culpa dos atentados e outros crimes, momento em que a narrativa oficial se asseguraria de que tudo era obra de um “gênio louco e visionário” que almejava ser o imperador do Brasil etc. Como agravante, além de não seguir ordens e ter declinado atentados outros, também seria responsável pelo grande “mal estar” entre os militares governistas, quando, em sua fatídica entrevista de em março de 1968, afirmava ser responsável por sabotar planos os “contrarrevolucionários” dos golpista aliados a Carlos Lacerda, na história do bilhete e do dossiê que teria enviado ao próprio presidente da República, marechal Costa e Silva.

Diante de tal inusitado, uma grande confusão reinava e os jornais ressaltavam tal contexto de intrigas. O periódico *Jornal do Brasil*, por exemplo, ofereceu um resumo sistemático de todo imbróglio, nomeando, além do general Trajano como elo de ligação entre o bando de Félix e o governo federal, o general Portela, como aquele que distribuía a ordens do alto comando. Nesse caso, o chefe da Casa Militar da Presidência da República representaria a ala que intentava o endurecimento do regime. Segundo o *Jornal do Brasil*:

O visionário e escritor (...) fez sérias acusações, inclusive contra a Casa Militar da Presidência da República, que, segundo ele, ordenava as explosões para motivar o endurecimento do regime. Disse o místico que só foi preso porque deixou de explodir unidades da Aeronáutica e da Marinha, preferindo repartições menores, como o DOPS e o Departamento de Polícia Federal. (...) Para Aladino, que disse ter salvo o presidente Costa e Silva e o governador Sodrê, ao avisar-lhes sobre um golpe preparado para durante o discurso do sr. Carlos Lacerda no Municipal, “tanto que o presidente adiou sua vinda a São Paulo”, a trama terrorista partida do chefe da Casa Militar, general Jaime Portela, “interessado na ditadura”. Seu depoimento na 9ª. Vara Criminal repercutiu bastante, mas as autoridades e mesmo investigadores disseram que tudo não passava de novas alucinações do ilusionista, depois das suas viagens em discos voadores, luta com hebreus e outras histórias que imaginara. No novo depoimento, entretanto, ele repetiu tudo o que denunciara antes, sem contradições. Os soldados e sargentos da Força Pública ligados ao seu grupo, apesar das celas isoladas do DOPS, confirmaram o que Aladino dissera e acrescentaram mais detalhes às suas versões.

1 O general reformado (do Exército) Paulo Trajano, cumprindo instruções da Casa Militar, seria o verdadeiro mentor do grupo.

2 O anterior secretário de segurança, coronel Sebastião Chaves, teria pedido demissão do cargo por discordar da liberalização do governador

Sodré em relação aos estudantes e sob instruções do General Jaime Portela, de quem é amigo.

3 A nomeação de um civil para o cargo, o professor Hely Lopes Meireles, desagradou ao grupo militar.

4 A Força Pública estaria revoltada, o que, também, teria justificado a trama terrorista, para enfraquece-la.<sup>548</sup>

Seis dias após a publicação dessa matéria, o mesmo *Jornal do Brasil* publica um outro resumo da trama.

1 O plano era orientado pelo chefe da Casa Militar de Presidência da República, General Jaime Portela.

2 Os atentados visavam intervenção em São Paulo, além de enfraquecer a Força Pública, que estava revoltada.

3 A prisão de todos os membros do grupo só ocorreu em consequência de uma falha voluntária de Aladino: deixou de explodir unidades da Marinha e da Aeronáutica.

4 O Presidente Costa e Silva teria conhecimento de parte do plano, porque Aladino mandou-lhe um bilhete, quando do pronunciamento do sr. Carlos Lacerda em São Paulo.

5 O general Paulo Trajano era o verdadeiro elemento de ligação entre a Casa Militar e os executores das explosões.

6 O pedido de afastamento do ex-secretário de segurança e sua substituição por civil serviria para início dos protestos dos radicais contra a liberalização de São Paulo.<sup>549</sup>

Na grande imprensa, os tópicos oferecidos pelo *Jornal do Brasil* nas matérias do dia 12 e 16 de setembro conformaram a mais valiosa síntese de toda trama. Segundo esta narrativa, as operações terroristas visavam não somente endurecimento do regime, mas o simultâneo enfraquecimento da Força Pública do Estado de São Paulo, acusada de provocar uma “greve morna” por reajustes salariais. Diante da crise no estado, o governador de São Paulo, Abreu Sodré, que tinha cometido o “agravante” de ter colocado um civil no comando da Força Pública, se mostrava omissivo em relação aos “policiais grevistas”, o que aumentava mais ainda a pressão do grupo militar contra seu governo.

---

**548** *Investigação de atentados é mistérios ainda um mês depois de prisões. Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro: 12 set. [1968](#).

**549** *Polícia paulista encerra combate com o terrorismo com a prisão de 9 suspeitos. Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro: 18 set. [1968](#).

A acusação contra a Força Pública era grave. Em pleno regime militar, uma destacada corporação fardada colocava-se em desacordo com o governo paulista, a quem obedecia, assim como também com o governo federal, que via o descontentamento da corporação como pré-condição de uma rebelião e amotinamento. Por outro lado, caso se estabelecesse uma facção militar contrária ao governo federal dentro da Força Pública, ela poderia facilmente debandar-se para um possível inimigo, em caso de uma guerra civil. Essa era uma das teses da trama denunciada por Aladino Félix na entrevista de abril de 1968, ao descrever o papel da Força Pública de São Paulo no contingente das forças contrarrevolucionárias, em sua denúncia do “golpe que nunca houve”.

Diante a evidente crise no estado, o governador Abreu Sodré se viu obrigado a se pronunciar. Como forma de se esquivar de qualquer posicionamento que viesse a criar atrito com o governo federal, evitou mencionar sua possível participação nos 22 atentados que teriam ocorrido em São Paulo naquele ano, sem nada a dizer também sobre a ligação de Aladino Félix e oficiais superiores que ocupavam cargos do alto executivo federal. Como afirma o *Jornal do Brasil*, Sodré fez um discurso de “reafirmação democrática diante da radicalização política, e não propriamente de denúncia aberta da trama terrorista e dos nomes “importantes” nela envolvidos”.<sup>550</sup>

Em relação ao tópico da tortura contra o bando de Aladino Félix, a mesma matéria do *Jornal do Brasil* expõe ainda a expectativa referente ao laudo médico que seria entregue, em breve, ao corregedor de presídios. Caso o laudo atestasse a veracidade das denúncias de tortura, os policiais e o próprio delegado envolvido nas sevícias seriam intimados. A confirmação veio no dia seguinte, em 20 de setembro de 1968, em nova matéria do *Jornal do Brasil*, que aponta que a “Corregedoria vai intimar a prestar esclarecimentos (...) todos os policiais denunciados pelo místico Aladino Félix, (...) a começar pelo delegado do Deic, sr. Ernesto Milton Dias.” A matéria afirma ainda que três pessoas teriam sido comprovadamente torturadas: Aladino Félix, o soldado Jessé Cândido de Moraes e Gregório Cucheravia, sendo as torturas resultantes de “choques elétricos, socos, pontapés, telefone (pancada que se dá nos ouvidos, com as mãos em conchas) e pau-de-arara.”<sup>551</sup>

---

<sup>550</sup> Sodré desiste da denúncia mas ligará radicais aos atentados. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 19 set. [1968](#).

<sup>551</sup> Acusados de terror foram torturados. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 20 set. [1968](#).

Nessa mesma matéria, o *Jornal do Brasil* descreve também a estratégia de defesa do até então advogado de Aladino Félix, Osmar Mesquita, que afirma que seu cliente foi forçado a assumir os atentados “como um bode expiatório”, reforçando que “as ligações com o preso com “certos grupos de direita são óbvias”. Acrescenta ainda que Félix não era louco ou débil mental, como muitos argumentavam, e que ele “mantinha correspondência e fazia reuniões regulares com militares do II Exército “como o coronel Edgar Bernardes e o sr. Floriano Pacheco, da Polícia Federal”. Mesquita diz também que entrará com pedido de *habeas corpus*.<sup>552</sup> Como podemos observar, Félix e sua defesa conduziram uma narrativa que o associava inexoravelmente ao governo federal e a importantes figuras militares. Dessa forma, estando comprometido com agentes governamentais de alto escalão, participaria de sua rede de apoio e de seu corporativismo. No fim das contas, como veremos adiante, a estratégia deu certo.

Em peça de notável extensão divulgada pelo *Última Hora*, Aladino Félix e os aprisionados operativos de seu grupo encontram espaço para expor sua defesa ao público.<sup>553</sup> Sobre esse material jornalístico, Suenaga afirma que ele é “a melhor e mais ousada peça jornalística sobre o movimento de Aladino (...), num dos raros focos de esperança e de resistência aos abusos cometidos pelo Estado.”<sup>554</sup> Em outras palavras, a matéria demonstra, até então, a mais intensa parceria ente Félix e seu grupo com a imprensa, digna de um contexto catastrófico de prisão, silenciamento e tortura.

Na peça, dentre outros temas, Félix denuncia os abusos da imprensa, que atribuíam a ele situações que nunca teria dito, como ter feito viagens interplanetárias, por exemplo, citando ainda vários outros casos difamatórios. Acusa também “certos círculos” que almejam criar um consenso de “loucura e criminalidade” associado à sua pessoa, afim de que suas “declarações que afetam a autoridade do governo” fossem ignoradas. Ainda fazendo parte da peça divulgada pelo *Última Hora*, Félix e seus colegas aprisionados escreveram um relatório público, a ser entregue aos seus advogados.

De forma inédita, um periódico brasileiro abria espaço para que criminosos terroristas contassem suas histórias e motivações, interrogados por jornalistas.

---

<sup>552</sup> Segundo Suenaga, em entrevista com Raul Félix, filho de Aladino Félix, o advogado Osmar Mesquita, que era amigo de longa data da família, “morreu misteriosamente quando se dirigia a Brasília para entrar com o pedido de *habeas corpus*.” Suenaga (1999, p. 303).

<sup>553</sup> *Você vai ver todo o terror. Última Hora*. São Paulo: 21 set. 1968. (Cortesia de Cláudio Suenaga).

<sup>554</sup> O autor teve oportunidade de citar longos trechos da matéria em sua pesquisa. Suenaga (1999, p. 289-303).



Novamente em extensas passagens, que incluíam depoimentos autorais de cada um dos aprisionados, estes descrevem a excepcionalidade de sua ligação intelectual e religiosa com Félix, assim como o momento crítico a que o país estava envolvido, “à beira de uma guerra civil fratricida”, em que o Brasil seria dividido por forças insurgentes aliadas ao comunismo internacional, assim como por uma invasão em resposta dos EUA, que tomaria outra porção do país. Estando conscientes dessa situação, o melhor que poderiam fazer era tentar frear os atos da oposição golpista, que há muito queria assassinar o presidente da República, dentre outros mandatários.

Para tanto, utilizaram-se de explosões em pontos chave de São Paulo, cuidadosamente colocadas para que não houvessem feridos nem danos físicos de grande monta, na esperança que governo militar encontrasse ali um apoio ao necessário estado de exceção, o único instrumento que evitaria o Brasil ser dividido. Logo, as explosões destinavam frear um contragolpe antirrevolucionário organizado pela oposição. Além de descreverem o contexto que os motivava, na peça apresentada à imprensa os presos narram também o violento processo de suas capturas, que ocorrerem em sua maioria de madrugada, acompanhado por um terrível drama familiar. Chegaram a acusar a Força Pública de cometer saques em suas residências, quando da busca por provas etc.

Tendo em vista o breve resumo da defesa de Félix e seu grupo, incluindo aí a própria trama exposta pelos jornais, podemos prosseguir agora para uma comparação entre a narrativa geral da imprensa, a que pudemos acompanhar nessas últimas páginas, com aquela outra construída pelo Inquérito Policial Militar, assinado pelo delegado Sidney Bernardes de Alcântara no dia 18 de dezembro de 1968, peça fundamental do dossiê entregue à justiça no processo contra Aladino Félix e seu bando. A ideia aqui é ressaltar os aspectos concordantes e discordantes das duas narrativas.

Inicialmente, o IPM confirma que Félix prestava informações sensíveis ao governo, que mesmo com reservas, acabara acatando sua denúncia de golpe, em consonância com os jornais. Nesse caso, afirma Alcântara:

Seu nome tem surgido com mais frequência desde que, em janeiro deste ano, enviou uma carta ao Exmo. Snr. Presidente da República, alertando-o sobre a possível contra-revolução que seria liderada por Carlos Lacerda e políticos cassados após a revolução de março de 1964. (...) “Dinotos” com facilidade convencia a todos, dizendo ser íntimo de figuras importantes do Governo. Realmente, conhece muita gente e mesmo conseguira circular em áreas elevadas das administrações estaduais e federais. Suas palavras eram recebidas com certas reservas pelas

autoridades, porém, não eram desprezadas e sim, em decorrência delas, foram tomadas providências acauteladoras, em favor da segurança do país (...).<sup>555</sup>

Como pudemos observar, Alcântara confirma a tese dos jornais, e do próprio Félix, de que este realmente teria enviado bilhete e dossiê do plano de sublevação dos opositores do regime, que teria acatado sua denúncia e agido de acordo, mobilizando as tropas em todo país, tomando as “providências acauteladoras”. Além disso, Alcântara confirma também o trânsito que Félix detinha entre figuras importantes da administração estadual e federal.

Peça central do dossiê elaborado por Alcântara, o relatório escrito a punho por Félix, com mais de 20 páginas, indicava vários outros elementos de sua trama e envolvimento com o governo em 1968. Infelizmente, não temos acesso ao relatório assinado pelo escritor, assim como também não temos acesso a vários outros documentos que foram anexados ao inquérito do Dops e que são listados no documento.

No entanto, em matéria jornalística assinada por Vasconcelo Quadro,<sup>556</sup> páginas do relatório de Félix são expostas em texto e em foto. Tal fato o que demonstra que Quadros teve acesso à documentação do Superior Tribunal Militar, que provavelmente abriga, hoje, o dossiê completo citado por Alcântara, a que a carta/depoimento de Aladino Félix consta no rol de anexos. Tendo isso em vista, ao comentar sobre esse documento em específico, o delegado Alcântara afirma que Félix, mesmo antes dos atos terroristas, já era um excêntrico colaborador do regime militar instaurado em 1964:

Face ao conteúdo do relatório elaborado por “Dinotos” conclui-se ser ele um visionário, com fértil poder imaginativo, baseando-se raras vezes em informações procedentes, outras expedindo conceitos duvidosos, mas às vezes externando situações reconhecidamente existentes, conseguindo impressionar a qualquer pessoa que se disponha a ouvi-lo. O cabedal de conhecimentos que tem acerca de vários assuntos, principalmente os atinentes às esferas reservadas, tornava-o um homem de certo valor pelas informações que possuía e fornecia. Com essas qualificações conseguira penetrar em alguns setores reservados da administração do país, já que passara a ser considerado um elemento útil, e verdade é, já que passara colaborara com a causa revolucionária de 31 de março de 1964. Para alguns militares de nossas forças armadas e para outras autoridades era tido como um elemento de certa utilidade pelas informações que fornecia em prol da segurança nacional. Mas, para elementos do seu grupo,

---

<sup>555</sup> Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. 1968, p. 13-14.

<sup>556</sup> QUADRO, Vasconcelo. Primeiros atentados que justificaram AI-5 partiram de militares, revelam documentos. **Aventuras na História**. São Paulo, 3 out. 2018..

geralmente pessoas de relativa ou nenhuma cultura, era tido como o novo “Salvador da Pátria”.<sup>557</sup>

Admite Alcântara que mesmo sendo pessoa visionária, com fértil poder imaginativo e dotado de previsões, Félix era tido como um informante útil para “a causa revolucionária de 31 de março de 1964”. Em sua confissão escrita, Félix descreve em detalhes os planos da Casa Militar da Presidência da República, na figura do gal. Portela, aquele que organizava e comandava as ações de seu grupo. Em relação aos problemas do governo federal com a Força Pública de São Paulo, por exemplo, a Casa Militar avisava a Félix que:

as ações do seu grupo, tais como aquela do furto de armas, muito tinham contribuído para desencorajá-la, e que agora fazia necessário, outra vez, uma ação enérgica, coisas como um incêndio em seu Q. G. ou explosão de bomba. Observava, todavia, que, no caso de explosão de bomba, deveria ser feita em termos moderado, sem causar vítimas e sem a destruição do imóvel. Coisa de efeito.<sup>558</sup>

Na passagem, Félix fez referência ao roubo de armas de instalações da Força Pública de São Paulo, crime ocorrido em 16 de janeiro de 1968. Descreveu ainda o novo golpe contra a Força Pública, agora na explosão de bomba em um elevador do Quartel General, ocorrido no dia 10 de abril de 1968.<sup>559</sup> Nessa descrição, Félix denuncia claramente que as ordens para os atentados contra a Força Pública praticados por seu bando vieram de Brasília. Além disso, no mesmo documento, afirma que tais as ordens vinham em cartas e cartões, sendo que os seus atos motivavam:

criar um clima que impedisse a contra-revolução. Nada mais além disso. Porém, as ordens que vinham de Brasília estavam dando um rumo diferente ao problema. Agora, então, mandavam que fossem feridas instalações da Marinha e Aeronáutica. Sugeriam que Lacerda fosse “apagado”. Embora assegurassem que isso favorecia à causa revolucionária, deixe de cumpri-las. Se a questão era criar um clima que dificultasse a contra-revolução, que se acatassem objetivos sem interesse militar. Um ataque a instalação militar forçaria o governo estabelecer o estado de sítio, fechar o Congresso e estabelecer a ditadura. Outrossim,

---

<sup>557</sup> Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. 1968, p. 15-16.

<sup>558</sup> Trecho do depoimento de Aladino Félix, presente no dossiê do Inquérito Policial Militar de 1968. Disponível em:

- Aventuras na História. **Primeiros atentados que justificaram o AI-5 partiram de militares, revelam documentos**. 3 out. 2018.

<sup>559</sup> Os dois casos, o 2º. e o 5º. na cronologia de atentados exposta por Alcântara, são descritos brevemente no inquérito, que em outra sessão implica em detalhes os participantes e o planejamento operativo dos atos, baseando-se em informações periciais.

- Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. 1968, p.6 e p. 36.

Brasília informava que nossas ações deveriam continuar até dezembro de 1968 ou janeiro de 1969.

Nesta outra passagem, encontramos elementos novos, não presentes nos jornais, que acompanharam toda a trama. Primeiramente, Aladino Félix afirmava que teria sido preso e torturado por não cumprir ordens contra a Marinha e a Aeronáutica, assim como assassinar um político famoso, a que ele não quis apontar o nome por “temer por sua vida”. No entanto, na sua confissão, afirma que tal político em evidência era o ex-governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

Na confissão, Félix expõe também que seu interesse, em conjunto com o do governo, se dirigia apenas contra a oposição, que ele já havia exposto em denúncia, no golpe contrarrevolucionário que afirmava ter frustrado e que seria liderado no Brasil por Carlos Lacerda. Como vimos, o governo acatou sua denúncia e agiu de acordo mobilizando as tropas em todo país. No entanto, para além disso, o governo também queria aproveitar seu grupo para cometer outras ações radicais, que visavam o estado de sítio, o fechamento do Congresso e o estabelecimento da ditadura. Ou seja, o acusado afirma que novos interesses do governo se impuseram a um acordo original, a que Félix teria acatado, ao menos em parte.

Em mais uma de suas previsões, informava ainda até quando suas ações estavam programadas: deveriam elas se encerrarem entre o fim de 1968 e o começo de 1969. Não por acaso, já teria antecipado o que aconteceu em 13 de dezembro de 1968, o momento em que o governo instaura uma ditadura de fato, com o temporário fechamento do Congresso Nacional e de Assembleias Legislativas em todo o país, incluindo aí um amplo rol de medidas outras, como a censura da imprensa etc. Dali em diante seus “serviços” não seriam mais necessários.

Voltando ao conteúdo de sua confissão, Félix fazia graves denúncias contra instituições e militares governistas, no entanto, diferentemente dos jornais, o inquérito assinado pelo delegado Alcântara em 18 de dezembro de 1968 se esforçava a minimizar o papel das figuras denunciadas pelo escritor, afirmando, taxativamente, que mesmo sendo um informante respeitado que tinha suas denúncias cuidadosamente averiguadas, era “considerada pessoa com ideia fixa sobre subversão, atentados, conspirações, tido mais com o espírito de conseguir notoriedade sem estar realmente calcado em fatos verídicos”. Indo além, afirma Alcântara: “Isto vem explicar os contatos que mantivera,

bem como a origem da documentação que o vidente agora exhibe, procurando fazer crer na implicação desses Oficiais em seus planos e atos sinistros.”<sup>560</sup>

Fica claro, pelo teor do inquérito, que o delegado Alcântara evitava incluir outros nomes na trama de Aladino Félix, para além do general Trajano. Este, por sua vez, teria sido acareado por outros membros do bando, que o acusavam, em uníssono, ser o líder intelectual dos atentados e o elo de ligação do grupo paramilitar com oficiais do governo. O inquérito demonstra ainda que após acareações, os operativos e seguidores de Félix, na sua maior parte militares de baixa patente, ou seja, subordinados ao general Trajano, ainda assim o enfrentaram, assegurando, inclusive, que o mesmo usava de sua influência e posição para que as coisas ocorressem “sem maiores problemas para o grupo”.<sup>561</sup>

Essa situação impedia que Alcântara se omitisse em relação ao indiciamento de Trajano, apesar de incluir, já no inquérito, elementos que poderiam levar a sua inocência, como “uma possível vítima da astúcia de Félix”:

É de se reconhecer que embora o General Trajano não participasse diretamente de atos terroristas, no entanto concorreu para suas execuções. Ademais, teve ciência dos atos delituosos e mesmo assim não levou ao conhecimento de quem de direito. Na pior das hipóteses, cometeu delito por omissão. A simples presença de um General em um grupo constituído por graduados e soldados da Força Pública, manifesta uma tácita solidariedade. Percebe-se, que a intenção deliberada desse General foi incentivar as atividades terroristas dos indiciados, constituídos, em sua maioria, por subordinados hierárquicos. Sua conduta levamos a classifica-lo também como um terrorista e, por isso, foi indiciado nos autos (fls. 848 a 852). Paira aqui uma dúvida. Seria esse General do Exército mais uma vítima da astúcia de “Sábado Dinotos”? Sua boa-fé, ou, admitindo-se sua possível ingenuidade, o levaram a uma vinculação a esse maquiavélico e misterioso homem? Ou, muito ao contrário: - tratando-se de um Oficial General, tarimbado da vida, tinha plena consciência de sua conduta e assim poderia mesmo estar servindo do grupo de “Dinotos” para desencadear ações de interesse dos extremistas da “direita ou da esquerda”? Nesse inquérito não conseguimos situar a verdadeira posição desse General.<sup>562</sup>

O esforço de Alcântara em indefinir o viés político que motivava o general Paulo Trajano, ao ressaltar a indagação sobre “quem se beneficiaria dos atos terroristas”, no caso os extremistas da “direita ou da esquerda”, sugere, ao final, que os atos terroristas do grupo de Aladino Félix eram exclusivos de uma terceira força, que poderiam servir

---

**560** *Idem.*, p.16.

**561** *Idem.*, p. 20-21.

**562** *Idem.*, p. 21.

simultaneamente tanto à extrema direita quanto à extrema esquerda, e, como tal, eram incompatíveis com os desígnios de um governo militar tido e assumido como direitista.

Por outro lado, mesmo com todos elementos comprobatórios da participação de Trajano no planejamento de tais atos, Alcântara em nenhum momento cita que os atentados poderiam ser de “falsa bandeira”, naquela tese exposta pelos jornais, segundo os próprios depoimentos de Félix em juízo. Ao contrário, a implicação de oficiais governistas denunciados por Félix era nula, pois o místico tentava provar sua excepcionalidade mentindo aos seus súditos que eles eram apoiados pelo governo. Para tanto, utilizava-se de “cartões oficiais” e “memorandos de agradecimentos” como prova:

Quer nos parecer, que “Dinotos” explorava esses cartões oficiais e também simples memorandos de agradecimentos, assinados por autoridades, para com eles impressionar seus adeptos e, dessa forma, ser tido em elevado consideração, fazendo supor que essas autoridades apoiavam seus planos diabólicos. Mas, essas autoridades negam ter determinado qualquer missão a “Dinotos”. Apenas dizem que do mesmo recebiam informações, denúncias, de caráter grave, sobre a situação do país.<sup>563</sup>

Para o delegado Alcântara, os 21 indiciados acusados de cometerem crimes violentos na cidade de São Paulo seguiam a liderança de uma pessoa perversa, portadora de um plano que não encontrava ecos na realidade. Alcântara chega a afirmar que a maior parte do bando era constituída de pessoas que acreditavam, em seus julgamentos, estarem fazendo um bem à nação: “Sinceramente, criam que estavam absolutamente certos, pensavam que estavam prestando um grande serviço à Pátria, por ela expondo suas vidas, sacrificando suas famílias.”<sup>564</sup> Alcântara explica ainda como pessoas “tão bem intencionadas” caíram em engenhoso engodo, a ponto de cometerem atos terroristas, roubos e assaltos. Eram todas induzidas ao erro pelo gênio de Félix:

Deduz-se que o senhor “Sábado Dinotos”, possuindo um conceito exagerado de si mesmo, com desenvolvimento progressivo de ideias reivindicatórias, com manias de perseguição e ao mesmo tempo de grandezas, crendo naquilo que inventou, qual seja – ser ele o “Escolhido” para reunificar as “Doze Tribos de Israel” e em seguida governar o mundo, instalando-se na cidade de Jerusalém, criou também uma ideia falsa sobre movimentos contrarrevolucionários. Dirigiu denúncias graves aos mandatários do país. Provocou uma onda de agitação, causando intranquilidade ao povo brasileiro. Tudo isso fazia parte de seu plano

---

<sup>563</sup> *Idem.*, p. 18.

<sup>564</sup> *Idem.*, p. 44.

diabólico e tudo lhe agradava como vinha se desenvolvendo, pois, num conflito armado, os grupos em choque iriam se desgastar, proporcionando-lhe oportunidade para desferir um golpe, como terceira força, vindo assim a dominar a situação e, conseqüentemente assumir os poderes governamentais, atingindo a cobiçada chefia do Governo. Para seu desiderato, resolveu “Dinotos” criar um ambiente de agitação e de terrorismo nos órgãos governamentais, de maneira a trazer a inquietação geral. Caso bem sucedido, em seus sorrateiros propósitos, prometia Aladino reduzir os gastos com as Forças Armadas, reduzir os preços das utilidades, dando melhores condições de vida ao povo, tirando o Brasil da situação de miséria (veja a declaração de Jessé às fls. 26 deste relatório) em que se encontra. Galgando o centro mundial, estaria cumprida as profecias contidas na sua tradução das “Centúrias de Nostradamus”, e isso – estava escrito – teria que ocorrer até o ano de 1973 (veja declarações do Sargento Jairo em fls. 22 deste relatório).<sup>565</sup>

No sofisticado esquema de Alcântara, um contexto de caos e guerra civil era de interesse da seita, que agia ora defendendo o governo, na busca do “fechamento do regime”, ora o desafiando, com os atentados contra instalações militares, tudo isso no ensejo de uma guerra civil. A própria indefinição política do bando, se era de direita ou de esquerda, era substituída pela constatação de que seus efeitos eram aproveitados por ambos os bandos extremistas, o que nos leva a considerar que o Aladino Félix buscava simplesmente ao caos, segundo uma agenda de colapsos governamentais crescentes. A própria escatologia de Félix, traduzidas das Centúrias de Nostradamus, e que, como tal, consubstanciava as mais altas expectativas da seita, descreve as etapas de sua ascensão ao trono mundial, perpassando pelo Brasil. Na seguinte passagem, o inquérito descreve tal conjunto de expectativas, por meio do depoimento de seus integrantes:

O intérprete da Bíblia nasceria no Brasil, em São Paulo, na cidade de Lorena, em 1920, e realizaria esse trabalho dos 39 aos 46 anos (1959 a 1966) e daí por diante, durante sete anos (de 1966 a 1973), Deus faria cumprir sua promessa ao povo santo (as 12 tribos), isto é, procederá sua reunificação (Centúrias de Nostradamus). Durante estes 7 anos, já iniciados a 20 de maio de 1966, haverá uma torrente de acontecimentos, tais como: - 1) – Guerra civil no Brasil; 2) – queda do poder militar que dirige a Nação; 3) – subida ao poder de um personagem imprevisto (Sábado Dinotos); 4) – guerra mundial, a terceira e última, com a extinção de dois terços da humanidade; 5) reunificação das nações hebraicas dispersas no mundo, inclusive a judaica; 6) Sede do Governo Mundial na cidade de Jerusalém, na pessoa de um personagem imprevisto (Sábado Dinotos).<sup>566</sup>

Tendo em vistas tais planos, que eram, segundo o inquérito de Alcântara, as únicas motivações plausíveis dos atentados e roubos de Félix e seu grupo, podemos prosseguir

---

<sup>565</sup> *Idem.*, p. 43-44.

<sup>566</sup> *Idem.*, p. 22.

com o estudo comparativo da narrativa presente no Inquérito Policia Militar com aquela da imprensa. Como vimos, Alcântara conclui que o bando propunha criar um contexto de caos e guerra civil para se impor como uma terceira força. Por outro lado, a hipótese presente nos jornais, que tem como principal fonte primária o próprio depoimento de Félix enquanto estava preso e em juízo, afirma que militares em postos chave da administração estadual e federal organizavam os atentados de falsa bandeira, visando o endurecimento do regime, dentre outros planos paralelos, como enfraquecer os “militares grevistas” da Força Pública de São Paulo.

A tese final, exposta em conjunto pela imprensa, era de que vários interesses confluíram para a consecução dos atos terroristas, roubos de armas e dinamites: frear os golpistas da oposição; assustar e inibir os policiais “quase amotinados” da Força Pública de São Paulo; trazer para a causa “do fechamento do regime” outras corporações militares, como a Marinha e a Aeronáutica, atacando suas instalações, além do assassinar o líder da oposição (atentados não cometidos por Aladino Félix); justificar, perante toda opinião pública o endurecimento do regime; etc.

Por seu turno, a hipótese presente no inquérito afirma que tudo não passava de um plano diabólico sustentado por um gênio que induziu ao crime, com seu carisma e astúcia, vários elementos civis e militares que o tinham como o próprio messias encarnado, o que incluía aí um general. Na visão de Alcântara, os crimes do grupo terrorista de Aladino Félix eram motivados pela expectativa de cumprimento de sua escatologia, fato que por si justificava o próprio encerramento das investigações, pois, no fim das contas, tudo foi obra de um líder messiânico capaz de induzir militares, civis e um general na consecução de seus “planos maquiavélicos”. Com uma argumentação sofisticada, o inquérito omite o essencial exposto pela imprensa, que é a participação do governo como mandante de atentados de falsa bandeira.

Como corolário, a motivação para os atentados e roubos descrita pelo delegado se dirigem, unicamente, àquelas mais excêntricas, centrada nos planos messiânicos e proféticos do contatado “Sábado Dinotos”, em atitude semelhante quando, em agosto de 1968, a polícia de São Paulo tentava abafar o caso, ao acatar que os atos terroristas e roubos foram fruto de estranhas motivações “de um bando de loucos em que tudo é possível”.<sup>567</sup>

---

<sup>567</sup> DOPS indicia 9 acusados de terrorismo em São Paulo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 29 ago. [1968](#).



Por outro lado, para Alcântara, a motivação do “endurecimento de regime” estava subordinada às atitudes políticas Aladino Félix, pois o delegado Alcântara se apoiava naquilo que o autor defendia abertamente, que incluía, numa sucessão de eventos, o endurecimento do regime como uma das etapas da guerra civil a ser instaurada, antes da grande hecatombe mundial. Em síntese, os planos e a escatologia de Aladino Félix e seu bando foram enfatizados pelo delegado Alcântara, a motivação perfeita para um caso excepcional.

Indo além do estudo comparativo entre as hipóteses da imprensa e do IPM, novos fatos que acompanharam a prisão e o processo contra Aladino Félix e seu bando vieram a comprovar, definitivamente, que este ainda detinha uma rede de apoio governamental que se esforçava em agir em sua defesa, especialmente após o fechamento do regime, como podemos observar agora no retorno à narrativa da prisão do escritor contatado.

Curiosamente, no dia 19 de dezembro de 1968, seis dias após o decreto do AI-5 e quase quatro meses após sua captura, em 22 de agosto de 1968, Aladino Félix e outros membros de seu grupo foram postos em liberdade por um suspeito alvará de soltura, logo quando transferidos para a Casa de Detenção, à espera do julgamento.<sup>568</sup> Ainda em 19 de dezembro, o Dops envia o dossiê completo do Inquérito Policial Militar instaurado contra o escritor e mais vinte e um indiciados pelos atentados terroristas, furtos e assaltos, documento esse assinado pelo delegado Alcântara, a que revisitamos brevemente.<sup>569</sup>

A sua soltura teria sido assinada pelo “titular da 9ª. Vara Criminal, juiz Antônio Marzagão Barbuto”. No dia seguinte da soltura, o chefe da Delegacia de Polícia Federal abre novo inquérito, para investigar o suspeito alvará e o seu paradeiro.<sup>570</sup> Após cerca de vinte dias, em 23 de janeiro de 1969, o secretário de Segurança Pública de São Paulo suspende preventivamente, por 30 dias, o investigador de polícia e o guarda prisional que foram tidos como responsáveis pela soltura de Félix.<sup>571</sup>

O jornal *Tribuna da Imprensa* escreveu artigo ironizando o fato de que Félix, apesar de ser renomado vidente, não havia previsto que suas previsões já estavam chamando a atenção do governo, e prossegue: “É possível, ainda que não tenha previsto que seria posto em liberdade, tendo em vista estar com prisão preventiva decretada pela

---

**568** *Inquérito vai apurar porque Sábado está livre. Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro: 20 dez. [1968](#).

**569** *Sábado Dinotos. O Estado de São Paulo.* São Paulo: 21 dez. [1969](#).

**570** *Inquérito vai apurar porque Sábado está livre. Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro: 20 dez. [1968](#).

**571** *Secretário suspende policiais. A Tribuna.* São Paulo: 23 jan. [1969](#).

2º. Auditoria de Guerra”.<sup>572</sup> Por outro lado, indo além do que a imprensa divulgava, documentos do Dops sugerem que Félix teria sido capturado ainda em janeiro de 1969, possível evento desconsiderado pela imprensa. Suenaga foi o único a divulgar essa possibilidade,<sup>573</sup> que se deduz de um informe emitido pela 4ª. Zona Aérea (São Paulo) em 7 de janeiro de 1969. Nesse documento, um informante da aeronáutica afirmava que Félix se encontra hominizado em uma fazenda em Campinas – SP. Como aponta Suenaga, tal fato sugere que Félix teria sido capturado já em janeiro de 1969, poucas semanas após sua fuga. No entanto, para a imprensa, Félix ainda era um foragido.

Desde 13 de dezembro de 1968 que o estado de exceção já era fato e o aparato Estatal poderia agora “digerir” o problema de forma conveniente, com o poder judiciário agindo de acordo com os interesses de um executivo plenipotenciário. Com Félix “ainda foragido”, os jornais passam a acompanhar apenas as reviravoltas jurídicas do caso, que se desenrolaram ao longo de meses.

Em 16 de abril de 1969, nova notícia aponta que os autos de seu processo, que incluía o gal. Trajano e outros elementos, é transferido ao STM, sob solicitação de foro especial do general.<sup>574</sup> Ainda não estava claro no processo se o general, de fato, estava submetido à liderança da seita messiânica de Félix, ou se era apenas um entusiasta com contatos com o governo.

Em contrapartida, a hipótese que até então a imprensa afirmava, de que Trajano estava ligado ao governo na organização e no comando de atentados terroristas, já não era mais relevante. Em agosto, uma breve notícia afirma que o STM acatou o pedido do general, mas transferiu de volta à 2ª. Auditoria de Guerra da 2ª. Região Militar o processo dos demais indiciados. Nesse caso, Trajano iria ser julgado separadamente.<sup>575</sup>

O mesmo *Jornal do Brasil* que um ano atrás, em setembro de 1968, publicava extensas matérias que sintetizavam uma sofisticada trama de vários interesses paralelos que estariam entrelaçados aos atentados de Félix, agora, em setembro de 1969, em

---

<sup>572</sup> *Astrólogo não previu sua má sorte. Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro: 19 dez. [1968](#).

<sup>573</sup> Suenaga ([1999](#), p. 311).

<sup>574</sup> O promotor do caso destaca que “os indiciados se constituíram membros de uma “societas sceleris”, chefiada por Aladino Félix, mais conhecido como Sábado Dinotos. O general Paulo Trajano da Silva figura como “incentivador dos atos terroristas”, cabendo-lhe responsabilidade pelo furto de armas em uma das unidades da Força Pública de São Paulo. Diz ainda o promotor que o militar participou de várias reuniões na residência e no escritório de Dinotos, a quem servia como elemento da ligação junto as altas patentes do governo:

- *IPM do terror chega ao STM. O Estado de São Paulo.* São Paulo: 16 abri. [1969](#).

<sup>575</sup> *Volta o processo de Dinotos. Estado de São Paulo.* São Paulo: 30 ag. [1969](#).

pequena nota, ao comentar sobre o foro privilegiado conquistado por Trajano e sobre as “condições estranhas” da soltura de Félix, constrói uma breve narrativa de que Felix e seu bando praticavam atos terroristas com intenções patrióticas. Uma tese conveniente aos novos tempos:

Sábado Dinotos revelou que o seu movimento que ele chefiava tinha por objetivo combater uma contra-revolução, encabeçada por políticos cassados, apoiados pela Força Pública e corporações militares de outros Estados. Com os demais componentes do grupo, Aladino Félix explicou que o golpe contra o qual ele se opunha previa o assassinato do Presidente da República e do Governador do Estado.<sup>576</sup>

Para a surpresa de todos, no dia 23 de setembro de 1969, quase nove meses após sua fuga, Félix é recapturado, o que veio conferir um novo caráter ao seu julgamento que o tinha como elemento principal. O *Estado de São Paulo* afirma que ele havia se hominizado na área rural da cidade Cruzeiro – SP em fevereiro de 1969, quando, depois de quatro dias, teria ido ao Uruguai, porém voltando em abril para a mesma cidade. Seus vizinhos o denunciaram devido à estranheza das movimentações que ocorriam no casebre de apenas um quarto e cozinha, em que Félix dormia, sem água encanada nem luz.<sup>577</sup>

Segundo os policiais que o prenderam, ele se alimentava na cidade, em residências de pessoas que o conhecerem na infância. Uma forte escolta o levou para instalações do Exército na cidade de Lorena – SP. Por sua vez, o *Jornal do Brasil* afirma ainda que quando surpreendido pela polícia, Félix “fazia traduções da Bíblia”, e se entregou sem oferecer resistência. Mais uma vez sua ida ao Uruguai no começo do ano foi apresentada, sem Félix ter citado maiores detalhes sobre tal fato.<sup>578</sup>

Vale-nos aqui um adendo. O informe da 4ª Zona Aérea afirmava o conhecimento do paradeiro de Félix em uma fazenda na cidade de Campinas-SP já em janeiro de 1969. Tal fato nos sugere que Félix teria sido capturado nesse período. No entanto, para a

---

**576** Tal narrativa se assemelha aos extensos manifestos e cartas que Félix e seus companheiros escreveram enquanto presos, e que foram divulgados pelo jornal *Última Hora* em edição especial em 21 de setembro de 1968 Suenaga (1999, p. 288-289). Por sua vez, demais periódicos, além o *Jornal do Brasil*, noticiam a movimentação judicial:

- *Místico Aladino Félix será denunciado por assaltos e atentados terroristas*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 2 set. [1969](#).

- *Na justiça, o IPM sobre bomba*. **Estado de São Paulo**. São Paulo: 3 set. [1969](#).

- *Inquérito na auditoria*. **A Tribuna**. São Paulo: 3 set. [1969](#).

**577** *Dinotos volta para a cadeia*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 24 set. [1969](#).

**578** *Aladino Félix continua à disposição das autoridades militares em São Paulo*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 25 set. [1969](#).

imprensa, nessa época ele ainda estava foragido, não havendo nenhuma referência sobre tal captura. Tendo isso em vista, esse dado nos apontam um novo possível contexto de Félix com sua rede de proteção. Primeiramente, podemos suspeitar que em sua primeira recaptura, ocorrida em janeiro de 1969, sua rede de proteção teria ocultado tal fato da imprensa. Por outro lado, como Félix teria sido “recapturado novamente”, agora com amplo conhecimento público, em setembro de 1969, o seu aprisionamento sigiloso em janeiro teve que contar, naturalmente, com uma posterior soltura, também sigilosa. Em outras palavras, tanto sua prisão quanto sua soltura foram executadas e acobertadas por sua rede de apoio, o que explicaria porque ele teria sido capturado novamente, agora em setembro de 1969.

Nesse momento, a ideia de uma ida ao Uruguai no começo de 1969, exposta pelos periódicos, poderia também fazer parte de uma manobra de despiste sobre seu real paradeiro, tendo em vista a proximidades das datas dos eventos (começo do ano de 1969). Podemos sugerir também que a sua segunda captura, ocorrida em setembro de 1969 e divulgada pela imprensa, teria sido também “planejada e armada”, pois nesse momento sua presença era necessária para que o caso pudesse ser encerrado segundo aquilo que convinha ao governo. Dito de outra forma, para além da ideia de que sua segunda prisão (a primeira para a imprensa) teria ocorrido por forças policiais que não faziam parte de sua rede de proteção, capturando-o como um criminoso foragido, sugerimos aqui que Félix pode ter sido preso também pela conveniência do julgamento, já que como veremos, as sentenças contra ele, seu grupo e o gal. Trajano foram bastante favoráveis aos indiciados.

O processo de Félix se desenvolveu de forma singular. Preso novamente desde de setembro de 1969, no ano seguinte, em 1970, já mal aparecia nos jornais. Em março, uma breve nota revela que assim como outros de seu bando teria sido condenado “sob a acusação de dirigir atentados a bomba contra quartéis...”, tendo Félix recebido a mais alta pena, 5 anos.<sup>579</sup> Mais tarde, no entanto, em novo entendimento da justiça, os atos terroristas de Félix e seu grupo não poderiam ser imputados aos mesmos, pois não havia provas materiais que os ligassem aos atentados, apenas confissões que poderiam

---

579 “Dinotos” é condenado com mais 5. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 31 mar. [1970](#).

facilmente terem sido forçadas. Nesse caso, a decisão judicial ignorava as voluntárias confissões prestadas ao jornal *Última Hora*, por exemplo, em setembro de 1968.<sup>580</sup>

Por conseguinte, o único crime que restava à justiça era o de furto de armas, este sim, com provas cabais. Por sua vez, a estratégia da defesa de Félix e seu grupo afirmava que o roubo, apesar de ser fruto de uma ação equivocada, detinham espírito patriótico de “defesa da revolução”. Além disso, obedecia a um comando militar, na própria relação espontânea do grupo com o gal. Trajano, figura próxima ao presidente marechal Costa e Silva, ao afirmar ainda que a estes foram imputados crimes praticados por organizações de extrema esquerda. Ao comentar o papel do gal. Trajano, o advogado Juarez de Alencar, na petição de absolvição de Félix e outros apenados, afirma que:

como revolucionário de março e amigo do Presidente, o General Paulo Trajano da Silva teria de tomar todas as medidas de precaução e até de frustração da Contra-Revolução, aproximando-se dos elementos da Força Pública que pudessem fazer alguma coisa nesse sentido. Foi nessa crença e com essa convicção que agiram os subalternos. Tanto isso é certo que foi abortada a contra-revolução, enquanto os elementos suspeitos, dentro da Milícia e fora dela, usaram da pior violência, digo, violência contra os acusados, atribuindo-lhes, à força bruta, os atos de terrorismo que extremistas de esquerda praticavam, para desviar a atenção de sua posição, digo, de posições equivocadas e liquidar os verdadeiros sentinelas da legalidade. Toda a ação desses acusados pode ter sido mal orientada, mas não há dúvida que representavam um papel de “sentinela” ao “Quartel”, dando o primeiro alarme contra a insurreição dos políticos velhos, discutida, então, abertamente até nos “botecos”, data venia.<sup>581</sup>

Em outras palavras, o consenso de que Félix agia como importante “informante da revolução” incluía agora também ações políticas patrióticas, apesar de equivocadas. Nessa argumentação, o roubo de armas de instalações da Força Pública visava ao bem da pátria, na frustração dos planos inimigos. No entanto, “elementos suspeitos” da polícia e fora dela imputavam o terrorismo da extrema esquerda ao grupo de Félix, vistos aqui como leais “sentinelas da legalidade”. Fato consecutivo à apelação da defesa em abril de 1970, em novembro do mesmo ano, o *Tribuna da Imprensa* afirma que os membros de

---

**580** *Você vai ver todo o terror. Última Hora*. São Paulo: 21 set. [1968](#).

**581** A matéria de Vasconcelo Quadro, dividida em vários capítulos e publicada em vários sítios, dispõe de documentos obtidos no Superior Tribunal Militar sobre o envolvimento de Félix com o governo na consecução dos atentados, assim como documentos de seu processo judicial. Dentre esses documentos, encontramos a petição do advogado Alencar que visava a absolvição de Félix e outros membros de seu grupo. Quadro incluiu na matéria um *link* para baixar um conjunto de outros documentos, a que a petição, de Alencar se encontra:

- QUADRO, Vasconcelo. Integrante de grupo radical de direita na ditadura foi preso como louco. **UOL Notícias**. 1 out. [2018](#).

- Os documentos estão disponíveis no *link* a seguir ([2022](#))

seu grupo tiveram a apelação da defesa deferida, sendo absolvidos.<sup>582</sup> Ou seja, para além de Félix, todos de seu grupo teriam sido favorecidos pela absolvição.

O Superior Tribunal Militar decidiu submeter Félix a exame psiquiátrico.<sup>583</sup> No exame, assinado por dois médicos psiquiatras do “manicômio judiciário” em outubro de 1971, Félix é tido como “portador de perturbação de doença mental (personalidade psicopática), cuja capacidade de entendimento e auto determinação ao tempo dos fatos, era apenas parcial.” Com essas qualidades, teve sua pena reduzida para oito meses, sendo considerado “fronteiriço”, logo, semi-imputável. Em sua genialidade e loucura, teria transmitido a mesma doença aos elementos de seu bando, induzindo-os a cometeram crimes, pois estavam constrangidos, em seu íntimo, pela personalidade psicopática de Félix, ainda que agissem de boa-fé e com elevado espírito patriótico.<sup>584</sup>

Sobre essa curiosa resolução do caso, comenta Faria:

Lunáticos seguidores – os infelizes soldados da Força Pública de São Paulo”. À sua doença mental era atribuída inclusive o poder de influenciar adeptos e iludir pessoas. Seria o poder persuasivo um sintoma da doença? Ou a doença um sintoma persuasivo? Sim, porque, de acordo com a sentença, homens racionais e sãos, de certa forma, foram adoecidos pelo fascínio do vidente. Esses pobres defensores da ordem e mesmo o general, e o próprio diretor da polícia federal, portanto, também se tornavam, de certa forma, semi-imputáveis. Sob efeito do encantamento pela figura de Aladino Félix, o próprio general Paulo Trajano da Silva tinha sido levado à conivência com os atentados terroristas, sendo, por sua vez, por agir em boa fé e defesa da pátria, não apenas semi-imputável, mas também inimputável! Não eram injustificadas as inquietações metafísicas do delegado do DOPS: entre os poderes extraordinários de Aladino Félix e os poderes extraordinários do Ato Institucional n. 5, há mais coisas do que sonha nossa vã historiografia!<sup>585</sup>

Vemos aqui que a justiça se utilizou do mesmo argumento exposto à imprensa quando, apressadamente, o excêntrico grupo de Aladino Félix era acusado como único responsável por toda a onda de atentados, agindo em revelia ao governo. Naquela ocasião, a tentativa de abafamento foi encerrada quando novos nomes importantes eram entregues, e um inquérito novo foi estabelecido. No entanto, para a justiça, não haviam mais atentados e Félix e seu bando eram responsáveis apenas pelo roubo de armas. No final do processo, Félix era tido como um patriota informante da revolução, mas também um

---

<sup>582</sup> *STM mantém absolvições de SP. Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro: 13 nov. [1970](#).

<sup>583</sup> *Sábado é louco? O Jornal.* Rio de Janeiro: 13 nov. [1970](#).

<sup>584</sup> Informações presentes no dossiê montado por Vasconcelo Quadro ([2018](#)).

<sup>585</sup> Faria ([2018](#), p.231).

“gênio louco”, portador de doença mental, um fronteiro que, em sua parcial sanidade, teria arregimentado, ao roubo de armas, militares de baixa patente e um general, tudo isso em nome de uma causa maior: a própria defesa da legalidade, numa luta contra os opositores do regime, tramados em golpe.

No entanto, Félix não foi absolvido como seus companheiros. Sua pena foi reduzida, finalmente, para oito meses de reclusão. No total, Félix ficou por volta de 3 anos e meio preso, quando em janeiro de 1972, é posto em liberdade.<sup>586</sup> Em 1973, quando já estava solto, recorre ainda da decisão que o definiu como portador de doença mental, um louco psicopata semi-imputável, afirmando ser uma pessoa lúcida, de notável e elevada inteligência.<sup>587</sup> O novo pedido de absolvição, que assumiria sua sanidade mental e inocência, curiosamente feito já quando solto, lhe foi negado.<sup>588</sup> Após sua soltura, Félix ainda publica um último livro, utilizando o nome de pessoa próxima, para evitar maiores problemas. O dramático desbaratamento de seu grupo criou cisões permanentes em sua vida familiar, optando Félix por uma vida no anonimato, até sua morte por complicações médicas em 1985.<sup>589</sup>

Como pudemos observar, a tese de que o gal. Trajano teria sido enganado por Félix, assim como todos os outros operativos do grupo, não ficou circunscrita ao inquérito policial assinado pelo delegado Alcântara, sendo mais uma vez evocada quando seus indiciados foram julgados pela justiça. Nesse quadro, Félix, como um psicopata semi-imputável, soube aproveitar da personalidade inocente e sugestionável de sua audiência mais fiel para que esses o seguissem cegamente na consecução de seus planos patrióticos.

Em outras palavras, as expectativas escatológicas de Félix, que iam muito além de um mero “endurecimento do regime” e encontrava seu sentido maior num contexto apocalíptico, foram utilizadas como argumento acerca de sua parcial sanidade, ainda que desvinculadas do roubo de armas. No final do processo, foi condenado por oito meses de

---

**586** QUADRO, Vasconcelo. Integrante de grupo radical de direita na ditadura foi preso como louco. **UOL Notícias**. 1 out. [2018](#).

**587** *Advogado apela ao STF para absolver “Sábato Dinotos” que teve pena de 8 meses*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 14 jan. [1973](#).

**588** Em resumo acerca do trâmite das investigações e do processo jurídico de Félix, Vasconcelo Quadro expõe que seu grupo “foi investigado durante cinco anos, de 1968 a 1973, em três inquéritos civis (um deles tocado pela Polícia Federal, que não chegou a nenhuma conclusão), dois IPMs, um processo da Segunda Auditoria da Justiça Militar paulista e, ainda, duas apelações, que tramitaram no Supremo Tribunal Militar e, finalmente, no Supremo Tribunal Federal.”

- QUADRO, Vasconcelo. Documentos apontam que regime militar sabia de ataques de grupo de direita. **UOL Notícias**. 1 de out. [2018](#).

**589** Suenaga discorre com maior profundidade acerca da vida de Aladino Félix após sua soltura.

reclusão, não porque teria planejado o roubo de armas contra o paiol da Força Pública, mas por ter ludibriado, em sua loucura contagiante, várias pessoas inocentes e bem intencionadas a cometerem o crime.

A decisão pela inocência *sui generis* do gal. Trajano e de outros membros de seu grupo, assim como a própria semi-imputabilidade de Félix, se assomam aos elementos que indicam o extenso envolvimento do governo com o grupo. Mandante dos atentados cometidos por Félix e seu bando, o governo visava conduzir a opinião pública a seu favor no momento de fechamento do regime. Como mesmo afirmou Félix em seu depoimento escrito quando preso no Dops, seus serviços durariam apenas até o final do ano 1968, no máximo até o começo de 1969. Nesse caso, com o novo decreto do Ato Institucional no. 5, em 13 de dezembro de 1968, os serviços de guerra psicológica de Félix e seu bando já não eram mais necessários.

Em síntese, diante do exposto, podemos afirmar que as várias narrativas presentes na trama do envolvimento de Aladino Félix com altas esferas de poder, revelam que, em amplos aspectos, o governo teria utilizado Félix e seu séquito como instrumentos para atentados de falsa bandeira que viessem a justificar, perante a opinião pública, assim como perante outras facções militares e grupos políticos, a necessidade do fechamento do regime. Nessa guerra de informações, a posição política singular de Félix, apoiada por um numeroso séquito de audiência crescente, era uma das mais radicais da época, fato que pode ter sido aproveitado por seus mandantes. Para Félix e seu grupo, o Brasil vivia numa guerra oculta.

Era consenso que Félix já fora informante do governo, produzindo dossiês e denúncias sobre uma imensa conspiração mundial que visava o Brasil. Por outro lado, gostava de transitar entre seu bando e agentes governamentais, demonstrando, ao mesmo tempo, ser uma figura de difícil controle, pois tinha uma agenda própria que existia anos antes de 1964. Nesse caso, Félix aproveitou o momento oportuno, em que etapas de seu plano messiânico confluíam com os próprios interesses de uma facção militar instaurada no poder, durante a presidência do marechal Costa e Silva, que executou, de fato, um estado de exceção.

Jovens militares, em sua maioria da Força Pública, lhe conferiam os operativos ideais para a execução dos atentados e roubos, pois tinham algum tipo de treinamento de combate, além de serem extremamente motivados por seu carisma, acatando abertamente



sua liderança e seu plano divino. Por outro lado, um general na reserva fazia a ponte especial com o governo, elo de ligação necessário para que os dois projetos paralelos se conectassem. Nesse momento, Aladino Félix servia a dois senhores: a Jeová dos Exércitos e ao próprio governo. Para além da qualidade de informante, estava submetido a uma nova hierarquia, pois era um agente que planejava e executava ordens de atentados.

Seguindo essa linha de pensamento, quiçá o gal. Trajano e outras autoridades militares tiveram a ideia de usar o grupo de Aladino Félix por suas várias qualidades de fanatismo e despiste. Fanatismo, pois retroalimentavam um alinhamento doutrinário crescente, que produzia uma posição política radical e ao mesmo tempo sagrada, centrada na figura excepcional de um líder profeticamente esperado. Em outras palavras, a crença na liderança incontestada de Aladino Félix trazia ao seu séquito uma obstinação que poderia ser aproveitada pelo governo, um pré-requisito de um grupo paramilitar *sui generis*, que viria a cometer atentados de falsa bandeira, típicos de uma operação psicológica.

Por outro lado, o fato de Aladino Félix ter uma agenda messiânica e apocalíptica, que embalava e movimentava seu grupo, fazia dele um aliado que detinha um trunfo que poderia ser usado caso o governo precisasse se distanciar do grupo: havia uma agenda excêntrica que explicaria os atentados à genialidade, à loucura e à maldade de um líder sectário que induziu seus discípulos e seguidores a atos criminosos. Afinal, essa foi a tese que conduziu a investigação de seus atentados, que, mesmo com ampla confissão dos Félix e seu séquito, foram redimidos pela justiça, que teria acatado, como vimos, apenas o roubo de armas. Seguindo essa lógica, se Félix e seu bando não praticaram atos terroristas, tampouco o governo teria dada alguma ordem, o que sepultava, definitivamente, a acusação do governo estar envolvido em atentados de falsa bandeira.

Sob o ponto de vista do grupo de Félix, podemos sugerir também que até o momento de serem presos, detinham um moral alto: contavam com a companhia de um general em ligação com as altas esferas do governo, angariavam armas, confeccionavam bombas e cumpriam com sucesso vários atentados. Tudo isso a ocorrer sob a própria liderança carismática de Félix em sua missão bíblica. Nesse viés, todos esses elementos contribuía para o sentimento de “fazerem o certo”, na própria vivência das primeiras etapas dos altos planos profetizado por Félix. Distintas expectativas se apresentavam numa atípica convergência de interesses: o plano escatológico de Félix, em suas primeiras etapas, se confundia com os próprios planos governamentais da época.

Assim como Dino Kraspedon que afirmava se relacionar com extraterrestres e assumiu uma nova fase em sua vida através das revelações proféticas de Sábado Dinotos, com o advento da ditadura militar de 1964, Aladino Félix, mais uma vez, inaugurou uma inaudita etapa em sua vida, angariando uma fama até então inimaginável. Seu séquito, de número crescente, observava seus contatos e sua influência política como a própria materialização de seus altos planos, que situavam o Brasil como centro do mundo, local de nascimento do novo messias. Para estes, o país abrigava uma batalha oculta, que envolvia todos os aspectos de uma realidade física, política e espiritual.

Por conseguinte, com o fito de se ver cada vez mais conhecido e admirado por seus contatos e por sua influência em temas críticos da política nacional, Félix acabou “falando demais”, criando um primeiro atrito público com o governo, quando teria afirmado que era um informante especial, responsável pelo desbaratamento de um suposto golpe de uma oposição aliada a inimigos internacionais. Tal fato, ocorrido em abril de 1968, causou um sério desacordo entre Félix e o governo, que teve de responder em negativa. Nesse momento, Félix se mostrava um informante problemático, o que veio a se confirmar quando seu grupo foi preso por um incidente paralelo às suas atividades terroristas, em um assalto a banco “não autorizado”.

Apesar dos sucessos de seus atentados acobertados pelo governo, o grupo estava sem dinheiro, pois não era ressarcido. Entre um de seus mais ousados membros, surge a ideia de assaltar um banco, por conta própria, sem o aval do governo, sem as ordens superiores. Poderiam pensar: “Afinal, somos um grupo paralelo e temos nossas armas e acreditamos que, após o sucesso de nossa missão patriótica, seremos como uma terceira força e colocaremos o rumo certo Brasil e no mundo”. Nesse quadro, ninguém do bando teria aceitado o plano. No entanto, o soldado Jessé Cândido de Moraes era corajoso, tinha contatos e experiência no crime.

Logo, estando armado, pôde montar um grupo paralelo de marginais que assaltaram o Banco Mercantil em 1 de agosto de 1968, assalto esse que acabou sendo frustrado por uma investigação policial. Aqueles policiais que o prenderam rapidamente descobriram que, além de assaltante, Jessé também fazia parte de um grupo terrorista. Nesse momento, quando a polícia de São Paulo estava com os nervos “à flor da pele”, a desgraça teria encontrado a todos do bando de Félix, que foi preso, na madrugada do dia 22 de agosto, por uma força policial fora do alcance de sua rede de proteção.

Cativo da política, o segredo da ligação do grupo com agentes governamentais foi sendo revelado nas inúmeras vezes que prestava informações para a imprensa. Em consequência, tais forças policiais aproveitaram a crise dos atentados em São Paulo torturando-os para que esses assumissem, em confissão, responsabilidade por todos os atos terroristas que ocorriam na cidade, momento em que polícia “solucionaria a crise de forma definitiva”, abafamento inicial esse fracassado, como vimos.

Malgrado tais exercícios hipotéticos ficarem apenas como sugestões dedutivas que poderiam explicar as possíveis motivações das torturas contra Aladino Félix e outros operativos do seu grupo, a que podemos sugerir também que estas ocorreram apenas por sadismo e incompetência e má fé da polícia de São Paulo, que já estaria sendo treinada para tanto, fato é que o erro de Jessé produziu uma reação em cascata, pois urgia agora ao governo se desvincular do grupo.

A imprensa, ainda sem todo o assédio da censura ditatorial, pressionava por informações e a rede de proteção de Félix se via na necessidade de fazer algo: era necessário usar agora a “qualidade de despiste do bando”, quando a própria escatologia e a “loucura” de Félix seriam ressaltadas, o que viera a ocorrer tanto nas investigações, quanto nos julgamentos. Consequentemente, pudemos notar também que a partir de dezembro de 1968, com o decreto do AI-5, como era de se esperar, as matérias jornalísticas relacionadas ao caso já não citavam as teses que incriminavam o governo. Ao contrário, apontavam inclusive que os atentados eram motivados por excêntricos interesses patrióticos.

Nesse quadro, os dois momentos em que Félix teria sido solto, além do próprio tramite jurídico que absolveu os indiciados de todos atos terroristas e explosões, imputando-lhes apenas o roubo de armas, reforçam mais ainda a tese do comprometimento governamental, o que incluía agora o poder judiciário. A “semi-imputabilidade” conferida a Félix e distribuída a todos aqueles que por ele eram liderados, o que incluía o gal. Trajano, demonstrava novamente que sua rede de apoio atuou de forma ainda mais definitiva com estabelecimento do estado de exceção, especialmente se tivermos em conta o silêncio da imprensa e a resolução do caso pela justiça.

Por fim, a desobediência do soldado Jessé Moraes, que resolveu agir de forma paralela e violenta, à revelia das ordens dos mandantes abrigados no Estado, exemplificava, de forma contundente, a condição precária do grupo paramilitar de

Aladino Félix. Pego, desbaratado e torturado por descuido de um membro que associado a uma quadrilha de criminosos comuns, após esse dramático evento, todas as expectativas de sigilo, eficiência e sucesso do grupo foram destruídas, incluindo aí, em tese, as do governo, que o via como instrumento útil até a conquista do estado de exceção.

No entanto, justamente por este erro, nós hoje podemos conhecer melhor a história do Brasil. O historiador e jornalista Hugo Studart, autor de uma já clássica pesquisa sobre a Guerrilha do Araguaia (1967-1974), demonstra vários casos em que guerrilheiros, movidos por coragem ou descuido, se desviaram de ordens e comandos estritamente claros e acabaram por se envolver em situações de perigo e mortes desnecessárias, o que veio a acelerar, ou mesmo definir, os momentos críticos da ruína da guerrilha.<sup>590</sup>

Em síntese, como pudemos observar, a saga de Aladino Félix e seu envolvimento com a política nacional é profunda, complexa e intrincada. Desencavada e tirado do silêncio pelo esmero de Cláudio Suenaga, o breve vislumbre dessa história se apresenta como um pântano de difícil acesso, e seus indícios se encontram presentes nos arquivos públicos que abrigam a documentação de Aladino Félix e sua captura, assim como nos processos judiciais e inquéritos, e, especialmente, na imprensa, assim como nos seus livros e depoimentos daqueles que participaram de sua sina.

Nessas fontes encontramos a voz de investigadores surpresos com um desafio de difícil compreensão, pois os atentados a bomba, o roubo de armas, munições e dinamites e o assalto à banco outorgados a Aladino Félix e seu grupo, em 1968, foram acompanhados de estranhas motivações. Os pesquisadores de sua história, os agentes ocupados com sua captura, os juristas que o julgaram e aqueles que reportavam suas ações nos jornais, todos, tentaram entrar na própria mente e coração do renomado contatado, que, como vimos, foi um proeminente personagem midiático que publicou vários livros entre os anos de 1950 e 1960, antes de partir para a ação com seu grupo terrorista.

Cabe-nos aqui um adendo. Face ao impacto de suas ações num momento crítico da história do Brasil e, em termos globais, da Guerra Fria, a pouca atenção dada pela historiografia às ações e ao grupo de Félix é fato que deve ser considerado. Se a permanência de tal lacuna se dá pelo autor escrever sobre discos voadores e se portar como messias de um plano divino, ou mesmo pela circunstância de fazer parte de um dos

---

**590** STUDART, Hugo. **A lei da selva:** estratégias, imaginário e discurso dos militares sobre a Guerrilha do Araguaia. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

mais breves e atuantes grupos terroristas de “extrema direita”, com propósitos contrários aos grupos revolucionários de guerrilha urbana e rural que lutaram contra o regime militar de 1964, não significa que suas ações foram menos decisivas e de pouca importância para a história nacional. Ao contrário, apenas indicam que o estudo mais detalhado do impacto de tais ações no Brasil divergem, pela sua excentricidade, das grandes narrativas consagradas pela historiografia nacional do período.

Nesse quadro, a história de Aladino Félix deve ser considerada junto aos vários grupos militantes que atuaram durante a ditadura militar do Brasil, pois mesmo sendo “um estranho no ninho” dos grupos paramilitares anticomunistas, as violentas ações do seu grupo visavam abalar a ordem vigente por motivos contrários aos grupos de esquerda, e acabaram por se assomar às justificativas de legitimação do fechamento do regime em 1968.<sup>591</sup>

O fato das atividades políticas de Félix serem frutos e fazerem parte das convicções presentes em suas obras, torna a história de tais ações bastante *sui generis*, própria de um contexto histórico e político tenso e nebuloso, tendo em vista que Félix não somente servia de informante ao governo, com o poder de mobilizar as tropas em todo país, mas também, em tese, como instrumento de operações psicológicas, na forma de atentados de falsa bandeira. Em outras palavras, Aladino Félix, além de informante de extraordinária influência, era, possivelmente, um agente de guerra cultural, que tinha como intento primário a própria manipulação da opinião pública.

A impressão geral dessa história revela, em termos simbólicos, vários paralelos entre a paranoia e a “normalidade” que a ditadura militar tentava manter, como afirma Barbosa de Faria em excelente artigo:

Aladino Félix, por sua vez, parece ter realizado alguns gestos simples, mas de grandes consequências. Se a ficção científica, os filmes de invasão alienígena, faziam parte dos mecanismos da chamada Guerra Fria Cultural (CANCELI 2017) e do aparato tecnomidiático do terror,

---

**591** José Luís Garcia Mir, autor de *A revolução impossível*, afirma no livro ser Aladino Félix integrante do grupo paramilitar Comando de Caça aos Comunistas, o que é uma inverdade, como afirma Suenaga. No entanto, Mir discorre que um dos atentados promovidos pelo grupo de Aladino Félix coincidiu e acabou por adiar o assalto ao trem-pagador da estrada de ferro Santos-Jundiaí, feito pela Aliança Nacional Libertadora, a ALN, em 10 de agosto de 1968. No caso, no dia 7 de julho de 1968, os operativos de Aladino fizeram explodir um dos pilares da mesma ponte a que os integrantes do ALN planejavam breicar o trem para o assalto, o que os obrigou a prorrogar o ato.

- Suenaga (1999, 324-325).

- MIR, José Luís Garcia. **A revolução impossível: a esquerda e a luta armada no Brasil**. São Paulo: Best Seller, 1994, p.320-321.

Aladino parece apenas ter tomado essas ficções ao pé da letra. Isso, além de se considerar, ele mesmo, o ator principal – novamente, ao pé da letra, as advertências da propaganda governamental diziam que o alvo principal da Guerra Fria eram as subjetividades, os sentimentos, as mentes de cada um. Gestos que podemos chamar de paranoicos, sem dúvida, mas feitos com a mesma matéria-prima da chamada normalidade imposta ditatorialmente.<sup>592</sup>

Como um “intelectual orgânico” munido de um esquema metanarrativo e de uma poderosa retórica que incluía discos voadores, temas bíblicos e geopolíticos contemporâneos de sua época, Aladino Félix conseguiu tocar nos “sentimentos, nas mentes e nas subjetividades” de cada um de seus amigos próximos, seguidores operativos, leitores e admiradores. Tal fato ocorreu num próprio contexto político e geopolítico de intensa guerra cultural, a que o autor se envolveu diretamente. Acima de tudo, o plano de Félix era um urgente chamado à ação. Fascinados pela sua oratória, magnetismo e coragem, seus seguidores eram movidos pela paixão de fazer parte de um plano superior. Sua excepcionalidade se mantém ainda hoje, especialmente entre aqueles que participarem de seus vários projetos, incluindo ex-membros operativos de seu grupo de ação política, assim como aqueles que hoje mantém seu projeto bíblico.<sup>593</sup>

A Guerra Fria e a tenção da guerra nuclear, no período de auge dos testes atômicos, encontrava paralelos extraordinários no mistério que residia nos discos voadores. E a esses objetos, vários movimentos eram feitos em sua direção, desde aqueles promovidos pela FAB ou pelas investigações estatais de outros países, perpassando pelos pesquisadores civis recém organizados, assim como por jornalistas em suas reportagens de grande interesse público, até aqueles mais ousados e ativistas, como no caso de Aladino Félix. O que nos fica evidente é que a sua trajetória, ao se confundir com a própria história do Brasil em um dos seus períodos mais nebulosos e violentos, nos sugere estranhas e atípicas movimentações de guerra cultural, que visavam, por meio de atentados de falsa bandeira, a própria manipulação da opinião pública.

---

**592** Faria (2019, p.230).

**593** Em sua pesquisa nos documentos relativos a Aladino Félix presentes no Arquivo Público do Estado de São Paulo, Suenaga narra uma série de encontros que ocorreram na ocasião de sua visita ao arquivo. No primeiro dia no arquivo, Suenaga acabou por conhecer Edson Chicaroni Vieira, ex-integrante do grupo de Aladino Félix, que lá estava para tentar encontrar informações sobre os eventos que fizera parte em 1968. Afirma Suenaga que a vida de Vieira “fundiu-se espiritual e organicamente com a do movimento preconizado por Aladino, de tal modo que tornou-se impossível uma desvinculação”. Suenaga (1999, p.204.).

Por outro lado, tal guerra de informações incluía ainda vários âmbitos, desde a corrida espacial, o cinema, a música, até os jornais e a propaganda de Estado. Estando o mundo dividido em dois polos que se antagonizavam numa guerra que não poderia ocorrer, devido ao próprio caráter tecnológico dos armamentos termonucleares, a Guerra Fria pode ser vista igualmente, para além de seu caráter tecnológico, como uma guerra que se move por intensa propaganda política que não permite dissidência, pois segundo os interesses das nações que lideram o mundo bipolar, ou se está de um lado, ou de outro.

Indo além, na conclusão desta tese, discutiremos qual o lugar da história de Aladino Félix na própria experiência do “contatismo” segundo os pesquisadores especializados neste tema, em que analisaremos as possíveis conexões entre os distintos eventos analisados nesta pesquisa, desde o seu primeiro capítulo até o presente, momento em que novas perspectivas de abrangência crescente serão ressaltadas. Por sua vez, a experiência de Félix encontrará contraste com outras semelhantes, em que iremos visitar as diferentes hipóteses levantadas por pesquisadores que investigam a própria experiência do “contato”, ao mesmo tempo que iremos expor novas, oriundas não somente de perspectivas alternativas, mas também de nossas pesquisas de campo.

## Conclusão

Neste espaço de considerações finais revisitaremos os eventos abordados nos capítulos, em argumentos teóricos que venham a destacar uma possível conexão entre os casos e as distintas situações analisados no texto. Além disso, os casos expostos ao longo da tese serão também observados agora sob o prisma do atual estado da arte da pesquisa especializada sobre o tema, argumentos finais esses que podem oferecer novas contribuições às ciências humanas, como veremos.

Em princípio, as várias encenações radiotransmitidas da Guerra dos Mundos, tanto em 1938 nos EUA, assim como no Brasil em 1954 em Caratinga – MG e em 1971 em São Luís – MA, eventos esse que induziram pessoas a acreditar que o planeta Terra estava sendo invadido por marcianos, demonstram um notável potencial de manipulação da opinião pública, na criação cenários falsos de guerra. Nesse caso, as notícias falsas de uma invasão marciana podem ser vistas também como exercícios midiáticos de promoção de surtos coletivos programados, pois, ainda que movido por outros motivos, tais eventos históricos transmitem esse potencial.

Nesse caso, falsos cenários de guerra e invasão extraterrestre reforçam a tese de que as narrativas sobre óvnis, discos voadores e seus congêneres expressam elementos simbólicos que carregam um latente potencial de manipulação da cultura e da consciência coletiva, sugerindo atípicas atividades de guerra cultural. Vale destacar que tais situação podem ainda se repetir em nossos dias, em algum tipo de encenação mais sofisticada, em que a presente ou futura interpretação geral sobre os “óvnis” venha a se combinar a um novo roteiro imprevisível, caso a narrativa da Guerra dos Mundos e da invasão extraterrestre já tenha se saturado.

De forma semelhante, as estranhas bolas luminosas que perseguiram as aeronaves estadunidenses durante a Segunda Grande Guerra e que foram batizadas de *foo fighters*, os caças “sem sentido”, também foram tidos como possíveis armamentos de guerra psicológica, especialmente por aqueles que as investigaram no pós-guerra, como abordamos no Capítulo III. Havia a hipótese do emprego de um incipiente dispositivo tecnológico germânico, que poderia ter a função, primária ou secundária, de afetar o moral das tripulações que bombardeavam sistematicamente os territórios do Terceiro Reich. Nesse caso, as suspeitas recaíam em algum tipo de tecnologia que envolvia a



produção de raios e feixes eletromagnéticos, pois os objetos não eram captados por radar. Se os *foo fighters* eram realmente uma arma psicológica, não há como sabermos, havendo apenas variadas hipóteses que tentam sugerir explicações inconclusivas.

Por conseguinte, com o surgimento do “disco voador” na onda de avistamentos de 1947 nos EUA, que mobilizou toda a sociedade estadunidense na época, a contar com o grande apelo midiático decorrente, várias teses que tentavam solucionar o fenômeno foram levantadas na época. Dentre essas, encontramos aquelas que sugeriam serem os discos voadores um instrumento de guerra psicológica, que viesse, dentro outras situações, a convencer o público estadunidense da necessidade de uma nova guerra, agora contra a URSS, por exemplo. Como corolário, os discos seriam mobilizados como armas soviéticas de alta tecnologia que ameaçavam os EUA, que, nesse caso, deveria responder à altura, sendo os discos voadores vistos aqui como uma nova modalidade de propaganda para guerra. Por outro lado, o fato de a onda de avistamentos de 1947 ter causado uma notável agitação popular nos EUA, levou os militares que investigavam o caso inaugural de Kenneth Arnold a suspeitar que o piloto poderia ser um agente soviético secreto, que detinha a função de criar uma agitação coletiva nos EUA, numa ação diversionista que seria de interesse da URSS na época. Logo, por mais que tal suspeita tenha sido descartada, os discos voadores, já em 1947, pairavam como potenciais forças desestabilizadoras, tendo em vista a psicologia das massas.

No Brasil, o caso da “barra da Tijuca” de 1952 foi até então o primeiro evento em que pudemos notar um notável esforço de manipulação midiática sobre o tema dos discos voadores no país, na criação “falsos cenários” produzidos por edição de imagens. No caso, as fotos que ficaram conhecidas em todo o Brasil, mobilizando inclusive a FAB para averiguar sua autenticidade, mais tarde foram confirmadas como falsas, fruto de uma primorosa edição de uma competente equipe editorial que trabalhava para a revista *O Cruzeiro*. Todavia, o caso mais emblemático de manipulação de imagens, pode ter ocorrido com as fotos dos discos voadores da Ilha da Trindade, evento exposto no Capítulo V. Quiçá as fotos de discos voadores mais debatidas da História, as fotos da ilha da Trindade foram consideradas autênticas por muitos pesquisadores, assim como por autoridades militares que estiveram envolvidos ao evento, favorecidas pelo aval presidencial para sua liberação para a imprensa.

No entanto, como demonstramos no capítulo, pesquisas mais recentes revisitaram o caso trazendo novos elementos que apontam serem as fotos também fruto de

manipulação de um competente fotógrafo e artista, experiente em polêmicas criações de cenários de mergulho, aventuras no mar e tesouros perdidos, incluindo a própria montagem de discos voadores anteriores ao caso da Trindade. Nesse caso, assim como em outros, o fotógrafo Almiro Baraúna teria angariado notáveis lucros com a venda dos direitos de. Tendo em vista aqui também o notável debate midiático sobre as fotos da barra da Tijuca de 1952, assim como sobre as fotos da ilha da Trindade de 1958, os casos mais marcantes da década de 1950 foram fruto de manipulação de imagens, na criação de falsos cenários, ao indicar, novamente, uma situação singular de manipulação do imaginário coletivo.

Por sua vez, o “primeiro contatado brasileiro” evocava, na época, a ideia do contato amistoso com seres extraterrestres, uma novidade para o período, num contexto bastante distinto daqueles já abordados nestas considerações finais. Como pudemos observar no último capítulo, além de servir como um informante do governo, Aladino Félix também atuou como líder de um grupo que praticava atentados terroristas de falsa bandeira, servindo como um instrumento de guerra cultural, em ações que visavam a legitimação um estado de exceção, que de fato ocorreu, no conturbado ano de 1968. Tendo isso em vista, para além de guerra cultural a favor do governo empreendida por Félix e seus sequazes, há perspectivas que apontam que a experiência de Aladino Félix, assim como de outros “contatados”, podem responder a um contexto de manipulação cultural expandido, que seria operado por forças alienígenas. Tais seres, de tempos em tempos atualizam sua roupagem, sendo a atual definida majoritariamente na figura do ser extraterrestre que domina fabulosas tecnologias, como os discos voadores.

Presente em perspectivas de uma literatura especializada em óvnis e temas correlatos, como no caso das experiências de contato, a história do contato de Aladino Félix pode ser concebida também como uma experiência de manipulação de seres outros, que se utilizariam de símbolos e elementos culturais modernos, como a ficção científica e da ufologia, assim como tradicionais, na forma de encontros oníricos especiais com personagens bíblicos, elementos que, em conjunto, estruturariam um eficaz cenário de convencimento eficaz propício à nossa época. Tais argumentos foram expostos no estudo cronológico do Capítulo II, momento em que discorreremos sobre as “narrativas de dominação/predação”, que incluem desde “parasitas mentais” até forças que manipulam a cultura, narrativas que provocaram inflexões teóricas decorrentes, que evocam, nesse caso, uma hipótese multidimensional.

Essa seria, enfim, uma perspectiva alternativa da experiência de Aladino Félix: uma pessoa corajosa, talentosa, autodidata e com uma “sensibilidade” além do comum, deparou-se com forças desconhecidas que se apresentavam como humanos de outros planetas, tecnologicamente avançados e atuantes na história na humanidade desde o princípio, como personagens narrados pela Bíblia etc. Tai seres, ao mesmo tempo que tinham um evidente traço material, apresentando-se como humanos, também se apresentaram de forma “espiritual”, momento em que o contato passou a se dar em sonhos especiais, e um novo cenário se apresenta, quando Félix recebe sua missão profética, afirmando a todos como o próprio messias.

Indo além da experiência de Félix, nesse caso, os contatados do presente e do passado estariam lidando com forças que utilizam, na criação de cenários, elementos culturais apropriados à cada época. Atraídas pelo “talento”, pela “sensibilidade”, pela “mediunidade” etc., de pessoas especiais, seriam essas cuidadosamente escolhidas, na indução de um encontro que se dá, muitas vezes, por meio de canais “extraperceptivos” (telepáticos, oníricos, incorporados etc.). Nesses estados alterados de consciência, cenários espirituais revelariam planos divinos a serem acatados, numa experiência facilmente tida como espiritual e sagrada, como no caso de Aladino Félix.

Tendo em vista aqui as inúmeras seitas criadas em torno de figuras extraterrestres, a ufologia, em especial a ufologia esotérica, seria um centro de reunião de tais ideias centrais, alimentadas por agentes propagandistas de uma agenda que defende uma submissão voluntária a novos mestres alienígenas, numa hierarquia cósmicas que conta com a especial participação do contatado pontífice, um intermediário entre humanos e extraterrestres. Em casos mais raros, a agenda estabeleceria um movimento aguerrido, que se dispõe a seguir uma política específica e em resposta ao tempo presente, como no caso de Aladino Félix, que “moveu o mundo” sob o olhar do Antigo Testamento. Como pudemos observar, o contatado brasileiro teve suas experiências no contexto do temor coletivo do cataclisma nuclear, na época do auge dos testes atômicos e da poluição radiativa. Como tal, a escatologia de Félix previa um cataclismo nuclear, devendo ele acelerar um processo, já inevitável, de crescente caos que seria oportunamente aproveitado pelo contatado, tudo isso previsto nas profecias que ele mesmo desvendou.

Contribuindo a essa linha de raciocínio, podemos sugerir que o próprio contexto cultural dos “discos voadores” em seu caráter fantástico e fugidio, da manutenção de uma parcial visibilidade, é propositalmente manipulado, no intento de criação de uma

subcultura que reconheça a existência parcial de algo “poderoso nos céus”. Como corolário, os ufólogos em suas incontáveis publicações de casos criaram uma ideia chave da presença de um mistério tecnológico e extraterreno. Em consequência, tais ações criariam um contexto de predisposição, que pavimentaria o caminho para um contato pessoal e íntimo com indivíduos isolados, que seriam selecionados como agentes portadores de uma mensagem de “seres superiores”, em que o alvo é o grande público, que acataria, mediando a liderança do mediador, a agenda alienígena, forânea e parcialmente desconhecida. Nesse caso, como sugere Suenaga, seriam os canalizadores uma espécie de agentes de “quinta coluna”, que estariam sujeitos a algum tipo de manipulação cultural por parte de forças alienígenas desconhecidas.

Por outro lado, tal característica do “contatismo” está em plena oposição à uma outra característica ainda mais marcante do fenômeno dos óvnis, que se dá no caráter intrinsecamente fugidio e sigiloso de suas “atividades”. O antropólogo Rafael Antunes Almeida os descreveu como “máquinas de fazer segredo”. Paradoxalmente, em relação aos contatados o que se dá é o contrário, como num cenário de “revelação”: os óvnis e seres extraterrestres se apresentam abertamente como seres espirituais e evoluídos, oferecendo ao contatado todo um contexto explicativo acerca dos mistérios dos discos voadores, mas também uma missão exclusiva (escrever um livro, montar uma sociedade alternativa, reformar uma religião, estabelecer um novo culto etc.). Solitário em suas experiências, os contatados elevam-se de sua posição humana, como intermediários entre extraterrestres e a humanidade.

Seguindo essa linha, Jung foi pioneiro em ressaltar que os relatos modernos sobre estranhas coisas nos céus, em toda sua expressão política, militar, cultural e psicológica, tem o privilégio de nos revelar como os mitos se formam, na ideia de estarmos a acompanhar um novo mito em gestação. Por outro lado, na experiência de contato de Aladino Félix e sua seita herética, assim como na experiência de outros contatados e outras seitas, cultos e sociedades alternativas, teríamos um exemplo agora de como as religiões são formadas. Em outras palavras, na gênese das próprias religiões tradicionais podem estar presentes também movimentos de encontro com seres outros, interessados em influir na cultura humana, por motivos distintos daquelas tradicionalmente admitidos.

Tais reflexões, próprias ao campo especializado da pesquisa sobre óvnis e temas correlatos, reforçam novamente uma característica intrínseca ao fenômeno, que se dá agora numa ideia de predação cultural sub-reptícia. No entanto, se assomarmos a tais

situações os vários casos de criação de falsos cenários de invasão alienígena, manipulação de imagens e guerra psicológica anteriormente descritos, poderemos observar um curioso quadro de manipulação cultural em que ambas as partes, humanas e alienígenas, se retroalimentariam.

Indo além de tais argumentos, em nossa cronologia presente no Capítulo II, demonstramos que a partir do final dos anos de 1960 novas reflexões apontavam que a possível explicação de “visitas extraterrestres” era insuficiente para abarcar a totalidade das novas situações que se consolidaram definitivamente ao tema. Em outras palavras, a ideia geral de que os óvnis respondessem ao contato entre civilizações extra-solares, um contexto explicativo expresso pela hipótese extraterrestre, não era absurda suficiente para compreender o fenômeno em sua totalidade. Para tentar dar um sentido geral para tais novas situações, a hipótese multidimensional foi proposta, hipótese essa que admite a realidade de múltiplas naturezas coexistentes.

Tais reflexões preveem que os canalizadores que conversam com extraterrestres não seriam diferentes daqueles outros “místicos” que conversavam com elfos e duendes no passado, tampouco divergem das experiências modernas que os médiuns relatam, assim como das experiências de sensitivos, dos feiticeiros, dos xamãs, dos sonhadores etc. Como corolário, a hipótese multidimensional propõe uma expansão da Natureza, galgando-a ao coletivo, em múltiplas camadas de realidades que coexistem. Entre essas camadas há possibilidade de transição, fato esse que os óvnis e seres alienígenas dominariam, seja pela tecnologia, seja pelos seus próprios corpos.

Por nossa vez, na atual fase da história, com a energia atômica, a humanidade marcou um espaço disruptivo próprio capaz de transpor camadas de realidades, ainda que diferente do que os óvnis fazem. Nesse caso, a “energia infinita” presente no núcleo atômico expandiu a possibilidade de admissão daquilo que é possível e a energia nuclear capacitou não só a concepção de novos mundos, mas também a própria visão dos óvnis como tal. O quadro maior que se desprende de tais interpretações e experiências é a de que a civilização hodierna, detentora de tecnologias aeronáuticas, espaciais e nucleares, acabou por se aproximar das forças alienígenas que sempre estiveram presentes na Terra, a que os povos antigos interpretavam a sua maneira, como entidades divinas, carruagens de fogo, anjos etc. Nesse momento, os discos voadores podem ser vistos como aquilo que “realmente são”: uma tecnologia avançada que tem a qualidade de ser um dos domínios

das próprias forças divinas, sobrenaturais e espirituais que os antigos se relacionaram no alvorecer das religiões.

Calcadas nas conexões entre situações insólitas do passado e do presente, a teoria de múltiplas naturezas foi desenvolvida como uma tentativa de iluminar o quadro geral de situações díspares associadas aos óvnis, presentes tanto nas “narrativas de contato” quando nas “narrativas de predação”. Por outro lado, integrado ao um mundo que abriga realidades paralelas, o ser humano também tem seu corpo expandido, o que faz dessa concepção de “múltiplas naturezas” não apenas uma hipótese, mas uma ontologia, uma experiência do ser. Podemos notar também que as reflexões de uma natureza múltipla se assemelham àquelas presentes na Antropologia, tendo em vista a *virada a ontológica*, que tem como seu mais proeminente expositor o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro.<sup>594</sup> Sintetizando um debate teórico bastante especializado presente em uma vasta literatura, a *virada ontológica* concebe que as reflexões teóricas devem se originar dos dados etnográficos de campo, ao destacar a alteridade e a diferença de forma aberta e radical, momento em que tais dados ditariam as próprias regras das reflexões teóricas, expondo uma lógica singular, alheia à academia.<sup>595</sup>

Dentro deste debate, destacamos aqui as reflexões decorrentes do contraste entre a ontologia naturalista e a ontologia animista.<sup>596</sup> Resumidamente, a ontologia naturalista prevê a existência de uma natureza única, interpretada por múltiplas culturas espalhadas pelo tempo e espaço. Em outras palavras, estamos nós acostumados a conceber uma realidade única, na forma de uma natureza imutável, em que cada cultura, à sua maneira, a interpreta de forma singular, num ambiente multicultural. Por outro lado, a concepção de uma natureza única indica seus limites na ideia do sobrenatural, aquilo que está além da natureza, que não existe, o outro desconhecido, o alienígena etc.

Já a ontologia animista, presente entre os povos e civilizações ameríndias e de outras tantas partes do planeta, concebe a “anima” (espírito, alma, razão) para além do

---

**594** VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

**595** PUGA, Felipe. Refletindo diferenças: virada ontológica e questões etnográfica. **Cadernos de campo**. São Paulo – Campinas, Unicamp, v. 30, n.2, [2021](#).

**596** Em excelente artigo, Luiz César de Sá desenvolve os processos teóricos que culminaram na *virada ontológica*, contextualizando as contribuições de seus principais autores, além de expor, de forma objetiva e clara, as diferenças presentes entre várias ontologias, especialmente entre a ontologia animista e a ontologia naturalista, momento em que o autor disserta acerca do conceito de multiculturalismo:

- DE SÁ, Luiz César. Philipe Descola e a Virada Ontológica na Antropologia. **Ilha - Revista de Antropologia**, v. 16, p. 007, [2014](#).

ser humano, incluindo aí animais, plantas, entidades outras e objetos, evocando, nesse caso, uma ideia geral de múltiplas naturezas, em que a cultura, por outro lado, seria uma propriedade universal. Logo, ao mesmo tempo que o animismo prevê a existência de múltiplas naturezas, concebe também a cultura como um imperativo universal, momento em que o ser humano pode estabelecer troca cultural com seres não humanos de toda sorte, como animais, plantas, espíritos das florestas, dos rios, dos lagos etc., o Sol, a Lua, a Terra. Resumidamente, se o naturalismo concebe uma ideia de natureza única, sob a perspectiva de múltiplas culturas que a interpretam à sua maneira, o animismo concebe uma realidade de múltiplas naturezas, em que a cultura, nesse caso, é o fator universal.

Operando em um contexto presente nas narrativas de contato, a ontologia animista responderia de forma eficaz a essas situações, pois ela prevê não somente um contexto de existencial multinaturalista, o que abrigaria várias realidades possíveis em que óvnis, humanos e alienígenas transitarium, mas também a existência de uma cultura universal, momento em que o ser humano estabelece troca cultural com não humanos. Nesse caso, a experiência narrada por canalizadores e contatados, que conversam com seres que se apresentam como extraterrestres, por exemplo, expressam, nesse caso, uma ontologia animista. Tendo isso em vista, a nossa tese é que o debate teórico próprio ao campo, presente na hipótese extraterrestre que projeta a experiência humana da exploração espacial aos óvnis, vistos aqui como possíveis visitantes de outros planetas, em debate agora com a hipótese multidimensional, em que os óvnis são fruto de uma realidade ampliada de múltiplas naturezas, é um paralelo entre as discussões presentes entre a ontologia naturalista e a ontologia animista. Nesse caso, a hipótese extraterrestre está para a ontologia naturalista assim como a hipótese multinatural está para a ontologia animista.

Em outras palavras, a nossa tese é que a hipótese multidimensional, ao incluir o próprio corpo humano numa realidade expandida, reflete, antes de uma hipótese, uma ontologia, no nosso caso, a ontologia animista. Concomitante, podemos observar um paralelo entre a discussão teórica especializada do campo com o próprio estado da arte da teoria antropológica contemporânea. E a ontologia alienígena, dando prosseguimento às reflexões do antropólogo Rafael Almeida, seria, nesse caso, a própria ontologia animista, na forma de um animismo tecnológico. Como corolário, os óvnis e os temas a eles associados podem ser facilmente abrigados numa ontologia animista, que por sua vez abriga uma ideia sofisticada de múltiplas realidades, em que a troca cultural e comunicação com seres e entidades não humanas, como dito, se faz presente.

Por fim, podemos concluir essa tese segundo a contribuição de Charles Roy Fort, que consagrou o modelo de pesquisa sobre eventos insólitos, modelo esse que alia a descrição de numerosos casos com reflexões que venham a tentar esclarecer e dar sentido a um amplo leque de situações desconcertantes. Em *O livro dos danados*, obra de 1919, conjuntamente com a ampla exposição de casos e mais casos de estranhos eventos relatados por revistas e jornais dos séculos passados, o autor tece reflexões filosóficas sobre a relação entre os “eventos danados”, tidos em conjunto, com os próprios limites da ciência, em seus domínios e em suas fronteiras, ao sugerir uma coexistência de realidades intercambiáveis, realidades paralelas essas que “o homem de ciência” por não conseguir compreender, se esforça por negar.

Nesse contexto alargado, realidades separadas, mas coexistentes, poderiam se conectar por motivos indefinidos, de forma controlada ou não, momento em que eventos insólitos de natureza diversa surgiriam, lançando daí os eventos “danados”. Nesse sentido, Fort foi um dos primeiros autores a discorrer sobre uma teoria multidimensional. Em sua época, os discos voadores ainda não tinham sido estabelecidos, e os eventos insólitos catalogados por ele, como estranhos desaparecimentos, fenômenos meteorológicos inexplicáveis, chuvas de sangue, quedas de animais, surgimento de seres fantásticos, anomalias astronômicas, objetos luminosos, objetos em forma de torpedo, luzes móveis etc., receberam o criativo conceito de “danados”, tendo em vista o debate que Fort estabelecia com o espírito científico da época. Na visão de Fort, a ciência, ao se deparar com algo que vai além do seu alcance, acaba por condená-lo, pois, assumir tais “dados danados ameaça sua estabilidade, sua soberania e suas leis.

Jacques Bergier e Louis Pauwels, que prestaram um grande tributo a Fort em *Despertar dos Mágicos*, de 1960, também teorizavam a relação que a ciência tem com os eventos insólitos das “áreas de fronteira”. Os autores afirmam que comparada às ciências naturais, que tiveram profundas mudanças de paradigmas associadas a rupturas tecnológicas, especialmente no caso da manipulação do átomo e da consequente geração “infinita de energia”, as ciências humanas estão ainda presas em paradigmas do século XIX. Incapazes de compreender o próprio “despertar da magia” pela via tecnológica, os “cientistas do espírito” hoje são, na visão de Bergier e Pauwels, igualmente cegos para considerar a validade de eventos insólitos de toda sorte, e como tal, incapazes também de filosofar a seu respeito, pois, inevitavelmente, isso incluiria de volta à História o papel de forças não humanas.



## BIBLIOGRAFIA

### a) Sobre óvnis, discos voadores, alienígenas e temas correlatos

ALMEIDA, Rafael Antunes. **“Objetos Intangíveis”**: Ufologia, ciência e segredo. 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2015](#).

ANICETO, Hélio Amado Rodrigues. **Corpos Luminosos**: Uma Operação Militar em Busca de Respostas. Rio de Janeiro: Edição do Autor, [2014](#).

ARANHA FILHO, Jayme Moraes. **Inteligência Extraterrestre e Evolução**: as especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno. 1990. 293 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ, [1990](#).

BARCELOS, Eduardo. Na Terra de Oz: os debates sobre a pesquisa de vida e inteligência extraterrestres (1959-1993). **Revista da SBHC**, n.10, p.29-42, [1993](#).

BERLITZ Charles; MOORE, Willian. **Incidente em Roswell**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BLOECHER, Ted. Report on the UFO Wave of 1947. **Nicap**, [2005](#).

BORGES, Alexandre de Carvalho. Esfriando a polêmicas sobre o caso. **Portal UFO**. 01, nov., [2002](#).

BORGES, Alexandre de Carvalho. A fraude do Caso Barra da Tijuca completou 55 anos. **Revista UFO**. 6 jun. [2010](#).

BORGES, Alexandre de Carvalho. Caso Ilha da Trindade: O que não querem que você saiba. **Além da Ciência**. 19 mai. [2015](#).

BREWER, Jack. **The Greys Have Been Framed**: Exploitation in the UFO Community. Edição do Autor, 2016.

BUHLER, Karl Walter. **O livro branco dos discos voadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BULLARD, Thomas Eddie. **Mysteries in The Eye of the Beholder**: Ufos and their correlates as a folkloric theme past and present. 617 f. Tese (Doutorado em Folclore) – Universidade de Indiana, Bloomington, [1982](#).

BULLARD, Thomas Eddie. **The Myth and Mystery of UFOS**. University Press of Kansas, 2016.

CAMARGO, Jackson Luiz. **A noite oficial dos UFOs no Brasil**. Curitiba: Biblioteca UFO, 2021.

CANTRIL, Hadley. **The invasion from Mars: A study in the psychology of the panic**. Princeton: Princeton University Press, 1940.

CARLOS, Daniel Pícaro. **Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno**. 157 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, [2007](#).

CARNEIRO, Rafaela Oliveira. **Documentos Ufológicos: o desafio para o acesso à informação**. 101 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, [2018](#).

CASTAÑEDA, Carlos Aranha. **O lado ativo do infinito: ensinamentos de dom Juan para enfrentarmos a viagem definitiva**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2004.

CHAMBERLIN, Jo. The Foo Fighter Mystery. **The American Legion Magazine**. December, [1945](#).

CHESTER Keith. **Strange Company: Military Encounters with UFOs in World War II**. San Antonio, Texas: Anomalist Books, 2007.

CLARK, Jerome; FARISH, Lucius. The Mysterious “Foo Fighters” of WWII. **Saga UFO Report**. Spring, 1975.

CLARKE David; ROBERTS Andy. **Out of The Shadows: UFOs, the Establishment and the Official Cover Up**. Piatkus, 2002.

CONCEIÇÃO, F.G.; MATEUS, E. B.; CARVALHO, M. C.; GOMES, R. F. L. **Guerra dos Mundos: A batalha de São Luís do Maranhão**. I Seminário Regional da ALAIC – Bacia Amazônica. Belém, PA, [2011](#).

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da (org.). **Outubro de 71: Memórias fantásticas da Guerra dos Mundos**. São Luís, MA: EDUFMA, [2011](#).

CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. Aspectos físicos das “Aparições Marianas” de Fátima – Sistematização e Modelização Preliminares. **Cons-Ciências**. 1ª. Edição. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, [2002](#).

CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. **O imaginário extraterrestre na cultura portuguesa: do fim da modernidade até meados do século XIX**. 687 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Porto, Porto, [2004](#)

CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da. Clones e messianismos extraterrestres. **Antropológicas**. n.8. p. 27-32. Universidade Fernando Pessoa, [2004](#).

CONDON, Edward; SULLIVAN, Walter. **Scientific Study of Unidentified Flying Objects**. New York: Bantam Books, 1969.

COVO, Claudeir. Resgatando a história da Ufologia brasileira. **Portal UFO**. 01 nov. [2002](#).

CROSS, Anne. **A confederacy of faith and fact: UFO Research and the Search for Other Worlds**. 237f. Tese (Doutorado em Sociologia) -Yale University, New Haven, 2000.

DÄNNIKEN, Erich. **Eram os deuses astronautas?** São Paulo: Melhoramentos, 55ª. Edição, 2005.

DEAN, Jodi. **Aliens in America: Conspiracy Cultures from outerspace to cyberspace**. Cornell University Press, 1998.

DINOTOS, Sábado. **O hebreu: libertador de Israel**. São Paulo: São Paulo, 1959.

DINOTOS, Sábado. **Mensagem aos judeus: o nascimento do Messias**. São Paulo: São Paulo, 1960.

DINOTOS, Sábado. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: H. J. Koersen, [1962](#).

DINOTOS, Sábado. **A Antiguidade dos Discos Voadores**. São Paulo: São Paulo [1967](#).

DICK, Steven J. Anthropology and the search for extraterrestrial intelligence: An historical view. **Anthropology Today**, v. 22, n. 2, p. 3-7, [2006](#).

DOLAN, Richard M. **Ufos and The National Security State: chronology of a Cover-up**. Chaslottesville: Hampton Roads Publishing, 2002.

DOLEMAN W. H; CAREY T. J.; SCHIMITT D. R. **The Roswell Dig Diaries**. New York: Pocket Books, 2004.

DOWNING, Barry H. **The Bible and Flying Saucers**. London: Sphere Books, 1973.

DRYSDALE, David. Alienated Histories, Alienating Futures: Raciology and Missing Time in The Interrupted Journey. **ESC: English Studies in Canada**, vol. 34, mar. [2008](#).

D`SA, Nigel. **Ambiguous Intrusions: The UFO/Alien Encounter Phenomenon and the Politics of Repression**. 28f. Dissertação – (Mestrado em Estudos Integrados). Universidade de Athabasca, Alberta, [2014](#).

DURRANT, Henry. O Livro Negro dos Discos Voadores. Difel: 1977.

FAIS, Gilson. **A ordem jurídica sob a hipótese do contato extraterrestre**. 82 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, [2014](#).

FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. A história de uma história: terrorismo extraterrestre a favor do governo, Brasil 1968. **História da Historiografia**. V.12, n. 31, set-dez, p. 209-243, [2019](#).

FARONI, Antonio de Pádua. Princípios básicos da Ufologia. **OVNI Pesquisa**. Ano 1, n.3, nov. [2018](#).

FARREL, J. P. **Roswell and the Reich: the nazi connection**. Kempton: Adventures Unlimited Press, 2010.

FAWCETT, Lawrence; GREENWOOD, Barry. **Clear Intent: The Government Coverup of the UFO Experience**. Prentice Hall Direct, 1984.

FAWCETT, Lawrence; GREENWOOD, Barry. **The UFO Cover-up: What the Government Won't Say**. Simon & Schuster, 1993.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. **Luzes misteriosas cruzam os céus da Amazônia: memória e imaginário do fenômeno Chupa-Chupa**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, [2017](#).

FERREIRA DE SOUZA, Laurimar Cabral. **As narrativas e memórias sobre o chupa-chupa em Colares e práticas educativas do ensino de História nas séries iniciais**. 78 f. Monografia (Graduação em Educação). Universidade Federal do Pará, Colares, [2017](#).

FERREIRA NETO, José Fonseca. **A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1984.

FLÓRION. **O Domínio da Consciência: Ensinamentos de Juan Matus na obra de Castañeda**. ([s.d.](#))

FONSECA, Homero. **Viagem ao planeta dos boatos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GIACONETTI, Milton José. **As luzes no céu e a Guerra Fria**. Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores 1945-1953. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, [2009](#).

GILDENBERG, B. D. A Roswell requiem. **Skeptic**, Altadena, Califórnia, vol.10, no.1, [2003](#).

GRAHAM, Robbie; ALFORD, Matthew. A History of Government Management of UFO Perceptions through Film and Television. **49º Parallel**. Vol. 25, [2011](#).

GROSS, Loren E. **Charles Fort, The Fortean Society, & Unidentified Flying Objects: A survey of the unidentified flying object mystery from August, 1895, to August, 1947**. Fremont, Califórnia: edição privada do autor, [1976](#).

GRUNLOH, Ronald. Flying Saucers. **Royal Anthropological Institute News**, n.23, p.1-4, [1977](#).

HERNÁNDEZ, Jesús. **Enigmas e Mistérios da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Madras, 2005.

HYNEK, Josef Allen. **The UFO Experience: A scientific enquiry.** Reino Unido: Abelard-Schuman, 1972.

HYNEK, Josef Allen. **Ufologia: Uma Pesquisa Científica.** Tradução: Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.

HYNEK, Josef Allen. **The Hynek UFO Report.** London: Sphere Books, 1978.

HOBANA Ion; WEVERBERGH Julien. **Les O.V.N.I en U.R.S.S. et dans les pays est.** Robert Laffont S.A., 1976.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 407.

HOHNSEE, Valdecir Luís. **Nazismo nos Pampas: a propaganda nacionalista alemã e a imprensa no RS (1930-1945).** 82 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, [2018](#).

HUERTAS, Oscar Santa Maria. Combate próximo com um OVNI. *In: KEAN, Leslie. OVNI's: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo.* Bauru, SP: Idea, 2011.

HUTCHINSON, J.; STANKUS, T.; KIMBALL, M. R. Mars, Again and Again. **Reference & User Services Quarterly**, vol.37, no. 1, pp.23-27, [1997](#).

JACOBS, David Michael. **The Controversy Over Unidentified Flying Objects in America: 1896 - 1973.** 378 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Wisconsin, [1973](#).

JACOBSEN, Annie. **Area 51: An Uncensored History of America's Top Secret Military Base.** Back Bay Books, 2012

JOHNSON, DeWayne B. **Flying Saucers: Fact or Fiction?** 348 f. Master of Art (Journalism). University of California, Los Angeles, 1950.

JUNG, Carl Gustav. **Um mito moderno.** Rio de Janeiro: Minotauro, 1961.

KEAN, Leslie. **OVNI's: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo.** Bauru, SP: Idea, 2011.

KEYHOE, Donald Edward. **The Flying Saucer Are Real.** Gold Medal Books, 1950.

KEYHOE, Donald Edward. **Flying Saucers from Outer Space.** New York: Henry Holt, 1953.

KEYHOE, Donald Edward. **The Flying Saucer Conspiracy.** New York: Henry Holt, 1955.

- KERR, Isabelle. **Flying Saucers and UFOs: An investigation into the impact of the Cold War on British society, 1950-1964.** 39 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade de Bristol, Bristol, [2015](#).
- KNIGHT-JADCZYK, Laura. *The Secret History of the World and How to Get Out Alive.* Red Pill Press, [2005](#).
- KRASPEDON, Dino. **Contato com os discos voadores.** São Paulo: São Paulo Editora, 1957.
- KRASPEDON, Dino. **A órbita da terra e a gravitação.** São Paulo: São Paulo Editora, 1959.
- LAGRANGE, Pierre. **Enquêtes sur les soucoupes volantes: La construction d'un fait aux États-Unis (1947), et en France (1951-54).** Terrain: L'incroyable et ses preuves, n. 14, p.92-112, [1990](#).
- LAGRANGE, Pierre. L'affaire Kenneth Arnold. **Communications**, 52, pp. 283-309, [1990](#).
- LAGRANGE, Pierre. **Diplomats without portfolios: the question of contact with extraterrestrial civilizations.** In: LATOUR, Bruno; WEIBEL, Peter (org.) *Making things public: Atmospheres of Democracy.* The MIT Press, [2005](#).
- LAGRANGE, Pierre. *La Guerre des mondes a-t-elle eu lieu ?* **Music et Cultures digitales**, set. [2014](#).
- LAGRANGE, Pierre. **Ovnis: ce qu'ils ne veulent pas que vous sachez.** Paris: Presses du Chatelet, 2007.
- LEMARCHAND, Guillermo A. *Developing SETI from a Developing Country in a Developing Planetary Civilization.* In: **The Significance of Negative SETI Results – A Planetary Society Workshop.** Harvard Faculty Club, Cambridge, Massachusetts, [2005](#).
- LEPSELTTER, Susan Claudia. **The flight of the ordinary: Narrative, Poetics, Power and UFOs the American Uncanny.** 299f. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of Texas Austin, Austin, [2005](#).
- LOEWEN G.V. *The post-war popular fetish of the non-human other: Ufos, aliens and ourselves.* **IJHSS**, v. 1, p. 38-45, [2011](#).
- LUCKHURST, R. *The Science-Fictionalization of Trauma: Remarks on Narratives of Alien Abduction.* **Science Fiction Studies**, vol.25, no. 1, pp. 29-52, [1998](#).
- MACHADO, Carlos Alberto. **Olhos de Dragão: reflexões para uma nova realidade.** Edição Eletrônica da Rede Brasileira de Pesquisas Ufológicas, [2016](#).
- MACHADO, Carlos Alberto. **Estranha Colheita: mutilações humanas do insólito.** São José dos Pinhais (PR): Estronho, 2018.

MACHADO, Carlos Alberto; SOARES, José Victor. **Resgate da memória ufológica brasileira (1957-1988)**. [Portal Fenomenum](#).

MARCEL, J.; MARCEL, L. **The Roswell Legacy**. Pompton Plains: The Career Press, 2009.

MARTINS, Leonardo Breno. **Contatos Imediatos: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas**. 323 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [2011](#).

MARTINS, Leonardo Breno. Ainda um mito moderno? A compreensão junguiana de experiências anômalas contemporâneas e revisitada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, vol. 31, núm. 81, pp. 445-464, Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, [2011](#).

MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências “ufológicas” e “paranormais”**. 456 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. [2015](#).

MENZEL, Donald H.; BOYD, Lyle G. **The World of Flying Saucers: a scientific examination of a major myth of the space age**. New York: Doubleday & Company, 1963.

MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. **Carlos Castañeda e a fresta entre os mundos: vislumbres da filosofia anauacah no século XXI**. Rio de Janeiro: Litteris, [2012](#).

NASCIMENTO, Felipe Idalino Vieira do. **M.I.B. à brasileira: a criação do centro de investigação de objetos aéreos não identificados da Força Aérea Brasileira (1969-1972)**. 31 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, [2018](#).

NTAHONSIGAYE, Mirella Kami. **‘Fake News Hysteria’: How an analysis of Orson Welles’ War of the Worlds broadcast can inform the issue of ‘fake news’**. (2018). 72 f. Dissertação – (Mestrado), Windsor, Universidade de Windsor, [2018](#).

OLIVEIRA FILHO, João Batista. Uma contribuição para a Psicologia Acerca do Fenômeno OVNI a partir da obra de Carl Gustav Jung intitulada “Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas nos Céus”. 44 f. TCC (Graduação em Psicologia) – Universidade Estácio de Sá, Campos dos Goytacazes, RJ, [2005](#).

OLIVEIRA, Wilson Geraldo de. **“Caso Papuda”**. Universidade de Brasília. Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. Núcleo de Estudos dos Fenômenos Paranormais. Grupos de Estudos Ufológicos, [1992](#).

OLIVEIRA, Wilson Geraldo de. **O Movimento Ufológico: reflexo da necessidade de um modelo de compreensão de realidade**. 206 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1995.

ORSI, Carlos. Os escrotos, os omissos, os deslumbrados e os furiosos. **Questão de ciência**. 12 dez., [2018](#).

PARTRIDGE, Christopher. **Alien demonology**: The Christian roots of the malevolent extraterrestrial in UFO religions and abduction spiritualities. *Religion*, v. 34, n. 3, p. 163-189, [2004](#).

PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. **O Despertar dos Mágicos**: Introdução ao Realismo Fantástico. Rio de Janeiro: 1980.

PEEBLES, Curtis. **Watch the Skies! A Chronicle of the Flying Saucer Myth**. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1994.

PEREIRA, José Carlos. OVNI's no Brasil. *In*: KEAN, Leslie. **OVNI's: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo**. Bauru, SP: Idea, 2011.

PETIT, Marco Antonio. Mais de cinco décadas depois, a verdade sobre o UFO em Trindade. **Portal UFO**. 01, aug., [2011](#).

PILKINGTON, Mark. **Mirage Man: A Journey in Desinformation, Paranoia and UFOs**. Londres: Constable & Robinson, 2010.

POOLEY, J.; SOCOLOW, M. The Myth of the *War of the Worlds* Panic. **Slate Magazine**, out. [2013](#).

POWELL, Martin J. The Trindade Island UFO: a detailed study of photos 1 and 2. **Unopened Files**, n. 11, [1999](#).

PRINTY, Tim. UFO over Trindade Island: details overlooked or ignored. **Tim Printy's web site**, jun. [2004](#).

PRINTY, Tim. UFO over Trindade Island: trick or truth? **Tim Printy's web site**, jun. [2004](#).

RAAD, Mariana. A Noite. **Revista Força Aérea**. Rio de Janeiro: n. 43, ago. [2006](#).

RAMO y AFONSO, Ana Maria. **O corpo Xamã e a Passagem de Carlos Castañeda**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, [2008](#).

REIS, Carlos Alberto. O imaginário e a crença extraterrestre: um estudo transdisciplinar. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n. 21, 1º s., pp. 44-57, [2018](#).

REIS, Josué. Os 13 óvnis de Lins: seria nossa cidade desejada por extraterrestres? **Solutudo** – A cidade em detalhes. 21 jan. [2022](#).

RENARD, Jean-Bruno. The wild man and the extraterrestrial: two figures of evolutionist fantasy. **Diogenes**, v. 32, p. 63-81, [1984](#).

RIMMER, John. The Trindade Island case: multiple witnesses or wishful thinking? **Magonia Supplement**, n. 44, 03 dec. [2002](#).

ROBERTS, Andy. Schweinfurt: A Mystery Solved? **UFO Brigantia**. July, [1990](#).



ROBERTS, Andy. WW II Document Research (In search of “Foo-Fighters”). **UFO Brigantia**. July [1990](#).

ROBERTS, Andy. Foo Fighters: the story so far. **Project 1947**. 10 nov. [2011](#)

ROSSO, Maria Fernanda Pereira. **A publicização dos arquivos ultrassecretos no Brasil**: o caso dos arquivos de ufologia à luz do direito à informação. 100 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, [2012](#).

RUPPELT, Edward James. **Discos voadores**: relatório sobre objetos aéreos não identificados. São Paulo: Difel, 1959.

SANAROV, Valerii. On the nature and origin of flying saucers and little green men. **Current Anthropology**, v. 22, n. 2, p. 163-167, [1981](#).

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos Discos Voadores**: Guerra Fria, Imprensa e Ciência no Brasil (1947-1958). 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, [2009](#).

SCHRAMM, João Francisco. **A Alteridade Alienígena no Discurso Militar**. 76 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, [2011](#).

SCHRAMM, João Francisco. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986)**: segredos, tecnologias e guerras não convencionais. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS, Universidade de Brasília, Brasília, [2016](#).

SCHRAMM, João Francisco. Uma análise do estado da arte das pesquisas sobre fenômenos aéreos não identificados: limites, tendências e contribuições epistemológicas. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 34, p. 39–63, [2019](#).

SCULLY, Frank. **Behind the Flying Saucers**. New York: Henry Holt and Company, 1950.

SHOUGH, Martin. The Trindade Island photographs: a preliminary study of cloud displacements. **Martin Shough website**, feb. [2004](#).

SHOUGH, Martin. **The Singular Adventure of Mr. Kenneth Arnold**. Edição privada do autor, [2010](#).

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A Dialética do Real e do Imaginário**: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI. 396 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP [1999](#).

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **Contatados**: Emissários das estrelas, arautos de uma nova era ou a quinta coluna da invasão extraterrestre? Campo Grande: Biblioteca UFO, 2007.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **50 Tons de Greys**: Casos de abduções alienígenas com relações sexuais. Curitiba: Coleção Biblioteca UFO, 2018.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. Os 70 anos das fotos do disco voador na barra da Tijuca e do início da Era Moderna dos Discos Voadores no Brasil. **Site oficial de Cláudio Suenaga**. 15 mai. [2022](#).

SWORDS, Michael; POWELL, Robert. **UFOs and Government: A Historical Inquiry**. Anomalist Books, 2012.

TABARÉS, Salvador Freixedo. **Israel, pueblo contacto**. La Regla de Oro, [2016](#).

TABARÉS, Salvador Freixedo. **La granja humana**. Diversa, [2014](#).

TABARÉS, Salvador Freixedo. **Ovnis y dioses depredadores**. Madrid: Contrastes, [1995](#).

TABARÉS, Salvador Freixedo. **¡Defendámonos de los dioses!** Diversa, [2015](#).

THOMPSON, Keith. **Angels and aliens: UFOs and the mythic imagination**. Addison Wesley Publishing Company, 1993.

TOSELLI, Paolo. **University UFO Theses & Dissertations, 1948-2016**. [1948-2016](#).

UCHÔA, Alfredo Moacyr de Mendonça. **Além da parapsicologia: 5º. e 6º. dimensões da realidade**. Horizonte, 1968.

UCHÔA, Alfredo Moacyr de Mendonça. **A parapsicologia e discos voadores: o caso Alexânia**. Grupo de Expansão Cultural, 1973.

VALÉE, Jacques. **Passport to Magonia: from folklore to flying saucers**. Daily Grail Publishing, [2014](#).

VALLÉE, Jacques Fabrice. **Dimensions: A Casebook of Alien Contact**. Anomalist, [2013](#).

VALLÉE, Jacques Fabrice. **Confrontations: A Scientist's Search for Alien Contact**. Anomalist, [2015](#).

VALLÉE, Jacques Fabrice. **Revelations: Alien Contact and Human Deception**. Anomalist, [2015](#).

VALIM, Alexandre Busko. “Os marcianos estão chegando!”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 3, [2005](#).

WEAVER, R. L.; MCANDREW, J. **The Roswell Report: Fact versus Fiction in the New Mexico Desert**. U. S. Government Printing Office, 1995.

WENDT, Alexander; DUVALL, Raymond. Sovereignty and the UFO. **Political Theory**. Vol. 36, n. 4, ago. [2008](#).

WENDT, Alexander; DUVALL, Raymond. Agnosticismo Militante e o Tabu dos OVNIs. *In*: KEAN, Leslie. **OVNIs: Militares, pilotos e o governo abrem o jogo**. Bauru, SP: Idea, 2011.

WENNERGREN, Emil Earl. **The “Flying Saucer” Episode**. 147 f. Master of Art (Journalism). State University of Iowa, 1948.

WORTMAN, Anna. The Roswell Myth in the FBI Files: Aliens, Ufos, and the Cold War. **Polish Journal for American Studies**, no.1, 99 181-190, [2004](#).

ZIEGLER, C. A. UFOs and the US intelligence community. **Intelligence and National Security**, Vol. 14, No. 2, pp 1-25, [1999](#).

## BIBLIOGRAFIA

### b) Sobre assuntos diversos

ALVES, Ruy José Válka. **Ilha da Trindade & Arquipélago Martin Vaz: Um Ensaio Geobotânico**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, [1998](#)

ARGOLO, José; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luiz Alberto Machado. **A direita explosiva no Brasil: A história do Grupo Secreto que aterrorizou o País com suas ações, atentados e conspirações**. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

ARRAES, Virgílio Caixeta. **A República e o Imperialismo: a posse pela ilha da Trindade (1895-1896)**. 117 f. Dissertação – (Mestrado em História). Universidade de Brasília, 1998.

ASH, E. A. A seleção de alvos com o intuito de provocar terror: o moral da história. **Air Space Power Journal em Português**. 2º. Trimestre, [2001](#).

BANDEIRA, Moniz. Pentágono quis invadir o Brasil. **Deutsche Welle Especial: um conflito que mudou o mundo**, 4 fev. [2005](#).

BELLINTANI, Adriana Iop. A Aviação no Campo dos Afonsos no período entreguerras: missão militar francesa, instrução e disputa pelo mercado aéreo brasileiro. **Revista da Unifa**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 5 – 13, jul./dez./ [2019](#).

BENAYON, Adriano. **Globalização versus Desenvolvimento: o jogo das empresas transnacionais – ETNs – e a periferação por meio dos investimentos diretos – IDEs**. Brasília: LGE, 1998.

BOYD, John; WARDEN, John. A Busca da Paralisia Estratégica pelo Poder Aéreo. **Air Space Power Journal em Português**. 1º Trimestre de [2001](#).

BOWART, W. H. **Operation Mind Control: Our Secret Governments's War Against Its Own People**. New York: Dell, 1978.

BURR, William. U.S. Cold War Nuclear Targets Lists Declassified for First Time. **The National Security Archive**. 22 dez. [2015](#).

BRESLIN, Vincent C. **History and Lineage of the F-117 Stealth Fighter**: Office of History, Headquarters, 37<sup>TH</sup> Fighter Wing, Twelfth Air Force, Tactical Air Command. December, [1991](#).

BRUNO, Giordano. On the Infinite Universe and Worlds. 1584.

CAMPAGNA, Palmiro. **Storms of Controversy: The Secret Avro Arrow Files Revealed**. Toronto: Stoddard Publishing, 1992.

CAMPAGNA, **Palmiro Requiem for a Giant: A. V. Roe Canada and the Avro Arrow**. Toronto: Dundur Press, 2003.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção.** Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CLARK, Alan. **Aces High: The War in the Air over the Western Front 1914-18.** London: Cassel & Co., 1999.

COLLINS, Anne. **In the Sleep Room: The Story of CIA Brainwashing Experiments in Canada.** Toronto: Lester & Orpen Dennys, 1988.

**Completing Your Dissertation Without Tears.** Columbia [University](#).

DE SÁ, Luiz César. Philippe Descola e a Virada Ontológica na Antropologia. **Ilha - Revista de Antropologia**, v. 16, p. 007, [2014](#).

**Dissertation and Long Essay Guidelines for undergraduate and postgraduate taught students.** King's College, [London](#).

DUFFY, James P. **Target: América: Hitler's plan to attack the United States.** Westport: Praeger Publishers, 2004.

FERNANDES, Ananda Simões. **A reformulação da Doutrina de Segurança Nacional pela Escola Superior de Guerra no Brasil: a geopolítica de Golbery do Couto e Silva.** Londrina: Antíteses, vol.2, jul-dez. [2009](#).

FOLLY, Martin H. **The Palgrave Concise Historical Atlas of the Second World War.** New York: Palgrave Macmillan, 2004.

FOLTYNOVA, Kristyna; COLEHO, Carlos. **Weapon Of Last Resort: How The Soviet Union Developed The World's Most Powerful Bomb.** **Radio Free Europe**. 29 out. [2021](#).

GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GATO-RIVERA, Beatriz. **Brane Worlds, the Subanthropic Principle and the Undetectability Conjecture.** **Physics**, [2003](#).

GUTIERREZ, Brian. **Por que os Estados Unidos detonaram uma bomba nuclear do espaço.** **National Geographic Brasil**, 21 jul. [2021](#).

HAM, Paul. **Hiroshima Nagasaki.** New York: Harper Collins, 2011.

HERWIG, Dieter.; RODE, Heinz. **Luftwaffe Secret Projects – Strategic Bombers 1935-1945.** Leicester: Midland, 2000.

HIPPLER, Thomas. **Bombing the People.** Giulio Douhet and the Foundations of Air Power Strategy, 1884-1939. Cambridge University Press, 2013.

**History Dissertation Guide.** University of Sussex, [2014](#).

- HOLLANDA, Haroldo. A Ciência Enfrenta o Átomo: Na Ponta dos Dedos de uma Padre Cresce o Gráfico da Morte. **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, no. 80, [1959](#).
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales Vilar. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HOUGAN, Jim. Jim Jones, Dan Mitriane and the Peoples Temple. **Investigative Notes**, 3 jul. 2011.
- HOWARD Michael E. O Conceito de Poder Aéreo: Uma Avaliação Histórica. **Air Space Power Journal em Português**, 4º Trimestre [1996](#).
- KEMPE, Frederick. **Berlin 1961: Kennedy, Khrushchev, and the Most Dangerous Place on Earth**. G.P. Putnam's Sons, 2011.
- KINZER, Stephen. **Poisoner in Chief: Sidney Gottlieb and the CIA Search for Mind Control**. Henry Holt & Cia, 2019.
- KISSINGER, Henry Alfred. **Política externa americana**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1969.
- LAMARÃO, Sérgio. **Revolta de Jacareacanga**. Verbete FGV – [CPDOC](#).
- LEE, Martin; SHLAIN, Bruce. **Acid Dreams: The Complete Social History of LSD: The CIA, the Sixties, and Beyond**. New York: Grove Press, 1985.
- LIMA, E. M. L.; ALMEIDA, P. R.; FARIAS, R. S (orgs.). **Oswaldo Aranha: Um estadista Brasileiro**. Brasília: Funag, [2017](#).
- LIMA, R. M. **Senta a pua!** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- LOFTIN, L. K. Jr. **Quest for Performance: The Evolution of Modern Aircraft**. [NASA SP-468](#).
- MACHADO, Ricardo de Jesus. Multinaturalismo e Perspectivismo Ameríndio. **Elaborado por Antropofagias**, [2020](#).
- MAKLOUF, Luíz. **Cobras Criadas**. São Paulo - SP: Senac, 2004.
- MARTINS, Noberto António Bigares de Melo Alves. **O Messerschmitt Me 262: Um novo paradigma na guerra aérea (1944-1945)**. 180f. Tese (Mestrado em História Militar) – Universidade de Lisboa, [2016](#).
- MARQUES, M.; MAGALHÃES, P.; OLIVEIRA, F. Hidrogeomorfologia da Ilha da Trindade: a única rede hidrográfica permanente nas ilhas oceânicas brasileiras. **Revista Brasileira de geomorfologia**, v.20, n. 2, [2019](#).
- MCANDREW, J. **The Roswell Report: case closed**. Military Bookshop, [2011](#).
- MCCRABB, Maris. Drohende Gefahrwest. A Campanha Aérea que Precedeu a Normandia. **Air Space Journal em Português**, 1º trimestre, [1995](#).

MEDEIROS, Carlos Aguiar. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: FIORI, José Luís Fiori. **O poder americano**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, [2004](#).

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e pânico**: a Guerra dos Mundos 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.

MEILINGER, Phillip - Dez proposições referentes ao Poder Aéreo. **Air and Space Power Journal em Português**. 1º Trimestre [1996](#).

MICHEL, Marshall. F-104: Germany's 'Widow Maker'. **Spangdahlem Air Base**, jun., [2015](#).

MIR, José Luís Garcia. **A revolução impossível**: a esquerda e a luta armada no Brasil. São Paulo: Best Seller, 1994.

MOTTA, João Eduardo Magalhães. **Emprego estratégico do poder aéreo**. Rio de Janeiro: Incaer, 2001.

MYHRA, David. **Sack AS 6**: Source of Nazi Germany UFO Claims? RCW Technology S&S, Livro Digital, 2012.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.16, no.46, São Paulo, junho, 2001.

NEGRI, Fernanda De; SQUEFF, Flávia Holanda Schmidt. Investimentos em P&D do Governo Norte-Americano: evolução e principais características. **Radar**, n. 36, dez. [2014](#).

OLIVEIRA, Wagner Eduardo Melo. Liderança Militar: Elemento Valorizador da Doutrina do Poder Aeroespacial. **Air Space Power Journal em Português**, 2o. Trimestre, 2007.

OUSLEY, Clayton. **Operation Fortitude South**. 34 f. Monografia – (Graduação em História), Ohio, Notre Dame College, 2012.

PECHMAN, Robert. **Antônio Alves Câmara Júnior**. [FGV – CPDOC](#).

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Antropologia no Brasil: (Alteridade Contextualizada). In: MICELI, Sergio (org.) **O Que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré: Anpocs, Brasília, DF, [1999](#).

PIERUCCI, Antônio Flávio; *et al.* **História Geral da Civilização Brasileiro**. Tomo III. O Brasil republicano, v. 11: economia e cultural (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

PODER NAVAL. NE/NOc **Almirante Saldanha** – U 10/ H 10 Classe [Almirante Saldanha](#).

- PUGA, Felipe. Refletindo diferenças: virada ontológica e questões etnográfica. **Cadernos de campo**. São Paulo – Campinas, Unicamp, v. 30, n.2, [2021](#).
- QUADRO, Vasconcelo. Documentos apontam que regime militar sabia de ataques de grupo de direita. **UOL Notícias**, 1 de out. [2018](#).
- QUADRO, Vasconcelo. Primeiros atentados que justificaram AI-5 partiram de militares, revelam documentos. **Aventuras na História**, São Paulo, 3 out. [2018](#).
- RAIMOND, E. Etymology of “Foo”. **Open Source Initiative**. 1 abri. [2001](#).
- RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- REZNIK, Luís. **Democracia e segurança nacional: a polícia política no pós-guerra**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ROLIM Tácito Thadeu Leite. **“Giram os *Sputniks* nas Alturas, Ferve a Imaginação nas Planuras”**: a ciência e o bizarro no Ceará em fins da década de 1950. 2006. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, [2006](#).
- ROLIM Tácito Thadeu Leite. A Operação “Argus” (1958) e as controvérsias sobre a ocorrência de testes atômicos no Nordeste brasileiro. **Tempo**. Vol. 14, n. 28, pp. 85-99, [2010](#).
- ROLIM Tácito Thadeu Leite. **Brasil e Estados Unidos no contexto da “Guerra Fria” e seus subprodutos**: Era Atômica e dos Mísseis, Corrida Armamentista e Espacial, 1945-1960. (2012) 336 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, [2012](#).
- ROSA, Carlos E V. **Estratégias Aéreas Fundamentais na Experiência Histórica do Emprego do Poder Aéreo**: A influência dos alvos, dos princípios de guerra e das funções do poder aéreo nas estratégias aéreas desenvolvidas nas operações *Pointblank*, *Strangle e Rolling Thunder*. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Aeroespaciais) – Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro [2016](#).
- SANDERS, Cristian J., *et al.* Assinatura da Deposição Atmosférica de Testes Nucleares em Sedimentos da Costa Brasileira. **Química Nova**, vol. 35, No. 6, [2012](#).
- SCHICK, Walter; MEYER, Ingolf. **Luftwaffe Secret Projects – Fighters 1939-1945**. Leicester: Midland, 1997.
- SCHRAMM, João Francisco. **Aspectos gerais de elaboração de uma peça acadêmica em História**. Universidade de Brasília, [2018](#).
- SCHRAMM, João Francisco. O domínio do ar: surgimento, impacto e evolução do poder aéreo nas duas grandes guerras mundiais. **Revista da Unifa**, 32 (2), 46, [2019](#).
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. Companhia das Letras, 2015.



SCHWARTZ, A. Brad. **Broadcast Hysteria: Orson Welles's War of the Worlds and the Art of Fake News.** New York: Hill and Wang, 2015.

SIQUEIRA, Mauro Barbosa. **Poder Aeroespacial Brasileiro: dissuasão e segurança, coerção militar e defesa.** 2012. 70f. Monografia (Diploma CAEPE) – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, RJ, [2012](#).

SIQUEIRA, Mauro Barbosa. **Emprego eficaz do Poder Aéreo: elemento sinérgico às operações combinadas.** Air Space Power Journal em Português, 4o. Trimestre 2008.

SPENCER, John. **Phenomenon: From Flying Saucers to UFOs: Forty years of facts.** Macdonald, 1988.

STEWART, Greig. **Shutting down the national dream.** Whitby, Ontario: McGraw-Hill-Ryerson, 1988.

STEWART, Greig. **Arrow Through the Heart: The Life and Times of Crawford Gordon and the Avro Arrow.** Toronto: McGraw-Hill-Ryerson, 1998.

STURMA, Michael. **Aliens and Indians: A comparison of abduction and captivity narratives.** The Journal of Popular Culture, v.36, n.2, p.318-334, 2002.

SWANBOROUGH, Gordon; BOWERS, Peter. **United States Navy Aircraft: since 1911.** London: Conway Maritime Press, 1990.

TAVARES, E. S. **Operation Fortitude: The Closed Loop D-Day Deception Plan.** Alabama: Maxwell Air Force Base, 2001.

TOMÉ, António Joaquim Viana de Almeida. **O domínio aeroespacial nas manifestações de poder: efeitos nas relações internacionais.** 2009. 369 f. Tese (Doutorado em Ciência Política e Relações Internacionais). Faculdade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, [2009](#).

TOTA Antonio Pedro; César Campinani Maximiano; Adriano Maragoni. **A Guerra em Surdina de Boris Schnaiderman: Uma entrevista e algumas interferências.** Projeto História, São Paulo, (30), p.327-342, jun. [2005](#).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WARD, Rufus. **Columbus Chronicles: Tales from East Mississippi.** Charleston: The History Press, 2012.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Martin Claret, 2013.

WELLERSTEIN, Alex. **The First Atomic Stockpile Requirements (September 1945).** Restricted Data. The Nuclear Secrecy Blog. 9 mai. [2012](#).

WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida (Orgs.). **A Conquista do Espaço: do Sputnik à Missão Centenário.** São Paulo: Livraria da Física, 2007.

SBEDV. Boletins da Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores. [\(1955 – 1988\)](#).

Boletim Informativo do Geceam (Grupo de Estudos Científicos e Esotéricos do Amazonas). [1983](#).

**Brasil: nunca mais.** Projeto Arquidiocese de São Paulo. Tomo II, Vol. I, p.152, [1985](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. Caso barra da Tijuca: imagens fotográficas. [1952](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. **Caso barra da Tijuca: reconstituição das trajetórias pelas fotografias.** [1952](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. **Forte luminosidade, com alta velocidade, observada em voo da VARIG, prefixo VRB: relato da tripulação.** [1954](#).

BRASIL. Marinha do Brasil. Relatório de Fim de Comissão. Postos Oceanográfico da Ilha da Trindade. Período de 1º. de novembro de 1957 a 16 de janeiro de [1958](#).

BRASIL. São Paulo. Departamento de Ordem Política e Social. **Roteiro de Inquérito do Dops/SP (P. 055/69)**. São Paulo, 18 dez. 1968.

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Quartel General da 4º. Zona Aérea. Centro de Informações. **Aladino Félix (Sábado Dinotos)**. 07 jan. [1969](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. 4º. Zona Aérea. **Boletim Cioani**. Mar. [1969](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. 4º. Zona Aérea. **Boletim Cioani**. Ago. [1969](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando da 2º. Zona Aérea. Divisão de Informações de Segurança. **Informe complementar sobre objeto estranho avistado em Varginha e que seguiu em direção a Três Corações - MG.** [1971](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando da 2º. Zona Aérea Divisão de Informações de Segurança. Discos voadores: avistamento de objeto não identificado sobre Recife e Olinda. [1971](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica; Comando da 3ª Zona Aérea - Divisão de Segurança. **Rádio Difusora de S. Luís/MA**. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro – AERJ. 8 dez. 1971

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando da 4º. Zona Aérea. Quartel General. Divisão de Proteção ao Voo. **Relatório de ocorrência de óvni em Pirassununga – SP.** 15 dez. [1972](#).

---

<sup>597</sup> Para acessar os arquivos digitalizados no Arquivo Nacional é necessário que o navegador da web esteja com o acesso aberto, por meio de login, ao sistema do Arquivo Nacional.

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Centro de Instrução de Helicópteros. Seção de Informação de Segurança. **Objeto Voador Não Identificado**: relatório sobre avistamento na estrada Rio/Bahia, próximo à região de Realeza-MG, 6 ag. [1972](#).

BRASIL. Ministério do Exército. Comando do 2º. Exército. **Pedido de Busca no. 238/75**, 13 jun. [1975](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. **Dossiê sobre o I Simpósio Internacional de Ufologia**, [1975](#).

BRASIL. Força Aérea Brasileira. Documento Arquivado da SPIPDV (Sociedade Pelotense de Investigação e Pesquisa de Discos Voadores). **Extraído do úbere de uma vaca, de forma estranha. Estranha morte de um cordeiro**. Pelotas, out. [1975](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. **Nota C-002/Min/Adm/130478**. 13 abr. [1978](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Ofício no. 191/ISC/C-554 Circular. 25 jul. [1978](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Cindacta I. **Casos conhecidos de óvnis registrados pelo Cindacta I**. 21 mai. 1977 a 23 ago. [1978](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. I Comando Aéreo Regional. 2º. Seção do Estado Maior. **Registro de Observações de OVNI**. [1977-1978](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Relatório de Ocorrência**. 2 jun. [1986](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Fita cassete nº 5/16: registro de movimentos aéreos não identificados**. 19 mai. [1986](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Fita cassete nº 8/16: registro de movimentos aéreos não identificados**. 19 mai. [1986](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Informe no. 127/400/88. **1º. Congresso Internacional de Ufologia**. 15 ago. [1988](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando-Geral do Ar. Aviso Ministerial. **Registro sobre OVNI**. 28 fev. [1989](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Voo. **Diretriz Específica 04/98**. 21 ago. [1989](#).

BRASIL. Estado do Amazonas. Polícia Civil do Amazonas. Delegacia de Polícia de Boa Vista do Ramos. **Requisição de Exame**. 29 nov. [1995](#).

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Comando Aéreo de Defesa Aérea. **Relatório de Ocorrência**. 2 jun. [1986](#).

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Defesa Espacial. **Resumo Estatístico de OVNI (Objetos Voadores Não Identificados)**. 09 fev. [2001](#).

BRASIL. Serviço Nacional de Informações. Agência de Belém. **Informação no. 1802/320/ABE/77.** Objetos Voadores Não Identificados – OVNI. 29 nov. [1977](#).

UNITED STATES. Shaef. Main Echelon. War 68184. **Foo Fighters.** Versailles, France. 2 jan. [1945](#).

UNITED STATES. Headquarters XII Tactical Air Comand. **Night Phenomenon.** 16 jan. [1945](#).

UNITED STATES. Headquarters XII Tactical Air Comand. **Night Phenomenon.** 23 jan. [1945](#).

UNITED STATES. Air Staff. Shaef. Ref. 37453. **Night phenomenon.** 11 fev. [1945](#)

UNITED STATES. Air Staff. Shaef. AIR/T8.37153/A-2 **Night Phenomena.** 11 fev. 1945.

UNITED STATES. Air Staff. Shaef. 111/45/DDI2. **Balls off fire-red.** 13 mar. 1945.

UNITED STATES, General Accounting Office. **Results of a search for records concerning the 1947 crash near Roswell, New Mexico.** U. S. General Accounting Office, [1995](#).

UNITED STATES. Defence Nuclear Agency. **Operation Argus 1958.** Washington, DC, [1982](#).

UNITED STATES. War Department. General Staff. Army observer's report of Operation Highjump: Task Force 68, U.S. Navy. Set. 1947.

NARA. **Records of the Office of the Chief of Naval Operations.** Plans, Orders & Related Documents, CINCLANT Oct 1941 to Dec 1942, Box 16. Rubber Plan, 1942.

Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores. **Boletim Informativo no. 2.** Rio de Janeiro, 15 jan. [1958](#).

Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores. **Boletim Informativo no. 4.** Rio de Janeiro, 1 jul. [1958](#).

The Cometa Report. **Ufos and Defense: What Should We Prepare For?** COMETA, [1999](#).

## FONTES JORNALÍSTICAS

Completamente limpa de japoneses a estrada da Birmânia. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 23 jan. [1945](#).

Desaparecido o general Ramey. Correio da Manhã. **Rio de Janeiro**: 4 abri. [1945](#).

Notas e Notícias. **Correio do Povo**. Santa Catarina: 4 abr. [1946](#).

Última Prova Com a Bomba Atômica na História do Mundo. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 20 jul. [1946](#).

Bikini. **A Noite**: Suplemento: Secção de Rotogravura. Rio de Janeiro: 23 jul. [1946](#).

Na data fixada a experiência da bomba atômica. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro: 30 jun. [1946](#).

RAAF Captures Flying Saucer On Ranch in Roswell Region. **Roswell Daily Record**. New Mexico: 8 jul. [1947](#).

Verdadeira Chuva de Discos Voadores. **A Noite**. Rio de Janeiro, 9 jul. de [1947](#).

Continua em mistério os supostos “Discos Voadores”. **Correio Paulistano**. São Paulo: 10 jul. [1947](#).

Em poder do Exército os “Discos Voadores”. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco: 10 jul. [1947](#).

Misteriosos “discos” voam sobre os EE.UU. **Jornal do Comércio**. Amazonas: 10 jul. [1947](#).

O caso misterioso dos discos voadores. **O Acre**. Acre: 20 jul. [1947](#).

Volta ao mundo sem escalas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 3 mar. [1949](#).

O dia em que a Terra parou. **Correio Paulistano**. São Paulo: 17 jul. [1952](#).

Discos, Rússia, Força Aérea. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: n.º. 47, 6 set. [1952](#).

Um disco voador esteve em minha casa... **O Mundo Ilustrado**. Rio de Janeiro: n.º 93, 10 nov. [1954](#).

O tesouro da ilha sem nome: os morcegos atacam à luz dos refletores. **Tribuna de Imprensa**. Rio de Janeiro: 20 mar. [1956](#).

A maldição dos jesuítas e o massacre dos tapuias. **Tribuna de Imprensa**. Rio de Janeiro: 21 mar. [1956](#).

O homem da camisa listrada e a ilha sem nome. **Tribuna de Imprensa**. Rio de Janeiro: 22 mar. [1956](#).

O tesouro da ilha sem nome: desapareceu na gruta o homem de sapatos de corda. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 23 mar. [1956](#).

Ontem e Hoje. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 12 jul. [1957](#).

Contato com os Discos Voadores. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro: 18 jul. [1957](#).

Várias. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 18 jul. [1957](#).

Além de visitar o disco recebeu o comandante em casa, para um almoço!.... **O Globo**. Rio de Janeiro: 28 ago. [1957](#).

A terrível missão dos “discos voadores”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 16 nov. [1957](#).

Cientistas Brasileiros Manifestam-se Contra as Explosões Nucleares. **Voz Operária**. Rio de Janeiro: 11 jan. [1958](#).

Estado Maior ignora a presença de discos. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Nada tem a Marinha com o “disco voador”. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Marinha de Guerra fotografou disco voador sobre Trindade. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Juscelino perplexo diante das fotos do disco voador. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Céticos, os astrônomos Madeira e Gama expendem suas opiniões. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Sigilo absoluto na Marinha em torno do disco voador. **O Globo**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Não houve surpresa para o Serviço Secreto da Marinha. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Perdi duas chapas, pois estava bastante nervoso. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Por três vezes, o “Disco-voador” passou sobre a Ilha da Trindade! **Última Hora**. Rio de Janeiro, 21 fev. [1958](#).

14 segundos foi o tempo que tive para fotografar o “disco-voador”! **Última Hora**. Rio de Janeiro: 21 fev. [1958](#).

Balões de sondagem os supostos discos voadores. **O Dia**. São Paulo: 21 fev. 1958.

“Disco-voador” sobre a ilha da Trindade. **Folha da Tarde**. São Paulo: 21 fev. 1958.

Marinha nada dirá sobre disco voador. **Diário Popular**. São Paulo: 21 fev. 1958.

Fotografado um “estranho objeto” que sobrevoou a ilha da Trindade. **Folha da Manhã**. São Paulo: 21 fev. 1958.

Disco-voador da Trindade já aparecera em 54 numa outra fotomontagem. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 23 fev. [1958](#)

Apocalipse. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 23 fev. [1958](#).

Nota oficial cita “estranho objeto visto sobre Trindade”. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 23 fev. [1958](#).

Navio naufragado há meio século localizado na costa de Cabo Frio. **O Globo**. Rio de Janeiro: 24 fev. 1958.

Deputado quer desvendar sigilo do disco voador. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 27 fev. [1958](#).

Ameaçado de morte homem que teve contato com disco-voador. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 28 mar. [1958](#)

Deputado diz que as fotos eram de objeto luminoso que não foi identificado. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 15 abr. [1958](#).

Inquérito da Marinha confirma existência do disco voador sobre a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 16 abr. [1958](#)

Disco Voador: Câmara não pode divulgar relatório. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 17 abr. [1958](#).

Repórter nega contato com disco voador. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 17 abril. [1958](#).

Necessário Programa Nacionalista no Setor Atômico. **Voz Operária**. Rio de Janeiro: 31 mai. [1958](#).

Teleguiado Americano ou “Disco-Voador” Teria Explodido Ontem Sobre o Ceará! **Última Hora**. Rio de Janeiro: 28 jun. [1958](#).

Interviriam na terra para impedir uma guerra atômica. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 6 jul. [1958](#).

Revelações que destroem as mais ousadas teorias. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 8 jul. [1958](#).

Uma “Sociedade Brasileira Sobre Discos Voadores” dá Conselhos (Sérios) Sobre o Misterioso Assunto. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 10 jul. [1958](#).

Testemunhos que atestam a existência de aeronaves. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 11 jul. [1958](#).

Não se deve temer o contato com seres de outros mundos. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 22 jul. [1958](#).

Padre católico, por 2 vezes, em contato com marcianos. **O Jornal**. Rio de Janeiro: 31 jul. [1958](#).

Radiation and Geomagnetic Phenomena Probed and Revealed by Test Outlined. **The New York Times**. New York: 19 mar. 1959.

3 Atomic Devices Detonated 300 Miles Up. **The New York Times**. New York: 19 mar. 1959.

Senador dos EUA aponta os perigos da “Operação Argus”. **Correio Paulistano**. São Paulo: 21 mar. [1959](#).

Relatório detalhado da “Operação Argus”. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: 26 mar. [1959](#).

Bomba Atômica no Nordeste: Cientistas Vão Dizer Tudo! **Última Hora**. Rio de Janeiro, 07 abri. [1959](#).

Pânico: Bombas Jogadas Nos Céus do Nordeste Ameaçam Milhões de Vidas! **Última Hora**. Rio de Janeiro: 08 de abr. [1959](#).

Cientistas Alarmados: Poeira Atômica Ameaça Destruir a Vida no Nordeste! **Última Hora**. Rio de Janeiro: 9 de abri. [1959](#).

Se Houver Hecatombe Nuclear Insetos Serão Reis do Mundo. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 13 abri. [1959](#).

Explosões Nucleares nos Céus do Brasil. **O Semanário**. Rio de Janeiro, 16 a 22 abr. [1959](#).

Explosões Atômicas Ianques Envenenam os Céus do Brasil. **Novos Rumos**. Rio de Janeiro: 17-23 abri. [1959](#).

Radiações Nucleares: Cientistas Falarão Hoje, no Simpósio. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 16 jun. [1959](#).

Cientistas Fariam Recomendações Sobre Efeito Nocivo de Radiação. **Correio da Manhã**. 18 de jun. [1959](#).

Físicos Paulistas Pedirão Novamente Cessação das Experiências Nucleares. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 20 jun. [1959](#).

Aumento de 1.400% na Radioatividade: Cientistas Brasileiros Debateram os Efeitos Biológicos das Radiações Nucleares – 4% das Crianças Já Nasceram Afetadas. **Novos Rumos**. Rio de Janeiro: 26 jun. a 2 jul. [1959](#).

A Explosão do Disco Voador. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 16 abr. [1960](#).



A Terra Vai Parar. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 2 set. [1964](#).

Discos Voadores. O Estado de São Paulo. São Paulo: 3 set. [1964](#).

Amostras de Nostradamus. **Diário Carioca**. **O máximo de jornal, no mínimo de espaço**. Rio de Janeiro: 15 out. [1965](#).

Profecias de Nostradamus. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 9 mar. [1966](#).

A Fantástica História do Golpe que Não Houve. **Jornal da Tarde**. São Paulo: 5 mar. [1968](#).

Governo vai desmentir versão sobre prontidão do Exército. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 7 mar. [1968](#).

Coronel Florimar Campelo citado por Aladino Félix chama-o de “visionário”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 8 mar. [1968](#).

Aladino. **A Tribuna**. São Paulo: 10 mar. [1968](#).

Polícia acha que ladrões da Massey-Fergusson são os mesmos da Santos-Jundiaí. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 12 ago. [1968](#).

Caça a suspeitos mobiliza polícia. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 23 ago. [1968](#).

Euforia não é compartilhada por todos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 24 ago. [1968](#).

Soldado preso como terrorista era suspeito de roubo de arma. **Jornal no Brasil**. Rio de Janeiro: 25 ago. [1968](#).

Assaltos a bancos no Rio e Minas somam NCr\$ 53 mil. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 27 ago. [1968](#).

Polícia paulista perde entusiasmo com a fuga de sete suspeitos do Deic. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 27 ago. [1968](#).

Polícia paulista quer começar tudo de novo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 28 ago. [1968](#).

Terroristas estão confessando tudo. **A Tribuna**. São Paulo: 28 ago. [1968](#).

DOPS indicia 9 acusados de terrorismo em São Paulo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 29 ago. [1968](#).

Polícia paulista está em crise. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 30 ago. [1968](#).

Lisboa quer atentados apurados com detalhes. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 31 ago. [1968](#).

General implicado na onda de terror. **A Tribuna**. São Paulo: 31 ago. [1968](#).

General envolvido no terrorismo. Conclusão policial não convence. **Jornal do Brasil**: 1 set. [1968](#).

DOPS vê atentados terroristas. **A Tribuna**. São Paulo: 4 set. [1968](#).

Agora, Dinotos acusa Portela. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 10 set. [1968](#).

Chefe do terror diz que vão mata-lo. Obedecia ordens de Brasília. **A Luta Democrática**: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar. Rio de Janeiro: 11 set. [1968](#).

Dinotos é desmentido. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 11 set. [1968](#).

Torturas: deputado pede explicações. **A Tribuna**. Rio de Janeiro: 11 set. [1968](#).

Dinotos é examinado. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 12 set. [1968](#).

Investigação de atentados é mistérios ainda um mês depois de prisões. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 12 set. [1968](#).

Dinotos acusa a Polícia de tortura-lo na prisão. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 14 set. [1968](#).

Lins é meta dos discos voadores. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro: 16 set. [1968](#).

Polícia paulista encerra combate com o terrorismo com a prisão de 9 suspeitos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 18 set. [1968](#).

Sodré desiste da denúncia mas ligará radicais aos atentados. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 19 set. [1968](#).

Acusados de terror foram torturados. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 20 set. [1968](#).

Você vai ver todo o terror. **Última Hora**. São Paulo: 21 set. [1968](#).

Astrólogo não previu sua má sorte. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 19 dez [1968](#).

Inquérito vai apurar porque Sábato está livre. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 20 dez. [1968](#).

Sábato Dinotos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 21 dez. [1968](#).

Secretário suspende policiais. **A Tribuna**. São Paulo: 23 jan. [1969](#).

Lins é dominada por estranhas aparições de objetos voadores. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 23 mar. [1969](#).

IPM do terror chega ao STM. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 16 abri. [1969](#).

Volta o processo de Dinotos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 30 ago. [1969](#).

Místico Aladino Félix será denunciado por assaltos e atentados terroristas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 2 set. [1969](#).

Na justiça, o IPM sobre bomba. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 3 set. [1969](#).

Inquérito na auditoria. **A Tribuna**. São Paulo: 3 set. [1969](#).

Dinotos volta para a cadeia. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 24 set. [1969](#).

Aladino Félix continua à disposição das autoridades militares em São Paulo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 25 set. [1969](#).

“Dinotos” é condenado com mais 5. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 31 mar. [1970](#).

STM mantém absolvições de SP. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro: 13 nov. [1970](#).

Sábado é louco? **O Jornal**. Rio de Janeiro: 13 nov. [1970](#).

Expulso do Brasil. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro: 23 nov. [1970](#).

Advogado apela ao STF para absolver “Sábado Dinotos” que teve pena de 8 meses. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 14 jan. [1973](#).

Cientista americano virá ao Brasil para congresso sobre OVNI. **O Globo**. Rio de Janeiro: 28 abri. [1975](#).

Biografia de Nasser é alerta para o jornalismo atual. **Folha de São Paulo**. Ilustrada. São Paulo: 10 nov. [2001](#).

Objeto voador caído em Ubatuba desafia os cientistas há 28 anos. **O Globo**. Rio de Janeiro: 25 ago. [1985](#).

Luz misteriosa assusta em Boa Vista. **A Crítica**. Manaus, 30 nov. [1995](#).

Programa de rádio que causou pânico no Maranhão faz 40 anos. **G1**. 26 out. [2011](#).

Moradores de Quixadá (CE) afirmam ter feito contato com extraterrestre. **G1**. 10 jul. [2015](#).

The truth is out there. Roswell UFO conspiracy “could be SOLVED by deciphering details of secret memo” seen in the hands of general inspecting 1947 debris. **The Sun**. 25 mai. [2017](#).

The sighting. **East Oreganian**. Oregon: 16 jun. [2017](#).

Abduções, sequelas, perseguição a OVNI: relatos de cearenses que dizem ter tido contato com Ets. **Diário do Nordeste**. 24 jun. [2021](#).

## FILMES E DOCUMENTÁRIOS

O dia em que a Terra parou. Direção: Robert Wise. EUA: Twentieth Century Fox. [1951](#).

Contatos Imediatos de Terceiro Grau. Direção: Steven Spielberg. EUA: Columbia Pictures, [1977](#).

UFO Coverups. Direção: Seth Hill. EUA: Alan Landsburg Productions, [1980](#).

Nukes in Space: The Rainbow Bombs. Direção: Peter Kuran. EUA: Visual Concept Entertainment, [1999](#).

Dossiê Chupacabras. Direção: Carlos Alberto Machado. Produção Carlos Alberto Machado. Brasil, [2003](#).

REDE GLOBO. Linha Direta Especial. **Operação Prato**. 25 ago. [2005](#).

TV CULTURA. **Chupa Chupa**: a história que veio do céu. [2007](#).

Area Q. Direção Gerson Sandinito. Brasil/EUA: Sophia Filmes, Reef Pictures, [2011](#).

The Hidden Hand: Alien contact and the Government Cover-Up. Direção: James Carman. EUA: Gravitas Ventures, [2013](#).

Tretiy reykh: Operatsiya `NLO`. Direção: Vitaliy Pravdivtsev. Federação Russa: Canal TV Rússia, [2006](#). (Terceiro Reich: Operação Óvni).

Mirage Man. Direção: John Lundberg. Reino Unido: Perception Management Productions, [2014](#).

HISTORY CHANNEL. **De carona com os óvnis**: Operação Prato. [2019](#).

## SÍTIOS DA INTERNET

Air Force Research Institute. Air & Space Journal. Edição em Português. [1990 – 2010](#).

Além da Ciência. **Caso Ilha da Trindade: O que não querem que você saiba** ([2015](#)).

Atomic Heritage Foundation. **Tsar Bomba**. 8 ago. [2014](#).

Barry Greenwood UFO Archive. [2008-2016](#).

Blossom Goodchild. **Blossom Goodchild updates 16th October**. Youtube, 16 out. [2008](#).

Brasil. Acervo Digital da SBPC. **Cardernos SBPC**. [1956](#).

Brasil. Arquivo Nacional. Diretório Brasil de Arquivos. **Fundo/Coleção ARX – Objeto Voador Não Identificado (OVNI)**. [1952 – 2016](#) (Produção).

Brasil. Fundação Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira ([2022](#)).

Brasil. Marinha do Brasil. **Comando o 1o. Distrito Naval. Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade – Poit** ([2022](#)).

Brasil. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Observatório Nacional. Fenômenos Magnéticos**. ([2017](#)).

Brasil. Arquivo Nacional. Sistema de Informações do Arquivo Nacional – Sian ([2022](#)).

Centro de Estudos Ufológicos Italianos (Cisu – *Centro Italiano Studi Ufologici*) ([2022](#)).

Compilação de publicações acadêmicas sobre óvnis de Paolo Toselli ([2022](#)).

Enigmas e Mistérios. **Gravação e fotos sobre o caso Maria Cintra**. Youtube, 7 mar. [2019](#).

Enigmas e Mistérios. **Entrevista – João Franciso Schramm**. Youtube, 27 ago. [2019](#).

Enigmas e Mistérios. **A Noite Oficial dos Óvnis: F-5 Persegue Óvni**. Youtube, 5 nov. [2019](#).

Enigmas e Mistérios. **A Noite Oficial dos Óvnis: F-5 Persegue Óvni**. Youtube, 12 dez. [2019](#).

Enigmas e Mistérios. Entrevista – **Major Gilberto Zani de Mello**. Youtube, 7 mai. [2020](#).

Enigmas e Mistérios. **Como consegui os documentos oficiais e óvnis da FAB**. Youtube, 16 jun. [2020](#).

FBI Records: The Vault. UFO ([2022](#)).

Fundação Getúlio Vargas. CPDOC. **Acordo Nuclear Brasil-Alemanha** ([2022](#)).

Jefferson Regis. **Ovni em Brasília – 14/10/2008**. Youtube, 15 out. [2008](#).

João Marcelo. **Entrevista Wellaide Cecim 06/12/1984 (cedida por Carlos Machado – CIPEX)**. Youtube, 26 mai. [2020](#).

National Investigations Committee on Aerial Phenomena - Nicap ([2022](#)).

National Museum of the United States Air Force ([2022](#)).

Nuclear Vault. **50 Megaton Tsar Bomba Declassified – Ivan RDS-220 Hydrogen Bomb**. Youtube, 24 ag. [2020](#).

Nuclear Weapon Archive. **Operation Dominic**. 27 jun. [2021](#).

Marco Antonio Petit. **Conferência (entrevista pública) do Coronel UYRANGÊ HOLLANDA realizada por MARCO PETIT**. Youtube, 28 set. [2021](#).

- Operação Prato: **Tudo Sobre o Maior Evento Ufológico Mundial**. Documentos [Oficiais](#).

O Orbitador. **Passaporte a Magonia, de Jacques Vallée**. 01 jun. [2015](#).

Poder Naval. NE/NOc Almirante Saldanha – U 10/ H 10 Classe Almirante Saldanha. ([2022](#)).

Portal Fenomenum. **Boletins da Sociedade Brasileira de Estudos Sobre os Discos Voadores**. 10, mar. [2022](#).

Portal Fenomenum. **Resgate da memória ufológica brasileira (1957-1988)**.

Portal Vigília. **OVNIs e a Aeronáutica: o que não querem que você saiba**. 15 ago. [2010](#).

Portal UFO. **Resgatando a história da Ufologia Brasileira**. 01 nov. [2022](#).

Projetc 1947. **Foo Fighters : the story so far by Andy Roberts**. 10 nov. [2011](#).

Restrict Dada: **The Nuclear [Secrecy Blog](#)**.

Jefferson Regis. **Ovni em Brasília – 14/10/2008**. Youtube, 15 out. [2008](#).

909Brazil. **Operação Prato: Uyrangê Hollanda Conta Tudo Full**. Youtube, 5 mar. [2015](#).

Sítio Oficial de Cláudio Suenaga. **Os 70 anos das fotos do disco voador na barra da Tijuca e do início da Era Moderna dos Discos Voadores no Brasil**. 15 mai. [2022](#).

Sítio Oficial de Cláudio Suenaga. **Cláudio Suenaga entrevista o ufólogo pioneiro Fernando Grossmann, criador da Ufologia Gótica e pesquisador do Caso João Prestes: Os extraterrestres são predadores da espécie humana.** 27 out. [2021](#).

Sítio Oficial de [Jacques Vallée](#).

Sixtant. **The Plan Rubber. U.S. plans for Brazil,** [2011](#).

Sparticus289. **Ovni em Brasília.** Youtube, 15 out. [2008](#).

The Black Vault ([2022](#)).

The Computer UFO Network ([Cufon](#)).

The George Washington University. **U. S. Cold War Nuclear Lists Declassified for First Time.** 22 dez. [2015](#).

TV Senado. **Sessão especial para comemorar 75 anos do Dia Mundial da Ufologia.** Youtube, 24 jun. [2022](#).